

Autor: Gilberto Jorge Carreira Duarte Carlos

Titulo da Tese: O Legado Morfológico da Arquitectura Vernácula: - Contribuições para o estudo de uma identidade Arquitectónica no Noroeste Peninsular

Centro: Escola Técnica Superior de Arquitectura

Departamento: Representación e Teoría Arquitectónica

Directora: María Concepción Carreiro Otero

Ano: 2014

O Legado Morfológico da Arquitectura Vernácula:

- Contribuições para o estudo de uma identidade Arquitectónica no Noroeste Peninsular

*“Toda a matéria tem futuro,
e mesmo a memória particular é, neste particular-particular,
matéria a ter em conta. A memória tem futuro,
eis uma ideia nada pessimista.” (Tavares, 2010, p.89)*

Agradecimentos:

Ao meu filho Guilherme,

e a todos os momentos de trabalho que, generosamente, me concede.

Ao Professor (Doutor) Bruno Rosa e ao seu pai, José António Rosa, duas referências no intelecto e no espírito, cujas amizades muito me honram.

Aos Professores Carlos Macedo, Pedro Gaspar, Benedetto Todaro e Masao Ando, por me fazerem ter orgulho da área profissional que escolhi.

Ao Professor Doutor Carlos Dias Coelho, Sérgio Proença e Sérgio Fernandes, grandes responsáveis pela consolidação da minha formação académica, com quem tive o privilégio de ter partilhado os meus primeiros passos profissionais.

À Professora Doutora Mariana Correia e Maria Clara Mendes, para quem a capacidade vem sempre antes da idade e do apelido, dois exemplos de que a competência, o rigor e o empenho são os principais atributos de quem quer vingar no meio universitário.

À minha Orientadora Maria Concepcion Carreiro Otero, um farol de bom senso e entusiasmo no cada vez mais céptico universo universitário, a quem serei eternamente grato pela permanente disponibilidade, infinita paciência e imprescindível motivação.

Ao Professor Doutor Cándido López, cujas breves conversas informais se foram tornando preciosos auxílios e confirmações na prossecução dos objectivos propostos.

À minha família (pais, irmãos e sobrinhos) e a todos os meus amigos de longe, de quem tenho sempre saudades e em que penso todos os dias.

A todos os meus amigos recentes, em especial ao Luís, Francisco, Sandro, Clara, Marco, Filipa, Sandra, David, Jacob, Teresa e Alejandro, que sempre fizeram tudo para me sentir integrado e muito contribuíram para o afecto que sinto pelo Minho.

Ao Paulo Trindade, companheiro da viagem de Doutoramento, cuja inteligência, paciência e humor me fizeram acreditar muitas vezes que o longo caminho, entre Cerveira e a Coruña, fosse feito em breves minutos.

... e finalmente à minha esposa Ana Luísa,

e a todas as horas de trabalho que, afectuosamente, me retira.

– *Resumo*

A presente tese investiga a lexitimidade do recoñecemento de unha linguaxe arquitectónica específica no Noroeste da Península Ibérica. O estudo basease no presuposto, establecido pola crítica, de que o referente vernáculo constituía unha compoñente activa no proceso de proxecto do Sur da Galiza e do Alto Miño, entre 1960 e 1990; fundamentado na existencia de un fondo común de matriz territorial e cultural, responsábel pola forma como esta rexión interpretou as correntes arquitectónicas vixentes.

Sete obras son utilizadas como marcos estratéxicos encadeados nas tres décadas que se seguiron a incorporación no movemento moderno e a súa revisión crítica, facendo referencia as circunstancias mais significativas, os autores mais influentes e as obras mais distintivas na aproximación entre o referente vernáculo e a arquitectura producida. A análise desenvolvida incide, após descrición contextual, na confrontación das características morfolóxicas de cada obra con un cadro referencial das propiedades que se identifican como transversais ao espolio vernáculo correspondente.

A interpretación resultante ensaia o recoñecemento crítico da existencia de un conxunto arquitectónico específico con dinámicas propias, con capacidade para producir unha lectura coherente, interna e externa, capaz de recapitular a pertinencia e a potencialidade da Arquitectura Vernácula mais alá da circunstancia da súa xénese.

– *Resumen*

La presente tesis investiga la legitimidad del reconocimiento de un lenguaje arquitectónico específico en el noroeste de la Península Ibérica. El estudio se basa en el supuesto, establecido por la crítica, de que el referente vernáculo constituye un componente activo en el proceso de proyecto en el sur de Galicia y del alto Miño, entre 1960 y 1990; fundamentado en la existencia de un planteamiento común de matiz territorial y cultural, responsable por la forma como esta región ha interpretado las corrientes arquitectónicas vigentes.

Han sido utilizadas siete obras como marcos estratégicos encadenados en las tres décadas que se han seguido a la incorporación en el movimiento moderno y su revisión crítica, referenciando las circunstancias más significativas, los autores más influyentes y las obras más destacadas en la aproximación entre el referente vernáculo y la arquitectura producida. El análisis desarrollado incide, después de una descripción contextual, en la confrontación de las características morfológicas de cada obra con un cuadro referencial de las propiedades que se identifican como transversales al patrimonio vernáculo correspondiente.

La interpretación resultante ensaya el reconocimiento crítico de la existencia de un conjunto arquitectónico específica con dinámicas propias, con capacidad para producir una lectura coherente, interna y externa, capaz de recapitular la pertinencia y la potencialidad de la Arquitectura Vernácula más allá de la circunstancia de su génesis.

– *Abstract*

This research addresses the legitimacy of the acknowledgement of a specific architectonic language in the Northwest of the Iberian Peninsula. The study is based on the presupposition (establish by the general critic) that the vernacular referent constitutes a fundamental component in the architectural design process of the South of Galicia and the North of Minho, between 1960 and 1990; founded on its territorial and cultural matrix common basis, responsible for the interpretations of the architectural currents of that time.

Seven interventions are used as strategic frameworks linked in the three decades following the merger in the modern movement and its critical revision, referencing the most significant circumstances, the most influential authors and the most striking interventions in the approach between the vernacular referent and the produced architecture.

After a contextual description, the analysis is focuses on the comparison of the intervention's morphological characteristics with the main properties that were identify as transversal to the respective vernacular legacy.

– *Resumo (em português)*

A presente tese investiga a legitimidade do reconhecimento de uma linguagem arquitectónica específica no Noroeste da Península Ibérica. O estudo baseia-se no pressuposto, estabelecido pela crítica, de que o referente vernáculo constitui uma componente activa no processo de projecto do Sul da Galiza e do Alto Minho, entre 1960 e 1990; fundamentado na existência de um fundo comum de matriz territorial e cultural, responsável pela forma como esta região interpretou as correntes arquitectónicas vigentes.

Sete obras são utilizadas como marcos estratégicos encadeados nas três décadas que se seguiram à incorporação no movimento moderno e à sua revisão crítica, referenciando as circunstâncias mais significativas, os autores mais influentes e as obras mais marcantes na aproximação entre o referente vernáculo e a arquitectura produzida. A análise desenvolvida incide, após descrição contextual, na confrontação das características morfológicas de cada obra com um quadro referencial das propriedades que se identificam como transversais ao espólio vernáculo correspondente.

A interpretação resultante ensaia o reconhecimento crítico da existência de um conjunto arquitectónico específico com dinâmicas próprias, com capacidade para produzir uma leitura coerente, interna e externa, capaz de recapitular a pertinência e a potencialidade da Arquitectura Vernácula para além da circunstância da sua génese.

– Índice

Resumo	7
Resumen	9
Abstract	11
Resumo (em português)	13
SINOPSE	17
A ARQUITECTURA VERNÁCULA: ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E METODOLÓGICO	26
(Uma) Perspectiva Introdutória	26
O Estado da Arte: Evolução Nacional – Regional – Internacional	27
Metodologia I: Circunscrição temática	35
Circunscrição cronológica:	36
Circunscrição geográfica:	38
Circunscrição relativa aos <i>Intervenientes conceptuais</i> :	40
Metodologia II: A Solução Espacial como objecto de estudo	41
A Linguagem Architectónica: Repositório de Identidade Cultural	43
A Especificidade Morfológica do Noroeste Peninsular	49
Modelos tipológicos: Ensaio de um Estrutura análoga	59
Caracterização Morfológica Geral: - Identificação de Princípios Invariantes para a Architectura Vernácula do Noroeste Peninsular.	88
A REINTERPRETAÇÃO VERNÁCULA:	110
Evolução histórica e valor crítico I: a génese Espanhola	110
Evolução histórica e valor crítico II: a génese Portuguesa.	114
Evolução histórica e valor crítico III: A tensão institucional do Norte de Portugal e a afirmação definitiva da prática profissional individual.	120
Evolução histórica e valor crítico IV: A agregação corporativa e o enquadramento institucional.	126
O RECONHECIMENTO DE UMA LINGUAGEM:	142
Interpretações analíticas: Reacção critica internacional ou introversão cultural	142
A receptibilidade critica: Da consagração à depreciação e vice-versa	146

IDENTIFICAÇÃO DE ANALOGIAS MORFOLÓGICAS NA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA:	150
Introdução às obras paradigmáticas	150
Síntese das Obras paradigmáticas seleccionadas e relação de Obras referentes:	152
ANÁLISE INDIVIDUAL DAS OBRAS:	158
Antecedentes de ruptura: (Transição 1950/1960):	158
Obra 01- <i>Casa Cendón</i> , Vigo (1958): Xosé Bar Bóo	158
Obra 02- Refúgio “La Roiba”, Beluso, Bueu (1967-1969), Ramón Vázquez Molezun	174
Obra 03- Casa(s) de Caminha, Caminha (1970-1974), Sérgio Fernandez	190
Obras de exploração conceptual: (transição 1970/1980)	208
Obra 04- Casa e atelier Ortiz, Ilha da Arousa, Pontevedra (1979-1982): Arq. Manolo Gallego Jorreto	208
Obra 05- Casa Canosa, Moaña (1980-1982): Manuel Andrés-Reboredo Santos.	222
Obra 06- Casa Arturo Estévez, Salsedo, Pontevedra (1980-1983): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena.	236
Obras de expressão assumida: (transição 1980/1990)	250
Obra 07- Casa no Bom Jesus, Braga (1989-1994), Eduardo Souto de Moura	250
Paralelismos e assimetrias formais na evolução cronológica	268
CONCLUSÕES GERAIS:	278
A observação da contribuição do legado vernáculo na produção arquitectónica do contexto anterior	278
A operatividade da aplicação do Legado Vernáculo no contexto actual	283
BIBLIOGRAFIA	291
ÍNDICE DE IMAGENS	309
ANEXO I	323
Resumen alargado (en español)	

SINOPSE

A presente tese pretende analisar a existência de uma identidade reconhecível na linguagem arquitectónica, desenvolvida entre a década de 1960 e a década de 1990, no Noroeste da Península Ibérica.

No desenvolvimento do estudo, três premissas essenciais foram consideradas:

- Fundamentar o pressuposto de que, de acordo com a maioria da crítica especializada internacional, o referente vernáculo é uma componente activa no seu processo de projecto; ou que, pelo menos, tem na sua consideração uma das suas génese matriciais, independentemente da valorização retórica adoptada pelos seus principais agentes.
- Estabelecer um paralelo entre o Suporte Territorial, e das dinâmicas culturais, da Galiza e do Norte Litoral de Portugal, factor determinante para a consolidação da matriz rural e da sua consequente lógica de produção, traduzida de forma directa na materialização do seu Património Vernáculo e condição elementar em todo o tipo de Arquitectura de propensão contextualista.
- Aprofundar a existência de afinidades na singular interpretação das correntes ideológicas adoptadas, na região e no respectivo período, face aos estilos académicos vigentes, nomeadamente a partir da revisão crítica do movimento moderno; algo que, tal como se abordará, será indissociável da verificação das premissas antecedentes.

No desenvolvimento da investigação proposta adoptou-se uma abordagem fundamentalmente interpretativa (Erickson, 1989; Stake, 1998) e de carácter qualitativo, com recurso directo a Casos de Estudo, por se considerar mais adequada à natureza do tema e à sua potencial aplicação (Rapoport, 2010, p.183)

O estudo adopta uma estrutura de progressão analítica: abstracta-concreta e descritiva-interpretativa. A primeira parte destina-se ao enquadramento conceptual e metodológico da investigação. Engloba a definição do Estado da Arte, caracterização da Problemática e definição do Objecto de estudo. A identificação das características morfológicas, transversais ao património da região determinada, são estabelecidas nesta fase como as premissas elementares para a confirmação da hipótese formulada. As premissas correspondem a uma sistematização orientada das propriedades da Arquitectura Vernácula da região.

A segunda parte da investigação destina-se à selecção e justificação do Ambiente de análise e da eleição dos Casos de Estudo. Os Casos de Estudo correspondem a obras de Arquitectura executadas entre 1960 e 1990 por arquitectos associados à região em questão. Esta fase pressupõe a exposição das suas condições de contextualização, relação e representatividade, com especial destaque para a sua caracterização. O enfoque na caracterização reveste-se de especial importância por se tratar de um estudo de teor morfológico. Através de uma observação directa, será executada uma interpretação formal da sua caracterização. Esta interpretação, que considera sempre os seus autores e as suas referências “formais”, é orientada naturalmente para observação das premissas formuladas na primeira parte do estudo e para a intensidade do seu cumprimento. O documento apresentado tem a particularidade de ter sido constituído como um corpo único, logo cada parte não deve ser interpretada de forma isolada. Apesar da relação dependente entre os capítulos, pode-se assinalar a existência de dois tipos de análises que se pretendem complementares. Primeiro, em cada Caso de Estudo, as premissas são analisadas de forma isolada, reflectindo o nível da relação estabelecida com o referente vernáculo. Consequentemente os casos são comparados entre si, de forma a estabelecer uma

parametrização comum das premissas verificadas. A identificação das convergências e das assimetrias observadas constitui o vértice analítico do estudo. Finalmente opera-se a sua extrapolação ao universo que representam tendo em conta as circunstâncias da sua origem.

De seguida procede-se de forma sintética à descrição das partes enumeradas.

A primeira parte do estudo incide a revisão da literatura, identificando e caracterizando a bibliografia específica, desde a sua generalização propagada através das ciências sociais, de onde se destacam os ensaios etnográficos dos meados do século XX, até à sua contaminação concertada no domínio da Arquitectura; que dos estudos à escala nacional se aprofundam até permitir a circunscrição de áreas de maior homogeneização tal como no caso específico da região analisada.

Com base na bibliografia observada foram estabelecidos distintos agrupamentos tipológicos, de modo a possibilitar a aferição das principais tendências das problemáticas e das abordagens efectuadas. Da interpretação resultante expõem-se uma linha evolutiva da temática, assinalando os seus paradigmas, dos quais se assinalam evidentemente as referências que afectaram/ afectam directamente a presente Investigação.

O enquadramento conceptual do tema, no domínio específico da Arquitectura, é geralmente considerado através de dois marcos determinantes. O **Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa** (SNA, 1961), realizado em Portugal entre 1955 e 1959, é tido como a primeira iniciativa de reconhecimento do tema, operada de forma concertada pela classe profissional. A exposição **Architecture without Architects** (Rudofsky, 1964), realizada entre 1964 e 1965 no M.O.M.A. de Nova York, representa a difusão do tema à escala internacional. Os dois marcos simbolizam o início da sensibilização, dos arquitectos e do público geral, para a importância do património popular. Uma designação que, na época, incluía de forma indiscriminada todo o Legado denominado actualmente por Vernáculo, conceito que ganharia autonomia conceptual de forma progressiva à medida que o anterior foi sendo desenvolvido. O presente estudo sublinha também a importância do fenómeno de transição e contaminação entre os Estudos Sociais e a Arquitectura, sobretudo na década de 1960 e 1970. As investigações operadas na área da Antropologia e da Etnografia, enquanto definição do objecto de estudo, metodologia e registo, possibilitaram uma base sólida para a abordagem arquitectónica do tema. Para além de estabilizarem a caracterização e classificação dos objectos, permitiram, através da estreita colaboração que mantiveram com os arquitectos que se dedicaram ao tema, a transmissão dos seus procedimentos e metodologias de análise.

Para entender a relevância do Legado Vernáculo é necessário entender também a relação entre as duas áreas.

O estudo e a consequente interpretação da Arquitectura Vernácula em Portugal, nomeadamente a da região do Minho, remete inevitavelmente para a consideração de dois elementos bibliográficos fundamentais:

- Dias, Jorge; Oliveira, Ernesto Veiga; Galhano, Fernando & Pereira, Benjamim (1969); **Construções Primitivas em Portugal**, 1ª ed. Lisboa: Instituto da Alta Cultura.

- Sindicato Nacional dos Arquitectos (1961); **Arquitectura Popular em Portugal**; Volume I. 1ª ed. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos. (p.1-112)

O primeiro título, ainda que de publicação posterior, constitui a compilação de uma série de trabalhos efectuados antes do Inquérito e que inclusivamente o influenciaram de forma assumida (Canto Moniz, 2011, p.364). Estes trabalhos foram desenvolvidos pelo Centro de Estudos de Etnologia (CEE), entidade que, a partir da sua criação em 1947, assume a recolha e sistematização

do património etnográfico Português. Liderados por Jorge Dias, terão actividade intensa nas duas décadas seguintes. A Arquitectura surge englobada como componente do património material. No seu desenvolvimento, especial menção deve ser realizada ao Arquitecto Fernando Galhano, elemento incorporado no CEE justamente para responder à especificidade do registo da referida componente.

O segundo título constitui uma síntese do já referido Inquérito, que mobilizou, a classe profissional dos Arquitectos Portugueses, coordenados por Francisco Keil do Amaral, que ambicionava investigar o tema à escala nacional.

Esta iniciativa viria a constituir-se como um importante instrumento na transição ideológica do pós-guerra no panorama da produção portuguesa (Toussaint, 2009, p.133), não só pelo espólio recolhido e sistematizado, mas, pela mobilização directa de figuras que viriam a ter papel determinante na formação de Arquitectos Portugueses nas décadas seguintes, como Távora, Lixa Filgueiras ou Teutónio Pereira (Trigueiros, 1993, p.28-36).

Espanha apresenta um desenvolvimento da área mais espaçado, fruto da maior autonomia entre as suas regiões e da sua maior demarcação cultural. A atenção prestada ao património vernáculo Galego passa primeiro pela mobilização regional interna. A relação sequencial das áreas científicas é semelhante ao caso Português. Os colectivos galegos como *Xeración Nós*, ou posteriormente o *Seminario de Estudios Galegos*, estabeleceram as bases para a investigação etnográfica na Galiza. Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo e Florentino Cuevillas destacam-se no desenvolvimento da área, sobretudo no período que antecede a Guerra Civil (Pulgar Sabín, 2006, p.22). Será justamente enquadrado pelas referências indicadas que surge o primeiro registo sistematizado que aborda o património arquitectónico desta região:

Lorenzo Fernández, X. (1962); "*Etnografía. Cultura Material*" in ***Historia de Galiza*** t.II (Coord. Otero Pedrayo, Ramón); Buenos Aires: Nós. (p.1-739).

O trabalho de Lorenzo Fernández é tido como a referência para os estudos circunscritos no domínio da Arquitectura que lhe seguem (Caamaño Suárez, 2003, p. 32). Neste ensaio, já se encontravam definidos as tipologias e as caracterizações que, de forma geral, se continuaram a aplicar na inventariação da Arquitectura Vernácula até à actualidade (Llano Cabado, 2010).

O estudo da Arquitectura Vernácula Galega apresentará maior autonomia científica no trabalho de Carlos Flores, cerca de uma década depois:

Flores, Carlos (1973). ***Arquitectura Popular Española***. Tomo II. Madrid: Ediciones Aguilar. (p.353-541).

Embora não contenha a mesma profundidade, rigor ou originalidade do primeiro título, o trabalho de Flores tem a virtude de ter contribuído para a divulgação do tema a uma escala mais abrangente e de permitir uma perspectiva comparativa, sempre útil em processos de representatividade tipológica.

A partir destas publicações o estudo do património etnográfico, apresentará maior autonomia no que concerne à componente edificada. Nos trabalhos que lhes sucedem, com maior circunscrição geográfica e/ou temática (Martínez Rodríguez, 1975; Barros Justo, 2005). A estes títulos será importante juntar os esforços de Llano Cabado e de Caamaño Suárez, que nas décadas seguintes, ampliaram e actualizam a problemática novamente à escala total da região.

Das fontes e referências analisadas no estado da Arte, das quais destacamos os títulos e autores supracitados, assiste-se a um evidente predomínio de trabalhos de teor descritivo. Esta observação confirma a opinião de Amos Rapoport (2010), de que o estudo da Arquitectura

Vernáculo centra-se no trabalho de Inventariação. Defendendo que os objectivos que o motivam devem ser reformulados, e que o trabalho futuro deve incidir na interpretação e na prospecção de aplicação das suas propriedades. Muitos autores contemporâneos defendem que esta condição será determinante para a consolidação científica do tema (Vellinga *et al.* 2010, p. 83).

Será precisamente dentro desta linha que o trabalho prático de alguns dos Arquitectos seleccionados e referenciados nos Casos de Estudo se reveste de particular interesse. Mesmo com o suporte teórico longe de estar esgotado, determinados Autores parecem estar aplicados na reflexão referida. A sua obra construída apresenta-se assim como uma síntese válida dessa interpretação do Legado Vernáculo (Lefaivre & Tzonis, 2003, p.17). Em muitos casos funcionam como os principais veículos de transmissão para as gerações seguintes, que as retomam sem o contacto directo das suas referências teóricas ou conhecimento do enquadramento sócio-cultural que lhes deu origem (Vieira de Almeida, 2005, p.27). As obras indicadas constituem assim um importante contributo, ainda que em capítulo próprio, apresenta-se também como relevante para o enquadramento conceptual da problemática abordada.

A sua importância deve ainda ser reforçada pelo facto dos autores em causa se encontrarem praticamente no lançamento das suas carreiras, ainda sem um trajecto profissional consolidado. Reflectem portanto incursões que podem ser transitórias ou evolutivas, sujeitas também ao particular enquadramento experimental característico do início da actividade profissional (Frampton, 2000, p.12-20). A esta circunstância acresce ainda a falta de posicionamento crítico, no espaço e no tempo, das suas principais referências, o que remete para associações directas entre autores independentemente de obras de grande divergência formal e conceptual (Gallego Jarreto em entrevista, 2012).

Analisando os dois países em simultâneo, observa-se uma certa convergência na natureza dos referentes. Todavia parece importante ter em linha de conta a diferença dos seus processos de execução. As iniciativas Portuguesas, que resultaram nas publicações indicadas, operam-se através de iniciativas de dimensão nacional, envolvendo maior diversidade de instituições, concertando um esforço profissional e académico sem precedentes (Siza, 2013, p.72). Isto significa que, independentemente da sua divulgação e receptibilidade, a sua execução foi mais susceptível de apresentar impactos significativos na prática e no ensino (Távora, 1987). Este será o factor pelo que se considerou imprescindível, no desenvolvimento da Tese, a inclusão de uma síntese dedicada à evolução das instituições profissionais e académicas das duas regiões, durante as respectivas décadas.

Numa primeira leitura a documentação referente à Galiza parece ter uma origem mais dissociada que Portugal. As publicações, independentemente dos seus recursos, apresentam um cariz mais autónomo e individualizado. Este facto engloba tanto os Autores, como as Instituições que lhe estão associadas. Apesar de significativa parte de alguns dos trabalhos mencionados terem sido constituídos, tirando partido de esforços colectivos institucionais (Caamaño Suárez, 2003), não parece existir a ideia de que a sua mobilização tenha sido originada ou resultado numa motivação de ordem colectiva (Portela em entrevista, 2013). Infere-se assim uma menor coesão ideológica num restrito meio profissional e académico que teve justamente nesse período o arranque da sua agregação corporativa (COAG, 1978).

No seguimento dos factos indicados merece especial atenção a situação da formação académica nas respectivas regiões. A este facto acresce a singularidade que a crítica internacional reivindica para o panorama Português (Gadano, 2010, p.217-218) e as relações que dela possam advir para o contexto Galego (COAG, 1981).

Ao comparar a produção arquitectónica do Minho e da Galiza não parece ser possível uma comparação equilibrada sem ter em linha de conta o facto da primeira região ter na proximidade imediata uma Escola de Arquitectura (ESBAP-FAUP). Escola essa responsável pela formação

de grande parte dos Arquitectos que realizam intervenções na região analisada, com particular dinâmica na área litoral.

Pressupõem-se portanto que esta circunstância remeta para uma maior sensibilidade inicial para o contexto da intervenção, ao contrário do que sucede na Galiza, dependente de Arquitectos formados em Madrid, Barcelona e posteriormente Pamplona. Escolas cuja orientação não poderia estar mais apartada da respectiva realidade (Andres-Reboredo, Gallego & Portela em Entrevista).

Pode afirmar-se que durante este período a produção arquitectónica da Galiza está dependente do retorno dos recém-formados ao seu território de origem (idem). Parece ponto assente que a capacidade de procura local nunca foi suficientemente decisiva para atrair profissionais sem afinidades directas com a região (Baldellou, 1995).

A criação quase sequencial do COAG e da ETSA parecem, com o devido distanciamento, intentar dar uma resposta complementar na resolução do problema indicado.

Contudo, o processo real demonstra uma acentuada clivagem nas relações institucionais, com posições extremadas que, à partida, não deixavam antever qualquer hipótese de concertação pedagógica. Apenas com o tempo, e de forma progressiva, estas divergências haviam de ser atenuadas, prevalecendo no final o reconhecimento mútuo da necessidade que justificava as suas criações (Casabella Lopez, 2009).

Também a ESBAP (posteriormente FAUP), cuja imagem de coesão é frequentemente generalizada (Figueiras, 2002, p.32-33), merece espacial desmistificação. Será porventura nas suas fases mais conturbadas, marcadas pela reforma de 1957, que aos autores balizados pela faixa cronológica deste estudo se relacionam, como estudantes e professores.

A estas circunstância há ainda que juntar a transição de uma regime ditatorial para um sistema democrático, por que os dois países passam entretanto e com grande proximidade temporal.

Nomeadamente que o sistema de ensino, sobretudo o superior, não poderia ser alheio a este processo. O debate político intensifica-se nas instituições com inevitáveis repercussões nos projectos pedagógicos. A arquitectura não será excepção pelo que se torna pertinente entender de que forma isso parece afectar a evolução da problemática do Legado Vernáculo, que na década de 50 parecia ter assumido especial relevância.

Será importante por isso considerar de forma comparativa os planos de estudo implementados nas épocas de transição das reformas educativas, que se consideram determinantes na filosofia diferenciadora destas instituições. Verificando que, apesar de tudo, a conotação das correntes ideológicas responsáveis pela introdução do referente vernáculo no debate educativo, não se identifica na estrutura das matérias elegidas (Andres-Reboredo & Fernandez, em Entrevista de autor).

Apesar de não constituir matéria de desenvolvimento exaustivo, considera-se necessário um enquadramento sintético das figuras chaves a quem geralmente se atribui a introdução do Legado Vernáculo no processo pedagógico ou na influência profissional directa de alguns autores. Retrocede-se ao papel preponderante de Carlos Ramos e de Torres Balbás na capitalização da assunto a partir da Academia e das suas perspectivas técnico-científicas (Vieira de Almeida, 2010; Calatrava, 2007), até ao mote mobilizador preconizado pelas iniciativas originais de Távora e Keil do Amaral em Portugal; e Feduchi e Flores em Espanha (Diez-Pastor, 2012).

Retratado também será o papel de influência dos Mestres de transição do Modernismo, de maior conotação com a área em questão, como Viana de Lima ou Bar Bóo, sobretudo antes da abolição definitiva dos regimes ditatoriais, assim como os nomes responsáveis pela consagração internacional da Arquitectura, após a abertura ao exterior dos dois países, como os casos de Siza ou Souto de Moura (Montaner, 2001), em Portugal; e Portela ou Gallego, na Galiza (Arango Florentino, 2002).

Particularmente estes últimos serão analisados de acordo com a sua aparente conotação com as respectivas instituições académicas (Frampton, 2005; Santos Fernandes, 2010). Figuras de inquestionável protagonismo nos respectivos meios, cuja relação atribuída à actividade pedagógica se apresenta de forma tão divergente, para não definir como antagónica, algo que é permanentemente corroborado pelos seus discursos retóricos (Gallego Jorreto em Entrevista de autor). Destaca-se sobretudo a consolidação do seu trajecto profissional, cuja singularidade tão cedo os destaca da produção envolvente, mas, cuja aclamação tão rápido os engloba num fenómeno colectivo dos quais todos se distanciam de forma peremptória (Armesto & Padró, 1996 p.7-8).

A sua preponderância será retomada, não só através da perspectiva efectuada no capítulo dedicado ao reconhecimento de uma Linguagem específica para a região analisada, com especial atenção à receptibilidade da crítica especializada, como devidamente recuperada na contextualização dos casos de estudo, de forma a permitir uma compreensão mais objectiva das suas influências e estabelecer um quadro comparativo mais reconhecível.

O desenvolvimento da tese, tal como refere a segunda premissa da hipótese formulada, passa inevitavelmente pela argumentação das semelhanças entre o suporte regional dos dois países.

A homogeneidade territorial e cultural das duas regiões apresenta-se assim como o principal fundamento para a afinidade existente entre a sua Arquitectura Vernácula.

Esta será inclusivamente uma observação constante ao longo do desenvolvimento dos estudos referenciados independentemente da sua nacionalidade e que se estende mesmo à opinião internacional. Sobre essa condição é representativa a seguinte frase de Rudofsky:

“Cultural ties between northern Portugal and the rest of the country have never been as strong as with the neighboring Spanish province of Galicia. Not surprisingly, horreos (...) have their perfect counterpart in the Portuguese espigueiros.” (Rudofsky, 1990, p.75)¹

As condicionantes geográficas, nomeadamente as características geológicas, topográficas e sobretudo climatológicas, constituem factores determinantes para a organização espacial de um sistema agrário semelhante. A apropriação do território através de um modelo misto, que compatibiliza de forma complementar uma estruturação através de bancais e socalcos (de propensão individual privada) com a tipologia das agras (geralmente exploradas de forma colectiva) constitui, segundo Ribeiro (1991) e Bouhier (2001), facto concordante na fundamentação do seu paralelo.

Se a esta realidade física associarmos uma análise genérica da geografia humana e das dinâmicas que esta comporta, outras afinidades parecem concorrer para uma interpretação consentânea. A evolução histórica, as circunstâncias sociais e as condicionantes económicas, são também,

1) Tradução livre: “Os laços culturais entre o norte de Portugal e o resto do país nunca foram tão fortes como os existentes entre a vizinha província de Espanha, Galiza. Não surpreende que os *horreos* tenham a sua metade perfeita nos espigueiros Portugueses.”

segundo Dalda Escudero, mais um factor de aproximação entre as duas regiões administrativas, para o qual a industrialização tardia e superficial, assim como a localização periférica face aos grandes centros políticos, parece contribuir de forma decisiva.

Para completar a aproximação do quadro geral, três momentos históricos parecem ser paradigmáticos para a aproximação da matriz rural da apropriação e gestão do respectivo território (Ribeiro, 1991):

- Primeiro, a romanização do território e a consequente aplicação do modelo *ager-saltus-silva* na evolução do mosaico rural que conformou a estruturação do território à grande escala, algo verificável até ao contexto actual. A este factor há que juntar a gestão indivisa das águas de regadio, uma herança pré-romana que em muito distingue a realidade física do Noroeste peninsular.
- Segundo, a introdução do milho maiz e da batata e o sucesso das suas culturas que irão mudar definitivamente a partir do século XVII as lógicas de produção das comunidades, logo após a sua importação das Américas. As condições propícias para o cultivo destas espécies acabam por determinar a substituição do centeio, da cevada e da castanha na dieta dos povos, o que tem implicações profundas, quer na paisagem de suporte, quer nas estruturas edificadas que lhe devem apoio.
- Terceiro, o flagelo da emigração que se acentua a partir de meados do século XX, como resposta à depressão económica e à subida das exigências sociais, responsável pelo êxodo e abandono das áreas rurais menos competitivas, com implicações profundas na gestão e no desenvolvimento do território.

Realizada a devida contextualização conceptual e territorial, convenientemente articulada com o enquadramento metodológico e com a definição do objecto de estudo, o trabalho propõe o ensaio de um Estrutura análoga para os modelos tipológicos pertencentes à área litoral da bacia hidrográfica do rio Minho (Duarte Carlos, 2009), essencial para permitir uma sistematização de características transversais aplicadas, identificadas e definidas nos respectivos modelos tipológicos.

A sua base de interpretação será o modelo inserido no agregado edificado rural, entendido como a etapa final da consolidação construtiva da totalidade do ciclo produtivo agrário. Pontualmente, quando a solução espacial já se encontra maturada, recorre-se também a elementos isolados, sendo que estes devem ser sempre analisados como parte integrante de um sistema rural mais abrangente, ainda que a sua leitura integrada não seja possível devido ao acelerado estado de desmantelamento e degradação deste património (Torres Buá, 2007).

Esta sistematização de características recupera também o conceito de Invariante tal como Chueca Goitia (1981) o adoptou, determinado sobretudo pela sua condição de flexibilidade, ainda mais adequada quando aplicada à natureza da Arquitectura Vernácula. O desenvolvimento desta componente da investigação pressupõe ainda uma leitura crítica à grande maioria das caracterizações existentes, consideradas lacónicas na relação do objecto arquitectónico com o seu suporte territorial, numa escala apropriada, e na maior parte das vezes expressas com grande subjectividade.

Desta sistematização resulta um conjunto de propriedades sintetizadas num quadro referencial único, na procura de objectividade analítica para uma caracterização morfológica que se pretende transversal a qualquer tipologia Vernácula existente e passível de aplicação a qualquer exemplo contemporâneo, independentemente da sua origem. Um dos objectivos subjacentes reporta-se também ao reforço da incidência do estudo na configuração espacial do objecto arquitectónico.

O quadro das invariantes que conformam a *caracterização morfológica* é assim estruturado em dois capítulos: A caracterização de carácter Geral – que se reportam à relação da Obra com o Território; e a caracterização de carácter Particular – relacionada com a configuração geométrica da Edificação.

Sendo a questão climatológica paralela aos dois sectores enunciados, foram determinados para a análise decorrente da relação com o Território os indicadores relacionados com a Implantação Física da Obra. O enquadramento paisagístico, segundo as condicionantes do solo, a localização dos recursos naturais, e a sua articulação com a infraestruturação e o modelo de emparcelamento do território.

Relativamente à configuração geométrica, os indicadores são determinados de acordos com a constituição do Volume: Com especial atenção à definição do vazio interior, geralmente em resposta ao seu programa funcional; e a forma da sua componente edificada, sempre condicionada aos sistemas construtivos empregues e estes, necessariamente, com os recursos materiais disponíveis.

No capítulo subsequente, dedicado ao escrutínio dos objectos de estudo, sete obras são utilizadas como marcos estratégicos numa linha cronológica que estabelece o paralelo entre a produção arquitectónica da área litoral do Sul da Galiza e do alto Minho.

As obras elegidas foram: A Casa Cendón (Vigo), o Refúgio “La Roiba” (Bueu), as Casas de Caminha (Caminha), a Casa Ortiz (Ilha da Arousa), a Casa Canosa (Moaña), A Casa Arturo Estévez (Pontevedra) e a Casa no Bom Jesus (Braga).

Encadeadas nas três décadas, que se seguiram à incorporação das linhas arquitectónicas da periferia europeia no movimento moderno e à sua revisão crítica, a selecção apresentada pretende referenciar as circunstâncias mais significativas, o trajecto dos autores mais marcantes e as obras que maior impacto tiveram na aproximação entre o referente vernáculo e a arquitectura produzida na região indicada.

A análise desenvolvida incide, após descrição contextual, na confrontação das características morfológicas de cada obra com o quadro referencial das propriedades identificadas como transversais ao espólio vernáculo correspondente.

A análise isolada de cada obra confirma a sua divergência conceptual e formal contribuindo para a impossibilidade de caracterização de um padrão ou de uma tendência clara que as relacione directamente, especialmente se tivermos em conta a seu acompanhamento retórico.

Todavia, a análise efectuada aos paralelismos e assimetrias formais existentes e enquadradas na respectiva evolução cronológica, apesar de confirmada a não concertação ideológica entre os autores seleccionados, contrapõe a elevada coerência entre os grupos referenciais indicados, o que de certa forma confirma a convergência das abordagens operadas em fases cronológicas específicas. Esta interpretação surge reforçada pelo enquadramento teórico-crítico, que assegura a inexistência de influências recíprocas na produção dos dois países, nomeadamente nas duas primeiras décadas do estudo. Por seu turno, a análise das obras integrada no seu grupo referencial revela um enquadramento conjunto de significativa coerência. A confirmação dos paralelismos, ou das assimetrias existentes, dentro dos intervalos temporais estabelecidos demonstra a convergência das abordagens de projecto operadas. Facto importante, sobretudo se tivermos em conta a não concertação ideológica entre os autores seleccionados.

A tendência colectiva observada aponta para uma maior relevância das variáveis regionais (com origem numa matriz morfológica semelhante ou aproximada) e da natureza da sua interpretação (revelando também os paralelismos socioeconómicos de ambas as regiões).

A interpretação conjunta dos casos de estudo aborda, a partir da sua condição de representatividade, o reconhecimento crítico da existência de um conjunto arquitectónico específico com dinâmicas próprias e com capacidade efectiva para produzir uma leitura, interna e externa, com identidade legítima.

As principais características referenciadas confirmam, e estendem claramente aos autores Portugueses, o que Fernando Agrasar (2003, p.14-19) propõe como o “...conjunto de traços” responsáveis pela conformação de um sentido comum ao conjunto heterogéneo que supõe a recente produção arquitectónica Galega (situada entre a modernidade e a transição para o século XXI).

A consideração crítica do Legado Moderno; A relação com o Lugar; A valorização do material; e a contundência volumétrica (reforçando a expressão da massa e do peso), surgem assim como as principais linhas de coesão, ao qual se junta o determinante compromisso entre os autores e o contexto sócio-cultural do território em questão (Idem, p.15).

Especial relevância deve também ser atribuída às circunstâncias do processo construtivo, visto que, na maior parte dos casos, as suas condicionantes concorrem efectivamente para essa afinidade expressiva. O referente vernáculo, longe de ser realizado através de uma apropriação intencional, surge regularmente como a consequência directa de uma abordagem projectual alternativa, que pretende capitalizar os recursos possíveis. A complexidade do contexto construtivo, outra das constâncias territoriais pressupõe uma intensa relação entre o processo e o projecto, com o material e a mão-de-obra local a desempenhar um papel preponderante nas soluções encontradas.

Se este compromisso poderia intuir a busca de um conforto operativo que facilitasse a execução das obras, a realidade convulsa da economia aliada ao flagelo da emigração de massa, opunha frequentemente a esta expectativa o cenário do abandono das praticas tradicionais e do esquecimento dos seus conhecimentos originais.

Desta forma, a Arquitectura da região analisada, depara-se com a necessidade intrínseca da simplificação das soluções construtivas, da optimização de componentes, da apropriação das pré-existências e da racionalização geométrica. Desta combinação surge uma forte apetência entre o empirismo e o experimentalismo construtivo, onde o discurso activo entre os construtores e os arquitectos é fundamental na prossecução dos resultados possíveis (Tavares, 2008, p.41-42).

Nas considerações finais deste estudo, além da constatação das evidências que permitem uma resposta à sua indagação estrutural, é efectuada uma revisão da aplicabilidade do Legado Vernáculo na arquitectura recente e, eventualmente, da sua operatividade futura. Da sua validação perspectiva-se a sua pertinência no enquadramento actual, tendo em conta o seu potencial pedagógico e científico. Identificam-se portanto orientações e estratégias conceptuais concretas, como a abordagem defendida por Pierre Frey, ou aplicações práticas correntes, como a obra desenvolvida por Anna Heringer (Frey, 2010).

Recapitula-se portanto o lugar da Arquitectura Vernácula na formação do Arquitecto, entendida como ininterrupta para além da sua componente académica, bem como a sua pertinência e a sua potencialidade, a partir do exemplo que o registo do processo inerente à região analisada parece constituir.

A ARQUITECTURA VERNÁCULA: ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E METODOLÓGICO

– (Uma) Perspectiva Introdutória

É praticamente da *praxis* científica iniciar qualquer abordagem a esta área com a distinção terminológica entre as variantes mais usuais da arquitectura informal: Arquitectura Tradicional, Arquitectura Popular e Arquitectura Vernácula (incluindo outras derivações menos comuns ou mais específicas).

Este procedimento engloba tanto autores experientes como em início de carreira, abrangendo tanto os trabalhos mais pioneiros como os estudos mais recentes, sendo até de salientar um incremento no interesse das origens terminológicas como principal objecto de estudo.¹

Esta tendência não reflecte nenhuma particularidade metodológica intrínseca, mas, revela sobretudo uma evidência contraproducente referente ao universo científico em causa. Apesar do reconhecimento da existência de um universo temático concreto, de pertinência inquestionável, prevalece a necessidade de esclarecimento correcto da sua definição e circunscrição epistemológica, e por acréscimo das suas origens, uma vez que numa dimensão generalista é bastante habitual assistir à aplicação incorrecta dos seus termos referenciais². Por outro lado, o permanente e regular ajustamento de definição apreendido como objecto de estudo, atesta a evidência de que, cientificamente, esta área ainda não se encontra completamente consolidada.³ Para Papanek este facto deve-se curiosamente aos seus principais interessados (arquitectos, historiadores, autores ou críticos) que além de favorecer falácias de forma sistematizada⁴ tendem a abordar a Arquitectura Vernácula sob perspectivas redutoras, fruto de interpretações individuais, cuja relevância apenas pode ser considerada em torno de objectivos monodisciplinares.

“...precisamente porque tantos críticos de arquitectura tentaram encaixar teorias sobre a arquitectura vernácula numa única categoria é que poucas explicações mantiveram a coerência.” (Papanek, 1995, p.151)

Papanek defende assim que para compreendermos esta arquitectura, fruto de causas variadas, ou, mais especificamente, fruto de um sistema dinâmico dessas mesmas causas, teremos de orientar a nossa perspectiva através do processo e não apenas com base no produto.

É precisamente sob esta perspectiva integrada e holística que este estudo deve ser considerado. Compreendendo o seu Legado na sua complexidade fenomenológica e na sua multiplicidade disciplinar. Independentemente do isolamento metodológico do objecto de estudo (caracterização morfológica - referente morfológico) não se postula o abstraccionismo analítico, muito pelo contrário.

Desta forma todas as interpretações inseridas ao longo do texto devem ser entendidas como

.....
1) O professor Michelangelo Sabatino é um dos mais recentes exemplos desta tendência ao articular a discussão terminológica com a própria problemática arquitectónica, como se pode verificar em **Pride in Modesty: Modernist Architecture and the Vernacular Tradition in Italy**. (Sabatino, 2011).

2) Continua a ser um dos principais alertas da comunidade académica que se debruça sobre o tema. (Maldonado Ramos & Vela Cossio, 2012, p.17-18).

3) Paul Oliver aborda exclusivamente esta questão no capítulo “Part 1: Defining the Field”, incluído no livro **Built to meet needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture**. (Oliver, 2006, p.3-47).

4) Papanek apresenta um conjunto de 6 logros comuns que tendem a intrometer-se na leitura correcta das problemáticas associadas à Arquitectura Vernácula, associadas ao seu teor histórico; exótico; romântico; cultural popular; tradicional actual; e religioso. (Papanek, 1995, p.128-132)

contributos parciais e pontualmente contextualizados, não tendo qualquer pretensão fracturante do ponto de vista científico ou apologista de nenhuma corrente específica.

Esta Investigação identifica-se com o conceito expressado por Sybil Moholy-Nagy (citada por Oliver, 2003, p.12-13), que já em 1957, reconhecia que *“todas as classificações aplicadas à arquitectura anónima devem permanecer arbitrárias e insatisfatórias”*.⁵ Uma expressão premonitória das divergências teóricas que têm marcado invariavelmente a evolução dos estudos na área, mas, que Noholy-Nagy tão habilmente relativiza focando ao invés o seu Objecto de Estudo e a sua consequente valorização.

O património arquitectónico vernáculo apresenta já inúmeras contrariedades, sendo o mais preocupante o seu acelerado processo de destruição e degradação, não precisa de produzir mais incongruências ou estimular mais polémicas justamente dentro dos meios que o pretendem enaltecer. Desta forma o texto contornará as tão proclamadas classificações terminológicas, já abordadas na fase de Trabalho Tutelado, para desenvolver concretamente o seu objecto de estudo, que embora analisado na sua dimensão arquitectónica, estará sempre enquadrado nas suas diversas dimensões antropológicas.

“As yet there is no clearly defined and specialized discipline for the study of dwellings or the larger compass of vernacular architecture. If such a discipline were to emerge it would probably be one that combines some of the elements of both architecture and anthropology with aspects of history and geography. The need for a multi-faceted approach has probably accounted for the limited number of comparative studies in the subject, for anthropological enquiry is not customarily a part of architectural education, and architectural principles have rarely been considered a significant aspect of the training of an anthropologist.” (Oliver, 2003, p.14)

– O Estado da Arte: Evolução Nacional – Regional – Internacional

Apesar do recente incremento de contributos e do aprofundamento das suas análises, o facto é que, em termos científicos, a Arquitectura Vernácula continua a representar uma área pouco explorada e com consequente défice na sua evolução teórica-crítica. A esta situação não é alheia uma acentuada assimetria temporal e geográfica na seu desenvolvimento, onde os Britânicos há muito se destacaram, dominando não só o volume mas também a definição das problemáticas de ponta da sua produção científica.⁶ Apesar da sua profícua produção abordando o seu legado endógeno, tiveram também o discernimento de extravasar os seus campos de estudo e, começando naturalmente pelos suas ex-colónias, rapidamente estenderam as suas acções à escala planetária. Contudo e apesar desta notável excepção, a Arquitectura Vernácula nunca conseguiu acompanhar verdadeiramente o ritmo evolutivo de outras áreas científicas e mais surpreendentemente nunca se impôs estruturalmente no próprio universo de estudo da Arquitectura, continuando na maior parte dos casos a pender verdadeiramente para o universo das Ciências Sociais e Humanas. Apesar de admirada com alguma simpatia nos meios académicos a verdade é que, comparando por exemplo com estilos arquitectónico históricos concretos, nunca foi assumida oficialmente (de forma sistematizada e integrada) como contributo válido no ensino do processo de Projecto de Arquitectura.

Paul Oliver (2003 e 2006), nas suas duas obras de referência⁷, exhibe esta preocupação nas suas estruturadas introduções onde esmiúça a pertinência e a necessidade da sua inclusão na

5) Traduzido da expressão original “all classifications applied to anonymous architecture must remain arbitrary and unsatisfactory”.

6) Refira-se, a título de exemplo, que a grande maioria das publicações indexadas nas quais a Arquitectura Vernácula está enquadrada são edições de nacionalidade Britânica, o que enfatiza não só o volume de produção, mas, o seu grau de aprofundamento.

7) **Built to meet needs** e **Dwellings** para além de atribuir capítulos específicos a esta preocupação, focam-nas pontualmente ao longo do texto com especial ênfase nas suas conclusões.

formação e prática arquitectónica. Fernando Torres Buá (2007) é peremptório no reforço desta necessidade ao nível da região em estudo.

Esta consideração não é recente, sendo, apesar de frequentemente esquecidos nos meios académicos, exemplarmente mencionada por célebres referências da história ocidental da Arquitectura.

Se para Le Corbusier, figura incontornável do disruptivo movimento racionalista, a sua arguta fundamentação para o seu modelo ideal de habitação (sintetizado na casa Citrohan, aplicado nas Imueble-villas e desenvolvido na Unidade de Habitação de Marselha) é apoiada no estudo do Mégaro Grego e na casa artesã de origem Gótica (Monteys, 2005, p.22). No clássico dos cânones da arquitectura, *Marcus Vitruvii Pollionis*, já reclamava no seu Livro II, do seu *De Architectura*, a necessidade do Arquitecto estudar as comunidades primitivas, suas origens e formas de vida. Assim como no Livro VI elabora um Segundo Prólogo sobre a diversidade humana resultante das diferenças geográficas e climáticas; Executa uma Introdução ao tema da habitação Privada, e a sua adaptação ao clima; concluindo com uma Exposição das características da casa Grega e Romana; considerações sobre o clima, a função dos quartos; O estatuto social do proprietário.

Nada podia ser mais esclarecedor, e em certa medida desconcertante e surpreendente, que recuar à maior Referência Historicista, e consequentemente erudita, para compreender o reconhecimento da qualidade inerente à sua vertente antagónica: a Referência Vernácula. Cabe também esclarecer que não se pretende confundir a noção do termo... Aqui o principal facto a reter é a consideração de que ambos exemplos simples e óbvios da pertinência que este Legado pode constituir na formação de qualquer candidato a interveniente na concepção arquitectónica.

Da análise geral efectuada, anteriormente iniciada com a elaboração dos trabalhos Tutelado, depreende-se que a Bibliografia de referência ao Tema da Arquitectura Vernácula pode classificar-se sinteticamente em 6 tipologias de natureza diferenciada.

Dois grandes grupos destacam-se à partida e conferem a esta área uma bipolarização mais complementar do que propriamente fracturante. No primeiro cabem as tipologias mais relacionadas com o distanciamento desta Arquitectura com a restante e por isso enfatizam mais a sua universalidade e destacam sobretudo o seu valor cultural; Um segundo grupo determina o enfoque da área em determinada Região, retratando a sua especificação tipológica, enlaçando-a à respectiva comunidade e às suas principais actividades de subsistência. Curiosamente, os Autores de referência do primeiro caso pertencem ao domínio da Arquitectura e os segundos às áreas da Geografia e da Etnografia. A Evolução Bibliográfica apresenta-se sobretudo, e ao longo do intervalo temporal mais determinante, a três níveis distintos: A Circunscrição Tipológica; O Alargamento do Campo levantado; A valorização patrimonial do território subjacente. O papel, científico, da Arquitectura também evoluiu progressivamente; Se no início auxiliava a descrever a Investigação Antropológica, ao longo do tempo veio assumir protagonismo na Investigação intrínseca sob uma perspectiva técnica (material e construtiva) e de caracterização morfológica. Recentemente, este universo assistiu a um crescimento sem precedentes daquilo que se pode caracterizar como Abordagens teóricas à caracterização de “tendências”, “movimentos” ou “linguagens” arquitectónicas específicas, profundamente relacionadas com as suas origens culturais regionais.

1º Tipo: Grupo lato e genérico que trata a Arquitectura sem diferenciação tipológica, sob a perspectiva da relação geográfica e cultural e/ou da solução construtiva que sintetiza os seus recursos materiais (disponíveis); a tecnologia (dominada) e o conhecimento (acumulado). Geralmente recorre a exemplos dispersos, de comunidades exóticas e em contextos extremos, encadeados por comparações de características similares mas sem hierarquia estruturante. Representam o caso bibliográfico mais reconhecido, onde apesar de pertencerem ao domínio da Arquitectura (e da maior parte dos seus Autores terem precisamente essa formação) apresentam

grande incidência na Antropologia do Espaço.

2º Tipo: Incidente sob uma área geográfica concreta e definida, retracts a caracterização tipológica e morfológica da sua Arquitectura; Estabelece um paralelo obrigatório com as actividades de subsistência da comunidade que lhe está afecta. Efectua um levantamento de campo de casos representativos. Geralmente apresenta uma supremacia da componente Etnográfica e Antropologia; Demonstra grande rigor na representação Morfológica. Bibliografia onde se integram os autores de referencia das Ciências Sociais e Humanas que representam a base do Estudo da Arquitectura Vernácula.

3º Tipo: Incide Sobre uma Tipologia concreta, retracts uma amostra exacta geralmente com elementos de relação interdependente; Justificados por intenções operativas relacionadas com a reabilitação patrimonial e/ou valorização turística. Apresenta uma curiosa dicotomia entre a catalogação, não científica, de levantamento patrimonial (geralmente relacionado com as administrações locais ou associações comunitárias) e uma vertente académica, sobretudo através de Teses de Mestrado ou Pós-Doutoramento, motivadas por temáticas pré-definidas relacionadas com o território rural.

4º Tipo: Abordam a componente tecnológica, retracts soluções construtivas em famílias de matérias ou técnicas, variando na dimensão geográfica segundo a especificidade das soluções seleccionadas.

5º Tipo: Conformam o registo descritivo de áreas homogéneas, classificadas, em vias de classificação ou em processo de intenção. Têm naturalmente uma origem mais operativa; Com algum antiguidade em áreas integradas em tecidos urbanos já consolidados e mais recentemente em lugares mais isolados e dispersos. Exigem levantamento exaustivo das características Tipológicas; Morfológicas e Construtivas. Tem como fundamento um condicionamento prático (Manual Técnico ou Instrumento de Protecção Patrimonial).

6º Tipo: Abordagens teóricas à caracterização de “tendências”, “movimentos” ou “linguagens” arquitectónicas de cariz regional; nas quais o contributo da Arquitectura Vernácula está explícito; Este ultimo grupo desenvolvido mais profundamente nos últimos 20 anos é constituído maioritariamente por reflexões críticas, ensaios pedagógicos e/ou teses de Mestrado e Doutoramento; Sendo que a maioria das publicações incide sobre as problemáticas da hipotética “*Afinidades Regionais*” ou da legitimidade de determinadas “*Tendências*”. Revelando este ultimo grupo um desenvolvimentos já integrado no campo de estudo da Teoria e História da Arquitectura.

Existem naturalmente algumas obras, ou autores, que não são claramente enquadráveis nas categorias assinaladas. Esta condição não tem necessariamente que ver com a sua excepionalidade, mas, antes com a transversalidade das suas perspectivas, sendo mais conveniente a sua inclusão em mais de uma das tipologia indicadas.

Em todos os grupos literários referidos, o suporte analítico mais comum é produzido através do processo de Levantamento, geralmente constituído por registos de classificações tipológicas ou de elementos formais constantes. Escusado será dizer que a objectividade da maior parte dos estudos acaba por esgotar-se no seu próprio suporte analítico, não apresentando por isso contributo tecnológico no campo das praticas correntes. Geralmente e apesar de não serem omitidas (são até constantemente aflorados) as potencialidades praticas desses Levantamentos estão ainda muito longe do equilíbrio desejável, geralmente remetidas para ensaios posteriores ao trabalho que lhes deu origem ou capítulos específicos pontuais. Poucos são os casos em que realmente esses vínculos entre o passado e o presente são realmente desenvolvidos. Contudo, não deixa de ser interessante que aqueles que mais se dedicaram a esta problemática são, porventura, os casos de maior notoriedade, estendo a sua fama muito para lá do circulo

afecto à Arquitectura Vernácula. Figuras como Rudofsky, Rapaport ou Taut tiveram, ou têm, um impacto muito significativo na produção arquitectónica recente, não só pela qualidade das suas pesquisas, mas, sobretudo pela capacidade visionária de conectar a tradição com o futuro da produção arquitectónica. O trabalho de Bruno Taut sobre a Arquitectura Japonesa e a reflexão directa que estabelece entre a sua qualidade e a capacidade de invocação das suas referências tradicionais, será porventura um dos casos mais interessantes de análise sobre a identidade cultural de determinada linguagem arquitectónica. O caso efectivo é que a Arquitectura Japonesa Contemporânea foi sendo consolidada teoricamente como um paradigma da reinterpretação do seu valor tradicional, onde o património vernáculo ocupa naturalmente uma posição de destaque. Para Llano Cabado (2006, p.218-220) esta circunstância resulta da capacidade dos seus autores de conseguir compreender as potencialidades do seu legado, trabalhando não apenas o mimetismo dos seus elementos formais, mas, particularmente sobre os seus conceitos e princípios, sem fundamentalismos tecnológicos. Esta perspectiva teve profundo impacto na crítica internacional, ficando relacionada em exemplos como a disseminação da Arquitectura Nipónica das últimas décadas, e de uma maneira geral reabriu o interesse pela aproximação do Projecto Contemporâneo às influências das suas raízes regionais.

Apesar de aparentemente podermos encontrar mais afinidades, tanto em metodologia como em formato de redacção, entre o presente estudo e o 6º grupo literário, cabe salientar que os seus objectivos estruturantes não se restringem exclusivamente a esta tipologia. Das problemáticas abordadas nos grupos descritos, três são constantes e transversais no desenvolvimento da tese proposta:

- a) A Caracterização Morfológica da Arquitectura Vernácula
- b) A identificação de Identidades Arquitectónicas Regionais
- c) A aplicação de referências Vernáculas no Processo de Projecto

Outro ponto importante, mas, pouco abordado na Bibliografia específica está relacionado com a transnacionalidade do território. Apenas muito pontualmente o contexto Ibérico é abordado de forma conjunta e geralmente apenas com referência a episódios históricos. Relativamente ao património vernáculo a região Galiza-Norte de Portugal goza de uma certa excepionalidade, tendo no Espigueiro o caso mais categórico de convergência além fronteiras. Este paralelismo encontra-se patente nos primeiros esquemas de classificação, propostos pelas principais referências no estudo deste modelo tipológico (Dias *et al.*, 1994). Recorrendo à classificação antecedente de Frankowski procedeu-se a uma classificação comum, segundo traços morfológicos e funcionais:

“... estreitos e alongados e com aberturas de ventilação, em relação com a sua função especializada de local de secagem e armazenagem do milho em espiga, próprio das terras húmidas – que para além do mais demonstram “a mesma origem histórica dos dois povos vizinhos, tantas vezes comprovada pelos estudos etnográficos”. (Dias et al., 1994, p.221)

Retirando o caso demonstrado, a quem o próprio Rudofsky (1990) concedeu especial destaque,⁸ o certo é que as restantes tipologias estão muito distantes do mesmo contexto concertado e salvo casos muito esporádicos não gozam de semelhante interpretação. Ao contrário de outras regiões cujas fronteiras se dissiparam de forma mais gradual (como por exemplo na área do Benelux, na Europa Central, onde geralmente este género é tratado comumente entre os seus países)

.....
8) A edição consultada do catálogo da exposição não apresenta paginação pelo que se referencia a informação a partir da numeração das imagens; Rudofsky, Bernard (1990). **Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture**. Exhibition Catalogue, Museum of Modern Art (MoMA) New York, 9-11-1964 to 7-2-1965. 3ª ed. Albuquerque: University of New Mexico Press.

a verdade é que apesar das afinidades culturais e geográficas as sinergias político-científicas ainda não produziram resultados significativos. Veja-se por exemplo o caso do património classificado fronteiro (principalmente militar e religioso) e da sua gestão com consequências tão assimétricas...

Relativamente à produção arquitectónica mais recente, apesar de existir documentação significativa em relação à Arquitectura realizada no séc. XX, observa-se que esta incide particularmente na abordagem individual a autores concretos ou em itinerários estilísticos, relativos aos centros urbanos de maior dimensão, onde as analogias entre os dois territórios são pontuais e esporádicas. Consta-se, contudo, algum investimento recente em trabalhos de inventariação tipológica, cuja selecção e recolha pressupõe necessariamente um suporte teórico comum ou, pelo menos, uma aproximação de critérios (mesmo que esta não seja objectivamente exposta) aplicados aos dois territórios. Enquadrados sobretudo em revistas de números temáticos, onde a tipologia habitacional se destaca, poucos são os casos de publicações que lhe exclusivas, como por exemplo o título ***Casas Atlânticas: Galicia y Norte de Portugal***, de Antonio Armesto e Quim Padró (1996).

Da Bibliografia analisada podemos concluir que esta área atravessou uma evolução regular que partiu dos Ensaio Etnográficos de comparação Nacional até atingir os Levantamentos Morfológicos de carácter Regional.

Esta percepção é ademais corroborada pela identificação de um conjunto de Bibliografia específica que denominaremos doravante como *Obras de Referência*, responsáveis por marcarem o início individualizado do estudo do património vernáculo da região do Norte de Portugal e da Galiza. Além do trabalho de registo e categorização tipológica, estas obras caracterizam-se pela disseminação e divulgação, com conseqüente influência, nas gerações que lhe seguiram. Apesar dos anos que as separam e das diferenças metodológicas que as configuram, foram estas obras, com todos os defeitos que lhe possam advir, que estabeleceram as bases e os parâmetros científicos, com mais ou menos justiça, para a presente categorização da Arquitectura Vernácula (ainda que denominada restritivamente como Popular) das áreas em causa.

A primeira Abordagem sobre a Arquitectura Popular surgiu, naturalmente, através dos primeiros ensaios Etnográficos, inicialmente sobre a forma de pequenas monografias ou em artigos publicadas em Revistas da especialidade, dedicadas exclusivamente a pequenos assentamentos rurais, concretos, com que os autores partilhavam alguma relação ou afinidade (Ordem dos Arquitectos, 2004, p. XXII).

A sua origem foi gerada pelo incremento das ciências sociais, culturais e antropológicas do início do século XX. Com o desenvolvimento conseqüente da Etnografia e da Geografia Humana, a edificação, sobretudo a de cariz tradicional, passou a constituir um valioso testemunho para a compreensão das comunidades e da sua evolução cultural. Se numa fase inicial o fascínio recair nas civilizações mais exóticas e culturalmente mais contrastantes, posteriormente também a realidade interna dos países Europeus começou a suscitar interesse. Albert Demageon, destaca-se no estudo do território rural e na sua particular relação com o habitat humano, tornando-se uma figura incontornável das ciências sociais. Este autor irá revelar uma nova dimensão a partir dos anos 20, naquilo que poderia ser entendido como um estudo obrigatório para a compreensão da matriz do fenómeno da identidade cultural de cada nação. Um tema que, como é sobejamente reconhecido, as ideologias Europeias exacerbaram nos períodos conturbados que antecederam as Grandes Guerras Mundiais (Llano Cabado, 2006, p.22).

Com o aprofundamento da análise, alguns pontos como as caracterizações das técnicas construtivas começaram a solicitar a participação de intervenientes da área da construção. Se a simples enunciação de processos era possível através dos relatos populares e dos artesãos locais, já a sua sistematização, registo e classificação necessitava um conhecimento e uma

competência mais erudita da construção e dos seus métodos de representação. O que levou ao primeiro envolvimento efectivo da figura do Arquitecto com o Património Popular, ainda que como agente auxiliar.

Importante também foi a alienação das nações Europeias, que na ressaca da reconstrução física e económica da Guerra, impunham resistências políticas e desconfianças ideológicas a tudo o que tivesse origem em fontes estrangeiras. O reconhecimento e consentimento do poder político, mesmo que pelas razões erradas (Ordem dos Arquitectos, 2004, p.XI), acabariam por ser fundamentais para o envolvimento da classe profissional dos Arquitectos no estudo do Património Tradicional.

Envolvimento este, que cedo reclamaria a competência da execução prática, e ademais exclusiva, das operações de Levantamento relativos à Arquitectura Popular, perante o poder político, como forma de assimilarem os valores da tradição nacional.

Num ciclo profissional restrito e face à necessária mudança e ao crescimento da formação académica, seriam estes profissionais os responsáveis pelo despontar da sensibilização teórica do meio intelectual, que estimularam, numa fase posterior, repercussão e adesão nos principais núcleos académicos, através da reestruturação dos seus currículos pedagógicos, sobretudo com a inclusão de matérias de âmbito Antropológico e Etnográfico nos cursos de Arquitectura (Esposito & Leoni, 2003, p.9).

Outro factor determinante para a introdução do tema no meio profissional da Arquitectura foi a consolidação da brecha *anti-histórica* no processo intelectual da Arquitectura, ditada pelo fulgurante movimento racionalista que dominava, praticamente, todas as instâncias do panorama internacional. É certo que esta já havia conhecido antecedentes relevantes numa primeira reacção, de Ruskin e de Morris, como alternativa ao neoclassicismo dominante do século XIX. Apesar de nunca se ter imposto ao seu adversário ideológico, a perspectiva pitoresca do *Arts and Crafts*, continuou a cativar e a estimular Arquitectos ao longo dos tempos, ainda que sem influência massiva, para a observação mais atenta do legado vernáculo (Toussaint, 2009, p.59).

O mesmo legado que, ironicamente, viria a constituir-se como alternativa válida, na anunciação do esgotamento do próprio modernismo, dentro da sua lógica anti-historicista. Começou a desenhar-se como reacção crítica àquilo que consideravam a desumanização do *International style*, sobretudo a partir dos meados do Século XX. Encontrou referências naqueles que, como Alvar Aalto, nunca se abstrairam da realidade física e cultural onde inseriam as suas obras e reconheceu, mais tarde, nas premissas de Norberg-Schulz temas válidos para a experimentação de uma reformulação teórica (Cerqueira, 2005, p.46).

Na década de 60 o mundo ocidental, muito por culpa do esgotamento dos movimentos modernos, vai assistir a um retorno ao estudo do sentido das formas tradicionais, que caracterizavam a diversidade da Arquitectura Popular (Arango Florentino, 2002, p.8). Rapoport, que aprofunda os estudos a partir desta época, estabiliza o termo da Arquitectura Vernáculo em 1968. Rudofski já lhe havia conferido uma dimensão global na sua famigerada exposição ***Architecture with out Architects*** patente no MOMA em 1964.

Segundo a opinião de alguns autores, independentemente da quantidade e qualidade de trabalhos que o antecederam, o responsável por introduzir definitivamente o Património Vernáculo no domínio de interesses da cultura arquitectónica recente e actual, foi efectivamente Bernard Rudofski. Apesar de ***Architecture with out Architects*** não consistir num estudo de grande coerência científica ou de rigor metodológico (em termos de critérios de selecção, classificação ou representação) a forma como retratou os exemplos expostos condicionou a perspectiva a

partir da qual os Arquitectos viriam a abordar futuramente a área.⁹

Mas, surpreendentemente o registo oficial mais precoce, inteiramente dedicado a esta temática, é a iniciativa preconizada pelo *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*, realizado entre 1955-1960 pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos (de Portugal), parcialmente publicado em 1961 com o título ***Arquitectura Popular em Portugal***.

Esta obra, para além do reflexo de disseminação literária, viria a marcar de forma operativa muitos dos profissionais da arquitectura da época. Esta influência cultural pode ser imputada sobretudo aos intervenientes envolvidos no processo que estiveram vinculados às grandes instituições de ensino, sobretudo no Norte de Portugal, e que viriam a perpetuar de forma sistemática a sua influência nas gerações vindouras.

Não é por acaso que Kenneth Frampton determina Álvaro Siza como uma das figuras de proa da categoria que classifica como: - Regionalismo Crítico: arquitectura moderna e identidade cultural (Frampton, 2005, p.322), mesmo com a posterior relutância do mesmo (Angelillo & Pais, 2000, p.29), conotado como o produto de referência da formação da ESBAP na sua época de mobilização e estreito envolvimento na produção do Inquérito. Esta Revisão Crítica do Movimento Moderno, mesmo à escala da Europa, também se enquadra nas linhas orientadoras de obras pioneiras como as de Nuno Teutónio Pereira, Manuel Taíinha ou Fernando Távora (Manuel das Neves, 1998, p.22-23).

Sendo mais uma vez foi o trabalho de carácter etnográfico a desbravar caminho, devemos contudo referir como antecedente pioneiro, no contexto Espanhol, a revista **AC**, coordenada pelo grupo *Grupo de Artistas y Técnicos Españoles Para la Arquitectura Contemporánea - GATEPAC*, que entre o ano de 1931 e 1937 constitui-se como um dos mais importantes veículos da reflexão arquitectónica deste país; e onde o tema da Arquitectura Vernácula foi regularmente abordado. Dos números publicados, o número 18, de 1935, representa um marco assinalável por se dedicar exclusivamente a este tema. Ademais este número abria também um precioso precedente numa perspectiva: - a consideração de que este Legado poderia ter lugar operativo na influência das praticas de Projecto na respectiva época (Toussaint, 2009, p.340).¹⁰ Pese embora a posterior influência cultural outorgada ao colectivo GATEPAC, não deixa de ser importante o facto de que no contexto espanhol a evolução do tema parece ser realizada eminentemente fruto de iniciativas individuais, que apesar do seu prestígio no meio, foram quase sempre remetidos para uma condição de marginalidade das entidades oficiais. A este contributo, não pode deixar de ser associado a referência anterior de dois autores, García Mercadal (também pertencente ao grupo citado) e Torres Balbás (antigo professor de maior parte dos seus membros em Madrid), que haviam já afluído o tema em textos anteriores, respectivamente: - ***La casa popular en España, de 1930***; e ***Folklore y Costumbres de España***, datado de 1933 (nas quais a Região Galega é ainda enfocada de forma bastante reduzida). Apesar da sua qualidade, estas obras, não irão conseguir ombrear com as obras contemporâneas que incidem sobre a Arquitectura convencional e muito menos influenciar o público generalista, reduzindo-se o seu impacto quase exclusivamente entre os pensadores académicos do meio Arquitectónico.

Posteriormente o tema volta a ser retractado a espaços e sem uma linha evolutiva consistente, sendo certo que na obra ***Invariantes Castizos de la Arquitectura Española***, de Chueca Goitia, datada de 1947, volta a gozar de certo protagonismo entre os estudiosos Universitários (Diez-Pastor, 2012).

Apenas na década de 70, através de duas Obras, praticamente simultâneas, de Carlos Flores e

9) Para Manolo Gallego o seu impacto foi tão marcante que o próprio conceito da Arquitectura Informal (que engloba naturalmente a Vernácula) evolui depois deste evento, condicionando a perspectiva posterior do tema (Manolo Gallego Jorreto em Entrevista)

10) Este facto é também sublinhado pelo autor galego Manuel Caamaño Suarez (Caamaño Suarez, 2003, p.33).

Luis Feduchi, o retratamento da Arquitectura Popular consegue obter do publico generalizado uma atenção mais abrangente. Com **Arquitectura Popular Española**, datada de 1973 e **Itinerarios de la Arquitectura Popular Española**, datado de 1975, Flores e Feduchi (respectivamente) irão produzir finalmente registos e caracterizações exclusivamente dedicados às edificações tradicionais, retratando modelos tipológicos diversos, e insistindo nos seus aspectos mais diferenciadores.

No, cada vez mais extenso espólio, de investigações sobre a Arquitectura Tradicional do Norte de Portugal e da Galiza, podemos restringir os referentes máximos essencialmente a seis obras concretas. Este facto, sem desprestígio para os outros autores, é consensual perante a evidência da sua presença, sem excepção, nas Bibliografias posteriores das obras congéneres de ambas as nacionalidades. No caso da **Arquitectura Popular em Portugal** a sua influência seria até estendida a algumas obras internacionais de grande repercussão como as publicações de Amos Rapoport ou Bernard Rudofsky (Toussaint, 2009, p.112).

Assim poderá efectuar-se a circunscrição do universo bibliográfico a um número restrito de publicações, hierarquicamente seleccionada, o que implicará uma análise mais profunda e estabilizada na identificação, interpretação e caracterização dos modelos tipológicos (e suas inerentes propriedades morfológicas) que constituem o respectivo Legado.

Assim para a região do Norte de Portugal, nomeadamente para a região do Minho, consideram-se como principais referências:

- Dias, Jorge; Oliveira, Ernesto Veiga; Galhano, Fernando & Pereira, Benjamim (1969); **Construções Primitivas em Portugal**, 1ª ed. Lisboa: Instituto da Alta Cultura.
- Sindicato Nacional dos Arquitectos (1961); **Arquitectura Popular em Portugal**; Volume I. 1ª ed. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos. (p.1-112)

De referir que apesar da sua edição posterior, **Construções Primitivas em Portugal**, sistematiza um grande número de artigos, ensaios e estudos realizados pelos seus autores no Centro de Estudos de Etnologia, logo após a sua criação em 1947, que se publicaram de maneira dispersa numa série de revistas da especialidade. Centro este que desenvolveu durante a década de 50 uma série de publicações que desenvolveram o conhecimento de aspectos ou tipologias concretas do universo tradicional Lusitano.

O que significa que, mesmo com publicação posterior, deverá ser tido como o primeiro contributo da área em Portugal, uma vez que foram os seus autores e, logicamente os seus conteúdos, os grandes contribuintes para a classificação tipológica do material que serviu de base para o desenvolvimento da **Arquitectura Popular em Portugal**.

Apesar do registo regional operado nestas obras, nelas reside a importante diferença, ao contrário das obras Galegas, de fazerem parte de iniciativas apoiadas directamente por organismos estatais, concertadas a uma escala nacional, o que poderá explicar certamente a sua anterioridade em relação a estas.

Concretamente para a região autónoma da Galiza, destacam-se os seguintes títulos:

- Lorenzo Fernández, X. (1962); **Etnografía. Cultura Material** in História de Galiza t.II (Coord. OTERO PEDRAYO, Ramón); Buenos Aires: Nós. (p.1-739)
- Flores, Carlos (1973). **Arquitectura Popular Española**. Tomo II. Madrid: Ediciones Aguilar. (p.353-541)

Serão precisamente estes dois títulos, os responsáveis pelas primeiras caracterizações do património popular Galego de forma sistematizada, constituído o marco primeiro da sensibilização e difusão acerca do respectivo património. Embora a publicação de Flores constitua, do ponto de vista generalista, impacto bastante mais alargado, será sem dúvida o trabalho de Xaquín Lorenzo Fernández que irá estabelecer a base a partir da qual todas as classificações tipológicas e morfológicas serão desenvolvidas. A importância de Lorenzo Fernandez, está longe de se circunscrever à obra referida pois, como se verá adiante, terá papel fundamental (e activo) no desenvolvimento do tema quer em termos de contributo directo quer em termos da referência à qualidade do espólio científico que produziu (Gallego Jorreto, 1975, p.27; Rodríguez Iglesias, 1997, p.30; Caamaño Suárez, 2003, p.17 e p.32; Llano Cabado, 2006, p.11). Será sobretudo a esta última referência que se deve juntar o trabalho posterior de Pedro de Llano Cabado e a síntese recompilatória¹¹ publicada sob coordenação de Manuel Caamaño Suárez, que não só tiveram o mérito de versar o Legado Galego de forma exclusiva, sistematizada e detalhada, como permitiram ainda a actualização do seu registo comunicativo.

Desta forma e de modo a completar o quadro referencial Galego, será pertinente assinalar ainda os seguintes títulos:

- Llano Cabado, Pedro de (1983). **Arquitectura Popular en Galicia**. Vol. I e II. Vigo: Colexio de Arquitectos de Galicia - COAG
- Caamaño Suarez, Manuel (2003). **As Construccions da Arquitectura Popular, Patrimonio Etnográfico de Galicia**. Santiago de Compostela: Consello Galego de Colexios de Aparelladores e Arquitectos Técnicos.

Como consideração última cabe ainda assinalar que as principais obras de referência, com uma pontual excepção¹², enquadram-se no que Rapoport (2010, p.179) caracteriza como a fase da “história natural” da Arquitectura Vernácula onde os estudos se dedicam essencialmente à descrição e documentação de edifícios.¹³ Sendo que até à presente data ainda não existem referências consolidadas, para ambos os países, naquilo que seria a evolução natural do campo de estudo para um novo paradigma de abordagem, que Rapoport define como a fase de “focalização da problemática”. Esta fase consiste no desenvolvimento de estudos de carácter comparativo e integrado, sob perspectiva mais teórica/conceptual, e tem como objectivo a produção indutiva de conceitos, princípios, generalizações, mecanismos e processos. (*Idem*, p.179-180)

Se à definição anterior for adicionada o estudo da aplicação das premissas extraídas ao contexto recente, como exemplo ou potência na concepção do Projecto Arquitectónico, verificar-se-á a estreita relação com o carácter assinalado na 6ª tipologia bibliográfica indicada. Serve também esta observação para melhor compreender o enquadramento e o contributo perspectivado da presente investigação dentro da moldura geral de Estado de Arte do tema, sinteticamente apresentada neste capítulo.

– Metodologia I: Circunscrição temática

A presente Tese desenvolve a prossecução da hipótese de que uma componente significativa, se não mesmo estruturante, da Arquitectura recente do Noroeste Peninsular utiliza o seu património Vernáculo, como base conceptual do seu processo de Projecto.

.....
11) Articulada com o exaustivo levantamento técnico de trabalhos académicos produzidos, desde 1975 até 2000, pelos alunos da Escola Universitária de Arquitectura Técnica da Coruña, enquanto alunos de Caamaño Suárez.

12) Na versão reeditada de **Arquitectura Popular en Galicia** (Llano Cabado, 2006, p.217-232) surge um novo capítulo que aflora a questão “A modo de conclusión: unha arquitectura con raíces”, assinalando a pertinência na mudança de paradigma de abordagem em relação ao Legado Vernáculo e ao seu potencial para a produção arquitectónica actual.

13) Classificação onde se pode integrar os 5 primeiros tipos de bibliografia assinalados.

O processo elegido tem por base a formulação e aplicação de um conjunto de directrizes que permitam estabelecer Relações Objectivas entre um grupo referencial – A Arquitectura Vernácula - e uma produção cultural recente – O Projecto tardo-modernista - cronologicamente e funcionalmente apartadas, partilhando o mesmo contexto geográfico. Essas relações (cuja verificação de afinidades relevantes conformam a hipótese elaborada) serão definidas através de um processo de caracterização morfológica do universo referencial e pela identificação da existência das suas propriedades espaciais enquanto matriz estruturante das novas obras. Não se trata portanto de uma definição, nem da comprovação, de uma classificação historicista, já há muito implícita no desenvolvimento do conceito de Regionalismo (Lefaivre & Tzonis, 2003, p.10), antes um contributo para a compreensão do papel da analogia referencial entre Arquitectura(s) como processo de desenho... tendo como base a *essência morfológica*, longe de estereótipos e... preconceitos conceptualistas.

Esta Investigação enquadra-se assim na teoria que Amos Rapaport (2006, p.182-183) proclama como o maior contributo que o Legado Vernáculo poderá fornecer ao Processo de Projecto actual. Ao invés da do processo de aprendizagem resultar da relação efectuada pelo mimetismo directo dos Elementos formais entre Obra Vernácula e o Processo de Projecto, esta deveria ser realizada através de um processo de análise, com dois passos intermédios: - identificando primeiro os seus Conceitos, Modelos e Teorias; e produzindo posteriormente Generalizações, Princípios e Mecanismos que poderão finalmente ser aplicados nos Processos de Projecto contemporâneos.

Apesar da metodologia incidir na análise das Obras *per se*, visto que na essência da Arquitectura Vernácula a autoria é um dado irrisório, o processo referente aos projectos formais será complementado, sempre que possível, com a perspectiva do próprio autor acerca do ascendente das características vernáculas no processo conceptual das Obras seleccionadas.

A interrogação permanente ao longo da redacção do Trabalho será evidentemente se as obras actuais de Arquitectura, tão complexas e heterogéneas nas suas referências, podem ser objectivamente geradas através dos princípios, aparentemente tão simples e pragmáticos, dos modelos vernáculos da sua caracterização morfológica? Podem estes princípios ser identificados e registados de forma clara, à luz da leitura contemporânea, metodologicamente sempre condicionada.¹⁴ A opção passa por realizar uma caracterização do espaço através de conceitos universais, que é exemplificada de forma gráfica através de exemplos expressivos, mas, que não têm de ser necessariamente específicos.

Cabe também assinalar que ao nível da amostragem, de acordo com necessidades operativas da Investigação, a presente tese estabelece uma circunscrição temática essencialmente efectuada através do cruzamento de três níveis distintos: A nível Cronológico; A nível Geográfico e ao Nível de intervenientes conceptuais (estruturado em Autores de transição e Autores efectivos).

– Circunscrição cronológica:

O período afecto pela presente Tese compreende o marco instituído pela introdução do estudo morfológico da Arquitectura Vernácula, para além do campo Etnográfico, na área temática exclusiva da Arquitectura, no que concerne ao registo da área geográfica em questão. Ainda que integrados num estudo elevado à escala Nacional de ambas as nações, os documentos assinalados revelam já uma caracterização diferenciada das regiões referidas, potenciada pelo facto de permitir uma interpretação comparativa dos seus dados. Salienta-se ainda que a data de edição dos documentos assinalados, tomada mais como um gesto *oficial*, não pode ser lida restritivamente como limite estanque, visto que são parte integrante de todo um processo de execução que compreende, naturalmente, fases antecedentes. Processo este que abarca

.....
14) De acordo com a célebre teoria de Lefebvre que remete a representação espacial como um produto da época, condicionando sempre a sua leitura.

fases tão distintas quanto imprescindíveis como: - consciencialização ideológica, garante de apoio institucional, garante de investimento, programação, preparação logística, levantamento no terreno, execução de registo, tratamento de dados e edição gráfica, o que naturalmente determina um recuo cronológico significativo, que não sendo necessariamente paralelo apresenta bastantes analogias. Desta forma as datas elegidas, 1961 e 1973, correspondem às *Obras de Referência*, enquadradas no capítulo anterior, que representam a primeira passagem disciplinar entre Etnografia e Arquitectura, em Portugal e em Espanha, que reportam a Galiza e o Minho de forma diferenciada :

- a) A Publicação do primeiro Levantamento Arquitectónico sistematizado do Minho – Portugal: Sindicato Nacional dos Arquitectos (1961); ***Arquitectura Popular em Portugal***; Volume I. 1ª ed. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos. (p.1-112)
- b) A Publicação do primeiro Levantamento Arquitectónico sistematizado da Galiza – Espanha: Flores, Carlos (1973). ***Arquitectura Popular Española***. Tomo II. Madrid: Ediciones Aguilar. (p.353-541).

Embora distanciada por 12 anos, as referências iniciais, como veremos ao longo da investigação, coincidem com a consolidação de uma tendência escolástica, articulada com: a) uma estratégia pedagógica concreta no contexto Português, implementada no Curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto; e b) com a iminência da criação de um Curso de Arquitectura estabelecido de raiz na Região Autónoma da Galiza: A Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade da Corunha (1975). Todavia, como veremos mais adiante, estas apresentam de forma inequívoca o seu gérmen pedagógico ainda nos Escolas *centrais*, localizadas em Madrid e Lisboa, onde os seus percursos, antes de se estabilizarem na dita área geográfica, efectuem a sua formação académica.¹⁵

Tal como se desenvolve no capítulo 3, indaga-se sobre a relação dos factores de estímulo (ideológicos) e os principais centros de formação dos agentes em questão, interrelacionando-se seja na forma do plano curricular destas instituições, seja na natureza dos Exercícios académicos efectuados. A evolução do estudo, o seu impacto e a sua consciencialização académica é indissociável da esfera de influência dos seus principais autores. Os resultados, com as inevitáveis variantes e inflexões, reflectem uma maturação de cerca de 30 anos (com início um pouco antes dos anos 60 até ao princípio da década de 90), cujo necessário distanciamento apenas recentemente tem permitido o início de uma análise mais objectiva. Os frutos poderão ser relativamente recentes, especialmente à luz historiográfica, mas, para compreender verdadeiramente a génese do seu suporte teremos de recuar cerca de 2 a 3 gerações de profissionais. Desta forma (e de modo simbólico) estabelece-se como limite temporal indicativo a data de 1992. Ano da consagração da Obra de Siza Vieira com a atribuição do prémio Pritzker, circunstância que irá projectar definitivamente a região analisada como suporte físico do seu itinerário mais significativo; momento a partir do qual esta ganhará especial dimensão enquanto factor integrado de análise teórico-crítica, da produção arquitectónica contemporânea.

Mais uma vez salienta-se a natureza indicativa deste limite, cuja operacionalidade do estudo exige, pois se em termos ideológicos muitas obras inseridas neste intervalo parecem já extrapolar a caracterização que se enumerará (sobretudo as de Siza que atingem a maturação formal muito precocemente), outras, mais actuais e criticamente reconhecidas¹⁶, parecem enquadrar-se assumidamente na reafirmação das suas premissas (como os trabalhos recentes de Souto Moura ou Penela) o que comprova que o seu potencial está longe de estar esgotado.

.....
15) Como se constata na bibliografia de teor biográfico referente aos arquitectos referidos: Fernández-Galiano, L. (1997). ***Las tres vidas de Alejandro de la Sota*** in AV Monografías 68, Alejandro de La Sota, XI-XII. 1997; Filgueiras, Octávio Lixa (1986). ***Escola do Porto (1940-1969)*** in Carlos Ramos. Exposição retrospectiva da sua obra. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

16) Ver o caso da menção da Bienal de Arquitectura y Urbanismo 2011 atribuída à casa de Paderne, em Lugo, de Carlos Quintáns; ou as referências do discurso da atribuição do incontornável prémio Pritzker 2011 a Eduardo Souto de Moura.

– Circunscrição geográfica:

Uma das particularidades desta Investigação prende-se naturalmente com a condição transnacional da Região a analisar e com as considerações inerentes às suas condições de fronteira. Pelo que se pretende também analisar os paralelismos e assimetrias gerais, decorrentes desta ruptura territorial artificial, conformados no processo da edificação tradicional, e como isso se repercute nas suas dimensões sociais e culturais.

No mencionado **Arquitectura Popular em Portugal**, na introdução geral que antecede a primeira zona levantada, precisamente a afecta ao Minho, teve-se o cuidado de referir:

“As zonas, ou áreas, nas quais se espraia e define uma feição peculiar da Arquitectura raramente coincidem com as fronteiras nacionais. São, em geral, anteriores a elas e têm raízes mais fundas e sólidas. A Nação e os seus limites constituem, em certa medida, criações artificiais, que os azares de uma simples guerra podem alterar ou até suprimir. Mas nenhuma guerra até hoje modificou a natureza do solo, o clima e outros factores determinantes da Arquitectura regional.” (Ordem dos Arquitectos, 2004, p.XIX).

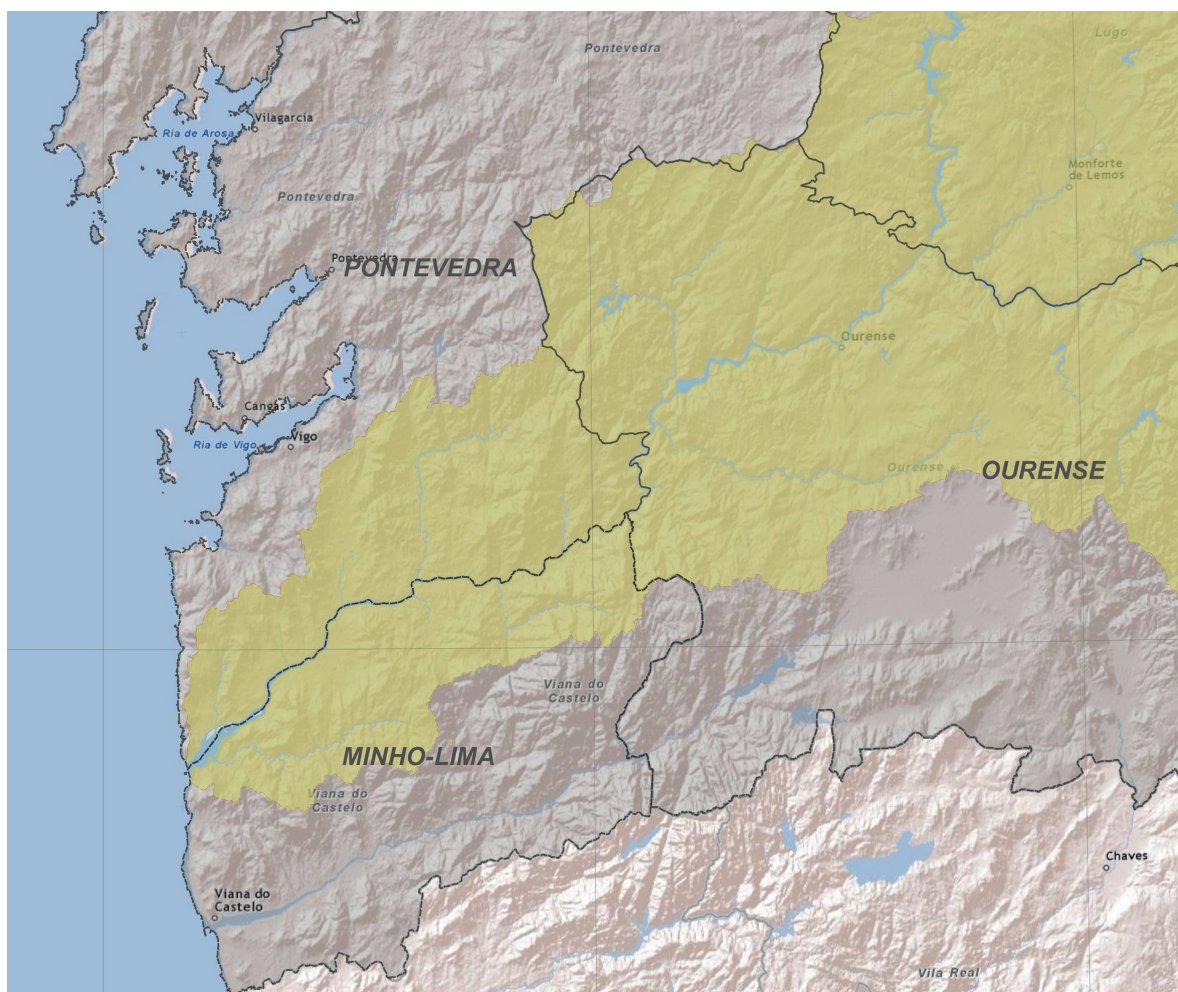


Fig. 1. Área litoral da Bacia Hidrográfica do Rio Minho

Deste modo, argumenta-se a pertinência da comparação estrutural dos territórios adjacentes, independentemente das suas configuração administrativas, concretizando já a existência de analogias entre o próprio território transfronteiriço, sobretudo no Norte de Portugal, onde obviamente a Galiza se incluirá:

“Outra mancha, mais a Norte, sofre de acentuada influência atlântica. Diverge daquela de modo sensível, quanto ao clima e também quanto ao relevo geral, aos cultivos, à economia, ao povoamento e à própria organização social. Não podia deixar, assim, de apresentar características arquitectónicas diferentes, que se prolongam, aliás, por terras de Espanha.” (Idem, p.XX).

Perante este mote a investigação intentará abordar de forma concertada o universo tipológico vernáculo, da Galiza e do Minho, procurando estabelecer uma proposta de parametrização e caracterização comum, definindo uma estrutura de classificação morfológica genérica, que se possa aplicar em ambas as regiões (circunscrita obviamente a uma área menor e mais homogénea, na sua zona de adjacência ocidental). Todavia a extensão deste território, mais desenvolvido em latitude, assim como a sua litoralidade exposta à influência directa do Atlântico, proporciona algumas divergências climáticas determinantes na heterogeneidade da sua própria Arquitectura Vernácula. A edificação popular de Tui e Valença, de La Guarda e Moledo, de Pontearreas ou Paredes de Coura é sem dúvida mais próxima, apesar da sua transnacionalidade, do que qualquer exemplo, mesmo dentro da mesma tipologia, entre Lugo e Ourense ou entre Melgaço e Esposende, ainda que estas pertençam à mesma delimitação administrativa nacional.¹⁷

A selecção dos casos de Estudo foi realizada de acordo com a inventariação tipológica e suas características formais, estabilizada na Bibliografia de referência para as respectivas áreas.¹⁸ O recurso exemplificativo baseado maioritariamente em Obras não Inventariadas prende-se com uma série de razões operativas, nomeadamente:

- A pretensão de contribuir para a extensão do registo do património Vernáculo existente;
- O incremento dos exemplos espaciais vinculados às tipologias determinadas;
- A observação *in loco* de exemplos representativos que ainda conciliam condições razoáveis de conservação e acessibilidade condigna.
- Processar através do processo de representação (desenho) as premissas estabelecidas para a caracterização morfológica.
- Aplicar a capacidade de identificação e rectificação da descrição da parametrização estabelecida, através do seu processo de selecção.

Geograficamente a área de estudo será estabelecida pela área de influência da orla da foz do Rio Minho (justamente o início ocidental da linha de fronteira física). A região do Minho-Lima, que conforma o território mais extremo do Noroeste de Portugal, foi assim definido como observatório representativo deste estudo para o lado Português. Apresenta uma constância meridional, albergando as três variantes mais significativas da Geografia do Noroeste Peninsular ocidental: 1- A costa Atlântica; 2- Bacias Hidrográficas fluviais estruturantes, encaixadas em recorte de relevo acidentado mas de altitude média e 3- a delimitação Serrana a oriente (Flores, 1973, p.355); onde geologicamente predomina o solo granítico, pontuado por algumas bolsas xistosas; caracteristicamente conciliados por um clima de relativa austeridade.

.....
17) tal como Carlos Flores (1973, p.357) faz questão de destacar acerca das assimetrias territoriais.

18) Segundo a metodologia anteriormente aplicada nos Trabalhos Tutelados, de formulação precedente (Duarte Carlos, G. 2010).

O contraponto Galego será demarcado pela área de Pontevedra, incidindo particularmente na sua área costeira, cujo território apresenta semelhante estereótipo geológico e climático, com a particularidade de integrar mais um particular elemento geográfico: a Ria, determinante na sua especificidade geográfica.

A área de estudo é assim curiosamente conformada por duas áreas localizadas nas extremidade dos territórios nacionais e adjacentes em termos transfronteiriços. Um paradoxo caso de continuidade entre limites, que se caracterizam de forma análoga como uma área costeira, de montanhas médias, de perfil recortado pela erosão atlântica (Idem).

Esta determinação geográfica reflecte também a tendência observada na localização das obras dos intervenientes conceptuais modernos e contemporâneos, referidos no ponto seguinte, onde a predominância litoral é absolutamente avassaladora.

– Circunscrição relativa aos *Intervenientes conceptuais*:

Um dos factores de selecção das Obras formais esta relacionado com a sua autoria, nomeadamente com o hipotético grau de compromisso que este estabelece com o Legado Vernáculo. Os Arquitectos propostos são naturalmente figuras proeminentes na presente cultura arquitectónica (ou cuja influência ainda é referida pelas presentes gerações), profundamente conotados com a região estabelecida e frequentemente relacionados com a sua tradição cultural. Desta forma é conveniente estruturar a selecção efectuada entre as cerca de 4 gerações de arquitectos que se encaixam entre o momento de ruptura criativa e de afirmação diferenciada, que balizam aproximadamente os 30 anos que constituem a referência cronológica definida. Numa primeira fase o grupo no qual se podem designar os Autores de Referência (responsáveis pela recuperação dos princípios do movimento moderno e que iniciaram o processo transitivo de integração dos elementos regionais nas suas propostas). Num universo profissional restrito e culturalmente evoluído, estas figuras foram preponderantes na disseminação dos seus princípios e metodologias entre as gerações seguintes. Apresentam um espólio de dimensão significativa, mas com aparente menor consistência formal, que se prende não só com o processo de ruptura com as linguagens vigentes, mas, também com o experimentalismo conceptual a que a sua Obra foi sujeita. No outro extremo da amostragem temos a presente geração consagrada, com Obra premiada e/ou trajectos consolidados (que apesar se excluir alguns exemplos mais recentes permitirá, supostamente, um maior acesso ao seu acervo critico). Também neste ponto, tal como no Estado da Arte, será necessário estabelecer um paralelo entre as nações de forma a compreender as diferentes nuances da sua evolução, constatando convergências e assumindo assimetrias.

Recuando a figuras chave da transição modernista (e de particular resistência às estéticas historicistas) como Keil do Amaral com notável ascendente no meio Arquitectónico Português e na estratégia pedagógica das primeiras décadas do séc. XX, cuja consciencialização do Legado Vernáculo já começava a ser assumida e a recrutar seguidores. Determinante na Obra de Carlos Ramos, Viana de Lima, e Fernando Távora que, consubstanciando alternativas à orientação pedagógica da capital, contribuíram para a formação da geração consagrada de Siza Vieira, Fernández, Soutinho até chegar a Souto de Moura, Dias ou Gigante.

De forma análoga podemos observar o contraponto Espanhol na incontornável figura de Leopoldo Torres Balbás que, desde a capital madrilena praticamente a partir da segunda década do séc. XX, contribuiu para a emergência das incursões de teor regional de importantes figuras como Gárcia Mercadal, Sert, Fernández del Amo (que se viriam a destacar enormemente no panorama Nacional); Sendo que no caso concreto da Galiza o reflexo recai no inevitável Alejandro de La Sota, e no particular experimentalismo de Xosé Bar Bóo, inevitáveis referências neste contexto, entretanto preenchido pela consolidação da Obras de figuras como Gallego e Portela, estendendo-se até casos mais recentes como por exemplo Alfonso Penela.

– Metodologia II: A Solução Espacial como objecto de estudo

O presente sub-capítulo pretende incidir sobre o enfoque dado à dimensão Morfológica da Arquitectura abrangida pelo presente estudo. Justificando, não só a sua circunscrição analítica (se é que tal é possível), mas, a opção de outorgar o âmago da pesquisa à verdadeira natureza desta área e sobretudo à sua consumação: O ESPAÇO.

Esta opção surge como reacção natural à problemática relacionada com o campo disciplinar do Património Vernáculo. Independente de qualquer preferência por qualquer das tendências proclamadas, o grande objectivo será circunscrever este estudo ao domínio da própria área da Arquitectura, na essência ontológica do termo, subjugado aos seus processos, instrumentos e resultados próprios, independente das suas extensões e aplicações. Desta forma será a morfologia espacial o objecto de estudo, o espaço que nos integra, o verdadeiro protagonista da Arquitectura.¹⁹

Pretende-se assim analisar a Morfologia, inerente ao Legado Vernáculo, tal como Goethe originalmente a definiu: enquanto ciência interpretativa dos “feitos formais” (Llano Cabado, 2006, p.16). Entendida como um fenómeno suficientemente autónomo para produzir, por si só, aportações objectivas no campo do Projecto de Arquitectura.

Desta forma será o ESPAÇO (consumado pelas soluções recorrentes do património Vernáculo sistematizadas na região definida) o elemento fundamental de análise e de consubstanciação da transferência entre o Património e a Obra do período concreto (dos quais se extraem os exemplos apresentados) onde, se espera, se procurará reconhecer um padrão de aplicação característico.

Esta caracterização já estava patente num das principais referências da Investigação global do Tema. Ainda que de forma pouco sistematizada a Morfologia é o principal parâmetro classificativo dos diferentes Culturas Vernáculas para Paul Oliver (2010, p.94); como se atesta já no breve enquadramento da Arquitectura Vernácula Portuguesa no capítulo “**Built from the ground**” onde agrupa varias regiões geográficas segundo expressões arquitectónicas comuns.²⁰

É precisamente na base desta premissa que se desenvolve este estudo:

- o reconhecimento das **expressões arquitectónicas comuns**, e a identificação dos princípios da sua aplicação no acto de projecto pós(tardo)-moderno, circunscrito a uma região geográfica específica.

Enquanto que, a circunscrição geográfica prende-se sobretudo com a especulação (pela formulação hipotética) da potencialidade da Arquitectura Vernácula que lhe é inerente; a circunscrição metodológica/objecto de estudo foi estabelecida pela intenção do contributo tecnológico ser direccionado à aplicação concreta na prática do Projecto de Arquitectura.

Segundo alguns autores, o protagonismo do Espaço na perspectiva da sua Expressão Arquitectónica deveria até justificar uma classificação alternativa da Arquitectura Vernácula. Segundo Pedro Vieira de Almeida²¹, esta não deveria ser apenas realizada de acordo com a sua caracterização funcional, mas, sobretudo através da sua expressividade espacial (entendidas as

19) Referência no sentido critico que Bruno Zevi expôs de forma célebre na publicação “Sapere vedere l’architettura”. (Zevi, 1977, p.11-28)

20) Neste caso específico representado por exemplos característicos da Beira Interior (área geográfica a sudeste do Minho), embora possa ser generalizada às regiões lusas de solos graníticos, cuja maioria se encontra a Norte.

21) Pedro Vieira de Almeida (juntamente com Nuno Portas e Carlos Duarte) foi um dos mais influentes críticos da Arquitectura Portuguesa Contemporânea, tendo dedicado parte dos seus estudos ao *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa* e ao seu impacto às gerações que lhe estão associadas.

suas noções de volume e massa²²). Pedro Vieira de Almeida propunha assim a adopção de um sistema tipológico de classificação transversal a qualquer função, região e cultura que relevasse a essência arquitectónica na sua diferenciação. A sua principal intenção seria a de desenvolver uma reflexão sobre a importância geral do grau do vector da espessura e da sua relação intrínseca com a especialidade associada. Para tal estabeleceu como variáveis analíticas dois temas preponderantes na Morfologia Vernácula, particularmente, para a região Norte de Portugal (na qual tinha colaborado no Levantamento do Inquérito), mas, que acreditava ser aplicáveis a todas as áreas da Arquitectura (que segundo ele não podiam ser dissociadas na sua essência):

- Primeiro, pretendia analisar o Património Vernáculo de acordo com o valor expressivo da sua espessura, nos termos em que esta poderá determinar a limitação do espaço. Dividia assim esta variável em dois extremos (mais complementares que antagónicos): A poética dos **muros finos** – “...que apenas circunscrevem o Espaço, cortando-o do Espaço geral”; e a poética dos **muros grossos** – “que se estruturam a si mesmo, gerando eles próprios o Espaço”.
- Segundo, desejava investigar a potencialidade associada ao que ele designa como **espaço-transição**, um espaço complementar com inúmeras caracterizações formais na Arquitectura Vernácula, contrariando o seu pragmatismo funcional, cuja especificidade real é a de projectar e de permitir a socialização da habitação. (Cunha Leal *et al.*, 2012, p.27-28)

Em termos metodológicos esta definição apresenta alguns pontos de convergência com o ponto 3.1 desta Investigação, que traduz como *Característica Invariante* do Legado Vernáculo do Noroeste Peninsular a relação estabelecida na Caracterização do Edificado como complemento à Caracterização do Vazio e as suas implicações directas na relação interior/exterior ou exterior/interior; Todavia, tal como é explicado na respectiva componente, esta caracterização não prescinde da articulação com a sua dimensão construtiva: na interdependência entre o sistema construtivo empregue e a solução de fenestração utilizada.

Este contributo de Pedro Vieira de Almeida é pertinente pela sua aplicação concreta no campo da Arquitectura Vernácula, defendendo que a sua manifestação formal é mais pura na medida em que é mais genuína e insubordinada às ideias eruditas. É também interessante por trabalhar sobre o material produzido pelo Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa que, tal como o próprio Vieira de Almeida defende, trata-se de uma ferramenta fundamental para compreender a história e a teoria recente da produção arquitectónica em Portugal (que após tantos anos continua a ser indubitavelmente a referência mais consentânea acerca da Arquitectura Vernácula do território Luso).

Todavia, apesar da maturidade e profundidade das suas ideias, esta análise parece ser relativamente redutora na medida em que: a) não incide sobre a integração territorial da edificação, ou se quiserem na estruturação do espaço exterior envolvente; b) parece demasiado dependente da tipologia habitacional, que mesmo sendo a unidade primordial do Património Vernáculo, estará longe de reclamar a exclusividade morfológica, especialmente da região analisada nesta Investigação.

Contudo, esta perspectiva tem o mérito de exemplificar a demarcação do potencial morfológico enquanto entendimento fenomenológico arquitectónico na sua noção contemporânea, em oposição à usual abordagem artística e historiográfica da noção de Património Monumental ou das perspectivas antropológicas de Património Cultural.

Apesar da sua originalidade, deve sublinhar-se que esta perspectiva de valorização da expressão arquitectónica dentro do campo do Património Vernáculo, não é propriamente uma raridade.

.....
22) “...não é a noção de Volume que permite o tratamento do Espaço, mas, a própria noção de Massa que o irá gerar.” (Vieira de Almeida, 2010, p.22)

O que se passa é que surge muitas vezes dissimulada, implícita em contributos associados a dois tipos de análise mais específicos: a caracterização de Modelos Tipológicos²³ e o estudo de Elementos Formais²⁴, sendo o que o segundo caso conforma uma tendência mais recente.

No caso particular desta Investigação esta abordagem passa por uma generalização teórica que se sobrepõe a estes dois tipos de análise: ela incorpora naturalmente a compreensão dos Modelos Tipológicos, assim como o estudo da manifestação dos seus elementos formais. Retrata-os de forma transversal e indissociável; Propondo uma leitura analítica aplicável a qualquer género Arquitectónico (neste caso concreto a Arquitectura Vernácula) – ou seja um *método generalista*; mas que produz sempre uma interpretação específica em cada manifestação cultural observada (enquadrada sob a especificidade da Região do Noroeste peninsular) – o que se traduz num *resultado singular*.

– A Linguagem Arquitectónica: Repositório de Identidade Cultural

“O marco onde se desenvolve a casa-vivenda tradicional galega é un espacio xeográfico no que se dá un acochado contraste entre a variedade física e a unidade cultural. Estes sinais de identidade manifestanse dun cabo a outro da Galicia administrativa, e do vello territorio da Gallaecia...” (Caamaño Suárez em Rodríguez Iglesias, 1997, p.28)

O presente capítulo pretende referenciar a conotação cultural implícita na interpretação formal operada a partir da interpretação do fenómeno arquitectónico.

Por mais pragmático e elementar que seja este fenómeno, características que erradamente diminuíram a perspectiva historiográfica da Arquitectura Vernácula antes do século XX (Rudofsky, 1990), este representa sempre uma resposta condicionada à cultura da civilização que o edifica. Nunca será demais sublinhar que o termo “vernáculo” é antes de tudo uma designação linguística na medida em que retracta a articulação do discurso da população não erudita. (Oliver, 2006, p.17)

No seguimento do exposto, convém ainda assinalar o enquadramento conceptual do termo Linguagem, aqui entendido como sistema simbólico formal, sob a perspectiva estruturalista que a determina como um sistema de signos, regido por regras gramaticais, cuja combinação gera significados. Pelo que se adoptará uma abordagem formal para estudar as estruturas da linguagem, favorecendo as regras abstractas que lhe são inerentes e que podem ser interpretadas de forma a gerar estruturas linguísticas observáveis (expressas aqui nas características morfológicas enumeradas). É portanto neste quadro da lógica formal e da sua gramática, introduzido pelo filósofo e matemático Bertrand Russell, que se aplicará o termo.

Convém ainda acrescentar que a Linguagem é sempre ajustada ao seu contexto cultural, que enquanto sistema de comunicação não se pode aliar dos seus factores antropológicos e sociais. A Linguagem, qualquer que seja a sua tipologia ou natureza, será sempre uma expressão cultural, sendo que, por esta ordem de termos, a Arquitectura (independentemente das suas variantes) poderá ser considerado como um produto formal de expressão cultural (conceptual e interpretativa, se é que estas poderão ser alguma vez indissociáveis)²⁵.

Compreendendo a Arquitectura como uma linguagem formal, e o campo disciplinar desta

.....
23) São inúmeros os exemplos com grande incidência por exemplo no estudo do Espigueiro ou do Moinho de água (Caamaño Suárez, 2003, p.33)

24) I Jornadas de Arquitectura Vernácula, 2007

25) Como se constata na metodologia analítica de Christian Norberg-Schulz, além das três componentes principais da sua estrutura analítica (propósito; forma; e resolução técnica), estabelece uma quarta que lhes é transversal: a dimensão semântica que, como o nome indica, identifica as relações de compromisso entre as componentes referidas (Norberg-Schulz, 1967).

Investigação, a atribuição do termo “vernacular” (Rapoport, 1972), ganha bastante objectividade, na medida em que pretende estabilizar a designação que traduz a “... linguagem arquitectónica do povo com os seus “dialectos” étnicos, regionais e locais.” (Oliver, 2006, p.17)

A opinião pública (generalista e mesmo a especializada) é unânime na concordância das expressões das raízes tradicionalistas, quer materiais quer culturais, desta corrente arquitectónica dita “reversionista”, pontificada pelo reconhecimento público de Siza Vieira (Portas, 1965); Atribuindo-lhe a génese na confrontação da Arquitectura racionalista com a reinterpretação dos valores locais, lógica que viria a tornar-se numa das mais propagadas propriedades da Arquitectura de qualidade de toda a região mencionada.

Infelizmente estas raízes tradicionalistas, são meramente especulações figurativas e superficiais, num número sem fim de artigos de opinião ou de textos ensaísticos, onde raramente se consoma ou explicita estas relações objectivas normalmente tiradas para o campo da “essência intangível” da natureza da obra e do “génio sensível” do seu criador

Contrariando esta tendência superficial, a presente investigação procurará analisar a relação objectiva da concepção do projecto contemporâneo com o Legado Vernáculo, através da identificação dos princípios estruturantes da sua caracterização morfológica e da verificação da sua aplicação directa. Em termos linguísticos algo aproximado ao que se poderia entender como a verificação da existência de uma base gramatical comum, num particular período, entre dois dialectos cronologicamente espaçados. Pelo que se deverá ter em permanente atenção que este estudo não poderá ser distorcido e entendido como um exercício de reconhecimento da origem arcaica de vocábulos de expressão recente ou da sua recuperação. Arquitectonicamente será a *gramática da forma* o fenómeno examinado, e não a perpetuação ou a evolução dos elementos formais empregues, cuja referencia vernácula acaba por ser secundária, se não mesmo superficial, para a caracterização espacial das obras.

Também é certo que o conceito de identidade Cultural pressupõe sempre um suporte Regional, cuja dimensão e extensão se encontra directamente relacionada quer com a intensidade dos seus elementos e dinâmica dos seus agentes, quer com a permeabilidade cultural das congéneres confrontantes.

Indissociável à percepção de determinada linguagem será portanto a compreensão do seu suporte, e a medida em que este influencia a expressão que lhe assenta, facto que na presente temática acresce de importância. Um suporte que na produção arquitectónica se traduz no seu contexto geográfico, compreendendo simultaneamente a realidade física e cultural do território onde se implanta. Um suporte que como se verá adiante funciona de forma constante e activa (se não mesmo estruturante) na própria linguagem e que no caso específico, da região analisada, constitui um factor distintivo (aplicável quer ao Legado quer ao Resultado). Esta suposta “valorização” do contexto geográfico (o suporte) estará implícita no retratamento das características morfológicas do Legado Vernáculo seleccionado, e explicita nas respectivas soluções morfológicas das obras de Arquitectura analisadas.

A assimilação das principais características do contexto geográfico do Noroeste Peninsular, assume assim significativa importância nesta investigação, acentuadas por três circunstâncias fundamentais: - A essência da problemática associada à Arquitectura Vernácula; A génese conceptual das tendências revisionistas (do movimento moderno); e a especificidade regional dos modos de edificação e assentamento, cuja intrincada articulação territorial representa, por si só, uma das suas propriedades mais marcantes.

O estudo particular de qualquer obra presente nesta investigação não poderia ser portanto encetado sem uma prévia nota introdutória acerca do território analisado. Para tal será necessário considerar os seus principais factores naturais: o seu clima, solo e relevo, assim como o seu



Fig. 2. Distribuição geral das diferentes formas de organização agrária na região analisada, a partir da matriz de Abel Bouhier



Fig. 3. Imagem característica da paisagem resultante

revestimento vegetal (espontâneo ou subespontâneo). Mas, a sua total compreensão não poderá ser completa sem lhes associar as formas de ocupação do solo (tão caracterizantes para a região quanto os factores naturais), cujos aspectos no contexto rural são essencialmente determinados pela repartição da população, pela cultura dos cereais dominantes, pelas formas de povoamento, e pelo modo de exploração da terra (Ribeiro, 1991, p. 29).

Geograficamente a Galiza e o Minho pertencem a um território unitário designado como Norte Atlântico, constituindo uma das regiões geográficas características da Península Ibérica. Do conjunto dos elementos climáticos, a elevada precipitação destaca-se e expressa a influência oceânica (Bouhier, 2001, p.22). A chuva representa assim uma dos factores mais presentes da região determinada, ao ponto de Carlos Flores referir que esta é a variável mais considerada da sua arquitectura autóctone e aquela que maior singularidade lhe confere (Flores, 1973, p.XI e 356). A importância da pluviosidade não se remete apenas na forma como o edifício se defende da sua acção, embora numa primeira leitura fosse credível que fosse a este nível que esta influísse na sua caracterização morfológica. A importância da pluviosidade sente-se sobretudo na gestão da sua interacção com o relevo, as propriedades do solo e no aproveitamento dos recursos hídricos que esta potencia. As estratégias de implantação dos edifícios consideram na maior parte das vezes a salvaguarda do seu curso e da sua influência húmida. Habitual também é a conjugação dos edifícios com as estruturas de encaminhamento das águas, seja para efeitos de escoamento, abastecimento ou repartição das águas de regadio.

Geomorfologicamente a influência do clima atlântico é favorecida pelas grandes bacias, orientadas a ocidente que encabeçam largos e profundos sistemas de vale que rasgam o interior transversalmente (Dalda Escudero *et al.*, 2005, p.113-114), consentindo assim a sua penetração através dos ventos dominantes.

Contudo, é extremamente importante reconhecer que a suposta unidade territorial entre Galiza e o Norte de Portugal, além da subjugação climática imposta pela Ibéria Húmida, é conferida essencialmente pela tipologia de assentamento celular atlântico (idem, 2005, p.113).

De modo geral o assentamento humano do Minho e da Galiza caracteriza-se pelo seu povoamento disperso e pela sua elevada densidade populacional, com predomínio de agregação em aldeias, lugares e lugarejos de casas espalhadas. A maior parte dos núcleos reporta a uma génese castreja, coroando assim os montes, alcandorados em lugares mais altaneiros e escarpados de propensão defensiva (Ribeiro, 1994, p.141). Destas inúmeras povoações, as que mais se desenvolveram e prosperaram, foram de longe aquelas que detinham posição privilegiada em relação às vias de trânsito; especialmente as implantadas juntos dos grandes rios/rias, onde a convergência de itinerários era assegurada pelos seus vales, foram sobretudo estas que adquiriram expressão urbana.

Outro factor determinante para a caracterização geográfica da região é a densidade populacional observada, que excepção feita às áreas metropolitanas, sempre representou um valor elevado (comparando naturalmente com o contexto ibérico).

E no caso particular da Galiza, a província Pontevedra, durante o período retractado, apresenta os valores mais elevados da densidade populacional da região autónoma²⁶. Relativamente ao Minho, e apesar dos valores se aproximarem da sua congénere fronteiriça, as densidades disparam significativamente perto das grandes cidades, sendo que após a natural hegemonia da área metropolitana do Porto, a tendência de crescimento incide sobretudo nas periferias das cidades de Braga e Guimarães.

No Noroeste Peninsular parece evidente que a relação entre a densidade populacional e a

.....
26) De acordo com o Relatório 2012 do Atlas da Bacia Hidrográfica do Rio Minho, Galiza e Portugal "Natura Miño-Minho"

organização agrária contribuiu sobremaneira para a consubstanciação da sua matriz estrutural, que consequentemente potencia a descontinuidade do espaço agrícola e dispersão do habitat existente, materializando-se numa espécie de “nebulosa humana” (com alguns pontos de condensação que derivam do desenvolvimento de alguns centros rurais) como Orlando Ribeiro (1994, p.172). tão habilmente a descreve.

Não é portanto de estranhar que as pequenas aldeias (e os lugares), constituíssem a forma mais generalizada de assentamento do século XX entre o distrito de Viana do Castelo e a província de Pontevedra; e que estas recorram invariavelmente a tramas de esquemas irregulares como forma de resposta a um povoamento que embora disseminado apresenta densidade significativa.

Este território é (ainda) determinado por uma paisagem de carácter rural dominada pela tipologia agrária *prado-campo*, que na sua compleição evolutiva consistiria no suporte original (e ideal) do respectivo Legado Vernáculo.

O *prado-campo* do Noroeste Atlântico consiste basicamente num sistema rotativo de exploração agrícola no interior de parcelas, que alternam entre o prado, no Inverno, e a policultura, no Verão (culturas temporárias). Parcelas estas que são delimitada no seu perímetro por uma trincheira de árvores de fruto ou de aproveitamento de madeira e lenha (culturas permanentes). Uma tipologia cuja rega, potenciada por sistemas de abastecimento comunitários, acrescenta um factor distintivo de outras regiões europeias e revela claramente reminiscências de ocupações pré-romanas. Um cenário que neste caso concreto passou por uma evolução que, segundo Orlando Ribeiro (1991, p.35-37), decorre essencialmente da adaptação da região a 5 episódios sócio-históricos marcantes para a sua exploração agrária:

- Uma primeira fase sem alternância de cultivo, com pasto rodeado de sebes pontuado por árvores de fruto, sobretudo macieiras que para além do fruto permitiam a produção de sidra. A plantação de cereais efectuava-se apenas nas áreas menos húmidas das encostas, onde os souto e o carvalhal também complementavam a alimentação de homens e gado;
- Uma fase secundaria onde pontifica o incremento da vinha, elevada por esteios e aplicada no limite do campo, que tudo indica se tenha expandido como consequência da Reconquista.
- Uma fase intermédia marcada pela introdução do milho e do feijão (espécies exóticas de origem americana), que, após o século XVI, apresentam uma disseminação sem precedentes e passam a dominar o volume de produção agrícola da região. Estes cereais passam a ocupar a parcela durante o verão. Dá-se início a uma policultura mais complexa onde o cereal é conjugado com a horta, que tira partido dos sistemas de rega do prado. Em algumas parcelas, no Inverno, o prado é completamente substituído pelo centeio, utilizado no pão para dar mais consistência à farinha de milho. Este período marca também o declínio da criação de gado, o que se traduziu na falta de lacticínios.
- Introdução do cultivo da batata, a partir do século XIX, como cultura estreme utilizada antes do milho (favorecida pelas políticas agrárias nacionais).
- Incremento acentuado das áreas de cultivo de forma a acompanhar o aumento populacional através do escalonamento em socalcos das encostas de inclinação acentuada; e pela fertilização com sargaço, caranguejo e estrume dos áreas litorais de areal.

Foi precisamente a conjugação dos factores e circunstâncias referidas que, segundo Bouhier (2001, p.100-101), determinou a preferência dos habitantes desta região por uma organização agrária de duplo sistema, com predomínio de agras em áreas de menor pendente e de eidos de bancais e socalcos nos territórios de relevo mais acidentado e inclinado. A franja litoral apresenta assim um continuo estrutural, onde predominam as agras comunitárias de parcelamento longo

e estreito, tal como se pode observar nas encostas dos vales mais abertos e nas várzeas mais amplas que acompanham os rios de maior caudal. A edificação associada a esta tipologia surgia naturalmente apartada dos campos e concentrada nos solos menos férteis da proximidade, geralmente articulada com alguma via de circulação. O cadastro resultante traduz-se geralmente numa matriz de grande regularidade e ritmo, que se desenvolve perpendicularmente às linhas de água e rede de acessos.

A outra variante surge associada às encostas das serras, onde se conformam as bolsas irregulares de assentamento, implementadas através da modelação do relevo em bancais e socacos, onde a única forma de apropriação viável consiste no eido. O eido ou horto apresenta tendência para conformar matrizes cadastrais mais irregulares, tanto em dimensão como em forma, sendo que apresente na maior parte das vezes paralelismo com a rede de acessos, que neste contexto se exhibe de forma mais complexa e intrincada com o parcelamento. A edificação referente a esta forma de organização surge assim articulada com a pequena parcela do horto, condicionando por completo a sua implantação e acentuando a leitura dispersa e irregular do aproveitamento do território.

Cabe ainda assinalar que estes sistemas não se restringem a aplicações estanques separadas e que a alteração geológica e topográfica da região analisada é pródiga na sua coexistência e articulação. Será porventura as áreas em que estas se miscigenam as que, actualmente, representam a maior percentagem da região analisada e as que melhor caracterizam o regime cadastral, tanto o original como o que actualmente se observa.

As especificidades desta organização agrícola, comum, são um enorme contributo para a homogeneidade de uma paisagem de propensão rural que extravasa os limites administrativos, conferindo uma forte identidade territorial entre os dois países, onde as assimetrias são na maior parte das vezes mais esbatidas que fracturantes. Sendo certo que a estagnação económica e a desertificação massiva de algumas áreas rurais contribuíram inevitavelmente para a perpetuação deste tipo de organização, não deixa de ser interessante confirmar a sua actualidade, apesar das drásticas pressões urbanas e da intensa infra-estruturação do território.

Não há dúvida que o elevado emparcelamento das áreas cedo contribuiu para a percepção fragmentada da paisagem. Não é portanto de estranhar que o conceito de propriedade, que é de génese abstracta, adquira assim uma propensão mais física. Não existe muitos contextos que apresentem coincidência entre os limites cadastrais e os limites físicos do território, mas, no caso galego e minhoto o facto é que constituem até uma das particularidades mais destacadas do território. O limite, a demarcação de limite, é, como se verá na caracterização morfológica, uma das componentes mais presentes nas soluções vernáculas da região, e a sua noção, integração e reflexão um dos pontos mais incorporados nos processos de projectos analisados.

A consideração do regime cadastral, dos casos de estudo analisados, acresce assim de grande importância na caracterização e comparação morfológica realizada, pois a organização territorial constitui a primeira condicionante realmente objectiva da expressão arquitectónica, tal como constitui o primeiro nível da manifestação formal efectiva de determinada identidade cultural de uma região.

UMA MORFOLOGIA ESPECÍFICA: DEFINIÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

– *A Especificidade Morfológica do Noroeste Peninsular*

“... a realidade obriga-nos a reconhecer que o tão falado Noroeste Peninsular se impõe aqui, mais uma vez, pela alta qualidade dos seus edifícios.” (Távora et al., 1961 reeditado em Ordem dos Arquitectos, 2004, p.5)²⁷

Com esta frase, a equipa composta pelos arquitectos Távora, Pimentel e Menéres, justificava-se da maioria dos exemplos vernáculos, que apresentavam como representativos da sua área de estudo (Minho), se concentrarem precisamente no seu extremo norte... Implicitamente demonstravam, de forma corroborada pelo trabalho realizado no *Inquérito*, a leitura de que realmente, do ponto de vista do património vernáculo, a Galiza e o Minho eram entendidos como um suporte físico e cultural comum.

O presente capítulo tem como objectivo desenvolver o reconhecimento das Características Morfológicas Gerais entendidas como os *Princípios Invariantes*, que caracterizam a Arquitectura Vernácula das regiões fronteiriças do troço ocidental (final) do Rio Minho, doravante denominada na tese como *região analisada* (entendida assim como um território uno, cuja argumentação será exposta mais adiante).

Assinala-se que estas características, Morfológicas, ainda que analisadas autonomamente, nunca poderão ser compreendidas na sua dimensão total sem considerar a sua componente Construtiva (cuja relação é simbiótica) e, logicamente, no seu extremo oposto a sua componente Antropológica. É evidente que a Arquitectura não se manifesta sem esta última, um facto epistemológico. Segundo alguns autores até uma provocação moral a não sobreposição da dimensão antropológica na análise do objecto de estudo, sobretudo quando se aborda a Arquitectura Vernácula (Architektur Zentrum Wien et al., 2007).

É imperativo assinalar, apesar da implícito desta fase, que a Arquitectura Vernácula do região em análise está profundamente vinculada com as actividades produtivas de base agrária (Lizancos Mora, 2005, p.25). Portanto a sua caracterização formal, que não desprovidas de sentido, são respostas sobretudo a esta circunstância. Porém a circunstância, por mais avassaladora que seja, não invalida a autonomia e a propriedade espacial resultante. Para além do definhamento da função original, uma arquitectura não poderá ser perpetuada pela sua articulação territorial, qualidade construtiva ou simplesmente pela harmonia da sua composição espacial? Mais uma vez a História Clássica apresenta exemplos afirmativos, quando um Panteão sobrevive além do ocaso do Politeísmo de raiz mitológica que lhe deu origem.

Todavia, relembramos que a abordagem analítica proposta remete estritamente para uma caracterização espacial estruturante, baseada nas suas relações e propriedades geométricas, o que para as correntes que assumem a manifestação arquitectónica como “*construção conceptual e metodológica do espaço enquanto objecto das ciências sociais*” representa justamente uma perspectiva antagónica (Silvano, 2010, p.II).

Desta forma pode-se sintetizar de forma esquemática, no contexto específico Arquitectónico, que ao situar-se a Obra entre os pólos compostos pela leitura morfológica e antropológica, as acções interpretativas da primeira correspondem objectivamente à sua manifestação física

.....
27) [Sindicato Nacional dos Arquitectos - SNA. (1961). Arquitectura Popular em Portugal; 1ª ed. Lisboa: SNA]

(Edificação) e a segunda com o reconhecimento do seu significado cultural (Símbolo).

Morfologia > Obra de Arquitectura < Antropologia:

- **Morfologia:** Forma – Material – Objecto= **Edificação**
- **Antropologia:** Função – Imaterial – Homem= **Símbolo**

De forma a proceder à caracterização morfológica proposta, há que retroceder a uma apreciação genérica que, curiosamente (visto tratarmos exclusivamente de um Legado não académico), encontra na sua extensão histórica as suas bases consolidantes. Este facto irá contribuir concretamente para a definição do âmbito Morfológico elegido e para o reforço do reconhecimento da sua natureza transfronteiriça.

A existência de um “fundo comum” para a totalidade do contexto Ibérico não é um assunto novo (Fernandes, 2000, p.19)²⁸, porém também não é novidade que esta circunstância não se tem aplicado à Arquitectura Vernácula, muito pelo contrário. Em *Arquitectura Portuguesa - Uma Síntese*, Manuel Fernandes não resiste em estabelecer a relação a partir da indeclinável substrução geográfica e cultural partilhada pelas duas nações, começando por enunciar a sua caracterização, não pelas particularidades lusitanas, mas, antes através da analogia do célebre estudo que Chueca Goitia (1981) elabora para a sua congénere Espanhola. Apesar desta analogia não ser consubstanciada por exemplos concretos, não será necessário um conhecimento muito profundo das duas Arquitecturas para reconhecer que a comparação é bastante feliz, na medida em que a caracterização citada parece ajustar-se perfeitamente não só à Arquitectura Lusa de carácter histórico (o universo de estudo primordial de ambos os textos referidos) como inclusivamente ao património Vernáculo dos dois países.

“La arquitectura, además, por su esencia, es el arte más apegado a la tierra, más incardinado en el suelo y en el paisaje –paisaje ella misma, hecha de materiales robados a la tierra-, y también el que depende en más alto grado de la necesidad vital del hombre. La arquitectura es una de las grandes formas de expresión del alma popular. La arquitectura es, por tanto, historia e intrahistoria en sí misma.” (Chueca Goitia, 1981. p.23)

Embora possa ser interpretado como demasiado generalista, mesmo quando restringido ao território Espanhol, os temas identificados por Chueca Goitia devem ser apreendidos como uma matriz elementar, que como todas as estruturas podem apresentar singularidades epidérmicas. Podemos, é certo, nomear a existência de contrastes evidentes, não só entre as duas nações, mas, entre as próprias regiões que compõem a seu território nacional, mas, este facto não inviabiliza, muito pelo contrário, a existência de propriedades recorrentes.

A estas propriedades recorrentes será aplicada a denominação do termo *Invariante*, segundo interpretação do próprio Chueca Goitia²⁹, e cujo entendimento, por especificidade da definição, será aplicado às características morfológicas propostas para este estudo.

28) J. M. Fernandes tem inclusivamente um subcapítulo dedicado ao tema intitulado “O contexto Ibérico: analogias com Espanha” do qual deriva parte da sua fundamentação para a caracterização da Arquitectura Portuguesa.

29) Invariante, segundo definição matemática, acrescenta à palavra constante “*por um lado la amplitud, más, que matemática, metafísica, del concepto de invariante y por otro, su flexibilidad, su validez condicionada a determinadas situaciones, entornos, transformaciones, etc. Una constante, en cambio, es algo fijo, algo inmutable que no responde a ninguna situación ni llamada especial*” (Chueca Goitia, 1981 citado por Fernandes, 2000, p.18)

Chueca enumera assim, como *Temas* recorrentes da Arquitectura Espanhola, independentemente do tempo e do tipo a que se reportam, as seguintes propriedades:

- “Espacio compartimentado”;
- “composiciones trabadas y asimétricas de directriz quebrada”
- “Expresión volumétrica externa de grande simplicidad...arquitectura mágica”
- “Decoración planista e suspendida”
- “Valor del cuadrado como invariante en la proporción”
- Sintetizando-as nas seguintes propriedades decorrentes:
- “planitud, horizontalidad, cubicidad...”

Interessante verificarmos na enumeração destas características, independentemente de não estabelecer qualquer estruturação hierárquica, a conotação estrita a uma leitura da dimensão morfológica, sem menção clara à sua componente funcional ou simbólica.

Deveras interessante é constatar que todas as características enunciadas como particularidades Arquitectónicas Espanholas (e consequentemente Galegas), parecem encontrar afinidades na designação, de alguns autores, do carácter das edificações do território Luso. Uma das analogias mais imediatas é caracterização de um dos estilos históricos mais singulares e marcantes da Arquitectura Portuguesa: A Arquitectura Chã. Estilo que George Kubler (1988) define como um momento arquitectónico que prima pela austeridade e elementaridade das formas, que se desenvolve de forma profundamente relacionada com a Arquitectura vernácula e com as suas tradições em detrimento das referências clássicas. Os edifícios de volumetria paralelepípedica ortogonal e compacta, privilegiavam assim a utilização das linhas rectas e caracterizavam-se por ser atarracados, baixos e depurados (Kubler, 1988). Apesar de ser frequentemente associado ao estilo desornamentado Espanhol, o que é perfeitamente compreensível dado a afinidade de resultados, este estilo, além de ser relativamente anterior, apresenta bases conceptuais distintas que resultam maioritariamente das divergências económicas e sociais dos seus contextos.

Se globalmente parecem existir bases (de carácter cultural) para se aceitar paralelismos à escala Ibérica no que concerne a Arquitectura formal (Monumental) e toda a complexidade que esta a carrega, no caso particular da Arquitectura Vernácula, outros factores parecem adicionar-se a esta comparação.

O primeiro factor é efectivamente de teor geográfico e segundo Orlando Ribeiro (1945), figura maior da Geografia Portuguesa e Europeia, o Noroeste Peninsular pertence verdadeiramente à mesma categoria de território: - a Ibéria Atlântica. Desta forma o autor integra assim o Minho e a Galiza na mesma classificação geográfica, acentuando desta forma a sua assimetria com a Ibéria Mediterrânea. Demonstrando claramente que Península Ibérica está longe de ser uma região coerente do ponto de vista físico e com acentuada divergência entre: - a) Norte e Sul; e - b) Litoral e Interior. O que contraria e muito as ideologias nacionalistas do início do século XX. Desta forma também se verifica que a sua identidade geográfica (e consequentemente étnica) está longe da analogia simplista que afiança a evolução das origens territoriais Lusitânia/Ibéria numa transposição natural da demarcação das nações de Portugal/Espanha. Também o autor Patrik O’Flanagan (influenciado pela obra de Abel Bouhier, Estyn Evans e Orlando Ribeiro), conceituado geógrafo que tem dedicado o seu trabalho ao estudo da Europa Atlântica e mais recentemente à região Galega, postula a opinião de que tanto o Minho como a maior parte da Galiza compartilham a mesma estrutura geográfica e cultural, inúmeras indicações a este facto

estão presentes na sua publicação *Xeografía Histórica de Galicia* (1996)³⁰ e no capítulo “Galicia en el marco geográfico y histórico de la Europa Atlántica” in *Xeografía I*, pp. 115-133 (2001). Outro dos seus títulos fundamentais nesta matéria seria o seu artigo de 1985, publicado na revista *The Geographical Magazine*: “Galicia and the Minho”, onde estabelece já as premissas de uma matriz referencial conjunta destes territórios que se pode aplicar na íntegra à *região analisada*. (O’Flanagan, 1985, p. 90-95)

Na constatação da relação directa entre arquitectura não erudita e a sua especificidade geográfica, o trabalho de Nélia Gonzalez (2004) sintetiza o importante contributo da estabilização científica dos sistemas e parâmetros de classificação geográficos. Nélia realiza uma súmula da sua evolução técnica, estabelecendo uma comparação entre os parâmetros que estão na base da sua distinção ou actualização. Um dos melhores exemplos (até pela sua inclusão na revisão da literatura) será García Mercadal, que reconheceu no clima e nos recursos naturais disponíveis o factor de maior impacto e consubstanciação das tipologias e modelos de carácter vernáculo.

Não será porventura casualidade que Mercadal recorra à metodologia de Köppen³¹, um dos mais

30) Esta publicação em particular é um contributo fundamental uma vez que se trata de uma das poucas geografias históricas regionais que retratam uma região Ibérica e a única que compreende o seu território sob uma perspectiva mais alargada.

31) Metodologia vigente na época da publicação de *La casa popular en España* de F. García Mercadal, sendo que esta foi alvo de sucessivas rectificações até ser estabilizada na versão do sistema Köppen-Geiger que viria a difundir-se em maior escala.

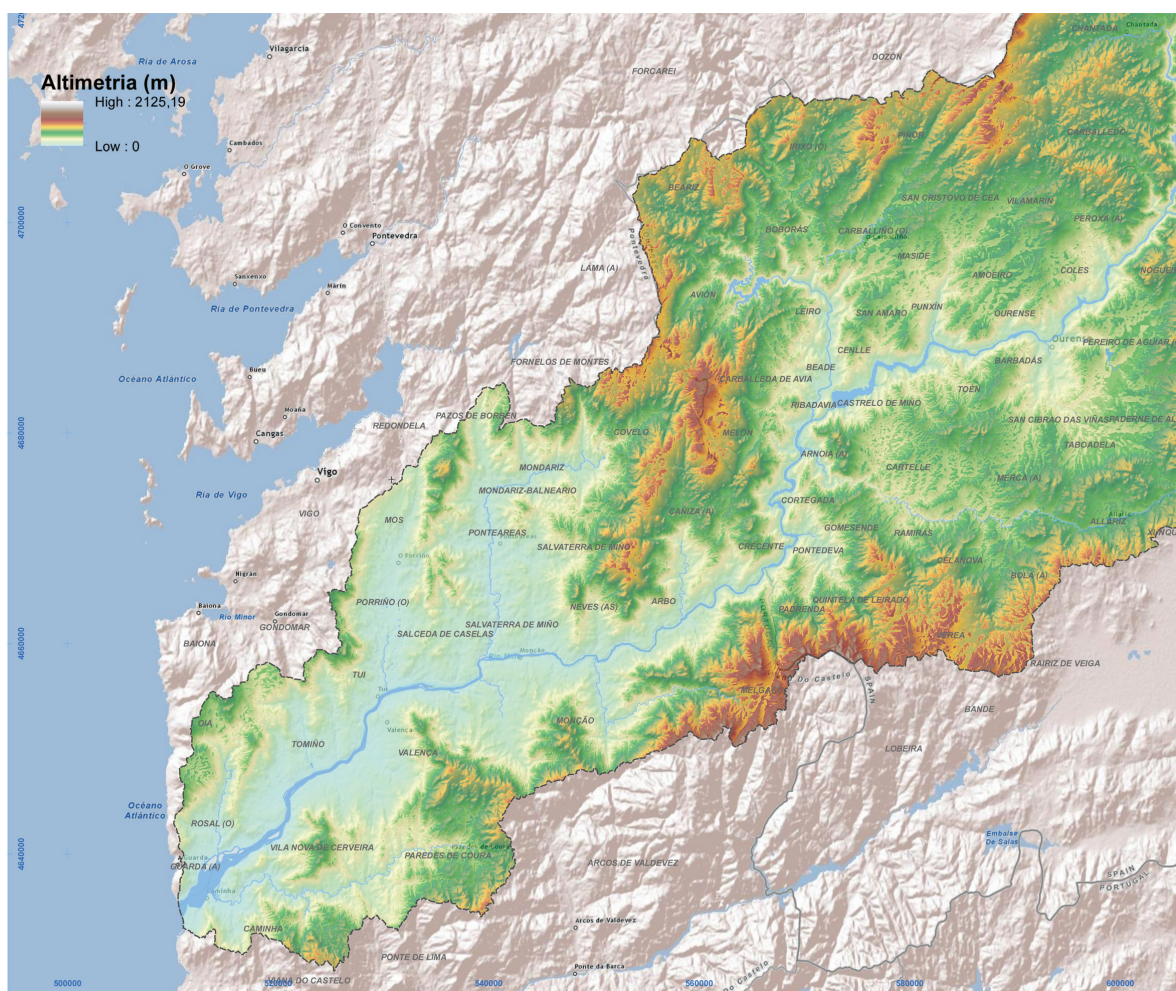


Fig. 4. Altimetria da Bacia Hidrográfica do Rio Minho

reconhecidos percursos dos sistemas de classificação climática, para fundamentar as suas pesquisas. Esta metodologia apoiava-se numa premissa simples que tinha nas espécies vegetais endógenas o principal factor de determinação de áreas homogéneas (Museo Español de Arte Contemporáneo, 1984, p.13-14). Se este argumento pode ser desmontado com a interferência de movimentos migratórios, onde os modelos são impostos culturalmente em relação aos sítios, as suas instalações permanentes, ultrapassadas as gerações pioneiras, acabam por o confirmar. Se tal como Demageon determinou, que até a habitação regional é um prolongamento da sua economia rural, é facilmente compreensível que qualquer modelo consequente de determinada actividade agrícola, piscatória ou ganadeira que não se adeque ao seu lugar de implantação acabará inevitavelmente por desvanecer.

Segundo esta convicção Garcia Mercadal determinou a área para o seus estudos da *casa mediterrânea*, a partir de um método bastante compreensível, a presença da espécie vegetal mais icónica do mar Mediterrâneo: - A Oliveira (Idem, p.14), englobando-a num vasto território, partilhando inclusivamente países pertencentes a 3 continentes diferentes); No caso concreto e bastante mais concentrado da *região analisada* duas espécies serão determinantes na justificação da sua circunscrição: O milho-maíz e a vinha de casta Alvarinho, que representam indubitavelmente as espécies de maior e mais intensiva produção agrícola na história deste território (Xunta da Galicia, 2012). Não invalidando, obviamente, a importância dos restantes cultivos praticados, tal como Carlos Flores refere: - “*El maíz, la patata, el Centeno-los tres cultivos*

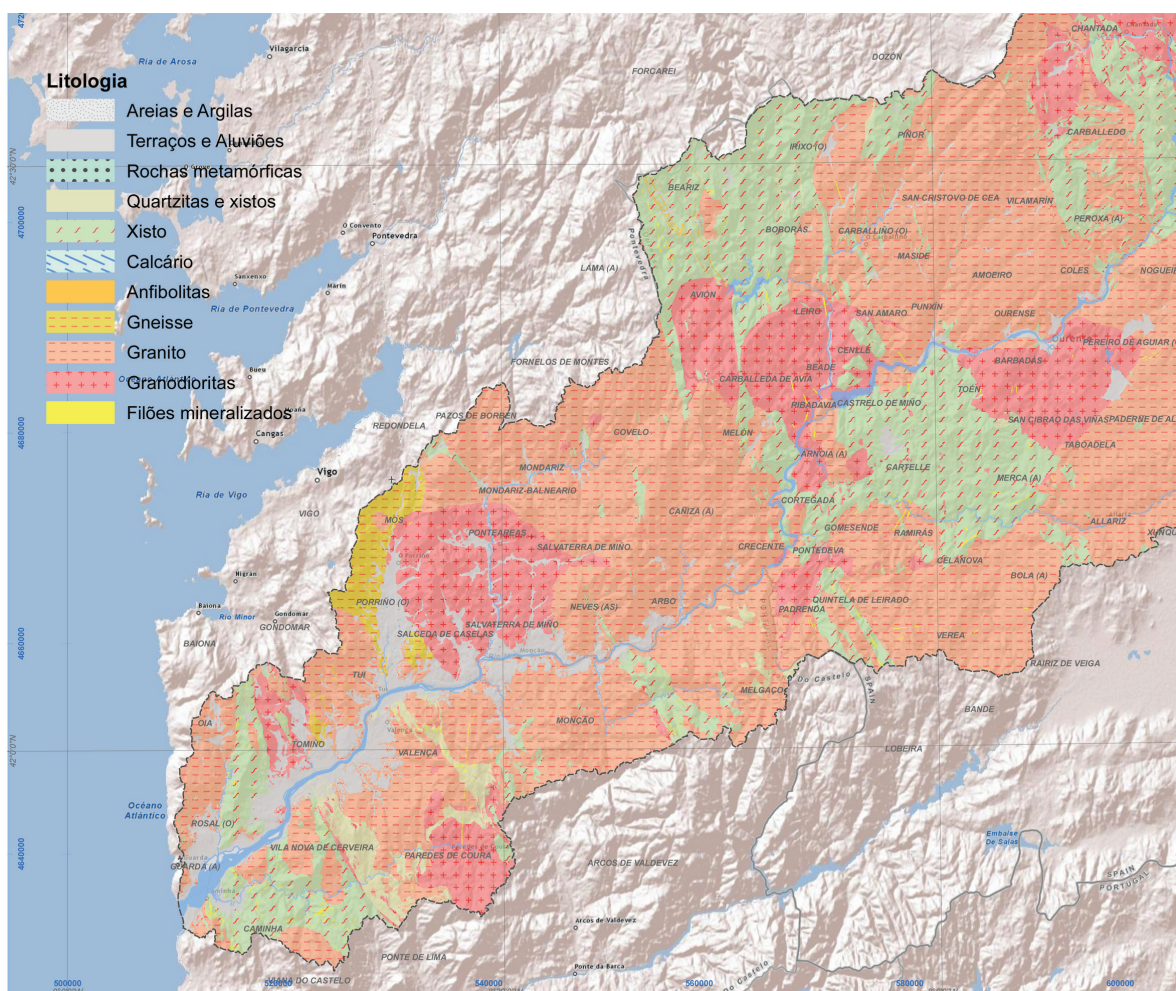


Fig. 5. Litologia da Bacia Hidrográfica do Rio Minho

principales en la arquitectura galega,-la vid, la alubia, los productos de regadío, los frutales, los castaños, el lúpulo y, por supuesto el heno y otros forrajes, constituyen, junto con la madera, los productos vegetales más importantes.” (Flores, 1973, p.358)

Num macro-nível poderemos identificar a cultura do milho-maíz, que dominou a produção agrícola da região referida nos últimos séculos³², que tanto no território de Viana do Castelo como no de Pontevedra foi responsável pela produção de uma série de modelos arquitectónico especificamente dedicados ao Ciclo do Pão. Embora a cultura do milho maíz ocupe realmente uma extensão bem maior que a área designada, prolongando-se numa enorme faixa costeira tanto no caso Português como no Espanhol, o que realmente caracteriza as semelhanças territoriais não é apenas a abundância deste cereal (de resistência considerável como a sua disseminação atesta), mas, são as condicionantes com que este terá de ser preparado até ao seu consumo. Entre estas condicionantes serão as especificidades climáticas que mais determinarão a caracterização regional dos modelos tipológicos de apoio a este cultura, interferindo em todas as fases do referido ciclo, desde o cultivo, colheita, armazenamento, transformação e cozedura. Será porventura a elevada humidade e pluviosidade da região analisada que determinarão as principais especificidades destes modelos quando conjugadas com os recursos materiais mais abundantes (Granito e madeira de Castanho e Carvalho). Tomando como exemplo o caso da seu

32) Como se expressa no capítulo “*Origem e difusão do milho (Zea mays)*” em Dias *et al.*, 1994, p.226-231

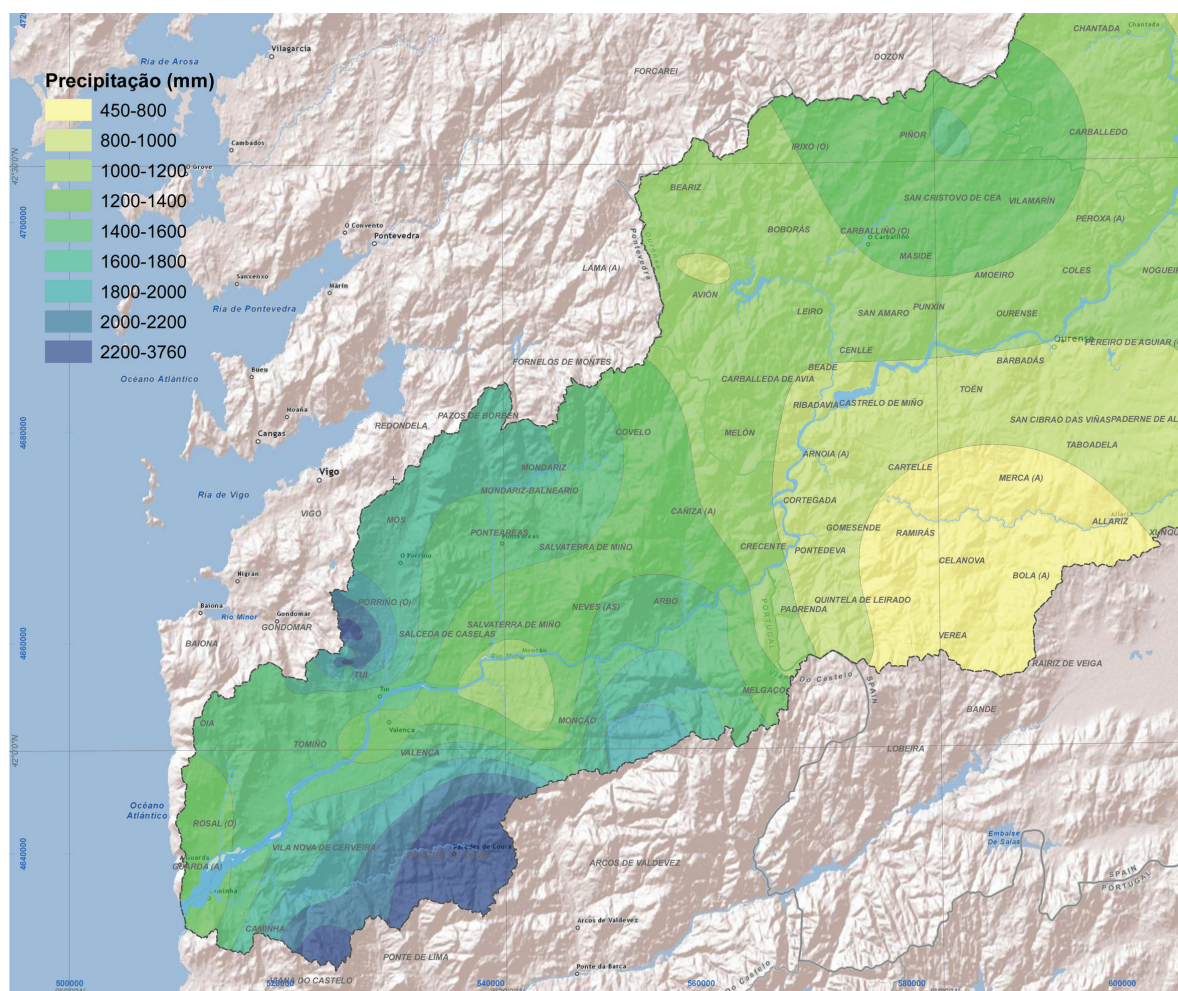


Fig. 6. Precipitação da Bacia Hidrográfica do Rio Minho

modelo tipológico mais característico, o espigueiro (relacionado com a fase de armazenagem), podemos começar a encontrar referências desta afinidade regional logo a partir daquela que é considerada a obra clássica fundamental sobre o assunto “Hórreos y Palafitos de la Península Ibérica”, de Frankowsky, em que determina uma caracterização homogênea para os exemplos de Galiza e Portugal. Segundo Jorge Dias (1994, p.193), autor já referenciado pela sua importância no estudo da Arquitetura Vernácula em Portugal, o Noroeste Peninsular, no que concerne o caso particular do Espigueiro, não pode nunca ser interpretado de forma isolada, pois constitui um território indivisível. Do seu livro ***Os Espigueiros Portugueses*** (elaborado conjuntamente com Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano) apresentam-se algumas das citações que confirmam de forma clara esta circunstância:

“É desses espigueiros, que se apresentam entre nós na região atlântica (como de resto na vizinha Galiza, que com ela forma, neste campo, uma área única)...” (Dias et al., 1994, p.36)

“A área peninsular do espigueiro, que abrange a Galiza e se define em Portugal a partir da fronteira do Noroeste...” (Idem, p.37)

“Os Espigueiros Portugueses – e, de modo idêntico, os Galegos – apresentam-se sob uma enorme variedade de formas, que agruparemos de entrada em duas espécies fundamentais, tendo em vista a diversidade radical da sua estrutura, forma e técnica de construção...” (Ibidem, p.38)

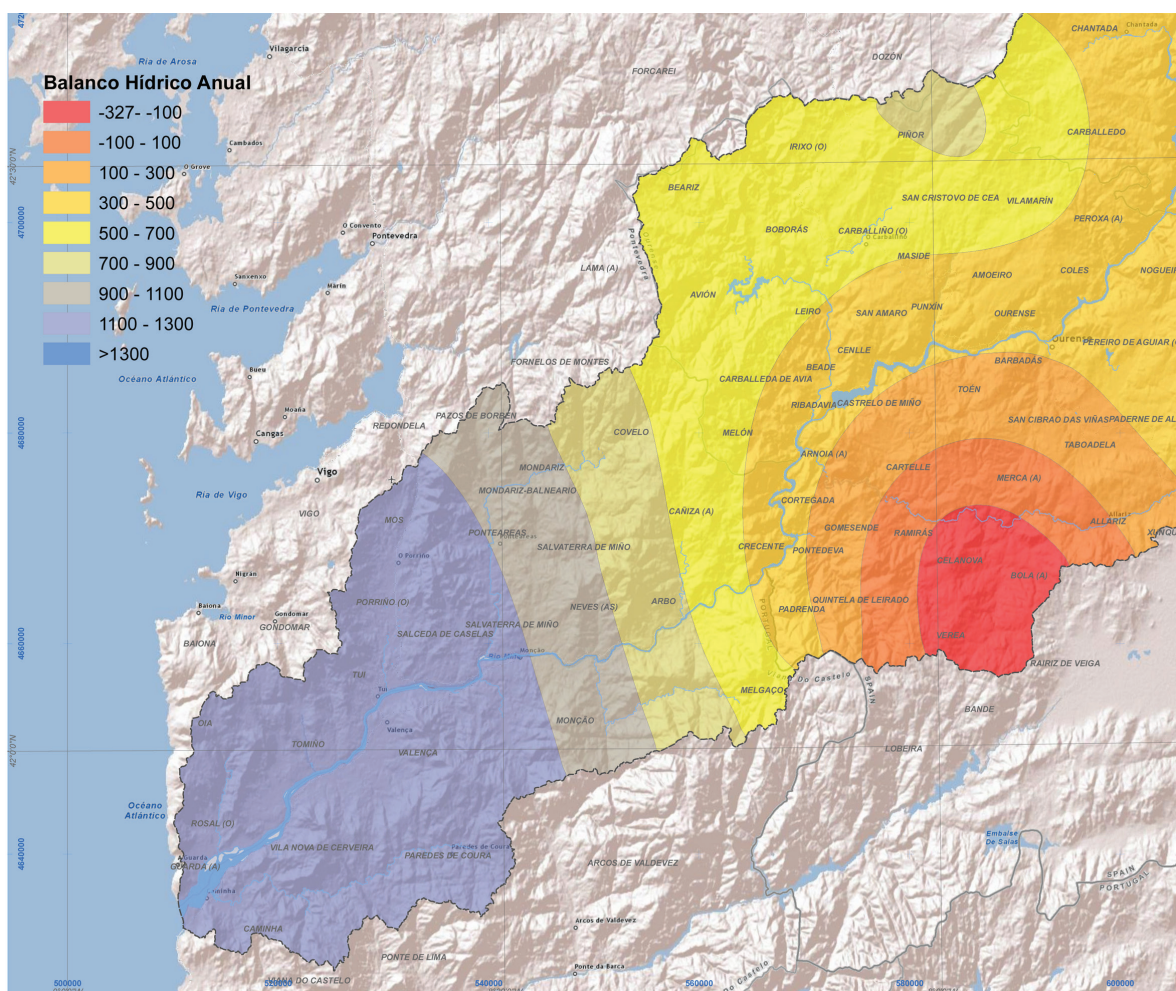


Fig. 7. Balanço Hídrico anual da Bacia Hidrográfica do Rio Minho

do seu património vernáculo. Apesar de enunciar algumas oscilações significativas, expressa que, no compito geral, é esta circunstância aliada à humidade dos solos que mais influenciará o desenvolvimento dos seus modelos tipológicos. Se a sua consideração é direccionada sobretudo ao modo como os edifícios tiveram de se defender deste agente agressivo, utilizando soluções avessas à permeabilidade, sobretudo numa área fustigada pelos ventos atlânticos, o facto é que esta evidência climática também originou soluções da sua potenciação enquanto recurso. As Canles, Levadas e Moinhos de água de montanha, (cujo mecanismo pode variar entre engenhos de Rodete, Rodízio ou Azenha) são exemplos paradigmáticos desta conjuntura que, de facto, apresentam no noroeste da Península Ibérica uma das suas expressões mais homogêneas e significativas³³. Apesar dos moinhos (de montanha) apresentarem uma ampla variação de formas e soluções, é bastante interessante constatar que na sua generalidade se encontram dos dois lados da fronteira, ainda que alguns territórios apresentam um maior numero de variações tipológicas específicas isto não significa que detenham a sua exclusividade. A sua semelhança tanto em termos de engenho como de morfologia espacial é notável, existindo inclusivamente casos onde as diferenças formais são apenas de ordem dimensional e mesmo assim apresentam diferenciações mínimas.

Um dos paralelos mais interessantes são os casos dos núcleos de moinhos da Gávea (município

33) Ver descrição relativa à área Noroeste da Península Ibérica em Dias *et al.*, 1983.

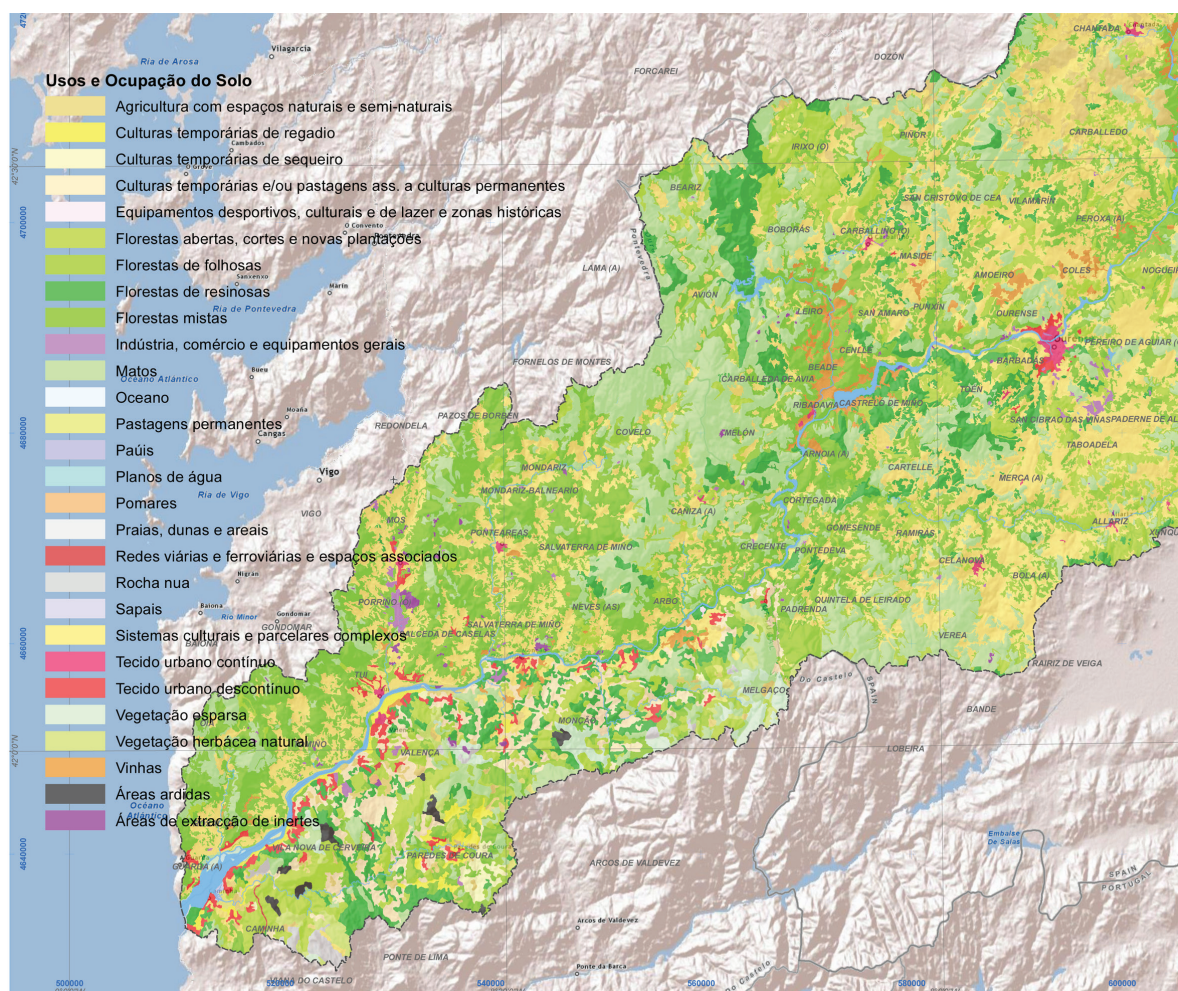


Fig. 9. Usos e Ocupação do Solo da Bacia Hidrográfica do Rio Minho

de Vila Nova de Cerveira) e dos moinhos do Folón (município do Rosal). Constituídos por unidades modulares com engenho de rodízio, e sistema propulsor de cubo, são dispostos sequencialmente ao longo de inclinadas ladeiras. Incrustados nos taludes do próprio terreno, operam simultaneamente como muro de contenção de terras e represas do regato que lhes serve de abastecimento, que é regularizado e direccionado por um intrincado sistema de canles, sobre o qual assenta todo o núcleo, que reaproveita sempre o caudal do engenho anterior e o encaminha para o próximo. Também construtivamente são homogéneos, empregando alvenarias ordinárias de granito, de aparelhos bastante irregulares, carpintarias em madeira de castanho, carvalho e choupo e com coberturas de uma água, revestidas a telha de canudo. Enquadram-se na paisagem sobrepondo-se à linha de talvegue da encosta, conformando-se como um conjunto linear de escalões sequenciais ligeiramente desfasados. Mas, se os exemplos superiores podem parecer pouco rigorosos do ponto de vista científico, devido à sua extrema simplicidade, a justificação teórica para a interpretação conjunta do Noroeste Peninsular pode recair numa das mais conceituadas fontes documentais do tema: - No “Atlas of Vernacular Architecture of the World”, (publicado em 2007 como complemento ao exaustivo estudo que lhe deu origem a “Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World”³⁴) Vellinga, Oliver e Bridge, dentro das categorias expostas apresentam 12 mapas com menções directas à caracterização da *região* analisada (Vellinga *et al.*, 2007)³⁵ e em nenhuma delas o Noroeste Peninsular apresenta qualquer fragmentação, o que já não acontece em relação à restante porção dos seus territórios nacionais (frequentemente separados), o que demonstra bem a unidade territorial do Norte de Portugal-Galiza enquanto depositário do património arquitectónico vernáculo. Obviamente que esta perspectiva assenta numa escala global e por isso mesmo repercute uma leitura genérica, onde cabem inúmeras divergências episódicas que terão de ser contextualizadas, neste nível, como excepções razoáveis.

De referir ainda que os autores estabelecem as comparações geográficas em duas componentes: as relativas aos Contextos (onde o Noroeste Peninsular partilha todas as semelhanças excepto as relativas aos índices populacionais) e as relativas aos Aspectos Culturais e Materiais, que se subdividem em 6 categorizações (Materiais e Recursos; Sistemas Estruturais e Tecnologias; Formas, Plantas e Tipos; Serviços e Funções; Simbolismo e Decoração; e Desenvolvimento e sustentabilidade) sendo que os paralelismos mencionados, directamente relacionados ao património material, enquadram-se nas 4 primeiras categorizações da segunda componente. De todas as menções efectuadas ao conjunto do património vernáculo das duas nações e à pertinência do seu estudo integrado, especial referência deve ser ainda efectuada a Bernard Rudofsky, na medida da sua inclusão no catálogo da célebre exposição **Architecture Without Architects**, de 1964 a 1965, no M.O.M.A de Nova Iorque:

“Cultural ties between northern Portugal and the rest of the country have never been as strong as with the neighboring Spanish province of Galicia. Not surprisingly, horreos (...) have their perfect counterpart in the Portuguese espigueiros.” (Rudofsky, 1990, p.75)³⁶

A partir desta afirmação Rudofsky não só apresentava ao mundo a qualidade do espólio Vernáculo da área transfronteiriça, como a designava de forma unitária, mesmo até em detrimento da comparação com o restante território nacional luso.

34) Publicado em 1997 pelos mesmos autores, é considerado por Amos Rapoport como a charneira simbólica da maturação científica da Arquitectura Vernácula (Rapoport, 2010).

35) Associadas a tipologias genéricas ou específicas do espólio vernáculo (Vellinga *et al.*, 2007, p.36, 48, 56, 57, 58, 64, 72, 84, 86, 90, 92, 94 e 96).

36) tradução: “Os laços culturais entre o norte de Portugal e o resto do país nunca foram tão fortes como os existentes entre a vizinha província de Espanha, Galiza. Não surpreende que os horreos tenham a sua metade perfeita nos espigueiros Portugueses.”

– Modelos tipológicos: Ensaio de um Estrutura análoga

Antes de passar a enumerar as Características Morfologias Invariantes, será de extrema utilidade proceder a uma prévia descrição dos modelos tipológicos do universo vernáculo da região analisada, de modo a identificar, reconhecer e interpretar melhor o seu enquadramento.

Tendo como base a classificação estabilizada nos instrumentos documentais de referência, já mencionados no Estado da Arte, serão designados de forma esquemática os seus grupos tipológicos consentâneos, acompanhados por uma síntese da sua descrição funcional e morfológica;

Poderá aclarar-se que esta base classificativa é essencialmente instituída em Portugal por Jorge Dias e companhia, através dos trabalhos desenvolvidos pelo *Centro de Estudos Etnográficos*, e confirmada pela observação do sistema de classificação análogo utilizado por Xaquín Lorenzo e consequentemente por Pedro Ilano Cabado e Manuel Caamaño Suarez (coadjuvadas pelo hiato temporal de, respectivamente, 20 e 30 anos), nas publicações referenciadas no capítulo dedicado ao Estado da Arte.

Poderá argumentar-se, naturalmente, a existência de tipologias divergentes, dada a especificidade da natureza vernácula. Ainda mais se atendermos ao carácter heterogéneo desta categoria construtiva. Todavia, o que interessa analisar são sobretudo os *denominadores comuns*, que, consensuais, pré formam os grandes grupos e não subgrupos especializados (não deixando contudo de realizar menção às assimetrias mais evidentes). A lista exposta de seguida, apresenta uma proposta de esquema genérico que estrutura o espólio vernáculo mais significativo do Noroeste Peninsular.

Salienta-se que o presente capítulo não pretende reclamar qualquer alternativa de catalogação e caracterização das tipologias de Arquitectura Vernácula mencionadas, como já observarmos, este ambicioso objectivo já dispõe de bibliografia adequada, realizada de acordo com os meios e métodos apropriados, e inclusivamente em épocas mais convenientes (durante o intervalo da pesquisa verificou-se que muitos dos casos de estudo seleccionados para análise *in loco* foram destruídos ou irremediavelmente degradados). Todavia, a abordagem proposta pressupõe, naturalmente, uma pesquisa extensa e um conhecimento razoável do universo morfológico da Arquitectura Vernácula da região analisada, motivada naturalmente pelas afinidades geográficas e culturais tratadas no ponto anterior, embora complexificada pela distinta origem das suas fontes documentais, assim como pelas constantes derivações terminológicas existente a nível local.

“A certain minimum amount of data is necessary in order to begin the development of concepts, principles, generalizations, mechanisms and so on. Too much data, however can become counterproductive, making integrated work and conceptual and theoretical development difficult.” (Rapoport, 2010, p.179)

A primeira distinção tipológica estabelece a distinção entre a construção basilar destinada a servir as necessidades essenciais de abrigo e acolhimento do ser humano - o grupo Habitacional; e as estruturas destinados a servir de apoio às suas actividades de subsistência – o grupo dos Equipamentos Rurais ou Construcción Adxectivas (na terminologia Galega).

Temos assim os dois primeiros grupos divergentes: a Habitação (formado através do desenvolvimento de um núcleo base composto pela Cozinha e pela Alcova (ou Alcovas) e que pode apresentar-se autónoma ou com dependências de apoio) e o Equipamento Rural (Destinado a servir as actividades domésticas, agrícolas, pecuárias ou de transformação de matérias primas).

O diagrama de sistematização, esboçado na fase de trabalhos tutelados, e aqui aplicado, é fruto de

um extensa pesquisa documental, realizada em paralelo com Levantamentos de campo originais, cujo processo teve início ainda antes do programa de Doutoramento (e muito provavelmente continuará a decorrer após os seu termo), em Setembro de 2007 (enquadrado num Projecto de Investigação Nacional Português), no qual se referenciaram cerca de 500 exemplares de tipologias de Arquitectura Vernácula localizados ao longo do território Português do Rio Minho. Durante cerca de 5 anos esta pesquisa tem sido continuamente desenvolvida (completando a descrição gráfica dos casos melhor preservados), a partir de 2009 impulsionado pelo presente programa de doutoramento procedeu-se ao levantamento específico da realidade galega. Sendo que pela conhecimento adquirido na pesquisa formal anterior optou-se por uma selecção mais criteriosa e profunda dos casos de estudo, pelo que a amostragem é significativamente mais reduzida, mas, representa ainda assim uma base documental mais completa e detalhada.

A estrutura desenvolve-se hierarquicamente desde o núcleo habitacional, a partir do qual se vão enumerando os equipamentos rurais, correspondendo a progressão numérica ao incremento da sua autonomia para com a casa labrega.

Desta forma as Actividades Básicas – tidas frequentemente como um apoio doméstico directo representam o primeiro nível do equipamento Rural; enquanto que os sistemas de transformação que, em parte significativa dos casos, surge até isolado do núcleo habitacional rural, sobretudo aqueles inseridos em economias um pouco mais elaboradas, surgem assim no penúltimo nível desta estrutura.

Finalmente, é ainda integrado um último modelo tipológico que deverá ser mencionado pela sua importância e exclusividade etnográfica: as Pesqueiras, destinadas exclusivamente à apanha da Lampreia e do Sável, e que constituem aliás o único modelo tipológico de execução concertada entre Portugueses e Galegos.

1. Habitação:

Classificação morfológica

1.1 Um Piso

- 1.1.1 Isoladas
c/ dependências de apoio (ver Equipamento Rural)
s/ dependências de apoio
- 1.1.2 Agregadas
c/ dependências de apoio (ver Equipamento Rural)
s/ dependências de apoio

1.2 Dois Pisos

- 1.2.1 Isoladas
c/ dependências de apoio (ver Equipamento Rural)
s/ dependências de apoio
- 1.2.2 Agregadas
c/ dependências de apoio (ver Equipamento Rural)
s/ dependências de apoio

Categorização por período de ocupação:

1.3 Permanente

1.4 *Sazonal*

1.4.1 Abrigos de Pastor

1.4.2 Cabanas de Pescador

2. **Equipamento Rural:**

Classificação morfológica e funcional

2.1 *Actividades Básicas – geralmente articuladas com a Habitação*

2.1.1 Forno

2.1.2 Adega

2.1.3 Lagar

2.1.4 Fonte e Levadas (Abastecimento)
(Comunitário / Individual)

2.2 *Actividades Agrícolas*

2.2.1 Alpendre

2.2.2 Eira

2.2.3 Sequeiro (singularidade Portuguesa divergente do sequeiro galego de castanhas)

2.2.4 Espigueiro

2.2.5 Levadas e Represas (Regadio)
(Comunitário / Individual)

2.3 *Actividades Pecuárias*

2.3.1 Cortes

2.3.2 Curral

2.3.3 Palheiro

2.3.4 Bebedouro
(Comunitário / Individual)

2.4 *Sistemas de Transformação:*

2.4.1 Classificação por fonte energética e tipologia de engenho:

2.4.1.1 Moinhos de Água
(Comunitário / Individual)

2.4.1.1.1 Roda Horizontal

- 2.4.1.1.1 Rodete
 - 2.4.1.1.2 Rodízio
 - 2.4.1.1.2 Roda Vertical: Azenhas
 - 2.4.1.1.2.1 Propulsão inferior
 - 2.4.1.1.2.2 Propulsão superior
- 2.4.1.2 Moinhos de Vento (Raros na região analisada) (Comunitário / Individual)
 - 2.4.1.2.1 Vela Fixa
 - 2.4.1.2.2 Vela Móvel
- 2.4.2 Classificação por transformação de matéria-prima:
 - 2.4.2.1 Farinha
 - 2.4.2.2 Azeite
 - 2.4.2.3 Linho
 - 2.4.2.4 Serração de Madeira
 - 2.4.2.5 Fundição de Ferro

2.5 *Sistemas de apoio às actividades Piscatórias Fluviais*

- 2.5.1 Pesqueiras (Comunitário / Individual)
 - 2.5.1.1 Cabaceira
 - 2.5.1.2 Botirão
 - 2.5.1.3 Mistas

O Equipamento Rural surge naturalmente da necessidade que implica a relação do homem com a natureza. Se a habitação serve, logicamente, para o abrigo ou pernoita dos humanos o equipamento rural serve exclusivamente para resolver os problemas da principal actividade de subsistência, a agricultura tradicional. Completando assim o ciclo do modo de vida rural como unidade de produção e de consumo familiar, da economia galega e minhota, que se gera em redor da habitação labrega (Caamaño Suarez, 2003, p.257).

Podendo integrar um conjunto unitário com a casa, ou anexa a esta, são funcionalmente autónomas, sendo que sempre que a sua dimensão, especificidade ou distância de recursos o determine são construídas isoladamente. Surgem, invariavelmente, para apoiar o trabalho do campo (e/ou da faina) ou a conservação de alimentos. Uma vez definida a estrutura geral para a classificação dos modelos tipológicos, será importante considerar a síntese base da sua caracterização formal, de forma a compreender melhor as suas implicações morfológicas:

Habitação

Salvo situações muito específicas de construção primitiva e de escassos recursos, como os Abrigos de Pastor de planta circular, localizados em condições extremamente adversas nos contextos serranos (Pallozas na Galiza e Gardenhas no Minho), estas edificações apresentavam uma forma paralelepípedica maciça, com alçados simples e poucas aberturas, formalizada normalmente em planta aproximadamente rectangular, incorporando as irregularidades decorrentes da adaptação a preexistências, cotas inconstantes, linhas de água ou deformações cadastrais;

Variantes:

a) Habitação de um Piso:

Representa a tipologia mais simples, e a mais rara no contexto estudado, definida apenas por um piso térreo, geralmente com as dependências de apoio agrícolas um pouco mais afastadas. Apresentando contudo a base compositiva da unidade habitacional a partir da qual se irão desenvolver as habitações mais elaboradas: Cozinha com forno e lar, sala com janelas, e uma ou mais alcovas;

b) Habitação de dois Pisos:

Apesar de ser a Tipologia mais complexa, é sem duvida a mais presente na *região analisada*, com sobreposição paralela de níveis utilizáveis, compreende a função habitacional no segundo piso, destinando-se o piso inferior a funções de subsistência, geralmente destinada às cortes e a outras unidades básicas de apoio à actividade agrícola. Apresentando-se como desenvolvimento lógico da sua congénere de um piso, a sua origem no Noroeste Peninsular, está vinculada, pelo menos, ao período da Romanização do Território (Llano Cabado, 1996, p.52-54). A sua antiga, quase precoce, origem no nosso território justifica-se pelas características geológicas e topográficas específicas, assim como pela crescente importância da domesticação dos animais na subsistência do habitante rural. De entre os vários factores que capacitaram a sua evolução, cabe destacar os seguintes:

- a) A abundância de pedra, de natureza granítica (e xistosa, em áreas mais circunscritas), extractiva e compacta, que possibilitaram o desenvolvimento de cachotarías (alvenarias, pt), silharia e cantaria de qualidade suficiente para a execução de muros estruturais de altura significativa.
- b) O número de afloramentos rochosos graníticos que pontuam a paisagem, de dimensão reduzida e de grande resistência mecânica, que possibilita uma adaptação quase directa enquanto muro ou maciço para o lar, em detrimento da necessidade da sua construção, de raiz, em alvenaria.
- c) O relevo acidentado e acentuado do território, que, exceptuando a regularidade das zonas dos largos vales, não apresenta áreas de dimensões suficientes para a implantação de edificações com piso nivelado.
- d) O rigor climático da região que potenciava a utilização da massa do terreno enquanto isolante, barreira de protecção dos ventos dominantes e consolidação das suas fundações, para o enterramento parcial das construções.
- e) A humidade dos solos, nas áreas mais abundantes em recursos hídricos, que obrigava à elevação dos pavimentos mais susceptíveis de se degradar. Assim como o afastamento do solo dos espaços com maior presença humana, de forma a permitir a sua melhor ventilação.

- f) A utilização e concentração do calor dos animais para elevar a temperatura da vivenda e a necessidade salubre de elevar as actividades humanas.
- g) Assim, estes factores contribuíram para o desenvolvimento de uma construção de dois níveis sobrepostos, com paredes exteriores contínuas, com o piso inferior parcialmente enterrado, de que funcionalmente tira partido, ajustando-se deste modo ao relevo, respeitando-o, tirando partido da sua forma sem necessidade de o modificar. O que explica em parte a sua comunhão com a paisagem envolvente e a sua implantação de reduzido impacto, que surge com continuidade natural entre terreno e edificação. Tirando casos específicos e mais recentes, estes níveis apresentam sempre entradas distintas. Relembrando a pragmática optimização de recursos e meios estas entradas eram limitadas ao mínimo indispensável, normalmente uma por piso, por força da abertura dos vãos constituírem elementos de maior labor e de vulnerabilidade térmica na construção.

Prosseguimos então a descrição da tipologia Habitacional, de acordo com a sua variante de dois pisos, com a enumeração dos seus componentes fundamentais:

Caracterização dos espaços funcionais elementares:

O piso superior:

- *Cozinha (cociña, gal.)*

Dependência central da vida quotidiana, onde os habitantes cozinhavam, tomavam as refeições e se reuniam após o trabalho, sobretudo no Inverno, por se tratar do compartimento mais aquecido da habitação. Na ausência de chaminé a evasão do fumo do braseiro era realizada através do levantamento de algumas telhas. Nas habitações de piso térreo era frequente encontrar a lareira abaixo do nível do soalho sobre o piso de terra batida, formando assim um degrau aproveitado para banco;

- *Lareira*: Localizada por cima do lar, laje de granito situada a meio da parede suportada por base estrutural pétrea própria, era onde se preparava o fogo e onde se cozinhavam as refeições. Constituindo o cerne da casa rural tradicional;

- *Forno*: Nesta região específica, integra-se funcionalmente na cozinha, constituindo-se como complemento do Lar (com o qual partilha alguns elementos). Localiza-se geralmente num dos vértices internos das paredes de pedra da cozinha, adjacente ao lar para o qual se orientava a abertura, apresentando uma forma semicircular. Tinha como função principal a cozedura do pão de milho, que essencial para a subsistência para a população rural desta região, não poderia ser elaborado no Lar.

- *Sala*: Unidade com maior dimensão, apesar de ser pouco utilizada na vida quotidiana, destinava-se sobretudo às recepções formais e celebrações católicas solenes. Era também o compartimento com maior número de janelas, caracterizadas pela existência de blocos de pedra encastrados nas ombreiras, mais trabalhados ou não, de forma a funcionarem como bancos, denominados conversadeiras. Também era comum, em agregados mais abastados, apresentarem um forro de madeira acompanhando parcialmente as inclinações das águas. Era também o compartimento da habitação mais provido de mobiliário;

- *Quartos (alcovas, pt)*: Quarto de dormir, consistia na divisão menor da habitação, abarcando pouco mais que o espaço suficiente para a cama, normalmente era compartimentado por painéis de tabique que subdividiam o espaço interior e quase sempre consequente de um ajuste ou subaproveitamentos do espaço da sala ou do alpendre. Poderia em alguns casos excepcionais

apresentar revestimentos interiores em estuque ou painéis de madeira.

Piso inferior:

Aproveitado para funções complementares às actividades laborais de subsistência, albergava com maior incidência as tipologias das Adeegas, Palheiros ou Cortes (excepto em alguns contextos específicos, como por exemplo nos povoamentos piscatórios que os utilizavam para guardar embarcações e utensílios da faina, segundo a respectiva ordem hierárquica e, com alguma frequência, as duas em simultâneo.

Os elementos formais básicos:

- Cobertura (cuberta, *gal.*)
- Paredes (muros, *gal.*)
- Fundações (cimentos, *gal.*)
- Revestimentos
- Vãos (aberturas, *gal.*)
- Janelas (ventáns, *gal.*)



Fig. 10. Exemplo de habitação de 2 pisos, Caminha

- Portas
- Fendas (bufardas, *gal.*)
- Escadas (escaleiras, *gal.*)
- Degraus (chanzos, *gal.*)
- Patim ou patamar (patín ou patamal, *gal.*)
- Varanda ou galeria (corredor, *gal.*)
- Alpendre (solaina, *gal.*)

Habitações Sazonais:

Tal como o se observa no diagrama de classificação tipológica existe uma variante que identifica edificações que são apenas habitadas durante períodos específicos do ano. Esta classificação destina-se a um tipo de edificação existente nas regiões mais serranas, utilizadas por populações dependentes quase integralmente da actividade de pastorícia e que tinham na transumância uma solução incondicional para a sua sobrevivência. (Llano Cabado, 1996, p. 107) A sua denominação genérica estabelece-as simplesmente como Abrigos de pastor, mas, as suas denominação locais são bastante específicas.

Os Abrigos de Pastor são Construções primitivas, algumas com reminiscências tecnológicas castrejas, geralmente de plantas circulares, localizadas junto das zonas altas de pastagem, as brandas(pt) ou brañas (gal), longe dos aglomerados habitacionais, utilizadas nos meses mais quentes do ano, entre a Primavera e o Verão.

Apresentam dimensões muito reduzidas e não tem qualquer dependência de apoio, dispondo apenas do espaço suficiente para abrigar os Pastores aquando da sua subida às serras com o gado. Aglomeram-se em grupos, em chãs abrigadas ou encostados à serra, de modo a protegerem-se dos ventos dominantes.

São construídos em alvenaria ordinária de pedra seca, utilizando o tipo de pedra predominante no local, geralmente o granito, e por vezes o xisto, dispondo apenas de uma única entrada, com fenestração diminutas ou inexistentes, e sem qualquer compartimentação interior. Logicamente detinham a pedra do Lar e em alguns casos encontram-se nichos subtraídos das paredes na sua proximidade.

Por vezes procedia-se ao preenchimento das fendas intersticiais da alvenaria com terra, pelo lado exterior, dando origem ao desenvolvimento de uma vegetação superficial que funcionaria como impermeabilização e calafetagem; As cobertura poderiam ser cónicas se utilizassem revestimento de colmo ou em falsa cúpula se adaptassem também a pedra como material de execução.

Apesar de carismáticos estes exemplos representam soluções de casos extremos, de carácter isolado e pontual em comparação com o restante espólio habitacional. Localizam-se na parte serrana mais oriental da Galiza e do Minho, justo na fronteira com outras regiões administrativas nacionais (com as quais as suas afinidades se estendem), não integrando portanto a circunscrição da *região analisada*, localizada em área de menor altitude e de grande influência fluvial e marítima, pelo que a sua influência morfológica não se traduz de forma significativa como as restantes. Não serão obviamente contempladas na Caracterização Morfológica do capítulo seguinte. O mesmo argumento se aplica naturalmente à *palloza* que pela sua singularidade apresenta uma

das maiores assimetrias no espólio das duas nações.

Com menor expressão na área analisada, as cabanas de pescador, de ocupação sazonal, são pequenas estruturas de apoio à faina pesqueira, apenas executadas quando não existia possibilidade (pela distância ou dimensão) das habitações do agregado familiar incorporarem estas valências. São estruturas geralmente associadas a um carácter mais efémero, seja pelo material empregue seja pela volatilidade dos locais de implantação costeiros, sujeitos às circunstâncias das marés e/ou dos areais. Poderiam albergar somente os utensílios de pesca, ou destinar-se à manutenção das redes e das embarcações de menor dimensão, assim como permitir a permanência do próprio pescador nos meses de mar mais ameno e de maior abundância de pescado. Localizavam-se geralmente em situações de limite de segurança costeiro, entre a comodidade de um trajecto reduzido à área de navegação, e o risco de degradação, provocado pela possibilidade de subida das águas. Poderiam estar elevadas sobre estruturas de palafitas (nas situações de águas mais constantes) ou assentar directamente em afloramentos rochosos (nas zonas de menor areal). Esta variante habitacional correspondia quase sempre a uma dupla actividade por parte do seu utilizador que, nos meses de mar mais agrestes, retornava ao labor agrícola como complemento de subsistência.



Fig. 11. Exemplo de Abrigo Sazonal de Pastor, Monção

Equipamento Rural:

Actividades Básicas – geralmente articuladas com a Habitação

Forno

Apesar da tipologia habitacional contemplar como um dos seus principais componentes, o forno, não raras vezes, pode surgir na arquitectura vernácula como um elemento autónomo e distintamente caracterizado. Sobretudo nas zonas de cereal de sequeiro, nomeadamente nas áreas tradicionais de pão de trigo e centeio (Viana, 1999); tinha como função a cozedura do pão, fundamental para o regime alimentar da população; No território mais serrano, sobretudo no mais interior (Oriental), apresenta uma maior autonomia da habitação, podendo variar de uma simples construção adjacente a uma totalmente independente: assumindo geralmente nesta ocasião uma actividade comunitária. Esta autonomia é geralmente proporcional à dimensão do forno e ao isolamento do povoado onde se insere.

Variantes:

a) Forno Individual para Broa de Milho:

No caso particular da região analisada, tendo em conta que o pão elaborado era praticamente à base de milho (nas regiões mais orientais utilizavam sobretudo o trigo e o centeio), o forno é integrado na própria habitação, de tal forma que não apresenta divergências formais com a volumetria da habitação, e, como se refere no ponto anterior, é executada como uma componente funcional da própria cozinha.

b) Forno Comunitário para Pão de centeio:

O carácter menos duradouro do pão de farinha de centeio determina a necessidade da utilização mais frequente dos fornos, em comparação com o pão de milho.

Sendo o trabalho de preparação e aquecimento do forno a lenha uma tarefa impossível quotidianamente, as populações das áreas de cultivo de centeio encontraram uma solução rentável na elaboração e exploração de fornos comunitários.

Geralmente estes fornos encontram-se inseridos dentro dos aglomerados habitacionais, tendo por norma cada aldeia pelo menos um forno de construção e uso comunitário.

Os fornos apresentam uma morfologia bastante simples, com apenas um piso de planta rectangular e com uma entrada apenas, construídos em alvenaria de pedra seca sem revestimentos.

As suas coberturas eram de duas águas, executadas com lajes de granito sobrepostas em “escada” onde uma fiada menor era justaposta de forma a matar as juntas das camadas inferiores, apresentando no seu conjunto uma cadência regular. Em alguns casos menos originais e mais recentes esta cobertura poderia ser também executada com telha cerâmica;

Elementos Formais básicos:

- Suporte da Cobertura:

Como forma mais comum de sistema de sustentação das águas encontram-se geralmente três tipos de suporte de cobertura:

- Arcos de volta perfeita: Sistema de suporte constituído por arcos de volta inteira

executados em blocos de granito, descarregando os esforços nas suas colunas adjacentes ao lado interior das alvenarias das paredes longitudinais;

- Tesouras de granito: Sistema de suporte constituído por três peças de granito de grande dimensões e forma paralelepípedica, semelhante a vigas, dispostas em triângulo, que assentam os vértices da sua base sobre as alvenarias longitudinais;

- Asnas de madeira: Sistema de madeiramento, semelhante ao utilizado nas habitações, associado sobretudo às coberturas de telha cerâmica, menos utilizado devido à sua exposição a altas temperaturas;

- Bancas e bancos:

Finas lajes de granito aparelhadas, encastradas ao longo das paredes de alvenaria, cuja consola funcionava como bancada de trabalho para a preparação da massa e para assento dos seus utentes.

- Pouso para a lenha:

Pequeno nicho interior, normalmente por baixo da fornalha, onde se armazenava os cepos de lenha cortados prontos para a forno e se assegurava a sua conveniente secagem;

- Forno, fornalha:



Fig. 12. Exemplo de forno articulado com habitação, Braga

Localizado na extremidade oposta à entrada, apresentava geralmente uma superfície saliente e arredondada onde se localizava a boca.

Adega:

Dependência de apoio à actividade doméstica destinada a receber e resguardar os contentores e recipientes de vinho (túneis, barris, pipas) e seus derivados. Normalmente aproveitam as partes soterradas da construção em que se inserem de modo a tirar o melhor partido do isolamento térmico da terra e preservar o vinho de modo mais conveniente.

Têm acesso tanto pelo interior da habitação como pelo exterior tendo este vão maiores dimensões de modo a facilitar a passagem dos barris.

Apresentam pisos de terra batida e paredes espessas de alvenaria de pedra ordinária, com escassas brechas para ventilação.

Podem encontrar-se anexadas à habitação ou em piso inferior, sendo que as de menor dimensão revelam explorações exclusivas para o auto consumo do proprietário.

Variantes:

a) Adegas apenas de armazenagem:

Algumas adegas destinam-se apenas a armazenarem os recipientes do vinho em fermentação ou em repouso, normalmente sobre cepos e barrotes de madeira, não dispondo de quaisquer equipamentos no seu interior para a sua produção;

b) Adegas com lagar incorporado:

Com alguma frequência os mecanismos de produção do vinho encontram-se incorporados dentro do compartimento de armazenamento ou anexados a ele.

Lagar:

Pode encontrar-se dentro ou fora da adega mas sempre perto desta.

É constituído por uma bacia ou depósito de pedra, elevado do chão cerca de 50cm, dispondo de um orifício em forma de bica ou boca talhada em cantaria na sua parte lateral.

Sobre este depósito dispõem-se uma trave de madeira, que está articulada a um eixo encastrado numa abertura da alvenaria de pedra adjacente ao depósito, que permite o seu movimento ascendente e descendente sobre este. Na extremidade oposta é perfurada uma rosca fêmea onde se enrosca o fuso, um espigão em forma de rosca macho, que dispõem de uma cruzeta, e se encontra preso a um bloco de pedra denominado pé. É este mecanismo de forte contrapeso, que através da regulação manual realizada pela acção da cruzeta, permite obrigar a pressão da viga sobre as tábuas que espremem o mosto das uvas e extraem o seu líquido.

Actividades Pecuárias:

Cortes:

Construções de interior amplo destinadas ao abrigo de animais, podendo ter uma forma edificada independente, de um único piso, ou de conjunto com a tipologia habitacional, quando tal acontece o edifício apresenta vulgarmente dois pisos sendo que as cortes constituem sempre o piso térreo inferior. Podiam ainda ser subdivididos com pequenos compartimentos denominadas cortelhos.

Quando constituídas de forma independente normalmente apresentam planta rectangular e uma cobertura de duas águas originalmente de colmo ou de lajes de pedra que progressivamente foi sendo substituída por telhas de canudo.

Geralmente eram construídas em alvenaria de Pedra seca, alvenaria insossa, ou argamassada, sendo que no último caso era necessário a execução de pequenas fendas (*bufandas, gal*) de modo a permitir a ventilação do espaço.

O piso era executado em terra batida para permitir uma melhor drenagem das águas infiltradas e dos líquidos residuais dos animais. Este piso era ligeiramente rebaixado em relação à cota de soleira de forma a ser convenientemente preenchido pela cama;

Elementos:



Fig. 13. Exemplo de Adega com Lagar, Monção

- A Cama: Camada de feno, tojo ou mato aplicada directamente sobre o piso de terra batida, rebaixado em relação à cota de soleira, que misturada com carqueja, giesta e com os excrementos dos animais era reutilizada como fertilizante para os campos.

- Cortelhos: Em alguns casos para espaços idênticos aos das cortes mas de dimensões mais exíguas, ou mesmo para uma subdivisão interior da corte, destinada exclusivamente para vitelos ou para leitões que deveriam ser impedidos de mamar, dava-se também o nome de cortelhos tal como no caso seguinte de abrigos de Pastor;

Actividades Agrícolas

Alpendre/ Coberto:

Anexo coberto com a função de proteger e resguardar rapidamente os cereais e as alfaías da eventualidade de ocorrerem chuvas ocasionais, tem a particularidade de não apresentar qualquer especificidade no produto ou material a armazenar nem de depender da presença de uma Eira, mas caso esta exista, encontra-se geralmente na sua proximidades e articulado com esta de forma a possibilitar uma recolha expedita dos cereais ou frutos.

Variantes:

a) Coberto simples:

Cobertura geralmente de duas águas, constituída por madeiramento com asnas simples e restantes elementos em tosco, revestido com telha e suportado pontualmente por barrotes de madeira ou pilaretes (esteios) de granito;

b) Coberto com panos de pedra

É usual em alguns casos aproveitarem-se muros de alvenaria de pedra ordinária, geralmente em junta seca, como base estrutural de apoio para a cobertura, sobretudo se um dos lados da construção se encontrar abaixo da cota do terreno. De salientar que as paredes de alvenaria nunca encerram a totalidade do perímetro coberto;

c) Coberto com panos de pedra e tabuado

Muito comum também é o recurso a tabuados de madeira para vedar o perímetro da cobertura de uma forma económica e prática, apresentando sempre os vãos a descoberto sem nenhum sistema de obturação dos mesmos;

d) Coberto adaptado a palheiro

Muitas vezes observa-se a construção posterior de um nível superior de madeira, a barra, aproveitando o madeiramento da cobertura, quando esta tem qualidade estrutural suficiente e o envelope do edifício apresenta estanquidade satisfatória. Este piso superior serve para armazenar a palha afastada da humidade do chão, acumulando assim o alpendre também a função de palheiro;

Elementos Formais básicos:

- Estrutura

Preferencialmente em sistema adintelado podendo ser executado em cantaria, na fachada aberta, e de alvenaria granítica, nas fachadas cegas, quando a pedra abunda. Nos casos de recursos mais parcos pode ser inteiramente de madeira, utilizando um sistema adintelado, de menor vão, ou conjugando as paredes perimetrais com a asna da cobertura, quando a solução do telhado apresenta mais de uma água.

- Tabuado

Estrutura rudimentar de paramento vertical, destinada a proteger ainda mais o interior do alpendre dos ventos e das chuvas. Sistema de ripado vertical, fixo apenas ao frechal, com tábuas não aparelhadas, de grandes dimensões e de formatos irregulares, destinava-se a constituir um pano de resguardo de montagem rápida e de fácil desmantelamento caso fosse necessário introduzir um elemento de maiores dimensões do que o previsto dentro do abrigo coberto.

Eira:

Tal como referido, durante um longo período, o Noroeste Atlântico, teve no milho o seu principal cultivo, ao qual correspondem complexos agrícolas distintos, condicionados pela diversidade da sua natureza e, naturalmente, por factores sócio culturais concretos. O Milho, cujo ciclo agrário dominava (em certas áreas ainda se mantém) toda a paisagem local, é essencialmente um cereal de regadio, colhido em Espiga, e que requer secagem conveniente, em grão ou espiga, antes da sua armazenagem. Naturalmente as unidades agrícolas desta área compreendem portanto instalações adequadas para esta secagem, que constitui uma operação complexa e de múltiplos



Fig. 14. Exemplo de Alpendre semi-enterrado, Monção

aspectos: da qual fazem parte as eiras, alpendres, sequeiros, espigueiros e ainda outros locais a elas equiparados, relacionados muito directamente com o tipo arquitectónico da respectiva habitação – nomeadamente as varandas. Vemos, assim na área atlântica, a eira associada normalmente – e até em certos casos necessariamente – a um ou mais edifícios que, com dimensões, forma e nomes diferentes – alpendres, sequeiras, casas da eira, varandões, beirais, arribanas da eira, etc. e, complementarmente, canastros, caniços ou espigueiros – desempenham fundamentalmente as funções de alpendre de recolha, câmaras de secagem e armazenamento prévio ou definitivo, e espigueiros apenas de armazenamento definitivo de espigas, acentuando a relação que apontamos com a eira desta região com as condições peculiares do seu clima e cereal específico (Dias *et al.*, 1994, p.18-23).

A Eira, típica do Noroeste Peninsular, corresponde a um recinto próprio destinado, em primeiro lugar, à debulha³⁷ de cereais e de algumas leguminosas secas, sendo que na nossa área específica também servem os propósitos da sua secagem, atendendo às condições especiais do clima local.

Apresenta-se com configuração quadrangular, bem delimitada, usualmente irregular. Normalmente Individual, de dimensões reduzidas ou médias, em relação à sua casa de lavoura, junta da qual se situa. Pode ter uma guia ou pequeno muro, que em algumas vezes assume a expressão de uma banquetta, que a emoldura ou limita o seu perímetro, onde são abertos vãos para a entrada de carros ou para a sua limpeza.

São constituídas preferencialmente de pedra granítica, em pavimentos de lousas de cantarias, ou na apropriação, directa ou aplanada, de qualquer afloramento rochoso natural com dimensões exposição solar propícia (idem, p.22).

Sequeiro/ Sequeira:

Enquanto as restantes tipologias, como por exemplo o Espigueiro Luso apresenta uma grande afinidade de caracterização e classificação com o Hórreo Galego, sendo a sua estrutura elementar idêntica; Por outro lado o Sequeiro ou Sequeira português, característico do Minho, apresenta um modelo divergente (*Ibidem*, p.34-35). O Sequeiro português, tal como o Espigueiro, surge sempre associado à Eira, normalmente adjacente a uma das suas arestas e orientado a sul. O seu exemplo mais característico é o de construção isolada, podendo em alguns casos funcionar como anexo ou extensão da própria habitação. Apresenta portanto mais afinidades com o Alpendre Galego, do que com o seu homónimo galego, destinado ao armazenamento exclusivo da castanha, actividade de subsistência inexistente em Portugal. Bastante mais específico na sua funcionalidade e forma, podemos classificar o Sequeiro como uma variação singular do Alpendre, Galego ou Português, no território Minhoto, quando este se torna um apoio exclusivo à Eira, como resposta à inconstância do clima. Apesar da sua função capital ser a secagem, protegida, do grão de milho (ou da palha) ao sol, este nunca substitui o Espigueiro, sendo até muito usual a sua coexistência dentro do mesmo recinto ou como anexos à Eira.

Apresentam normalmente dimensões generosas, piso superior (destinado ao principal espaço de armazenamento), orientando a sul, para a Eira, uma fachada rasgada de portadas ou “empanadas” que permitem a entrada abundante do sol, com traseiras cegas de alvenaria de granito ou, em soluções mais modestas, com ripado. As espigas arrumam-se em fiadas horizontais, como na própria Eira. As suas funções são mais ecléticas, confundindo, conforme os casos, as da Eira, do alpendre e as do Espigueiro. O sequeiro constitui assim um local coberto e complementar de secagem prévia, quando a Eira não é utilizável e a arrumação definitiva das espigas no espigueiro não é possível (*Ibidem*, p.34).

37) *Debulha*: Operação agrícola que consiste em separar o grão da espiga, que ao longo do tempo alcançou conotações simbólicas à dimensão de ritual cultural.

Pelo que podemos entender assim a especificidade tipológica do Sequeiro como a cristalização de uma fase intermédia de desenvolvimento do Alpendre, que na sua metamorfose, derivada da necessidade de especialização do armazenamento do milho maiz, até culminará logicamente no Espigueiro, encontra no seu percurso uma derivação pontual que se torna válida por si só ao ponto de criar uma sub tipologia autónoma.

Elementos Formais:

Estrutura

Composta por muros estruturais que conformam o seu perímetro. Os topos e o alçado posterior são totalmente cerrados, executados em alvenaria aparelhada ou blocos de cantaria. A fachada principal, virada para sul, é composta por uma estrutura adintelada de pilares e vigas, de igual dimensão, executados em cantaria de granito. Suportam o sobrado do piso e o madeiramento da cobertura, pousados em vigas transversais e asnas simples, encastrados ou encachorrados nos lintéis da fachada e na parede tardo, funcionando como travamento da caixa granítica.

A estrutura adintelada, corresponde a todo o comprimento e altura da fachada principal, apresentando sempre uma geometria regular de vazados, com forma quadrangular. A união das suas peças pode ser directa a “matar junta” ou por intermédia de uma capitel rudimentar, no topo de cada coluna (Ordem dos Arquitectos, 2004, p.50-54).

Portadas ou Empanadas



Fig. 15. Exemplo de Sequeiro, Monção

Constituem os elementos mais caracterizadores desta tipologia, são grandes painéis de madeira, normalmente executados em ripado vertical, com ou sem fenestração. Cada uma corresponde exactamente a cada vazado da fachada adintelada. São executadas normalmente em peças únicas com abertura no sentido superior, fixas no lintel correspondente, podendo ser suspensas por cravelhos de madeira, o que possibilita o seu encerramento imediato em caso de necessidade. Podem ser deixadas ao natural, mas, o mais comum é serem pintadas de ocre vermelho, para ganharem maior resistência ao sol.

Espigueiro (*Hórreo, gal.*):

Sintacticamente podemos descrever este equipamento como instalações destinadas à recolha e armazenagem exclusiva e definitiva de espigas de milho grosso (milho maíz), e concebidos de maneira a preservarem-nas contra a humidade do ar e do solo e contra as arremetidas dos roedores e das aves. São construções compostas essencialmente por uma câmara estreita e arejada onde se guardam as espigas (**corpo**), com paredes de frestas, por onde circula o ar, erguida por uma base de pés ou muros (**assento**), que o isola do solo e impede o acesso dos roedores através de obstáculos horizontais (mós ou torna ratos) (Dias *et al.*, 1994 p.70-71).

Formalizam-se em pequenos edifícios originalmente de pedra ou madeira, ou de ambos os materiais simultaneamente, que recentemente tem vindo a ser substituído por tijolo e cimento, sempre de planta quadrangular, e com paredes rasgadas por fendas para arejamento do interior.

De todas as tipologias de Equipamento Rural, são as de maior simbolismo, intrinsecamente ligadas ao culto da fertilidade e da prosperidade da vida rural, reflectindo a importância do milho como principal cultura de subsistência do Noroeste peninsular. São as únicas a incorporar elementos ornamentais: como Relógios de sol, Crucifixos, Figuras e várias inscrições. Destacando-se naturalmente do despojamento estético dos restantes modelos de arquitectura popular e revelando a importância atribuída pelo aldeão.

Variantes:

a) Espigueiros Estreitos:

Sem dúvida a Tipologia mais abundante, trata-se da construção mais pragmática tendo em conta o desempenho da sua função, pode subdividir-se em mais cinco categorias:

Espigueiros Estreitos de paredes aprumadas (verticais):

- Espigueiros com o corpo inteiramente de Pedra

Os elementos característicos e originais deste tipo são as paredes de balaústres ou silhares de pedra, entre os quais se rasgam as fendas de ventilação que, conforme os casos, podem ser verticais ou horizontais; e, conjuntamente com eles, o seu telhado, em grandes lajes apoiadas peças interiores também de pedra – as cangas – cujas juntas se vedam com peças, também de pedra. Estes espigueiros podem apresentar formas muito elaboradas ou muito rudes de aspecto quase megalítico.

- Espigueiros com cápeas e guarda-ventos:

Neste Tipo, a característica principal, reside na peculiaridade do seu telhado. Cápeas e guarda-ventos são velhos processos de resguardo de coberturas de colmo, e mesmo telha, usados nas habitações, palheiros e cortes do Noroeste de Portugal com coberturas de duas águas mais ou menos estreitas. Trata-se de um sistema de protecção que persistiu nos espigueiros, apesar do seu progressivo desuso nas restantes construções, e está associado a um esqueleto de pedra,

pelo menos no que diz respeito às paredes de topo.

- Espigueiros com ripado de (madeira) e telhado águas inclinadas:

Este tipo engloba todos os espigueiros estreitos e de paredes aprumadas, de ripado de madeira disposto verticalmente. De entre as múltiplas formas destaca-se uma de características próprias: de espigueiros com lastro, esqueleto e cobertura inteiramente de pedra e apenas com ripado de madeira, com uma feição inconfundível de linhas sóbrias e proporcionadas, também denominado por Espigueiro Misto. Fig.15

- Espigueiros de ripas horizontais

O seu traço diferenciador é a disposição do ripado, implicando um grande número de prumos verticais, e muitas vezes elementos de escoramento às bases da câmara, o que lhe confere um aspecto bastante diverso dos demais. Corresponde quase sempre a um corpo integralmente de madeira, e é geralmente de um nível inferior de facção.

- Espigueiros Estreitos com paredes inclinadas

Tipos com características idênticas aos casos anteriores mas que as apresentam desvios significativos das paredes desde o topo da câmara à sua base, afunilando em direcção a esta. Podendo-se apresentar em duas formas: Espigueiros com as quatro paredes inclinadas e Espigueiro só com duas paredes longas inclinadas



Fig. 16. Exemplo de Espigueiro estreito, Monção

b) Espigueiros Largos

Este tipo na realidade é composto pela conjugação de dois espigueiros separados por um corredor sob uma cobertura comum; trata-se de uma construção de planta quadrangular larga, por vezes quase quadrada, que pode apresentar paredes aprumadas ou inclinadas.

c) Espigueiros Altos:

Muito escassos e pouco significativos caracterizam-se pelo excessivo desenvolvimento do espigueiro em altura, a partir de uma base quadrangular desproporcionalmente pequena. Apresentam uma estrutura e uma fracção muito singela e pobre, são espigueiros construídos inteiramente com madeira, geralmente de carvalho e oliveira nos remates das pernas enterradas.

d) Espigueiros incorporados em Sequeiros e outros edifícios:

O elaborado processo de preparação do milho requer várias fases de tratamento que respondem a diferentes condicionantes, daí o facto de muitas vezes os equipamentos específicos de cada fase de tratamento surgirem em conjunto ou em complexo agregado. É portanto normal que o espigueiro se apresente pontualmente, sobretudo quando se deve a carências de espaço ou de meios dos seus utilizadores, associado e integrado em outras edificações de função diferenciada, ainda que normalmente ligada à cultura do milho. Optimizando assim os recursos e as estruturas com mutuas adaptações aos elementos comuns.

Elementos Formais:

- Assento: Quase sem excepção é constituído de pedra ou alvenaria, sendo a estrutura que eleva a base da câmara do espigueiro formada por um lastro de pedra ou por uma grade de vigas de pedra e/ou madeira.

- Soco: Sistema de elevar o espigueiro sem aumentar a altura dos pés, pode ser construído especificamente para o efeito ou adaptar uma estrutura muratória auto-portante já existente como os muros de eiras ou de casas.

- Pés: Elementos fundamentais e característicos dos Espigueiros têm por função elevá-los do solo. Apresentando-se em três formas distintas.

Pés Singelos: De pedra, ou muito raramente de madeira, apresentam-se a prumo e geralmente aos pares;

Pés Transversais: Constituídos por pedras largas ou pequenos muros paralelos atravessados em relação ao eixo longitudinal do corpo;

Maciços: Constituído por um muro corrido sobre o qual assenta o lastro do espigueiro, considerando inclusive os casos em que o maciço detenha área interior aproveitável;

- Mós: Peças salientes, geralmente de forma circular, assentes horizontalmente no topo de cada pé individualmente, que impedem a subida dos roedores.

- Mesas: Mós que cobrem o topo de cada par de pés.

- Corpo:

- Base: É a parte que suporta o corpo do espigueiro, que pousa sobre as diversas formas de assento onde assenta o esqueleto.

- Lastro: Lajeado de pedra que assenta directamente sobre o pé, podendo ser largas peças inteiriças ou peças compridas duplas ou triplas emparelhadas dispostas longitudinalmente. Este lajeado poderá ser mais largo que o assento formando assim uma cornija em saliência no perímetro do edifício o que substitui a função das mós e mesas.

- Grade: A grade de pedra é composta por quatro padieiras, mais ou menos grossas e aparelhadas, duas longas e duas curtas – soleiras – nos topos, interligadas por sistemas de encaixe. A grade ou caixilho de madeira é compota também por duas vigas longitudinais e duas transversais, ligadas nos topos e em pontos intermédios por pranchões curtos e transversais a meia madeira, espigados ou emalhetados. Existem também casos em que as soleiras são de pedra nos topos e encaixam em vigas de madeira laterais.

- Soalho: Necessário apenas quando a base é em grade (seja de pedra ou madeira) de modo a constituir depósito para o amontoamento de espigas. Pode consistir num sistema de barrotes transversais, assentes nas padieiras ou traves laterais, onde se dispõem longitudinalmente as tábuas do soalho; num sistema onde os barrotes assentam longitudinalmente ao logo do interior das padieiras e onde se pregam transversalmente as tábuas do soalho; num sistema que substitui esses dois barrotes longitudinais por um único barrote central; ou nos casos onde a grade é de madeira e se pregam as tábuas curtas e transversais do soalho directamente sobre as traves laterais da grade.

- Esqueleto: Sistema estrutural de peças sólidas, que enquadra e sustenta os painéis com fendas de ventilação. Constituído por peças horizontais inferiores, padieiras ou traves de base, por peças



Fig. 17. Exemplo de Espigueiro incorporado, Monção

verticais, colunas de pedra ou prumos de madeira, e pelas peças horizontais superiores, lintéis laterais e padieiras de porta, de pedra, e frechais de madeira.

- Colunase Prumos: Executados em pedra consistem em simples esquadrias facejadas, aparelhadas de forma mais ou menos elaborada. Podendo em alguns casos apresentar alargamento na base para o exterior ou para o interior dependendo do tipo de espigueiro. Podem existir apenas nos cantos dos topos ou também no intervalo intermédio das paredes.

- Lintéis, padieiras de porta e frechais: Peças horizontais superiores do esqueleto sendo que os lintéis e padieiras são de pedra (e assentam sempre sobre colunas de pedra) e os frechais de madeira.

- Paredes: Painéis de balaústres ou ripado, com fendas de ventilação, que constituem os panos laterais da câmara.

- Paredes de Pedra: Colunas com fendas verticais ou com fendas horizontais (de silharia)

Paredes de Madeira

Conforme a disposição das ripas:

Ripado Vertical

Travessas geralmente de carvalho ou de castanho, com 3 a 8cm de largura e espessuras de 4 a 6cm, dispostas paralelamente aos prumos de suporte, de modo a deixarem entre si espaços de 10 a 20mm. Também podem ser constituídos por tábuas onde são executados rasgos contínuos de cima a baixo, ou interrompidos a meia altura quando existe uma cinta. Podem ser pintados a vermelho como as portas de modo a preservar um pouco mais a madeira.

Ripado Horizontal

Travessas geralmente de carvalho ou de castanho, dispostas transversalmente aos prumos de suporte, afastadas entre si 20 a 50mm geralmente com vigas de travamento diagonais, formando cruzetas nalguns casos.

Escoras

Peças cuja função consiste em amparar lateralmente os prumos de topo e alguns intermédios, nos espigueiros todos de madeira. Lançadas diagonalmente do prumo às traves transversais da grade, o que justifica normalmente o seu prolongamento para fora.

- Portas: Acesso à câmara das espigas, preferencialmente colocadas nos topos, ocupando a largura e a altura total livre entre a estrutura. Podem ser maciças, mas, são geralmente executadas em tabuado, orientado verticalmente. Em alguns casos apresentam-se como parte dos balaústres, adoptando a sua configuração fenestrada, como nas paredes dos quarteirões. Recentemente também se verifica a aplicação de muitas portas de metal

- Postigos: Pequenas aberturas munidas de portinholas de correr para descarregar as espigas directamente para os meios de transporte. Existem para simplificar o processo de recolha, encontram-se voltadas para os caminhos adjacentes e são quase sempre de execução posterior à estrutura original.

Telhados

- Águas: Variam normalmente entre duas a quatro águas regulares. Podendo ser revestidas a colmo, pedra ou mais recentemente de telha cerâmica.

- Cápeas: Peças de remate sobreposta às paredes de topo ligeiramente saliente da sua espessura e normalmente acima do nível do revestimento da cobertura.

- Guarda-Ventos: Peças salientes ou prolongamentos das paredes de topo, quando estas são de pedra, cuja função como o nome indica é proteger o revestimento dos ventos de modo a este não se soltar.

Elementos ornamentais

- Elementos de valorização e embelezamento do espigueiro. Exceptuando os crucifixos e os relógios de sol, cuja aplicação é um pouco mais difusa, não apresentam nenhum padrão de manifestação definido, constituindo por isso sempre elementos de particular originalidade.

- Entalhados, Insculturas ou Esculturas: Elementos decorativos tridimensionais geralmente nos topos dos espigueiros, mais vulgarmente nas cangas, por cima destas ou mesmo nas portas de madeira.



Fig. 18. Exemplo de Espigueiro misto de ripado vertical, Pontevedra

Sistemas de Transformação

Destinam-se à transformação de matérias-primas que necessitam de processamentos intensos, longos e de grande esforço energético. Caracterizam-se por aproveitarem as fontes de energia natural (ou animal) disponíveis, utilizadas como forças motoras de mecanismos dinâmicos constituídos por sistemas de rotação simples ou compostos. Na região analisada encontram-se sobretudo relacionadas com a abundância de recursos hídricos, podendo utilizar a força das marés na foz dos rios, a regularidade do curso das águas nos leitos de maior caudal ou aproveitar a dinâmica gravitacional das inúmeras linhas de água das montanhas, que determinam o seu caso mais representativo: o moinho de água de Montanha.

Servem sobretudo para o tratamento do ferro (mais recentemente), do linho e da madeira; do processamento do azeite e, logicamente, da farinha, que se constitui como o objectivo mais recorrente desta tipologia.

São geralmente geridos por consórcio ou sistemas de rotação comunitários, apresentando direitos de utilização distintos e assimétricos, que dependem naturalmente da possibilidade financeira dos agregados familiares e que são transmitidos por herança. Não obstante podem ser pertença única de determinada família ou indivíduo, que geralmente lhe dedica a sua actividade específica e exclusiva de subsistência. A sua autonomia e isolamento está geralmente relacionada com a sua dimensão e proximidade das comunidades a que servem. Os casos mais comuns, de dimensão elementar e relativamente afastados das aldeias de onde provêm os seus utentes, inserem-se em pequenos núcleos, que podem ir de 3 a quatro estruturas a impressionantes conjuntos de mais de 20 elementos, com grande expressão paisagística.

Moinhos de Água:

Caracterizam-se como edificações especializadas da lógica de produção do território analisado, dentro das estruturas de apoio ao ciclo do pão, destinadas a executarem a trituração de grãos de cereais em farinha através de mecanismos próprios accionados pelo movimento da água.

Utilizam um conceito que provem do aproveitamento da propulsão da água, originada por um desnível ou uma corrente, que agindo sobre uma estrutura de impacto directo acciona um sistema de rotação interligado a um sistema de moagem.

São compostos por dois níveis distintos, o piso inferior denominado “Inferno” e piso superior denominado “sobrado”. No Inferno localiza-se o aparelho motor e é onde se dá a condução da Água, responsável pelo accionamento do mecanismo. No sobrado é onde se encontra localizado o sistema de moagem e se dá a recepção e a transferência dos cereais e das farinhas.

As construções são geralmente de planta rectangular, aproveitando acidentes naturais e aflorações rochosas, constituídas com paredes de alvenaria de pedra ordinária escassilhada em granito ou xisto, com coberturas compostas por uma ou duas águas, originalmente revestidas com colmo e lajes de granito e posteriormente com telha de meia-cana. (Barros Justo, 2005)

Apesar da sua aparente autonomia morfológica não podem ser dissociados da sua infra-estrutura principal. A sua análise dependerá sempre da sua integração no vasto e complexo sistema de condução e regulação de água. O edifício deve ser entendido como uma componente de articulação entre uma determinada linha de água e um traçado artificial de controlo de caudal, não só de extracção de água, mas, também de incorporação posterior ao que seria o seu ciclo original. Não raras vezes, esta infra-estrutura, que se desenvolve a partir da utilização e manutenção de um recurso natural, serve também as estruturas de regadio do campo, de forma a otimizar o investimento da sua execução, constituindo-se assim como um elemento fundamental para a subsistências das comunidades rurais.

Variantes:

a) Moinho de Rodízio fixo à pela:

Trata-se da variante que utiliza o mecanismo motor mais elementar e consequentemente o mais recorrente da região analisada. Denomina-se por Moinho de Rodízio um engenho activado por meio de roda horizontal (que adquire a mesma denominação), de pequena dimensão, na qual a água se projecta directamente, em que o engenho motor é constituída por um número significativo de penas de madeira, dispostas de forma radial em torno de um eixo vertical (pela), directamente articulado ao mecanismo de moagem. Apesar do sistema de projecção de água variar de solução, de acordo com a topografia e a natureza da própria linha de água utilizada, a roda ocupa invariavelmente uma posição estabilizada adjacente à parte interior da boca do Inferno, de forma a permitir o escoamento imediato das águas para o exterior.

b) Moinho de dorna, rodetes ou palas:

Moinho de roda horizontal onde o mecanismo é composto por uma simples cruz de tábuas, que tem a particularidade de trabalhar dentro de uma dorna ou pipa de madeira ou pedra (ou em casos mais recentes de cimento). As dornas, feitas com aduelas cingidas por aros de ferro, não são tapadas por cima e são assentes na sua parte inferior em travessões apoiados no chão e escorados nos lados e em cima. Estes moinhos têm a vantagem de poderem operar mesmo quando o mecanismo fica parcialmente submerso o que juntamente com o maior aproveitamento da força motriz constitui uma vantagem em relação aos moinhos de rodízio.



Fig. 19. Exemplo de conjunto de Moinhos de rodízio, O Rosal

c) Azenhas:

Moinho de roda vertical, de propulsão inferior ou superior, O sistema de moagem é idêntico aos moinhos de roda horizontal sendo que as diferenças residem nos processos de condução de Água e nas dimensões e disposição da roda, bem como na interligação dos sistemas. O eixo da roda penetra no edifício através de um postigo na parede, sendo aí aplicada a entrosga (roda dentada de madeira) também em posição vertical, que repete o movimento da roda de Água e cujos dentes engrenam nos fuseis do carrete horizontal, cujo eixo vertical é o próprio veio da mó.

Os três tipos de Moinhos podem ter variações de cobertura em duas ou mais águas: Colmo, Lajetas de Pedra e Telha; ou em Falsa Cúpula realizada em Pedra.

Elementos Formais básicos:

Condução e Regulação de Água:

- Açudes: Desníveis de terreno, naturais ou artificiais, geralmente de construção grosseira e volumosa, de pedra e terra, aproveitando determinado recanto acidentado do terreno e utilizando a penedia natural do leito do Rio como alicerce ou como elemento de apoio, que neles se incorpora.
- Presas: Bacias, naturais ou construídas, vedadas com muros de pedra, mais recentemente de cimento, a funcionar como comportas, para a acumulação de Água e consequente accionamento do moinho.
- Levadas, Valas: Canal ou Rego que conduz a Água através da margem do rio, desde o Açude até ao Moinho, criando as condições necessárias para accionar os diferentes tipos de roda, Nas azenhas o acesso das águas à roda motor é realizado por canais.
- Cubos: Pirâmides ocas de base trapezoidal, invertidas, antecedendo a seteira e armazenando um volume de Água significativo. Descarregando a água directamente sobre a roda horizontal, após a abertura da seteira, imprimindo-lhe velocidade necessária para moer o grão. Podem ser realizadas com determinadas formas e materiais. Normalmente é colocado um sistema de grelhas na entrada dos cubos para a filtragem de resíduos volumosos. Nos casos onde a força do caudal dos canais é razoável, pode-se prescindir deste elemento, podendo a projecção ser executada através de Canles.
- Canles: Caleiras inclinadas e descobertas, de granito ou madeira, de limites paralelos ou afunilados, com uma inclinação mais ou menos acentuada, terminando um pouco antes da roda. Exigindo logicamente maior caudal de água que a solução anterior.

Mecanismo de Moagem:

- *Bucha*: Peça de madeira que serve de chumaceira ao veio e que impede que o grão se disperse. Consiste num cilindro de 12 a 15cm de altura, tendo no centro um orifício onde gira o veio. Normalmente a madeira utilizada é Oliveira.
- *Moega, Adelha*: Moegas ou Adelhas são peças de madeira com forma de funil piramidal, onde se deita o grão que se pretende moer. Situam-se por cima da mó, com o vértice cortado e voltado para baixo, suspensas sobre a Quelha, fazendo deslizar o grão, até este cair no olho da mó. A Moega é normalmente suportada por uma estrutura de barrotes horizontais, fixados a dois ou quatro prumos, suspensos a partir do madeiramento da cobertura.
- *Quelha*: A Quelha é uma caixa ou caleira alongada, de madeira, por onde corre o grão e que vai de saída da Moega até ao olho da mó. As Quelhas estão suspensas nas Moegas, por meio

de uma armação de fios ou arames e pregos.

- *Regulador*: Dispositivo existente (excepto quando a Quelha é fixa à Moega) do qual se suspende a extremidade livre da Quelha sobre o olho da mó e com o qual se pode graduar a inclinação daquela e, consequentemente, dosear a queda do grão
- *Chamadouro, Caneleiro*: Dispositivo que provoca vibração na Quelha e acciona a queda do grão. Os mais simplificados resumem-se a um pau curto, “o martelo”, com uma das pontas na rede da Quelha e a outra pousada na andadeira. Nos moinhos comunitários tratam-se de peças removíveis levadas por cada consorte.
- *Chocalho*: Acessório de prevenção que indica o término de grão na Moega. Sistema constituído por um fio que liga um chocalho e um taco de madeira, suspenso por uma roldana. O Taco de madeira fica coberto pelo grão até este começar a escassear e ser levantado deste modo pelo peso do chocalho prevenindo o moleiro.
- *Mós*: Par de grandes blocos de pedra cilíndrica, ambos com um buraco central, entre a quais se opera, por rotação de uma delas sobre a outra, a trituração do cereal
- *Assento, Pé*: Bloco de pedra inferior fixo
- *Andadeira*: Bloco de pedra superior móvel.



Fig. 20. Exemplo de canle de abastecimento, O Rosal

- *Olho*: Orifício central para onde escoa o grão da Quelha
- *Casal*: Definição do conjunto das mós, pedras ou moendas
- *Aperto da Mó*: Intervalo entre o assento e a andadeira. Para moagens mais grosseiras (milho, centeio), usam-se mós de granito ou pedra granulosa.

Mecanismo Motor:

- *Alvo, Pela, Pelão*: A pela é o eixo vertical que o rodízio acciona são formados por uma peça de madeira de comprimento variável, por vezes afeiçãoada de forma rudimentar, De secção circular ou quadrada, a sua grossura é maior na extremidade inferior. Geralmente executada em pinho. São frequentemente divididas em duas partes originando assim o lobete.
- *Lobete*: Prolongamento da péla, situado entre esta e o veio.
- *Veio*: Trata-se de um ferro vertical, terminando a parte interior em palhetão ou pá achatada, que entra na fenda da péla, e com cabeça quadrangular na parte superior formando batente e aguentando a segurelha
- *Rodízio*: Roda de penas ou palas, onde o jacto da Água que sai da Seteira se projecta.
- *Rodete de palas*: Constituídos por dois pares de tábuas cruzadas com cerca de 80cm que atravessam a péla, formando uma cruz de palhetas. Estes giram dentro de um poço ou dorna o que lhes permite operar ainda que parcialmente submersos.
- *Segurelha*: Peça de ferro robusta, medindo cerca de 25cm de comprimento e 7cm de largura, cuja espessura diminui nos extremos denominados “orelhas”. Peça final do aparelho motor ligando-o ao aparelho de moagem. No sector central existe um furo de secção quadrada onde entra a espiga do veio, agregando-o à segurelha. Na face inferior da andadeira a segurelha é encaixada num rasgo criado à sua feição, impedindo-a de encostar o seu pouso e imprimindo-lhe a sua rotação.
- *Aguilhão, Agulha*: Peça de ferro que funciona como apoio da péla e sobre o qual gira o rodízio ou rodete. A agulha é normalmente em ferro, embora primitivamente tivesse sido um seixo.
- *Rela, Seixo*: Ponto de apoio do Aguilhão

Conjunto de Interligação dos Mecanismos:

- *Arrieiro, Urreio*: Peça de madeira horizontal, presa no fundo do cabouco, sobre o qual se fixa a relha ou seixo
- *Aliviadouro*: Funciona por tracção provocada por uma cunha, sendo introduzida entre o soalho e a ponta do barroto, é a peça responsável pelo movimento do arrieiro
- *Cruz*: Tem a função de subir ou descer a mó superior, consoante o tipo de farinha.
- *Seteira*: Orifício de saída da Água do cubo, por onde é projectado o jacto que, ao bater nas penas da roda horizontal, a faz girar. Pode ser munida de dispositivos especiais, normalmente um sistema de comportas rudimentares aplicadas pelo sobrado, de modo a controlar o caudal de água expelido.

Sistemas de apoio às actividades piscatórias fluviais:

São constituídos na sua maior parte por estruturas de grande elementaridade que se destinam a estabelecer a relação, de forma segura, entre os pescadores e os planos de água que exploram. Na maior parte constituem pequenas extensões pedonais que permitem um maior afastamento das margens, de forma a permitirem a amarração das embarcações ou o lançamento directos das suas redes em áreas mais susceptíveis de captura. Podem ser executadas em madeira, como pequenos pontões palafíticos, sem qualquer classificação tipológica dado a sua heterogeneidade e efemeridade, ou em pedra (como no caso das pesqueiras), aproveitando grandes blocos graníticos modelados e dispostos ao longo das margens, de forma a condicionarem a condução das águas aproveitando as correntes mais fortes, à medida que estas se afastam progressivamente da sua foz.

Pesqueiras:

As pesqueiras, também denominados Coutos ou Caneiros, são maciços pétreos que se prolongam da margem dos Rios (ou Rias) até um ponto privilegiado no leito permanente do Rio, para a apanha da Lampreia e do Sável. Funcionando como pequenos pontões, para além de permitir o acesso ao caudal mais elevado, tinham também o objectivo de constituir fluxos e correntes de convergência de forma a canalizar os espécimes para os sistemas de recolhas em rede (Leite, 1999). São precisamente os distintos sistemas de rede utilizados que classificam as suas variantes tipológicas: Pesqueiras de Cabaceira; Botirão (ou de Caneiro); e Mistas; que, não se tratando de construções que geram espaço interno, não justificam uma descrição mais profunda.



Fig. 21. Exemplo de Pesqueira, Salvaterra do Miño-Monção

– *Caracterização Morfológica Geral: - Identificação de Princípios Invariantes para a Arquitectura Vernácula do Noroeste Peninsular.*

“Algunha vez teño tencionado analizar tipoloxicamente, buscando interpretación espacial en algo mais que nun funcionalismo físico, como resultado do continuo diálogo do home co seu medio, a través da súa creatividade, considerando esta arquitectura como un elemento mais do medio físico formal, modelado pola cultura do hombre.” (Gallego Jarreto, 1978, p.12)

Este trabalho focaliza assim uma sistematização de características transversais aplicadas, identificadas e definidas nos modelos tipológicos vernáculos, apresentadas no ponto anterior. A sua base de interpretação será o agregado edificado rural, sendo deve ser assinalado que este é entendido como a etapa final da consolidação construtiva da totalidade do ciclo agrário. por vezes , quando a solução espacial já se encontra maturada, também se recorre a elementos isolados, sendo que estes devem ser sempre analisados como parte integrante de um agregado rural ainda em expansão, ou muitas vezes como os tempos actuais ditam, já em desmantelamento acentuado. As propostas de caracterização transversal para a Arquitectura Vernácula já não são, propriamente, uma novidade como objecto de estudo. Alguns dos Autores referenciados têm ensaiado pontualmente a sistematização de algumas propriedades que consideram diferenciadores, sobretudo no caso da Galiza. Todavia duas críticas devem ser consideradas à maior parte dos exemplos.

1. As caracterizações Formais incidem particularmente no objecto arquitectónico de forma isolada da sua implantação e articulação com o terreno (graficamente são raros os casos em que inclusivamente se procede à sua representação).
2. As propriedades enumeradas apresentam geralmente conotações qualitativas, pelo que se deveriam enquadrar numa categoria Interpretativa e não de Caracterização, visto extravasarem as leituras objectivas das suas propriedades.

Tomando como exemplo, pode-se citar um texto de César Portela, datado de 1984, em que o autor estabelece como características fundamentais para a Arquitectura Tradicional da Galiza:

“- prodigiosa integración en el medio.

- *austeridad exterior, basada en una rigurosa economía formal, y empleo de materiales abundantes a pie de obras.*
- *gran riqueza espacial interior, lograda a base de un espacio único o unitario, o de espacios de doble altura.*
- *existencia de espacios privados, semiprivados y comunitarios, gradación entre ellos, independencia de los primeros y su interrelación a través de los últimos.*
- *existencia y clara gradación en espacios interiores, exteriores e intermedios, y una perfecta articulación entre ellos.*
- *abundancia de espacios de uso múltiple: estar y pasear, ocio y trabajo.*

Y todo ellos plasmados en un lenguaje arquitectónico muy evolucionado, basado en un diseño de gran calidad conceptual...” (Portela, 1984, p.28)

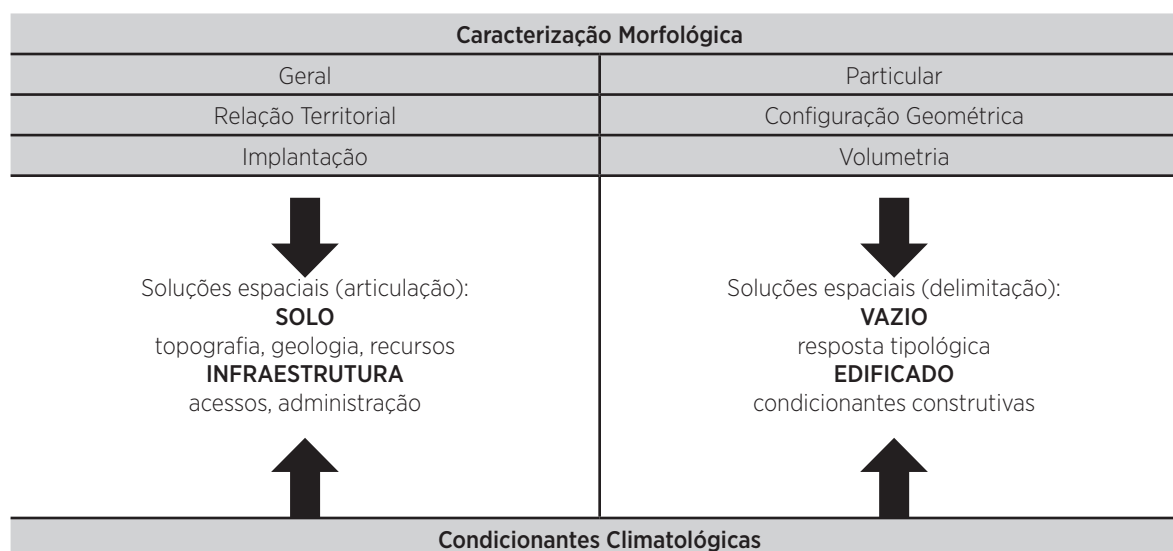
Neste caso e apesar de se compreender a valorização textual, visto não se tratar de um trabalho

efectivamente científico, contudo não se poderá deixar de assinalar a subjectividade das declarações e mesmo a incoerência de algumas das propriedades se realmente se pretender abranger todo o espólio que a região galega engloba. Pois ao contrário do que o texto sugere, nem todas as regiões e muito menos todas as tipologias se poderão enquadrar. Pelo que esta caracterização seria mais assertiva se fosse restringida especificamente ao modelo de tipologia habitacional (vivenda unifamiliar) mais comum da província de Lugo (Flores, 1973, p.368-384). ou no caso específico das *pallozas* características das serras da mesma região, cujas propriedades estão longe de se poderem estender a toda a Galiza.

Com base no reconhecimento das considerações acima descritas é proposto um modelo de sistematização, na procura de objectividade analítica, para uma caracterização morfológica que se pretende transversal a qualquer tipologia Vernácula existente e aplicável a qualquer exemplo contemporâneo. Para além do mais pretende-se que o seu enfoque seja exclusivo ao que deveria ser a área científica primordial da Arquitectura: o estudo da solução espacial.

A CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA proposta é assim repartida em dois grandes sectores: - 1. Os de carácter GERAL – que se reportam à relação da Obra com o Território; - 2. Os de carácter PARTICULAR – vinculados com a configuração geométrica da Edificação.

Sendo a questão climatológica paralela aos dois sectores enunciados, foram determinados para a análise decorrente da relação com o Território os indicadores relacionados com a Implantação Física da Obra. O enquadramento paisagístico, segundo as condicionantes do solo e localização dos recursos naturais, e a sua articulação com a infra-estruturação do território (naturalmente adequada à escala do território rural). Relativamente à configuração geométrica, os indicadores são determinados de acordos com a constituição do Volume: A definição do vazio interior, geralmente em resposta ao seu programa funcional; e a forma da sua componente edificada, sempre condicionada aos sistemas construtivos empregues e estes, necessariamente, aos recursos materiais disponíveis. Também neste ultimo campo se integram a integração dos elementos de permeabilidade e comunicação.



A exemplificação dos indicadores determinados baseia-se na estrutura estabelecida na definição dos Modelos Tipológicos Regionais integrada nos Trabalhos Tutelados realizados no presente programa de Doutoramento (Duarte Carlos, 2010a).

Deve-se contudo assinalar que o Património Vernáculo não é o detentor exclusivo das características que se enumeram de seguida; nem estas são do domínio restrito específico desta área geográfica, mas é a constância e a síntese que estas exibem em conjunto que permitem a

construção de uma herança espacial única e fecunda, cujo contexto cultural potencia de forma particular e inequívoca.

Enumeração das Características Invariantes do Legado Vernáculo

O primeiro grupo de características prendem-se com as circunstâncias que condicionam o gesto de Implantação da Edificação, a organização espacial do sistema agrário e a estruturação territorial decorrente, na medida que se entende tratar-se da primeiro nível de manifestação da Arquitectura Vernácula e um dos que acarreta maior significado cultural, que, com raras excepções, não constitui objecto de estudo na literatura de referência. A apropriação do território Ibérico, e da sua gestão posterior, está profundamente atribuída à Romanização do território. Mesmo nas áreas aparentemente mais imaculadas, esta influência constitui um dos marcos mais evidentes na evolução do território, com particular expressão nas suas áreas rurais (Ribeiro, 1991, p.11).

É a trilogia agrária clássica, Ager-Saltus-Silva, que está na génese da formação das paisagens rurais tradicionais do território do Minho e da Galiza. É precisamente a sua adaptação dicotómica, quer à paisagem mediterrânea (original) quer à paisagem atlântica (apropriada), que ditará a sua particularidade e a sua riqueza enquanto protecção dos ecossistemas existentes e a consolidação do conceito de *mosaico*. A delimitação administrativa romana (a província Gallaecia), estabelecida para a região invocada, vem assim confirmar o reconhecimento das suas características comuns e estabelecer o potencial para uma gestão integrada dos territórios escolhidos.

Tal como se refere no subcapítulo “*A Linguagem Arquitectónica: (Como) Repositório de Identidade Cultural*” a organização agrária é uma componente fundamental não só na modo de estruturação do território como na articulação programática que permite a gestão optimizada (em tempo, meios e recursos) dos processos relacionados com as principais actividades de que os edifícios são a consequente manifestação formal (se optar-se por uma hierarquia de escala) sendo que a apropriação territorial consistirá sempre no seu primeiro nível.

Se num plano mais amplo a estruturação paisagística é constituída a partir da proximidade de recursos, da propensão dos solos e das suas potencialidades de se articular ou desenvolver com as redes de comunicações, as suas especificidades são demarcadas sobretudo pela sua conjugação com o modo de adaptação às características do clima e aos modos de exploração do solo. Este último foi sobretudo conformado pelo desenvolvimento de uma apropriação mista, essencialmente composta por sistemas de: a) Agras e b) Bancais e socalcos.³⁸ Estes sistemas são propensos ao minifúndio, que recorta e fragmenta o suporte territorial, e, simultaneamente, ao consorte de infraestruturas e equipamentos que se constituem como referências colectivas estimulando a sensibilidade comunitária.

A primeira análise das propriedades que se pretendem interpretar reflectem justamente a relação da construção com estes sistemas e sobretudo com os dois em simultâneo. Delas derivam a alteração da topografia, o cadastro e a estruturação das infraestruturas, que constituem o ponto de condicionamento formal do edificado com o lugar (em toda a sua complexidade conceptual) e ademais os elementos que, mesmo em transformação, constituem a regra do território que os autores analisados posteriormente tiveram por referência.

Como Albert Demangeón (1920) constatou nos seus ensaios do início do século XX, toda a construção rural deve ser compreendida sempre como um resultado de economia de subsistência e da lógicas de produção que dela resultam. No caso concreto da região analisada, que corresponde essencialmente a uma economia agrícola, as tipologias construtivas, da qual

.....
³⁸) Como se confirma pela própria toponímia da região analisada, na comum designação de lugares como “Agras de cima” e “Agras de baixo”, mesmo inseridos em territórios estruturados em bancais e socalcos.

a casa rural apresenta a função dupla de albergue familiar e de centro de produção, tendem a apresentar estreita relação com a configuração dos sistemas de exploração implementados.

O tipo de cultura determina geralmente o afastamento em relação ao núcleo que serve de albergue à família. Neste caso o horto ou eido, a forma mais conveniente de exploração de sistemas de bancais e socalcos, que requer de tratamento diário encontra-se geralmente na mesma parcela que alberga a habitação, conformando com esta um limite definido, mesmo que conformada em plataformas de níveis distintos, o que sucede com mais frequência e intensidade à medida que a pendente do terreno ganha força (geralmente proporcional ao incremento de altitude). Mesmo sem uma altitude expressiva, o relevo acidentado e sobretudo a natureza geológica do solo, com afloramentos graníticos espalhados de forma intensa e regular, recortados pela acção dos inúmeros cursos de águas existentes, traduz-se num território onde a pendente ou a sua confrontação é uma constante. (RIBEIRO, 1991, p.37)

A agra por seu turno surge em territórios com maior extensão de conjugação de áreas planas e férteis, em que o isolamento e a densidade populacional potencia a concentração das culturas e o consorte da sua exploração. Neste caso os edifícios já não se articulam directamente com as parcelas, que se destinam exclusivamente a solo agrícola, e a distancia é proporcional à cultura praticada, sendo o cereal a mais comum, com o milho e a vinha a dominar as zonas mais baixas e o centeio a incrementar à medida que se aproxima das áreas serranas.

Dentro do mosaico rural, o bosque/mato e a pastagem completam o anel de circunscrição mais afastado em relação ao agregado rural; nestas áreas a edificação é mais escassa, embora mais concentrada, resume-se a construções de funcionamento isolado, como os sistemas de produção ao longo dos cursos de água, ou a abrigos temporários concentrados nos planaltos mais auspiciosos, como os de apoio ao pastoreio de transumância. Ainda que condicionada, a qualidade do solo e a abundância de recursos hídricos permite o desenvolvimento da agricultura e da pecuária ao nível da subsistência do agregado familiar.

A topografia existente, ou mais particularmente a relação encontrada para a sua apropriação, apela para a complementaridade do enquadramento necessário à leitura do território em questão. A profusidade das linhas de água, os afloramentos rochosos e as exposições solares das encostas (das linhas de serra de altitude média/baixa) supuseram uma intensa dialéctica entre a super-estrutura e a intervenção. Os vales e as suas várzeas, surgem assim confinados e preservados da concentração de edifícios, sendo que o seu aproveitamento, em muito infere um tratamento intenso, ainda que a sua manifestação possa parecer mais discreta. Esta condição é facilmente verificável nos complexos sistemas de regadio ou de abastecimento da força motriz de moinhos, onde presas, cursos, levadas, canles e rebousadores se integram quase imperceptivelmente na paisagem, tirando partido dos acidentes geográficos e da conjugação com a vegetação rípica.

A intervenção apresenta uma propensão para a estratificação das curvas de nível, relegando os solos mais acidentados, nomeadamente os outeiros, à construção de edifícios, que acabam assim por ser os responsáveis pela articulação de diferentes níveis altimétricos e condicionando as infra-estruturas de comunicação ao paralelismo entre as curvas de nível originais, de forma a vencer as pendentes acentuadas com menor esforço. Desta forma, pode dizer-se que a forma como os assentamentos humanos se encontram vinculados às redes de acessos e abastecimento como *“valados, caminhos, passagens e cursos de água, pontes sistemas de regas, socalcos e rampas.”* (Caamaño Suarez, 1997, p.32) é determinante para a solução morfológica das tipologias analisadas.

A estrutura cadastral adoptada vem justamente confirmar esta condição. O emparcelamento apresenta uma configuração geométrica irregular de dimensão reduzida, geralmente delimitada quer pela sua adjacência às infra-estruturas de apoio, quer pela drástica distinção altimétrica. As parcelas surgem assim encadeadas, através da sobreposição das linhas altimétricas, apresentando

maior concentração nas áreas de transição das cumieiras ou nos outeiros mais expostos, que acompanham o sentido de desenvolvimentos dos campos de cultivo adjacentes, em relação aos quais os assentamentos procuram relativizar as distâncias necessárias sem comprometer a sua exploração. A preponderância da leitura cadastral surge ainda mais enfatizada se tivermos em conta a expressividade dos seus elementos de delimitação de propriedade. Geralmente executado em granito, a sua dimensão e materialidade acaba por dominar a frente dos acessos, sobrepondo-se muitas vezes à leitura dos edifícios que servem e que tantas vezes são incorporados na sua composição.

Os muros exteriores, para lá da preservação da intimidade, apresentam importantes funções nos abrigos dos ventos dominantes e na resolução de transições de cota, pelo que nas sua grande maioria englobam também a vocação de paredes de contenção de terras. Nos casos mais intrincados chegam mesmo a estar articulados com os sistemas de abastecimento e drenagem de água (seja por meio de canal interior, remate superior ou apoio periférico). Complementam também, em muitos casos, a definição dos acessos, determinando por vezes o arranque da sua pavimentação, de forma a contribuir para a seu reforço e manutenção. Também aqui, no que diz respeito ao eido articulado com o agregado rural, a solução da vinha em latada merece algum destaque. Apoiada nos referidos muros de delimitação e/ou suspensa por meio de esteios também ela conforma um sistema singular com os edifícios, funcionando como estrutura de sombreamento em áreas de transição da parcela, ou mesmo, como nos casos mais interessantes, estendendo-se sobre os caminhos adjacentes, o que lhe atribui uma conotação comunitária e contribui para a unidade formal dos conjuntos edificados que conformam os assentamentos. Por estas razões a estrutura parcelária, na sua singular configuração e materialização, considera-se como parte integrante do sistema morfológico a analisar, indissociável das soluções espaciais adoptadas na construções vernáculas, independentemente das tipologias em questão.

Pese embora a inquestionável variedade do desenvolvimento compositivo das construções vernáculas (o que remete mais uma vez para a essência do seu conceito, o qual não considera cânones formais), aquela que apresenta maior constância na região analisada é sem dúvida a da categoria de níveis (pisos) sobrepostos. Dentro das tipologias funcionais é precisamente a habitação campesina que mais se utiliza como exemplo de desenvolvimento em altura. Sendo que é claro, ao contrário de outros contextos, que esta não pressupõe a existência de uma fase anterior de composição térrea (Lorenzo, 1979, p.72). A casa de dois pisos ou “*casa dun andar*” é antes de mais uma resposta pragmática às condicionantes geográficas, albergando a área interior necessária, reduzindo a implantação na preciosa parcela de terreno e a dimensão da cobertura dos espaços.

“Pódense sinalar na Galiza dúas zonas en canto á disposición do acceso, asegún seña interior ou exterior, predomiñando o primeiro na parte septentrional e o segundo na meridional.” (idem, p.72)

Como se constatará adiante a relação entre o edifício e o contexto físico, tendo na sua interpretação a condição essencial para o desenvolvimento do projecto, é das características mais consentâneas na descrição da produção arquitectónica referente à *região analisada*. Na apreciação mediática dos autores nomeados, no capítulo das obras paradigmáticas, abundam a alusão à importância que é conferido ao contexto. Expressões como “... *sítio e pré-existências orientam o desenho...*” (Siza Vieira citado em Salgado, 1984, p.132); ou “...*escoitar a voz do lugar...*” (De la Sota, 1989, p.221), foram difundidas e criticamente valorizadas ao ponto de se tornarem lugares comuns em relação a alguns dos casos mais conhecidos. Esta é inclusivamente umas das mais assertivas e banalizadas premissas daquilo que marcou a abordagem contextualista da Escola Superior de Belas Artes do Porto, sobretudo no período imediato antes e após da mobilização efectuada no inevitável processo de realização do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*. (Toussaint, 2009, p.111-112)



Fig. 22. Levantamento de moinhos de montanha, Caminha

Como Montaner (2001, p.38) refere, ao observar a história da Arquitectura (moderna) verifica-se que a sensibilidade pelo lugar está intimamente ligada ao interesse pela arquitectura vernácula. É certo que a Arquitectura vernácula, mais propriamente os seus advindos, não podem ser restringidos a sistematizações definitivas, por mais coerente que seja a amostra analisada. Qualquer trabalho de campo, com o mínimo de rigor, incorre inevitavelmente na demonstração da contradição dos seus princípios epistemológicos. No edifício vernáculo a excepção pode muito bem constituir a regra, sobretudo a nível formal. Não existe qualquer dúvida que muitos exemplos podem ser referenciados como contraponto às características enunciadas de seguida, mas, tal não significa que conformem necessariamente categorias passíveis de generalizações morfológicas como as identificadas, bem pelo contrário.

O presente capítulo deve assim deixar subentendido que as invariantes morfológicas não constituem propriedades *sine qua non* do espólio da região analisada e que a única sistematização efectuada concerne apenas ao formato interpretativo utilizado.

01.00 Caracterização Morfológica Geral:

01.01- A selecção do lugar edificado ditada pela existência de afloramentos rochosos:

A Ancoragem aos elementos existentes, de maior estabilidade estrutural e resistência mecânica, como técnica de fundações da Obra é umas das características mais transversais do Legado Vernáculo em questão. A sua primeira leitura retracta a dureza da matéria-prima mais abundante: o granito, e a necessidade decorrente da optimização de material e de recursos, que ao invés da sua extracção e entalhamento preferia o condicionamento da edificação à preexistência natural. Também pode ser encarada como uma perpetuação da vocação dos solos instituída pelos sistema exclusivistas como na estrutura Romana *Ager-Saltus-Silva* ou na estruturação em Agradas tão característica da Alta idade média. Esta exclusividade corresponde objectivamente à salvaguarda dos solos de melhor qualidade para a sua exploração agrícola. Permite a continuidade/contiguidade material entre as fundações murárias e as alvenarias ordinárias executadas em granito.

01.02- A implantação da edificação nos limites da propriedade:

A esta implantação perimetral deve adicionar-se a preferência assumida num posicionamento geralmente paralelo às suas demarcações. Esta Invariante relaciona-se com a actividade de subsistência ser maioritariamente de carácter agrícola e com a escassez de solo fértil de aproveitamento útil, devido à acidentada topografia e à composição geológica do solo. Esta estratégia de implantação revela o valor atribuído ao desimpedimento da parcela para facilitar ao máximo o rendimento da sua exploração. A edificação é retratada como um complemento ao território (reduzido ao universo da parcela), o bem mais valorizado, e portanto assume maioritariamente uma posição periférica a este.

01.03- A integração das edificações habitáveis no sistema de delimitação de propriedade (muros exteriores):

Preferência pela adopção de uma solução de continuidade entre as fachadas das edificações e os muros que estabelecem os limites da propriedade. A grande maioria dos exemplos Vernáculos da região apresenta uma continuidade geométrica e material entre estes elementos. Na maior parte das vezes partilha inclusivamente o mesmo sistema construtivo sem recorrer à resolução de juntas ou remates que não sejam os impostos pelo término dos limites da propriedade. Esta

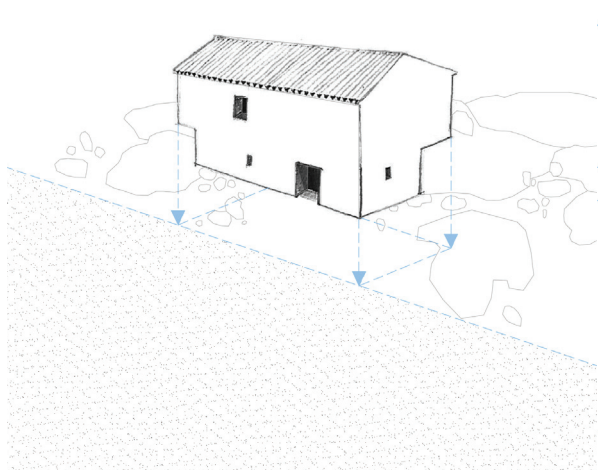


Fig. 23. Imagem Diagramática da Invariante 1.01

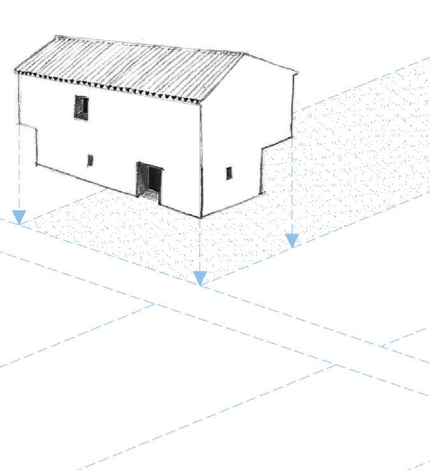


Fig. 24. Imagem Diagramática da Invariante 1.02

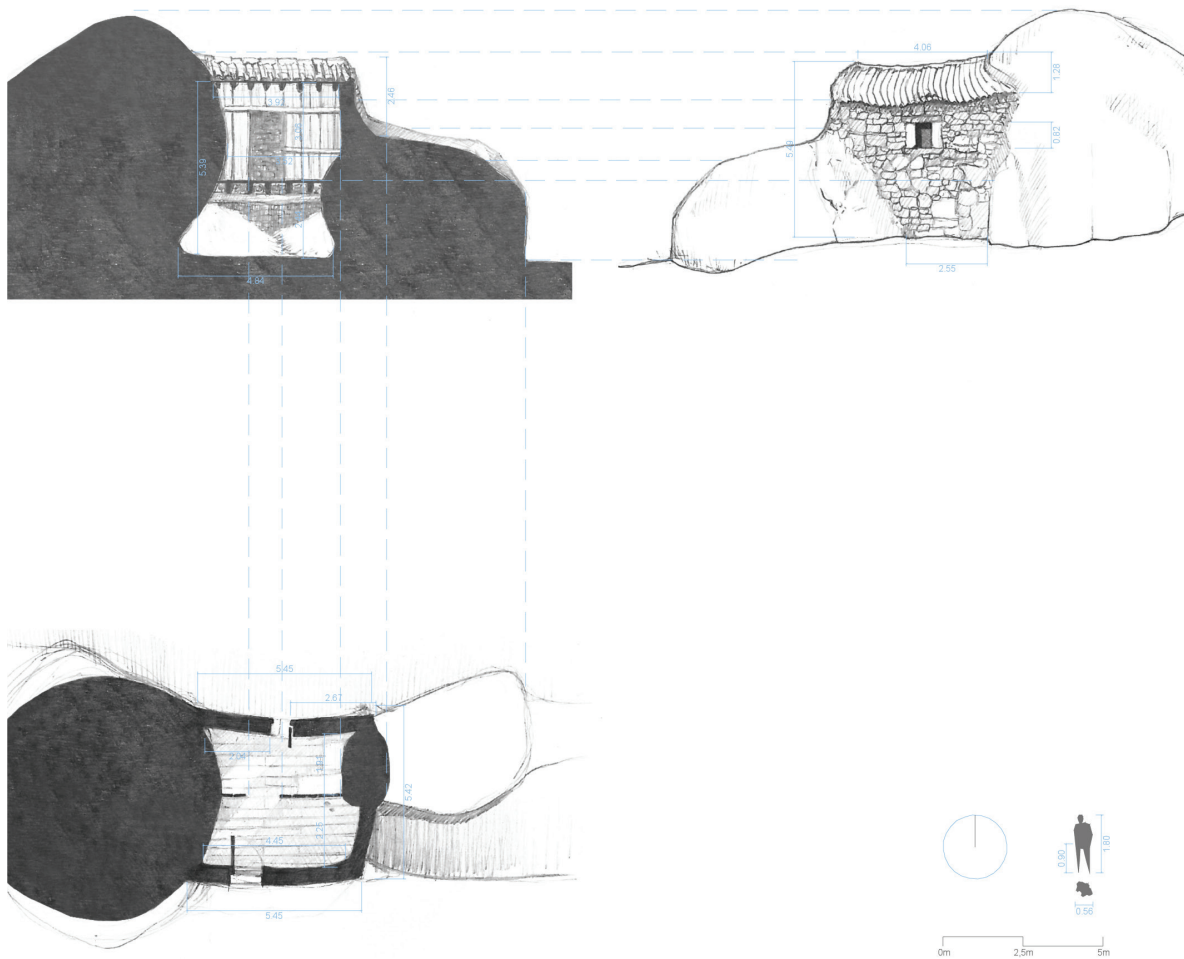


Fig. 25. Exemplo de identificação de Invariantes. Habitação em Paredes de Coura, Portugal.

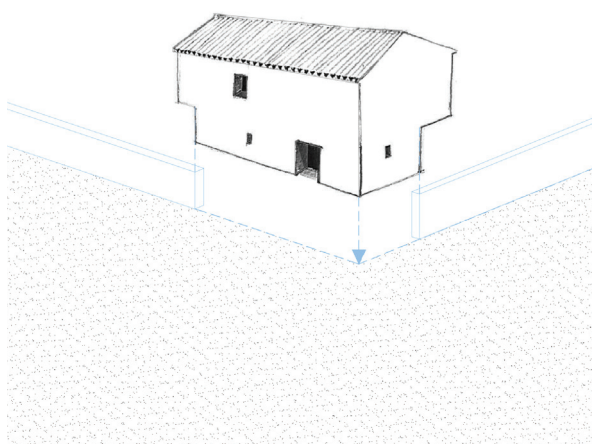


Fig. 26. Imagem Diagramática da Invariante 1.03

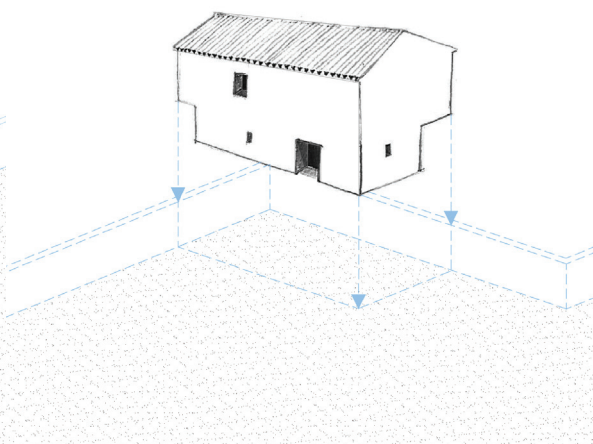


Fig. 27. Imagem Diagramática da Invariante 1.04

solução morfológica é recorrente quer na situações onde se observa uma contemporaneidade na construção dos elementos, quer (e talvez esta seja a situação mais interessante) quando estes são visivelmente frutos de épocas (ou fases) construtivas distintas. Em conjunto com as invariantes antecedentes conforma uma das soluções de maior optimização de recursos, reduzindo sobremaneira a execução de elementos construtivos executados em pedra.

01.04- A adjacência das edificações às estruturas de consolidação das plataformas altimétricas:

O edifício implanta-se no terreno de forma a reforçar ou substituir por completo um dos seus taludes, constituindo assim uma estrutura unitária entre o muro de contenção de terras e pelo menos uma das paredes mestras da construção. Tirando partido desta condição, determina a transição ou o desligamento de cotas entre plataformas. Contribui naturalmente para o enterramento parcial do edifício e para a articulação dos seus pisos com cotas distintas. Esta solução deriva da estratificação da encosta para aproveitamento agrícola em bancais e socalcos, e da importância da proximidade do horto para a subsistência do agregado, no caso de habitações, ou do nivelamento do traçado das comunicações, no caso de servir equipamentos rurais colectivos. Segue a linha estratégica anterior de optimização de recursos, podendo resultar também do aproveitamento de afloramentos rochosos. Muitas vezes está articulada com arranque das estruturas de delimitação da propriedade, reforçando a condição estrutural da matriz cadastral na configuração dos conjuntos edificados.

01.05- O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo:

Com raras e justificadas excepções as edificações Vernáculas apresentam um crescimento linear, demonstrando uma valorização da fachada em detrimento dos topos. Esta característica segue a tendência do ponto anterior, sendo que as composições geométricas geralmente acompanham as quebras altimétricas, sobrepondo-se às suas curvas de nível. Apesar de ser legível uma forte hierarquia, de onde se destaca geralmente a preponderância do núcleo original (de carácter quadrangular), o conjunto (e nunca o elemento isolado) estende-se pelo território de forma sequencial, apresentando geralmente seguimentos longitudinais expressivos. Esta propriedade condiciona naturalmente a circulação e a compartimentação interna. Esta redução da secção transversal é determinante na qualidade construtiva, visto contribuir para a debelação das humidades, resultantes do clima e do enterramento parcial de algumas estruturas, através da facilitação da ventilação dos espaços internos.

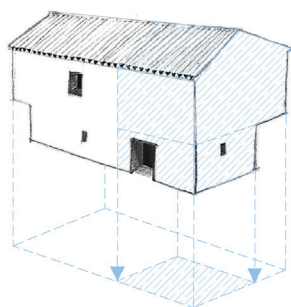


Fig. 28. Imagem Diagramática da Invariante 1.05

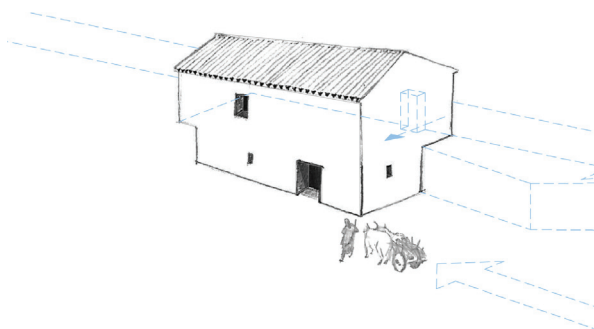


Fig. 29. Imagem Diagramática da Invariante 1.06

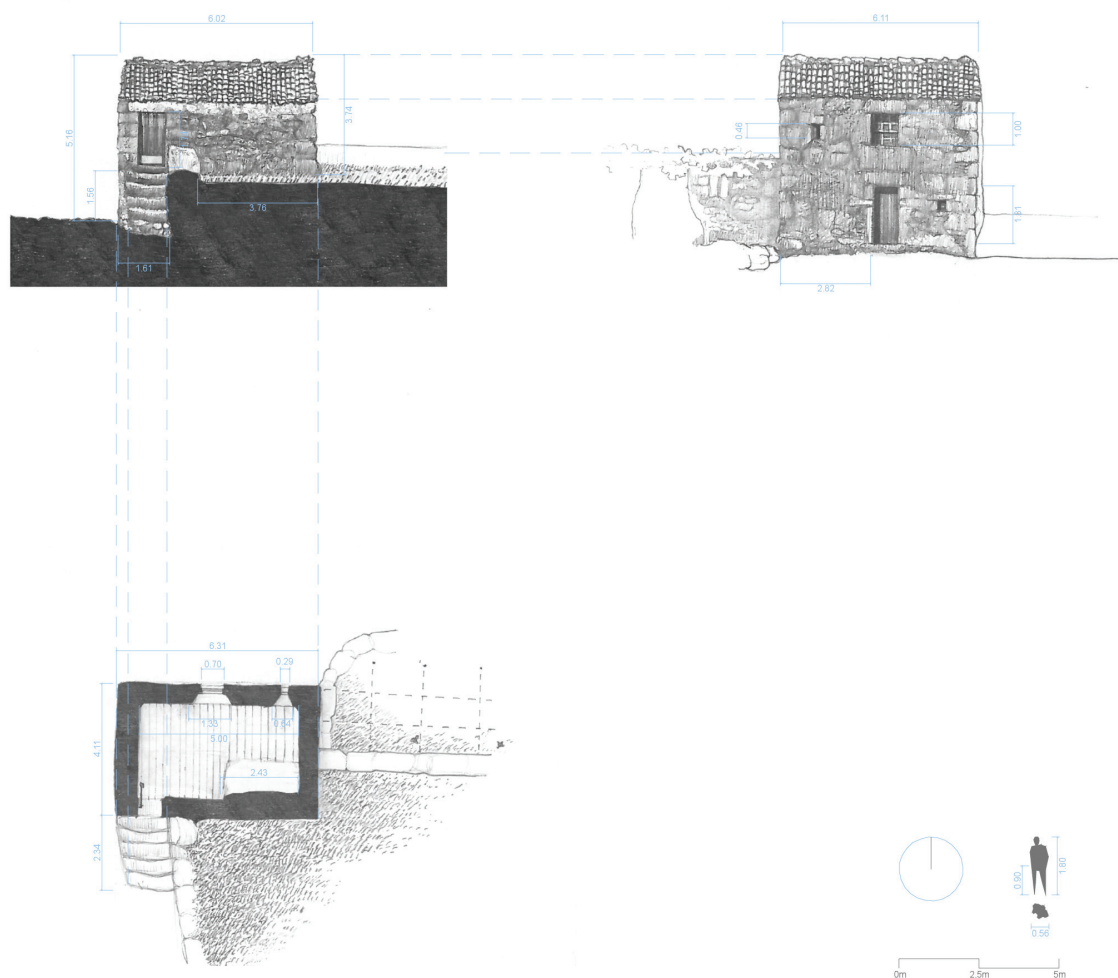


Fig. 30. Exemplo de identificação de Invariantes. Habitação em Valença, Portugal.

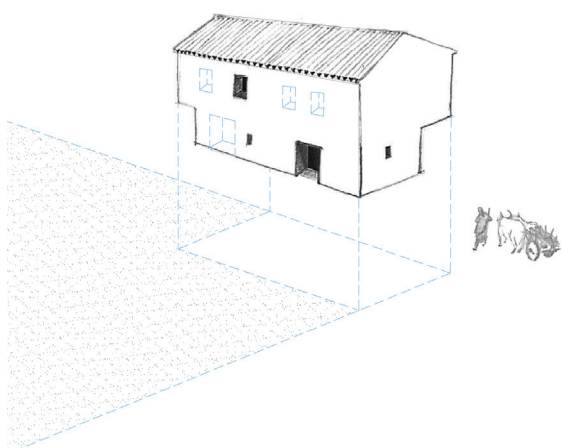


Fig. 31. Imagem Diagramática da Invariante 1.07

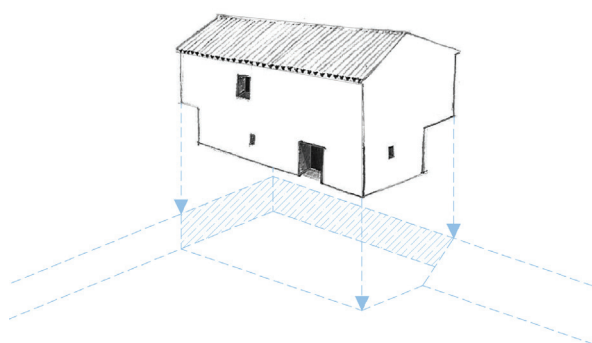


Fig. 32. Imagem Diagramática da Invariante 1.08

01.06– A confrontação directa com o acesso principal:

O caminho é um elemento primordial na relação que a edificação estabelece com o território. O percurso e o acesso de serventia, é geralmente uma preexistência condicionadora, num terreno de transito difícil, muitas vezes conjugado com sistemas de regadio e drenagem comunitários e imprescindíveis para a subsistência dos lugares mais isolados. O acesso torna-se assim um elemento de continuidade e atravessamento precioso, em que a edificação se vem fundear, como uma adjacência complementar. Mais uma vez é a valorização do terreno, escasso, que determina a minimização das circulações no interior do lote. Desta forma a transição entre o caminho e o lote é paralela e imediata, aberta para uma área ampla de forma a permitir as eventuais necessidades de mobilidade e armazenagem expedita a partir do exterior.

01.07– A retaguarda para o exterior e o privilegio da frente-fachada para o espaço central da propriedade:

Mais uma vez a valorização formal do espaço não construído da parcela e o controlo dos espaços dedicados à produção agrícola, determina esta solução espacial. O conjunto oferece assim as suas fachadas mais permeáveis (com vãos de iluminação e transição) ao espaço privado que confina; As suas fachadas tardozes, de carácter fechado e opaco, acompanham assim o acesso de serventia, resolvendo segurança e privacidade, mas, servindo muitas vezes de suporte de terras à consolidação do próprio acesso, contribuindo também para solidificar assim a rede de parques acessos existente.

01.08– O enterramento parcial do piso inferior:

Mais uma característica decorrente do aproveitamento dos muros de contenção, tal como no caso dos muros de vedação da parcela, onde a vantagem prende-se com a optimização dos recursos materiais; Existe também aqui um aproveitamento às condicionantes funcionais de algumas tipologias complementares ao agregado rural, com principal expressão no albergue das cortes, adegas e alpendres. Esta solução de articulação com o solo reforça a simbiose com a topografia e quando conjugada com a característica 1.1 fortalece a sua continuidade formal não sendo possível muitas vezes determinar com objectividade a distinção entre o arranque do edifício e o próprio terreno. Esta solução também parece contribuir para a adaptação à modelação do território socacos, que de secção estreita, caracteriza o território. Este indicador evita assim configuração volumétricas em consola cujo declive iria acentuar sobremaneira e expor ao risco

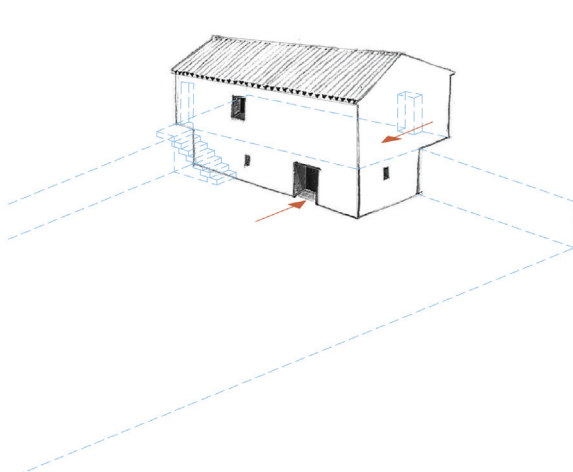


Fig. 33. Imagem Diagramática da Invariante 1.09

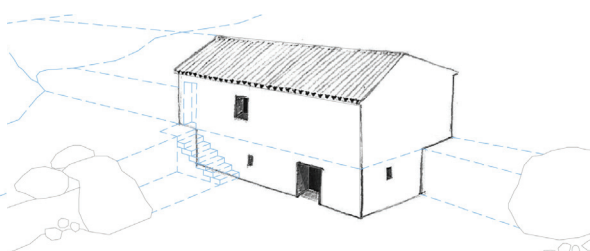


Fig. 34. Imagem Diagramática da Invariante 1.10

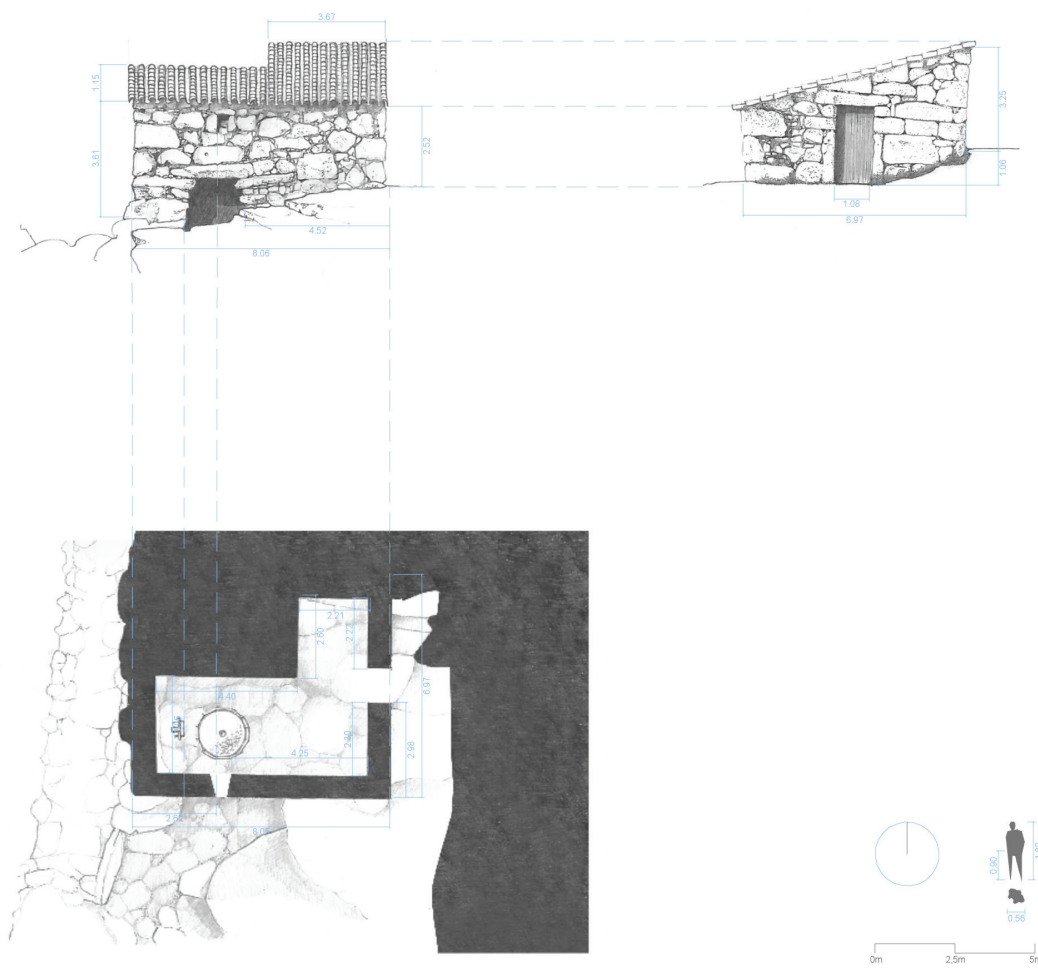


Fig. 35. Exemplo de identificação de Invariantes. Moinho de água em Moaña, Galiza.

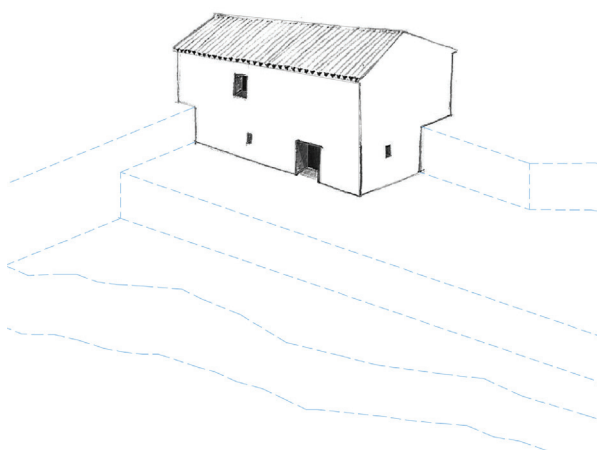


Fig. 36. Imagem Diagramática da Invariante 1.11

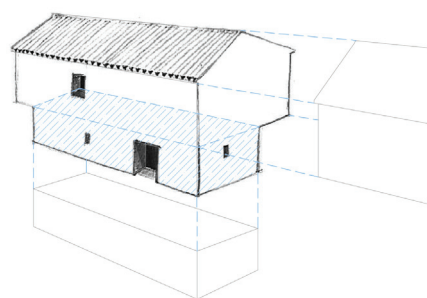


Fig. 37. Imagem Diagramática da Invariante 1.12

correspondente ao empirismo estrutural subjacente à Arquitectura Vernácula.

01.09- A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos:

Característica decorrente da propriedade anterior conjugada com o desenvolvimento vertical em pisos distintos. A adjacência da construção a plataformas com cotas diferentes determina a gestão das alturas dos pisos, de forma a permitir a sua comunicação com o exterior em pontos divergentes. A relação entre o pavimento e as cotas de acesso infere um desenvolvimento simultâneo entre a edificação e a modelação artificial da topografia, sem um hierarquia acentuada. A solução resultante promove assim a diferenciação funcional entre níveis internos, consubstanciada pela não comunicação interna dos dois pisos, favorecendo também a segregação parcial do edifício e o domínio público, algo muito útil na tipologia habitacional

01.10- A referência das cérceas “naturais”:

Contextualização dos objectos edificados aos acidentes geográficos mais significativos, estabelecidos vulgarmente pelos afloramentos rochosos, ladeiras, outeiros ou fragas mais imponentes. Aqui não se pode deixar de referenciar a intenção de protecção aos ventos dominantes, cujo direccionamento é muitas vezes influenciada pelas linhas de vale mais profundas. Todavia esta referencia, ilustra o conhecimento e o respeito pela morfologia do território, a sua aceitação e preservação. Desta forma o conjunto edificado assume uma descrição em relação ao protagonismo da envolvente natural o que lhe confere uma significativa redução de impacto paisagístico. A mesma relação pode ser entendida em relação a alguns elementos vegetais mais expressivos, mas a evolução e a vulnerabilidade destes não permite uma leitura actual rigorosa.

01.11- O paralelismo com a topografia e o contributo para a interpretação “ortogonalizante” desta:

Esta característica acentua a antropização da paisagem, cuja modelação estratifica, com recurso a uma redefinição ortogonal que vence o declive original, quebrando-o em faces aplanadas. Se em planta esta configuração já foi abordada nas características anteriores é no seu prolongamento em secção que ela se torna mais interessante. Aqui as cérceas das coberturas, se não mesmo a própria inclinação das suas águas, segue o mesmo princípio. Disposto de forma desfasada em relação ao seu precedente, os objectos edificados surgem muitas vezes como uma extrusão constante do seu nível topográfico, como que estabelecendo uma espécie de camada sobreposta resultante da formalização do conjunto. Apesar de algumas quebras pontuais a maior parte do conjunto rural apresenta uma constância e uma sequência assinalável.

01.12- A descontinuidade volumétrica como distinção Tipológica:

Característica que marca a transição para a caracterização de carácter particular, todavia aqui é precedida pelo seu impacto da disposição territorial. Esta característica demonstra uma apetência para a fragmentação do conjunto rural, cuja proporção é totalmente desfasada entre diferentes elementos em função da sua natureza funcional. Denota-se uma menosprezo pela configuração aglutinante em virtude de uma solução de adição evolutiva, acentuando uma composição de faseamento progressivo. Também apela à estanquidade volumétrica e à sua reduzida confinação interior, que diante da alteração das necessidades funcionais ou dimensionais, opta geralmente pela execução de novos volumes em detrimento da ampliação dos existentes.

02.00- Caracterização Morfológica Particular:

“O Minho é um sítio de altos muros e pequenas quintas” (expressão popular utilizada como caricatura social do povo minhoto).

A afirmação, geralmente utilizada no sentido pejorativo, expressa de forma sintética a extraordinária relação entre a identidade cultural e a estrutura territorial que lhe serve de base. Culturalmente, remete para a introversão social, para a elevada densidade populacional e para o carácter conflituoso das disputas territoriais. Materialmente, reflecte o valor atribuído à propriedade, o carácter cioso da sua delimitação, atestando a repartição do território em minifúndio, mas, também pode caracterizar a expressão do seu sistema construtivo preferencial, a necessidade de consolidar e minimizar as pendentes das suas terras e de proteger o seu usufruto dos fortes ventos e da elevada precipitação.

A Volumetria representativa da Arquitectura Vernácula da região analisada é composta na sua essência por sólidos prismáticos de grande simplicidade, compostos por planos ortogonais, de altura reduzida, e águas inclinadas transversais, de expressão considerável mas com balanço reduzido ou inexistente. Tem no seu desenvolvimento em altura, com o desdobramento em dois níveis horizontais sobrepostos, a sua maior singularidade. O nível inferior é geralmente “encaixado” na topografia (ou antagónicamente “suspenso” no caso excepcional do espigueiro) com altura ainda mais reduzida, que se estende desde o limite da utilização pontual humana ao condicionamento técnico da sua execução ou limpeza.

Numa leitura simplificada, pode afirmar-se que o vazio (espaço interior delimitado) mais utilizado do Património Vernáculo do Noroeste Peninsular Serrano resume-se ao negativo do prisma rectangular, de tendência alongada geralmente mais acentuada pelo seu desenvolvimento gradual. A sua configuração em planta pode variar entre a planta quadrangular regular (ou “regularizada” se atendermos aos inerentes desfasamentos de falta de rigor) e a trapezoidal, quando as assimetrias, derivadas das estratégias de implantação, são inevitavelmente condicionantes. Deve contudo assinalar-se a excepcionalidade de uma tipologia particular, os espigueiros, que apresentam sempre uma extraordinária regularidade ortogonal, independente de qualquer constrangimento, mas, cuja complexidade, como veremos noutras propriedades, remete a sua caracterização morfológica para um regime de classificação muitas vezes de exclusividade.

A configuração do plano de cobertura interior é onde se apresenta menor regularidade morfológica. Pode ser cerrada, com grande elementaridade, por um plano de nível que isola o volume interior da cobertura, pelos tapa-pós ou masseiras das tipologias mais elaboradas. Pode acompanhar o reverso estrutural da cobertura exterior, apresentando os planos de inclinação das suas águas e os remates interiores das suas quebras, sendo decomposta em dois grandes grupos: 1- com apenas uma água nos edifícios de pequena dimensão, de inclinação sempre transversal ao volume e lançadas no sentido na pendente do terreno, de que são exemplo recorrente os Moinho de água; 2- com duas águas simétricas, marcada por uma cumieira central longitudinal, solução bastante comum nos cobertos, nas habitações e nos emblemáticos espigueiros. Em alguns casos pontuais, nos extremos serranos, podem até adoptar soluções em falsa cúpula. Todavia, a configuração mais observada e transversal, remete invariavelmente para um tecto também plano, seja pelo aproveitamento de espaço entre o revestimento exterior (secagem de elementos), pelo malha estrutural de elementos lineares horizontais (vigas e asnas) e/ou pelos valores não muito acentuados das pendentes.

Dada a constância da configuração geométrica do vazio implementado, independentemente da vasta diversidade tipológica, é perfeitamente compreensível numa primeira leitura, que se possa reclamar para a sua génese uma sobreposição do teor espacial abstracto em detrimento da necessidade específica funcional, tanta vez proclamada por alguns autores como consequência

da “sobre-especialização” utilitária da Arquitectura Vernácula. Mais uma vez esta regularidade volumétrica (do espaço interior) tem obviamente razões mais complexas, profundas e intrincadas que se devem a uma multiplicidade de factores, cujo pragmatismo deste legado torna, obrigatoriamente, indissociáveis.

Todavia não deixa de ser curioso que em termos morfológicos o espaço interior contido pode ser genericamente caracterizado como prismático, estanque, comprimido, limpo (livre de elementos salientes fixos), sendo a sua derivação tipológica geralmente diferenciada meramente em termos dimensionais ou pela inclusão de elementos funcionais específicos (engenhos, mós, pés, balaústres, prensas, lagares). Esta transversalidade morfológica é um facto significativamente distintivo se compararmos com outras regiões do globo onde existe uma ruptura formal entre as distintas tipologias. Todavia deve sempre salvaguardar-se algumas excepções pontuais geralmente associadas a situações extremas do nosso território (como elementares Cardenhas ou Pallozas).

02.01- Piso superior – pousado - Tendência generalizada para a definição de espaços volumétricos em forma de prisma alongado de secção rectangular, ligeiramente irregular.

Neste caso concreto a configuração volumétrica exterior apresenta uma reversibilidade directa do seu vazio contido, o que corresponde a uma extrusão objectiva proporcional à espessura dos aparelhos construtivos utilizados. Exteriormente a configuração volumétrica pode apresentar duas soluções: - a continuidade material e geométrica com o piso inferior, mais comum, não representando por isso a ruptura espacial existente no interior; ou optar precisamente pela distinção absoluta entre pisos. Este ultimo caso é acentuado por um desfasamento, que pode ir do não alinhamento assumido das plantas dos distintos pisos do edifício até ao ligeiro desalinhamento dos seus paramentos verticais (solução muito observada, especialmente, quando existe recurso a técnicas construtivas diversas).

02.02- Piso inferior – encaixado - Tendência generalizada para a redução da área do perímetro superior com existência de áreas perdidas; podendo adoptar volumetrias orgânicas (formas convexas, geralmente junto aos limites anteriores), embora, permanece uma propensão pela configuração rectangular.

Na Morfologia Vernácula do Noroeste peninsular raramente o volume exterior do piso inferior coincide com o interior, que englobando partes do próprio solo apresenta uma redução considerável da área, assumindo uma divergência parcial entre a configuração exterior. Denote-se que esta condição em muito resulta da inclusão de um maciço rochoso como base do lar e do forno que se encontram no piso superior da tipologia habitacional. Todavia esta característica também se observa com naturalidade nas restantes tipologias, como nos moinhos de montanha, onde o piso inferior (O *Inferno*) corresponde ao estritamente necessário para a operacionalidade do engenho. Esta condição implica ainda a existência de menos fachadas e de alguns paramentos interiores cegos.

02.03- Constituição de volumes simples estanques, sem intersecções ou interpenetração volumétricas.

Prevalência da ideia de conjunto em detrimento de unidade. Leitura autónoma dos seus elementos, que apesar de agregados, nunca deixam de invocar a sua singularidade formal. Esta característica revela também uma autonomia dos espaços internos e uma especial apetência para o desenvolvimento progressivo e faseado das composições, onde os elementos, apesar de encadeados, raramente se subjugam aos constrangimentos geométricos mútuos. Geralmente estes elementos invocam estilizações de sólidos geométricos elementares, onde os prismas de secção rectangular e os prismas de secção triangular se destacam. Os sistemas de agregação recorrem normalmente a adjacências, sendo que estas habitualmente realizadas nos extremos e

partilhando as empenas dos prismas raramente geram intersecções complexas.

02.04- Adições adjacentes sem alinhamento recto; Fragmentação da linearidade compositiva

Apesar da linearidade de algum dos trechos, a conjugação de volumes não segue um sistema axial rectilíneo. É muito comum os sistemas de agregação apresentarem ligeiras oscilações nas arestas adjacentes dos elementos volumétricos. Apresentando assim uma série de segmentos sequenciais, mas, de disposição quebrada com especial apetência para uma enfatizada assimetria. Deve assinalar-se que esta característica apresenta naturalmente influência directa quer do ponto anterior, quer dos constrangimentos do limite físico da propriedade (01.2).

02.05- Altura reduzida (proporção do pé-direito reduzido)

Embora este património se desenvolva maioritariamente em dois pisos, a sua articulação com o terreno e a exiguidade dos seus pé-direitos derivam naturalmente em volumetria com cérceas muito modestas. O desenvolvimento vertical é sem duvida uma pecha no feitos tecnológicos empíricos da Região estudada. Tal facto, à semelhança dos outros pontos, não pode ser encarado apenas como um constrangimento construtivo derivante da primazia dos blocos graníticos ou não estivesse a Arquitectura Vernácula plena de exemplos paradoxais entre a potencialidade do material e o engenho dos sistemas construtivos, de que os edifícios em altura do lémene, executados em terra, são eventualmente a ilustração mais perfeita. Neste caso, para além de carências de teor tecnológico, depreende-se já pela base extraída da caracterização geral anterior que se pode tratar claramente de uma premissa intencional de ordem territorial (e obviamente climática, visto que esta característica promove a manutenção da temperatura interior).

02.06- Apropriação das pré-existências edificadas.

Outras das características mais interessantes que se podem observar com relativa regularidade, é a sobreposição em estratos de elementos ou sistemas construtivos pertencentes a fases distintas, algumas até conotadas com períodos de interesse arqueológico. Este facto remete claramente não só para a necessidade de aproveitamento dos recursos materiais, pela sua escassez, referenciada na caracterização territorial, mas também para a capacidade e flexibilidade das tipologias vernáculas incorporarem ou regenerarem edificações de outras naturezas e origens. Facto que contraria em certa medida as opiniões genéricas de alguns autores que postulam a rígida especificidade formal do Património Vernáculo.

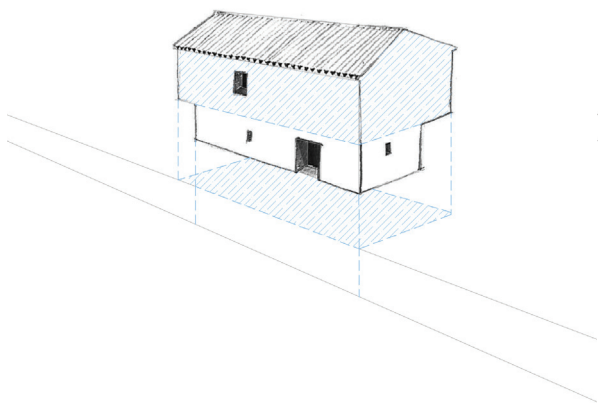


Fig. 39. Imagem Diagramática da Invariante 2.01

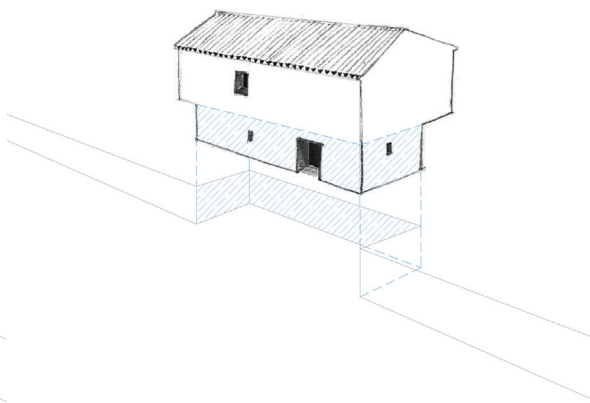


Fig. 40. Imagem Diagramática da Invariante 2.02

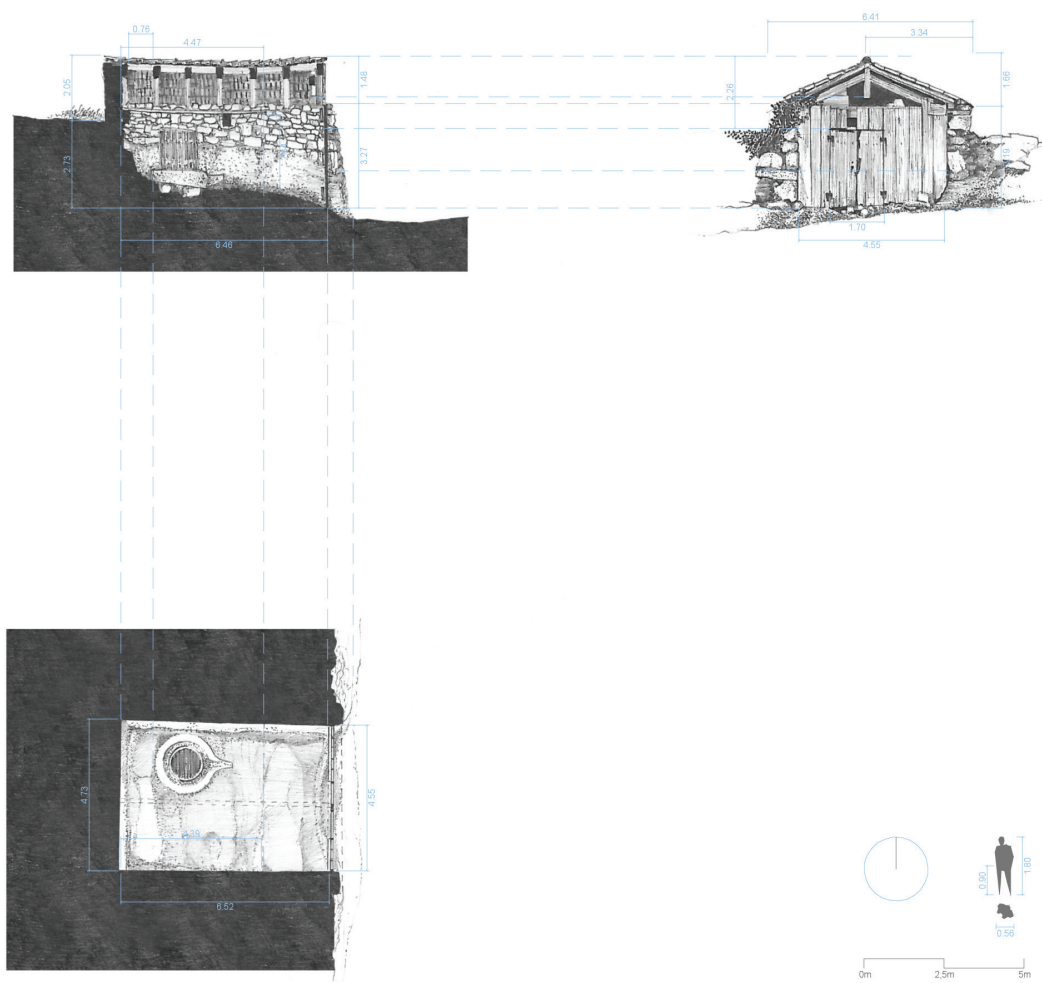


Fig. 41. Exemplo de identificação de Invariantes. Alpendre em Monção, Portugal.

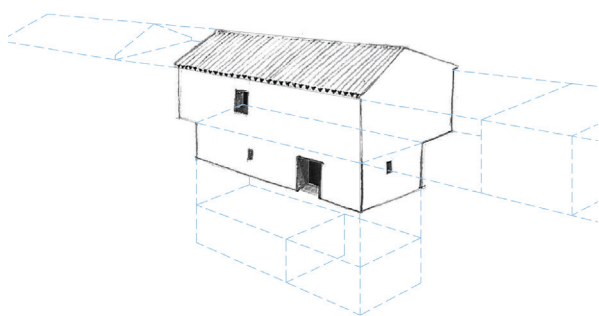


Fig. 42. Imagem Diagramática da Invariante 2.03

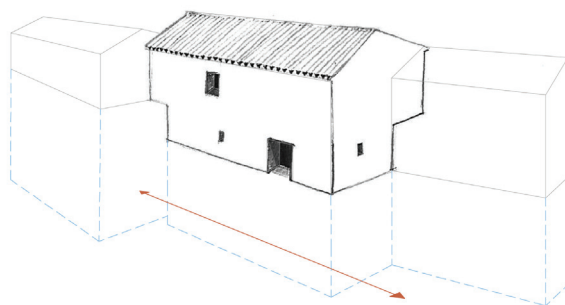


Fig. 43. Imagem Diagramática da Invariante 2.04

02.07- Edificado de materialidade Pesada versus Leve:

O edificado corresponde naturalmente à materialização do limite do vazio contido. Estes limites são invariavelmente compostos por intersecções de planos verticais, pesados (muros portantes) ou leves (muros de cerramento) que conectam pavimento e cobertura. O edificado pesado é constituído por planos espessos (PVA ref.) de carácter estruturante na composição geral. O elementos de edificado leve são paramentos finos, de carácter complementar, lidos geralmente como subdivisões ou adições reversíveis à espacialidade matricial gerada pelos edificado pesado... O seu carácter morfológico é sempre determinado pelo sistema construtivo empregue e, sem pretender desenvolver a descrição técnica, a sua caracterização morfológica é mais simples quando estabelecida de acordo com essa obrigatoriedade de relação. Deste modo são brevemente enunciados os dois pontos seguintes através de dois grandes grupos genéricos.

02.7.1- Alvenaria ordinária (junta seca e/ou argamassada)

Sendo o granito, e mais pontualmente o xisto, o recurso material mais abundante, a alvenaria pétrea ordinária (e menos frequentemente a aparelhada) constitui naturalmente o sistema construtivo mais empregue nesta região. A sua junta pode ser argamassada com terra ou em casos mais elaborados com ligantes à base de cal, mas, a junta seca constitui de longe a solução mais habitual. Devido a esta circunstância e à irregularidade dos blocos é frequente observar a técnica de racheamento (ou escassilho) que consiste em colocar pequenas cunhas de pedra nos espaços intersticiais conformados pelos blocos de maior dimensão, de forma a incrementar o travamento do pano de alvenaria e consequentemente a sua resistência estrutural. Seja composta por pano simples ou duplos (em casos mais raros) a média da espessura varia entre 50 a 80cm, o que contribui sobremaneira para a leitura maciça do volume edificado e como constrangimento insuperável à abundância e versatilidade da subtracção de vãos.

02.07.02- Ripados fenestrados

A madeira, sobretudo a madeira conjugada com a pedra, constitui o segundo grupo de material mais utilizado. Para além dos madeiramentos das coberturas e dos sobrados dos pavimentos, o ripado de madeira (ou o Balaústre) de estrutura linear horizontal e de revestimento em tabuado vertical são dos maiores responsáveis pelos planos de encerramento dos volumes edificados.

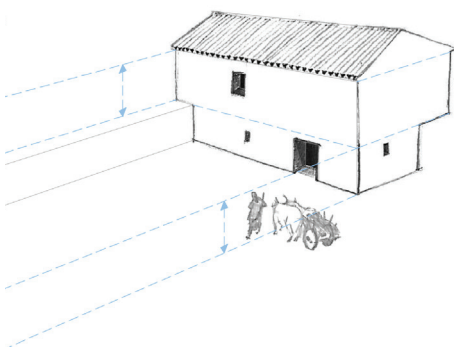


Fig. 44. Imagem Diagramática da Invariante 2.05

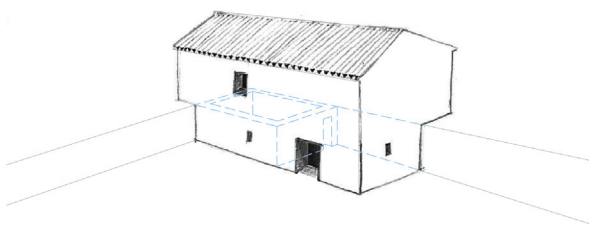


Fig. 45. Imagem Diagramática da Invariante 2.06

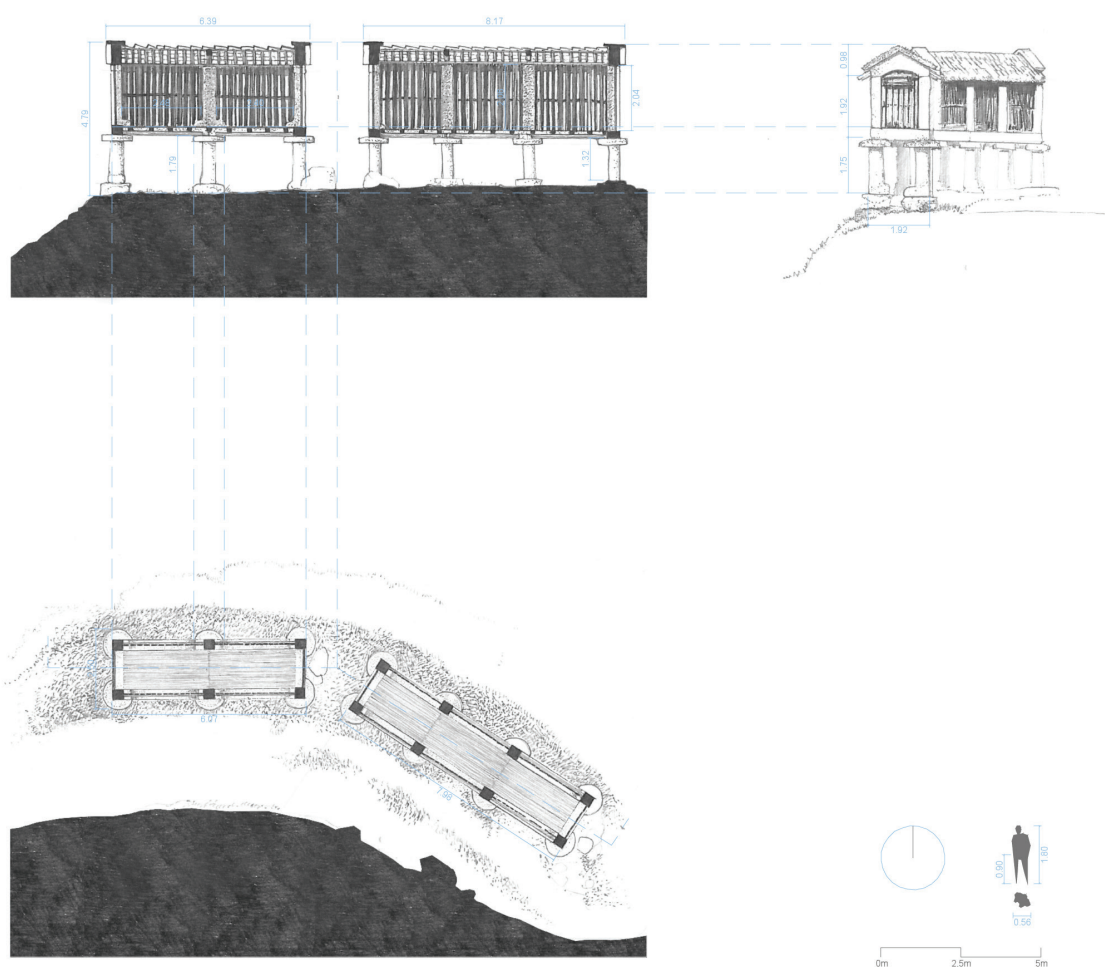


Fig. 46. Exemplo de identificação de Invariantes. Espigueiros em Monção, Portugal.

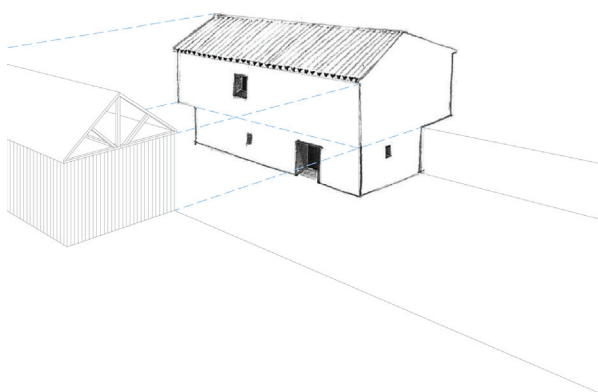


Fig. 48. Imagem Diagramática da Invariante 2.07

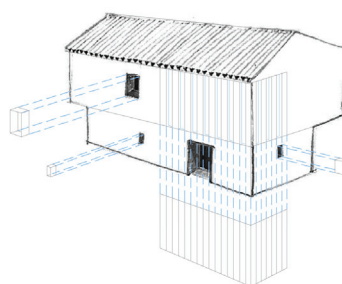


Fig. 47. Imagem Diagramática da Invariante 2.08

Com apetência preferencial por madeira mais resistente como o Carvalho ou o Castanho, também é frequente observar a utilização de espécies ripícolas como o freixo, o salgueiro ou o choupo. Este sistema construtivo traduz-se em planos contínuos, levantados a prumo, de estereotomia regular. A sua espessura é de aproximadamente 12cm, o que constitui um paramento de expressão fina e leve, sendo geralmente rematada por elementos de alvenarias pétreas. Remete mais para a leitura de plano autónomo do que propriamente para a noção de volume, ou então contribui para a noção de rompimento do próprio volume, sendo entendida como uma obturação do seu vazio. Ao contrário do sistema construtivo anterior, o ripado é particularmente propício à fenestração dos seus planos, permitindo uma vasta de soluções de vãos. Todavia, e apesar da variedade dimensional ser enorme, a sua configuração é bastante regular, recorrendo maioritariamente a estreitos rectângulos verticais, que são abertos com grande critério rítmico, incluídos nas fachadas através do afastamento entre os módulos verticais de tabuado. Este simples e reversível sistema de fenestração, torna-o apelativo em espaços de transição com o exterior, permitindo uma circunscrição espacial sem abdicar da exposição parcial aos elementos naturais.

02.08- Vãos Subtraídos/Incluídos:

Determinam as relações de articulação com o exterior e reflectem os constrangimentos tecnológicos da cultura construtiva da região analisada. O estudo da lógica de fenestração prende-se com a sua importância na qualificação do espaço interior e da sua permeabilidade. Os vãos que podemos encontrar no Património Vernáculo da região analisada, apresentam duas lógicas distintas, correspondendo à utilização dos materiais mais utilizados nos paramentos verticais.

02.08.01- Vãos subtraídos – em alvenarias de pedra

Tal como descrito anteriormente a volumetria é essencialmente maciça, pouco permeável, o que se deve naturalmente à simbiose entre a dureza material das alvenarias graníticas e a escassez de aberturas. A elevada espessura das paredes, a irregularidade dos aparelhos e a sua função estrutural é factor incontornável para a falta de abundância e diversidade de soluções de vãos. Os vãos são geralmente pontuais, isolados num plano em posição central no que concerne ao seu espaço interior e raramente alinhadas ou ritmadas de acordo com a totalidade da fachada. Este facto exhibe uma despreocupação total pela necessidade de equilíbrio compositivo exterior, assim a localização do vão resulta sempre da necessidade de luminosidade equilibrada no interior do espaço interno e na qualidade das peças de remate da alvenaria. O vão, aberto nos muros pétreos, apresenta uma secção afunilada, convergente para o exterior, de dimensão reduzida e uma geometria variante entre o quadrado e o rectângulo de disposição vertical.

02.08.02- Vãos incluídos – em tabuados de madeira

Os balaústres, ou ripados, são soluções frequentes em áreas com necessidade de ventilação. O caso mais icónico encontra-se aplicado nos Espigueiros. Esta é também uma solução muito usual em elementos complementares de estruturas pétreas, com principal protagonismo nas portadas dos sequeiros ou nos corredores (varandas). Os vãos são rasgados, pela alternância de espaçamento entre os elementos verticais que constituem os tabuados, apresentam ritmo e continuidade, desenvolvem-se sobre a totalidade do plano de tabuado, em altura de guarda ou acompanhando a altura total do piso. Neste caso aprecia-se uma considerável preocupação com a composição exterior, sendo um dos casos raros onde se aplica uma tentativa de uniformidade da fachada.

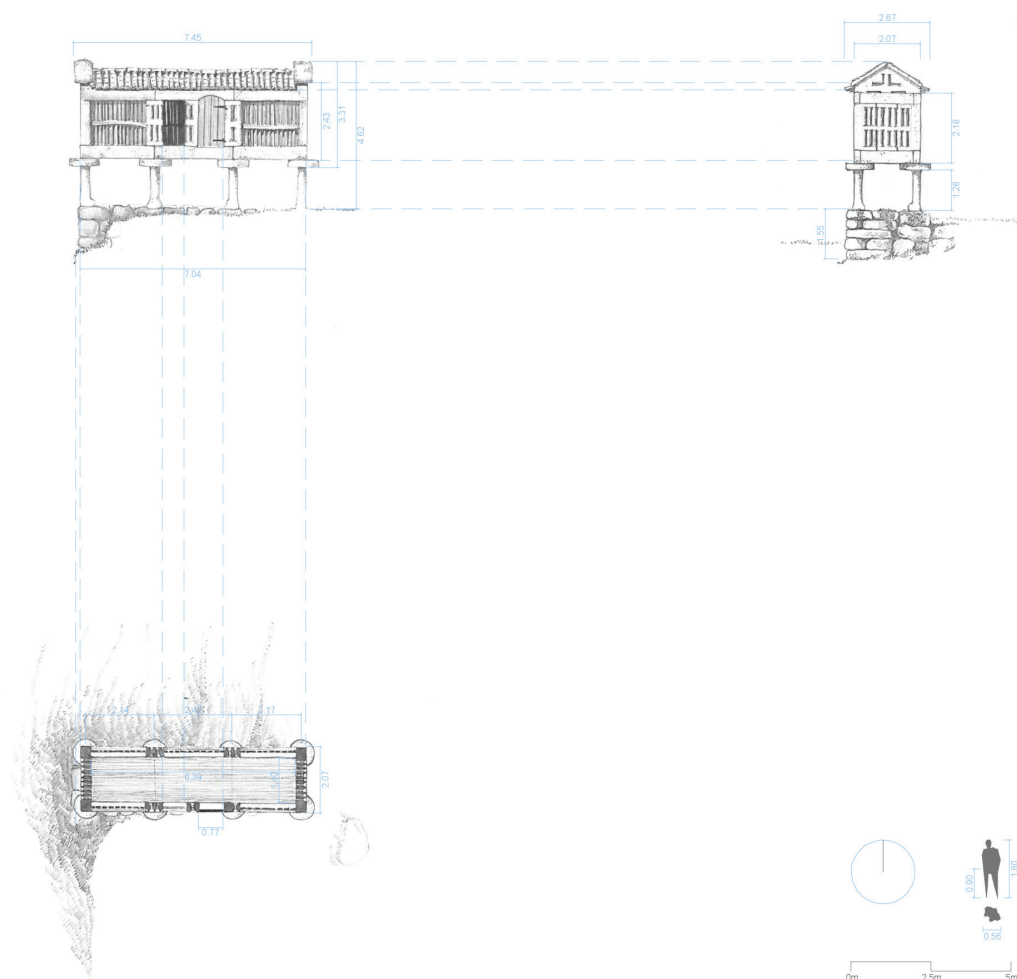


Fig. 49. Exemplo de identificação de Invariantes. Espigueiro em Pontevedra, Galiza.

Nota conclusiva 02:

Tal como na caracterização geral estas sete características não podem ser compreendidas de forma isolada, são interdependentes e muitas das suas variantes funcionam até de forma dialéctica (para não dizer simbiose). Todavia representam o nível mais elementar da sua caracterização transversal, qualquer omissão comprometeria totalmente a descrição estrutural deste Legado, enquanto que qualquer adição poderia inviabilizar a sua transversalidade às tipologias existentes. Contudo neste caso e pela interpretação do conjunto dos dois grupos caracterizantes verifica-se uma subjugação da caracterização volumétrica à sua congénere territorial. O espaço interior é sempre determinado pela condicionantes da implantação e pelos elementos pré-existent e muito raramente são as imposições da configuração geométrica do vazio, apesar da tão apregoada imposição utilitária dos Edifícios Vernáculos, que estruturam o desenvolvimento morfológico das Edificações. Uma interpretação possível, ao contrario de inúmeras apreciações cépticas, é que a Morfologia da Arquitectura Vernácula, no que concerne a esta região específica, é efectivamente flexível e evolutiva tendo potencial ESPACIAL suficiente para se projectar além das actividades agrícolas que lhe estão associadas, até porque se algo de positivo se pode extrair da presente crise económica é que o seu apregoado e inevitável ocaso poderá não ser uma verdade absoluta.

A REINTERPRETAÇÃO VERNÁCULA:

– *Evolução histórica e valor crítico I: a génese Espanhola*

Apesar deste estudo incidir essencialmente sobre uma base analítica formal, dado a particularidade do seu enquadramento histórico e da componente crítica que lhe é inerente, este não prescindirá de ser complementado com um breve, embora fundamental, enquadramento teórico da cultura arquitectónica Peninsular desde as primeiras décadas do séc. XX até aos finais dos anos 70.

Para melhor compreender o fenómeno da penetração da cultura tradicional nos processos formais e académicos, até à sua aplicação profissional em Obras concretas, será necessário recuar até ao período de emancipação científica das Escolas de Arquitectura dentro das Belas Artes, acompanhar as fundações do Modernismo (CIAM – 1928) e do seu declínio (Demolição do bairro Pruitt-Igoe - 1972), compreender a proposição do Post-modernismo, e ter sempre em conta a tragédia humana associada às Grandes Guerras e às implicações socioculturais das ditaduras ibéricas e das suas principais fases de transição.

O presente capítulo expressa que a evolução do tema esta profundamente enraizada nas convulsões científico-sociais do séc. XX, com particular dinamismo nas transformações operadas nas suas décadas intermédias e na antecipação das que estavam por vir, integradas num ritmo cada vez mais acelerado, que as Tecnologias de Informação e Comunicação vieram a confirmar de forma vertiginosa.

Paul Oliver (2006, p. xxi). indica que o arranque dos estudos relacionados com as tradições vernáculas teve lugar por volta de 1880. Todavia é geralmente consensual que a área apenas adquire dimensão científica significativa na entrada da segunda metade do séc. XX (com especial relevo na década de 60) e que até então os contributos foram modestos e pontuais. Contudo em artigos mais recentes alguns autores defendem que no contexto Ibérico a abordagem à arquitectura vernácula é uma pratica com raízes mais antigas e que, mesmo não sendo registada sob a perspectiva teórica, esta era muitas vezes focada do ponto de vista pratico (Diez-Pastor, 2012).

Não se tratarão certamente de Obras-Manifesto (no sentido vanguardista do conceito), mas, antes de ensaios pontuais de aplicação material-formal, uns de natureza intencional outros através de métodos de indução formal de sensibilidade interpretativa, alguns dos quais, os mais interessantes, com implicações para lá do resultado material ao nível do próprio processo de projecto.

Concepción Diez-Pastor (2012) e Juan Calatrava (2007) referem que, em território Espanhol, o estudo da realidade vernácula, no domínio da Arquitectura, terá de ser contextualizado a partir da viragem do séc. XIX para o XX, quando o esgotamento das correntes historicistas começou a dar lugar a um fenómeno crescente de tendências de carácter regionalista. É precisamente neste contexto que Leopoldo Torres Balbás irá assumir papel fundamental, disseminando as suas convicções (enquanto Arquitecto, Historiador e Professor) acerca do valor e importância cultural da edificação tradicional e da adopção de uma abordagem analítica contextual como pratica necessária ao exercício de arquitectura; o que constitui posição pioneira e de certo modo contrastante com os métodos clássicos das escolas de Belas Artes, onde usualmente se enquadrava a formação em Arquitectura. Mas, o seu maior contributo terá sido a argumentação de que a implementação das correntes modernas em Espanha não pressuponham uma ruptura radical com o passado, mas, que, ao invés, deviam ter por base as suas raízes históricas e as suas tradições populares.

*"In his writings one can find, negatively expressed, a desire for architecture to be modern, not through blind rupture but precisely for knowing both how to look at the past with new eyes and how to incorporate anonymous secular memory into the demands of the contemporary city."*¹(Calatrava, 2007, p.42)

Torres Balbás preconizava uma metodologia muito particular que remetia para uma primeira análise no terreno, longe dos estiradores dos ateliers e dos tratados de prateleira, de forma a compreender o contexto físico e cultural da integração dos edifícios, independentemente da sua tipologia e estatuto. Privilegia assim o levantamento arquitectónico e a sua Inventariação, não discrimina as obras de carácter "popular", interessa-lhe sobretudo aquelas que melhor traduzem a relação entre o território e o carácter do seu povo. A esta abordagem não deverá ser alheia a influência directa do seu pai, geógrafo de profissão, o qual acompanha frequentemente nas expedições e trabalhos de campo nos anos de sua infância. Aliás, parte significativa da sua produção profissional incide particularmente sobre o domínio geográfico e recorre-se das suas metodologias, especialmente os trabalhos teóricos desenvolvidos em torno da problemática do desenvolvimento urbano de Espanha.² A estes estudos se atribuem grande competência científica na época, de tal forma que o seu trabalho é referenciado por alguns dos geógrafos portugueses mais notáveis e ademais utilizados como referencia analógica para o contexto português (Ribeiro, 1994, p.145).

É precisamente esta metodologia de apreensão directa no lugar, absorvendo todos os tipos de património cultural, que lhe irá suscitar a sua pertinência pedagógica e, inevitavelmente, lhe suscitará a sensibilidade para com o património de carácter vernáculo. Assumindo significativa importância no contexto académico de Madrid, a partir dos anos 20, Torres Balbás irá implementar dentro das disciplinas que lecciona esta metodologia, sendo frequentes as excursões com este intuito que realiza, conjuntamente com os seus alunos, nos territórios rurais de Espanha.

A sua estratégia pedagógica é ainda complementada como uma postura de teor científico, que pôs em prática através da sua contribuição na Revista *Arquitectura*.

Impulsionador sobretudo de uma perspectiva permanentemente crítica no domínio da interpretação cultural, através dos seus principais agentes, será ele, enquanto director da Revista *Arquitectura*, que estabelece o desafio e proporcionará a oportunidade das gerações seguintes adoptarem uma expressão teórica activa. Entre eles (a maior parte seus discentes) destacam-se nomes de García Mercadal, Sert, Arniches ou Fernández del Amo (apenas para citar alguns), figuras proeminentes da história recente da Arquitectura Espanhola.

"Under his (Torres Balbás) direction of Arquitectura, García Mercadal, Arniches and their '1925 Generation's colleagues started to publish a first series of studies on Spanish vernacular architecture." (Diez-Pastor, 2012, p.186-187)

Fernando Garcia Mercadal será um interveniente incontornável deste processo. Associado às origens dos CIAM (desde a sua primeira reunião em La Sarraz, na qual intervém de forma eloquente) e às suas principais figuras (Hoffman, Poelzig, Hansen, Gropius, Le Corbusier...) com as quais prisa entre 1923 e 1927, será ele (juntamente com José Luís Sert) que irão estabelecer as bases teóricas do famigerado grupo GATEPAC, do qual a relevância para o tema já se encontra

.....
1) Tradução livre: "Nos seus textos podemos encontrar, expresso de forma céptica, o desejo de tornar a arquitectura moderna, não através de uma ruptura cega com o passado, mas, precisamente por saber olhar o passado com outros olhos e como incorporar as memórias anónimas seculares nas necessidades da cidade contemporânea."

2) O que não significa o comprometimento da sua produção prática, muito pelo contrário, como se pode verificar no seu extenso e emblemático legado de intervenções arquitectónicas, sobretudo enquanto ocupou o cargo de Arquitecto Restaurador da área de Granada.

mencionada no ponto relativo ao Estado da Arte. Trata-se, portanto, de uma figura de notável relevo para o Modernismo, não apenas no contexto Espanhol, mas, a nível Europeu.

Notável também é o envolvimento que irá estabelecer com a Arquitectura Popular, que apesar (ou no decurso) do seu compromisso com os ideais vanguardistas, não deixará de desenvolver.³ O que muito precocemente revela a abertura da “terceira via” que será abordada mais adiante, contrariando assim o fundamentalismo a que Modernismo tanta vezes é associado.

Bolseiro desde 1923 da Academia de Roma, irá produzir, durante a sua passagem por Itália uma série de registos na persecução da matriz da casa mediterrânea⁴, um elemento que considera essencial para a compreensão da identidade Arquitectónica da Europa do Sul, na qual obviamente se enquadra o contexto Ibérico.

Será precisamente este seu interesse científico que o leva a publicar, em 1931, o primeiro Livro em Espanha dedicado exclusivamente à Arquitectura Popular, antes ainda de Leopoldo Torres Balbás, que após a guerra civil, por constrangimentos políticos verá o seu percurso profissional confinado quase exclusivamente à docência e à Investigação. Todavia, Torres Balbás não refreou a sua intensa produção, continuando a elaborar textos e ensaios de grande impacto. Os seus ensaios urbanísticos acerca das cidades espanholas de origem muçulmana constituíram importante referências.

Outros dos discípulos de Torres Balbás que assumiria importante destaque na historiografia da Arquitectura Espanhola seria Fernando Chueca Goitia que, retomando a problemática da viragem do seu século, desenvolveu a investigação sobre a Identidade de uma Arquitectura Espanhola a partir da segunda metade do século XX (Calatrava, 2007, p.48). Deste autor que, incide sobretudo no Legado erudito, assinala-se a ampla distribuição das suas obras principais, mas, para o tema específico deste estudo, o caso particular do **Manifiesto de la Alambra**,⁵ onde expressa a importância da compatibilização entre o Modernismo e o Legado Tradicional (sendo que, na época, era o único conceito capaz de abarcar o termo Vernáculo).

A nível nacional, ainda que num âmbito distinto, a reflexão proporcionada pelas intervenções promovidas pelo Instituto Nacional de Colonización (INC) deve também ser referida. A implementação concertada dos denominados *Pueblos de colonización* pretendia estimular o desenvolvimento da produção agrícola nacional, respondendo simultaneamente ao desequilíbrio territorial de Espanha, procurando potenciar a vocação agrícola dos solos e os recursos hídricos de regiões de maior isolamento ou de menor propensão económica (Calzada Pérez & Pérez Escolano, 2009, p.12).

A oportunidade operativa de abordar exclusivamente um contexto rural *ex novo*, de forma relativamente autónoma, constituía um cenário sem precedentes, especialmente para a geração de arquitectos mais jovem. A originalidade, a dimensão e a intensidade da produção efectuada permitiu, não só, uma sensibilização específica relacionada com o património tradicional existente das áreas visadas, mas, também, a possibilidade de experimentação da integração de elementos e componentes da morfologia vernácula dentro das lógicas e processos do projecto e da construção da época, de forma mais ou menos explicita. Uma experiência que acabaria por ser determinante no trajecto individual de autores de grande influencia posterior, como José Luis Fernández Del Amo ou Alejandro De la Sota (Llano Cabado, 2006, p.22-23).

3) Refere Carlos Flores acerca de Mercadal “*También aprendí junto a Mercadal una lección provechosa sobre la caducidad de las vanguardias y de los ardores juveniles en la defensa de nuevos ideales estéticos*” (Museo Español de Arte Contemporáneo, 1984, p.9).

4) Álvaro Martínez-Novillo refere “*Por una parte recorre Italia, especialmente el sur y la bahía de Nápoles y se ocupa de estudiar y dibujar la arquitectura popular mediterránea en sus realizaciones mas modestas e anónimas.*” (Ibidem, p.7)

5) O Manifiesto de la Alambra é um documento, redigido como um guia de orientação crítico, resultante do encontro que Chueca Goitia promoveu em 1952 e que simbolicamente teve lugar na cidade onde o seu Mentor teve oportunidade de aplicar as suas teorias conservacionistas: Chueca Goitia, F. (1981). **Invariantes castizos de la Arquitectura Española. Invariantes de la Arquitectura Hispanoamericana. Manifiesto de la Alambra**. Madrid: Editorial Dossat Bolsillo.

Também neste período se enquadra o importante contributo do etnógrafo e arqueólogo Xaquín Lorenzo Fernández que, durante as décadas dos meados do Século XX, será responsável pelo trabalho de campo que deu origem ao primeiro trabalho de classificação sistematizada sobre arquitectura não erudita da Galiza (Lorenzo Fernández, 1962).

Pese embora os conteúdos produzidos extravasarem, naturalmente, o domínio da problemática Arquitectónica, à semelhança do que acontece com Jorge Dias⁶ no Norte de Portugal, será a sua interpretação, que irá estabelecer a consubstanciação científica das abordagens posteriores desenvolvida por parte dos Arquitectos. Desta forma infere-se que a relação sequencial entre as áreas científicas é bastante aproximada ao caso Português. Todavia, ainda que metodologicamente sigam a mesma linha, assiste-se a uma particular distinção na circunscrição da área geográfica dos estudos que, no caso de Espanha, adquire uma dinâmica regional relacionada com o seu carácter político-administrativo.

Xaquín Lorenzo Fernández surge integrado no fenómeno dos colectivos regionais de historiadores, geógrafos e sociólogos que no século XX, sobretudo no período que antecedeu a Guerra Civil, dedicaram os seus esforços à especificação dos valores culturais das distintas regiões espanholas. O seu trabalho surge assim integrado e sistematizado em trabalhos pluri-disciplinares que visavam a difusão da identidade cultural Galega. Destes trabalhos deve-se sublinhar as iniciativas produzidas pelo colectivo *Seminário de Estudos Galegos*, que dariam continuidade ao trabalho pioneiro desenvolvido pelo grupo *Xeración Nós*, nos quais importantes nomes da cultura Galega como Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo e Florentino Cuevillas sobressairiam (Pulgar Sabín, 2006, p.22).

Lorenzo Fernández junta-se assim aos nomes os grandes responsáveis pelos desenvolvimento e divulgação do tema (Rodríguez Iglesias, 1997, p.32), elaborando inúmeros textos e promovendo iniciativas de grande inspiração sobretudo para os arquitectos recém formados que, chegando ou regressando de Madrid, “se deparavam atónitos com a imensa divergência contextual e com o desfasamento cultural” absorvidos que estavam pela dinâmica da recente formação universitária e pelo impacto do ambiente urbano onde esta se desenrolou (Gallego Jorrete, 2012 em entrevista do autor).

.....
6) Como se descreve no capítulo seguinte.

– *Evolução histórica e valor crítico II: a génese Portuguesa.*

Ao estabelecer uma comparação Ibérica constata-se que a valorização do Património Vernáculo em Portugal, apesar de apresentar um arranque posterior¹, parece desenvolver-se de forma mais acelerada, tendo o seu foco de maturação particular relevância na transição entre a década de 1950 e 1960. Fruto de uma sensibilização progressiva que, apesar das resistências administrativas iniciais, consegue concertar as principais instituições (relacionadas com a prática arquitectónica), desenvolvendo estratégias de pesquisa e interpretação que se viriam a tornar referências internacionais (Angelillo, 2000, p.9-10). Este facto parece estar inevitavelmente relacionado com a passagem (especialmente durante o intervalo cronológico mencionado) de determinadas figuras por cargos de decisão e influência institucional.

Tal como no contexto Espanhol, sem ter de recuar às evidentes divergências culturalistas/progressistas vigentes no século XIX, será essencial retroceder à figura de Carlos João Chambers Ramos, Arquitecto do primeiro modernismo português, que de certo modo terá um papel análogo a Leopoldo Torres Balbás.

Carlos Ramos (1897-1969), embora com menos expressão científica na medida em que tanto a sua Obra, como o seu discurso teórico, é menos considerada que a dos seus “herdeiros”, será determinante no processo pedagógico que envolve os principais agentes enquadrados nesta Investigação. Trata-se do elemento chave que nos permite relacionar figuras como Keil do Amaral ou Fernando Távora a todo este processo, nomes que, tal como a geração G25 o havia feito em Espanha, afirmaram-se na exploração dos atributos “regionais” dos seus territórios em detrimento da hegemonia cultural e intelectual das suas capitais.

Este facto não justifica que a sua Obra fosse desligada do seu discurso, mas, estava de tal modo estrangida (ou “comprometida” tal como o próprio a gostava de designar) com as linguagens instituídas pela administração pública que nunca conseguiu verdadeiramente explorar as suas potencialidades ideológicas. Sendo que à época as suas tentativas de “mediação” entre as tendências existentes eram lidas como incongruências compositivas pontuais e hoje, à luz da clarividência das premissas estabelecidas, confundidas com derivações insignificantes. Uma leitura mais profunda ditará contudo que seriam os experimentalismos possíveis de realizar numa época onde a amplitude ideológica era bastante restritiva, estendendo-se do consentimento apreensivo até à censura efectiva. Mas, tal como se referiu a sua marca será verdadeiramente determinante no campo do ensino. Primeiro a partir da capital Portuguesa, onde exerce o cargo de professor na Escola de Belas Artes desde 1933, na qual se formou, não esquecendo também o papel pedagógico que na época os ateliers também desempenhavam (dos quais o seu era um dos mais proeminentes); Posteriormente a partir da cidade do Porto e da sua Escola de Belas Artes, na qual exerce docência no curso de Arquitectura desde 1940, e à qual ascende como Director entre 1952 e 1967 (2 anos antes do seu falecimento).

Será precisamente neste facto que reside a clivagem mais significativa, entre o Minho e a Galiza, no processo de desenvolvimento e valorização da arquitectura vernácula (então sob o termo agregador de Arquitectura Popular) como espólio conceptual válido no processo de projecto Arquitectónico. Enquanto no caso galego a Arquitectura é leccionada a partir do centro difusor instalado na sua capital (e só depois em Barcelona) o território litoral do Norte de Portugal, dispõe de uma instituição na sua área de influência directa, onde desde 1836 se difunde o ensino de Arquitectura: A academia portuense de Belas-Artes. Carlos Ramos está enquadrado no momento em que a instituição é integrada no sistema de ensino superior nacional, e passa a designar-se como Escola Superior de Belas Artes do Porto, no ano de

.....
1) Algo que se processa não apenas em relação a Espanha, mas, a todo o contexto da Europa central, como se deduz da influência que as tendências acerca da Arquitectura Tradicional dos Países Baixos exerceram na perspectiva de Keil do Amaral (Bandeirinha, 2010).
.....

1950. Ramos desempenhará um papel fundamental na reestruturação e evolução do curso de Arquitectura do Porto que, apesar do reconhecimento que lhe é atribuído nas décadas seguintes, apenas se autonomiza como Faculdade dez anos após a sua morte (1979, 4 anos depois da criação da ETSA na Coruña).

Todavia a legado de Ramos, para o tema, apresenta interessantes antecedentes que remontam à sua actividade na capital e que, como se verá adiante, deixaram interessantes frutos e seguidores.

Para Pedro Vieira de Almeida, o grande contributo ideológico de Carlos Ramos está expresso no conteúdo de uma das suas citações preferidas (de Emile Schereiber), escolhida para abrir uma palestra no ano lectivo de 1933 (o que demonstra explicitamente a sua estratégia de articulação entre ideologia e a estratégia pedagógica):

- *“Penetração internacional, interpretação nacional, eis todo o segredo do mundo de amanhã”*. (Carlos Ramos citado em Veira de Almeida, 2004, p.72)

Desta expressão se interpreta a necessidade permanente que Carlos Ramos exigia aos seus discípulos em compreender e acompanhar as tendências externas (por mais disruptivas que estas fossem, e atenção que tinham passado apenas 5 anos do primeiro CIAM, o que para um país periférico e limitado culturalmente pela Ditadura, não significa um hiato temporal significativo), mas, cuja aplicação dependeria sempre de uma reinterpretação obrigatória, focada nos princípios culturais internos (o que constitui uma das definições mais objectivas dos conceitos que Tzonis e Lefaivre viriam a desenvolver cerca de 50 anos mais tarde e de que Frampton viria a disseminar). Era efectivamente uma teoria visionária e que implicava um plano a longo prazo, acarretando várias gerações, em que o papel pedagógico e/ou formativo² seria determinante.

Este é precisamente o caso de Keil do Amaral que, embora não tivesse sido seu discente enquanto aluno da Escola de Belas-Artes de Lisboa, irá colaborar no seu gabinete entre a década de 30 e 40, assumindo permanentemente no seu discurso a profunda influência que este lhe causou a nível ideológico e metodológico.

“... desde cedo trabalha com Carlos Ramos, chegando mesmo a confessar que, muito para além do tempo que passou entre as paredes da Escola de Belas-Artes, essa colaboração foi a verdadeira essência da sua formação”. (Bandeirinha, 2010, p. 14)

Keil apresenta um verdadeiro espírito crítico, o que naturalmente provocava na época um tremendo desconforto, causando-lhe mesmo a expulsão da Escola, numa fase inicial, por questionar publicamente as metodologias pedagógicas da Instituição. Mas, é sobretudo através desse espírito crítico que Keil irá perseguir, persistentemente, um objectivo essencial no desenvolvimento do estudo da temática que se propõe.

Influenciado pela doutrina de Ramos e inspirado pela corrente Holandesa (Toussaint, 2009, p.324), sobretudo pela obra de Dudok³, reclama desde cedo através do texto *“Uma iniciativa necessária”* (1947), a obrigatoriedade de se efectuar um estudo à escala nacional que levantasse as raízes arquitectónicas do País. O texto embora pertinente é violento e mordaz, o que levanta demasiado anti-corpos.

Apesar de revelar a sua abertura ao Modernismo recusava perentoriamente a aplicação

.....
2) Realiza-se aqui uma distinção por considerar-se que em contextos onde esta ideologia não pôde ser concertada de forma pedagógica (por exemplo no caso de Lisboa) esta era transmitida nos gabinetes ou como foram designados “ateliers-escola” e que portanto também era promulgada através da formação profissional.

3) que visita em 1937, apenas três anos após se formar como Arquitecto.

direta dos seus códigos vanguardistas; confrontado com a perspectiva tradicionalista vigente reclama: “Arquitectura regional não é, não pode ser um apinocar de fachadas e de interiores com elementos decorativos típicos. Não é, não pode ser ‘isso’ que para aí se tem feito e nos apresentam como exemplo: - Beirados graciosos de telhados, paineisinhos de azulejos, alpendres de coluninhas...” (Keil do Amaral, 1947, p.12-13).

Se estas afirmações, para os mais pobres intelectualmente (aqueles que apenas conseguiam ver os extremos⁴), o colocavam numa encruzilhada ideológica, os mais visionários conseguiam antever um trajecto com larga potencialidade onde os dois caminhos se completavam ao invés de se excluir. Entre eles pontificam as figuras de que lhe darão sequencia ao desígnio como Nuno Teutónio Pereira, Fernando Távora e Huertas Lobo, entre outros.

Keil do Amaral refuta sobretudo a concepção arquitectónica com base em determinações formais (ou estilísticas), impossibilitando a prossecução de “extractos mais profundos” (Toussaint, 2009, p.78). Esta orientação ideológica, combate assim a doutrina difundida pelos seguidores de Raúl Lino, que viam justamente nessa vertente a principal alternativa à importação do movimento Moderno, o que era potenciado pelo peso académico e pela receptibilidade administrativa que a sua figura acarretou. Keil desde cedo aliou à sua combatividade ideológica uma forte dinâmica cultural, como se comprova pela sua primeira incursão publicada na critica da produção arquitectónica nacional. Em *Arquitectura e Vida*, de 1942, Keil pretendia já questionar o debate arquitectónico existente, centrando o projecto na resposta ao estilo de vida actual, ajustando-se à realidade das suas comunidades e defendendo a obrigatoriedade da arquitectura de qualidade traduzir a matriz cultural e as expectativas dos seus povos, refutando a dogmática “tábua-rasa”.

Convicto da direcção que a reflexão teórica deveria tomar, e de que o racionalismo e metodologia da Arquitectura Moderna poderia em muito contribuir para a compreensão e qualificação da arquitectura, algo que lhe fica marcado desde a sua primeira viagem à Holanda (realizada em 1937), e que expressa de forma doutrinária em *A Moderna Arquitectura Holandesa*, publicada em 1943, ensaia varios textos que incidem invariavelmente, quer sobre a problemática habitacional, quer sobre a fraca qualidade da Arquitectura em Portugal.

Em todos pressupunha, especialmente por contraponto ao ideário apregoado, uma condição pouco clara para o meio: - a consideração de uma Arquitectura efectivamente Portuguesa e das suas implicações culturais.

É já depois do primeiro Congresso Nacional dos Arquitectos, em 1948, em que se cria um *cuorum* à volta do assunto, e que se fortalece a posição de Keil perante a esfera profissional, sobretudo através da sua relevância no Sindicato Nacional dos Arquitectos, que se esboça uma intenção de avançar para um estudo concertado que abrangesse a totalidade do território nacional e que poderia ser sistematizado sob a forma de Levantamento.

Em 1949 dá-se a primeira solicitação oficial, para autorizar e financiar o processo (a coordenar pelo SNA), recusado pela administração do regime, que tendia a desconfiar de todos os processos que se desviassem da convencionalismo instituído, sobretudo quando as intenções partem de iniciativas de figuras reconhecidamente criticas. Todavia, em termos ideológicos, a administração reconhecia alguma receptibilidade ao objectivo de contribuir para um reforço do sentido de unidade nacional, algo que Keil interpretou como uma vulnerabilidade na intransigência inicial e que poderia ser trabalhada no futuro (Tostões, 2012).

Pode inferir-se que a urgência da sua propósito é definitivamente confirmada pela Investigação do Arquitecto Brasileiro Lúcio Costa “documentação necessária”, a qual acompanha em 1952

.....
4) generalização de quem estava contra e a favor conforme a sua conotação política: pró-regime ou anti-regime.

aquando da sua estadia em Portugal, na persecução do estudo das raízes da Arquitectura Brasileira, que gozava então de um enorme prestígio no panorama internacional fruto da capacidade de contextualização que impuseram aos princípios da Arquitectura Moderna e ao original emprego do betão armado, o seu material preferencial (Bandeirinha, 2010).

Embora não esteja directamente relacionado com a produção arquitectónica da Obra de Arquitectura analisada, como as restantes figuras, Keil do Amaral é o grande Obreiro do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*, instrumento que permitiu a redescoberta dos valores relacionados com a Arquitectura Tradicional, cujo impacto é fundamental para a produção e para a interpretação da Arquitectura Portuguesa (nomeadamente a atribuída ao Norte de Portugal e conjunturalmente à Galiza) elaborada a partir da sua execução.

É com Keil de Amaral na presidência do Sindicato Nacional dos Arquitectos, que este organismo irá realizar (com o apoio e a necessária “autorização” Estatal) o Levantamento integrado e sistematizado de forma a identificar, registar e descrever o património vernáculo afecto a todas as regiões continentais de Portugal. Este ambicioso projecto iniciado em 1955, levado a cabo durante 5 anos, teve em 1961 a sua formalização pública na célebre publicação *Arquitectura Popular em Portugal*, cujo impacto e pertinência está por demais documentado.

Mas, não é só através deste tipo de iniciativas de ordem teórica e ideológico que Keil do Amaral contribui para a génese da reinterpretação vernácula. O seu contributo enquanto legado construído é vasto e marcante. A dialéctica entre o movimento modernista e as condicionantes regionais são frequentemente assumidas, principalmente nas suas obras localizadas na Beira, onde detinha a sua Casa de Férias, implantada num território serrano da região central de Portugal, ainda muito ruralizado e onde o património vernáculo ainda proliferava. A sua Obra desenvolvida essencialmente a partir da década de 40 e 50, envolve composições que articulavam princípios modernos e elementos tradicionais. Sendo muito diversas em escala e tipologia especial atenção deve ser dada aos Cine-teatros, localizados em pequenas cidades, cujo contexto urbano refletia também essa tensão entre a modernização de infraestruturas e a proximidade com a identidade rural de carácter agrícola, onde mesmo numa escala e num programa pouco habituais, aproveita para aplicar esses princípios regionalistas de forma mais arrojada. (Bandeirinha, 2010, p.44-59 e 76-84)

Keil do Amaral enquadra-se nos assim no conjunto de arquitectos responsáveis por contrariar a tendência, reinante dos anos quarenta e cinquenta, de rejeição das premissas e ideais da cultura moderna promovida pela desregulamentação urbana, pela inexperiência imobiliária e pela pouca permeabilidade ideológica, que caracteriza qualquer regime autoritário. Deste grupo destacam-se Arménio Losa, Januário Godinho e Alfredo Viana de Lima, cuja actividade se localiza essencialmente no Norte de Portugal.

“En revanche, les signes d'un progrès qualitatif dans l'exercice de l'architecture sont à voir dans des expérimentalismes de type rationaliste tirillés entre tradition et compromis officiel, et proposés par certains opposants des années quarante et cinquante: Arménio Losa, Januário Godinho, Alfredo Viana de Lima, Keil do Amaral.”⁵
(Portas & Mendes, 1992, p.11)

Será precisamente este o enquadramento cultural e político que permitirá a rápida ascensão da figura do engenheiro e do desenhador no quadro do mercado construtivo, ao ponto de se tornarem os seus principais agentes, o que constitui uma circunstância sem precedentes. (*Idem*)

.....
5) Tradução “No entanto, os sinais de uma melhoria qualitativa no desempenho da arquitetura podem ser vistos em experimentalismos de tipo racionalista dividida entre tradição e compromisso oficial, proposto por alguns reacionários dos anos quarenta e cinquenta anos: Arménio Losa / Januário Godinho, Alfredo Viana de Lima, Keil do Amaral.”
.....

Voltando ao *Inquérito*, evidentemente tutelado por Keil do Amaral (mesmo após o seu afastamento forçado, de natureza política, da presidência do SNA), convém salientar que para além do sua pertinência em termos de objecto e metodologia, teve ainda o mérito de envolver algumas das figuras mais dinâmicas e críticas da produção arquitectónica da época, que viriam a figurar a curto prazo entre as mais influentes das gerações de arquitectos seguintes e das suas ideologias.

Esta noção (de que este processo foi elaborado pela elite profissional da época) foi perpetuada até aos nossos dias, como se pode confirmar, de forma inequívoca e até simbólica, no trecho de uma recente entrevista realizada por Souto de Moura a Siza Vieira:

Souto de Moura: “*Então aqueles que foram fazer o Inquérito eram a fina flor da arquitectura da altura?*”

Siza Vieira: “*Sim. Dentro dos interesses que estavam reunidos na altura, entre Porto e Lisboa. Era gente importante na reflexão sobre o caso português.*”

Entre os estudantes foram escolhidos os melhores, ou os que revelavam mais iniciativa: Arnaldo Araújo, Menéres, Rui Pimental, etc.” (Souto de Moura, 2012, p.68-75)

Na frase citada, Siza, valoriza a selecção dos intervenientes (reconhecendo-lhes o mérito) ao mesmo tempo que, modestamente, justifica a sua não inclusão no *Inquérito*.

O *Inquérito* foi desenvolvido num processo sistematizado que dividiu o território continental luso em 6 regiões, cada uma levantada por uma equipa de 3 Arquitectos (a maior parte deles recém-formados).

A Zona 1- Minho, que integra à região analisada, foi atribuída a Fernando Távora, Rui Pimental e António Menéres. Fernando Távora, apesar de recém licenciado (1952), destacava-se pelo seu dinamismo cultural. Aluno de Carlos Ramos, ainda como tal tinha publicado um texto⁶ de grande originalidade, que não passaria despercebido, que demonstrava já uma particular sensibilidade para os valores do património vernáculo e para a utilidade dos Arquitectos o considerarem de forma mais operativa.

“É indispensável que na história das nossas casas antigas ou populares se determinem as condições que as criaram e desenvolveram (...) A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções”. (Távora, 1947)

De salientar ainda que esta equipa obteve um forte suporte teórico de dois dos geógrafos mais relevantes do panorama Português, com os quais estabeleceu estrita relação na execução dos trabalhos; Orlando Ribeiro e Jorge Dias tiveram grande influência na forma como os autores do *Inquérito* à Zona 1 abordaram o território e como o interpretaram, vinculando sempre os seus registos às condicionantes geográficas e etnográficas presentes. (Trigueiros, 1993)

Da responsabilidade de Orlando Ribeiro são as primeiras classificações geográficas do território total Português, que pela primeira vez estabelece um estudo mais rigoroso sem omitir ou prestar prejuízo às regiões mais isoladas e de menor acessibilidade. Além do que o seu estudo estabelece particular relação entre a Geografia Física e a Geografia Humana, pelo que focará os principais aspectos da cultura regional tradicional do povo português. No caso particular de O. Ribeiro a influência no meio científico Português é tremenda, as suas metodologias e

6) Reeditado dois anos mais tarde em Távora, F. (1947). **O problema da Casa Portuguesa**. (Manuel João Leal ed.) Lisboa: Cadernos de Arquitectura.

ideologias, implementadas nos meados do século XX, ainda são tidas como as principais referências do meio científico nacional, actualmente continua a ser um dos autores mais citados no círculo universitário, do qual o meio Arquitectónico não é excepção.

Jorge Dias, como já se referiu anteriormente, será um dos maiores responsáveis da evolução da área etnográfica em Portugal, que na década anterior ao *Inquérito* percorreu o país, retratando a cultura popular, com especial ênfase no estudo das construções tradicionais que lhes estão associadas. Os resultados das suas investigações foram expostos na decisiva colecção "*Portugal de Perto*", a qual compilava inúmeros artigos dispersos, organizando-os segundo temáticas concretas, responsáveis por determinar as principais classificações tipológicas das construções de natureza vernácula de Portugal (consultar capítulo 1, referente ao Estado da Arte). Ao trabalho de Jorge Dias não poderá deixar de ser associado os nomes de Ernesto Veiga de Oliveira, Benjamim Pereira e Fernando Galhano (responsável pela representação gráfica dos casos representativos seleccionados). Constituindo assim o grupo de excelência integrante do Centro de Estudos de Etnologia (a primeira instituição dedicada à Investigação antropológica em Portugal), do qual Jorge Dias era o responsável, e que a partir dos finais da década de 50 pautará o desenvolvimento da etnografia e da antropologia portuguesa. (Leal, 2006)

– *Evolução histórica e valor crítico III: A tensão institucional do Norte de Portugal e a afirmação definitiva da prática profissional individual.*

No sub-capítulo anterior verifica-se que a génese conceptual de valorização do Património Vernáculo parece apresentar um fio condutor razoavelmente coerente, com reacções e mecanismos agregadores e de natureza corporativa. Não obstante o contributo individual de determinadas figuras, cujo papel é devidamente sublinhado, a sua extensão e impacto apenas pode ser reconhecido numa leitura integrada e estratégica, onde a mobilização institucional parece ser o factor determinante na receptibilidade crítica. Esta leitura circunstancial, apesar de afecta a uma intervalo temporal significativamente curto, parece determinar uma generalização interpretativa que se estendeu até à crítica presente.

Antonio Angelillo refere que para a crítica especializada internacional, a partir de meados da década de 80, a Arquitectura Portuguesa era tida como a melhor expressão das teorias “regionalistas”, criticamente reaccionária para com a “afirmação indiferenciada dos valores da civilização global, contra a qual propunha ao invés uma “interpretação moderna dos valores implícitos nas culturas locais”.¹

Todavia, a análise da evolução histórica do contexto do Norte de Portugal revela uma profunda diferença na natureza de formação e influência metodológica e ideológica da produção arquitectónica local. A concertação e transversalidade dentro, e entre, as principais instituições, operadas na década de 1950 e 1960, extingue-se progressivamente.

As convulsões políticas da década de 1970, desde a intensificação da contestação do regime até à sua própria queda, contribuem inevitavelmente para a inoperabilidade institucional e para a dificuldade de consenso estratégica. Contudo, as divergências entre os distintos círculos de influencia arquitectónica, encontravam-se já bastante acentuados na segunda metade do século da década de 1960. Um dos seus principais reflexos evidencia-se sobretudo na tensão existente no meio pedagógico. A reforma do ensino superior entretanto operada, tida na sua longa programação como uma oportunidade de concertação ideológica e de aproximação à prática profissional, revelara-se como um fracasso de implementação. Os órgãos académicos revelavam o seu cepticismo entre os objectivos e a gestão do plano de estudos, na autonomia existente no leccionamento isolado de disciplinas, que variava de acordo com o docente designado e que não parecia consubstanciar um corpo integral articulado. Por seu turno, os estudantes demonstravam a sua permanente frustração entre a suas expectativas laborais, os conteúdos programáticos e os métodos de ensino, o que se traduzia sobremaneira nos níveis de avaliação e no reduzido número anual diplomados.

Inevitavelmente o panorama da época determina assim um foco mais direccionado à autonomia das individualidades, onde a importância das figuras e até das próprias obras acaba por se sobrepor às instituições, grupos ou correntes que lhes são associadas. Neste processo de emancipação cabe referir que a algumas figuras lhes é legítimo atribuir um papel de transição.

É sobretudo nesta circunstância paradoxal que muitos dos autores, actualmente englobados dentro de perspectivas redutoramente agregadoras, parecem exercer notável influência na receptibilidade atribuída ao referente Vernáculo. O extremar de posições institucionais e as divergências ideológicas e pedagógicas incrementavam um clima de instabilidade e desconfiança dentro do círculo de profissionais de Arquitectura, que apesar de reduzido não conseguira afastar-se das pressões políticas e das inevitáveis lutas de classes.

1) Antonio Angelillo (2000, p.9) generaliza a perspectiva internacional sobre a Arquitectura Portuguesa ao contextualizar o trajecto profissional de Eduardo Souto de Moura em “Obras de Souto Moura. Uma Interpretação”.

Dentro deste cenário determinados autores destacam-se pela sua intensidade e autonomia de produção, revelando através dos seus percursos individuais um experimentalismo notável, que apesar de não se poder considerar ideologicamente coerente, apresenta-se convergente na atitude de ruptura imposta aos estilos anteriormente instituídos. Apesar de não se alhearem totalmente do trabalho teórico, serão as suas Obras construídas as melhores demonstrações da utilização objectiva de referências tradicionais e do racionalismo da Arquitectura moderna.

Alfredo Viana de Lima, cujo estudo da importância na história da arquitectura portuguesa do século XX tem sido recentemente retomada (F.C.G. & ÁRVORE, 1996), parece estar no cerne deste processo. O seu contributo para a revisão critica que introduz a sensibilidade para os valores da arquitectura vernácula estende-se pelos seus principais níveis de aplicação: cultural, pedagógica e prática.

Viana de Lima encabeça a representação portuguesa do CIAM desde 1951 até 1959, envolvendo alguns dos principais autores referenciados nesta investigação, quer como parte da delegação quer ainda como estudantes (Vaz Milheiro, 2009, 42-44). Sendo inclusivamente neste contexto que se encontra alguns dos primeiros registos onde se reflecte de forma objectiva acerca da potencialidade da conjugação das propriedades regionais de cariz tradicional com as premissas do movimento moderno: “Habitat Rural – Nouvelle Communaute Agricole”, apresentado no X CIAM, em 1956, na cidade de Dubrovnik na Croácia (Viana de Lima *et al.*, 1959, p.20-24).

O trabalho apesar de constituir um exercício pratico, de grande operacionalidade e pertinência para a época, é naturalmente uma critica mordaz às correntes nacionais mais banalizadas. Com esta reflexão Viana apresenta uma visão pragmática e abrangente da potencialidade da Arquitectura Tradicional, longe da superficialidade da apropriação de elementos compositivos ou meramente ornamentais. Além do mais apresenta a sua aplicabilidade a uma escala territorial, extravasando o universo da edificação isolada e da sua parcela. Mas, talvez o mais interessante fosse o facto de constituir uma abordagem verdadeiramente activa sobre o património Vernáculo. Até então, os exercícios que se tinham desenvolvido sobre o assunto apresentavam-se como trabalhos descritivos, que se detinham no registo do fenómeno original. O património era assim assumido como um objecto imaculado, a preservar ou a recuperar dentro do máximo rigor e respeito. A intervenção de raiz fora destes moldes, não era sequer considerada. A equipa de Viana de Lima explora assim a possibilidade do património se constituir como a referencia estruturadora do novo projecto, respondendo a uma problemática actual sem ostracizar a modernização de meios e processos.

Algumas das suas obras individuais como a Casa das Marinhas ou a Escola Primária de Bragança são paradigmáticas desta abordagem. Se o caso da Casa das Marinhas, pelo programa e dimensão, acaba por ser mais fácil de enquadrar, o da Escola Primária reflecte precisamente o incremento da extensão do potencial mencionado. A aplicação directa a um programa radicalmente distinto das tipologias vernáculas, demonstra a validação teórica e técnica da sua abordagem, constituindo-se como um dos casos pioneiros de reconhecimento conceptual da Arquitectura Vernácula enquanto referência.

Licenciado 11 anos depois de Viana de Lima (ao qual se junta como delegado da comitiva portuguesa CIAM Porto), do qual também foi aluno, Fernando Távora representa um exemplo de conciliação entre referência agregadora de tendências e um caso autónomo de influência. Se por um lado a sua capacidade de convergência cultural e os seus atributos pedagógicos lhe conferiram importante papel no meio académico e no círculo intelectual Portuense, por outro o grande contributo para o tema será precisamente conferido através da sua prática arquitectónica individual, à qual se atribui enorme originalidade conceptual e singularidade formal. (Portas, 1982, p.VIII-IX)

O contexto do mercado construtivo, no qual Távora emerge, é apesar de tudo mais auspicioso

que o dos seus antecessores.² Assistidos pelo crescimento do volume da construção, alguns gabinetes de arquitectura começam a prosperar e a ganhar protagonismo e dimensão. Deste grupo fizeram parte aqueles que eram coordenados por figuras da sua geração, sendo que na área do Porto, para além do próprio Távora, o gabinete de José Carlos Loureiro e Pádua Ramos será uma importante referência. (Portas, 1992, p.11)

Para muitos Távora é tido como o legítimo perpetuador das doutrinas de Carlos Ramos, o seu eterno *Mestre*, que a convite do mesmo, já como Director, será integrado como professor do Curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto. É justamente nesta condição que Távora alcançará a dimensão crítica que se lhe atribui, funcionando como o referência e plataforma das gerações seguintes, que não se constroem de lhe citar axiomas e aforismos.

A sua relevância, prática e teórica, assim como o seu envolvimento directo nos processos determinantes do período estudado na realidade Portuguesa, sintetiza-se na seguinte frase de Santos Fernandes (2011, p.270): “*É na procura de preencher este vazio que se pode justificar o entusiasmo com que, depois de 1955, se vai concretizar a adopção da metodologia implícita no “Inquérito” e nas primeiras obras de Távora, como novo paradigma.*”

Dessas primeiras obras, e no contexto específico, a inevitável Casa de Férias em Ofir consolidaria-se como uma referência profunda. Exemplo materializado da reflexão crítica individual de Távora, que Mendes (2008, p.134-135) descreve da seguinte forma: “*No plano formal e linguístico, Távora afasta-se do valor operativo absoluto da abstracção, para incorporar outras componentes reconhecíveis no âmbito figurativo da arquitectura tradicional.*”

Se Carlos Ramos está na concepção e na implementação dos ideais daquilo a que alguns insistem em denominar “Escola do Porto”, Távora será o complemento operativo, aquele que vai desenvolver a maturação da sua Instituição, fruto da sua própria estratégia pedagógica, e mesmo que não lhe seja reconhecida uma linha metodológica e científica de contornos estabilizados (Trigueiros, 2000, p.29; Esposito & Leoni, 2003, p. 7-9;), tinha a seu favor a legitimidade empírica que a participação no *Inquérito* lhe conferira e a sua ligação aos grandes eventos internacionais, que embora tímida comparada com outros países, constituía um curriculum invejado no panorama português.³

Távora beneficiou igualmente de um enquadramento de menor constrangimento político, uma vez que o regime, temendo a aproximação do fim-de-ciclo, apontava baterias para outras “ameaças” culturais, até porque esta nova tendência regionalista poderia ser razoavelmente subvertida, apropriada ou confundida pelas suas ideologias nacionalistas (Tostões, 2012).

Távora ultrapassa assim as restrições de compromisso ideológico, valorizando a concepção e reflexão Espacial no processo de Projecto e assumindo o desenho como instrumento metodológico essencial em detrimento da apologia teórica. Era assim que desenvolvia a sua Obra e era assim que preconizava o ensino da Arquitectura; Para os mais desatentos esta pode parecer uma metodologia pedagógica descomprometida baseada na “intuição” (Figueira, 2002, p.37), para os mais optimistas um racional favorecimento sensorial do compromisso entre forma e “propósito”, no qual o contexto assume especial preponderância, mediada através da ferramenta do desenho síntese que é inevitavelmente explorada através da sua expressividade.

“Como Lampedusa ao escrever ‘Gattopardo’ e com um papel que poderia comparar-se ao de Coderch na Catalunha, para lembrar outro caso de ambiente de resistência cultural ao conservadorismo oficial e, também, ao simplismo do ‘estilo internacional’.”

.....
2) Consultar subcapítulo anterior.

3) Faz parte da representação portuguesa dos CIAM e participa no colóquio de Royaumont (Portas & Mendes, 1992, p.16)

(Portas, 1981, p.IX)

É pois nesta conjunção que se forma uma “terceira geração” (Portas, 1965)⁴, a que pertence Álvaro Siza Vieira, cuja originalidade e engenho será identificada e impulsionada pelo próprio Távora. Tal como Carlos Ramos havia feito, Távora proporciona ao jovem Siza uma colaboração profissional regular e desafia-o para acompanhá-lo na sua odisseia pedagógica (em 1966).

Todavia, Siza Vieira acentua ainda mais a vertente operativa de Távora, é essencialmente um homem da prática com processos interiorizados (em permanente dialéctica de componentes simples/complexa), que assumidamente se distancia do discurso teórico, que frequentemente ironiza. De postura bastante mais reservada que o seu “antecessor” acaba por afastar-se progressivamente do ensino (apenas exerce três anos numa primeira fase), de forma a dedicar-se exclusivamente à crescente encomenda que o seu sucesso profissional demandava. A sua ligação com o tema extravasa assim o seu percurso académico-científico, e é estritamente através da sua Obra (sobretudo a inicial) que se perpetuam os valores relacionados com a temática da reinterpretação do Legado Vernáculo. Enquanto a Escola de Belas Artes do Porto entra em profunda transformação e perde a sua referência agregadora⁵, numa inevitável evolução de escala (interna) e de estratégia pedagógica, Siza vai consolidando um interessante “itinerário” profissional, maioritariamente localizado na área de influência da Cidade do Porto.

Sempre conotado com Távora, com quem partilha inúmeros processos profissionais, não tardará muito a ver a sua Obra reconhecida, primeiro a nível interno e especializado (Idem, 1965), e depois de forma generalizada, intensificada pela explosão da Comunicação Social da época (que nunca acreditou verdadeiramente nos modelos que o Post-modernismo lhes vinha impondo), que potenciava na maior parte das vezes uma imagem politizada ofuscando a qualidade arquitectónica da sua Obra⁶. Não cabendo ao estudo em questão reflectir sobre a veracidade desta exacerbação, é inegável que a importância social atribuída a Siza contribuiu decisivamente para a redescoberta dos valores pedagógicos que lhe serviram de base e consequentemente para “mitificar” a Escola do Porto (Frampton, 2005, p.335-336). Apesar do próprio refutar constantemente esta ideia. (Esposito & Leoni, 2003, p.7-9)

Todavia, pese embora a restrição geográfica, cabe assinalar a evolução análoga operada em Lisboa, onde de forma semelhante alguns gabinetes destacam-se como referências no panorama arquitectónico. Destes os que mais se notabilizaram pertenciam a Nuno Teotónio Pereira, Raul Chorrão Ramalho, Manuel Taíña e Rafael Botelho, cuja importância e qualidade é muitas vezes posta num plano secundário, essencialmente pelo mediatismo gerado à volta das figuras associadas à Escola do Porto, na historiografia da Arquitectura Portuguesa Contemporânea. (Portas & Mendes, 1992, p.11)

A verdade é que a “imagem” de Siza ficou e ficará perpetuada sempre na evolução da Escola de Belas Artes do Porto e na sua reestruturação enquanto Faculdade de Arquitectura do Porto, que este simbolicamente projecta em 1988 (finalizada em 1992), ficando bem assumida a intenção conotativa desta enquanto instituição.

O reconhecimento internacional, consagrado com o Pritzker de 1992, da qualidade da sua Obra legitimará assim a definitiva conjugação dos valores locais com a expressão moderna, consolidada teoricamente num apregoado “Regionalismo” que entretanto, e previsivelmente, encontrará desde logo uma legião de acérrimos defensores, na maior parte das vezes de espírito muito pouco “Crítico”.

.....
4) Reeditado em 1999 (Trigueiros, 1999).

5) a partir de 1969, com a morte de Carlos Ramos, como Octávio Lixa Filgueiras expressa simbolicamente através do título de um texto, realizado no âmbito de uma exposição biográfica, homenageando o seu antigo Mestre. (Filgueiras, 1986)

6) Pedro Gadanhô aborda esta ideia num texto, acerca da ascensão mediática de Siza Vieira na comunicação social em Portugal, intitulado “O peso de Álvaro Siza”. (Gadanhô, 2010, p.156-162)

É desta opinião um texto polémico de Nuno Portas, datado de 1987, criticando sobretudo os efeitos futuros da produção crítica vigente, cuja estratégia (da qual a agenda implícita seria porventura a intenção corporativista da auto-promoção: vulgo a criação de *lobby*, acusava o autor), se baseava mais em promover o contexto cultural das Obras destacadas, dos autores ligados à Escola de Belas Artes do Porto, do que em analisá-las de forma rigorosa. (Portas, 1987, p.87-93).

Apesar de provocadoras as afirmações expressas por Portas não deixam de ter um fundo factual, a Obra de Siza e a sua evolução terá obviamente de ser lida num plano de excepção dentro do conjunto que se apresenta. Dispensando qualquer apresentação, tal como muitas figuras determinantes para correntes específicas (e aqui poderá ser feita uma analogia com os processos de algumas vanguardas artísticas), Siza terá de ser compreendido não como um agente “pertencente”, mas, um agente eternamente de “passagem”. A sua produção é formalmente heterogénea e não raras vezes as suas obras parecem combinar soluções alusivas ao património vernáculo com princípios específicos das vanguardas ou das correntes mais recentes, o que parece ser uma propensão reconhecível dentro da grande pluralidade da produção arquitectónica desenvolvida na *região analisada* tal como Agrasar Quiroga (2005, p.35-37) assinala.

Este facto pode ser atribuído tanto na análise exclusiva de uma obra individual como na comparação entre a sequência total da sua Obra.

Sobre as características da sua arquitectura expressa-se Bernard Huet (cit. in Salgado, 1984, p.38) da seguinte forma: - “...O motivo (talvez mais importante) que até agora tem impedido a crítica arquitectónica tradicional de reconhecer a profunda originalidade de Siza, é a incapacidade não só de situar a obra no interior de uma corrente teórica ou de um estilo, mas sobretudo de poder descrever formalmente uma arquitectura que foge constantemente à regra, que se recusa a propor modelos e não fixa uma linguagem pré-estabelecida.”

O espírito de Siza é essencialmente subversivo, o que ainda se destaca mais quando comparado com as gerações posteriores (sobretudo as que se associam à sua influência) que não se inibem de demonstrar um conservadorismo expressivo. Mesmo quando se espera que este prolongue uma linguagem que já o consagrou, Siza acaba sempre por surpreender e assumir o risco de sair de uma expectável zona de conforto (Alves Costa, 1990, p.66), seja num recuo estilístico (como no caso da recuperação da área urbana dos Armazéns do Chiado, em Lisboa) ou num salto formalista (caso do pavilhão para a Serpentine Gallerie, em Londres ou do Museu para a fundação Iberê Camargo, em São Paulo). Talvez fora precisamente este espírito subversivo que o tenha feito protestar tão veemente, quando Frampton o classificou como um dos expoentes do “Regionalismo Crítico”. O que muitos poderiam considerar como uma menção de prestígio internacional (constar num compêndio entre os principais autores da era moderna) Siza entendeu como uma catalogação redutora, que temia condicionasse para a eternidade a interpretação das suas Obras.

Tal é precisamente a visão de Souto de Moura, cuja retórica será mais desenvolvida no ponto seguinte, tido como um dos sucessores directos de Siza. Não existindo propriamente uma sequência geracional directa (pois apresentam um hiato de 20 anos), a sua relação com Siza também é outorgada através da ESBAP, embora estes não coincidam como Docente-Discente, tal como havia acontecido com Távora e Siza. Esta analogia é sobretudo afecta aos seus primeiros passos profissionais, onde a colaboração com Siza (desde a colaboração do Serviço Ambulatório de Apoio Local-SAAL) se irá estender com regular assiduidade até à presente data.

O seu ponto de articulação é precisamente a figura de Távora, esse sim seu professor na ESBAP (no segundo ano de formação), que contra a tendência vigente o instiga a utilizar o desenho

como método de pesquisa das soluções de projecto, e a cujos ensinamentos Siza se reporta frequentemente aquando da sua actividade conjunta nos primeiros anos de atelier. (Esposito & Leoni, 2003, p.13)

Tal como Siza é um arquitecto assumidamente prático, o que tal como este determinará a extemporaneidade da sua passagem pelo ensino (numa primeira fase). Souto de Moura consolida-se como um profissional extremamente profícuo na década de 90 e as suas obras, sobretudo as Habitações, rapidamente irão figurar nas colectâneas internacionais referentes ao tema. Formalmente é mais constante que as gerações anteriores, as suas obras recorrem invariavelmente aos mesmos temas espaciais estruturantes e em termos construtivos recupera o conceito de alguns sistemas tradicionais em desuso, como a alvenaria de pedra sem reboco. Será precisamente na dialéctica entre a forma e o sistema construtivo empregue (e a sua actualização em função das novas necessidades) que muitas das suas Obras atingem a sua expressão mais elaborada, revelando-se como um grande contributo experimental para o Projecto Contemporâneo.

Apesar deste capítulo referenciar somente algumas figuras, o que pode ser considerada redutor, não pode deixar de ter em conta que esta Investigação representa um complemento ao enquadramento do caso de estudo, e deverá ser abordada sob uma perspectiva generalista, sob pena de extravasar o seu âmbito, pelo que existem já inúmeros estudos que se centram exclusivamente nos autores referidos e que serão, consequentemente, muito mais desenvolvidos.

As figuras referidas contam-se como as mais representativas das gerações seguintes que, incitados pelos seus anteriores preceptores, começaram (a partir do seu laboratório de Projecto) a desmontar as certeza dogmáticas implícitas nas premissas do Movimento Moderno; aliás tal como se procedeu um pouco por todo o resto da Europa a partir dos finais da década de 50 (Angelillo, 2000, p.10).

– Evolução histórica e valor crítico IV: A agregação corporativa e o enquadramento institucional.

Tal como se viu, numa primeira fase, será essencialmente sob uma perspectiva fragmentada e dispersa de teor prático, que se deve considerar o contributo galego para a produção arquitectónica específica do Noroeste Peninsular, independentemente da sua natureza.

Não estando ancorados de forma colectiva no seu próprio território, ao contrário do que sucedia no Porto, os seus contributos serão mais episódicos ou sujeitos a uma afinidade afectiva com a região (sendo a naturalidade a mais evidente). Os pontos de referência que caracterizam a décadas posteriores oscilam entre a generalidade nacional, pelo que será demasiado ambicioso determinar a sua vinculação ideológica ao território galego, e a excessiva apartação geográfica com os meios de difusão e formação arquitectónicos, o que delimita o seu impacto e influência de forma efectiva.

Assinala-se, uma vez mais, que o principal objectivo deste capítulo não é de todo um relato historiográfico, mas, antes analisar quais os principais agentes e entidades que desempenharam papel relevante na valorização, directa ou indirecta, no património Vernáculo da região analisada e na sua articulação com a prática projectual da sua época.

Desta forma elabora-se um enquadramento geral que engloba figuras autónomas, entidades específicas e meios de difusão concretos, que apesar de não constarem de estratégia concertada, no meio profissional restrito da Galiza acabaram por, em maior ou menor grau, vincular todos os agentes intervenientes nesta matéria.

O Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia (COAG), A Escola Técnica Superior de Arquitectura da Coruña (ETSA), Os Seminários Internacionais de Arquitectura¹; A revista Obradouro, O Boletín Académico da ETSA constituem pontos fulcrais à volta dos quais toda a produção arquitectónica Galega parece gravitar a partir da década de 70. Estes elementos tornaram-se importantes veículos da produção interna, da reflexão ideológica processada, e, em certa medida, representativos do intercâmbio cultural internacional. Este é o motivo pelo qual a sua consideração é imprescindível na hora de enquadrar o estudo da problemática desta tese e perfazem uma base contextual fundamental nas obras e dos autores que se analisam mais adiante neste texto.²

Antes, de abordar os colectivos enunciados, cabe no entanto referir o contributo de algumas figuras tutelares do Arquitectura Moderna (e tardo-moderna) de Espanha, cujo particular contributo parece ter reflexo consensual no cenário cultural Galego.

Será precisamente nestes moldes que se encontram os Arquitectos Alejandro De La Sota (1913-1996) e Ramón Vázquez Molezún (1922-1993), cuja influência é tão genérica que se estende a toda a Espanha de igual forma, e Xosé Bar Boo (1922-1994), que restringido essencialmente à área de Vigo não consegue exercer ascendência ideológica em qualquer tipo de colectivo na sua época.

Se De La Sota e Molezún (este último juntamente com Corrales) prefiguram entre os mais reconhecidos arquitectos do pós-guerra à escala nacional de Espanha, o seu contributo ainda que mais pontual na região analisada (comparando por exemplo com Bar Bóo muito mais centralizado na área de Vigo) será determinante na medida em que a sua obra introduz a

1) Como o famigerado seminário de 1974, realizado em Santiago de Compostela, que contou com a presença de Aldo Rossi, figura proeminente na teoria arquitectónica de sua época.

2) Sintetizadas graficamente no digrama cronológico apresentado na Figura 51

perspectiva regional (mais concretamente a sua compatibilização) na aplicação dos princípios modernistas, nos quais evidentemente se enquadravam. Evidentemente mais concentrados nos centros urbanos, onde se localiza a maior parte das suas obra mais conhecida, e onde esta temática não fará evidentemente tanto sentido, é sobretudo quando intervêm em territórios de carácter rural que se evidencia estas preocupações.

Estes nomes vingam precisamente num dos momentos mais conturbados da produção arquitectónica de Espanha, condicionado por uma paupérrima oferta do mercado construtivo, mas, especialmente atento às tendências e correntes externas, sobretudo aquelas que derivam das novas potencialidades tecnológicas e das possibilidades formais que estas poderiam oferecer. Estão longe já dos dilemas da geração de 98, e das discussões que abriram o século XX. Para a sua geração é perfeitamente evidente que os valores apregoados pelo movimento moderno não têm por que excluir o legado tradicional. Por outro lado o fulgor nacionalista, impresso nos anos 20 e 30, confirmou que a aplicação de elementos tradicionais per si, sem critério e sem princípio estruturante, derivou num registo de caricatura formal muito longe da autenticidade ideológica e da coerência espacial que os novos meios e as necessidades da época punham em causa.

Personagens dinâmicas do ponto de vista cultural, neles convergem o espírito crítico e uma activa propensão para o experimentalismo, tanto do ponto de vista programático como tecnológico.

Se é verdade que a situação económica e o mercado determinaram a implementação de soluções simples e económicas, não é menos verdadeiro, que muitas dessas opções tiveram origem no engenho de otimizar processos e na ruptura com as ideologias formalistas que muitas vezes minimizam os verdadeiros atributos da arquitectura à luz de manifestos ou cartilhas.

Ainda se deve registar que, sobretudo no caso de De la Sota e Molezún, as suas intervenções tiveram uma ampla abrangência quer na localização, escala, tipologia ou técnica construtiva elegida, o traduz bem a sua intensa actividade profissional.

De la Sota é um dos expoentes máximos do Movimento Moderno, e um dos Arquitectos mais estudados dessa época, sendo abundantes os artigos e referências sobre a sua Obra. Ainda que esta esteja demasiado filtrada pelas princípios ideológicos do movimento referido, a sua obra apresenta ocasionalmente convergências declaradas de influência vernácula. Será sobretudo o seu início de carreira que se encontra marcado por um intenso contacto com a realidade vernácula, dos quais alguns autores defendem que surgiram inevitáveis aspectos que se perpetuaram no seu trabalho e que ademais constituem um dos primeiros exemplos de articulação entre referencias tradicionais e o movimento moderno (Llano cabado, 2009). Este contacto com a Arquitectura Vernácula foi essencialmente fruto dos encargos do Instituto Nacional de Colonización, para o qual trabalhou entre 1941 e 1947, e para o qual elabora alguns planos de urbanização para povoamentos rurais em situações estratégicas de apoio ao desenvolvimento agrícola. De la Sota prossegue este género de trabalhos durante a primeira metade dos anos 50, para os quais irá adoptar uma linguagem na qual se destacam os traçados orgânicos e a inclusão de elementos formais vernáculos, etapa a que Luis Fernández-Galiano classifica de populismo orgânico (Fernández-Galiano, 1997). Exemplo paradigmático dessa abordagem é sem dúvida a Urbanização para a Vila Esquivel, em Sevilla, realizada entre 1952 e 1956. Neste caso, De la Sota recorre aos referidos elementos formais, adequadamente estilizados pela depurada estética e lógica característica da modernidade, assim como emprega a tipologia da vivenda popular andaluz, pelo que demonstra um conhecimento mais profundo da realidade vernácula da região, do que um mero tratamento formal de teor superficial. O desenvolvimento da sua Obra, localizada na sua maior parte em contextos urbanos, prosseguirá logicamente um trajecto de relativo distanciamento aos elementos de

origem popular. Sediado em Madrid após a sua titulação, o seu impacto no Noroeste Peninsular deve-se sobretudo à sua dinâmica actividade laboral e pedagógica, de dimensão nacional, e logicamente às suas raízes familiares galegas. A sua influência estende-se à escala de toda a Espanha, Andrés-Reboredo, formado em 1965, refere que os seus trabalhos eram tão estudados em Barcelona como o do próprio Josep Antoni Coderch, o que atesta bem a não vinculação exclusiva de De la Sota a nenhum território em particular. Para a generalidade dos Arquitectos galegos, será porventura nestes termos que a sua influência deverá ser considerada, ainda que para alguns casos pontuais a sua ascendência directa tenha sido determinante³, embora não explicitamente na exultação da referencia vernácula.

Se os autores anteriores ainda revelavam intermitência entre a aplicação directa dos princípios modernistas e a sua conjugação com influencias regionalistas, José Bar Boo será mais coerente no afastamento à adesão incondicional de movimentos e correntes concretas. Não podendo dizer-se que efectivamente desenvolve uma maturação na sua linguagem arquitectónica em função da referencia vernácula, ela decorre sobretudo de uma reflexão individual na qual vai integrando, de forma progressivamente regular, elementos de influência regional, até a sua Obra permitir a leitura de uma linguagem característica. Por outras palavras não sendo a Arquitectura Vernácula o seu tema fundamental, o desenvolvimento das afinidades formais que estabelece ao longo do seu trajecto, irá determinar-lhe a sua aproximação, resultante de uma concepção mais experimentalista e sensorial do que propriamente ideológica.

No opinião de Casabella López (1986 e 1996), poderá dizer-se portanto que Bar Bóo adopta efectivamente uma postura critica, primeiro face ao modernismo (o que não significa que em alguns casos não o adopte integralmente, como por exemplo no caso do edifício da rua Marqués de Valladares em Vigo), e mais tarde face ao pós-modernismo. O seu principio de ruptura mais conhecido tem especialmente que ver com a doutrina *Wrighttiana* de quem recolhe (especialmente nas habitações unifamiliares da década de 60) muitas influências (Agrasar Quiroga, 1996 p.47), onde assume a intenção de realizar uma integração mais harmoniosa da obra com o seu meio físico local, o que no caso particular da paisagem atlântica requer uma solução mais delicada pelo seu vigor e diversidade. Aqui reside a sua primeira afinidade com o património vernáculo:

“É nesta filosofia que se desenrolan totalas construccions populares do mundo: proporcionarse un cobixo que possibilite as funcións vitales necessárias aportando a mínima enerxia na loita contra as adversidades naturales. I é tamén ahí onde entronca a arquitectura de X. Bar.” (Casabella Lopez, 1986, p.33)

A resolução de problemas pontuais da nova vivenda urbana também o leva a adoptar soluções usuais nos sistemas vernáculos, como por exemplo no salvaguarda da privacidade, onde adopta a miúdo: - pátios interiores, tapa-vistas, cerramentos e cobertas projectadas como elementos presentes na estruturação organizativa do próprio projecto. O gesto de implantação, a meia ladeira, possibilitando também uma articulação mais diversificada e integrada com o ambiente exterior é outro dos princípios frequentemente utilizados na sua Obra. Mas talvez o seu maior contributo, e mais polémico (Casabella Lopez, 1986, p.32-43), na reinterpretação vernácula, tenha que ver com a natureza técnica das suas obras, onde a utilização das pastas de granito em sistemas de cerramento de fachada produz um efeito paradigmático. Independentemente da qualidade das soluções que adopta, o facto de utilizar um material local tradicional e de o empregar em função dos processos tecnológicos actuais (como elementos de produção em série em intervenções urbanas) irá determinar um marco ideológico quer na concepção quer na industria construtiva local, recuperando elementos que: *“son utilizadas tradicionalmente como cerramento de cabanas e fincas en cáseque todo o Sul de Galicia e Norte de Portugal”*,

.....
3) Manolo Gallego é seu colaborador nos primeiros anos de atividade e Pedro Llano Cabado elabora a sua tese de Doutoramento em Madrid sobre a sua figura e obra.

para além dos vulgares elementos estruturais de pequenas edificações regionais. Neste caso particular e dado a evolução construtiva da região, a potencialidade da referência Vernácula parece ter captado a atenção de um aliado tão poderoso quão prejudicial: a Indústria de Extracção Pétrea e de Construção local. Outro dos contributos mais interessantes de X. Bar pode ser reflectido na leitura da obra do Neuropsiquiatra “El Pinar”, de 1965, onde um equipamento de significativa dimensão e complexidade é afrontado com um meio natural privilegiado. A forma como o autor lida com esta situação remete imediatamente para o legado *Aaltiano* (*Idem*, 1996, p.30), mas, a forma como compreende a sua relação com o entorno e com a topografia, sobretudo nas estratégias de fragmentação das massas, pressupõe uma leitura atenta do património vernáculo circundante, quer morfologicamente quer em termos antropológicos. Contributo particularmente interessante neste campo, constituem também as suas primeiras três obras (Casa Couto, Casa Cendón e Casa Saldaña) datadas de 1958, todas programas habitacionais unifamiliares de reduzida escala, localizadas na área (outro) periférica da cidade de Vigo. De encomenda modesta e complexa reflectem enorme tensão entre o novo modo de vida Urbano e o contexto Rural, assim como no campo linguístico onde os princípios compositivos Modernistas são articulados aos modelos tradicionais da região galega. Além do que o seu pragmatismo construtivo, em comparação com as suas obras posteriores (especialmente os denominados *chalets de propensão claramente burguesa*) são menos complexas e mais depuradas morfologicamente, o que facilita a bastante sua análise formal.

Não podemos esquecer que nesta época os arquitectos que desenvolviam os seus trabalhos na Galiza estavam sujeitos à jurisdição administrativa de um único organismo: o Colégio de Arquitectos de León, Asturias e Galicia. Este facto para além de significar um grande empecilho burocrático e logístico, também não contribuía para o enfoque de desenvolvimento da produção profissional em virtude das necessidades específicas da Região Galega.

Pode-se afirmar que a década de 70 foi um momento charneira na resolução desta questão, em que, pela primeira vez, se assiste a um claro esforço conjunto da classe profissional, com resultados práticos e objectivos. A criação do COAG, resulta na primeira iniciativa institucional para a organização e promoção da prática profissional.

Como se verá adiante, a década de 70, é um período de intensa actividade promocional da classe. Esta promoção, num universo profissional reduzido e restrito, demandará praticamente o envolvimento de grande parte dos profissionais em exercício (que era efectivamente reduzido)⁴, o que determina a drástica redução de obras, relacionadas com a temática deste estudo, a que se assiste nestes anos.

O envolvimento administrativo e político, o investimento na modernização das infraestruturas, na dotação de equipamentos básicos e preparação de áreas industriais, requereu um maior investimento na gestão urbana, assistência aos concursos públicos e colaboração com as entidades publicas de administração, que a maioria dos profissionais assumiram como uma necessidade prioritária. “*Foram anos de intensa e dedicada promoção, o que determinou menos tempo nos projectos de menor escala, geralmente desenvolvidos individualmente*”.⁵ – como refere o Arq. Enrique Acuña (em entrevista 2012).

Se no campo prático a intensidade de trabalho, referenciado no espólio Vernáculo, esmorece significativamente a partir dos anos 70, na área teórica este tema irá conhecer um renovado fôlego, primeiro em termos nacionais e depois, ainda que de forma tímida, no próprio território Galego.

4) Tal como refere César Portela em Entrevista de autor (2013).

5) Enrique Acuña trabalhou nos derradeiros anos da sua licenciatura no gabinete de X. Bar Bó (1969-1973) e inicia atividade profissional praticamente em simultâneo à criação do COAG. Entrevista com o Arq. Enrique Acuña, Vigo, 11-09-2012.

Especial menção deve ser efectuada ao trabalho dos jovens arquitectos Rafael Chanes e Ximena Vicente, que em 1973, tendo como objecto de estudo uma agregado rural concreto da zona da Extremadura, elaboraram uma obra de grande coerência metodológica e de grande rigor científico; *Arquitectura popular de 'La Vera' de Cáceres*, constituiu um verdadeiro exemplo de estrutura e organização para o levantamento do Património Vernáculo. (Diez-Pastor, 2012, p.193-194)

Este contributo é particularmente evidente na obra resultante da iniciativa individual (praticamente simultânea) de Luis Martínez-Feduchi e Carlos Flores, que à imagem do modelo da ***Arquitectura Popular em Portugal***, realizam um compêndio à escala nacional de todo o património popular espanhol, estruturado pela tentativa de caracterização tipológica das distintas regiões geográficas (reconhecidamente nem sempre coincidentes com as administrativas, mas com tendência geral à sua referência).

Concretamente ao contexto Galego, a década de 70 marcaria a retoma do estudo específico do património vernáculo. Tendo como base assumida a informação sistematizada anteriormente por Xaquín Lorenzo, Pedro Llano Cabado e Manuel Caamaño Suarez, alargariam a amostragem da pesquisa, em quantidade e localização, à escala regional. Ao contributo de Carlos Flores, que terá de ser sempre analisado sob uma óptica comparativa, apresentam como principal virtude a actualização da representação gráfica (nomeadamente através da expressão e uniformidade das peças desenhadas) e o maior aprofundamento das problemáticas retractadas. Ainda que editados nas décadas posteriores, revelando um enorme hiato temporal (25 anos no caso de Caamaño Suarez), a publicação destes estudos constitui um importante marco na perpetuação da consideração e divulgação do tema, que, tal como se constata, nunca assumiu uma prioridade verdadeiramente agregadora.

Outro factor determinante na contextualização do desenvolvimento recente da Arquitectura na *região analisada* terá sido a criação da Escola Técnica Superior de Arquitectura de La Coruña (ETSA), em Outubro de 1975, ainda sob égide da Universidade de Santiago.

A instauração da ETSA, apesar de acarretar a natural mobilização da classe profissional, não deixou de constituir um processo atribulado, com inúmeras críticas dentro do meio académico e cultural, com uma interessante disputa entre a cidade de Santiago e da Coruña para a sua localização, na qual a intervenção da Fundación Barrié foi determinante para o desfecho do referido processo. (Casabella López, 2009, p.5 e p.9-10)

Se a constituição de um corpo docente habilitado, a definição de uma estratégia pedagógica apropriada e a estruturação de um plano de estudos adequado conformava o maior desafio, e consequentemente o mais subjectivo, o vazio formativo que a ETSA ambicionava suprimir era fundamento mais que suficiente para a sua origem, da qual todas as partes (mesmo as mais relutantes) reuniam consenso (Gallego Jorreto em Entrevista).

O facto é que o discurso do objectivo da sua implementação assumirá desde logo um particular enfoque nas necessidades específicas da região galega, de que não rareiam referências, tal como refere Jose-Antonio Franco Taboada (1978, p.17), primeiro Director da ETSA, na primeira comunicação pública dos resultados académicos da primeira geração de estudantes: “... (A ETSA) intenta, ya desde un principio, valorar positivamente la importancia de su existencia de cara al futuro servicio que, cultural y profesionalmente, ha de realizar en el entorno geográfico, político e social en que se va a desarrollar, fundamentalmente, en el país galego.”

À semelhança do que sucedeu com Carlos Ramos, o referido texto de Franco Taboada apresenta afinidades ideológicas de base com o *regionalismo critico*, defendendo que a riqueza das especificidades geográfica estava justamente na potencialidade dialéctica que estas podem estabelecer com os valores universais e as correntes teóricas actuais da Arquitectura Erudita:

“En este empeño de conjugar lo universal con lo particular, conocer y valorar lo universal versus desarrollar y potenciar lo que identifica, en continuo juego dialéctico...” (Idem)

Seria portanto expectável que a estratégia pedagógica declarada será a de contribuir claramente, a médio prazo, na construção de uma Identidade Arquitectónica própria para a Galiza, na qual o papel do Património Vernáculo assumia evidente protagonismo.

Outro dado, que referencia este objectivo de forma inequívoca, é facultado pela participação dos estudantes de Projecto I (os primeiros da Escola) na convocatória internacional para o XIII Congreso Mundial de la U.I.A, de forma a comparar experiências pedagógicas distintas e seus respectivos resultados, sendo que uma das suas premissas de partida seria “ *b) valorarán, y, en alguna medida, tratarán de adecuarse a los condicionamientos tecnológicos y socioeconomicos existentes en el país gallego. Bien entendido que esto non implica reducir las variables compositivas y de diseño a un puro folklore regionalista, renunciando a los valores generales de la cultura arquitectónica occidental y incluso universal, sino afirmar el poder de configuración y transformación que la arquitectura puede ejercer sobre una sociedad determinado en base a una vinculación con sus raíces históricas e culturales.*” (Ibidem, p.18)

Pese embora a clareza deste género de discurso, que se vincula sobretudo à fundamentação para a criação da ETSA, o facto é que, metodologicamente esse potencial, de enfoque num território específico e na sua particular valorização cultural (ainda que sem prejuízo dos “valores universais” da arquitectura), acaba por não se reflectir directamente na estrutura do Plano de Estudos proposto.

Não obstante esta realidade, algumas situações pontuais acabariam por revelar uma intencionalidade ideológica que, apesar do relativo impacto, merecem uma consideração particular. Esta condição é expressa, quer através das metodologias, quer dos objectivos afectos aos exercícios implementados por determinados docentes que, dentro da relativa autonomia científica, aproveitavam para por em prática algumas das suas orientações de projecto.

A título exemplificativo pode-se assinalar a experiência de Pedro Llano Cabado que, no início dos anos 80 (logo após a publicação do seu famigerado **Arquitectura Popular na Galícia**), implementa na disciplina de Dibujo Arquitectónico. Os trabalhos dos estudantes, para além de constituírem um contributo na documentação do Património Popular Galego permitiram o ensaio da fundamentação das estratégias pedagógicas do docente mencionado; constituindo material de reflexão que será inclusivamente partilhado com a própria comunidade académica através do Boletim académico da instituição, onde, além da publicação de alguns dos trabalhos realizados, se justificava a pertinência e a potencialidade do estudo da Arquitectura Popular na formação do futuro arquitecto (Llano Cabado, 1985, p.39-42).

Todavia, e tal como se verificou na ESBAP, a rotatividade dos docentes entre matérias e a consequente adaptação dos programas e dos enunciados dos exercícios determinaria a descontinuidade deste género de experiências e da sua afirmação dentro das linhas orientadoras da instituição.

Ao analisar-se o Plano de Estudos original, composto por uma formação de 6 anos, estruturados em 2 ciclos de três anos, observa-se sobretudo o seguimento de um modelo convencional instituído, de acordo com as escolas de referência do Sul da Europa⁶, sem qualquer orientação diferenciadora, muito menos qualquer referência explícita à inclusão de matérias que versassem a Arquitectura Autóctone.

.....
6) A utilização do Plano da Escola de Barcelona como referência, formulado em 1973, é inclusivamente assumida (Casabella López, 2009, p.9).

Plano de Estudos (ETSA):

- Primeiro Ciclo:

Primeiro Ano

- 1- *Algebra Lineal*
- 2- *Calculo Infinitesimal*
- 3- *Fisica I*
- 4- *Geometria Descritiva I*
- 5- *Dibujo Arquitectonico (Dibujo Técnico)*
- 1- *Analisis de Formas Arquitectonicas*

Segundo Ano

- 1- *Fisica II*
- 2- *Geometria de la Forma Arquitectonica (Geometria Descritiva II)*
- 3- *Ampliacion de Matematicas*
- 4- *Elementos de Composicion*
- 5- *Historia del Arte*
- 6- *Economia*

Terceiro Ano

- 1- *Ampliacion de Fisica*
- 2- *Proyectos I*
- 3- *Construccion I*
- 4- *Intriduccion a la Urbanistica*
- 5- *Electrotecnia, Luminotecnia e Instalaciones*
- 6- *Estetica e Composicion*

Segundo Ciclo:

Quarto Año

- 1- *Proyectos II*
- 2- *Construccions II*
- 3- *Calculo de Estructuras I*
- 4- *Urbanistica I*
- 5- *Historia de la Arquitectura y el Urbanismo*

Quinto Año

- 1- *Proyectos III*
 - 2- *Construccions III*
 - 3- *Calculo de Estructuras II*
 - 4- *Deontologia, Legislacion y Valoracion*
- Especialidad de Urbanismo/ Especialidad de Edificacion:*

5U- Urbanistica II

5E- Tecnicas de Acondicionamiento

Sexto Año

- 1- *Proyecto Fin de Carrera*
 - A- Introduccion*
 - B- Desarrollo*
 - 2- *Construccions IV*
 - 3- *Calculo de Estructuras III*
 - 4- *Mecanica del Suelo y Cimentacione*
- Especialidad de Urbanismo/ Especialidad de Edificacion:*
- 5U- Practicas de Urbanismo e Instalaciones Urbanas*
 - 6U- Jardineria y Paisaje*

7U- Urbanística III

5E- Proyectos de Estructuras

6E- Industrialización y Prefabricaciones

7E- Organización de Obras y Empresas

Da comparação inevitável com o Plano de Estudos da ESBAP (1957-1969)⁷, implementado pela direcção de Carlos Ramos (1952-1967) que se estendeu até cerca de 6 anos antes do arranque da ETSA (1975), surgem, aparentemente, algumas considerações pertinentes.

De todas a mais interessante é talvez o esforço pela introdução da componente técnico-científica do primeiro ciclo (que no caso do Porto remetia até para a partilha de cadeiras com a Faculdade de Ciências fora das instalações da ESBAP), como forma a outorgar uma especificidade positivista que se afastava progressivamente do vertente académica do ensino clássico artístico (Beaux-Arts). Sendo que no caso concreto da ETSA esta condição é exacerbada pelo predomínio das matérias da área das Matemáticas e da Física, fundamentadas pela predisposição da formação ao cálculo estrutural, ao pré-dimensionamento e à coordenação e compatibilizações com as instalações técnicas.

Outra evidência é a estruturação do curso em matérias autónomas de grande especificidade, com o intuito de permitir uma maior definição de objectivos e aprofundamento de exploração de métodos, cuja síntese deveria ser efectuada pela via do Projecto nos anos conclusivos, mas, cuja efectiva coordenação a estrutura não assegurava.

Algo que se enquadrava totalmente nos pressupostos do sistema de ensino universitário dos Ministérios, mas cuja evolução do contexto social e da própria natureza da Arquitectura se encarregaria de contrariar, em ambos os casos, tal como se constata pela forte reacção que a sua implementação provocou expressa sobretudo nos registos da crítica estudantil (Canto Moniz, 2011, p.528; Río Vásquez, 2009, p.44-46)

Plano de Estudos (ESBAP):

Primeiro Ciclo:

Primeiro Ano

1- Arquitectura Analítica

2- Desenho de Estátua

3- História Geral da Arte 1

4- Geometria Descritiva

.....
7) Reflectindo já significativos processos rectificativos, de acordo com as reformas pedagógicas que o afectaram: 1911, 1931 e 1957, sendo a última a mais impactante uma vez que determinou a reformulação de acordo com o estatuto geral do sistema de Ensino Superior Nacional. (Decreto-Lei n.º 41363 – Regulamento das Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e Porto, aprovado em 1957-11-14).

5- *Matemáticas Gerais*

6- *Curso Geral de Química*

Segundo Ano

1- *Arquitectura Analítica*

2- *Teoria das Sombras e Perspectiva*

3- *Estereotomia*

4- *História Geral da Arte 2*

5- *Curso Geral de Física*

6- *Sociologia Geral*

Terceiro Ano

1- *Composição de Arquitectura 1*

2- *Teoria e História da Arquitectura 1*

3- *História de Arte em Portugal*

4- *Topografia Urbana*

5- *Estática Aplicada às Construções 1*

6- *Materiais*

Quarto Ano

7- *Composição de Arquitectura 2*

8- *Teoria e História da Arquitectura 2*

9- *Estática Aplicada às Construções 2*

10- *Higiene e Equipamento 1*

11- *Edificações*

12- *Geografia Física*

Quinto Ano

- 1- *Composição de Architectura 3*
- 2- *Urbanologia 1*
- 3- *Teoria e Concepção das Estruturas*
- 4- *Higiene e Equipamento 2*
- 5- *Organização de Projectos e Estaleiros*
- 6- *Geografia Humana*

Sexto Ano

- 1- *Composição de Architectura*
- 2- *Urbanologia 2*
- 3- *Estética e Teoria da Arte*
- 4- *Economia*
- 5- *Conjugação das Três Artes*

Mesmo na ESBAP, particularmente no período de execução do *Inquérito* (com todo o envolvimento e impacto ideológico que se lhe reconhece) tal como na ETSA, não existiu qualquer consideração estratégica que refira a especificidade do território envolvente ou da Architectura que lhe é afecta, cujo interesse foi tão declarado pelos seus directores.

Relativamente à distinção dentro do panorama nacional, institucionalmente, o plano apresentado é ainda mais inócuo, uma vez que traduz exactamente a mesma proposta da ESBAL (única alternativa para o ensino de Architectura em Portugal). A maior parte da documentação existente justifica o facto com o constrangimento político e com a necessidade da uniformização do modelo de ensino, pouco atreito a experimentalismo numa época que se pretendia de afirmação do rigor científico e da credibilidade das Instituições.⁸ A mesma interpretação poderá ser facilmente extrapolada para as circunstâncias que envolveram a implementação da ETSA.

Sendo expectável que neste período fosse possível observar a pertinência pedagógica do Legado Vernáculo, o certo é que, em termos curriculares, nenhum dos casos retractados considera a problemática desta Investigação como um activo oficial.

Se ideologicamente esta “sensibilidade” nunca se traduziu numa estratégia geral concertada

8) Embora implementada a partir de 1957, a reforma resulta de um processo moroso, com início em 1950 (Proposta de Lei 502 – Reforma do Ensino da Architectura, datada de 1950-03-08).

a nível institucional (nem sequer como uma oportunidade equacionada, pois não fazia sequer parte do conceito de ensino então conhecido), a verdade é que algumas personagens (afectas a estas instituições) vinham progressivamente desenvolvendo, quer a orientação dos conteúdos, quer, sobretudo, o domínio dos exercícios desenvolvidos nas disciplinas, que leccionavam, para a consideração desta realidade e para o aprofundamento do conhecimento que lhe é afecto.

Exemplo disso foi precisamente o contributo de Octávio Lixa Filgueiras (dentro dos assistentes da chamada geração renovada que Ramos recrutou ao abrigo da reestruturação dos quadros que a reforma permitiu) que, baseado no método analítico do *Inquérito*, pretendia introduzir uma perspectiva antropológica e de maior humanismo na matriz moderna do referido plano de estudos.

Mesmo tratando-se de contributos claramente isolados, suscitados muitas vezes por inquietações mais pessoais do que propriamente idiosincrasias colectivas, alguns arquitectos causaram um profundo impacto nas gerações de estudantes que então se formava, e que actualmente lhes reconhece a respectiva influência. (Agrasar Quiroga, 2003, p.15)

Será precisamente sobre esta perspectiva que se analisará o contributo de algumas figuras no panorama Galego. É precisamente durante a década de 70, e nos princípios dos anos 80, que três jovens Arquitectos, praticamente da mesma geração, iniciam a sua carreira profissional destacando-se pela originalidade e profusão dos seus Projectos.

Formados em Madrid e Barcelona, Manuel Gallego Jorreto, César Portela Fernández-Jardón e

Pascuala de Campos são elementos fundamentais na compreensão da produção da arquitetura contemporânea da região analisada. Sediados na Galiza e para a qual produzem a maior parte dos seus projectos, surgem empenhados no compromisso de desenvolver uma arquitectura que respondesse às reais necessidades do seu território, em profunda transformação sócio-económica. Embora sem incidência regular, ou profundidade científica, quer nos processos de inventariação documental, quer na abordagem teórica acerca do espólio vernáculo da Galiza, as suas obras (e discursos) encontram-se impregnados de referências, mais ou menos directas, ao Legado Vernáculo.

São os próprios arquitectos que estabelecem muitas vezes esta conotação, teorizando e expondo pontualmente estas premissas. César Portela, numa palestra crítica da sua própria produção, estabelece como pontos de referencia básicos para a compreensão das suas Obras: a Autoconstrução no meio rural, as Invariantes da arquitectura Galega, a sua interpretação da Arquitectura “del humo” como denominador da tradição atlântica e o seu discurso compositivo, elementos que alegadamente intenta incorporar de forma teórica na sua conceptualização (Blanco, 1981, p.11).

Apesar de focar temas específicos da Galiza, onde o influência do património popular sobressai, Portela não se furtará a explorar as linguagens e ideologias internacionais em voga, onde a influência *Rossiana* é evidentemente marcante. E talvez seja esta relação dialéctica que melhor caracteriza a análise formal do seu trabalho, por um lado a escala e natureza do gesto (onde se destaca a simetria compositiva e sobre-elevação dos corpos) e a composição volumétrica de cariz monumental (dimensão, unidade e elementaridade geométrica), adequada aos novos programas e às recentes tecnologias construtivas; por outro a sua conjugação com a sistemática utilização de elementos formais e materiais tradicionais. Outro factor é ter em conta é a analogia icónica que a forma exterior das suas obras estabelece com os arquétipos dos modelos tipológicos tradicionais, e que ao longo da sua Obra irá desenvolver-se de modo mais dissimulado, mas, cujas reminiscências podem ser verificadas pela via da exploração do arquétipo.

A obra de Portela é rica em utilizar aquilo que chama de elementos (formais) próprios da arquitectura tradicional: *“recios muros exteriores, cubiertas en pendiente, soportales, porches, galerias, chimeneas, lucernarios, espacios a doble altura...”* incluídas nas tipologias específicas da referida Arquitectura “del humo” segundo denominação que adopta dos ensaios de Yago Bonet Correa (Portela, 1984, p.28).

A esta conjugação também deverá ser referenciada a sua metodologia de trabalho que adopta regularmente diferentes equipas de projecto, de acordo com projectos e épocas específicas. Esta circunstância para além de ter contribuído para a passagem de algumas das mais proeminentes figuras da Arquitectura mundial (por exemplo: Isosaki e Rossi) na Galiza, também terá contribuído certamente para a divulgação da Arquitectura e da Cultura específica desta região. Para além do mais existe também o referente de Bar Bóo, com quem aliás estreita relação nos anos de intensa colaboração no COAG, enquanto secretário geral nos anos de direcção de Bar Bóo (1977-1979). Dele, segundo o próprio Portela (em Entrevista, 2013), herda o interesse pela investigação dos materiais tradicionais galegos, segundo uma reinvenção racionalista que optimizasse os processos de transformação e sobretudo de execução, à luz da actualização das necessidades construtivas.

Manuel Gallego Jorreto, que inicia a sua actividade profissional sob alçada de De la Sota, reflete precisamente a mesma preocupação de articulação entre a dimensão tecnológica e a configuração espacial da proposta arquitectónica. Dessa experiência afirma ter apreendido o propósito que a arquitectura deveria ter em solucionar de forma criativa as suas necessidades essenciais em detrimento das volúveis problemáticas estilísticas (Casabella, 1990, p.46). No gabinete de De la Sota, na capital madrilena, desenvolve uma aptidão pelo pragmatismo construtivo e pela experimentação tecnológica, de onde se destaca a utilização de elementos pré-fabricados.

Retornando à sua Galiza natal em 1967, por opção própria, sente-se cativado pelo seu Património Arquitectónico Popular, sobre o qual desenvolve uma intensa pesquisa, de motivação pessoal, fruto das suas inquietações culturais e da carência de referências históricas na sua formação académica. Na primeira fase do seu trabalho as “Invariantes Gallegas” aparecem inevitavelmente codificadas a partir do Movimento Moderno. As soluções, que derivam de um conhecimento empírico (quase sensorial) da arquitectura popular, são assim aplicadas depois de integradas no conceptualismo racional e abstracto que o caracteriza. A sua obra irá também reflectir um interessante desenvolvimento formal (Blanco, 1981, p.11).

Numa fase inicial evidenciavam-se claramente princípios como o contraste material, a rigidez compositiva e o purismo formal dos projectos. Progressivamente começará a apresentar uma autonomia formal em relação ao movimento moderno, constituindo uma linguagem particular onde se evidencia uma estreita relação entre sistema construtivo e configuração espacial, assim como uma maior articulação do edifício com o terreno, estabelecendo uma relação mais intrincada com as cotas de acesso e com o cenário envolvente. A sua arquitectura torna-se assim menos refém da Arquitectura “objecto”, de fora para dentro, e passa, através de uma sequencial aproximação à escala humana, a traduzir-se na materialização de uma Arquitectura inversa com maior protagonismo do espaço interior.

Como referido o seu contributo não se restringe à sua Obra construída, Gallego reclama uma especial atenção para o Legado Vernáculo, a partir de uma visão evolutiva, sobretudo na relação que esta estabelece com o meio, que se encontra em acelerado processo de transformação na Galiza (o que inevitavelmente acabará por se impor ao referido património).

Realiza trabalhos e levantamento fotográficos acerca das diversas tipologias da Arquitectura Popular, a qual regista, analisa e investiga de forma intensa, num período inicial da sua carreira, de que os primeiros resultados são as reflexões expostas em 1974, numa publicação em

colaboração com o grupo Galicia na Encrucillada, pela Editorial Galáxia.

Expõe algumas reflexões teóricas onde aborda o assunto, que englobam mesmo definições concretas do tema, de grande clareza e precisão científica: *“Defínese como artesanal, anónima, feita polo pobo con modelos aceptados e compartidos, e ligada aos materiais e técnicas da zona. É a arquitectura utensílio do home rural. Como resposta ao medio, ás súas necesidades e a un sistema socioeconómico.”* (Gallego Jarreto, 1978, p.12)

A pertinência do seu estudo também a reclama para si próprio, não apenas como enriquecimento cultural mas como ferramenta declarada de próprio acto de Projecto: *“En Galicia adquire unha personalidade propia, con peculiaridades diferenciais con coerência, que a definen das dos espacios circundantes. Algunha vez teño tencionado analizar tipoloxicamente, buscando interpretación espacial en algo mais que nun funcionalismo físico, como resultado do continuo diálogo do home co seu medio, a través da súa creatividade, considerando esta arquitectura como un elemento mais do medio físico formal, modelado pola cultura do hombre”.* (Idem, p.12)

Das suas Obras, parte significativa localiza-se na região da Coruña, sobretudo aquelas de expressão mais criativa, onde a reinterpretação vernácula é assumida de forma abstrata e subjectiva. Dessa linguagem resultam dois exemplos expressivos, cuja escala e entorno contribuem para a sua harmonia paisagística, e que atingiram notável repercussão crítica por toda a Galiza (e no Norte de Portugal): A casa em Corrubedo e casa em Oleiros. (Blanco, 1981, p.11).

Apesar de não integrarem de início o projecto pedagógico da ETSA, Portela e Gallego acabaram por desempenhar também funções como docentes, mas, ao contrário do que ocorre na sua prática profissional a repercussão da sua influência não foi efectivamente capitalizada. “A experiência do ensino, assim como está estruturada, em módulos autónomos de temáticas cada vez mais específicas, acaba por tornar o contribuição pedagógica impessoal e fragmentada” (Gallego Jorreto em entrevista, 2012)

Seja pelas características das disciplinas que lhe foram distribuídas (Urbanismo) ou pela não vinculação integral ao ensino, imposta pelo desenvolvimento significativo das suas carreiras fora dos meios académicos, o facto é que o seu envolvimento na definição dos processos e estratégias pedagógicas da ETSA não poderá ser encarado como um factor determinante no desenvolvimento da produção arquitectónica contemporânea da Galiza.

Praticamente em paralelo à criação da ETSA, surge uma fonte contributiva neste tema cuja significância não deve ser menosprezada. Criada em 1978 sob iniciativa da Comissão de Cultura do *Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia* (COAG), é criada a revista *Obradoiro*. Totalmente dedicada à divulgação da produção arquitectónica contemporânea, tem como grande objectivo a centralização nas problemáticas decorrentes da Obra realizada na Galiza e/ou no estudo e na divulgação dos seus principais intervenientes, na sua grande maioria (sendo que os abaixo citados são todos) professores da ETSA.

Os autores Galegos acima mencionado são a par de Fernández-Albalat Lois, Andres Reboredo, Baltar Tojo, Meijido Calvo, García Braña, Seara Morales ou Casabella López os autores com presença mais regular no seu arranque, ainda que Gallego e Portela partilhem de longe a maior quantidade de contribuições e menções. A sua relação com esta Publicação não se cinge unicamente à apresentação de Obras e Projectos, mas, compreende também ensaios, críticas, palestras ou entrevistas, sendo de relevar, um conjunto de reflexões que abordam invariavelmente a particularidade do território galego e a sua suposta identidade, onde naturalmente a Arquitectura Vernácula terá a sua menção. Um dos primeiros exemplos desta circunstância é constituído pelo texto “O medio rural” uma reflexão de Manuel Gallego Jorreto,

justamente no primeiro número de 1978, o que atesta bem da sua importância como ferramenta difusora das ideologias associadas. No texto mencionado, Gallego analisa a especificidade do território da Galiza, sublinhando a sua herança rural, algo que o arquitecto, enquanto o agente de intervenção-transformação, deve reconhecer. Equaciona igualmente o intenso processo de transformação física a que o território está sujeito; uma transformação, que apesar de criticável deve ser aceite, numa dinâmica inevitável e natural, considerada com enorme sensibilidade de forma a minimizar rupturas na identidade construída neste território. Gallego mostra assim o seu espírito holístico, não circunscrevendo a actividade de projecto a realidades autónomas, deixando claro que, para além de qualquer ideologia demagógica, o lugar do legado vernáculo terá de se adaptar à evolução da comunidade.

A partir do início da década de 80, Álvaro Siza Vieira (Siza Vieira, 1983, p.7-13), torna-se presença assídua entre os arquitectos expostos, atingindo tal constância nos números desta década que figurará mesmo num dos nomes mais retractados no historial da Publicação. Ainda que focalizada sempre no território Galego a abertura aos autores sediado no Porto iria revelar-se tão estratégica quanto frutífera ao longo dos próximos anos. Aliás esta indicação está mesmo expressa na nota editorial do nº13 (1987): “...*primeros exemplos do que será unha preocupación da revista pola produción de arquitectos de Porto, xustificable non só pola veciñanza física, se non tamén pola calidade da mesma.*” (COAG, 1983)

Será porventura este o primeiro registo de contacto, com expressão e força de colectivo, que se assiste entre os profissionais da Galiza e do Norte profissional. O que não deixa de ser interessante, atendendo-se ao facto que, entre os dois países, relativamente a outras regiões o conhecimento mútuo já havia sido estabelecido alguns anos antes. Parece ser consensual que a primeira memória de estreitamento de relações, ocorreu após 1974, foi estabelecida com o círculo cultural catalão, através da participação nos *Pequeños Congresos*, evento difundido em Portugal pela Revista Arquitectura. (Portas & Mendes, 1992, p.15)

A própria ETSA enceta a partir desta altura uma estreita relação com algumas das principais figuras da Arquitectura da cidade do Porto, com Fernando Távora, Siza Vieira e Alcino Soutinho à cabeça, que se deslocavam regularmente, em grupo, à Corunha para participarem em conferências, palestras e aulas a convite da professores galegos. (Casabella López, 2009, p.19)

“Existiu mesmo uma intenção formal de os associar oficialmente à Escola de Arquitectura, fundamentada pela consciência da relevância do seu contributo e da regularidade da sua presença, mas, que acabou por definir nos procedimentos administrativos e nos cortes orçamentais que a Cultura sofreu na época” (Andres Reboredo em entrevista, 2013)

Tanto em Portugal como em Espanha, pode-se afirmar que esta “quarta” geração consolidou o seu prestígio no panorama internacional, fruto de uma maior abertura mediática que se prolongaria pelos anos 80 e 90. Uma geração que foi apoiada no suporte dos seus Mestres e favorecida na sensibilização exterior ao círculo académico que estes entretanto tinham produzido, sobretudo nos eixos intelectuais de que faziam parte, onde efectivamente residia uma boa parcela do promotor de pequena escala.

Esta situação permitia assim um terreno prático e um enquadramento teórico mais estabilizado, o que assegurou uma maior confiança na aplicação das suas teorias ideológicas. Este contexto foi tão fértil que os seus agentes passaram das tímidas incursões experimentalistas (o que em rigor já se procedia nos seus antecessores) para a implementação integral das suas novas teorias conceptuais.

E talvez aqui resida a primeira assimetria, não apenas no território luso, que começa a dar sinais evidentes de uma acentuada divergência Norte/Sul, mas, da própria área de estudo, na

qual a Galiza ficará inevitavelmente arredada do processo.

Neste caso particular deve reconhecer-se a importância de uma Instituição Pedagógica utilizar a sua própria área geográfica como laboratório pratico. Os mecanismos desencadeados são obviamente mais imediatos e intensos que qualquer outros que pressupunham um deslocamento físico e um hiato temporal. Não que estes determinem a sua maior qualidade, mas, determinam necessariamente uma maior sistematização e consequentemente um maior potencial qualitativo. E é justamente neste ponto que se coloca uma grande questão, cuja indagação pode efectivamente contribuir para a confirmação da hipótese base desta investigação, de que nesta região a caracterização da produção arquitectónica recente depende objectivamente do património vernáculo endógeno: - Se a Escola e os respectivos Mestre estivessem sediados noutra região, ou se o grosso das suas Obras estivessem geograficamente deslocado, teria a sua produção arquitectónica recente desenvolvido semelhante expressão (ou linguagem) arquitectónica?

Interpretando a opinião de um dos seus autores mais proeminentes, Eduardo Souto de Moura, a resposta é simples e inequívoca: Numa entrevista, respondendo sobre a contextualização da sua Obra e as diferenças formais existentes entre aquelas que se localizavam a Norte de Portugal e as restantes, Souto de Moura refere:

“... Os limites são diferentes, e o conceito de território e o de propriedade são diferentes. No Porto é impossível não ter uma referencia (...), existe sempre um muro, uma árvore, um penedo (...). A propriedade esta dividida pela topografia, está cheia de muros de suporte, e no entanto Lisboa tem sete colinas e não tem tantos muros.”
(Souto de Moura citado em Pais, 2000, p.30)

Confirmando que essa diferença (no resultado morfológico) é uma consequência inerente no seu modo de projectar.

Interessante também nesta declaração é o facto de que, tanto a pergunta como a resposta pressupõem o reconhecimento prévio de uma linguagem arquitectónica específica, que é assumida nas suas Obras no Norte de Portugal, facto que será desenvolvido mais detalhadamente no ponto seguinte.

O RECONHECIMENTO DE UMA LINGUAGEM:

– *Interpretações analíticas: Reacção critica internacional ou introversão cultural*

*“... at this moment and within this new ‘globalised’ world-landscape, whereby everything appears to be everywhere, Regionalism, Critical Regionalism, Regionalism’s contemporary phase, is an approach to architecture that still dominates discussions and, even more, why it can be seen as one of the most significant design strategy to complement the creative, but also limiting and destructive, forces of globalisation.”
(Tzonis, 2005)*

O presente capítulo estabelece o enquadramento teórico-conceptual para o termo da Reinterpretação, que se pretende analisar a partir de exemplos concretos no capítulo 5, a noção de Reinterpretação é assim estruturada através das seguintes fases: Reconhecimento - Ensaios - Sistematização - (in)Coerência - Identidade;

Esta sistematização não está desvincula, muito pelo contrário, do conceito de *Regionalismo* na sua assunção Munfordiana, e do desenvolvimento evolutivo como o definiu Alexanser Tzonis e Liane Lefaivre, mais próximo das problemáticas actuais do contexto territorial do Norte de Portugal – Galiza. Afigura-se como Processo e menos como Objecto, embora também incluam implicitamente o sentido de *Crítico*, e mesmo que defenda que em muitos casos a analogia é feita por métodos intuitivos, ela compreende sempre uma postura activa perante a problemática invocada.

É portanto na fase do processo entre a Sistematização e a (in)Coerência que as obras mais recentes deste estudo se enquadram, mesmo que para muitos a identidade já seja por demais evidente, esta só estará consolidada quando a convergência for definitivamente assumida pelos seus interpretes, o que, ainda, está longe de ser um dado pacifico, mas, como a história nos tem continuamente demonstrado, esta convergência só é pacifica na inevitável e “consensual” fase *post-mortem*.

Recuando ao período de 1940 (ano da entrada de Carlos Ramos na Escola de Belas-Artes do Porto) há que considerar que a pratica profissional architectónica começava desde logo a distinguir-se pela natureza da sua encomenda. Portugal, tal como vimos anteriormente, estava polarizado em dois centros produtores e difusores de Cultura, reproduzidos nas suas maiores cidades: Lisboa e Porto. Architectónicamente estas concentravam a formação e a localização dos (poucos) ateliers. Lisboa, pelas razões evidentes, continha a maior fatia do mercado profissional que, pela sua relação privilegiada com a administração central, garantia a maior parte das encomendas públicas, os Equipamentos de grande envergadura e as intervenções de escala urbana.

No Norte, concentrado administrativamente no Porto, a encomenda era sobretudo de carácter particular, familiar e apresentava uma escala reduzida. Esta região, que vinha incrementando acentuadamente o seu tecido industrial e empresarial, até assumir-se como o principal núcleo industrial Luso, começava a reclamar um maior reconhecimento social e cultural, com natural repercussão no seu ambiente urbano. Estas duas circunstâncias serão determinantes para a iniciativa de uma produção architectónica privilegiada, com o investimento na exploração e qualificação de uma expressão vocabular (uma linguagem, portanto) requintada (Filgueiras, 1986). Distanciando-se assim da situação da capital, a produção Architectónica sedeadada no Porto

teria mais condições para “*fomentar a experiencia laboratorial, a sofisticação do apuramento das poéticas próprias*” (Vieira de Almeida, 2005, p.61).¹

No território Espanhol por seu turno esta polarização cultural estará longe de ser bicéfala e logicamente a sua desconcentração acompanhará as regiões autónomas de maior desenvolvimento industrial e económico, da qual a Galiza não fará obviamente parte, numa primeira fase. Tal será reflectido no parco Investimento em Obra Pública, na infra-estruturação Urbana, assim como na Iniciativa Cultural, Educativa e de formação profissional que se produzem nestas décadas, o que remete justamente para as implicações sócio-económicas que produzem a sua modesta encomenda privada (que correspondia inversamente à grande fatia dos promotores da região Norte de Portugal).

Um dos aspectos mais determinantes no processo critico que origina o reconhecimento linguístico é evidentemente a teorização de uma “terceira via”, que como vimos na contextualização historiográfica (capítulo 3) implica o reconhecimento da compatibilização de ideologias pertencentes a correntes distintas, que até à data eram interpretadas como antagónicas.

Se na grande parte dos ensaios críticos de uma primeira fase esta poderia ser vista como uma reacção natural à evolução do modernismo, que se acreditava esgotado e obsoleto, o seu entendimento mais profundo sugere antes um desenvolvimento em continuidade, em detrimento da alternativa fracturante que se apregoava. Onde a aplicação dos seus princípios vanguardistas, longe de ser rejeitada, passa antes a ser ponderada através da perspectiva cultural local.

“Penetração internacional, interpretação nacional, eis todo o segredo do mundo de amanhã”... mais uma vez a citação de Carlos Ramos do texto de Emile Schreiber parece ajustar-se perfeitamente.

Apesar dos trabalhos teóricos invocados neste capítulo, especial menção deverá ser feita à obra de Alvar Aalto, que numa época de “extremos” vanguardistas (a mesma da proclamação da frase anterior), já estabelecia na prática a aplicação dos princípios que hoje reconhecemos... em pleno apogeu do CIAM, do qual é participante aclamado. O que num arquitecto “vulgar”, não tenhamos dúvidas, seria motivo de esconjuração concertada a nível internacional, e no entanto... A qualidade Espacial da Obra, sobrepunha-se assim aos processos ideológicos da sua época e o resultado final justificava assim as suas excepções (mesmo estas refutassem todos os “... 5 points d'une architecture nouvelle” celebrenemente formulados em 1926).

O legado da sua Obra é tal que o próprio Siza Vieira, instigado a comentar a sua Casa de Chá da Boa Nova (Obra inevitável nesta temática), da qual se previa um enquadramento dentro dos parâmetros regionalistas, comenta-a essencialmente como fruto de uma forte inspiração de Aalto, o que, de forma extremamente simples, mas, não menos objectiva ilustra bem a sua importância no plano internacional. Também não deixa de ser interessante o facto de Frampton num salto malabar de aproximadamente meio século (tendo em conta o grosso da sua produção profissional) o encaixar dentro da sua classificação de “Regionalismo Critico” ao lado de Siza Vieira (Pritzker 1992) ou de outras figuras contemporâneas como Tadao Ando (Pritzker 1995).

Retomando o conceito de linguagem enquanto sistema formal, enunciado no enquadramento

.....
1) Apesar de reconhecer a proficiência desta circunstancia, Pedro Vieira de Almeida não a inibe de a estender como uma característica inerente a todos os bons arquitectos, implicando evidentemente a sua não exclusividade em relação ao agentes sediados no Porto.

metodológico, neste caso concreto poderá afirmar-se que é efectivamente a interpretação do legado construído, e não os registos ideológicos, o contributo essencial para a teorização desta “terceira via” enquanto corrente ou tendência arquitectónica. Aliás os primeiros ensaios teóricos que verdadeiramente propõem uma coerência estrutural estabilizada são porventura tardios, visto que se baseiam precisamente no percurso já consolidado de autores relacionados, surgem no final da década de 70 (Lefaivre & Tzonis, 2003, p.10) e admitem ainda estar em desenvolvimento conceptual. O que não deixa de ser interessante retomando as inúmeras menções aos “apontamentos” regionalistas de alguns dos percursos mais conhecidos da era Modernista. Não constituindo obviamente o grosso da sua produção a verdade é que esta “sensibilidade” apesar de não ser implementada de forma criteriosa apresenta já considerável constância na forma como se vem manifestando na Obra de alguns autores. Se esta leitura deverá incluir alguns dos nomes maiores desta época, com o incontornável Le Corbusier à cabeça (Monteys, 2005, p.100-103), especial menção deverá ser feita à Obra de Hassan Fathy, que de forma pioneira elevará a reinterpretção vernácula a uma escala territorial e uma dimensão científica inédita (nomeadamente através do seu projecto para Nova Gourná, 1946-1952)². Malgrado o processo de ocupação e conflito social desencadeado (assim como toda a crítica que acarretou) e quiçá hoje não se reflectiria sobre o reconhecimento de uma tendência, mas, eventualmente da aplicação dos seus modelos.

Enquanto a perspectiva teórica internacional começará assim a focar o tema através da análise da obra construída de autores já com percurso considerável, entre os estudos nacionais, especial importância parece ser atribuída à relação estabelecida entre as analogias expressivas e ao historial formativo de certos grupos profissionais, nomeadamente os associados pedagogicamente à Escola de Belas-Artes do Porto.

Desta forma a reflexão “interna” de Octávio Lixa Filgueiras deverá ser tida como determinante no processo interpretativo de um suposto reconhecimento de uma linguagem comum para a *região analisada*. Publicada em 1986 como parte integrante de uma exposição retrospectiva da obra de Carlos Ramos, sob a forma de ensaio, o texto “Escola do Porto (1940-1969)” expõe de forma clara o que considera como uma relação correlativa entre a perspectiva regionalista e a abordagem pedagógica dos seus docentes (liderados evidentemente por Carlos Ramos), tal como já o havia na sua anterior tese de dissertação, onde especula sobre a identidade colectiva da ESBAP, através da postura de *serviço-à-comunidade* que esta Instituição demonstrou nesse período (Vieira de Almeida, 2005, p.65). A sua tese “Urbanismo: Um Tema Rural”, apresentada em 1954, foi inclusivamente a primeira de carácter teórico-prático da própria ESBAP, o que tal como o próprio testemunha só foi possível pela reforma pedagógica instituída por Carlos Ramos. O contributo de Lixa Filgueiras para a temática será ainda mais prolongado, na medida em que nos anos imediatamente seguintes, participará na execução do *Inquérito*, desta feita coordenando a equipa de Levantamento da Zona II – Trás-os-Montes e Alto Douro (com Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias).

Na Galiza, Manolo Gallego Jorrito a partir dos finais dos anos 70, publica alguns ensaios e considerações críticas onde aborda a questão da arquitectura vernácula (integrada no termo abrangente *popular*). Os seus textos demonstram sobretudo um conhecimento empírico do tema, mas, com algumas incursões no campo teórico, sendo frequentes as suas propostas terminológicas, referências tipológicas ou caracterizações formais. No entanto Gallego enaltece que esta não deve ser tida como um testemunho passivo e estanque, e que poderá ser de extrema utilidade para o acto de projecto. Neste particular ponto, o seu entendimento deste património, não se foca somente na cristalização dos modelos tipológicos atemporais, mas através do seu estudo no respectivo enquadramento contemporâneo, num suporte territorial em transição e degeneração abrupta e vertiginosa. Sendo claro que na sua perspectiva a Arquitectura

2) Cujo processo foi retratado em publicação datada de 1969, mas, cujo verdadeiro impacto internacional foi logrado a partir da sua edição em 1973 intitulada *Architecture for the Poor*.

Gallega do presente, e do futuro, (já não pode remeter-se exclusivamente às suas construções tradicionais) e que deverá incluir a ponderação de todas as tensões de um território convulso entre o definhamento de um carácter rural, delineado por antigas micro-economias rurais, e uma nova gestão de propensão urbana, que acompanha o desenvolvimento de uma macro-economia industrial.

O grande tributo do tema pode justamente fomentar a compreensão do contexto físico e sobretudo cultural das regiões de carácter rural, possibilitando assim aos profissionais do projectos gerir melhor as expectativas e necessidades dos seus habitantes.

“Os esforços débense encauzar non a negar a creatividade dun pobo, senón a fomentala, o que esixe situar a nosa a outro nivel conceptual. En principio, aprofundando no coñecemento dun pobo é xeito de dar respostas válidas para el e participar culturalmente no seu desenvolvemento”. (Gallego, 1978, p.17)

Esta frase, proferida em texto datado de 1978, é notável na medida em que não só reconhece a importância do Legado Vernáculo, como defende que a sua consideração é fundamental na prática arquitectónica, como forma de a integrar de forma natural na dinâmica cultural da região. O papel de Gallego no reconhecimento de uma linguagem arquitectónica focada nas raízes históricas e culturais do Noroeste peninsular, para além da interpretação da sua Obra, prende-se também com a acentuada disseminação da sua perspectiva. Seu contemporâneo, César Portela (juntamente com Campos de Michelena, numa fase inicial) será responsável, através do seu legado construído, para a sensibilização interna de que Arquitectura Erudita, profundamente ensimesmada nos seus trâmites ideológicos, poderá ser compatível com a identificação colectiva do povo (algo a que o movimento moderno era avesso)³. Ao recorrer a referências enraizadas na cultura do povo galego, sejam formais ou materiais, Portela irá contribuir para o equilíbrio dessa assimetria, tendo talvez na maior aceitação e apropriação do público generalizado (visível sobretudo na encomenda de projectos públicos) o seu maior contributo para o reconhecimento de uma linguagem concreta.

Llano Cabado, para além de publicar um importante (e actualizado) registo das tipologias e características da Arquitectura Popular na Galiza, revela-se bastante activo em dois temas que tem chamado a atenção particular da crítica especializada. Analisando em suporte histórico a relação entre o Movimento moderno e a Arquitectura Vernácula, o que no conjunto do seu discurso, pode ser também interpretado como fundamentação teórica para o segundo tema: A Arquitectura Tradicional como base para a criação de identidades Arquitectónicas contemporâneas. O Legado Vernáculo é assim reactualizado como elemento de Interpretação/Concepção, na medida de análise Histórica ou de instrumento de Projecto para a produção contemporânea.

Também a importância atribuída à presença de críticos consagrados na Galiza, como Rossi ou Frampton, merece especial destaque neste processo de valorização teórica encetado pelo COAG e pela ETSA – demonstrando, uma vez mais, o esforço destas instituições no desenvolvimento do processo implícito nesta investigação (Casabella López, 2009, p.17). Se a Rossi se atribui a abertura da investigação das referências vernáculas e da “interpretação culta do popular” através do seu ideário arquitectónico (Agrassar Quiroga, 2003, p.18), cabe sobretudo a Frampton a formulação e difusão das correntes internacionais, onde os autores afectos à região analisada, se reviam ou pretendiam associar, facto confirmado pela linha editorial do magazine da sua ordem profissional, como comprova a tradução do artigo “Anti-tabla rasa: Hacia un regionalismo crítico”

(COAG, 1984, p.60-63).

3) Expresso nas teses dos anos sessenta e setenta que manifestavam a necessidade da Arquitectura estabelecer a reaproximação à memória colectiva, defendida por Aymonino, Vidler e Moneo (Montaner, 2001, p.123-124).

– A receptibilidade crítica: Da consagração à depreciação e vice-versa

“Dans l’oeuvre de Siza, Evora représente l’approche la plus semblage à la morphologie vernaculaire” (Portas & Mendes, 1992, p.55)

Um dos grandes contributos para o exercício de reconhecimento de determinada linguagem na região analisada, e consequentemente para o aprofundamento do seu estudo, está relacionada com a notoriedade da figura de Siza Vieira. Se entre o círculo arquitectónico nacional a sua obra já se vinha destacando na viragem para a década de 70, a sua exposição destaca-se definitivamente na década seguinte, atingindo nível internacional com a atribuição do Prémio Mies van der Rohe, em 1988, pela obra do Banco Borges & Irmão em Vila do Conde. É precisamente o grupo de pequenas obras, que se espalham pelo litoral norte de Portugal, cuja elaboração tem início ainda antes da conclusão da sua formação académica e em parte significativa da sua passagem pelo Atelier de Távora, que irão captar a atenção dos arquitectos mais proeminentes da época. Será justamente este conjunto que, segundo a maior parte da crítica posterior, representa um dos exemplos mais representativos da influência do legado vernáculo na produção contemporânea que se estende desde a referida época até à actualidade. (Fleck, 1999, p. 33 e 35)

De um modo simbólico pode interpretar-se que o reconhecimento da crítica galega, está expresso, também no final dos anos 80, de forma inequívoca na atribuição do projecto para o edifício do Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela.

A sua consagração com a atribuição do prémio Pritzker em 1992, com todo o inerente espalhamento mediático que se seguiu, foi tida mais como uma confirmação, uma vez que nos círculos profissionais, a sua obra já gozava de reconhecimento e prestígio.

A sua Obra, sobretudo as dos primeiros anos, onde as implicações vernáculas são mais óbvias, são ainda objecto de estudo nas mais prestigiadas Escolas de Arquitectura, sendo alvo frequente de visitas de estudo internacionais.¹

A verdade é que a atribuição do recente prémio Pritzker de 2011 a Souto de Moura, avivou o reconhecimento internacional da ESBAP enquanto instituição, previamente aclamada no percurso de Álvaro Siza Vieira. A argumentação exposta no texto oficial da atribuição do prémio está embebida de inúmeras referências, quer explícitas quer implícitas, à influência da Arquitectura Vernácula no seu trabalho.

“In their apparent formal simplicity, *Souto de Moura’s* buildings weave together complex references to the characteristics of the region, landscape, site, and wider architectural history.”

(Pritzker Jury, 2011: Citation for the 2011 Laureate)

Apesar da sua validação no contraponto efectuado pelo seu discurso de aceitação, este enquadramento nem sempre foi assumido de forma pacífica. Retomando a reflexão sobre o contributo da ESBAP nesta matéria, Eduardo Souto de Moura é severamente séptico no que concerne a esta derivar de uma estratégia pedagógica concertada.² Recusando qualquer responsabilidade em perpetuar expressões arquitectónicas anteriores e refutando a intenção de prosseguir com o Legado Formal de Fernando Távora e Siza Vieira, apesar da admiração profissional e pessoal que nutre pelos dois e das regulares colaborações que estabelece com estes. Relativamente a uma partilha de metodologia de trabalho ou de sugestão ideológica, ainda é mais crítico, e a sua opinião é arrasadora para os que apregoam a “imagem” da ESBAP

1) Fevereiro de 2011 – Alunos do Master de Arquitectura da Universidade de Louvain-la-neuve, Bélgica; realizam um périplo pelas suas obras, centrando-se sobretudo no estudo da área de Leça da Palmeira; Maio de 2011 – A Faculdade de Arquitectura da Universidade de Florença finaliza um Workshop em Portugal, com visita de estudo à mesma área.

2) Já o manifesta inclusivamente na sua primeira Monografia. (Esposito & Leoni, 2003)

como entidade de referência ideológica unitária.

Esta postura, não é de facto original, e de algum modo acompanha a relutância imediata, já mencionada, de Siza à catalogação disseminada por Frampton, a que inclusivamente algumas figuras de proa da mencionada “Escola” se iriam aliar, entre as quais Souto de Moura já emergia.

Todavia, se o seu entendimento negativo no estabelecimento de uma categoria para as afinidades enquanto processo e metodologia de Projecto parece não esmorecer, o reconhecimento da significação da implementação de soluções baseadas nos princípios Morfológicos da Arquitectura Vernácula, e mais concretamente do Noroeste Peninsular (salvaguardado por ser o contexto mais comum das suas obras), parece ter sido pacificamente integrado na sua retórica ao longo dos tempos. O que se pode entender como um reconhecimento pessoal de aproximação ao conteúdo morfológico dos autores mencionados.

“Eduardo Souto de Moura is associated with the Oporto School of Portuguese Architects, led by Siza Vieira. He was taught by Siza and worked in his practice from 1974 to 1979. He is therefore the inheritor of a particular, regional brand of Modernism that remained faithful to the cause through the Postmodernist years, finally to be rediscovered and celebrated internationally in the 1990s.” (Davies, 2006, p.230)

Parece ponto assente que, para parte da crítica especializada, a leitura da Obra de Souto de Moura, deve ser feita à luz de uma referência mais abrangente e heterodoxa, onde a influência do Tradicional/Vernacular estará a par da herança ideológica das vanguardas e do movimento moderno, particularmente entre as correntes que postulavam o abstraccionismo e o elementarismo formal. Não menos importante, será a influência mais recente da reaproximação conceptual da Arquitectura ao campo artístico, nomeadamente da Minimal Arte, movimento desenvolvido de forma autónoma a partir de 1965, com especial foco nos Estados Unidos da América (Montaner, 2001, p.176).

Apesar de nunca ter excluído as ligações dos seus projectos à Arquitectura Vernácula no discurso teórico, inicialmente, Souto de Moura nunca assumiu o protagonismo do ponto de vista ideológico no seu processo conceptual. O que ainda se tornava mais evidente quando comparado com as inúmeras menções às influências teóricas, mais próximas de tendências internacionais, com especial interesse naquelas exploradas por exemplo no universo arquitectónico Suíço (ao qual Souto de Moura se associa de forma regular) do que propriamente com aquelas enraizadas na cultura neo-realista da “terceira geração” Portuguesa.

A relação com a referência vernácula era assim tida como uma evidência pragmática, entendida como uma estratégia operativa na integração territorial e que, por ser manifesta de forma objectivamente sensorial, seria interpretada mais como condição complementar do que estrutural. Algo que, com as devidas ressalvas sócio-culturais, já havia sido reconhecido, por exemplo, na arquitectura de Cordech ou, de forma ainda mais diluída em projectos de De la Sota, Mollezún e Corrales.

Contudo o discurso teórico de Souto de Moura, seja a espaços ou na sua formalização mais recente, tem demonstrado uma progressiva valorização conceptual deste tema, reclamando em certas ocasiões o plano principal da conceptualização das suas obras³. Este factor, para além do amadurecimento da sua auto-análise profissional, a que nenhum autor está evidentemente imune, parece ter paralelo no recente reconhecimento científico da contribuição desta temática para o Projecto Contemporâneo, que Rapoport e Rudofsky tão afincadamente apregoaram e que Tzonis, Oliver, Vellinga e Papanek revitalizam com relativo sucesso na década de 80. Ainda que a reboque das instituições Anglo-saxónicas do ponto de vista teórico (como se refere na síntese

.....
3) Ver caso específico da Obra analisada no capítulo seguinte “Casa no Bom Jesus, Braga”.

do Estado da Arte), com departamentos e programas de doutoramento dedicados ao tema, a verdade é que o a Arquitectura Vernácula tem sido retomado no círculo académico e, se do ponto de vista da estruturação oficial dos planos curriculares das Universidades o registo pode não ser significativo, o incremento da sua aplicação, quer em exercícios académicos⁴ quer em produtos de investigação científica, tem sido inequivocamente considerável, como comprova o número de projecto I&DT aprovados pelas respectivas agências nacionais de apoio à Investigação Científica, nos últimos 4 anos, o que acarreta ainda um maior foco de interesse se tivermos em conta o número de artigos, conferências, publicações e teses que lhes estão geralmente associados.⁵

“... para mim, o vernacular nunca representou o caminho.” (Álvaro Siza citado em Souto de Moura, 2012, p.72)

A recente expressão de Álvaro Siza sintetiza de modo simbólico a forma como o contributo do património vernáculo tem sido considerado enquanto referência no domínio do Projecto contemporâneo. O seu conteúdo e implicação, mesmo que fosse atenuado por eventual intenção provocatória (traço tão característico do referido autor) não surpreende verdadeiramente quem tem seguido a evolução do seu discurso retórico. A Siza já lhe é sobejamente reconhecida a relutância com que se debate às tentativas de conotação linguística ou mesmo a classificações estilísticas. Verdade seja dita, a evolução do seu trabalho, a sua riqueza e variedade formal, confirma-o de forma inequívoca. Mas, não deixa de ser surpreendente a forma peremptória como o aborda no seu discurso. O que pode ser licitamente interpretado como uma negação completa da incorporação de quaisquer variáveis que derivem da Arquitectura Vernácula, ao invés da intenção de que estas não se sobrevalorizem, em relação às restantes, no seu processo criativo. Intenção última que, se não inteiramente compreensível, pelo menos não seria tão polémica.

Este facto não teria o valor crítico que se lhe remete, não fosse a geração de Siza enquadrada pelas maiores referências no estudo e aplicação dos valores expressos pelo Legado Vernáculo. Reconhecimento que se confirma, até na sua própria figura, pela crítica unânime dos autores de maior impacto internacional, de Tzonis & Lefaivre, Frampton ou até mesmo ao próprio Paul Oliver (2003, p.12).

Justamente por isso não deixe de ser interessante o facto de que esta posição, longe de ser isolada, sobretudo na franja geracional que o acompanha, tenha tido nos seus Mestres opinião tão antagónica e que as gerações mais recentes lhe tenham concedido revigorado interesse conceptual e metodológico.

Ora, se nos extremos citados a posição acerca da utilidade do Património Vernáculo está tão claramente vincada, nos autores de transição denota-se claramente uma abordagem oscilante em relação à matéria. A Souto de Moura, a quem assumidamente não interessa perpetuar o fio condutor: Távora-Siza-Souto, embora, lhe seja inevitável a associação, assiste-se claramente a um discurso de transição onde nem sempre a sua perspectiva se mantém.

O caso de César Portela, e de Pascuala Campos, será porventura aquele onde a referência vernácula no processo conceptual de projecto se pode assumir de forma mais pacífica, quer através da crítica especializada, quer através da sua perspectiva pessoal.

César Portela será indubitavelmente o autor galego de maior projecção internacional, fruto da sua intensa proficuidade profissional e das parcerias estratégicas com autores já consagrados internacionalmente (como no caso de Aldo Rossi ou Arata Isozaki). Será porventura o

.....
4) Um dos maiores exemplos é a referência de Manuel Caamaño Suárez a 25 anos de trabalhos académicos, no âmbito da inventariação da Arquitectura Vernácula da Galiza, realizados na Escola Universitária de Arquitectura Técnica da Coruña. (Caamaño Suárez, 2003, p.5)

5) Como se comprova pelo registo de Projectos I&D financiados, desde o ano de 2008, através dos programas da Fundação para a Ciência e Tecnologia (agência nacional portuguesa), dentro do domínio da Arquitectura.

Cementério de Fisteria (1998-2000), ironicamente um dos mais alheios a esta referência e de maior excepcionalidade na sua expressão individual formal, aquele que projectaria uma vez mais a trabalho do autor além fronteiras e que incitaria às gerações mais recentes a descoberta do seu singular trajecto profissional. César Portela assume sem preconceitos ideológicos as suas intenções conceptuais, justificando com naturalidade a utilização da referência vernácula, além da convicção da reflexão tipológica da escola Italiana a que geralmente é associado. No caso particular da Galiza entende-a como uma necessidade cultural muito específica e uma resposta prática ao constrangimento do mercado construtivo existente na época. Mais do que as correntes estilísticas vigentes, associadas a épocas específicas, considera que o contexto rural foi o real condicionante das suas estratégias de projecto (César Portela em entrevista de autor, 2013).

Manolo Gallego Jorrito a quem geralmente se atribui grande influência do Legado vernáculo (Casabella, 1990, p.46) apresenta uma posição assumidamente antagónica, apresenta um discurso sem grandes oscilações, argumentando desde sempre o seu distanciamento conceptual da referência vernácula, parecendo afastar-se progressivamente do pragmatismo construtivo e da relação com a envolvente, face a uma abstracção cada vez mais intrínseca à evolução do seu processo criativo, onde a criação a partir da caracterização diferenciadora do espaço contido (o “reduto”, como muito lhe apraz definir) acaba por dominar o desenvolvimento do projecto. O seu interesse na Arquitectura Vernácula é assumidamente contemplativo, na medida em que a refuta como influência directa, pelo menos de forma consciente... Pois se esse factor fosse reconhecido pressupunha o seu abandono imediato, pelo menos na óptica do seu processo criativo arquitectónico (Manolo Gallego Jorrito em Entrevista de autor, 2012).

É precisamente essa constante ambiguidade entre o discurso e a Obra de alguns dos autores mais notáveis do contexto do Noroeste Ibérico, cujo impacto é reconhecido a nível internacional, em muito terá contribuído para a indefinição e inconstância da valorização teórico-crítica deste Legado (Duarte Carlos, 2012).

IDENTIFICAÇÃO DE ANALOGIAS MORFOLÓGICAS NA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA:

– *Introdução às obras paradigmáticas*

Este ponto consiste num exercício de verificação da capacidade de aplicação das invariantes caracterizadas numa amostra representativa de Obras Formais contemporâneas.

As Obras seleccionadas vão muito além das referências vernáculas, fruto cultural do seu tempo, não foram obviamente blindadas às restantes tendências. Não têm sequer assumida uma predominância hierárquica destas em relação às restantes. Elas estão integradas, muitas vezes diluídas ou articuladas de tal forma que em muitas circunstâncias são formalmente imperceptíveis, o que não significa que não tenham sido morfologicamente estruturantes. Mas é nesta multiplicidade de *layers* que têm de ser compreendidas, ainda que a análise seja isolada (determinada como exercício metodológico) a sua aplicação nunca o poderia ter sido. De todas as referências teóricas e conceptuais adicionadas, ainda que convivendo com outras influências, as que inequivocamente apresentam mais constância pertencem ao Movimento Moderno (Agrasar Quiroga, 2005, p.40) e serão estas que continuarão a dominar o panorama formal, curiosamente estendendo-se até ao tempo actual.

O conjunto seleccionado pretende constituir uma amostragem coerente enquanto produto síntese dos valores vernáculos, pelo menos aqueles cuja expressados pela sua morfologia, mas, estará muito longe de enquadrá-los apenas na imagem de “redução linguista e de predominante materialidade” de que maior parte destas obras são realmente ricas (Angelillo, 2000, p.9).

Numa primeira fase será elaborada uma breve síntese do enquadramento do projecto analisado, e das suas principais circunstâncias, com especial ênfase na comparação indicativa das obras que lhes são contemporâneas e da influência ou afinidades manifestadas com os autores de maior preponderância na época.

Posteriormente segue-se uma análise mais detalhada, onde após uma breve descrição do projecto, se procederá à verificação das características morfológicas que se apresentem coincidentes com as inventariadas no Legado Vernáculo da *região analisada*.

Todas as obras seleccionadas foram sistematizadas graficamente de forma a produzir uma leitura comparativa mais eficiente. Apresentam uma aproximação de escala sistematizada, onde se assiste a uma decomposição elementar, permitindo a compreensão da sua integração na topografia e no regime cadastral, onde pela natureza da edificação dispersa, a parcela e as vias de comunicação se assumem como os principais elementos de estruturação territorial. A expressão gráfica dos desenhos utilizados foi simplificada de forma a permitir uma leitura mais objectiva da morfologia do edifício, reinterpretando peças já existentes ou elaborando de raiz alguns elementos complementares. Em alguns casos particulares houve necessidade de proceder a uma actualização das representações dos casos de estudo, sempre que realidade apresentava desfasamentos em relação aos projectos originais, sendo que os casos de alteração posterior, sem consentimento expresso dos respectivos autores, não inferiu qualquer alteração.

A análise apresenta como base operativa o recurso a uma tabela de caracterização morfológica, onde de forma sistemática e operativa se inventariam quais e com que intensidade se verificam as características que foram aplicadas (de forma integral, parcial ou em subversão). Esta tabela serviu ainda como instrumento de comparação entre as obras mencionadas, contribuído para a definição da selecção final das Obras sujeitas a análise individual; contribuído, logicamente, para

a compreensão global de como a aplicação destas premissas possa ter evoluído.

Seleccionaram-se assim um conjunto de Obras inscritas no território (físico e conceptual) definido que, de acordo com o raciocínio estabelecido no ponto 3, poderão ser designadas em quatro fases sequenciais:

1. Os primeiros ensaios, que serão classificados como Antecedentes de ruptura;
2. As obras que retratam os processos de aplicação sistemática das características reinterpretadas, denominadas como Obras de desenvolvimento formal;
3. As obras que retratam a implementação de processos de reacção à aplicação directa das premissas, designadas como Obras de exploração conceptual;
4. Os casos que reassumem a aplicação das premissas, consideradas de acordo e em simultâneo com problemáticas conceptuais distintas, explorando a potencialidade formal da sua própria linguagem: Obras de expressão assumida.

As obras elegidas pretendem assim assegurar uma representatividade conceptual, que em certa medida podem relegar para um plano secundário o equilíbrio geográfico e cronológico da amostragem, que, como se verificará, nem sempre apresenta um desenvolvimento linear.

Contudo convém assinalar alguns aspectos complementares, que foram determinantes nesta selecção concreta. Certamente existem autores com um volume e uma evolução de Obra tão significativa que podiam praticamente cobrir sozinhos as categorias propostas; Também se verifica que certas áreas geográficas são mais propensas ao predomínio da localização destas Obras.

A opção passou por reproduzir uma amostragem heterogénea nestes dois sentidos de forma a integrar o maior número de autores e contextos na *região analisada*, assim como de preencher de forma coerente o intervalo de tempo e espaço determinado (pois também é fácil constatar que existiram épocas mais profícuas do que outras). Igualmente se deve ter em conta que, de forma natural, algumas obras, ainda que fora da circunscrição efectuada, foram decisivas neste processo e como tal serão devidamente referenciadas, apesar de não estar incluídas na lista. O mesmo facto acontece com alguns autores decisivos (como Keil do Amaral, Nuno Teutónio Pereira, Josep Antoni Coderch ou José Luis Fernández Del Amo), que pese embora a importância do seu contributo, quiseram as circunstâncias que produzissem a maior parte da sua Obras além da área determinada, e apenas por isso não foram alvo de análise mais profunda. Existe ainda outros que devido ao escrutínio (e à qualidade do mesmo) já dedicado à sua Obra, serão antes alvo de referência pontual, uma vez que semelhante aprofundamento incorreria certamente na redundância de contributo científico, neles pontificam evidentemente Fernando Távora, Siza Vieira e Alejandro De la Sota e um sempre omnipresente Alvar Aalto, cuja ressonância se estende, inclusivamente, até aos autores e obras mais recentes (Agrasar Quiroga, 2003, p.232).

“Para nós (Arquitectos Galegos) Siza consolidou-se como uma referência tremenda, na medida em que nos identificávamos com a sua linguagem e apreciávamos bastante as suas soluções, mas, para as primeiras gerações Alvar Aalto era, de longe, o exemplo mais fascinante”. (Enrique Acuña em Entrevista Directa, 2012)

– *Síntese das Obras paradigmáticas seleccionadas e relação de Obras referentes:*

Antecedentes de ruptura: (Transição 1950/1960):

Obra 01- Casa Cendón, Bao, Vigo (1958): Arq. Xosé Bar Bóo.

Obras referentes:

Experimentalismos regionais¹ de repercussão nacional:

- Cine-Teatro de Nelas, Viseu (1945-1948): Francisco Keil do Amaral;
- Cine-Teatro de Mangualde, Viseu (1947-1950): Francisco Keil do Amaral;
- Igreja da Senhora de Fátima, Águas, Penamacor (1949-1953): Nuno Teotónio Pereira;
- Casa Ugalde, Caldetas (1951-1952): Josep Antoni Coderch;
- Edificio de viviendas del Instituto Social de la Marina, Barceloneta (1951-1954): Josep Antoni Coderch;
- Residência de Miraflores, Miraflores de la Sierra, Madrid (1957): Alejandro De la Sota, Ramon Vazquez Molezún e Antonio Corrales;

Primeiros exemplos relacionados com a região analisada:

- Mercado Municipal, Santa Maria da Feira (1953-1959): Fernando Távora;
- Casa das Marinhas, Esposende (1954): Alfredo Viana de Lima;
- Casa de férias em Ofir, Esposende (1957-1958): Fernando Távora;
- Casa Saldaña, Vigo (1958): Xosé Bár Boo;
- Casa Couto, Vigo (1958): Xosé Bár Boo;
- Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira (1958-1963): Álvaro Siza Vieira;
- Piscina da Quinta da Conceição, Leça da Palmeira (1958-1965);
- Casa Rocha Ribeiro, Maia (1960-1962): Álvaro Siza Vieira.

.....
1) Nestes termos também será importante referir os trabalhos realizados através da Instituto Nacional de Colonización (INC) e da Junta de Colonização Interna (JCI), em Espanha e Portugal respectivamente. Considerando o complexo enquadramento e a escala destas intervenções, destacam-se os seguintes casos a título de exemplo: Pueblos de colonización de Esquivel, Alcalá del Río, Sevilla (1952): Alejandro De la Sota; Pueblos de colonización de Entreríos, Badajoz (1953): Alejandro De la Sota; Pueblos de colonización de Vegaviana, Cáceres (1954-1959): José Luis Fernández Del Amo & Genaro Alas Rodríguez.

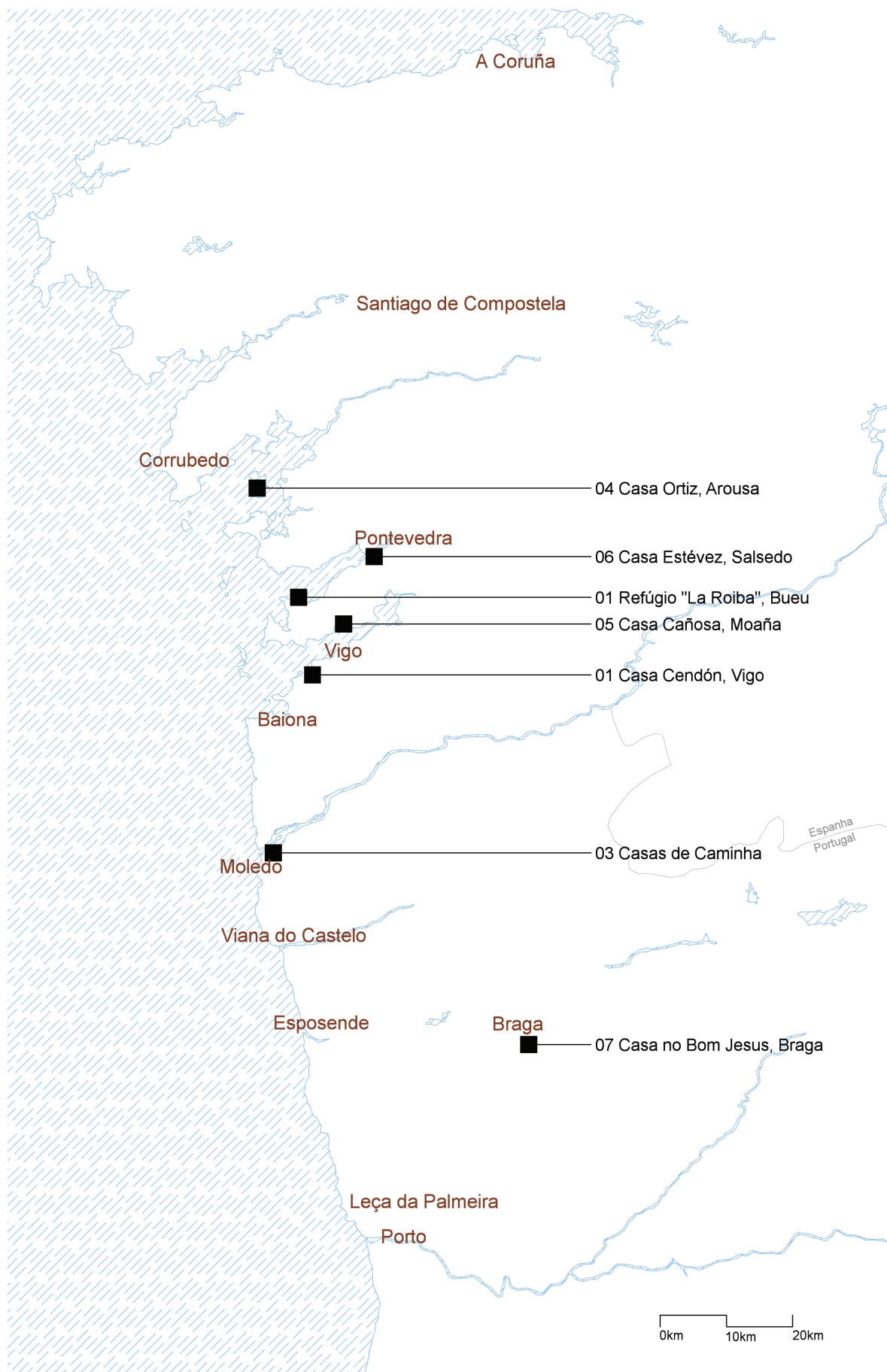


Fig. 50. Localização das obras paradigmáticas

Obras de desenvolvimento formal: (Transição 1960/1970)

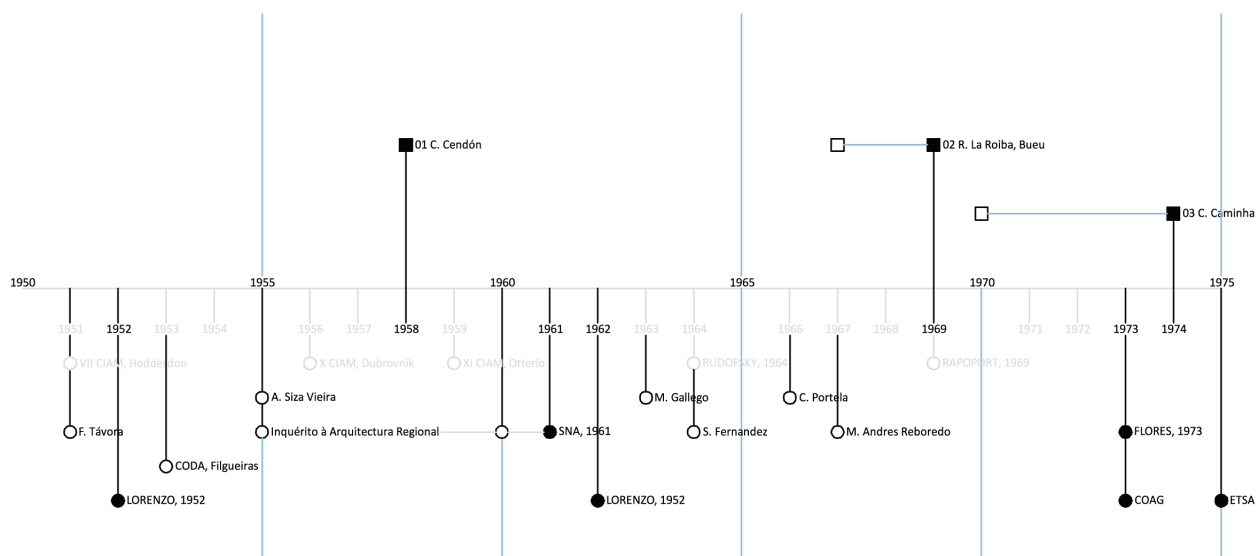
Obra 02- Refúgio “La Roiba”, Beluso, Bueu (1967-1969): Ramón Vázquez Molezun;

Obra 03- Casa(s) de Caminha, Caminha (1971-1973): Sérgio Fernandez.

Obras referentes:

- Piscina Municipal, Leça da Palmeira (1959-1961-1965-1966-1973)²: Álvaro Siza Vieira;
- Casa Alves Santos, Póvoa do Varzim, (1964-1969): Álvaro Siza Vieira;
- Casa Alves Costa, Moledo, Caminha (1964-1971): Álvaro Siza Vieira;
- Casa Huarte, Puerta de Hierro, Madrid (1966): José António Corrales & Ramón Vázquez Molezun;
- Casa Tabanera, Sanxenxo, Pontevedra (1968-1969): José António Corrales
- Casa em Corrubedo, Coruña (1970-1972): Manolo Gallego Jorreto;
- Vivendas para Xitanos em Campaño, Pontevedra (1970-1973): César Portela Fernández-Jardón y Pascuala Campos de Michelena;
- Casa Alcino Cardoso, Moledo, caminha (1971-1973): Álvaro Siza Vieira;
- Casa Marques Guedes, Caminha (1972-74): Alves Costa, Camilo Cortezão e Sérgio Fernandez.

2) As múltiplas indicações devem-se ao faseamento do projecto e da sua execução, sendo que o intervalo temporal mais utilizado como referência é de 1961-1966 (Nakamura, 1989, p.202)



Obras de exploração conceptual: (transição 1970/1980)

Obra 04- Casa e atelier Ortiz, Ilha da Arousa, Pontevedra (1979-1982): Manolo Gallego Jorreto;

Obra 05- Casa Canosa, Moaña (1980-1982): Manuel Andrés Reboredo Santos.

Obra 06- Casa Arturo Estévez, Salsedo, Pontevedra (1980-1983): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena;

Obras referentes:

- Casa Carrera, Armenteira, Pontevedra (1977-1979): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena;
- Vivenda Unifamiliar em O Carballo, Oleiros, Coruña (1977-1980): Manolo Gallego Jorreto;
- Reconversão de uma ruína, Gerês (1980-1982): Eduardo Souto de Moura;
- Casa Domínguez, Salcedo, Pontevedra (1981-1983): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena;
- Casa Pias, Salcedo, Montouto (1982-1984): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena;
- Casa Beiras, Beluso, Bueu, Pontevedra (1984): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena;
- Aquário de Vilagarcía, Vilagarcía de Arousa (1984-1987): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena.

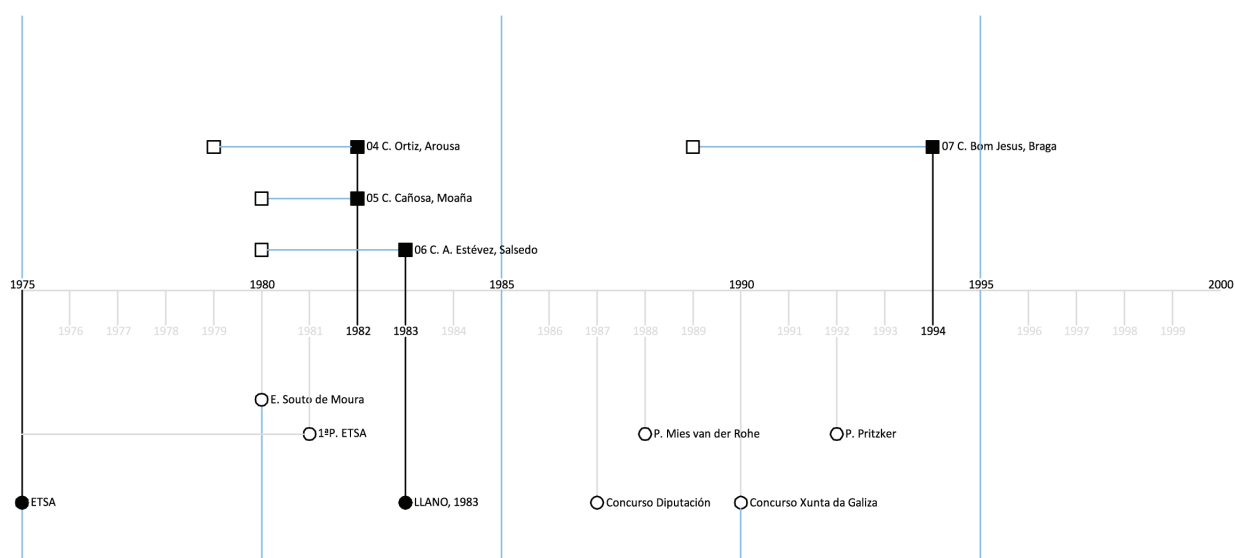


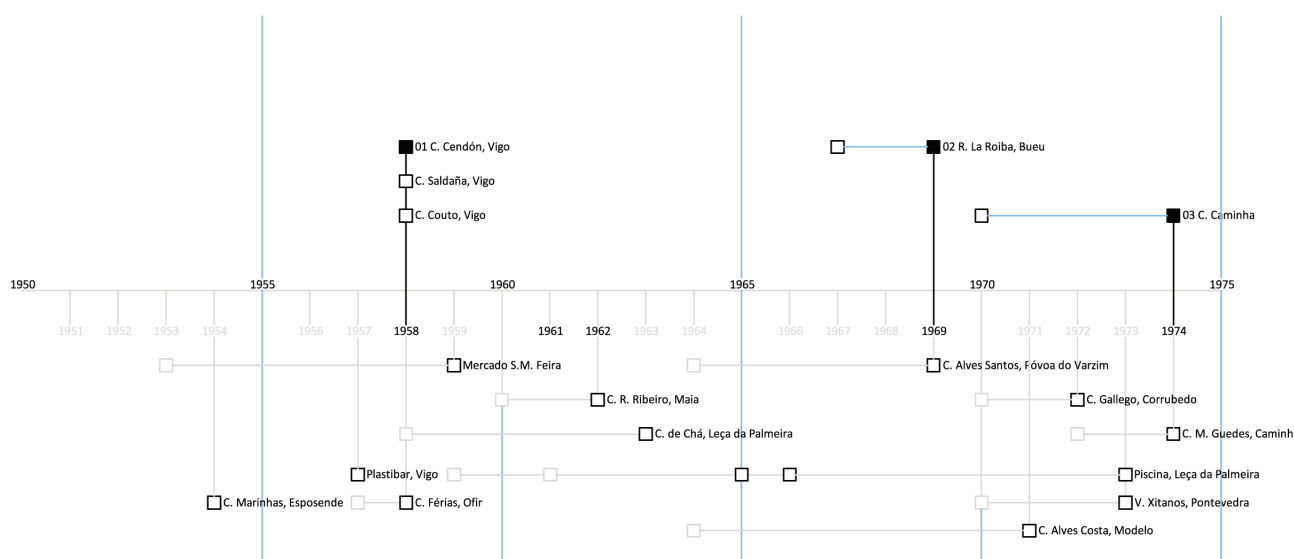
Fig. 51. Cronograma de contextualização: marcos socio-ideológicos

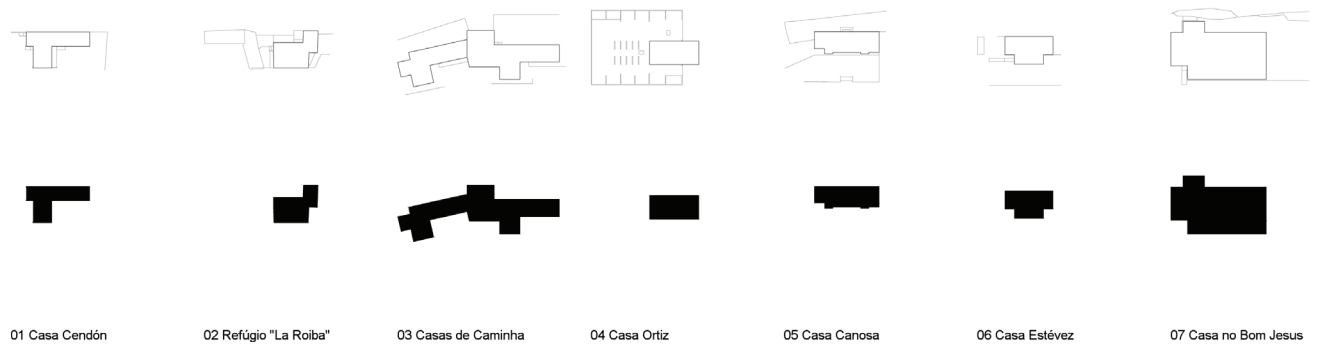
Obras de expressão assumida: (transição 1980/1990)

Obra 07- Casa no Bom Jesus, Braga (1989-1994): Eduardo Souto de Moura.

Obras referentes:

- Casa Rei, Mourente, Pontevedra (1985-1987): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena;
- Modelo para Vivendas Rurais (Primeiro Prémio – Zona de Costa), Concurso Deputación Provincial de Pontevedra (1987): Manuel Andrés Reboredo Santos;
- Modelo para Vivendas Rurais (Primeiro Prémio – Tipologia Interior), Concurso Deputación Provincial de Pontevedra (1987): Celestino Garcia Braña, Gonçalo Pedro Quijano
- Casa Pino, Vilaxoan (1987-1989): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena;
- Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela (1988-1993): Álvaro Siza Vieira;
- Facultad de Economicas y Empresariales, Vigo (1989-1993): Alfonso Penela Fernández;





Legenda:

- Início do *projecto* do **caso de estudo**
- Conclusão da *construção* do **caso de estudo**
- Marcos sócio-ideológicos internacionais
- Marcos sócio-ideológicos nacionais
- Marcos sócio-ideológicos regionais
- Início do *projecto* da **obra de referência**
- Conclusão da *construção* da **obra de referência**

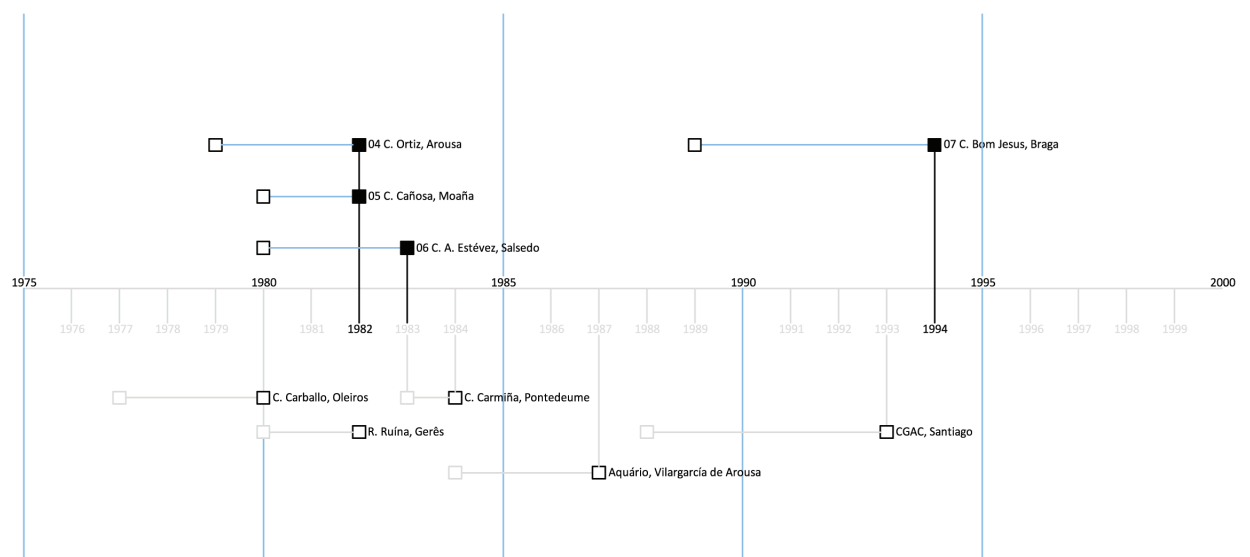


Fig. 52. Cronograma de contextualização: obras de referência

ANÁLISE INDIVIDUAL DAS OBRAS:

– *Antecedentes de ruptura: (Transição 1950/1960):*

– **Obra 01- Casa Cendón**, Vigo (1958): Xosé Bar Bóo

A *Casa Cendón* é um dos primeiros (e mais originais) exemplos de obras, pertencentes ao espólio de produção Ibérica, associado ao que se pode designar como a corrente de *incorporação ao movimento moderno*, operada no final dos anos 50. Este projecto ocorre assim em pleno período revisionista, momento no qual “a terceira geração”, procedia a uma intensa discussão internacional, em que abordava de forma crítica os seus dogmas formais, sem abdicar todavia dos seus princípios essenciais.

Todavia, à excepção do itinerário particular de alguns autores, esta abordagem esteve longe de constituir uma corrente de adesão colectiva no panorama geral do território galego.

A *Casa Cendón*, juntamente com outras duas pequenas habitações¹, também localizadas nos arrabaldes da cidade de Vigo, marcam o arranque da carreira profissional de Bar Bóo. Apesar de conformarem as suas primeiras experiências práticas, a abordagem crítica face ao movimento moderno já se encontra manifesta de forma evidente. (Agrasar Quiroga, 2003, p.140).

Estas pequenas construções, são precedidas pelo famigerado edifício *Plastibar*, que constitui efectivamente a primeira obra do autor, projectada ainda como estudante.

Neste edifício, perfeitamente conotado com o revivalismo do movimento moderno, a incorporação de uma abordagem de compromisso regional parece ser inexistente ou, quando muito, considerada de forma bastante subliminar, o que atribui ainda maior significado ideológico à abordagem utilizada na *Casa Cendón*.

Todavia, o mediatismo conferido ao Edifício *Plastibar* acabou por dominar o arranque do percurso arquitectónico de Xosé Bar Bóo, relegando as três pequenas habitações mencionadas para a margem da sua biografia profissional.

A *Casa Cendón* tem a particularidade de nos permitir estabelecer um interessante termo de comparação com o panorama português, o que contribuiu sobremaneira para a sua selecção. Esta obra é contemporânea de *Casa de Férias em Ofir*, de Fernando Távora, e tal como esta representa um caso precursor na compatibilização do razão moderna com a contextualização local, para a qual se recorre explicitamente à invocação do Património Vernáculo (Alves Costa, 1990, p.65).

Para grande parte da crítica esta foi a obra charneira da arquitectura portuguesa recente, aquela que conseguiria representar a assimilação das problemáticas ideológicas vigentes no acto projectual sem destitui-lo da sua identidade cultural.

A *Casa de Férias de Ofir*, foi assim interpretada como a ilustração das inquietações de Távora, demonstrando a possibilidade de aplicação do *Inquérito*, na sua vertente dinâmica, para lá do processo passivo de levantamento e de inventário (Fernandes, 2010, p.291). Constituía simultaneamente a legitimação da iniciativa e das suas (possíveis) consequências, tanto que

¹) A Casa Saldaña e a Casa Couto, cujas analogias serão consideradas no seguimento do texto.

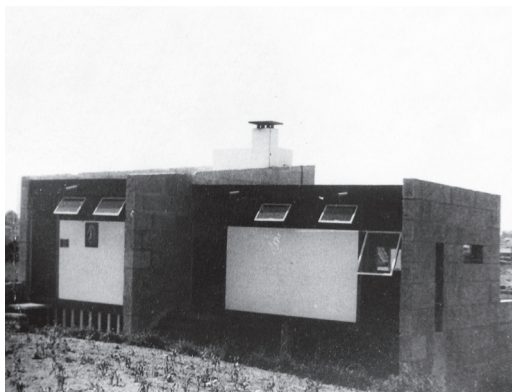


Fig. 53. Casa Cendón, Vigo (estado original)



Fig. 54. Casa Cendón, Vigo (estado actual)

não sendo uma obra-manifesto, dado o seu carácter intrínseco, rapidamente se assumiu, como uma obra-modelo.

“o Arquitecto (...), conhece o sentido de termos como organicismo, funcionalismo, neo-empirismo, cubismo, etc., e, paralelamente, sente por todas as manifestações da arquitectura espontânea do seu País um amor sem limites que já vem de muito longe;” (Távora, 1957 reeditado em Trigueiros, 1993) – a frase de 1957, escrita por Fernando Távora, incluído numa pequena Monografia sobre a *Casa de férias em Ofir*, espelha de forma eloquente a referida perspectiva.

Esta comparação ainda se torna mais interessante se efectivamente tivermos em conta a aparente divergência formal entre as duas casas. Esta divergência, também observada noutras obras de princípios comuns, explica-se sobretudo na oscilação que estabelecem entre os universos das referidas premissas. Nesta fase ainda que estes universos coexistam, ainda reportam para um diálogo de linguagens distintas que são articuladas de forma contrastante ou sobreposta, e raramente se desenvolvem de forma sequencial ou complementar, o que, tal como se verificará adiante, se pode aplicar textualmente à Casa Cendón.

Neste particular enquadramento existe outra obra de Távora que merece referência: - o *Mercado Municipal de Santa Maria da Feira*, classificado por Nuno Portas (1981, p.IX) como *“Obra que transcende o panorama português para se classificar entre as obras-primas do arquitectura europeia dos anos 50”*.

Apesar de terminado um ano depois da construção da *Casa Cendón*, o seu projecto teve início no ano de 1953. O Mercado constitui um dos melhores exemplo português da transição da arquitectura moderna para o *“racionalismo crítico”*, precisamente por explorar a tensão resultante da dialéctica entre *“integração e ruptura”*, onde elementos e princípios são assumidos como opostos mas conjugados de forma pragmática (*Idem*).

Tal como a inclusão deste princípios se manifesta de forma evidente, também se podem observar claramente quais as rejeições e privilégios formais que estes autores adjudicam.

Se em Ofir a horizontalidade da composição, o nivelamento do piso e a autonomização das paredes exteriores em planos independentes é uma variável persistente, condicionada pelo formalismo moderno, em Bao a suspensão dos volumes principais, o predomínio da *fenêtre en longueur* e a rejeição absoluta do telhado tradicional, identifica claramente quais as ascendências ideológicas de Bar Bóo.

Apesar da importância das obras mencionadas, nunca será demais lembrar que, tal como o capítulo historiográfico demonstra, tanto Portugal como Espanha já detinham algumas bases experimentais que convergiam para esta tendência, ainda que remetida a focos bastante específicos. A articulação entre as premissas modernas e a integração de valores de cariz tradicional está por isso longe de ser um contributo original e exclusivo destes autores. Deve ser sublinhado que Espanha contava já com vários casos onde esta abordagem já havia sido explorada com relativo sucesso. Entre os processos de maior reconhecimento, uma menção especial deverá ser atribuída ao trabalho de Alejandro De la Sota e de José Luis Fernández Del Amo que, aquando da sua actividade para o *Instituto Nacional de Colonización*, já demonstravam semelhante intencionalidade de compatibilização entre duas abordagens até então antagónicas.

Os projectos de De La Sota para as povoações de Esquível (1952) e Entrerríos (1953) demonstram precisamente a conjugação dos valores de cariz tradicional e a introdução da racionalidade abstraccionista moderna, tanto a nível do traçado urbano como da morfologia das unidades habitacionais e dos serviços propostos.

Também as propostas de Del Amo merecem especial atenção, os seus projectos para Cañada

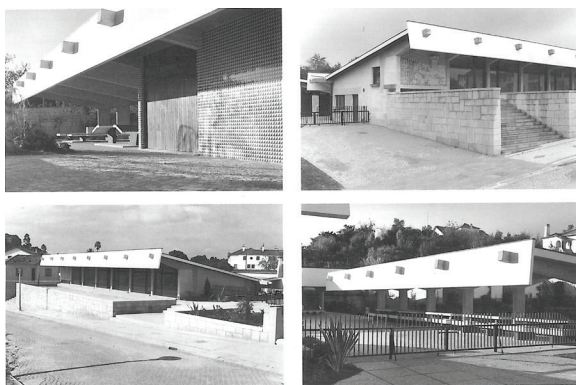


Fig. 55. Mercado Municipal, Santa Maria da Feira (1953-1959)



Fig. 56. Casa de férias em Ofir, Esposende (1957-1958)

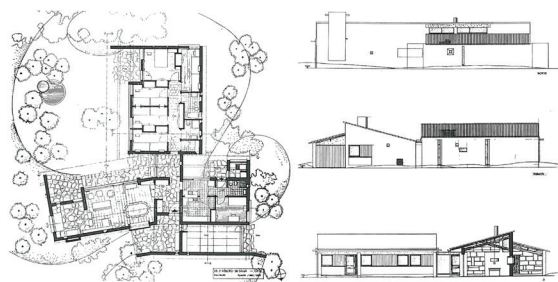
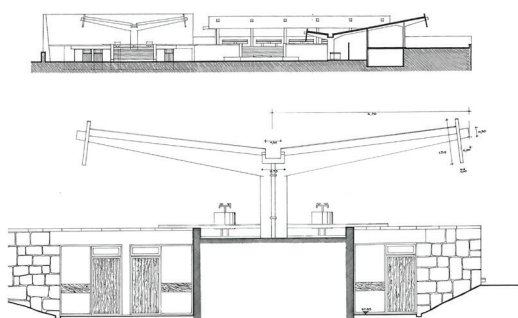


Fig. 57. Residência Infantil, Miraflores de la Sierra, Madrid (1957)

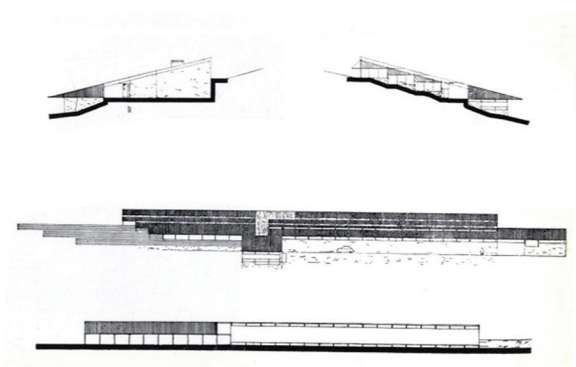
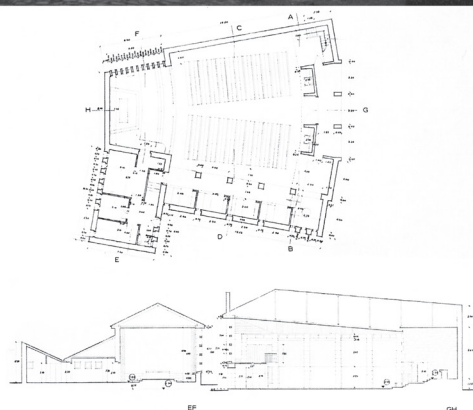


Fig. 58. Igreja da Senhora de Fátima, Águas, Penamacor (1949-1953)



de Agra, Vegaviana, ou Villalba de Calatrava são exemplos evidentes da compatibilização dos princípios mencionados. Todavia, deve ser ressalvado, que dado o âmbito político do *Instituto Nacional de Colonización*, o factor de inovação não estaria certamente associado à utilização da referência Vernáculo², mas antes à penetração das lógicas racionalistas do movimento moderno, como se a conjugação destas duas abordagens tivesse sido promovida no sentido inverso do período analisado, independentemente da aproximação linguística do resultado. Neste caso a crítica reaccionária implícita nas suas obras, e aquilo que as destacavam de dezenas de processos semelhantes, prendia-se sobretudo com a tentativa de ruptura com o mimetismo ortodoxo dos programas rurais e aplicação directa de formalismos tradicionalistas.

Dentro desta profusão dispersa de experimentalismos, onde a incorporação do regionalismo vai esbatendo a esterilidade modernista, Cordech representa o caso mais elaborado (e reconhecido) de busca de identidade geográfica sem renegar a actualização das problemáticas, sociais e tecnológicas, com as quais a arquitectura se debatia na época. Ao reconhecimento da especificidade de sua Obra, muito contribui a natureza político-administrativa das regiões autónomas de Espanha, e o papel de combate ideológico que a Catalunha desempenha como forma contestação ao centralismo do Regime. A sua abordagem é assim tomada como exemplo viável não só para aqueles que escolhem Barcelona, como alternativa à formação “mais clássica” de Madrid, mas, inclusivamente pelos próprios arquitectos Portugueses que viam no seu Legado uma forma de resistência ao convencionalismo obtuso e uma resposta à valorização do território nacional, para além do desenvolvimento da área Metropolitana de Lisboa. (Portas, 1981, p.XX).

Em Portugal os exemplos surgem de forma mais esporádica e muito se devem ao experimentalismo dos autores mais críticos face às tendências convencionadas na época e consequentemente mais afastados da influencia da administração central. Um dos primeiros projectos a assumir esta abordagem de forma explicita foi o da Igreja da Senhora de Fátima, na localidade de Águas, em Penamacor (1949-1953), coordenado por um dos discípulos de Keil do Amaral, o Arquitecto Nuno Teotónio Pereira (Alves Costa, 1990, p.65);

Embora menos divulgada que os exemplos até então mencionados, a Casa das Marinhas, localizada em Esposende, do Arquitecto Alfredo Viana de Lima, revela-se como um dos melhores exemplos de incorporação ao movimento moderno sob o filtro critico regionalista. Concluída em 1954, esta pequena moradia realizada para servir de casa de férias da sua própria família, preconiza um pequeno laboratório experimental onde se assumiu como objectivo conceptual primordial a conjugação de duas linguagens arquitectónicas distintas. Neste caso deve ressaltar-se a amplitude do termo “linguagem” para além dos códigos compositivos estéticos, atingindo toda a a sua expressão e fundamentação espacial.

Injustamente designado como um “Corbusiano” dogmático, pela sua vinculação e proximidade aos CIAM (participa desde 1951 até 1959), e pela aplicação rigorosa das premissas do movimento moderno expressas nos seus primeiros trabalhos reconhecidos (como por exemplo na Moradia Honório de Lima, no Porto, datada de 1939), Viana de Lima demonstrou sempre elevada sensibilidade quanto ao potencial contribuição da Arquitectura tradicional na prática de projecto da sua época, quer a nível teórico quer a nível prático.

A casa das marinhas tem a particularidade de assumir a conjugação de pólos até então paradoxais, desenvolvendo-se (como se pode ver pela evolução dos desenhos) como um pequeno laboratório pessoal quer a nível compositivo, quer construtivo. A casa tem a particularidade de incorporar a ruína de um moinho de vento devoluto, que acaba por reforçar a singularidade da composição e sobretudo o seu contraste volumétrico. Todavia, e apesar da dialéctica que assume, este é absorvido pela materialidade da nova construção, que se rege pelos princípios modernistas.

.....
2) ou Rural, dado que o conceito de Vernáculo não estava, tal como já tem sido mencionado neste estudo, instituído

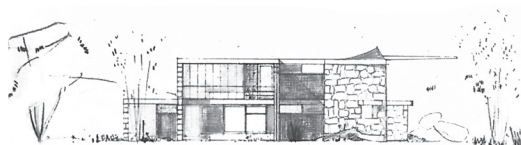


Fig. 59. Casa das Marinhas, Esposende (1954)

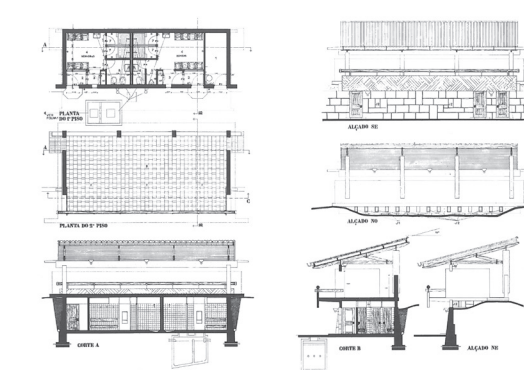


Fig. 60. Pavilhão, Quinta da Conceição, Leça da Palmeira (1958-1965)

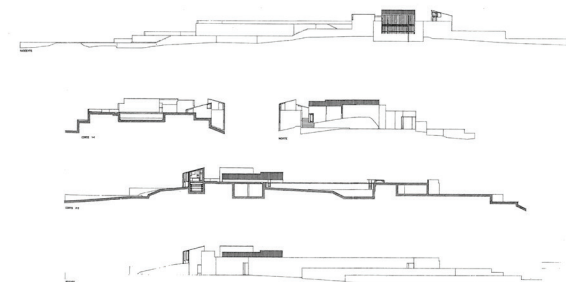
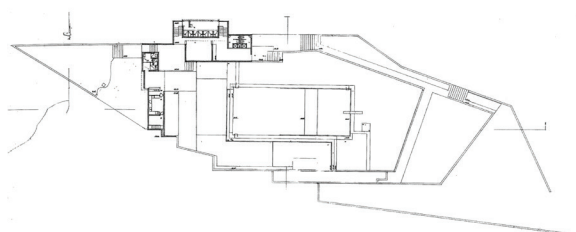


Fig. 61. Piscinas da Quinta da Conceição, Leça da Palmeira (1958-1965)

Composta por quatro sólidos platónicos, que se intersectam sem descaracterizar a sua pureza volumétrica, a edificação de pequenas dimensões (o conjunto de implantação não ultrapassa os 60m²) surge no centro de uma pequena parcela, coincidente com o ponto de cota mais elevada, sobranceira ao seu caminho de acesso (hoje a estrada nacional 13 Porto-Viana), para onde o topografia conforma uma ligeira pendente.

Nesta obra, projectada cerca de 4 anos antes, existem muitas semelhanças formais com a Casa Cendón, não só a nível programático, mas, principalmente a nível construtivo e material, onde as influências corbusianas são tão óbvias como intencionais.

Da aplicação do *modulor*, ao desenho exclusivo do mobiliário, onde a cozinha surge como o modelo mais aproximado, muitas são as semelhanças entre as duas habitações. A mais imediata é sem dúvida a inclusão das paredes mestras de granito aparelhado que irrompem ambas as composições como elementos estruturantes. Se na casa de Bar Bóo estas sustentam as caixas suspensas, na de Viana de Lima estas delimitam a fachada transparente, actuando como vectores antagónicos aos princípios modernistas. Nos dois casos o seu prolongamento para fora do perímetro habitável é responsável por definir e caracterizar alguns espaços exteriores no prolongamento do próprio edifício, mas, que não aumentam significativamente a extensão da sua relação.

Se nos casos referidos anteriormente a inclusão de gestos de composição assimétrica, estes são ainda tímidos e subtis, prevalecendo acima de tudo a regularidade e a ortogonalidade geométrica da composição; estando muito longe de arriscar o organicismo e a flexibilidade compositiva manifestada na célebre *Casa de Chá da Boa Nova*, em Leça da Palmeira, que Siza Vieira projecta no mesmo ano (também nos seus primeiros tempos de actividade profissional), e construída um pouco mais tarde, em 1963.

Távora (1923) e Bar Bóo (1922) são praticamente da mesma idade, embora, o primeiro apresentasse já maior maturidade profissional (licencia-se em 1952), apresentando na época um currículo substancialmente mais experiente e diversificado, onde para além da quantidade de obras, sobressai a participação directa no *Inquérito* (1955-1960) e o início da sua carreira de docente na ESBAP (mais tarde FAUP). Este facto vem de certo modo enfatizar a precocidade que Siza, cerca de 10 anos mais novo (nasce em 1933), apresenta na *Casa de Chá da Boa Nova* (1958-1963). Trata-se de um projecto marcante na época, muito apreciado dentro dos círculos profissionais. O seu impacto, para além da sua qualidade arquitectónica, destaca-se por representar uma ruptura ideológica formalizada no desapego formal de constrangimentos modernos (Portas, 1965), algo que Bar Bóo nunca implementará verdadeiramente, ainda que o desenvolvimento da sua Obra apresente pontualmente rasgos de maior flexibilidade.

Apesar da *Casa de Chá* ser genericamente tomada como o ícone definitivo da ruptura entre as correntes ideológicas importadas, que pressupunham determinada formatação morfológica, e a apropriação da referência endógena (portanto de cariz regional), justiça lhe seja feita, e de acordo com os exaustivos esclarecimentos do autor, ao invés da reinterpretação directa de qualquer edifício vernáculo a sua concepção foi profundamente influenciada pela retoma do tratamento espacial de um dos maiores autores modernos: Alvar Aalto. O que curiosamente contraria a teoria da não importação teórica. Se Siza Vieira não lhe reconhece relação objectiva, o mesmo não sucede no discurso conceptual de Aalto, pelo que podemos deduzir que em Siza o vernáculo constitui uma referência já filtrada pela manipulação formal do referido mestre. Outro facto interessante é que a Casa de Chá é interpretada na maioria das vezes como uma obra isolada, episódica no itinerário expressivo de Siza, o que também não corresponde a um entendimento atento, ou mais informado, acerca da sua produção. A *Casa Rocha Ribeiro* (1960-1962), localizada na cidade da Maia, de projecto posterior, mas, de conclusão precedente, e a *Casa Alves Santos* (1964-1969), na Póvoa do Varzim, constituem exemplos de grande coerência morfológica no que concerne aos seus princípios estruturantes. Estas três obras, raramente

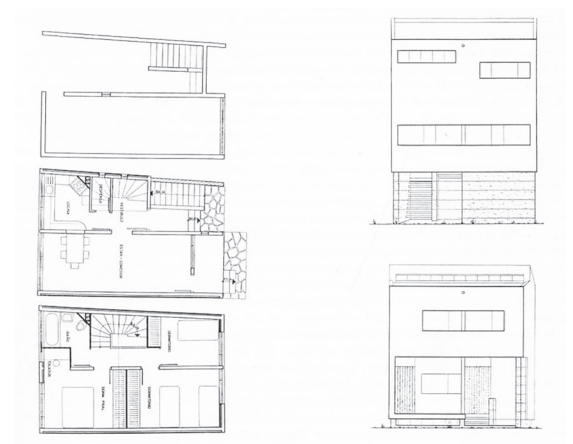
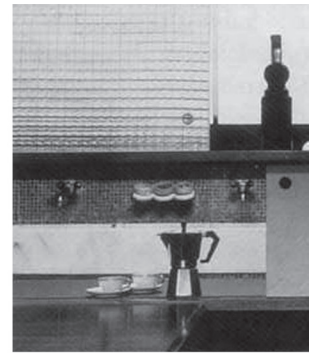


Fig. 62. Casa Couto, Vigo (1958)

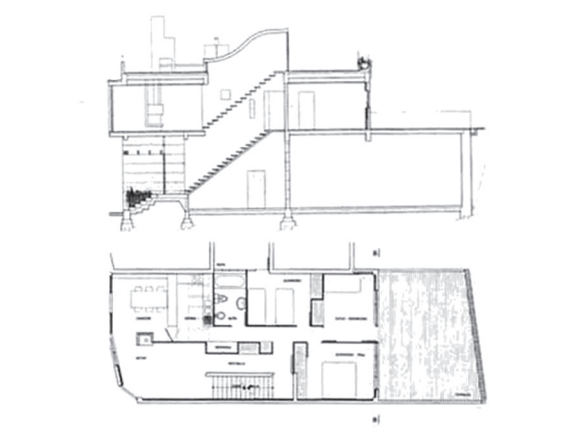


Fig. 63. Casa Saldaña, Vigo (1958)

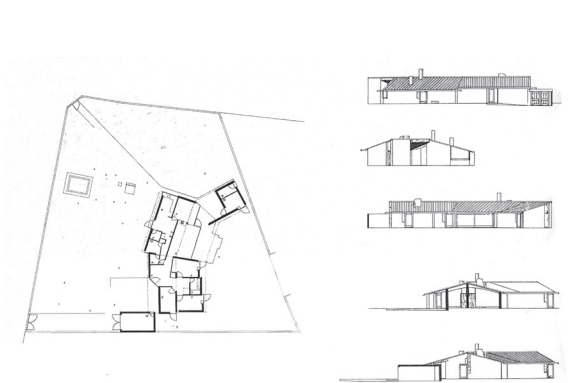


Fig. 64. Casa Rocha Ribeiro, Maia (1960-1962)

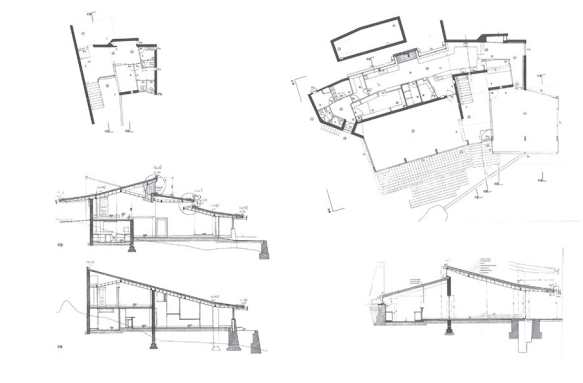


Fig. 65. Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira (1958-1963)

apresentadas conjuntamente, formam à luz desta investigação, um sólido grupo temático que deveria ser analisado em itinerário comum e sob a mesmos parâmetros interpretativos. Elas espelham de certo modo a evolução expressiva que as estratégias de contextualização de Siza demonstram e a abertura à abstracção formal³ que progressivamente vão integrando a sua linguagem arquitectónica tão singular. De acordo com a recente crítica de Santos Fernandes (2010, p.217-218) será este o ponto charneira da influência directa do Inquérito. No percurso de Siza é a consolidação da “concepção da arquitectura como arte figurativa”⁴ que estabelece a divergência definitiva em relação ao trabalho dos seus pares e, sobretudo, do seu mentor Fernando Távora, na medida em que se sobrepõe às premissas de adequação ao meio de raiz regionalista.

A *Casa Cendón*, também apresenta a particularidade de constituir um conjunto morfologicamente coerente quando analisadas com a *Casa Saldaña* e a *Casa Couto*. Apesar da sua menor divulgação, dentro do universo total das obras de Bar Bóo, constituem claramente uma fase específica do seu percurso biográfico.

Todas são encomendas de grande contenção orçamental, de programa muito modesto (ajustadas às possibilidades financeiras dos clientes), localizados em lotes reduzidos e envolventes convulsas, onde a identidade rural começava a sentir a pressão da proximidade periférica da cidade de Vigo (que entretanto os viria a absorver), sendo que a casa Saldaña já se encontra inserida num tecido edificado compacto.

3) Que atingem a maturação formal no projecto da Casa Alves Costa, em Moledo, na Piscina de Leça da Palmeira, em Matosinhos (contextualizadas nos seguintes casos de estudo), e na Cooperativa de Lordelo (não inserida na região analisada).

4) Revelando mais uma vez a sua consonância com a ideologia de Aalto.



Fig. 66. Casa Cendón: Enquadramento cadastral e topográfico

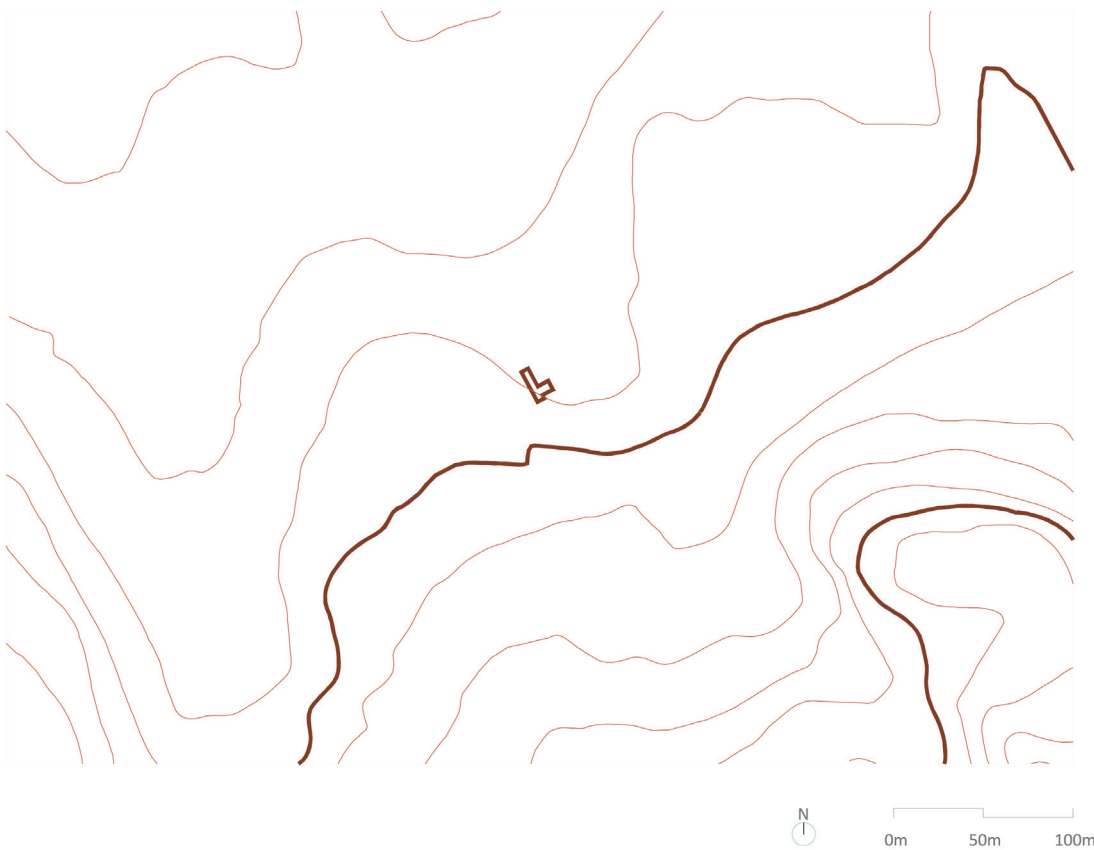


Fig. 68. Casa Cendón: Enquadramento topográfico



Fig. 67. Casa Cendón: Enquadramento cadastral

Implantação:

De todos os contextos a casa Céndon constitui o caso onde se verificam mais alterações ao seu estado original. Estas mudanças estão reflectidas quer na caracterização territorial da sua localização, quer no próprio edifício, sendo que se o aspecto exterior expressa-o de forma evidente, o interior não apresenta adulterações significativas ao projecto inicial. Considerando apenas propriedades de carácter espacial, como as enumeradas no capítulo 2, constata-se, quando comparado com o projecto original, que estas não se encontram verdadeiramente comprometidas. Este facto parece indicar que, apesar de alguns autores referirem que o edifício actual se encontra desvirtuado (Agrasar Quiroga, 2003, p.140), as modificações foram operadas a um nível superficial. Esta circunstância, que aparente poderia colocar em causa a pertinência da eleição do presente caso de estudo, interpretada sob a perspectiva assinalada acaba por revelar justamente o oposto, reforçando justamente o carácter das soluções espaciais ao invés de um simples julgamento de imagem, o que geralmente se associa de forma crítica à reinterpretação da Arquitectura Vernácula.

No caso concreto, trata-se de um lote de configuração em planta rectangular, ligeiramente irregular, apresentando uma pendente razoável, desenvolvida longitudinalmente, a partir do seu topo nascente que constitui a sua cota mais alta.

Territorialmente a área de implantação desta obra caracteriza perfeitamente uma das situações mais comuns da região analisada: o cruzamento da edificação estruturada a partir do traçado das vias automóveis e o cadastro resultante do emparcelamento do sistema agrário tradicional, correspondente à tendência costeira, a configuração em Agra.

O acesso confronta precisamente com o topo de maior cota, único ponto de entrada no lote e para o qual se volta a fachada que permite o acesso principal ao edifício, implantada de forma paralela ao seu perímetro, mas, com recuo assinalável em relação a este (o que constitui, a par da fenestração, uma das divergências mais evidentes com a caracterização morfológica vernácula). Todavia, este recuo é ambíguo, na medida em que na época, o acesso permitia o atravessamento da área frontal do edifício como forma de aceder ao terreno de cultivo agrícola adjacente.⁵ O que pode em certa medida ser confirmado pelo sistema de vedação actual do lote, que consiste numa clara adição ao sistema adicional e que arranca praticamente da própria fachada, pelo que se pode considerar que originalmente também esta premissa se verificasse. Fachada esta, cujo tratamento mais elaborado também não permite corresponder à característica do privilegio da retaguarda como Alçado principal dos edifícios vernáculos. Nesta obra, Bar Bóo, é peremptório na hierarquia que estabelece, sendo que o tratamento plástico da fachada nascente não deixa margem para dúvidas. Não sendo particularmente exuberante, a fachada nascente (a principal) não tem qualquer comparação com a simplicidade das restantes, que constituem pouco mais que o reflexo das necessidades interiores. Este ponto é bastante interessante se comparado com as obras posteriores da década de 60, para as famílias mais abastadas, algumas delas precisamente na zona costeira a Sul de Vigo, onde apesar de opulentas, as suas fachada de entrada são precisamente as mais modestas do conjunto.

Poderá especular-se neste ponto, acerca da necessidade de afirmação do jovem arquitecto, que em principio de carreira, não quis prescindir certamente da oportunidade de explorar esteticamente a frente do edifício, que dispunha de maior exposição. Fachada aliás que perfaz um dos melhores exemplos dos princípios formais do movimento moderno. Será precisamente neste ponto que se constituirá, paradoxalmente, uma das mais fortes referencias vernáculas, neste caso de teor estrutural e material. A substituição dos icónicos *pilotis* pelas paredes estruturais (muros de carga), executados em alvenaria de blocos de granito toscamente aparelhados,

5) Como se pode constatar pelas fotos da época (Fig. 54) e confirmado pelas declarações da Sr.ª Cendón, aquando da visita à Obra em Setembro de 2012.

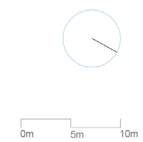
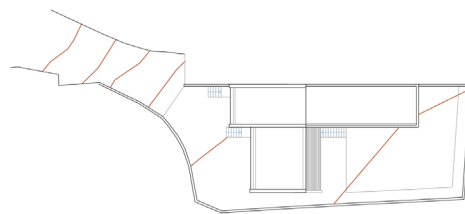


Fig. 69. Casa Cendón: implantação na parcela

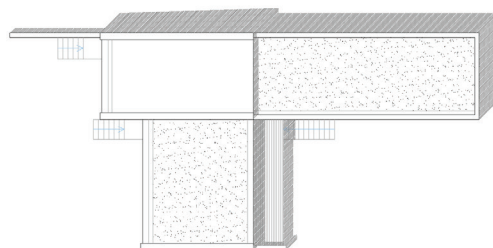


Fig. 70. Casa Cendón: Planta de coberturas

que elevam o edifício do solo, perfazem uma das mais radicais combinações dos princípios da *nouvelle architecture* com o carácter regional do seu contexto.

Morfologicamente a habitação apresenta uma planta de configuração geométrica em forma de L. O seu troço de menor dimensão encontra-se alinhado com o acesso que intercepta o lado do lote orientado a sul, confrontando uma curta mas acentuada pendente que articula esta parcela e a vizinha com o traçado viário nacional.

Volumetricamente este troço é composto por dois prismas rectangulares regulares, de larguras e comprimentos distintos, mas, de igual materialidade, elevados ligeiramente do solo por 3 planos pétreos autónomos que conformam o remate dos seus topos.

As coberturas eram originalmente planas o que, conjuntamente com o prolongamento dos planos pétreos um pouco a cima do limite dos topos, contribuía para a leitura destes corpos como elementos autónomos do resto da composição.

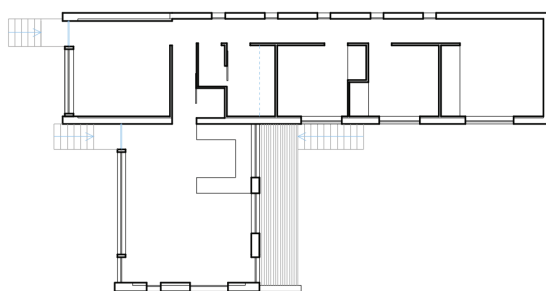
O troço de maior comprimento é composto pelo prolongamento de um destes corpos pela justaposição perpendicular de um longo sólido prismático, de dimensão e materialidade distinta, mas cuja maior divergência é a solução de cobertura de uma única água, com pendente para o interior do lote, revestida a telha.

Este troço, desenvolvido ao longo do maior eixo da parcela, é coincidente com o limite sul do lote absorvendo a solução do muro de divisa entre terrenos. Tal como o troço orientado a nascente, e ligeiramente afastado do perímetro, todo o conjunto apresenta parcas fenestranças para o exterior salvaguardando os maiores vãos para o interior da parcela de forma a resguardar a privacidade dos habitantes.

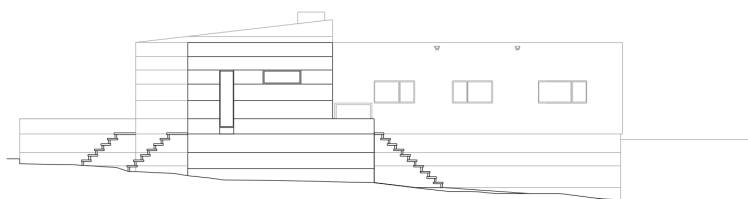
A casa é composta por um único piso de cota constante, que, tal como se referiu, eleva-se ligeiramente do terreno, permitindo a criação de um espaço de arrumos, sob o prisma longitudinal, e a criação de um espaço de estar coberto articulado com o recinto frontal, por baixo do volume transversal, concebido para ser aproveitado como garagem (Garrido Fenés, 2000, p.97). Nesta opção Bar Bóo reforça a privacidade da casa na mesma forma que procura defender a habitação da humidade do solo, consciente da sua elementaridade construtiva e consequente vulnerabilidade. O espaço interior reflecte precisamente a distinção volumétrica exterior, sobretudo as transições de coberturas, aproveitadas para a iluminação e ventilação dos espaços das instalações, localizadas justamente no ponto de articulação dos dois corpos. Estas são também duas características cujo pragmatismo formal pode ser obviamente conotado com as premissas da *Arquitectura Vernácula*.

Os vãos utilizados apresentam duas linguagem distintas que reflectem justamente a divergência morfológica entre as referências actuais e tradicionais. Ao invés de invocar a ambiguidade formal de outros elementos, apresentam uma lógica de aplicação diferenciada que corresponde à sua circunstância funcional. Os vãos abertos nos alçados exteriores são estreitos e longos, colocados junto aos vértices dos volumes, o que contribui para a autonomia dos seus planos. São sobretudo aberturas de iluminação e ventilação, sendo que a relação do usufruto das vistas não é contemplada. Os vãos utilizados na fachada voltada para o interior da parcela, constituem aberturas de configuração quadrangular, centradas nos paramentos verticais que correspondem às fachadas da compartimentação interior. Estas parecem ter sido pensadas de forma a permitir a contemplação do exterior, sem comprometer a privacidade dos seus habitantes.

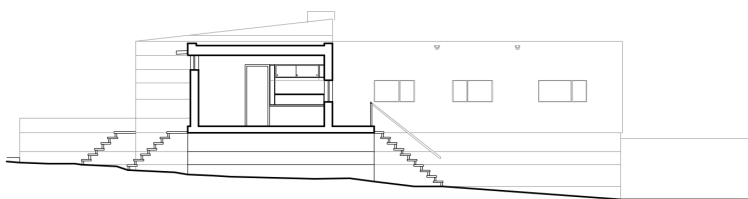
Numa síntese geral, a Casa Cendón parece enquadrar-se dentro dos pressupostos daquilo que Santos Fernandes (2010, p.291) designa como “ *uma vontade de aplicação de uma linguagem que seja um “composto” entre referências da Arquitectura Popular Portuguesa e do movimento*



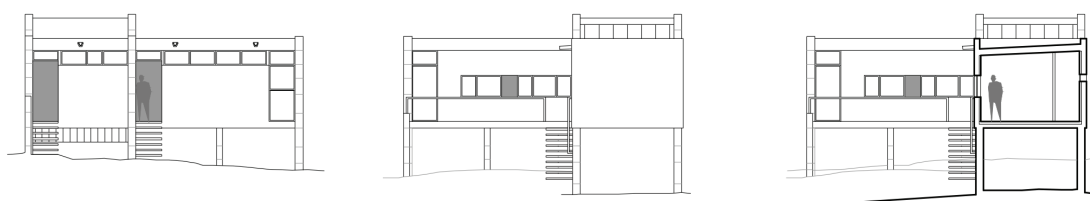
Planta



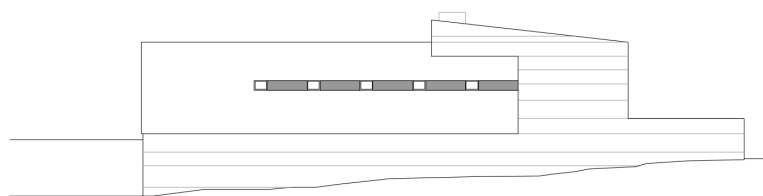
Alçado Nordeste



Secção T1



Alçado, Sudeste Alçado Noroeste e Secção T2



Alçado Sudoeste



Fig. 71. Casa Cendón: Desenhos técnicos

moderno”, em relação à interpretação que estabelece para a Casa de Ofir, de Távora, ou nas primeiras habitações de Siza Vieira.

Segundo o mesmo autor estas obras podem ser consideradas “*referências do paradigma de relação com o contexto, pela tentativa de actualização de princípios herdados da Arquitectura Popular, que não passa só pelas questões formais e construtivas (materiais e técnicas): também se materializa numa atitude face à envolvente, numa relação entre interior e exterior, num posicionamento da construção no lote e na sua relação com as vias de acesso.*” (Idem, 2010, p.291)

De forma a sistematizar as invariantes morfológicas verificadas e a estabelecer analogias e comparações com as restantes obras analisadas, apresenta-se de seguida a tabela síntese referente ao presente caso de estudo:

		Aplicação:		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.01	A selecção do lugar edificado a partir do coroamento de afloramentos rochosos:			
01.02	A implantação da edificação nos limites da propriedade:		■	
01.03	A integração das edificações habitáveis no sistema de delimitação de propriedade:		■	
01.04	A adjacência das edificações às estruturas de consolidação das plataformas altimétricas:		■	
01.05	O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo:	■		
01.06	A confrontação directa com o acesso principal:		■	
01.07	A fachada cerrada para o exterior e a fachada aberta para o interior da parcela:		■	
01.08	O enterramento parcial do piso inferior:	■		
01.09	A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos:			■
01.10	A referência das cérceas “naturais”:			
01.11	O paralelismo com a topografia e o contributo para a sua interpretação geométrica:			■
01.12	A descontinuidade volumétrica como distinção Tipológica:	■		
02.00	Caracterização Particular	Total	Parcial	Subversiva
02.01	Piso superior – pousado, prismas alongados de secção rectangular:	■		
02.02	Piso inferior – encaixado, tendência generalizada para a redução da área do piso superior:		■	
02.03	Constituição de volumes simples estanques, sem intersecções ou interpenetração volumétricas:	■		
02.04	Adições adjacentes sem alinhamento recto; Fragmentação da linearidade compositiva:	■		
02.05	Altura reduzida (proporção do pé-direito reduzido):	■		

		Aplicação:		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
02.06	Apropriação das pré-existências edificadas:			
02.07	Edificado de materialidade Pesada versus Leve:	■		
02.08	Vãos Subtraídos/Incluídos:		■	

Tabela 1. Tabela de sistematização das Invariantes Morfológicas verificadas 01

Verificação de analogias morfológicas:

Verificando a tabela de caracterização espacial constata-se que a casa Cendón considera 17 das características identificadas. Sendo que 8 apresentam a sua verificação integral e 6 de forma parcial.

São apenas 3 as características que não se verificam:

- 01.00- A selecção do lugar edificado a partir do coroamento de afloramentos rochosos;
- 01.10- A referência das cérceas “naturais”;
- 02.06- Apropriação de pré-existências identificadas.

Deve-se, porém, colocar uma ressalva que estas deveriam ser analisadas à luz do contexto original do projecto, e que a sua não observação actual não significa que não pudessem ter sido consideradas em projecto. Nem as fotos nem os desenhos técnicos existentes o permitem afirmar objectivamente, sendo que ambas as fontes documentais não representam a área envolvente em extensão suficiente. Todavia e a julgar pela evolução das obras do autor, excepção feita à casa Saldaña, não parece existir uma preocupação latente na referência da obra com pré-existências quer estas fossem de ordem natural ou edificadas.

Apenas 2 características podem ser consideradas subvertidas das soluções descritas. Colaboram sobretudo para o reforço da circunstância, acima descrita, que refere a coexistência de alguns princípios formais do movimento racionalista com as referências contextuais. No caso específico é a relação da peça arquitectónica com o solo que retrata este factor. A solução proposta por X. Bar Bóo, sem optar por uma vinculação ideológica, parece remeter uma vez mais para a sua ambiguidade expressiva (tal como na situação em que as paredes estruturais substituem os *pilotis*).

Considerando a característica 1.09 – A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos.- Observa-se que a peça arquitectónica não toca no solo, mas, tão pouco se eleva de modo assumido, pelo menos de forma a libertar o chão como se supunha.

Ao analisarmos a Característica 1.11 – O Paralelismo com a topografia e o contributo para a sua interpretação geométrica.- Observa-se que o volume edificado destaca-se geometricamente do terreno, mas, também não deixa de lhe colher referências pontuais, sem interferir com a sua leitura original. Ainda que a configuração volumétrica se implante parcialmente em alinhamento com as curvas de nível, o seu corpo de maior dimensão desenvolve-se de forma perpendicular à inclinação do terreno.

Obras de desenvolvimento formal: (Transição 1960/1970)

– **Obra 02- Refúgio “La Roiba”**, Beluso, Bueu (1967-1969), Ramón Vázquez Molezun

“Naceu sobre materiais antigos. Abrollando muros que “xa estaban”; subxace o ressaibo da arquitectura moderna; creceu, eu diría está crescendo, respondendo a unha necesidade interna, às solicitudes da vida que cambia, ao empuxe da beleza que encerra. E o mar esta preto.

Virxinal e perversa, Elemental e complexa, esta arquitectura rexeita e engloba a natureza que a rodeia. Está no seu sitio e non é posible imaxinar algo que a substitúa.”

(Salgado, 2008, p.207)

Ao contrário do caso anterior, o Refúgio “La Roiba” trata-se de uma obra de carácter excepcional, principalmente no trajecto do autor, do qual não se conhece mais nenhuma localizada na *região analisada*.

Praticamente desconhecida durante o período da sua construção, esta intervenção é tida pela critica contemporânea como um dos melhores exercícios de articulação com a paisagem que se conhece neste território, o que não deixa de ser fascinante dado a qualidade que lhe é actualmente atribuída.¹

Algumas divergências circunstanciais devem ser prontamente assinaladas: - A *Casa Cendón* está enquadrada na fase inicial da prática do autor, susceptível ao servilismo de pressões externas e às cedências idiossincráticas de quem pretende afirmar-se profissionalmente; O Refúgio “La Roiba” é uma obra produzida na fase madura do trajecto de Molezun, que goza já de uma carreira perfeitamente consolidada, com larga experiência projectual como atestam algumas das suas obras mais emblemáticas.

Apesar de se destinarem a utilizadores de estatutos bem diferenciados, em termos culturais e financeiros, os projectos partilham o objectivo de constituir edifícios com orçamentos muito baixos. Esta será a principal condição de vínculo destas obras ao pragmatismo construtivo e à racionalidade dos processos, permissiva naturalmente a uma tendência empirista, geralmente associada às características da Arquitectura Popular (Llano Cabado, 2006, p.223-226)

Resulta que, se no caso da Casa Cendón esta é uma imposição absoluta cujo não consideração poderia comprometer a sua própria execução², no caso concreto do Refúgio este requisito parece ter uma base ideológica, para não dizer ética, em que o autor pretende respeitar a realidade do contexto. De certa forma pode-se considerar que existe uma abordagem de contenção semelhante à efectuada na Residência de Miraflores, obra executada em 1957 e à qual se fará a respectiva referência adiante, onde os autores reiteram uma atitude crítica face aos excessos plásticos a que se assistia na época.

O facto de Molezún ser o próprio destinatário da obra irá permitir uma maior liberdade formal, sem os usuais conflitos e interferências inerentes ao processo de projecto³. O carácter experimental

.....
1) “Trata-se de uma pequena preciosidade, que praticamente ninguém conhecia até os arquitectos daqui a começarem a divulgar” refere o Arq. Enrique Acuña (em Entrevista, 2012).

2) A própria Senhora Cendón (em registo de visita à obra, 2011), ainda proprietária, afirma que o projecto foi executado no limite orçamental, e que apesar da flexibilidade e do incentivo pessoal de Bar Bóo, ponderaram desistir do Projecto por diversas vezes.

3) Relembre-se que a Casa Cendón teve inúmeras tensões, como por exemplo o episódio da solução da cobertura, que o dono de obra acabou por modificar posteriormente, à revelia do autor, com grande impacto na composição (Agrasar Quiroga, 2005, p.140).

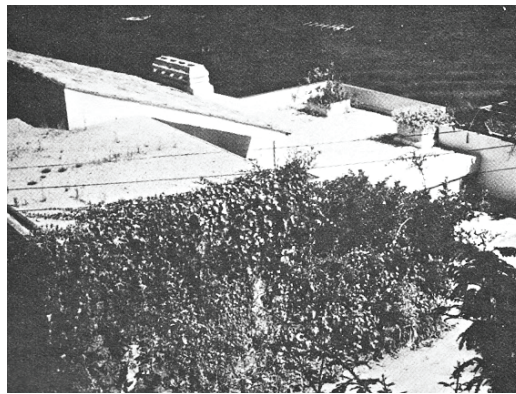
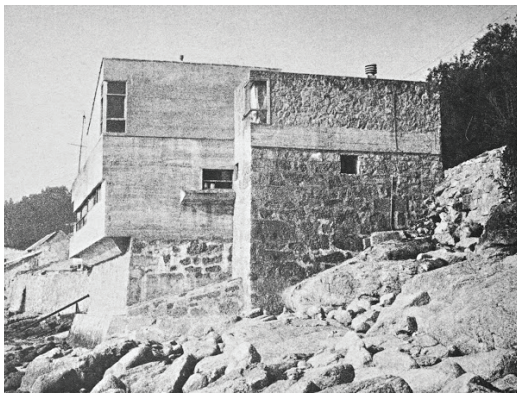
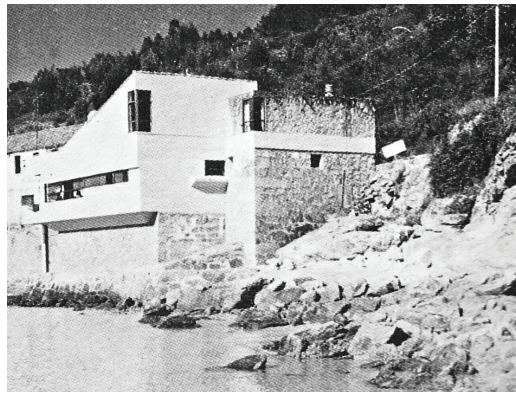


Fig. 72. Refúgio "La Roiba" (estado original)



Fig. 73. Refúgio "La Roiba" (estado actual)

da obra foi assim desenvolvido a níveis de grande arrojo, que muito dificilmente encontrariam aprovação numa situação convencional. Esta circunstância permitirá a Molezún recentrar a investigação projectual na qualidade espacial arquitectónica, em detrimento da finura de acabamentos, alheio de eventuais pressões e críticas. Talvez por isso o gesto de projecto comece verdadeiramente no próprio acto de selecção do lugar de implantação, também ele marginal.

Se os constrangimentos da mão-de-obra existente são uma constante que, como se verá adiante, acompanharão todo o conjunto analisado, a precariedade dos acessos (e de toda a infra-estruturação da área de intervenção) constituiu um dos principais desafios do projecto a que os arquitectos geralmente não estariam afectos, geralmente vocacionados em áreas de maior propensão urbana. A força da pré-existência e a forma despojada de como é integrada na concepção da obra, apesar da sua função original, relembra o projecto da Casa das Marinhas (1954) onde Viana de Lima absorve a ruína do moinho e desenvolve o projecto em torno da tensão dialéctica que este estabelece com o novo corpo arquitectónico. Existem de facto muitas circunstâncias comparáveis entre os dois projectos, sobretudo na escala e no programa, sendo que na obra de Viana a influência dos modelos Corbuseanos é irrefutável e dominadora da incorporação das referências formais. O projecto de Molezún apresenta-se descomprometido de forma provocadora, revelando maior fluidez entre os dois tipos de linguagem, quer na manipulação dos elementos, quer na adopção dos seus princípios espaciais, ainda que a composição dos alçados e a estrutura da planta aponte para um evidente racionalismo.

Embora maioritariamente conotado com outro tipo de linguagem arquitectónica (Corrales & Molezún, 1983, p.7-9), Molezún já havia demonstrado alguma sensibilidade para com características afectas à Arquitectura tradicional, quer em termos materiais quer em termos morfológicos, um dos exemplos mais notável e singular será o da Residência Infantil de Verão (1957), em Miraflores de la Sierra, Madrid, projectado em colaboração com o seu sócio Antonio Corrales e Alejandro De la Sota. O projecto de Residência Infantil tem a particularidade de se inserir numa área natural de grande intensidade paisagística, sem edificações próximas. Localizado numa área de montanha, de acentuada inclinação e sem vegetação exuberante (à data), o projecto procura na dialéctica que estabelece com o terreno, a sua principal estratégia de integração. Os corpos do edifício, estreito e longos, são disposto paralelamente às curvas de nível existentes, quebrados de acordo com as plataformas que estas conformam. O edifício desenvolve-se assim numa estrutura escalonada, no sentido descendente da encosta, de forma a minimizar a sua volumetria na paisagem e a tirar partido das melhores vistas. Os acessos surgem adossados paralelamente à fachada que se constitui como limite e que resguarda o espaço interior, tal como acontece no Refúgio La Roiba. Nesta solução também não existem elementos de delimitação da parcela afecta ao edifício que juntamente com a topografia estabelece os seus próprios limites. Volumetricamente e materialmente existe uma grande diferenciação entre o pavimento e a cobertura, que se assumem como estruturas distintas, sendo que o sistema de cobertura adquire significativa expressão. Este último é constituído por dois grandes planos inclinados no sentido da pendente, articulando-se como se fossem uma única água que se projecta além do limite da área interior. Esta grande lâmina é executada em estrutura de metal e madeira, revestida a painéis de fibro-cimento, que uniformizam os diferentes níveis.

Todos os elementos estruturais foram assumidos, reforçando o ritmo ortogonal e o seu carácter modular. A transparência das fachadas reforçava o carácter diáfano da construção, assim como da autonomia expressiva da cobertura, interior e exterior, que se elevava de forma elegante sobre os pavimentos, contrariando assim a sua dimensão. Os autores pretendiam conjugar o organicismo da articulação do terreno com a racionalidade construtiva, recorrendo a um sistema simples e sem artifícios de carácter estético. Os materiais escolhidos reportam ao empirismo empregado que se pretendia adequado à execução local, embora segundo uma lógica industrial, algo que pressupunha um princípio de grande abertura ideológica, prevalecendo a circunstância sobre os dogmatismos estilísticos, embora em termos geométricos esta obra ainda denotasse grande rigor ortogonal.

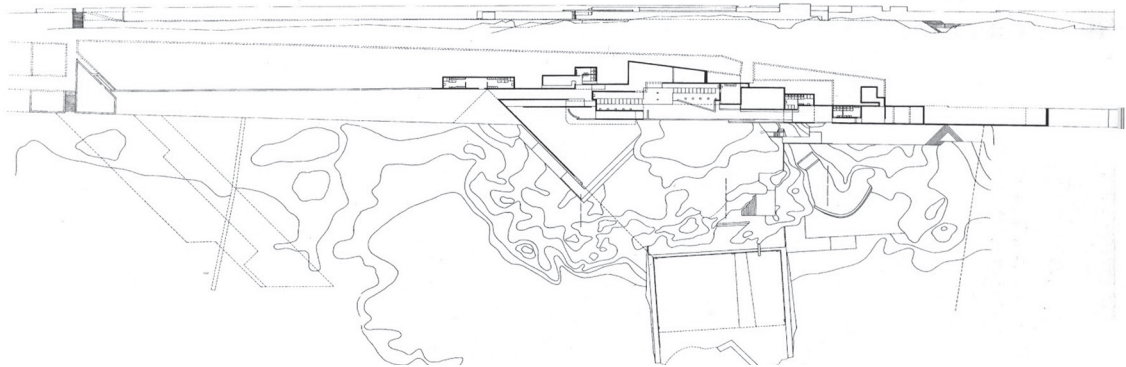
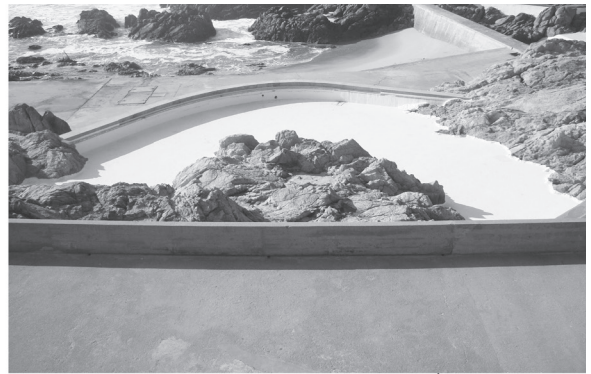


Fig. 74. Piscina Municipal, Leça da Palmeira (1959-1961-1965-1966-1973)

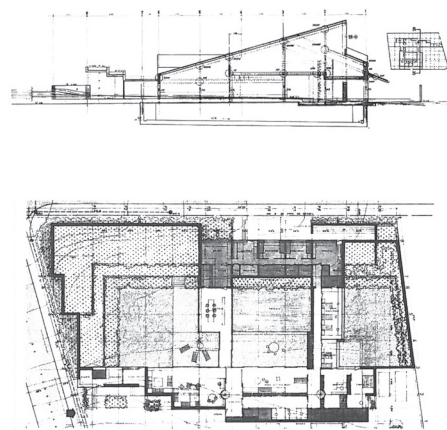
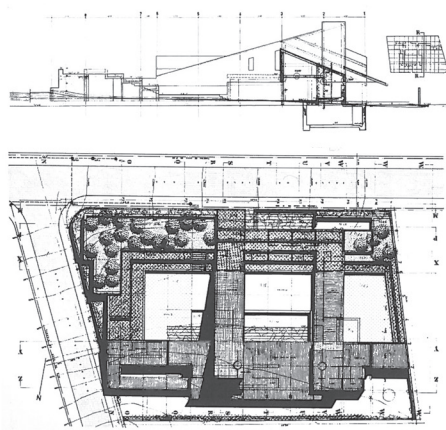
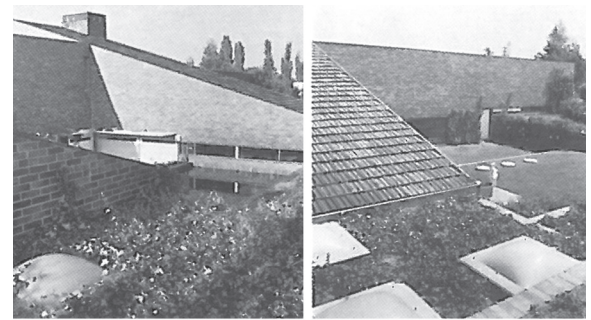


Fig. 75. Casa Huarte, Puerta de Hierro, Madrid (1966)

Outro dos casos em que essa sensibilidade foi expressa de forma evidente foi no projecto da Casa Huarte em Madrid, erigida apenas um ano antes o projecto de La Roiba, em 1966, também em co-autoria com o seu sócio José Antonio Corrales. Neste exemplo os muros e a cobertura, de grande expressão, estabelecem uma relação de grande articulação com os recintos exterior, os quais são definidos pelo próprio edifício. Tal como em La Roiba as várias plataformas que acompanham os corpos do edifício, vão aproveitando o terreno, que geometrizam na conformação de uma série de redutos, que se justapõem de forma sequencial.

“Los espacios exteriores, no ocupados por la edificación, se piensa integrarlos en la misma cumpliendo misiones de independencia, aislamiento exterior y estancia. Ninguna parte de la parcela sin servicio o uso. Tratamiento arquitectónico total da parcela.” (Corrales & Molezún, 1983, p.42)

A relação do edifício com a parcela, surge assim diluída, é a habitação que conforma os seus limites, os muros de vedação, ou planos, são extensões da mesma composição que, tal como no Refúgio, não se conseguem identificar como elementos autónomos. O modelo de edifício solto e destacado, de grande elementaridade volumétrica, de orientação modernista encontra na Obra de Corrales e Molezún uma vertente contextualista, que nestes dois exemplos atinge grande complexidade na fragmentação da composição e da sua articulação com a topografia. O tema do muro exterior que se articula ou estabelece a transição com as fachadas, também parece constituir-se como uma estratégia conceptual com repercussão em A Roiba. A fachada principal em confrontação com o domínio público desaparece gradualmente, assumindo uma expressão de grande discrição face à envolvente. Outras das características interessantes é a forma de como a geometria dos espaços interiores, completamente ortogonais, estabelece a transição com os ângulos do lote sem recorrer a rupturas ou variações drásticas no traçado geral. Também no projecto de La Roiba essa característica pode ser observável, apresentando uma transição mais elaborada, potenciada pela diferença de cotas, apresentando um ajuste geométrico mais subtil e articulado com a confinção envolvente. Os projectos valorizam os exteriores que geram, resguardados, para qual as fachadas se abrem de forma generosa como uma extensão, em contradição com a heciticidade do plano de acesso, remetendo para as experiências pioneiras da casa experimental de Muuratsalo (1953), de Aalto, ou da incursão alternativa de Corbusier no projecto da vila Mandrot (1931). A eleição do tijolo como material dominante dos panos exteriores e a assumida inclinação da cobertura de um dos corpos reforça a incorporação definitiva da linguagens arquitectónicas de raízes autóctones, tal como Viana de Lima e Bár Boo haviam feito com os muros estruturais de granito.

O programa do Refúgio La Roiba é uma oportunidade a que o autor se concede de executar uma reflexão acerca da elementaridade do habitar. O repensar das necessidades básicas, sobretudo às de espírito e de comunhão com a natureza, parecem estar na essência do projecto. Este facto reflecte-se até na forma como Molezun o baptiza: “Refúgio”.

A casa é desenvolvida como um retiro, profundamente reiterada com o usufruto banhar e com a prática náutica. Aliás, todo o projecto é profundamente determinado pela relação extrema que o edifício estabelece com o mar. A intenção de expor a obra à sua acção, pressupõe uma observação atenta do comportamento das marés e da susceptibilidades dos seus riscos, assumindo os eventuais imprevistos daí decorrentes.

Tecnicamente esta circunstância reflecte-se de forma mais evidente no elemento de transição entre pisos da fachada oeste, conformado como um reforço estrutural invertido, à semelhança dos espigões dos pequenos portos piscatórios, tratando-se de uma solução de grande empirismo que se destinava a dissipar o impacto das ondas nos períodos de temporal (Salgado, 2008, p.208). A selecção dos revestimentos das fachadas mais expostas à água também parece adoptar esta resignação, mais apropriados à sua renovação sazonal do que a contrariar a erosão a que se sujeitam.

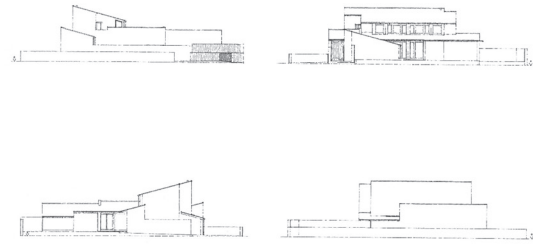
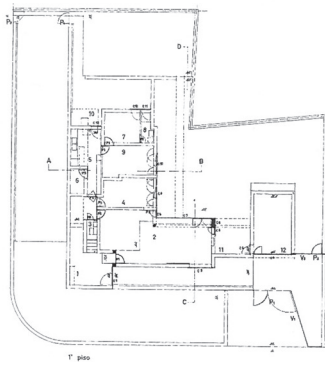


Fig. 76. Casa Alves Santos, Póvoa do Varzim, (1964-1969)

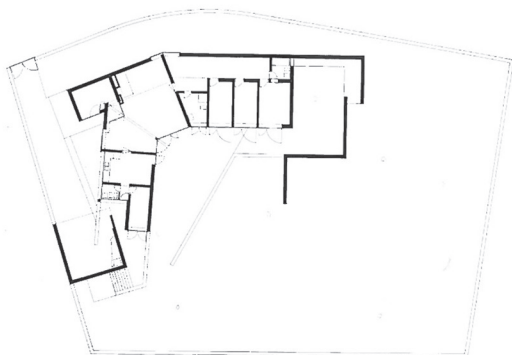


Fig. 77. Casa Alves Costa, Moledo, Caminha (1964-1971)

O resultado desta condicionante também se expressa-se de forma morfológica, na forma como a volumetria de retrai no paredão, ajustando-se paralelamente para minimizar a consola que se projecta sobre o plano de água, sem prescindir da relação de vertigem que a retracção do embasamento provoca. .

Implantação:

Molezún predeterminou a linha de costa da margem sul da Ria de Pontevedra para localizar o seu retiro estival. A casa surge implantada no limite interior (Este) da pequena praia da Roiba, imediatamente a norte da Praia de Beluso, numa extremidade da enseada de Bueu.

Cadastralmente é um sitio sem uma estrutura vincada, o que em muito deve à qualidade granítica do solo, pouco propício à exploração agrícola. Os assentamentos mais próximos conformam pequenos núcleos agregados nas áreas baixas junto às enseadas mais generosas, como se verifica um pouco mais a Norte.

De acordo com estas circunstâncias a vegetação florestal acabou por dominar a vertente Este e Norte da colina até ao extremo rochoso da costa, resguardando assim a enseada a sul, contribuindo também para a caracterização do contexto envolvente.

A apropriação do território, deve-se em muito às vias de confrontação costeira que articulavam as enseadas, evitando os outeiros mais abruptos. As parcelas destinadas à construção só começam a surgir em cotas mais elevadas, onde aparecem ocasionalmente alguns terrenos conformados em bancais e solcalcos, mas sem a lógica de relação intrincada de génese tradicional, revelando uma origem mais recente.



Fig. 78. Refúgio "La Roiba": Enquadramento cadastral e topográfico



Fig. 80. Refúgio "La Roiba": Enquadramento topográfico



Fig. 79. Refúgio "La Roiba": Enquadramento cadastral

A Roiba é uma pequena reentrância na costa rochosa, a primeira após a inflexão costeira de Punta Trimiño, onde existe um pequeno depósito sedimentar de areias. Orientada longitudinalmente em relação à costa encontra-se delimitada nos topos (a norte e sul) por dois afloramentos rochosos que se estendem pelo mar dentro. Antecedendo uma acentuada pendente densamente arborizada e pontuada por fragas, tão características das colinas que bordeiam a região, delimitando a fronteira marítima, encontra-se um estreito “plateau”, um patamar linear, que permite o acesso marítimo através do contorno do difícil relevo, onde se afunda a depressão da Praia.

Deste modo o enquadramento topográfico, juntamente com a orientação solar da casa, impondo a imensa sombra do relevo sobre a linha de costa, estabelece um limite confinante com a frente anterior da Praia.

Com vista para a costa edificada da margem oposta da Ria, e do extremo da enseada, o Lugar natural encontra-se forçosamente voltado para o mar. Actualmente este ainda se encontra mais condicionado pela construção, recente, de um espigão que se encontra a sul antecedendo a praia de Beluso, facto que segrega completamente a Roiba do seu campo visual terrestre.

O areal da Roiba é reduzido, e a sua exposição sujeita às marés, pelo que a sua utilização balnear é insignificante. A sua exposição solar privilegiadas a leste reduz ainda mais a sua procura, assim como a sua proximidade a areais de maior dimensão, de maior exposição solar, de acesso mais prático e de águas mais tépidas.

A Roiba é o canto recatado do extremo da enseada, um mirante discreto em escala e posição geográfica e um Lugar privilegiado na observação sobre a costa, quase voltada sobre si mesma, uma espécie de ponto de mirada interior.

Outro elemento determinante na envolvente é a fábrica de salgar peixe, com a sua imensa fachada linear (com cerca de 200m), encostada ao caminho e o seu paredão de protecção marítimo frontal, que se desenvolve numa generosa rampa pétrea de acesso de embarcações ao mar. Apesar de estar desactivada, tal como estava à data da construção em 1969, o edifício, isolado da povoação e acompanhando a estrada, ainda marca a paisagem pela dimensão, regularidade e métrica dos seus vãos.

Descrição Morfológica:

Apesar da unidade do conjunto, o Refúgio La Roiba é composto por uma intrincada composição de sólidos geométricos distintos, de configuração elementar, que se sobrepõem e intersectam de forma ligeiramente desfasada.

Apresenta uma clara distinção entre o embasamento, configurado de forma monolítica e amalgamado materialmente e geometricamente às pré-existências, e os pisos superiores, erigidos como entidades autónomas, elementos geométricos dissociados entre si e desconexos da base que lhe serve de suporte.

O embasamento, onde se localiza o alxibe e o pañol, é constituído como um maciço articulado com o muro de contenção que estabelece a separação de cotas com o areal, seguindo-lhe o eixo longitudinal. A sua forma resulta da conjugação de dois prismas longos e paralelos ao muro, um regular e outro trapezoidal, ligeiramente desfasados entre si, e um terceiro, de menor dimensão, disposto de forma perpendicular num dos topos da composição, o único que se desenvolve-se também em altura. Os seus espessos muros são executados em silharia de granito, de lavra e aparelho semelhante à estrutura de contenção que lhe serve de encosto, e com a qual estabelece relação de continuidade.

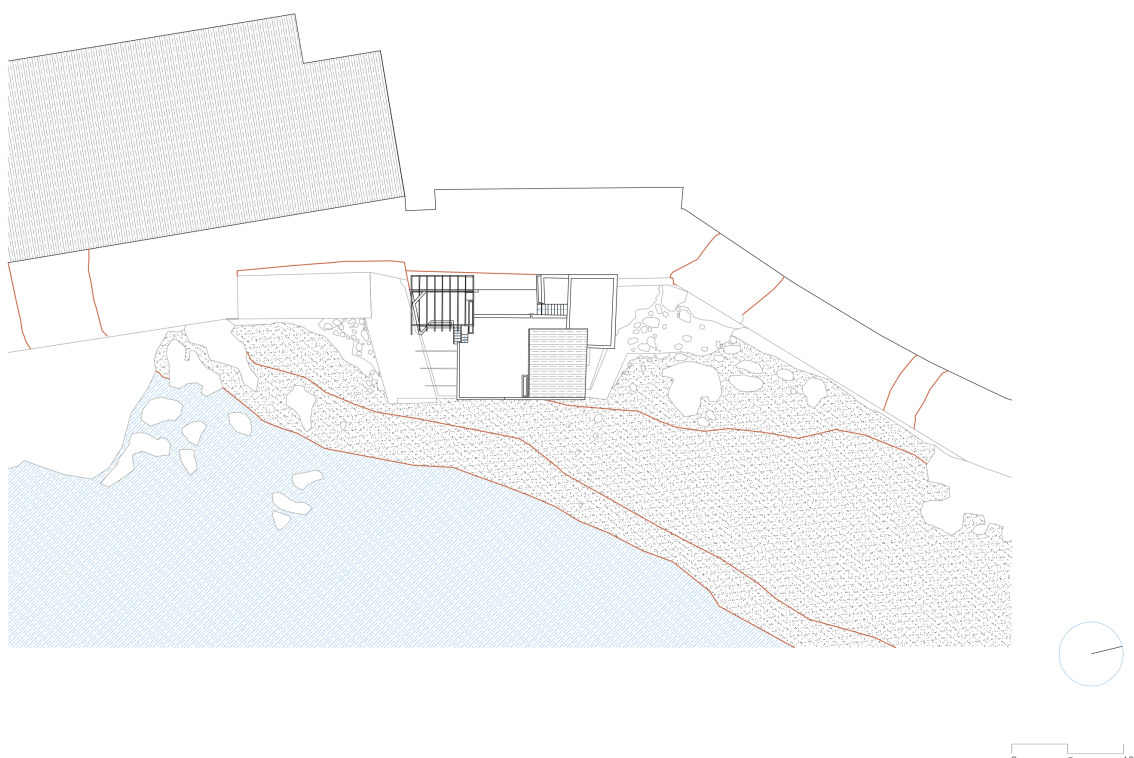


Fig. 81. Refúgio "La Roiba": Implantação

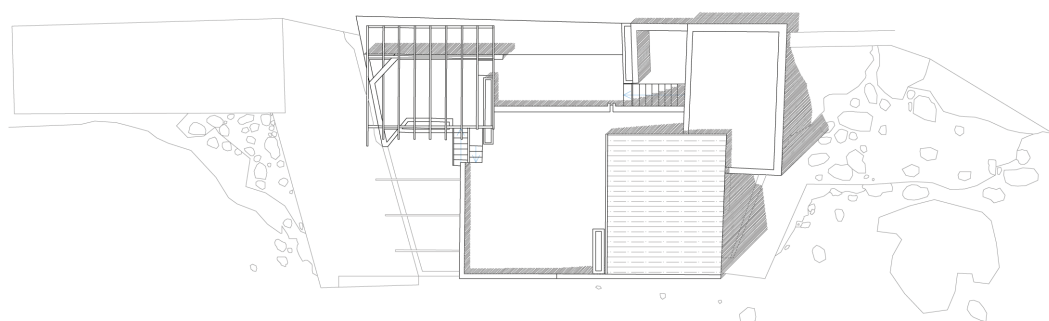


Fig. 82. Refúgio "La Roiba": Planta de coberturas

Será precisamente nesta característica que reside a pertinência da comparação morfológica com um dos projectos realizados, entre 1961 e 1965 (2ª fase), por Siza Vieira: - as *Piscinas de marés de Leça da Palmeira*, que se tornaram uma das obras mais emblemáticas deste período.

“Nestes primeiros trabalhos foi germinando a sensação irreprimível e determinante de que a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço e, por consequência, à relação entre espaços, até ao encontro com a natureza.” (Siza Vieira citado em Trigueiros, 2004, p.34)

O gesto de implantação, com os alinhamentos e proporções geométricas assumidas, assim como a relação com os arranjos exteriores, extravasam a envolvente imediata da edificação. Tal como na obra de Siza, a casa de Molezún apresenta uma relação territorial abrangente que se dilui tanto nos elementos artificiais existentes como nos próprios componentes naturais, reforçando a sua integração num sistema compositivo à escala territorial.

Outro dos denominadores comuns é a relação da construção com o acesso. O piso principal surge rebaixado em relação ao acesso viário, com o qual está adjacente e paralelo, apresentando a fachada confrontante reduzida à sua expressão mínima. Tal como nas Piscinas, a construção surge marginal a este elemento, reforçando a sua extensão como linha estruturante da antropização da costa. Se em Leça da Palmeira o contacto é reduzido radicalmente à expressão do próprio muro, estabelecido como um elemento contínuo e uniforme, com o qual toda a estrutura se dilui, no caso do Refúgio este confronto encontra-se decomposto em vários elementos distintos, tanto formal como materialmente, que funcionam como paramentos de articulação com a volumetria do edifício.

Em ambos os casos, este elemento estabelece o limite estruturante a partir do qual toda a composição espacial se desenvolve, em afastamento e em supressão de altura. Se em termos compositivos a sua preponderância é irrefutável, já a sua materialização foi remetida para a máxima descrição possível.

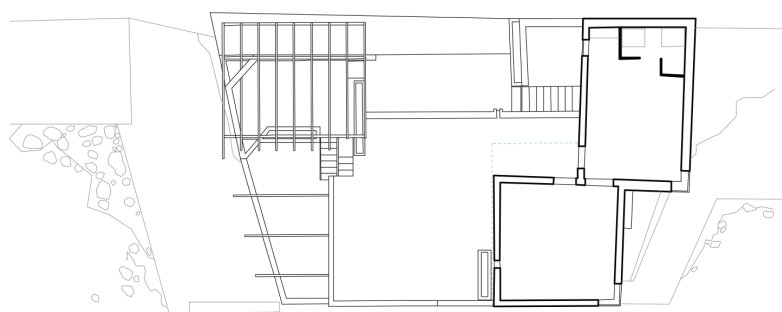
Tal como no referente vernáculo, conformam a fachada longitudinal de menor desenvolvimento em altura e a menos permeável às relações com o exterior, contrastando radicalmente com a fachada oposta.

A grande diferença resulta sobretudo da solução de transição de cotas entre o acesso e o interior do edifício, onde a potente rampa, na qual Siza aproveita a escala e a utilização colectiva do respectivo equipamento, dá lugar à singela sobreposição de plataformas que Molezun alterna e conjuga intrinsecamente com outros elementos, até atingir os níveis desejados de acesso à habitação.

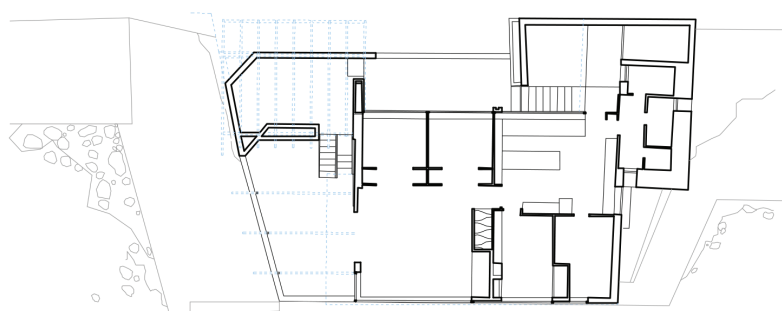
Outro factor obviamente determinante no desenvolvimento do projecto terá sido a gestão da privacidade do interior da habitação. Esta inquietação de ordem programática parece, aliás, estabelecer uma das principais premissas dos projectos contemporâneos, tal como se constata (de forma quase antagónica) na *Casa Alves Costa*, de Siza Vieira, ou na *Casa em Corrubedo*, de Gallego Jorreto.

Tal como nestes dois casos, o elemento de cerramento da parcela deixa de ter papel complementar na composição, assumindo-se como extensão do edifício, reforçando a orientação da articulação espacial que oscila entre o resguardo do espaço interno e a potenciação das vistas privilegiadas, sem comprometer a intimidade da habitação.

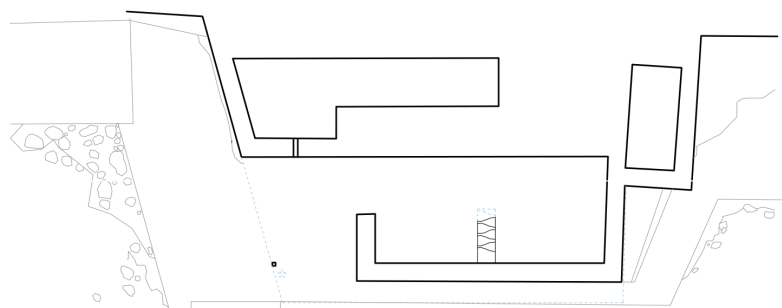
No Refúgio de Molezún a autonomia volumétrica do edifício, ao contrário do caso de estudo anterior, é integralmente preterida. Ainda que sem o organicismo demonstrada por Siza, esta



Planta Piso cobertura



Planta Piso superior



Planta Piso inferior



Fig. 83. Refúgio "La Roiba": Desenhos técnicos

condição parece já desvincular-se dos premissas modernistas dos autores anteriores.⁴

Para tal, Molezún recorre a algo já ensaiado na Casa Huarte, ainda que de forma mais subtil, a malha ortogonal do corpo habitacional central, de maior dimensão, estabelece ligeiros desalinhamentos em relação aos volumes adjacentes, de forma absorver a transição com as pré-existências. Desta estratégia destaca-se a solução do terraço, concebido como uma plataforma equilibrada, único elemento compositivo que assume uma geometria não regular, de forma a constituir uma confinção paralela ao ângulo diagonal da rampa de acesso ao areal.

Esta justaposição de alinhamentos tenuemente quebrados produz uma leitura quase retroactiva entre o edifício e espaço exterior, que como se viu é bastante comum na arquitectura vernácula da região analisada.

Nesta construção pode dizer-se mesmo que esta relação retroactiva é extremada na forma como gere o conflito com o domínio público. Ainda que o interior da habitação seja resguardado das vistas alheias, existem uma série de espaços exteriores como as plataformas exteriores, áreas de transição ou a estreita faixa de estacionamento, que não apresentam qualquer obstáculo físico de impedimento ao seu usufruto. Apenas a diferença de cotas e a distinção material identifica o domínio privado, sendo que o limite é sobretudo perceptivo. O que demonstra uma posição cívica do autor bastante positiva, sobretudo se considerarmos a sazonalidade da sua utilização.

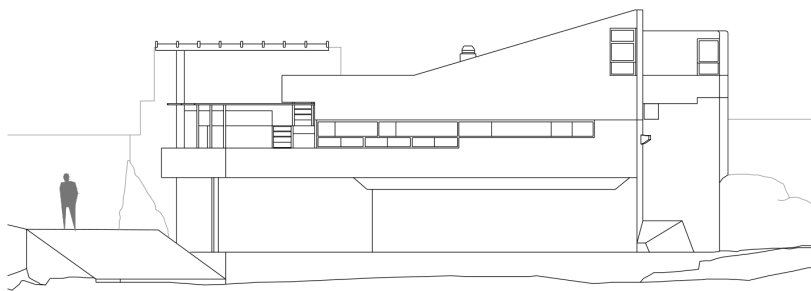
O único elemento de cerramento assumido é conformado pelos pequenos planos murários do ângulo nordeste, rematados pela pérgola, que cobre o acesso ao terraço localizado numa cota inferior. A sua geometria não só permite articular a transição construtiva entre o paredão e o corpo central de betão, mas, preservar também a devassa dos planos envidraçados que se abram para o terraço, mais exposto pela relação de cotas existentes entre estes e o caminho de acesso.

Programaticamente o edifício traduz uma grande elementaridade, o que se reflecte na sua reduzida dimensão, acentuada nos espaços destinados aos dormitórios, organizados em baterias obturáveis, numa óbvia referência à adopção das tipologias dos camarotes das embarcações.

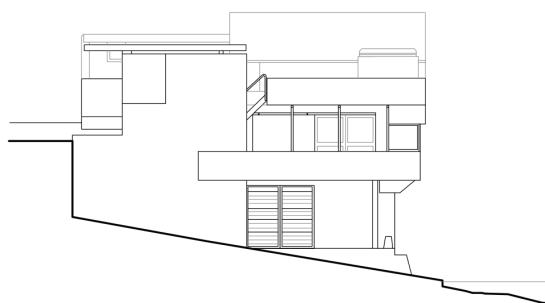
Verificação de analogias morfológicas:

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.01	A selecção do lugar edificado a partir do coroamento de afloramentos rochosos:	■		
01.02	A implantação da edificação nos limites da propriedade:	■		
01.03	A integração das edificações habitáveis no sistema de delimitação de propriedade:	■		
01.04	A adjacência das edificações às estruturas de consolidação das plataformas altimétricas:	■		
01.05	O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo:	■		
01.06	A confrontação directa com o acesso principal:	■		
01.07	A fachada cerrada para o exterior e a fachada aberta para o interior da parcela:	■		
01.08	O enterramento parcial do piso inferior:	■		

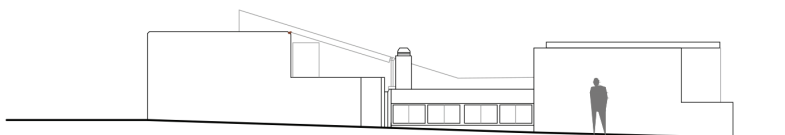
.....
4) Com a excepção assinalada de Coderch.



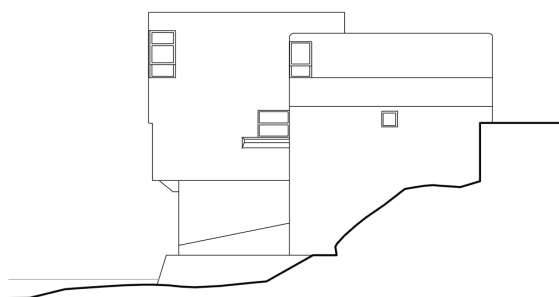
Alçado Oeste



Alçado Sul



Alçado Este



Alçado Norte



Fig. 84. Refúgio "La Roiba": Desenhos técnicos

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.09	A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos:	■		
01.10	A referência das cêrceas “naturais”:	■		
01.11	O paralelismo com a topografia e o contributo para a sua interpretação geométrica:	■		
01.12	A descontinuidade volumétrica como distinção Tipológica:	■		
02.00	Caracterização Particular	Total	Parcial	Subversiva
02.01	Piso superior – pousado, prismas alongados de secção rectangular:	■		
02.02	Piso inferior – encaixado, tendência generalizada para a redução da área do piso superior:	■		
02.03	Constituição de volumes simples estanques, sem intersecções ou interpenetração volumétricas:	■		
02.04	Adições adjacentes sem alinhamento recto; Fragmentação da linearidade compositiva:	■		
02.05	Altura reduzida (proporção do pé-direito reduzido):	■		
02.06	Apropriação das pré-existências edificadas:	■		
02.07	Edificado de materialidade Pesada versus Leve:	■		
02.08	Vãos Subtraídos/Incluídos:			■

Tabela 2. Tabela de sistematização das Invariantes Morfológicas verificadas 02

O Refúgio “La Roiba” apresenta um dos casos de maior concordância com a caracterização morfológica estabelecida no Capítulo 2. Das 20 características enumeradas, 19 verificam-se de forma integral e apenas 1 apresenta-se de forma subvertida: - O respeito pela lógica dos Vãos subtraídos, vãos incluídos.

Os vãos empregues são completamente antagónicos às regras de construção vernáculas, surgem assim rasgados nas icónicas *fenêtre longueur*⁵, dominando a fachada poente, ou surgem precisamente a interceptar os ângulos do edifício, sem nunca pontuar as áreas intermédias dos planos de fachada.

Embora não definidos como invariantes morfológicos, outros dois aspectos, de carácter conceptual, concorrem para a sua aproximação com o referente vernáculo.

O primeiro prende-se com o carácter aberto da composição, posto a claro pela possibilidade de adaptação e crescimento da construção sem adulterar a leitura da volumetria original, expresso na construção posterior dos volumes superiores da extremidade sul, destinados aos quartos dos filhos. Tal como nas construções vernáculas, os novos espaços surgem como adições justapostas ou invés da ampliação dos espaços existentes. A opção pela cobertura inclinada de um dos novos volumes, justamente o de maior exposição visual, reforça a heterogeneidade das linguagens

5) Que no caso concreto da fachada Oeste apresenta uma extensão de 9m, ocupando praticamente a sua totalidade, conectando a sala de estar e os quartos frontais.

conjugadas sem objecções estilísticas.

O segundo ponto é de teor construtivo, na medida em que todas as soluções revelam enorme pragmatismo de execução, desde a instalações sanitárias que aproveitam as antigas retretes da fábrica⁶, sob as quais se executa a fossa séptica, ao sistema das coberturas planas que permitem a recolhas das águas pluviais para o depósito subterrâneo, localizado no espaço intersticial entre o corpo central e o caminho. Os materiais, mesmo os de carácter industrial, foram tratados de forma elementar, adequando a sua aplicação às competências da mão-de-obra local. O betão aparente, sem revestimento, assume a rudeza da esterotomia das cofragens, aplicado apenas nos elementos sujeitos a maiores cargas, sendo que no resto faz-se recurso aos panos de blocos e tijolos, exteriormente uma pintura branca uniformiza os volumes superiores da composição, desvinculando-a do muros de contenção e do embasamento. A tosca materialidade dos acabamentos corrobora na austeridade e o experimentalismo do projecto, embora, não invalide o grau de detalhe conferido ao desenho individual dos elementos, numa evidente aproximação ao célebre “*deshabillé*” Corbuseano (Salgado, 2008, p.211). Efectivamente, este será um dos aspectos transversais na transição entre os conjuntos dos casos de estudo.

6) Revelando a importância da seleção da área de intervenção, ao aproveitar todas as potencialidades técnicas das pré-existências, de acordo com a premissa 2.06.



Fig. 85. Refúgio "La Roiba" 2010

- **Obra 03- Casa(s) de Caminha**, Caminha (1970-1974), Sérgio Fernandez

As Casas de Caminha, denominadas individualmente como “Casa Rocha e Melo e Vill’Alcina”, consistem num conjunto habitacional composto por duas moradias geminadas que partilham a mesma parcela de terreno, sendo que uma delas (na qual se incide a análise) constitui o refúgio estival do seu próprio autor, o Arquitecto Sérgio Fernandez. O início do projecto data de 1970, sendo a sua construção concluída em 1974 (Fernandez em entrevista, 2013).

Sem grande tradição balnear, especialmente a Norte onde o clima é mais agreste e as águas mais frias e revoltosas, os assentamentos costeiros tinham como paradigma pequenas aldeias piscatórias onde a prática da agricultura facultava um complemento indispensável à subsistência dos seus habitantes. Os banhos de mar, até então relegados a uma actividade terapêutica, representavam uma procura muito específica e esporádica, sem reflexo na produção arquitectónica local e muito menos na expressão territorial.

Esta obra enquadra-se no particular fenómeno de instalação de casas de férias no litoral, expressão de um período de ligeiro ascendente económico a que Portugal assiste na década de 60, com especial repercussão nas duas décadas seguintes, a que a Espanha com maior ou menor grau de paralelismo não será alheia.

Logicamente que o conceito de casa estival, não seria novidade (tal como se constata na historiografia das instâncias balneares de maior antiguidade, geralmente associadas a tradições das casas reais) sobretudo entre as classes mais abastadas, mas, nunca ao ponto de se tornar um fenómeno de massas e muito menos num factor significativo na estruturação do território. A este ascendente financeiro deve ser associado a melhoria geral das condições de trabalho e do alargamento da estrutura social, que tinha reflexo directo nas condições e expectativas de vidas, com epicentro nas cidades de maior dinamismo. A estas circunstâncias juntavam-se (ainda que de forma ligeira) as influências culturais internacionais e a propaganda da jovem industria mediática baseada na importação de modelos e conteúdos, sempre romantizada pelo controlo dos regimes, que assumia definitivamente no estilo de vida urbano o conceito de férias, que entretanto passaria de regalia a direito, como uma inevitabilidade do desenvolvimento da economia europeia e da própria consciência cívica.

Será precisamente quando esta condição se estende, para lá das altas esferas minoritárias, à classe média-alta (que entretanto se destaca da estrutura social como classe emergente, em número e influência) que se despoleta o fenómeno das casas de férias, com expressão verdadeiramente efectiva na produção arquitectónica ibérica.

A procura de condições para a construção de habitações estivais, intensificou-se, naturalmente, junto aos areais de maior expressão, dotados de maior protecção dos ventos e de águas mais tranquilas. O factor de proximidade da residência fixa, as infraestruturas existentes e os acessos disponíveis determinaram o primeiro nível de procura ainda muito focada na resposta directa aos principais centros urbanos.

Esta procura de origem interna gerou, naturalmente, uma rápida valorização das áreas costeiras de clima mais ameno, com consequência directa na especialização turística e na especulação imobiliária.

Condicionadas pela sua geografia particular, pela pressão do inevitável alargamento do seu perímetro urbano e pela proximidade, pragmática, das principais áreas industriais que as serviam, as franjas populacionais (compostas ainda por grupos privilegiados) de Lisboa e do Porto que procuravam áreas propícias ao descanso e ao ócio, foram gradualmente aumentando a distância, a permanência e o investimento dedicados a esta “extravagância” como forma de



Fig. 86. Vill'Alcina - Casas de Caminha (estado actual)

evitar os evidentes conflitos.

O impacto mais extenso e drástico é relegado, por razões climáticas, para sul, ao longo do território mediterrâneo, com resultados evidentes nas dinâmicas territoriais e culturais actuais de ambos os países.

Se, numa primeira fase, o “exotismo” do extremo sul produziu uma procura generalista e intensa, a sua massificação acabou por desencadear outro tipo de conflitos que, aliada à marginalidade geográfica das urbes inscritas na área de influência da região analisada, ditava o foco de observação para áreas menos exploradas e de maior recato.

O factor cultural, já exposto no processo e das consequências do *Inquérito*, apresenta uma especial propensão dos círculos intelectuais da *região analisada* para o neo-realismo (Alves Costa, 2008, p.18), circunstância significativa no desenvolvimento do presente estudo. A identidade rural do território é assumidamente um dos factores de interesse para o cidadão urbano “pós-industrial” que, apesar da distância social que estabelece com este, não parece disposto a abrir mão do seu vínculo antropológico.

Na actividade balnear, onde a dinâmica física é conjugada com o ócio (ou integralmente substituída por este), a contemplação e o isolamento tornaram-se variáveis preponderantes, sobretudo num território onde os factores climáticos nem sempre são os mais propícios, e que teve na consciência da articulação com a sua paisagem rural um dos seus aspectos mais característicos.

A banalização do uso do automóvel contribuíram para a aceleração da exploração do território, que no caso da área metropolitana do Porto, apresentava uma interessante tendência a Norte, que se estendeu progressivamente pelo litoral, praticamente até ao seu remate na fronteira com a Galiza.

As localidades de costeiros de Esposende, Póvoa do Varzim, Vila Praia de Âncora e Moledo consubstanciam alguns dos exemplos que beneficiaram concretamente deste aspecto, ao ponto do seu impacto ser o principal responsável pelo grosso da sua actual caracterização urbana.

Moledo, pequeno povoamento litoral de génese piscatória, no concelho de Caminha, consolidou-se como um paradigma desta realidade, favorecendo da elevada procura por parte da classe média-alta do Porto, que o elege como um dos destinos estivais de preferência. Esta circunstância será naturalmente potenciada a partir dos anos 70 e 80, quando a afluência às praias de mar passou a ser efectivamente uma actividade de massas, e o pudor associado à exposição corporal esmoreceu.

Dentro da referida classe, este fenómeno colhe particular domínio entre os profissionais liberais e os técnicos superiores. O programa da casa de férias consolida-se assim em torno de um cliente tipo emergente, habitualmente composto por Advogados, Médicos, Engenheiros e paradoxalmente pelos próprios Arquitectos, o que esclarece, em certa medida, a existência significativa de obras em processo de autor/cliente, tal como o presente caso retracts.

A baía de Moledo e em especial o pinhal adjacente, que anuncia a Mata do Camarido que circunscreve a sul a foz do rio Minho, constituíam o lugar mais apelativo. A procura determinou a rápida saturação do delicado tecido urbano existente e a consequente valorização dos seus terrenos.

No seguimento da natural pressão imobiliária junto das áreas mais susceptíveis, Moledo teve a particularidade de receber algumas obras dos arquitectos mais reconhecidos da cidade do Porto, o que contribuiu, naturalmente, para a perpetuação da sua apetência como estância balnear de



Fig. 87. Vill'Alcina (interior) - Casas de Caminha (estado actual)

eleição no Norte de Portugal.

Exemplo emblemático, tanto da condição privilegiada de Moledo como da instituição do programa da casa de férias, será a elaboração da prova C.O.D.A.¹ do próprio Siza Vieira, apresentada em 1965.

Siza apresenta um Projecto para uma *Casa de Fim-de-semana em Moledo do Minho*, que constava do desenvolvimento até à fase de execução de uma moradia unifamiliar, a *Casa Rui Feijó*, integrada no conjunto de quatro habitações definidas segundo o mesmo modelo, implantadas em lotes contíguos, conformando um conjunto urbano definido, embora convenientemente integrado no instrumento de planeamento previsto (Távora, 1987, p.60-61).

Uma vez consumidas as áreas localizadas nas áreas planas das cotas baixas, assiste-se a um refreamento no investimento, que tem na exponencial especulação imobiliária e nas condicionantes técnicas de construir em planos inclinados, o principal obstáculo da apropriação das acentuadas encostas da serra. As intervenções, de arquitectos sediados no Porto, surgem agora de forma mais pontual e dispersa pelo território, mas, continuavam a ser uma constante que caracteriza Moledo como um dos mais particulares nichos de mercado na produção arquitectónica. (Cerqueira, 2003)

Será precisamente dentro esta perspectiva que surge a génese do respectivo Projecto.

A dinâmica estival de Moledo já estava implementada, sendo destino habitual de famílias do Porto, algumas culturalmente influentes, a que a figuras proeminentes da Escola de Arquitectura do Porto estavam directa ou indirectamente ligadas. (Cerqueira, 2007, p. 129-134)

Sérgio Fernandez, recém-licenciado, faz parte desta realidade, inserido num restrito meio profissional, que gravita em torno da Escola do Porto, que partilha o círculo cultural, académico e profissional com grande intensidade.

É enquanto usuário balnear de Moledo, como convidado do colega de profissão Alexandre Alves Costa, hóspede na sua casa de férias (também ela uma obra referente, como se verá adiante) localizada no referido pinhal, que surge o ímpeto para a realização da obra em questão (Fernandez em entrevista, 2013).

O médico Rocha e Melo, conhecido do círculo familiar com que priva em Moledo, requisita-o para o acompanhar a visitar um terreno na encosta da serra, que se encontra à venda, com o intuito de ali realizar uma casa de férias. É sob a expectativa de executar o projecto, que o Arquitecto Fernandez acede a visitar o lote. Nesta circunstância vê-se duplamente surpreendido, primeiro pela, dimensão, cota e pelas vistas que o terreno proporciona; e segundo pelo repto que próprio Rocha e Melo lhe lança ao sugerir a sua aquisição partilhada. A oportunidade, ainda que precipitada para o início da vida profissional, justificava o investimento (Fernandez em entrevista, 2013).

Na mesma época das Casas de Caminha, surgem os projectos da *Casa Alves Costa* e a *Casa Alcino Cardoso*, ambos da autoria de Siza Vieira, que estabelecia-se gradualmente como a figura proeminente da sua geração. Enquanto que a *Casa Alcino Cardoso* trabalha essencialmente a tensão entre a pré-existência e a intervenção, materialmente e morfologicamente, a *Casa Alves Costa* representa a tendência para a linha introvertida e a apetência clara para o abstraccionismo, sugeridas gradualmente pelos seus trabalhos anteriores (Santos Fernandes, 2010, p.255)

1) C.O.D.A. - Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto, exercício de avaliação final na formação académica do Curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

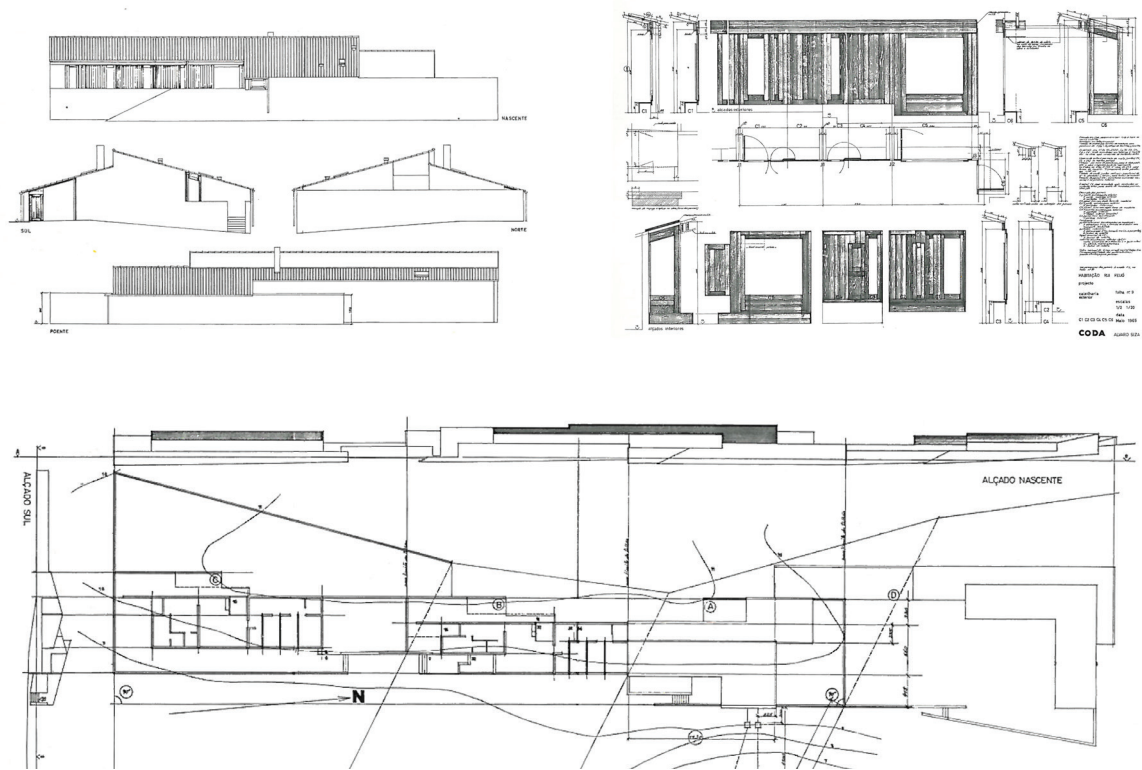


Fig. 88. Projecto Casa Rui Feijó, Moledo (1965)

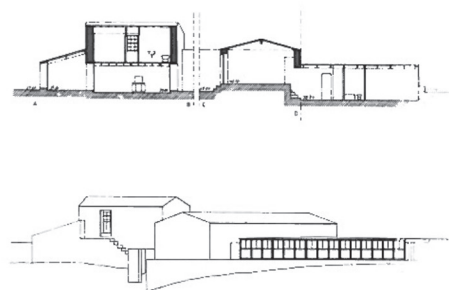


Fig. 89. Casa Alcino Cardoso, Moledo, Caminha (1971-1973)

O fenómeno das casas de férias, embora relevante, é um pouco mais disperso na Galiza, estruturado por um maior e mais equilibrado conjunto de centros urbanos nucleares de que se destacam Vigo, Pontevedra, Santiago e A Coruña. (Arango Florentino, 2002).

Apesar de mais acidentada, o recorte e a conjugação do relevo com as Rias permite uma série de baías e areais, que embora de pequena dimensão, são favorecidos pela tranquilidade das águas e pelo resguardo dos ventos atlânticos.

Se existe obra que se aproxima das inquietações e soluções propostas no presente conjunto de trabalhos, e à qual se podem estabelecer interessantes relações comparativas, apesar de se localizar fora da região analisada, esta é, sem dúvida, a Casa de férias de Corrubedo, do Arquitecto Manolo Gallego Jorreto. Projectada entre 1970 e 1972, esta singular obra, tornou-se um dos casos mais referenciados e emblemáticos da produção arquitectónica contemporânea da Galiza. (Blanco, 1981; Armesto & Padró, 1996).

Corrubedo, a sul da Corunha, apesar de estar fora da região analisada, não deixa de poder invocar certos paralelismos que se consideram relevantes na influências do espólio seleccionado. O conjunto significativo, embora de número incomparável, de obras de arquitectos reconhecidos permite identificar, também ali, uma procura imobiliária bastante específica articulada com o respectivo meio profissional arquitectónico, mais próximo da Coruña. Evidência a que assiste o facto de muitas pertencerem aos próprios autores.

A Casa de Corrubedo de Gallego, implantada na primeira linha edificada e bastante mais exposta aos agentes erosivos (e à devassa dos transeuntes), forma com o sistema de delimitação da propriedade uma solução intrincada, onde muro e edifício se complementam tanto na caracterização de recintos exteriores como na relação desta com e sobre a paisagem.

Tal como nas obras mencionadas exhibe perante o acesso uma fachada cerrada, de grande crueza formal e material, voltada para o caminho, com o qual está paralelamente alinhada, onde se localiza a entrada. O edifício chegado à referida extremidade, filtra a relação com o recinto murado, para o interior do qual a fachada contrária se abra de forma generosa num gesto de total oposição. Na estratégia introvertida, também na linha dos trabalhos comparados, Gallego introduz uma variação sem romper a estrutura compositiva (uma das subversões morfológicas que lhe são tão características) ao colocar um inesperado piso superior, que aproveitando a elevação do pé-direito sobre a área social conforma um mezanino, que contempla a paisagem além dos muros, para além da sua privacidade, sem comprometer a sua intimidade, com um gesto a fazer lembrar um periscópio. “... é como se a casa se debruçasse sobre o muro, para admirar o mar sem se impor sobre a paisagem...” (Gallego em entrevista, 2013)

É precisamente esta intensa e íntima relação com a paisagem que determina a génese conceptual e interpretativa do Projecto das Casas de Caminha. (Bandeira & Tavares, 2008, p.9).

O seu autor, o Arquitecto Sérgio Leopoldo Fernandez Santos, pertence ao grupo de profissionais classificado por Nuno Portas como a “novíssima geração” (Tavares, 2008, p.35) de Arquitectos portugueses, formado na Escola de Belas Artes do Porto em plena implementação da Reforma de 57.

À semelhança de Siza Vieira também ele foi aluno de Fernando Távora, mas, é a Alfredo Viana de Lima ao qual se atribui maior influência, com quem colabora desde os anos de estudante até aos primeiros anos de actividade profissional. dois nomes que reconhece como referências essenciais da cultura neo-realista, que o marca de forma ideológica nos seus anos de formação (Bandeira & Tavares, 2008, p.8).

Fernandez participa, ainda como aluno, no CIAM de 1959, acompanhando a delegação do CIAM

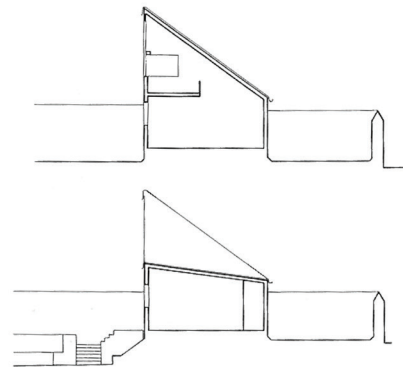
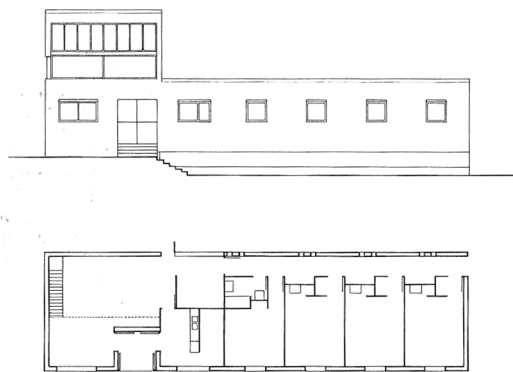


Fig. 90. Casa em Corrubedo, Coruña (1970-1972)

Portugal, inteiramente composta por elementos do Porto, encabeçada naturalmente pelas duas figuras mencionadas, encontro que ficará para sempre marcado pela consolidação definitiva da crítica ao movimento moderno e à decisão de dissolução da sua organização.

Apartado, por alguns anos (termina o curso em 1964), da influência directa do processo do ***Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*** (concluído em 1959), Sérgio Fernandez termina a sua formação universitária realizando um levantamento morfo-tipológico inspirado pelos estudos etnológicos que Jorge Dias levou a cabo no início dos anos 50, para o agregado rural transmontano de Rio de Onor (Tavares, 2008, p.38), e ao qual Viana de Lima, seu principal referente, já havia devotado particular interesse².

Tal como Octávio Lixa Filgueiras e Arnaldo Araújo haviam feito uma década antes, numa abordagem fracturante com a tipologia instituída³, Fernandez opta por realizar uma prova final de curso (C.O.D.A.) de cariz teórico, no qual o processo analítico constituía a componente mais valorizada. Apesar de constar também de uma proposta projectual, muito mais desenvolvida que qualquer uma dos seus antecessores, o processo de Levantamento acabaria por dominar a sua experiência pedagógica. O resultado inerente será a reactivação da pertinência do habitat rural dentro da investigação projectual, desta feita mais distanciada da pesquisa antropológica associada à década de 50 e mais vocacionada para a sua aplicação operativa⁴, sobretudo no que diz respeito à intervenção em territórios dominados pelo seu carácter agrícola, do qual Moledo fazia naturalmente parte.

Deve ser assinalado que apesar da referida importância destas figuras como docentes entre 1957 e 1969, e de promoverem este tipo de métodos analíticos e semelhante propensão para a mesma natureza dos objectos de estudo, poucos foram os estudantes na ESBAP que enveredaram por semelhante opção, em que o património vernáculo fosse focado de forma tão directa (Távora, 1987).

Ao contrário dos primeiros projectos analisados e das suas obras de referência, que forma estabelecidos em cotas mais baixas e em áreas mais planas e de melhor acesso, o local de implantação das Casas de Caminha, na vertente escarpada da encosta da serra de Caminha, constituía um desafio acrescido à sua execução técnica.

O acentuado declive do lote, apesar da dimensão generosa da sua área, demonstrava a razão da não existência de nenhuma construção no seu alinhamento. A este factor juntavam-se as precárias condições das vias de transporte existentes, escassas, sinuosas e rudemente pavimentadas.

Além dos constrangimentos económicos e construtivos mencionados, as Casas de Caminha revelam uma grande singularidade programática, quer na gestão conjunta da parcela quer na distribuição interna da compartimentação.

A primeira singularidade do programa reside no facto da partilha da totalidade da parcela pelas duas habitações sem qualquer sistema de delimitação entre estas. Além de se destinarem a agregados sem qualquer grau de parentesco, o seu âmbito englobava o albergue de convidados externos, o que em termos de salvaguarda de privacidade, e eventualmente de segurança, indica uma enorme consciência cívica por parte dos destinatários. O usufruto total da parcela e a condição de albergue despojado e temporário pressupunham à partida uma utilização colectiva sem conflitos, onde qualquer obstáculo físico significava mais uma barreira na paisagem.

A segunda excentricidade prende-se com a articulação dos quartos, geralmente tidos como o

2) Como se verifica nos painéis de comunicação apresentados no CIAM de Dubrovnik, em 1956 (Viana de Lima, 1956, p.24).

3) O que demonstrava a abertura de Carlos Ramos em relação aos processos de ensino vigentes (Távora, 1987)

4) De onde se destava o interesse pelos materiais locais e pelas respectivas técnicas constructivas.



Fig. 91. Registo dos processos de construção tradicional em Rio de Onor, 1964

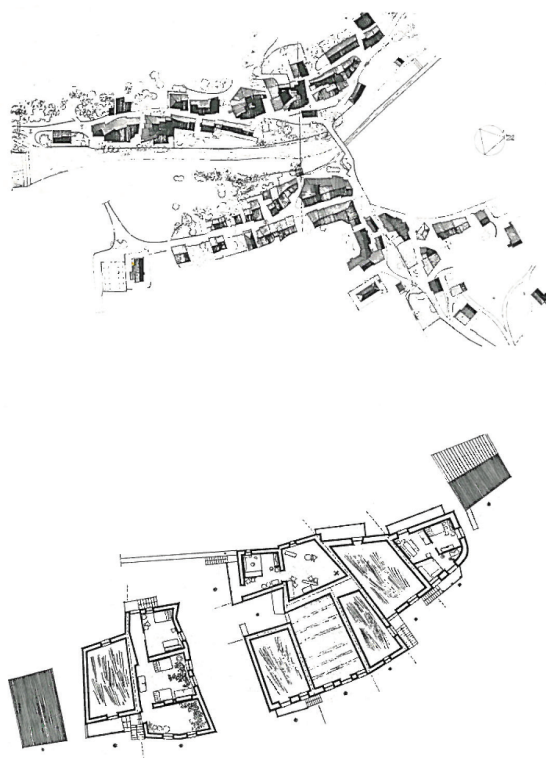
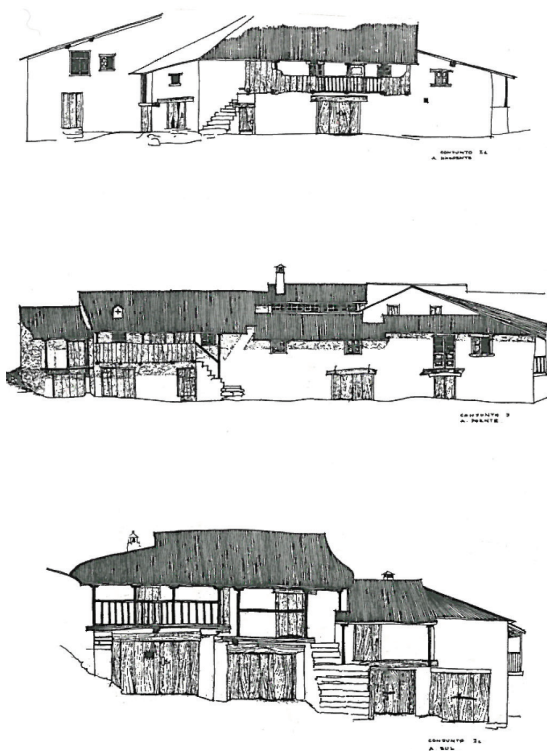


Fig. 92. Imagens do C.O.D.A. de S. Fernandez

espaço mais íntimo e portanto o mais filtrado, que nas Casas de Caminha surgem adjacentes a uma galeria comum que lhes estabelece a comunicação e lhe proporcionam iluminação. São pequenas alcovas que pressupõem a experiência colectiva destes espaços, sem sistema de obturação rígida entre elas, excepto no último quarto onde a colocação de uma porta intersecta a continuidade formal da galeria, que o atravessa, até ao extremo do edifício.

Implantação:

O terreno não continha pré-existências arquitectónicas e os afloramentos rochosos, dispersos por todo o terreno, supuseram evidentemente alguns ajustamentos, mas, não induziram ou condicionaram o projecto como o próprio autor (Fernandez em Entrevista, 2013) confirma.

As condicionantes prendem-se com o acesso, através da articulação com o único caminho existente, e o aproveitamento das franjas menos inclinadas da ladeira antes desta se tornar abrupta.

Neste projecto, como a utilização meramente indicativa dos elementos de cerramento da parcela indicam, é o próprio edifício que estabelece a própria delimitação da parcela com a via pública, em relação ao qual o edifício se encontra rebaixado. Tal como na respectiva invariante morfológica, o acesso confronta directamente com o caminho, com o qual a fachada tardoz está paralelamente alinhada. Esta fachada apresenta-se completamente cega, a única permeabilidade é conformada pelo alpendre de articulação entre as duas habitações, que embora completamente permeável não devassa a privacidade da habitação, corroborada pela colocação perpendicular dos vãos de entrada. Não existe qualquer relação da habitação com o exterior no quadrante nascente, todo o conjunto está orientado a Oeste, de forma a aproveitar o sol e as vistas oceânicas. O enterramento



Fig. 93. Casas de Caminha: Enquadramento cadastral e topográfico

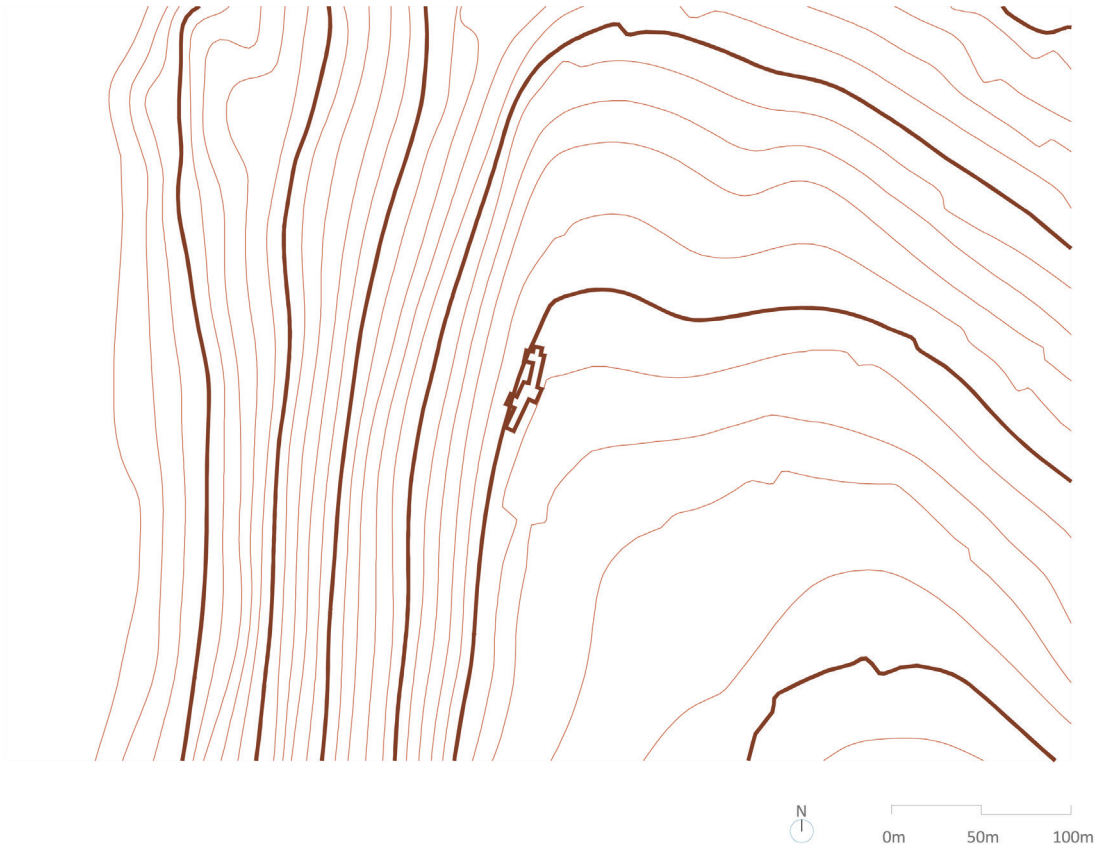


Fig. 95. Casas de Caminha: Enquadramento topográfico



Fig. 94. Casas de Caminha: Enquadramento cadastral

parcial e o ajuste topográfico demonstra a sensibilidade paisagística e o pragmatismo construtivo do Projecto. Sem prescindir da sua configuração linear, o controlo das cotas de acesso ao interior, as ligeiras rotações face aos eixos de alinhamento e a diversidade de tratamento dos topos e dos ângulos demonstram como o edifício evita e convive com os afloramentos superficiais e a vegetação de maior porte. A obra é assumidamente introvertida, ao ponto da escala promovida reportar para um mero muro de suporte ou uma qualquer precária construção adjectiva, que a materialização num rude aparelho de perpiano à vista parece confirmar, coadjuvada pela “autorizada” apropriação pelas trepadeiras e musgos autóctones. A dualidade encontrada na solução entre o contacto do domínio público e a preservação da privacidade da habitação, remete uma vez mais para a Casa Alves Costa, onde Sérgio Fernandez haveria de projectar a presente habitação, e onde o antagonismo da obra ostensiva, parecia ter as raízes nos pressupostos do *Inquérito* e no respeito em respeitar a envolvente (Santos Fernandes, 2010, p.255).

Descrição Morfológica:

Numa primeira leitura o programa, semelhante, das duas casas sugere grande elementaridade e pragmatismo, o que geralmente é materializado numa solução de grande convencionalismo, no caso presente não só este facto não corresponde à realidade como chega a ser antagónico. (Bandeira, 2008, p.72)

As habitações são compostas por três quartos e uma única instalação sanitária (que conformam um corpo único longitudinal), um átrio de acesso, uma cozinha (que incorpora uma área de refeições diferenciada) e uma sala de jantar (de cota rebaixada em relação aos restantes espaços) estes últimos todos articulados entre si, sem obstrução compartimentativa, mas com forte autonomia compositiva.

Exteriormente, são servidas por um alpendre comum, subdividido em dois níveis, um mais elevado para estacionar o automóvel, que conforma o contacto do edifício com o acesso da parcela, destacando-se pela sua posição central e pela forte inclinação da cobertura que enfatiza a sensação de vertigem sobre a paisagem, que surge assim enquadrada por este elemento no primeiro contacto que se estabelece quando se acede ao edifício.

Materialmente, toda a fachada tardoza, de cujo alpendre não é excepção, revela grande elementaridade e despojamento. Os blocos de cimento sem revestimento, dos muros de cerramento da habitação, assim como a estrutura nua em betão armado do alpendre, onde sobressaem as vigotas e o reverso das telhas, remetem para a precariedade construtiva.

Todavia, este tipo de tratamento exterior contrasta com o interior da habitação, onde predomina o detalhe compositivo e revestimento cuidado das superfícies. Este dado conforma uma interessante atitude que já se havia observado pontualmente no refúgio de férias de Molezún e que Gallego irá retomar de forma mais extrema na Casa e atelier Ortiz, pertencente ao próximo grupo de obras analisadas.

Esta atitude acaba por conformar uma tendência crescente que, apesar do empirismo já demonstrado, nunca se conseguiu identificar nos mestres das gerações anteriores (exemplificado por exemplo nas obras citadas de Viana de Lima e De la Sota).

Geométricamente as habitações são compostas por dois corpos ortogonais lineares, alongados, de piso único, embora quebrado, aproveitando assim o declive topográfico original. A sua configuração planar em forma de L, permite a proeminência dos topos Norte de ambas as habitações, onde se situam as áreas sociais do programa, protegendo assim as fachadas da exposição aos ventos dominantes e conferindo maior privacidade aos espaços mais íntimos, que ficam assim confinado a uma espécie de reduto interno definido pelo seu próprio perímetro. Estão dispostos sequencialmente, com uma ligeira rotação de ângulo, executada justamente no

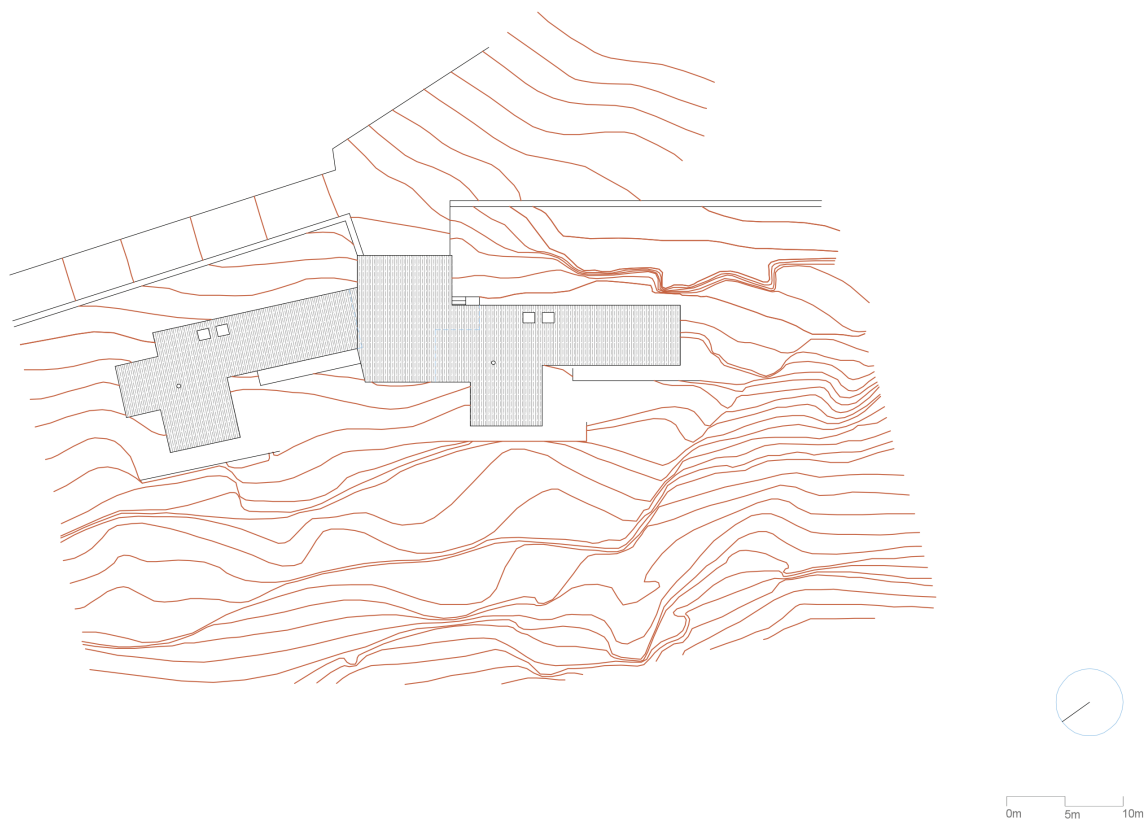


Fig. 96. Casas de Caminha: Implantação na parcela

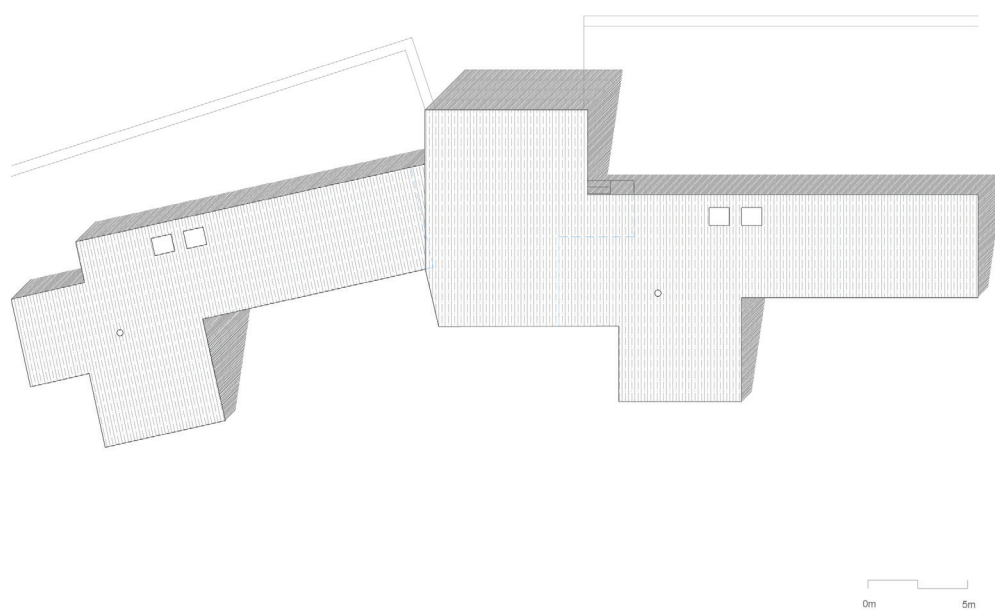


Fig. 97. Casas de Caminha: Planta de coberturas

ponto da sua articulação, o alpendre, de forma a corresponderem à topografia do terreno, com o qual estabelecem uma relação de paralelismo em relação às curvas de nível, inserindo-se como um muro de contenção de terras. Junto aos espaços interiores de cota mais baixa, recorreu-se ao nivelamento de duas plataformas independentes, conformando duas estreitas faixas ao longo de cada habitação, uma junto à sala outra junta à bateria de alcovas, permitindo assim a transição directa para o exterior a partir dos seus grandes vãos. Esta modelação no terreno, com recurso a pequenos muros de contenção, dilui-se gradualmente nas curvas de nível, revelando-se apenas na transformação geométrica do terreno, paralela ao contorno da fachada Oeste, ou na pavimentação da área junto ao vão da Sala.

Analisando a secção transversal do edifício, observando a forma como esta se articula no terreno, constata-se a importância do desnivelamento entre os pavimentos interiores e como a solução encontrada pela cobertura inclinada, de água única e contínua (ainda que recortada), acentua e tira partido desta condição, sem denunciar a sua volumetria interior.

Verificação de analogias morfológicas:

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.01	A selecção do lugar edificado a partir do coroamento de afloramentos rochosos:	■		
01.02	A implantação da edificação nos limites da propriedade:		■	
01.03	A integração das edificações habitáveis no sistema de delimitação de propriedade:	■		
01.04	A adjacência das edificações às estruturas de consolidação das plataformas altimétricas:	■		
01.05	O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo:	■		
01.06	A confrontação directa com o acesso principal:	■		
01.07	A fachada cerrada para o exterior e a fachada aberta para o interior da parcela:	■		
01.08	O enterramento parcial do piso inferior:	■		
01.09	A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos:	■		
01.10	A referência das cérceas “naturais”:	■		
01.11	O paralelismo com a topografia e o contributo para a sua interpretação geométrica:	■		
01.12	A descontinuidade volumétrica como distinção Tipológica:	■		
02.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
02.01	Piso superior – pousado, prismas alongados de secção rectangular:	■		
02.02	Piso inferior – encaixado, tendência generalizada para a redução da área do piso superior:	■		
02.03	Constituição de volumes simples estanques, sem intersecções ou interpenetração volumétricas:	■		

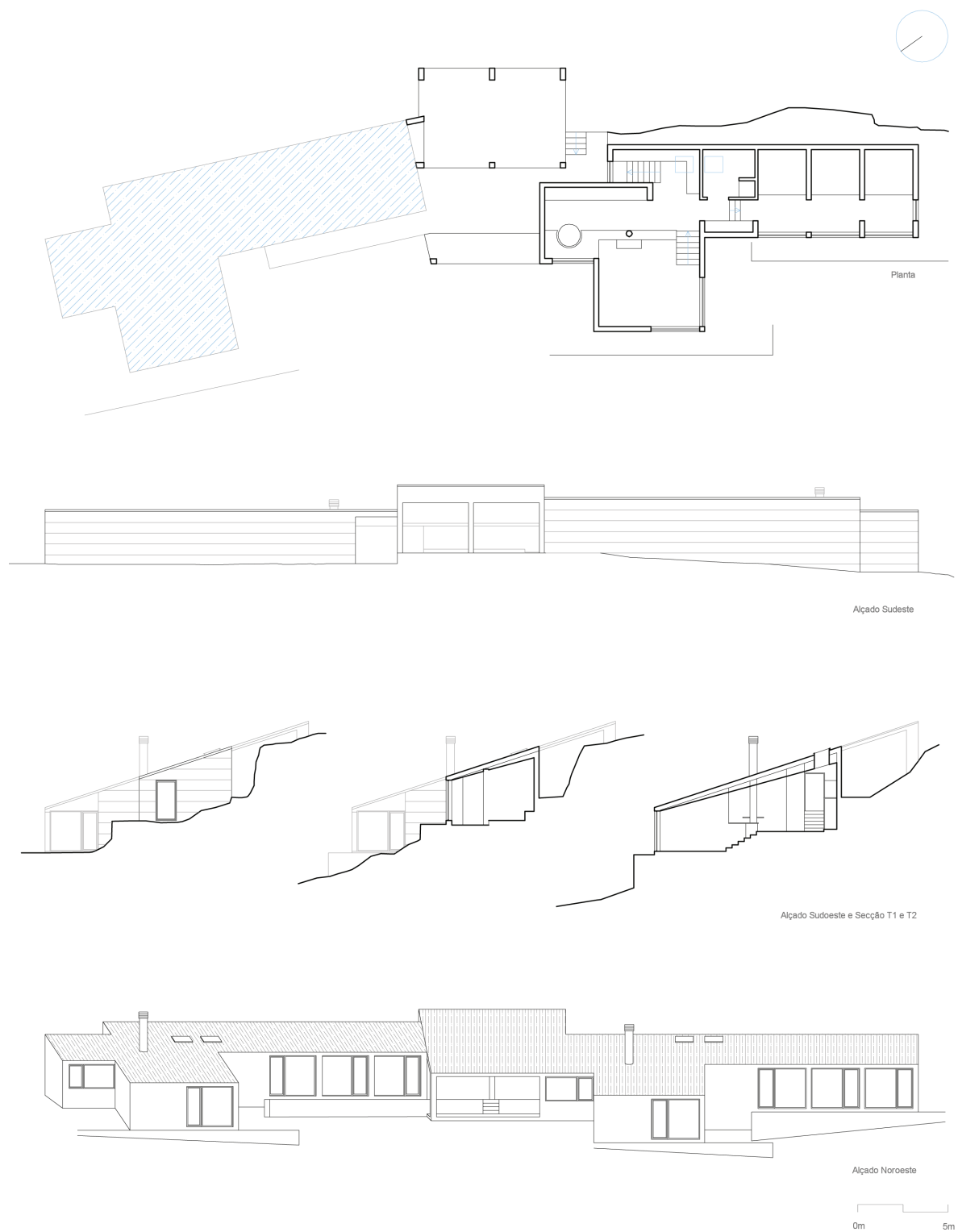


Fig. 98. Casas de Caminha: Desenhos técnicos

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
02.04	Adições adjacentes sem alinhamento recto; Fragmentação da linearidade compositiva:	■		
02.05	Altura reduzida (proporção do pé-direito reduzido):	■		
02.06	Apropriação das pré-existências edificadas:			
02.07	Edificado de materialidade Pesada versus Leve:	■		
02.08	Vãos Subtraídos/Incluídos:			■

Tabela 3. Tabela de sistematização das Invariantes Morfológicas verificadas 03

As Casas de Caminha representam um exemplo de grande afinidade com o quadro morfológico estabelecido. O cumprimento integral das premissas pode ser observado em 17 dos pontos estabelecidos.

Apenas uma característica, referente à apropriação de pré-existências, não se verifica, e esta é, como se compreende, aquela que mais depende de circunstâncias exteriores ao acto de projecto.

Das restantes invariantes, uma referente à coincidência de implantação do edifício com os limites da parcela, corresponde a um cumprimento parcial; outra referente à natureza do vãos é subvertida. O que atesta de forma evidente o elevado grau de afinidade espacial deste caso de estudo com as principais características do Legado Vernáculo considerado.

Os vãos seleccionados divergem da natureza do referente vernáculo, Fernandez recorre à abertura da totalidade da altura da fachada, em módulos quadrangulares de ritmo regular, que permitem o acesso directo ao exterior, ou ao modelo da longa janela horizontal que enquadra a área de refeições que se articula com a cozinha. Esta última é aliás uma constante nas obras analisadas e que remete naturalmente para a perpetuação da linguagem da arquitectura modernista, cuja referência não deixa de ser interessante ao espelhar a intensidade da sua influência formal, mesmo depois da sua revisão crítica.

Outro dos aspectos a ter em conta será a inexistência de uma matriz cadastral de condicionamento do emparcelamento da propriedade, isto é visível por exemplo na estruturação e evolução do presente núcleo onde a habitação se insere. A fraca qualidade do terreno determinou a não apropriação do mesmo, circunstância rara no contexto analisado como referido nos primeiros capítulos, que permitiu alguma flexibilidade na definição do lote. Esta característica ditou uma relação diferente da tradicional quer em relação aos acessos quer em relação à delimitação do terreno. Esta desafecção da estrutura cadastral, tal como havia acontecido de forma mais extrema no caso de estudo anterior, poderia ter determinado maior liberdade em relação à envolvente, inclusivamente no facto de não considerar estes elementos como estruturantes na estratégia de implantação elegida. O que se verificou em ambos os casos foi o seu reforço, o que valoriza o carácter conceptual da solução implementada.

A solução das coberturas, revestidas a telha, com uma água no sentido da pendente do terreno, contribui para o reduzido impacto volumétrico, apesar de estar implantada num sítio de tremenda sensibilidade paisagística, remetendo para a característica morfologia dos moinhos de água montanha.



Fig. 99. Vill'Alcina 2013

– *Obras de exploração conceptual: (transição 1970/1980)*

– **Obra 04- Casa e atelier Ortiz**, Ilha da Arousa, Pontevedra (1979-1982): Arq. Manolo Gallego Jorreto

“Esta casa (não sei porque a escolhes) é tão elementar que não sei se poderá ser considerada Arquitectura.” - Refere o próprio Arq. Manuel Gallego, na entrevista realizada para a presente investigação, expressando admiração pelo interesse de teor científico suscitado pela Casa e atelier Ortiz. A expressão acabou por se tornar simbólica na interpretação do seu discurso, consistente com a natureza desta obra. Manifesta também a posição intelectual do autor, afecto à complexidade e densidade dos processos críticos da arquitectura, revelando uma subtil provocação acerca das superficiais interpretações da Arquitectura e dos seus limites fenomenológicos.

A execução da casa/atelier (vivenda/estudio) para o pintor Ortiz ocorre precisamente na época de maior impulsionamento da promoção profissional da Arquitectura na Galiza. O COAG consolidava-se (como demonstram as primeiras edições do seu próprio magazine e os concursos públicos a que os seus membros atendiam) e a ETSA produzia a sua primeira promoção de diplomados. Plena de dinâmica tanto em produção como em divulgação, a actividade galega apenas pecava por se desenvolver internamente. O que em certa medida determina outra afinidade com a circunstância dos Arquitectos do Norte de Portugal. Segundo o próprio Manuel Gallego, os dois países viviam retraídos sem contactos externos, e as influências teóricas, no caso Espanhol, derivavam inevitavelmente e quase exclusivamente das tendências disseminadas desde Madrid, onde se formava a maior parte dos praticantes ou pontualmente, como se veio a verificar, de Barcelona. Será precisamente a partir da data de conclusão da respectiva obra que o contacto entre os profissionais dos dois países se irá estabelecer e perpetuar. Apesar da proximidade (física e cultural), a produção arquitectónica contemporânea, da geração em que se enquadra, não terá sido afectada por contributos recíprocos. Apesar de todas as afinidades que se possam argumentar, o contacto entre as duas culturas arquitectónica precipitou-se como uma “descoberta” mútua. O que significa que as primeiras obras de Manuel Gallego, nas quais esta obra se incorpora, não registam qualquer tipo de influência portuguesa na sua componente ideologia e/ou formal.

O contacto, que acabou por se tornar intenso, ocorreu posteriormente, e na sua maior parte através de eventos culturais como conferências e palestras de convite mútuo. Deste convívio assíduo viria a resultar uma admiração e interesse pela Obra individual dos autores das respectivas gerações. Serão porventura os trabalhos de Sérgio Fernández, Alexandre Alves Costa e Nuno Portas aqueles que, juntamente com o inevitável Siza, encontrariam maior receptibilidade crítica.

A casa Ortiz, que consiste basicamente num refúgio de férias, para um artista que reside em Madrid, deveria ser prática e simples, em termos programáticos e em termos construtivos.

A ilha da Arousa, era ainda um território praticamente virgem, tirando obviamente o restrito núcleo piscatório situado a Norte. O isolamento da costa oeste e da extremidade sul era auxiliado pela dificuldade de aproveitamento agrícola da sua cota baixa e da sua altimetria plana, atreita às águas salgadas das marés altas e à acção dos ventos dominantes. As poucas construções existentes nas imediações resumiam-se a precários abrigos de pescadores de carácter temporário, a inexistência dos habituais valados e muros de vedação confirmavam a pobreza do solo.

A decisão de construir num lugar tão isolado e inóspito pressupunha uma atitude marginal, que, tal como se verá adiante, começava a grassar numa Galiza onde o acesso à propriedade e à habitação se ía banalizando.

À marginalidade da escolha do local correspondia o romantismo do programa solicitado, que

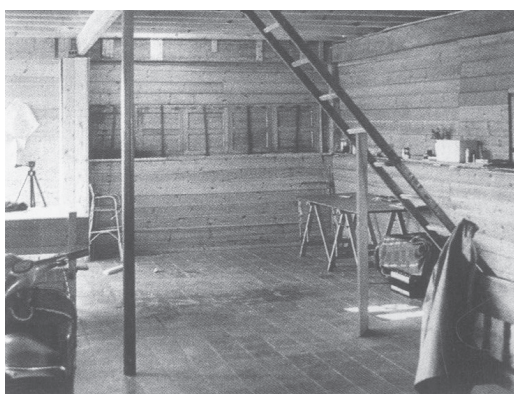
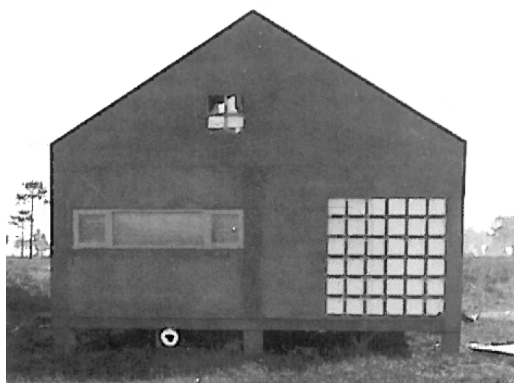


Fig. 101. Casa Ortiz (estado original)

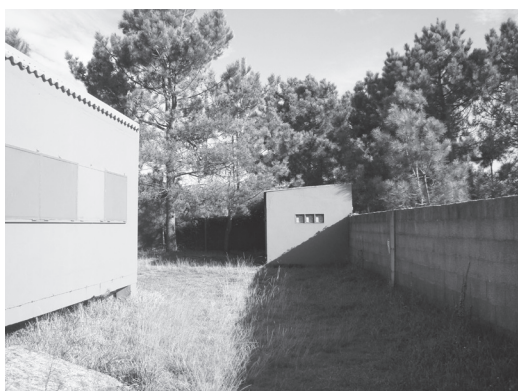


Fig. 100. Casa Ortiz (estado actual)

quase roçava o eremitismo, um local onde um pintor, Enrique Ortiz, pudesse dedicar-se à pintura preservado das interferências do quotidiano em comunhão com a Natureza.

O projecto, como de seguida se descreve, deveria adequar-se a um orçamento baixíssimo, mas, o seu maior condicionamento apriorístico seria ultrapassar os constrangimentos do processo construtivo, num local onde todo o material empregue deveria ser transportado de barco para a ilha, uma vez que a ponte de ligação à costa continental ainda não existia, e a mão-de-obra especializada era inexistente.

Implantação:

A casa localiza-se no costa ocidental da Ilha, junto à praia do Espiñeiro, longe do seu núcleo populacional, no que conformava outrora uma área sem construção alguma.

O terreno é suavemente inclinado no sentido da costa, pontuado por áreas de pinheiros bravos e mato raso contínuo, que desaparece de forma drástica nas rochas periféricas que antecedem pequenas e estreitas franjas de areal.

A casa está implantada de forma perpendicular à linha de costa, para onde um dos seus topos de abre às vistas.

O terreno apesar de sugerir o típico emparcelamento consequente da estruturação territorial em Agra, não apresentava, à data do projecto, resquícios de apropriação agrícola. A parcela localizada numa cota rebaixada, atreita à acção das marés mais altas, apenas contabiliza alguns pinheiros dispersos numa área dominada pelo inconstante mato ralo. A observação da planta cadastral actual demonstra claramente que a respectiva orla costeira constituía a área de exploração agrícola menos desejada da ilha. O incremento da estruturação em Agras das zonas que se desenvolvem a nascente, assim como o traçado das comunicações, cuja conectividade também aumenta neste sentido, demonstra claramente a marginalidade atribuída à área de Punta Arruda antes da recente pressão residencial. Curiosamente a Casa Ortiz não está, nem nunca esteve, articulada com nenhuma via de circulação, sendo que o acesso principal é realizado por um único e ténue caminho pedonal praticamente no limite da faixa do estreito areal circundante.

O projecto tem como pressuposto estruturante a resolução do dilema da delimitação da sua própria parcela, num território que não exhibia fragmentação cadastral. A propriedade privada tinha de ser estabelecida e a intenção de a estender até à linha de margem, incorporando uma estreita franja de areal, colocava-a num plano de intervenção delicado. Após leitura do contexto o Arquitecto estabeleceu como objectivo que a intervenção deveria assumir o mínimo constrangimento paisagístico possível (na dupla dimensão de impacto e usufruto). A solução encontrada adoptou a conjugação de dois sistemas de cerramento distintos, um, tal como na Casa de Corrubedo (construída entre 1970 e 1972), articula-se com o volume habitacional que, juntamente com este, caracteriza uma série de áreas exteriores relacionadas à complementaridade do programa habitacional (em que a necessidade de privacidade assume protagonismo), e outro que, de forma indicativa, estabelece abstractamente o conceito de limite, sem subtrair sensorialmente a área delimitada à sua envolvente.¹ Uma necessidade que a paisagem reclamava, pelo que a parcela não se deveria impor de forma drástica na envolvente, nem a sua delimitação interromper o usufruto desimpedido das vistas. A solução encontrada é uma subversão do tendência de delimitação cadastral do território rural consolidado. Correspondente às caracterizações identificadas nas soluções espaciais próprias do Legado Vernáculo. Ao invés de reforçar a altimetria do terreno, através da acentuação das suas curvas de nível, a delimitação do lote contraria-a, sobrepondo-se perpendicularmente a esta e evitando coincidências de remate com a topografia. Ou seja, neste

1) Demonstrando uma solução mais aproximada do que sucede na Casa de O Carballo (1977-1980), em Oleiros, contemporânea da Casa Ortiz.

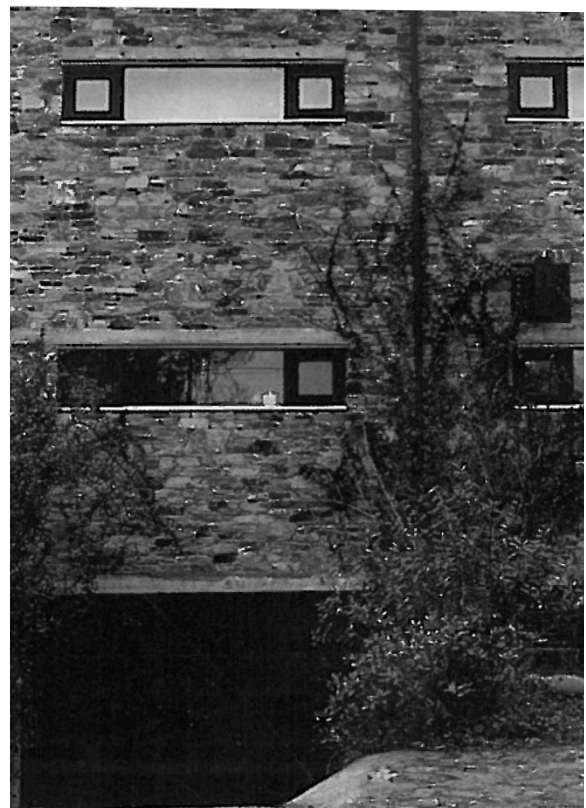
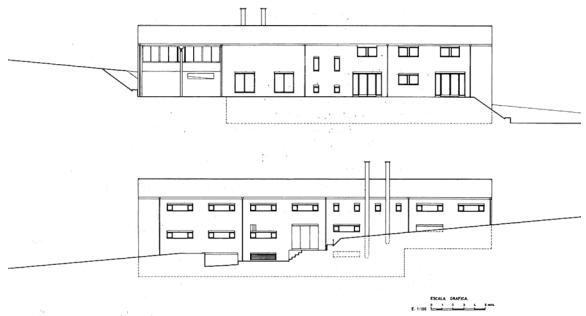


Fig. 102. Casa Gallego, Oleiros (1977-1980)

caso a solução espacial de implantação remete para a ideia abstracta de limite, ao contrario do habitual no património vernáculo onde o seu limite físico é inclusivamente reforçado.

A parcela conforma-se assim ortogonalmente, em forma de rectângulo regular alongado, dividido em dois redutos diferenciados, também eles rectangulares, a partir do alinhamento de implantação do volume da habitação.

Descrição morfológica:

O edifício da Casa Ortiz apresenta uma grande elementaridade geométrica, volumetricamente corresponde a um prisma rectangular regular alongado, articulado na sua face superior com outro de base triangular, formando dois topos planos únicos, remetendo para a imagem icónica da pequena casa de duas águas.

A sua base encontra-se ligeiramente elevada do solo (cerca de 35cm), por pequenos pilares alinhados com a estrutura, a sua proporção parece reforçar o peso do edifício ao invés de indicar a sua leveza. Trata-se sobretudo de uma opção técnica, de forma evitar o alagamento do campo, sem grande repercussão a nível morfológico (Gallego em Entrevista, 2012).

Este destaque do solo encontra-se reforçado pelas pequenas rampas de betão que, alinhadas com as duas portas de acesso, resistem ao toque directo no edifício. O Volume maciço surge assim centrado, disposto longitudinalmente, na totalidade parcela, intersectando o seu limite interior, que corresponde ao seu primeiro perímetro murado (e aquele de maior expressão). Volumetricamente esta intersecção lê-se como um rompimento, destacando a casa como o momento de transgressão do sistema geométrico. Este primeiro limite murado ganha especial



Fig. 103. Casa Ortiz: Enquadramento cadastral e topográfico

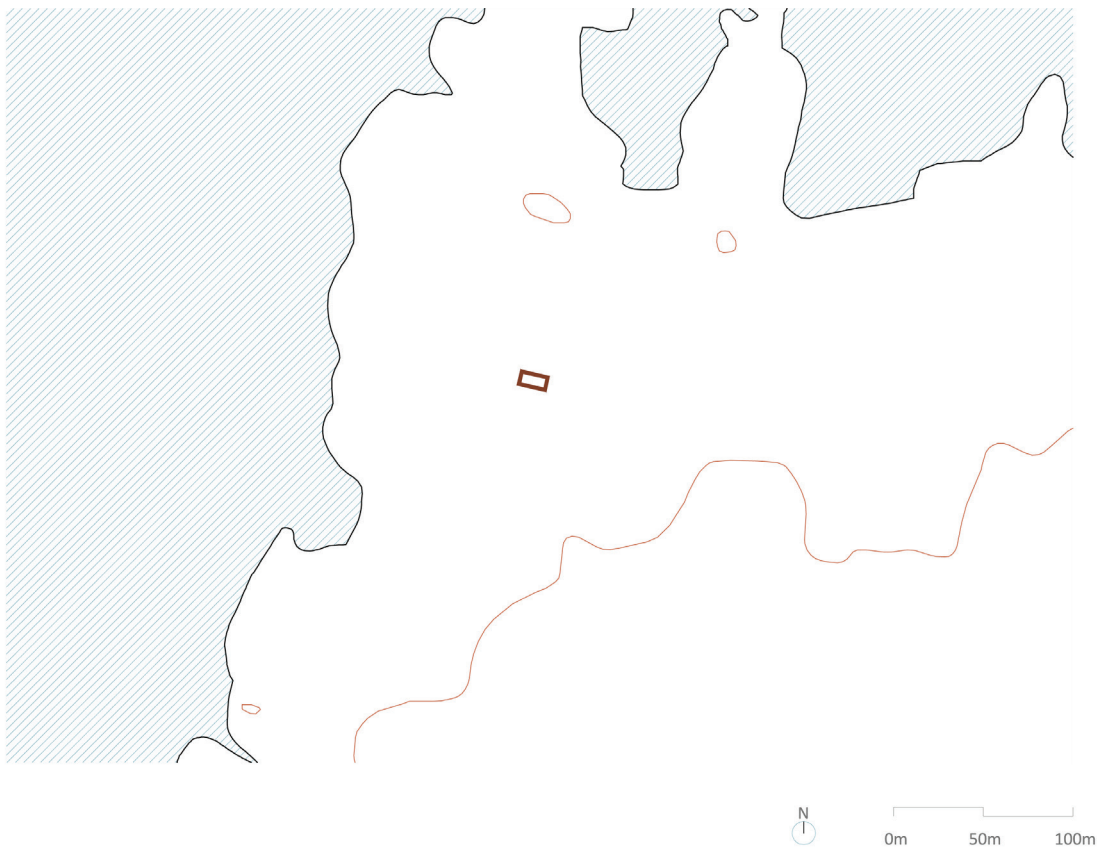


Fig. 104. Casa Ortiz: Enquadramento topográfico



Fig. 105. Casa Ortiz: Enquadramento cadastral

importância na medida em que estabelece relação directa com a regra geométrica do edifício construído, em proporção e alinhamento, mas, também na expressão edificada que este adquire ao transformar-se no elemento estruturante dos eventuais anexos construídos que envolvem o edifício principal, reforçando ainda mais a sua condição perimetral. Esta solução constitui um claro exemplo onde os princípios morfológicos vernáculos se encontram aplicados de modo subtil, contornando a referencia imediata.

Tal como no exemplo da sua casa de férias em Corrubedo o muro formalmente destacado do edifício, não só é parte integrante do mesmo como uma condição imprescindível da solução desenvolvida. São complementos indissociáveis mesmo sem continuidade física.

Esta relação estende-se inclusivamente a nível de organização interior da habitação, na estruturação geométrica e na sua composição modular, correspondendo à sua compartimentação espacial, e com reflexo muito coerente no seu programa funcional. O programa habitacional, de grande elementaridade, está assim contido, com simbolismo especulativo, dentro do seu perímetro murado mais resguardado.

Uma cozinha, separada por um corredor de uma pequeno quarto e de uma única instalação sanitária, constitui a componente mais resguardada, integrada na compartimentação modular da extremidade Este da habitação, com acesso directo à parte tardoz da parcela. A compartimentação modular intermédia, que constitui a área social da habitação, é configurada como um espaço amplo, que ocupa o módulo de fachada a fachada, com acesso lateral directo ao exterior, superiormente é completado por dois mezaninos que se estabelecem nos tectos das compartimentações anexas das extremidades. Por baixo do mezanino da extremidade Este, cuja projecção corresponde à área mais resguardada da habitação, localiza-se o quarto, a instalação sanitária e a cozinha. Apenas o quarto e a instalação sanitária correspondem a compartimentos estanques, a cozinha, separada destes espaços por um corredor, encontra-se aberta. Todos os espaços descritos são exíguos. A eixo deste pequeno conjunto, surge um segundo acesso directo ao exterior, estabelecendo a comunicação da habitação com o logradouro murado.

O módulo localizado na extremidade Oeste, o tal que corresponde ao elemento proeminente do primeiro perímetro murado, alberga o espaço de trabalho que, embora não se encontre fisicamente separado, está objectivamente diferenciado da área social. Mesmo sendo um espaço único também apresenta heterogeneidade arquitectónica, sobretudo pelas distintas relações que estabelece com o exterior.

Outra relação interessante que o edifício estabelece com a envolvente imediata é o alinhamento existente com a ramada projectada (não executada) indicada nos desenhos de projecto e com grande expressão nos esboços. Uma vez mais o edifício estabelece uma relação de continuidade com o arranjo exterior da parcela, constituindo um reforço de integração do volume autónomo principal na lógica da apropriação do lugar.

A Ramada executada, com peças de betão pré-fabricadas alinhadas com o eixo longitudinal da habitação, estabelecerá um coberto vegetal da entrada tardoz, constituindo-se como mais um dos redutos diferenciados dentro dos sistemas unitários, a que Gallego recorre frequentemente nos seus trabalhos.

Para Miguel Angel Baldellou (1992, p.10-11) uma das características essenciais do trabalho de Gallego é a relação que o edifício estabelece com o lugar e, sobretudo, com a sua percepção, nas suas múltiplas componentes.

A generalidade dos seus trabalhos, de que a casa da Ilha da Arousa não é excepção, remete para o condicionamento do projecto a uma meso-escala, onde as relações materiais e culturais da obra extravasam habitualmente os limites da propriedade. Esta abordagem (ou estratégia) em

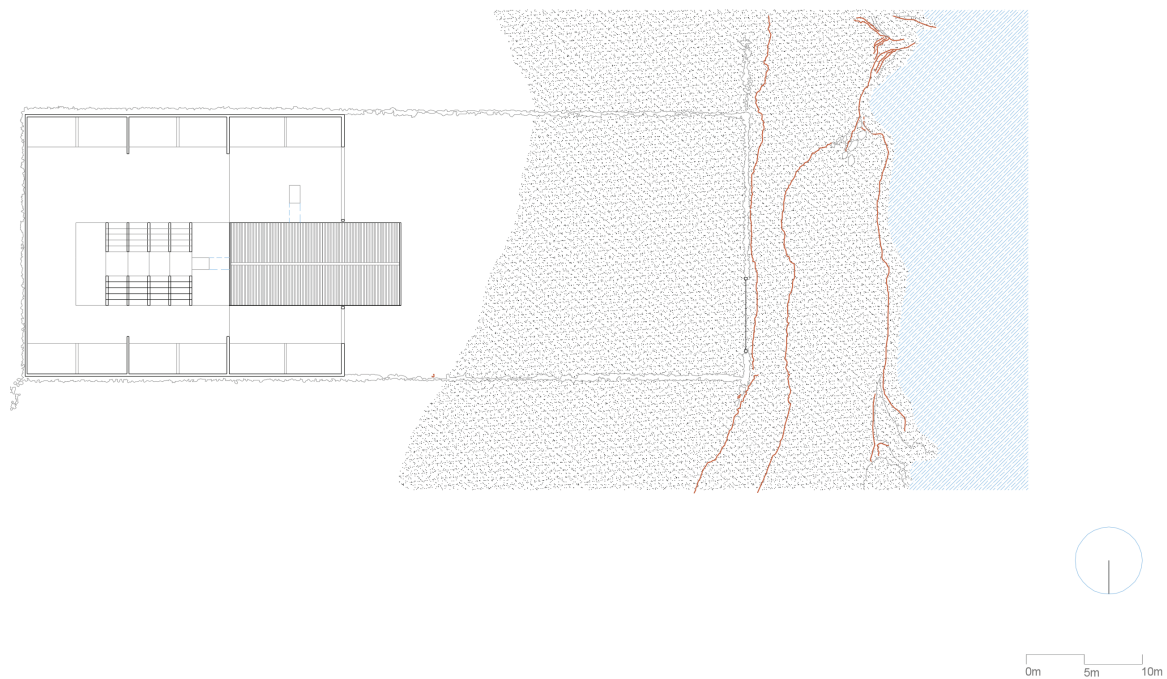


Fig. 106. Casa Ortiz: Implantação na parcela

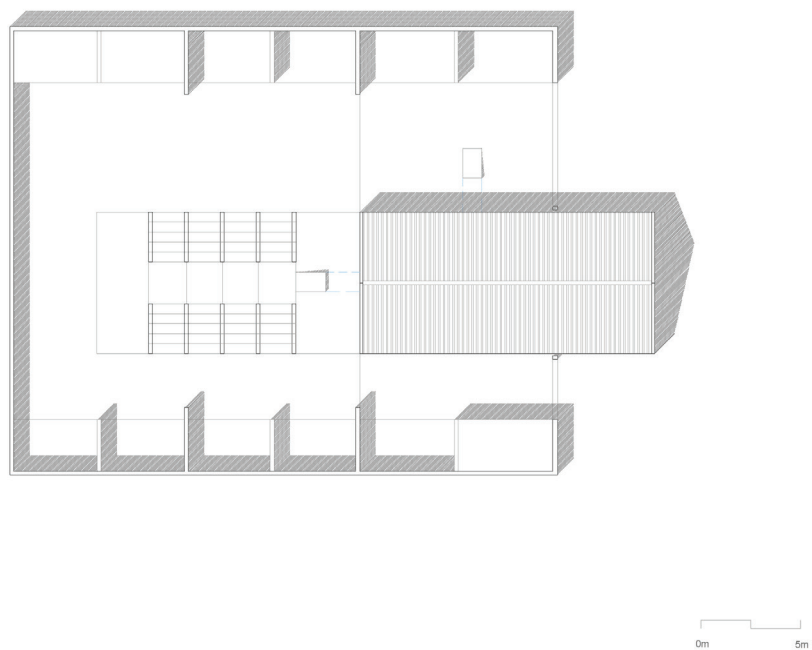


Fig. 107. Casa Ortiz: Planta de coberturas

muito contribui para a consolidação territorial das suas intervenções, seja em contexto urbano ou rural, em implantações isoladas ou agregadas. Para o próprio Gallego este factor deve-se sobretudo à forma como entende que a construção interage com o lugar, sendo que qualquer obra o modifica, sem contemplações, por mais modesto ou discreto que seja o gesto humano no território. Para Gallego assumir esta alteração permite desde logo compreender o efeito potenciador da arquitectura na qualificação da paisagem. A obra é uma charneira (cronológica e espacial) entre dois lugares diferentes, com valores específicos antes e valores específicos depois da sua execução. Desta forma Gallego não acredita na perpetuação da identidade das realidades onde intervém. Uma opinião que aparentemente pode parecer polémica para a maior parte dos autores que retratam as características da Arquitectura Vernácula (desligada do fenómeno do processo de projecto). Embora não possa perpetuar a realidade onde se insere o projecto não tem porque a contrariar ou destruir, se não o pode valorizar pelo menos deveria estabelecer um equilíbrio no novo contexto: “Pode parecer demasiado simples, mas, já o tenho dito varias vezes: um edifício tem de se sentir cómodo no seu entorno, a Arquitectura (seja ela Erudita ou Popular) tem de se sentir bem”.²

O Interior da habitação expressa a utilização de uma grelha modular ortogonal, o que se deve essencialmente a uma forma de otimizar as componentes construtivas pré-fabricadas e de simplificar a sua colocação.

Grelha aliás que extravasa para os anexos periféricos exteriores, buscando uma lógica articulada de organização espacial que se estende ao exterior do logradouro murado.

Contrastando com a uniformidade e monotonia da geometria do edifício, Gallego utiliza três tipos distintos de vãos de janela, com dimensão e alinhamento determinado pelo ambiente interior pretendido.

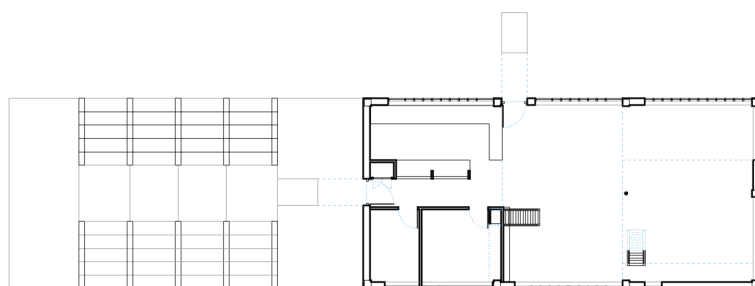
Os vãos são de grande elementares e de desenho ortogonal. O primeiro tipo, o mais utilizado, corresponde a um rasgo horizontal, de caixilharia fixa no centro e duas folhas quadrangulares, obturáveis, nos extremos. Uma configuração a que Gallego recorre frequentemente na sua residência em Oleiros, nomeadamente na fachada longitudinal Este.

Na parte superior dos topos, que correspondem internamente aos dois mezaninos, surgem dois pequenos vãos quadrangulares, de caixilharia cruzada, remanescentes da iconografia tradicional rural. No entanto a sua posição surge desalinhada com o eixo da fachada, contrariando a imediatez do seu referente vernáculo.

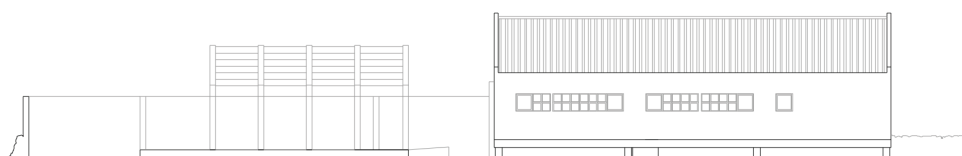
Finalmente a ultima tipologia de vãos é composta por dois grandes painéis envidraçados, também eles de forma quadrangular, dispostos perpendicularmente no cunhal Sudoeste da habitação orientado ao mar. Estes vãos de grande dimensão, que rasgam a fachada desde o pé-direito determinado pelos mezaninos até ao pavimento, correspondem à oficina do atelier.

A composição geral dos vãos é assumidamente assimétrica contrariando assim a regularidade geométrica das fachadas e imprimindo dinamismo ao conjunto arquitectónico.

.....
2) Entrevista a Manolo Gallego Jorreto, A Coruña, Setembro de 2012. (24-09-2012)



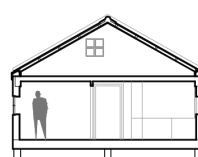
Planta



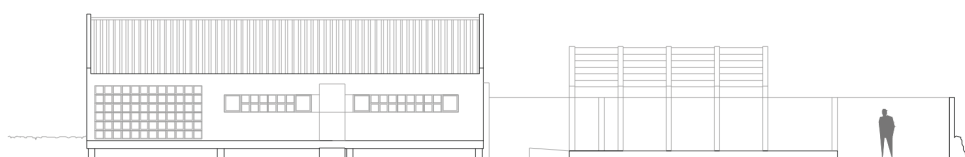
Alçado N



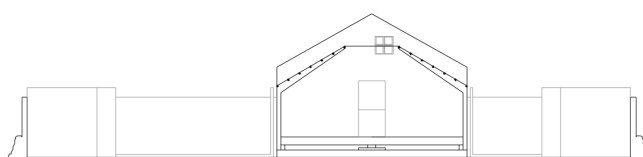
Alçado O



Secção T01



Alçado S



Alçado E



Secção T02



Fig. 108. Casa Ortiz: Desenhos técnicos

Análise das Invariantes Morfológicas do Legado Vernáculo:

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.01	A selecção do lugar edificado a partir do coroamento de afloramentos rochosos:			
01.02	A implantação da edificação nos limites da propriedade:			■
01.03	A integração das edificações habitáveis no sistema de delimitação de propriedade:			■
01.04	A adjacência das edificações às estruturas de consolidação das plataformas altimétricas:			
01.05	O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo:	■		
01.06	A confrontação directa com o acesso principal:			■
01.07	A fachada cerrada para o exterior e a fachada aberta para o interior da parcela:			■
01.08	O enterramento parcial do piso inferior:			
01.09	A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos:			
01.10	A referência das cérceas “naturais”:			■
01.11	O paralelismo com a topografia e o contributo para a sua interpretação geométrica:			■
01.12	A descontinuidade volumétrica como distinção Tipológica:			■
02.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
02.01	Piso superior – pousado, prismas alongados de secção rectangular:	■		
02.02	Piso inferior – encaixado, tendência generalizada para a redução da área do piso superior:			■
02.03	Constituição de volumes simples estanques, sem intersecções ou interpenetração volumétricas:	■		
02.04	Adições adjacentes sem alinhamento recto; Fragmentação da linearidade compositiva:			■
02.05	Altura reduzida (proporção do pé-direito reduzido):			■
02.06	Apropriação das pré-existências edificadas:			
02.07	Edificado de materialidade Pesada versus Leve:	■		
02.08	Vãos Subtraídos/Incluídos:		■	

Tabela 4. Tabela de sistematização das Invariantes Morfológicas verificadas 04

A vivenda na Ilha da Arosa apresenta correspondência a 15 das características identificadas como invariantes na Arquitectura Vernácula da *região analisada*. Apenas 4 se verificam na totalidade:

- O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo;

- O piso superior pousado, prismas alongados de secção rectangular;
- Constituição de volumes simples e estanques sem intersecções ou interpenetrações;
- Edificado de materialidade pesada versus Leve;

Apenas uma característica é parcialmente observada:

- Vãos Subtraídos/incluídos; Neste caso a regra é ambígua uma vez que a natureza dos vãos é bastante diversificada. Pontualmente alguns pequenos vãos subtraídos de forma assimétrica, embora tenham bastante protagonismo, como por exemplo os vãos superiores que surgem nos dois topos do volume e que gozam de significativo protagonismo. Na linha inferior algumas janelas horizontais, de espaçamento irregular, são remanescentes do pragmatismo moderno reforçando a linearidade do corpo. Dois grandes envidraçados desmaterializam o ângulo sudoeste da construção, reforçando a relação privilegiada desta com o seu contexto natural.

Finalmente, metade das propriedades enumeradas, 10 são retractadas de forma subversiva, o que atesta bem a abordagem do autor ao respectivo referente. A maior parte destas contrariam as propriedades que se aplicam ao reforço da relação desta com o território. A sua subversão espelha bem a reflexão imposta pela singularidade do lugar de implantação e a sensibilidade para com a sua paisagem natural. A casa não pretende qualquer osmose com a envolvente, ela assume a sua transgressão, reforça a sua condição marginal e temporária. Como uma cabana ou um abrigo que não aspira jamais do que ser elementar.

Cabe no entanto assinalar que esta atitude, tem o seu reverso no tratamento interior da habitação. Revelando no revestimento contínuo de madeira, uma atenção ao detalhe e ao conforto de utilização, cujo pragmatismo construtivo do exterior não manifesta.

Outra característica interessante desta obra é a dinâmica inter-espacial interna e o desfasamento geométrico existente entre a lógica da composição interior e o envelope exterior do edifício. Algo que, como se verá na comparação com as restantes obras deste grupo, é bastante característico na procura da diluição da grelha geométrica que estabelece o programa funcional, mas, cuja estratégia diverge substancialmente de acordo com a linguagem específica do seu Autor.

Este desencontro entre o núcleo interior e a sua epiderme é algo singular na Obra de Gallego, que depende de uma grande diversidade de factores, onde não se identifica regras específicas, mas, onde se podem encontrar algumas compatibilidades em determinadas soluções. O referido desalinhamento da compartimentação interior em relação ao eixo da composição volumétrica é um dos seus traços mais característicos, como se observa por exemplo na relação dos seus mezaninos, seja na Casa de Corrubedo, na Casa de Oleiros ou no presente caso de estudo.

Outro denominador comum é a fenestração irregular da fachada, assumindo uma lógica compositiva complexa, articulada de forma tensa, sem recorrer a ritmos regulares ou disposições simétricas, privilegiando assim a relação com o exterior estabelecida a partir da qualificação do espaço interno.

Apesar de referir que as soluções dos seus projectos não foram baseadas conscientemente nas características do Património Vernáculo, Gallego não tem pudores em reconhecer-lhes algumas “coincidências”, embora alerte liminarmente que se trata de um facto que nunca lhe interessou explorar objectivamente, com receio de que a

sua identificação lhe condicione os projectos futuros: “repara, no processo criativo a maior parte das soluções (e das suas relações) são elegidas de forma involuntária, quando estas são executadas de forma consciente, o teu raciocínio fará uma recusa

imediate das mesmas e deixarás de as integrar no teu processo de projecto”.³

No final da entrevista, ao ser convidado a comentar o refúgio “La Roiba”, de Ramón Vázquez Molezún, teceu-lhe elogios (sobretudo na forma como se estabelece na costa e como potencia a experiência habitacional, através de uma reflexão programática), fez um pequena pausa e comentou: -“Agora sim, já entendi o que buscas”.

3) Entrevista a Manolo Gallego Jorreto, A Coruña, Setembro de 2012. (24-09-2012)

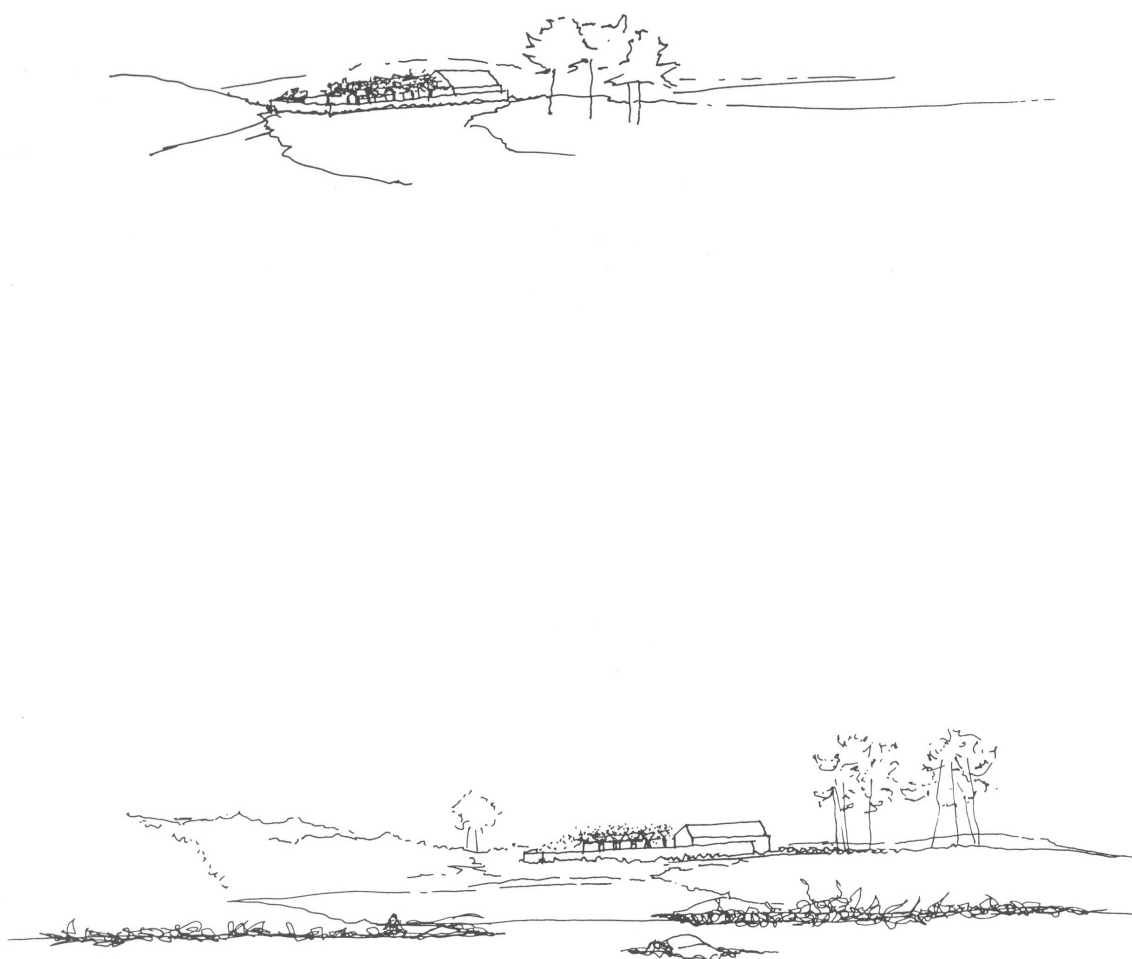


Fig. 109. Casa Ortiz: Esboços de enquadramento na paisagem



Fig. 110. Casa e Atelier Ortiz 2012

– **Obra 05- Casa Canosa**, Moaña (1980-1982): Manuel Andrés-Reboredo Santos.

No início da década de 80, surge um fenómeno no contexto galego que se reveste de particular interesse para a presente investigação, na medida em que se desenvolvem vários projectos que pretendem explorar a prossecução de um modelo de habitação específico para o seu território rural.

O foco de interesse centra-se agora na própria população das áreas rurais e no modo de combater o desequilíbrio da evolução existente nas periferias e das áreas de veraneio. Até então o cliente-tipo da habitação apresentava um nível cultural considerável, com razoável sensibilidade para a preservação da identidade tradicional das paisagens e das agregados de carácter rural onde se localizavam as suas encomendas. Muitas vezes era precisamente esse carácter que determinava a vontade de se instalarem, de forma temporária ou permanente, nesses lugares. (Alves Costa, 1993).

Com a transição de regime e com as consequentes reformas administrativas, assiste-se a uma mudança de paradigma habitacional com fortes repercussões a nível sócio-económico. A pressão exercida pela população, na sua grande maioria de escassos recursos, sobre um território em ajuste de regulamentação e desprovido de estruturas e mecanismos de controlo urbano sólidos, levou ao incremento exponencial da auto-construção ou da edificação subversiva (ao nível do processo construtivo e do próprio projecto). O cepticismo determinado pela circunstância originou uma reacção operativa junto dos organismos competentes, e colheu simultaneamente razoável receptibilidade por parte da classe profissional dos Arquitectos, que via na definição concertada de estratégias urbanas e na criação de modelos pré-estabelecidos, convenientemente adaptados à realidade financeira das entidades públicas e dos habitantes da Galiza, a melhor forma de combater a desqualificação arquitectónica que se assistia.

O surto construtivo que se seguiu foi inevitável, especialmente junto dos focos urbanos onde a indústria e o comércio asseguravam maior empregabilidade. Logicamente o fenómeno massivo da emigração não poderá deixar de ser associado a este processo (outro traço de impressionante paralelismo entre as respectivas comunidades), sendo responsável por alterações impressionantes no retractor territorial, cujo impacto se acentua precisamente a partir da década de 80, quer nas dinâmicas sociais, quer na sua transformação física. (García, 2005)

Imediatamente além dos anéis urbanos dos centros mais dinâmicos (onde a habitação colectiva, o edifício de serviços, os equipamentos e a indústria, ainda que com os conflitos patentes, apresentavam alguma diversidade arquitectónica) e sobretudo no resto do território, longe da administração e dos ateliers, o modelo da habitação unifamiliar isolada, executado em regime de auto-construção e sem planeamento operativo, constituía-se como reflexo oficial do novo habitat construído galego.

Agravando esta situação o mercado construtivo demonstrava um grande desfasamento da procura existente, quer em termos quantitativos quer em termos qualitativos. Quando a produção parecia conseguir atingir níveis minimamente eficientes, a implementação do processo no terreno esbarrava inevitavelmente nas condições dos meios de transporte ou na qualificação da mão-de-obra existente. Todos os casos analisados neste grupo cronológico, inclusivamente as obras referentes, tiveram neste factor um dos seus principais condicionantes. Todos, sem excepção, exibem na sua concepção projectual notável esforço na superação deste problema. Sendo que o caso da Casa Ortiz apresenta o exemplo mais extremo (todos os componentes foram transportados de barça), enfatizado naturalmente pela sua condição geográfica insular, os restantes não se afiguraram de forma menos problemática.

Um dos primeiros exemplos desta tendência é a Casa Carrera (1977-1979), em Armenteira, da

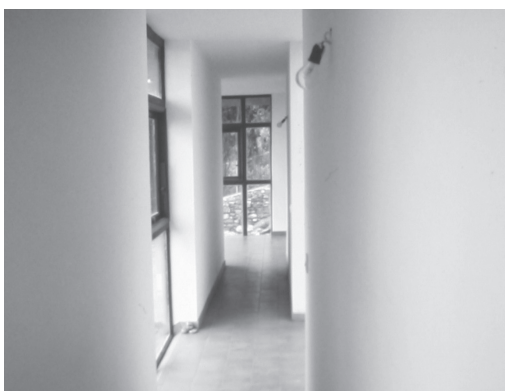
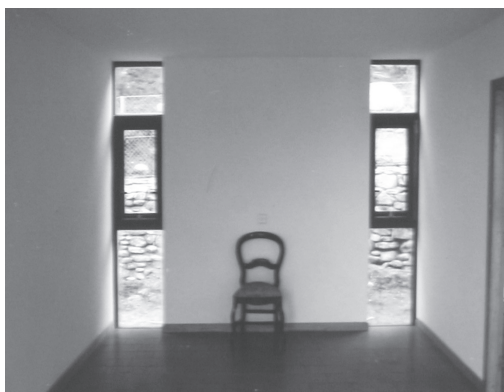


Fig. 111. Casa Canosa, Moaña (estado original)

autoria de César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena. Apesar de menos conhecida que a Casa Arturo Estevez, à qual geralmente se atribui maior relevância dado a sua maior divulgação, o Projecto da Casa Carrera, cronologicamente registado dois anos antes, já exibia o mesmo princípio construtivo. A casa teve a particularidade de se destinar a um aparejador seu colaborador, pelo que a sua essência empírica acabou por se tornar o principal foco do projecto, aliado, claro ao objectivo de um observa-se que a Incorporação da Tecnologia e dos materiais Industriais nos projectos habitacionais constitui uma das principais premissas dos autores associados a esta faixa cronológica. Se a execução de equipamentos de grande superfície ainda admitia uma certa liberdade e experimentação formal, determinadas escalas ou contextos (como as casas consistoriais de Portela e Michelena) demonstravam menor capacidade de integração das lógicas deste género de solução.

As obras seleccionadas demonstram uma preocupação de integração destas lógicas para um contexto de transição, onde a integração na envolvente e a apropriação cultural pudessem funcionar como ferramentas integradoras.

A Casa Canosa pode ser interpretada como um dos primeiros exemplos críticos que antecede este exercício de reflexão, que alguns arquitectos galegos se vão reportar ao longo da referida década. Constitui precisamente um projecto de carácter experimental que pretende estabelecer uma síntese entre a articulação de um programa actual e a identidade formal do meio, onde o referente vernáculo predominava, e segundo a tendência desenvolvida, deveria ser valorizado.

Os projectos de Gallego, Portela e Michelena revestem-se de especial pertinência por se situarem precisamente neste transição. Esforçam-se por acomodar soluções industriais integrais, como componentes pré-fabricadas, aceitando, assumindo e tirando partido das suas repercussões formais. Esta característica é evidente por exemplo nas soluções das coberturas que Gallego Jorreto desenvolve, nas quais a sua própria residência (1977-1980), localizada em O Carballo, Oleiros. A solução com recurso a painéis com isolamento incorporado, assumem a geometria iconográfica da casa de duas águas, e revelam-se importantes componentes na própria atmosfera interior, articulando-se sem máscaras ou eufemismos com os elementos e materiais tradicionais através do desenho integrado das várias soluções¹. Curiosamente também neste caso, apesar da sua intensa articulação com o terreno, o projecto apresenta maior autonomia face à parcela e claro aos seus elementos de vedação. O muro da parcela,² enquanto elemento participante na qualificação dos “redutos” tal como o próprio gosta de caracterizar, abandona a expressão que exhibe na Casa Ortiz e definitivamente a intensidade da sua Casa de férias de Corrubedo (1970-1972).

Outro dos conceitos de habitual recurso dos autores neste contexto será o da Repetição de soluções, o qual deriva inclusivamente na estabilização de modelos de projecto que possam ser reproduzidos com recurso apenas a alterações pontuais. No caso concreto enquanto Andrés-Reboredo (através da sua proposta para o Concurso para modelos de habitações rurais) e Portela e Michelena defendem esta alternativa, Gallego distancia-se significativamente na medida em que toda a sua produção arquitectónica é marcada por uma grande singularidade (o que tal como sucede com Siza não que dizer que invalide a unidade linguística da sua Obra).

A Repetição dentro do desenho do projecto é no entanto uma constante transversal, produzindo um retorno à racionalidade da planta e claro das grelhas geométricas ortogonais de conotação à matriz moderna, deformadas ou abandonadas no período de antecedentes de ruptura onde, como se registou anteriormente, Siza foi de facto pioneiro.

.....
1) Algo que embora muito distinto sob a análise formal, se aproxima tremendamente da atitude conceptual de Eduardo Souto Moura, tal como se observa na recuperação da ruína do Gerês.

2) Cujo papel estruturante tinha sido tão característico no grupo de Obras de desenvolvimento formal.

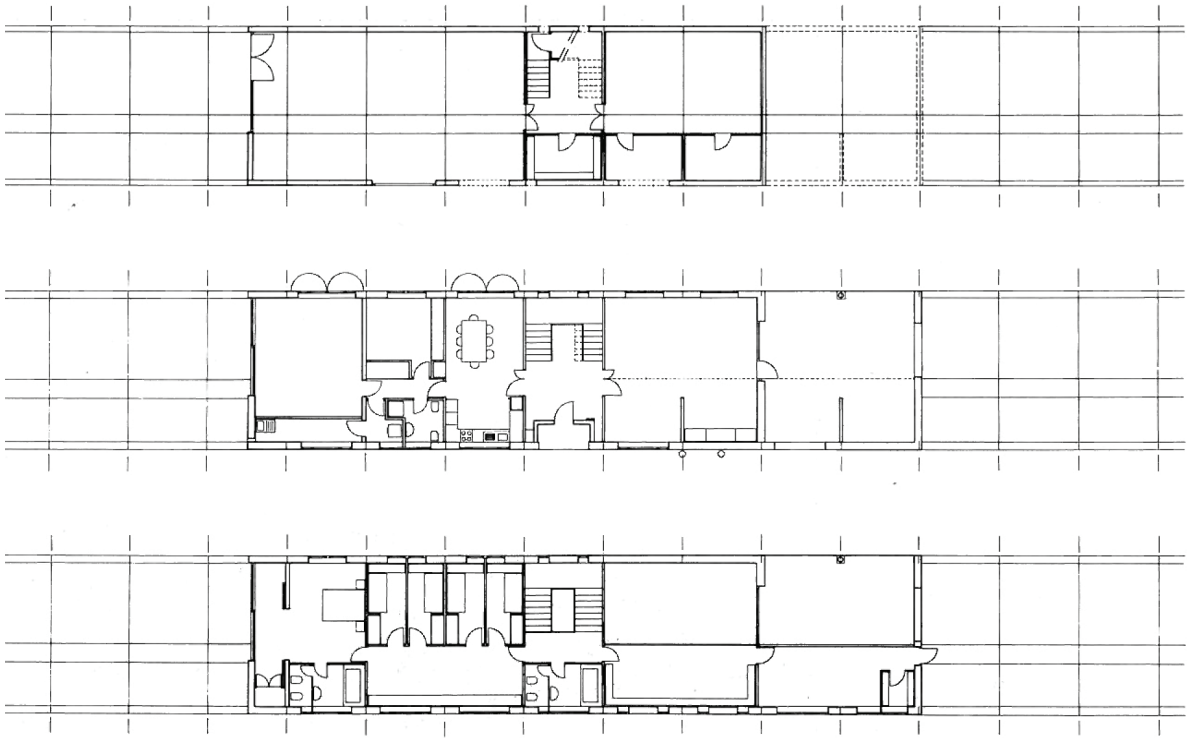


Fig. 112. Casa Gallego, Oleiros: Plantas e sua grelha geométrica base



Fig. 113. Casa Gallego, Abertura dos topos contrariando a simetria axial do volume

Estas grelhas, apresentavam-se geralmente sobre o eixo longitudinal do edifício, cuja tendência continuava a apontar para uma solução prismática, estreita e alongada. Apesar de evidentes, sobretudo nas componentes construtivas, alguns autores esforçavam-se por dissolvê-las na dinâmica inter-espacial onde uma profusão de intersecções e transições se abriam à multiplicidade de usos ou à transição entre compartimentos. Se as plantas acabavam por evidenciar essa rigidez a complexidade geométrica dos volumes ou a diversidade dos alçados contrariava essa estaticidade. Exemplo disso são por exemplo o desfasamento existente entre o alinhamento do eixo das circulação com o eixo geométrico dos volumes de Gallego, ou a estereotomia irregular dos planos envidraçados de Andrés-reboredo que se opunha à regra regular da disposição funcional dos espaços interiores.

No entanto, se a dinâmica imposta pela intersecção de elementos autónomos como a galerias de Portela e Michelena, que rasgam a verticalidade do espaço interior até à inclinação do telhado, também se podem integrar nesta lógica, as suas composições destacam-se sobretudo por explorarem a utilização de eixos geométricos, responsáveis por uma multiplicação de soluções que pretende acima de tudo otimizar a execução de componentes e a utilização de instalações.

Este princípio de regularidade e simetria surge assim associado a uma série de construções que caracterizam a actividade de Portela e Michelena neste período e que têm a sua linha de expressão mais coerente no conjunto de habitações unifamiliares isoladas que projectam para a Galiza, na sua maior parte na província de Pontevedra, onde entretanto sediam actividade.

Habitações estas que extrapolam a ideia de modelo a partir da Casa Arturo Estevez (analisada com maior profundidade nas páginas seguintes), adoptando o mesmo princípio compositivo generalista, mas revelando um aumento considerável de recursos que se materializa na complexidade e na dimensão das construções.

Se a Casa Domínguez (1981-1983), localizada em Salcedo, ainda mantém uma relação volumétrica muito directa com a Casa Arturo, já a Casa Pias (1982-1984) e o projecto da Casa Beiras (1984) apresentam grande diferenças, adoptando uma planta quadrangular reforçando o protagonismo do seu núcleo central, ao redor do qual se dispõem todos os compartimentos que aproveitam a sua relação com a fachada. Construtivamente todas as casas utilizam o mesmo sistema base, ainda que apresentem algumas afinações técnicas.

Todavia, enquanto alguns elementos complementares ao grande volume se estabilizam, como a galeria balançada que passa a proteger e a destacar as entradas inferiores da residência,³ outros apresentam uma grande diversidade de aplicação. As escadas exteriores, que na Casa Arturo Estévez detinham grande autonomia compositiva, passam a articular-se com o edifício de forma circunstancial sem obedecer a qualquer regra de relação.

As pérgolas ou latadas para a vinha, são também ocasionalmente utilizadas para caracterizar espaços de transição entre a habitação e o exterior, como na Casa Pias onde uma estrutura metálica cobre toda a fachada tardoza, proporcionando sombreamento a uma área adjacente. A sua geometria deriva da própria habitação, que se apropria deste elemento como uma extensão formal e não segundo a sua natural lógica funcional. Esta relação pode inclusivamente ser comparada ao que Gallego projecta para a Casa Ortiz, recorrendo a um alinhamento de esteios de betão, cuja disposição segue a silhueta da pequena casa como que desmaterializando a sua fachada tardoza, criando assim um espaço exterior sombreado, que se pretendia uma extensão de utilidade da cozinha, mas que infelizmente nunca chegou a ser executado.

Independentemente das linguagens utilizadas os exemplos referidos têm como ponto comum a

3) Conformingando um porche autonomizado e caracterizado em relação ao lote, sobre elevado em relação à cota do terreno, pavimentado e com mobiliário fixo.

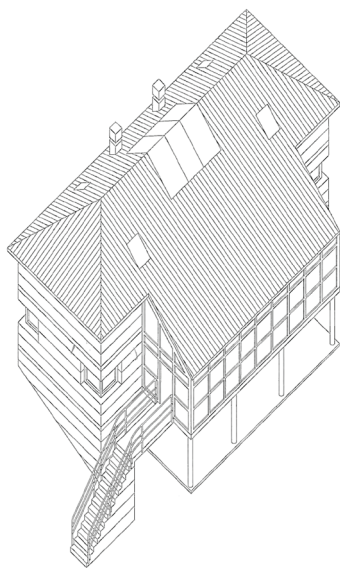


Fig. 115. Casa Arturo Estévez, Salsedo, Pontevedra (1980-1983)

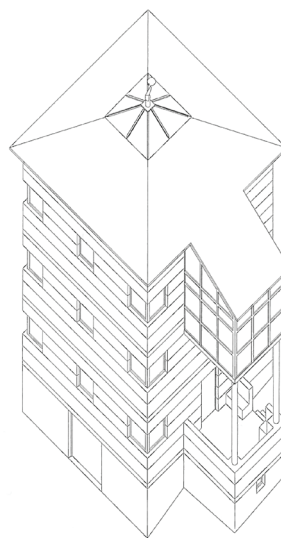


Fig. 114. Casa Beiras, Beluso, Bueu, Pontevedra (1984)

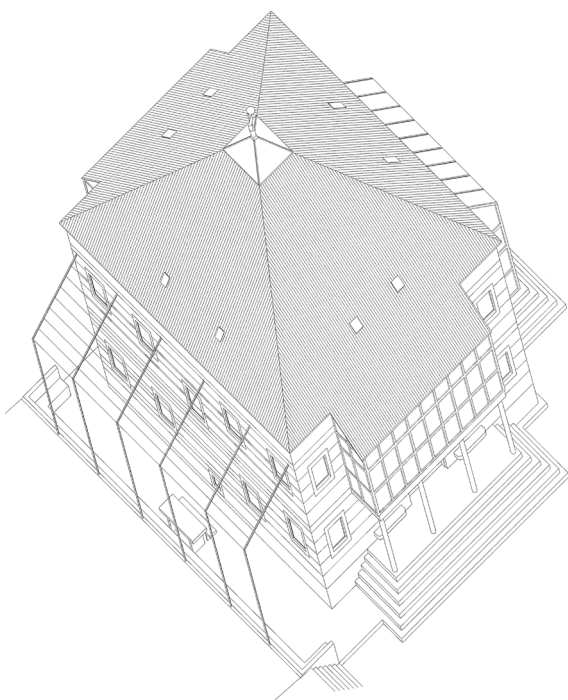


Fig. 117. Casa Pias, Salcedo, Montouto (1982-1984)

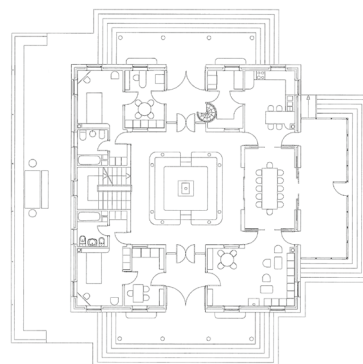
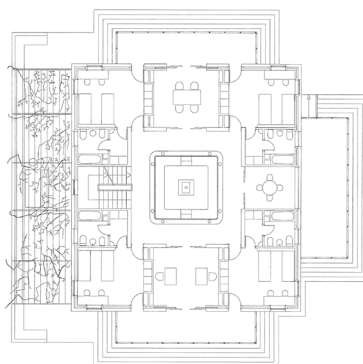


Fig. 116. Casa Pias: Simetria das plantas

sua evocação de arquétipos tradicionais galegos, através da via material ou iconográfica, como no caso do pequeno abrigo da Arousa. Dentro desta lógica menção deve ser feita a outro tipo de obras, que apesar de não auferirem a relação morfológica que se investiga, terão tido pela via da sugestão óptica grande impacto na referencia do respectivo imaginário vernáculo. Um dos exemplos mais óbvios é sem dúvida o Aquário de Vilagarcía (1984-1987), em Vilagarcía de Arousa, também da autoria de César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena, que faz através da estilização de uma tipologia vernacula e do seu simbolismo um dos principais factores de impacto na produção arquitectónica Galega daquela época.

O trabalho desenvolvido nestes anos por César Portela e Pascuala de Campos, enquadra-se precisamente no mesmo âmbito, parecendo vislumbrar nesta circunstância uma oportunidade (ética e cultural) para a aplicação pragmática dos conceitos extraídos do estudo dos modelos tipológicos preconizados nos anos 70. Exemplo disso é a publicação do texto, em 1984, que apresenta o projecto da já referida Casa Arturo Estévez (próximo caso de estudo), erigida em Salsedo (1980-1983), como uma síntese formal elaborada em função das especificidades territoriais e culturais da Galiza.

O referido projecto é exposto como um protótipo de modelo de vivenda unifamiliar, para regiões de identidade rural, nomeadamente para a província de Pontevedra, sendo que os seus autores consideram-no viável para qualquer outro ponto do território galego (Portela, 1984), pelo que não se estranha que, apesar do concurso não ter sido implementado, o autor tenha realizado várias variações, com origem no mesmo modelo, para algumas das suas obras desta década, localizadas no referido contexto.



Fig. 118. Casa Canosa: Enquadramento cadastral e topográfico

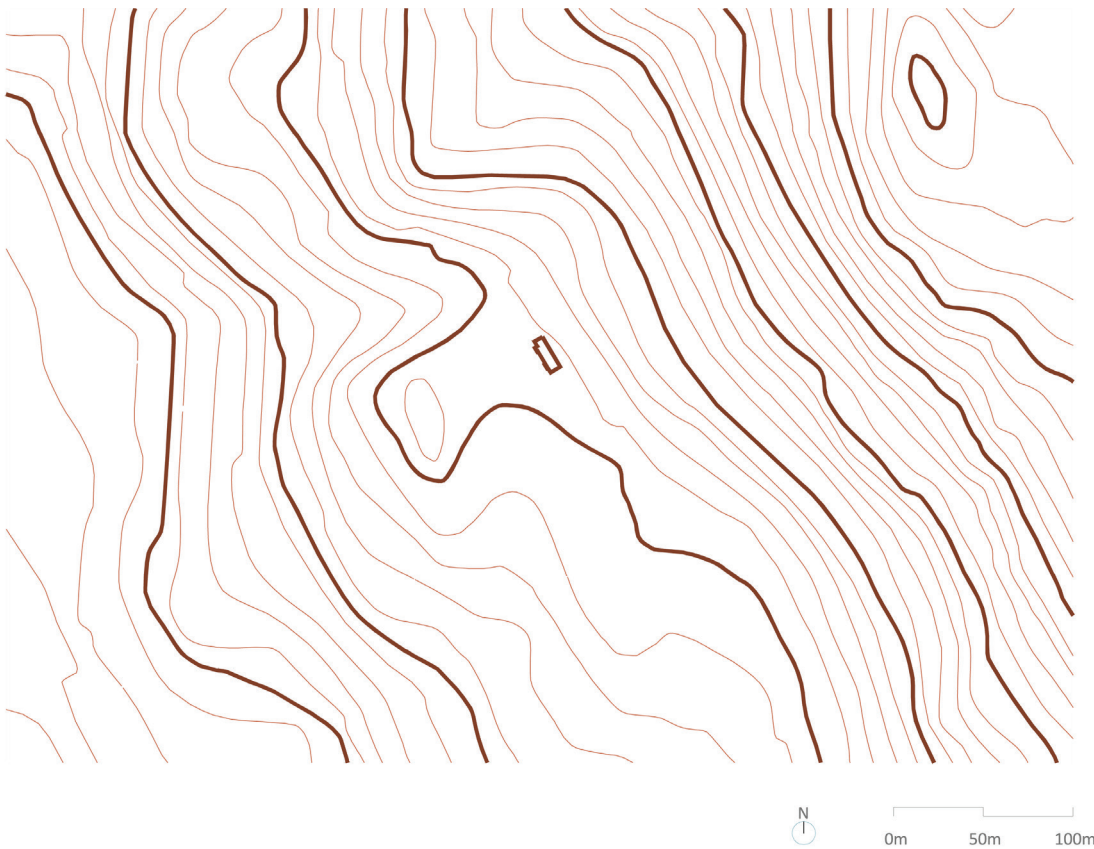


Fig. 120. Casa Canosa: Enquadramento topográfico



Fig. 119. Casa Canosa: Enquadramento cadastral

Será precisamente este conceito de modelo, de aplicação ampla (ainda que regionalmente mais objectiva), influenciado pelas tendências de interpretação tipo-morfológicas da escola italiana, que viria a outorgar a esta obra o valor emblemático que a crítica lhe reconheceu.

“Esta casa unifamiliar puede considerarse un ejemplo representativo de edificación en el medio rural de la Galicia litoral atlántica. Está concebida para ser habitada por una familia de economía modesta que vive en el campo y en gran medida del campo.” (Centellas, 1991, p.21)

A pertinência da confrontação formal entre as duas obras reveste-se de maior interesse do ponto de vista conceptual, sublinhada pela circunstância da colaboração de César Portela na direcção de obra da Casa Cañosa.

“O facto de César, naquela época, viver relativamente perto de Vigo e a relação de amizade que tínhamos desde os tempos de Barcelona, ditaram que o convidasse a dirigir a execução da casa, o que implicaria uma redução das minhas deslocações desde a Coruña.” (Andres Reboredo em entrevista, 2013)

Comparando os dois projectos é forçoso assinalar alguns pontos comuns, encabeçados pela selecção de uma volumetria prismática, de implantação isolada, o desenvolvimento em altura de dois pisos, o enterramento parcial do piso inferior e o protagonismo da solaina/corredor que no caso do projecto de Portela se aproxima formalmente da Galeria, de acordo como o próprio a designa. Todavia algumas evidências também as distanciam morfológicamente, destacando-se no projecto de Salsedo a simetria exterior e interior, a abertura de vãos nos cunhais, a regularidade dos padrões de revestimento e a coloração contrastante da caixilharia, o que remete inevitavelmente para a influência Rossiana de Portela e a incorporação de modelos iconográficos associadas ao post-modernismo. Se Portela incorpora as tendências importadas de Itália, reflectindo o que se passava em grande parte da Europa (ainda que sob a perspectiva do contexto e da escala galega), os autores no Norte de Portugal, refutam a sua ideologia, especialmente do seu cariz iconográfico. Consolidando as alternativas já ensaiadas nos anos 70, revigoradas pela intensa procura de áreas estivais ainda resguardadas nos meios de identidade rural, os Arquitectos Portugueses retomam o ideário moderno, o pragmatismo programático e a elementaridade formal... sendo que lhe associam de forma crítica (um elemento inovador) a valorização do sítio de intervenção. Se tal já sucedia (e de certo modo irá até perpetuar-se) na Obra anterior de Manuel Gallego o certo é que tal não encontrará continuidade noutros sectores da produção arquitectónica contemporânea da província de Pontevedra. Neste exemplo poderemos invocar um dos primeiros trabalhos de Eduardo Souto Moura, a reconversão de uma ruína na Serra do Gerês (1980-1982), que retoma a reflexão sobre o conceito da célula habitacional na sua expressão básica, embora sem descurar a sua riqueza espacial, e pelo domínio da dialéctica que o projecto estabelece com o sítio e com as suas pré-existências.

Implantação:

A Casa Cañosa localiza-se numa das encostas que envolvem a povoação de Moaña. A área apresenta um território estruturado a partir do sistema agrário típico da região analisada, alternando bolsas de Agradas e eidos de bancais e socalcos ao longo das vias de comunicação que vencem as pendentes mais acentuadas. O cadastro actual ainda permite uma leitura muito clara da condição original, ainda que, nas áreas mais planas, os novos arruamentos e a aglutinação dos emparcelamentos mais próximos apresente uma sobreposição apreciável. Também é assinalável o facto de se localizar na cota mais elevada da exploração agrária, junto ao anel florestal, que outrora conformava o mosaico rural, o que lhe permite, como se observa na dimensão dos lotes mais recentes, uma situação dimensionalmente mais generosa e desafogada que o habitual. Curiosamente esta situação peculiar de fronteira do edificado acabou por ser cristalizada pela construção da auto-pista, que lhe conformou uma generosa faixa de área não edificada a norte, impedido assim que o surto construtivo continuasse a vencer a colina, aglutinado a sua parcela.

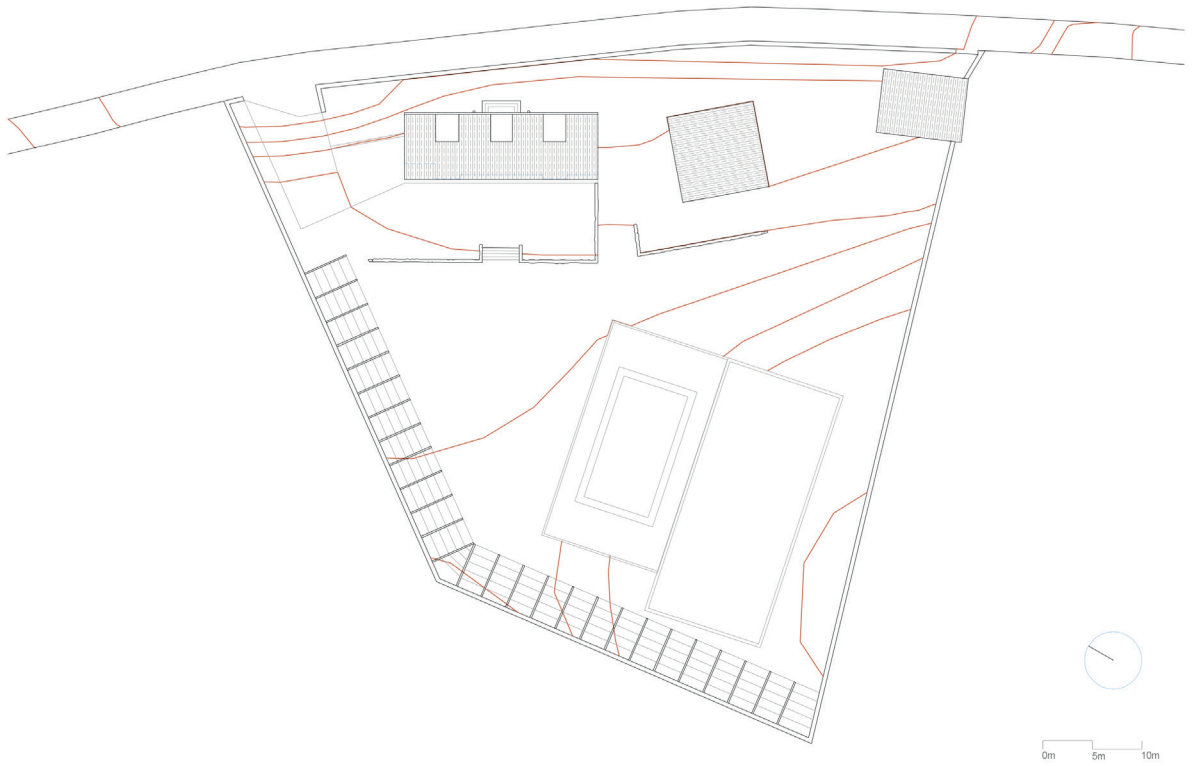


Fig. 121. Casa Canosa: Implantação na parcela

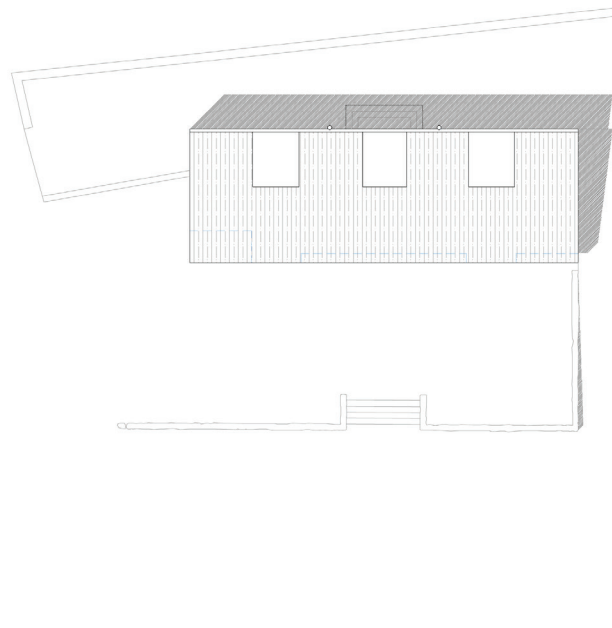


Fig. 122. Casa Canosa: Planta de coberturas

Apresenta uma exposição privilegiada orientada a sul, em frente a um pequeno outeiro que divide as vistas para a Ria, num lado com a cidade de Vigo em plano de fundo e no outro com o Oceano Atlântico no horizonte. Relativamente isolada de edificações envolventes, na época de sua construção, tinha a particularidade de se encontrar no nível de cota mais elevada onde se havia construído, o que tinha implicações óbvias no condicionamento dos acessos existentes. A norte, em oposição às vistas, revestida por uma floresta de pinheiros e eucaliptos, a pendente acentuava-se, o que determinava uma certa protecção do lote à exposição dos ventos atlânticos. O acesso era realizado por um único caminho, confrontante com o extremo norte da parcela, na sua cota mais elevada.

O gesto de implantação segue assim três premissas fundamentais: O favorecimento do usufruto das vistas, o resguardo da privacidade da habitação e o recurso a uma construção de volume inteiro, de configuração longa e estreita.

Esta ultima condição deriva da estratégia de contextualização que Andrés Reboredo outorga à sua leitura do emparcelamento rural, característico das regiões litorais da Galiza, como expressa alguns anos mais tarde na memória do projecto tipo para vivendas rurais para a zona de costa, promovido pela Diputación Provincial de Pontevedra, em 1987, no qual obtém o primeiro lugar. *“La disposición estrecha y larga de la casa es provocada como respuesta a un parcelario agrícola dividido en bandas, característico de la zona costera a que se destina.”* (Andrés-Reboredo, 1987, p.24)

A localização da obra, próxima ao extremo norte da parcela, fundamenta-se, em primeiro lugar, com a tentativa de dotar a habitação com a melhor vista possível sobre a ria, tirando partido do ponto mais elevado do terreno, e em segundo lugar com a intenção de aproveitar o máximo de área exterior como jardim orientado a sul e consequentemente às vistas. Esta solução permitia ainda otimizar a relação do edifício com o acesso exterior, cuja maior proximidade determinaria a localização da entrada principal, sem devassar a privacidade da habitação, e que permitia a não pavimentação exclusiva de áreas destinadas à circulação automóvel no interior do lote.

Descrição Morfológica:

Apresenta uma volumetria elementar, com base na configuração de um prisma rectangular regular, estreito e alongado, paralelo ao limite da parcela que confronta com o acesso viário. A cobertura, de apenas uma água, apresenta pendente no sentido da inclinação natural do terreno.

Apesar da unidade volumétrica, observa-se uma divergência formal no tratamento das fachadas longitudinais. A sua fachada tardoz é plana e simétrica, sugerindo um edifício de piso único, pontuada por estreitos vãos de orientação vertical, regularmente espaçados entre si. A fachada principal, voltada para o interior do lote e para as vistas da Ria,exibe maior dinamismo. Os seus vãos são amplos e, embora aplicados segundo uma modelação métrica regular, apresentam uma disposição assimétrica.

No piso superior, onde se localiza a componente íntima do programa, destaca-se uma consola (que alberga a circulação entre os compartimentos), conformado um ligeiro coberto sobre os vãos dos espaços comuns, localizados no piso inferior. Este elemento assume-se como um elemento saliente autónomo, remetendo para o arquétipo da galeria costeira. O desalinhamento desta consola em relação ao eixo da fachada, a irregularidade compositiva dos vazios, o recorte quebrado da sua extremidade e a alternância com os vãos do piso inferior, conferem assimetria e dinamismo ao edifício, ainda mais enfatizado quando comparado com a fachada contrária. Esta dicotomia formal entre fachadas longitudinais, entre estrutura e geometria exterior apresenta continuação na exploração da relação material e pela distinta natureza dos vãos executados. Mais uma vez assiste-se à tendência racionalista em explorar uma matriz regular, dissimulada na composição das fachadas através do desencontro dos pisos e da manipulação dos vãos, cuja

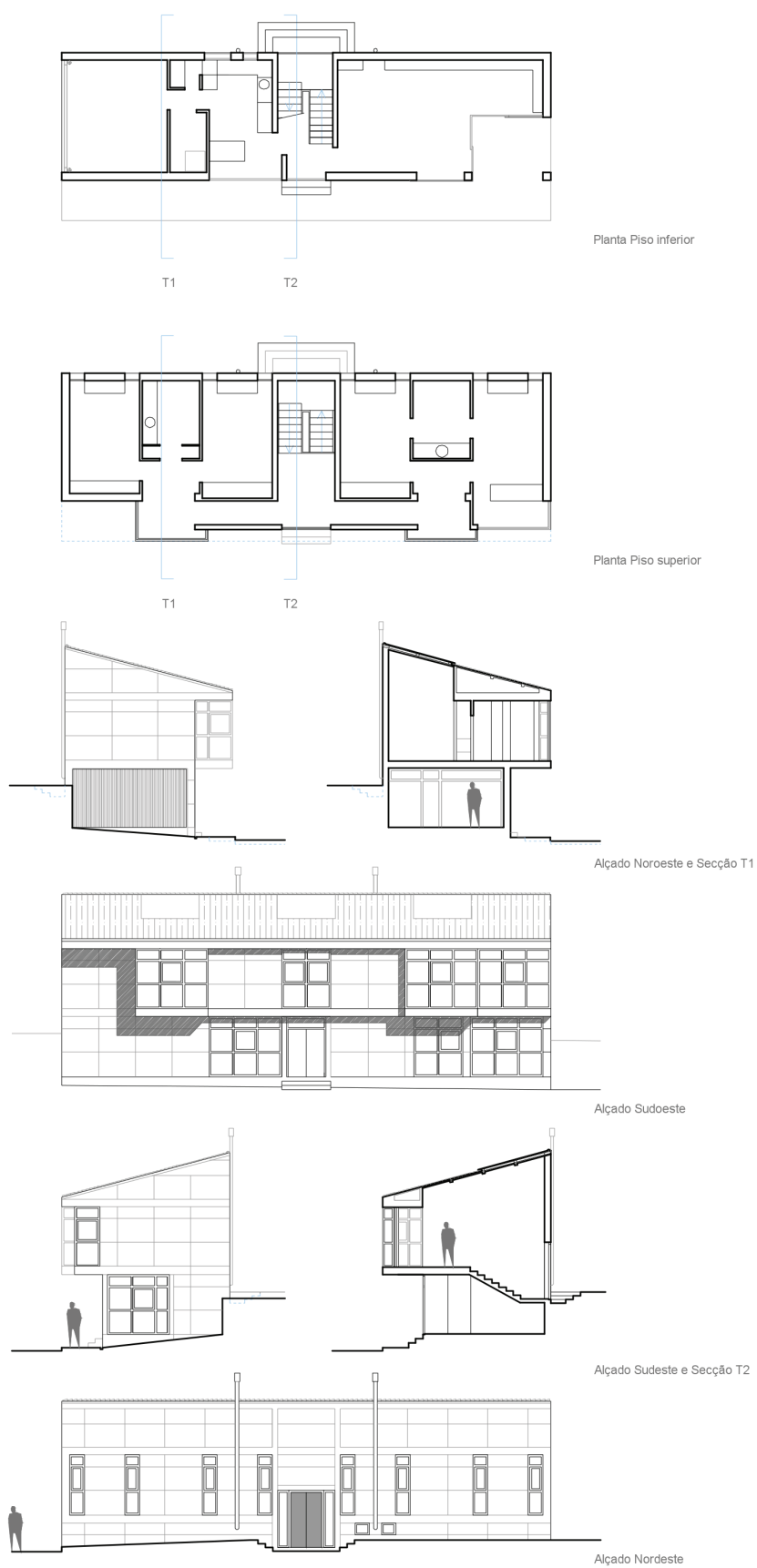


Fig. 123. Casa Canosa: Desenhos técnicos

combinação, ainda que com base na repetição modular, sugere a irregularidade e a diversidade característica dos modelos vernáculos

Analisando a planta constata-se que a composição se desenvolve a partir de uma estrutura modular, regular e de organização axial simétrica, ainda que contrariada epidermicamente pelas divergências assinaladas.

Verificação de analogias morfológicas:

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.01	A selecção do lugar edificado a partir do coroamento de afloramentos rochosos:			
01.02	A implantação da edificação nos limites da propriedade:			
01.03	A integração das edificações habitáveis no sistema de delimitação de propriedade:			
01.04	A adjacência das edificações às estruturas de consolidação das plataformas altimétricas:	■		
01.05	O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo:	■		
01.06	A confrontação directa com o acesso principal:			
01.07	A fachada cerrada para o exterior e a fachada aberta para o interior da parcela:	■		
01.08	O enterramento parcial do piso inferior:	■		
01.09	A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos:	■		
01.10	A referência das cérceas "naturais":			
01.11	O paralelismo com a topografia e o contributo para a sua interpretação geométrica:	■		
01.12	A descontinuidade volumétrica como distinção Tipológica:			■
02.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
02.01	Piso superior – pousado, prismas alongados de secção rectangular:	■		
02.02	Piso inferior – encaixado, tendência generalizada para a redução da área do piso superior:	■		
02.03	Constituição de volumes simples estanques, sem intersecções ou interpenetração volumétricas:	■		
02.04	Adições adjacentes sem alinhamento recto; Fragmentação da linearidade compositiva:			■
02.05	Altura reduzida (proporção do pé-direito reduzido):	■		
02.06	Apropriação das pré-existências edificadas:			
02.07	Edificado de materialidade Pesada versus Leve:			
02.08	Vãos Subtraídos/Incluídos:	■		

Na Casa Canosa podemos verificar 13 das propriedades morfológicas das 20 que foram identificadas.

11 são as características totalmente reproduzidas e 2 são consideradas de forma contrária:

A descontinuidade volumétrica como distinção tipológica; o que é coerente com a tendência galega para o desenvolvimento da obra num volume monolítico, morfolologicamente apartada da solução vernácula mais frequente da região analisada. Aqui existe divergência assumida com a opinião de alguns autores e arquitectos, que embora de expressão reconhecida não justificam cientificamente a sua afirmação.

- Adições adjacentes sem alinhamento recto; fragmentação da linearidade compositiva. Aqui se verifica uma consequência directa da propriedade acima assinalada.

Não deixa de ser curioso verificar o maior distanciamento morfológico verificado, visto tratar-se de uma obra que, ao contrario das restantes, tem assumidamente por base o as premissas vernáculas da região. A situação parece derivar inevitavelmente da não relação entre o edifício construído e o limite da parcela, que no desenvolvimento desta investigação tem vindo a destacar-se como um dos factores de maior protagonismo morfológico, e uma das características que maior implicações tem nas restantes propriedades assinaladas.



Fig. 124. Casa Canosa 2013

- **Obra 06- Casa Arturo Estévez**, Salsedo, Pontevedra (1980-1983): César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena.

César Portela é uma figura incontornável do panorama arquitectónico galego contemporâneo. Apesar do seu percurso apresentar grande heterogeneidade em termos de expressão arquitectónica, a sua produção inicial, especialmente a enquadrada entre 1975 e 1985, cuja autoria partilha com Pascuala Campos de Michelena, apresenta uma extraordinária coerência arquitectónica.

A sua aproximação ao território galego, apresenta grande pragmatismo circunstancial. As preocupações económicas e os constrangimentos construtivos afiguram-se como o principal ímpeto de aproximação à realidade galega. A aproximação cultural, ainda que tratada com enorme respeito etnográfico, apresenta-se já sob a abordagem de reinterpretação tipo-morfológica do património edificado, de cuja influência teórica, com a protocolar ressalva anti-mimética, o seu discurso integra de forma assumida.

César Portela e Pascuala Campos estabelecem um sistema de organização espacial, estabelecida de acordo com o que acreditam ser os parâmetros representativos da tipologia de habitação rural da Galiza, cuja adaptação, ao programa e ao local específico, determinará a sua versão diferenciadora.

Portela sustenta que qualquer programa habitacional tradicional pode ser interpretado segundo um princípio de organização nuclear, que tem como cerne compositivo um espaço resultante das necessidades de conforto/subsistência. Generalizando com os exemplos que se tornaram arquétipos dos climas quentes, onde o pátio desempenha esta função fulcral; e dos climas frios (onde se inclui obviamente o legado vernáculo da região analisada) onde a espaço da Lareira assume o papel central. No sistema de organização espacial que Portela e Campos advogam a habitação Galega tem origem na “*Arquitectura del Humo*”, termo praticado por Yago Bonet Correa, que se pode aplicar à construção primitiva do Norte da Europa Atlântica. (Centellas, 1991, p.22)

“La dependencia esencial de las viviendas campesinas ou rurales, es la cocina. Alredor de élla gira toda la vida de los moradores” (Portela, 1984, p.34).

De todos os casos apresentados este é o único que previa a exploração agrícola da propriedade, tal como o referente vernáculo original pressupõe. Um facto de extraordinária importância dada a tendência que se regista. A obra de Portela e Campos reaproxima o habitante local e permanente, a figura do camponês, na órbita da produção arquitectónica da época. Este factor, devidamente enquadrado na perceção cultural da época, confere uma interessante profundidade ideológica a esta habitação, cujos autores sempre valorizaram no seu discurso retórico.

Existe uma clara intenção de articular o projecto com as necessidades sócio-económicas e com as preocupações políticas vigentes nos anos 80, próprias do esforço de implementação dos regimes democráticos e da defesa dos seus direitos sociais básicos.

Ambos os autores estão ligados com o dinamismo que a classe profissional havia encetado na década anterior. A relação entre esta e o aparelho político-administrativo ganhava um renovado fôlego com a mediação institucional operada pelo COAG, no qual Portela assume significativa preponderância, nos seus primeiros anos de actividade, especialmente como Secretário na Direcção de Bar Bóo. Dessa experiência corporativa, que o aproxima inevitavelmente de uma série de encargos de ordem pública, resultam uma série consistente de obras, onde a simbologia morfológica tende a invocar a memória cultural colectiva, com grande receptividade do colectivo administrativo e de grande parte da sociedade civil. Teoricamente apoiado pelas correntes Rossianas que exploravam a tipo-morfologia dos contextos a intervir, desde o tempo da sua



Fig. 125. Casa Estevez, Vigo (estado original)



Fig. 126. Casa Estevez, Vigo (estado actual)

formação na Catalunha (Andrés Reboredo e Fernandez em Entrevista de autor, 2012), e pela interpretação dos textos de Bonet para a particularidade do território Galego (Portela, 1984), Portela e Campos Michelena produzem uma linguagem arquitectónica onde a iconografia dos seus referentes é explorada de forma sistemática, algo expresso desde a sua primeira Obra de relevo, as Vivendas Sociais para a Comunidade Cigana de Campaño, Pontevedra, e que perdurará de forma evidente até aos grandes equipamentos que Portela projecta na década de 1980, como por exemplo no Aquarium de Vilagarcía de Arousa ou na Casa da Cultura de Cangas, ambos projectados em 1984.

Numa primeira leitura parece evidente que a década de 1980 parece consagrar, precisamente na Galiza, uma tendência particular onde a unidade volumétrica e o destaque da topografia parece reforçar o edifício como elemento autónomo e abstracto. A arquitectura reforça assim a sua conceptualidade enquanto “*cosa mentale*” que a coloca além do seu suporte territorial físico. O desenho compositivo adoptado reflecte a sistematização formal e construtiva, de onde sobressai uma aparente rigidez ortogonal. Não quer isso dizer que o edifício surja desligado do seu contexto, longe disso, mas, passa assumidamente a ser o principal elemento estruturante da envolvente, que se submete, quase sempre, a um reordenamento em sua função. (Sesto, 1991, p.5)

Seja pela influência directa da Obra de Portela e Campos Michelena ou pelo circunstancial estado de graça da corrente ideológica Rossiana, o facto é que a unidade volumétrica, com invocação iconográfica da construção tradicional, foi assumida e reconhecida como uma especificidade da Arquitectura Galega da referida década. Armesto e Padró (1996, p.9) refere inclusivamente este factor com a principal divergência formal entre a Arquitectura dos dois países, o que parece ser correcto, mas, apenas quando observado isoladamente em determinados autores e apenas durante certo período de tempo.

Esta característica não é de todo surpreendente, nem tão pouco original, confirmando assim a tendência geral, das obras analisadas anteriormente, onde os constrangimentos constructivos determinam o predomínio da racionalidade dos projectos, de forma a gerir os constrangimentos do mercado local da construção. A grande diferença consiste no facto dos casos anteriores procurarem uma dialéctica mais intensa com a envolvente física, onde a variação subtil das grelhas regulares de desenho (sobretudo nos Projectos de Gallego), exploram as particularidades da relação exterior-interior, na articulação das cotas, das pré-existências ou na simples dinâmica da diferenciação dos alçados. Ao comparar as Obras seguintes de Andrés Reboredo e Gallego Jorreto pode-se observar justamente o progressivo afastamento das suas linguagens compositivas. Enquanto Andrés Reboredo parece reforçar a unidade formal das suas propostas, Gallego parece continuar a explorar o dinamismo das suas composições na dialéctica sempre singular que procura estabelecer com o contexto.

Será precisamente a sensibilidade para com o contexto a condição que a crítica destaca na Arquitectura do norte de Portugal projectada neste período. Esta característica reveste-se de especial sentido se tivermos em conta a evolução do trabalho de Siza, que atinge precisamente nesta altura reconhecimento internacional, assim como aos singulares trabalhos de Souto de Moura, que inicia actividade no referido período.

Quando analisadas de forma sequencial as Obras de Siza parecem revelar uma progressiva tendência à abstracção, geométrica e material, aliada a uma organicidade espacial que apesar de dominante surge invariavelmente associada à consolidação formal da sua envolvente (Frampton, 2005, p.322). O projecto construído da agência bancária de Vila do Conde, em 1988, é representativo dessa orientação projectual. Todavia esta não, implica, como se verá, a anteriormente registada fragmentação volumétrica, antes uma fluidez com o suporte territorial, onde o terreno e as pré-existências desempenham elementos estruturantes. Será sobretudo

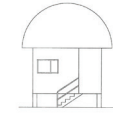
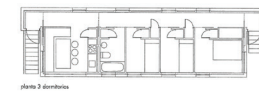
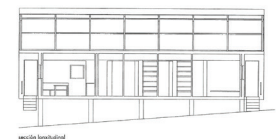
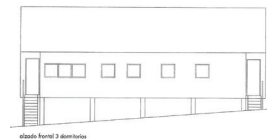
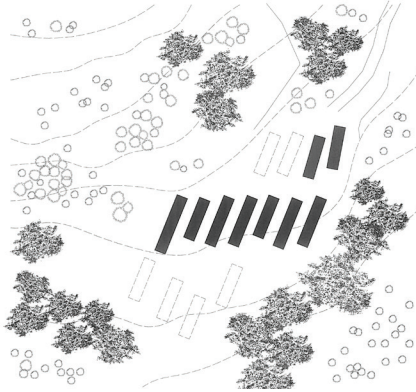


Fig. 127. Vivendas Sociais, Campaño, Pontevedra (1970-1973)

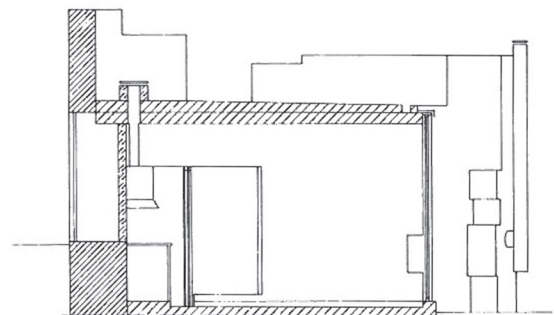
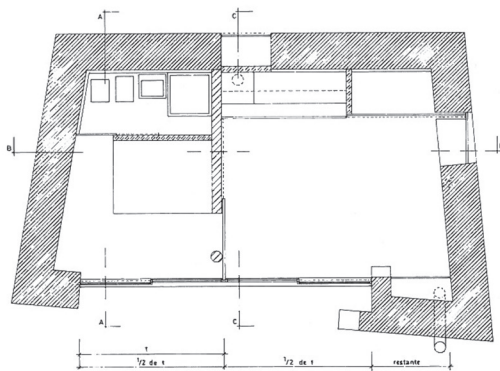


Fig. 128. Reconversão de Ruína, Gerês (1980-1982): Planta

Fig. 129. Reconversão de Ruína, Gerês (1980-1982): Corte Transversal

na valorização destas duas componentes que Souto de Moura parece encontrar o seu motivo conceptual base. O pequeno e modesto projecto para a reconversão de uma Ruína no Gerês, erigido em 1982, parece condensar as inquietações projectuais, que se explanarão no seu itinerário consequente. Se a simbiose do edifício com a orografia parece ser a guia de orientação do projecto, não menos verdadeira será a recuperação de dois princípios já indicados, muito mais próximos das características dos trabalhos referidos de Portela, do que do legado formal de Siza: Primeiro a preferência pela contundência volumétrica, privilegiando a elementaridade geométrica; Segundo a adopção da grelha ortogonal como principal sistema de organização compositiva, assumindo a sistematização dimensional e de componentes construtivos, quase de forma extrema, algo que não poderia ser mais distinto da linguagem arquitectónica de Siza.

Implantação:

A casa Arturo Estévez localiza-se numa zona de produção agrícola, numa área de pequenas quintas que se apropriam das zonas mais férteis das bases das encostas. Localiza-se relativamente perto da Ria de Pontevedra da qual colhe os benefícios directos. O terreno desenvolve-se numa encosta orientada a Oeste, protegida a Este por uma franja florestal que ocupa as linhas mais íngremes que acaba por delimitar as áreas de exploração agrícola localizadas nas cotas mais baixas.

O emparcelamento onde se instala corresponde ao sistema agrário tradicional que mantém o horto, de pequena dimensão, na proximidade imediata do complexo habitacional e onde as culturas de regadio, de maior dimensão, se afastam progressivamente.



Fig. 130. Casa Estevez: Enquadramento cadastral e topográfico



Fig. 131. Casa Estevez: Enquadramento topográfico



Fig. 132. Casa Estevez: Enquadramento cadastral

O lote apresenta uma configuração rectangular de dimensão generosa para a média geral da região. A topografia ainda que pontualmente acidentada está longe de apresentar níveis de pendente acentuados, como na maior parte dos casos apresentados. A parcela apresenta um único acesso directo, onde se observa a habitual relação de adjacência a apenas um dos seus extremos, com o qual estabelece uma relação de paralelismo bastante regular. Todavia, ao contrário da maior parte dos exemplos vernáculos, o acesso encontra-se no extremo oposto da localização do edifício, que assume uma posição central em relação ao eixo longitudinal do terreno.

A Casa encontra-se adjacente ao denso anel florestal que antecede a incremento da pendente da encosta, indicando o limite da potencialidade agrícola do terreno, a partir do qual “o produto da terra já não justifica o esforço despendido no seu trabalho” tal como Portela (em Entrevista de autor, 2013) refere.

Estas últimas características, juntamente com o facto de se localizar no ponto de cota mais elevado do terreno, conferem grande protagonismo visual à habitação, que se destaca consideravelmente da envolvente natural (à semelhança do que acontece por exemplo nas soluções de implantação dos solares tradicionais).

Ainda que se consigam observar alguns alinhamentos e paralelismos dos arranjos e dos elementos exteriores com a habitação, esta apresenta-se bastante desligada quer em termos geométricos quer materiais do seu complexo rural. Aliás a regularidade de alguns destes elementos, como os muros de contenção de terras, a disposição das estruturas das latadas ou mesmo o confinamento dos próprios hortos, sugerem mais a modelação do terreno do que uma adaptação às suas condições originais, o que, ao invés de uma incoerência ideológica, se pode interpretar como uma transformação de paradigma que reflecte a actualização das condicionantes da parcela rural do final do século XX.

A modelação do terreno ainda que de forma menos impositiva que nas pendentes mais acentuadas, estabelece a estruturação do terreno em plataformas sucessivas, sendo que a de cota mais elevada, tal como no caso de estudo seguinte, estabelece a base como um promontório sobre as vistas, albergando a Habitação e um pequeno espigueiro (disposto longitudinalmente em relação ao terreno) que conformam o pequeno conjunto edificado.

Nesta obra, numa primeira interpretação, o caminho parece não assumir a importância estrutural que geralmente condiciona o alinhamento das construções. Contudo, numa análise mais atenta, compreende-se um princípio de relação que, apesar de distinto, lhe confere uma relação de forte intensidade com a habitação. O circuito viário materialmente interrompido no extremo Norte do lote, seguindo a sua variação irregular que contorna os conjuntos das parcelas, dá lugar a um percurso não pavimentado, mas assumido, que se vai ajustando ao perímetro Este da parcela, confinado à plataforma da Habitação e delineado paralelamente ao muro de contenção que a suporta. Sobre o eixo que define surge um dos elementos (formais) mais simbólicos da arquitectura vernácula da região analisada: a escaleira que se desenvolve em solaina, embora o sistema de encerramento invoque a galeria (de carácter mais urbano), no nível superior, e produz um alpendre, que perfaz a transição com o espaço indiferenciado do piso inferior. Desta forma os autores estabelecem a continuidade do circuito que caracteriza a respectiva invariante, invertendo (ou subvertendo) a hierarquia da fachada dominante, em virtude da comodidade de utilização do horto e da habitação. O caminho passa assim a ser incorporado dentro da própria parcela, rasante embora sem devassar a privacidade da habitação, que se ergue de modo a permitir o seu atravessamento. A sua (não) materialidade, pressupõe a sua omissão expressiva em relação à casa, que se quer icónica, dominando a paisagem, mas, a dinâmica de utilização que este sugere, demonstra a sua importância na concepção da Casa Arturo Estévez.

As escaleiras são aliás, um elemento , ou melhor uma solução, visto que é tratada sobretudo

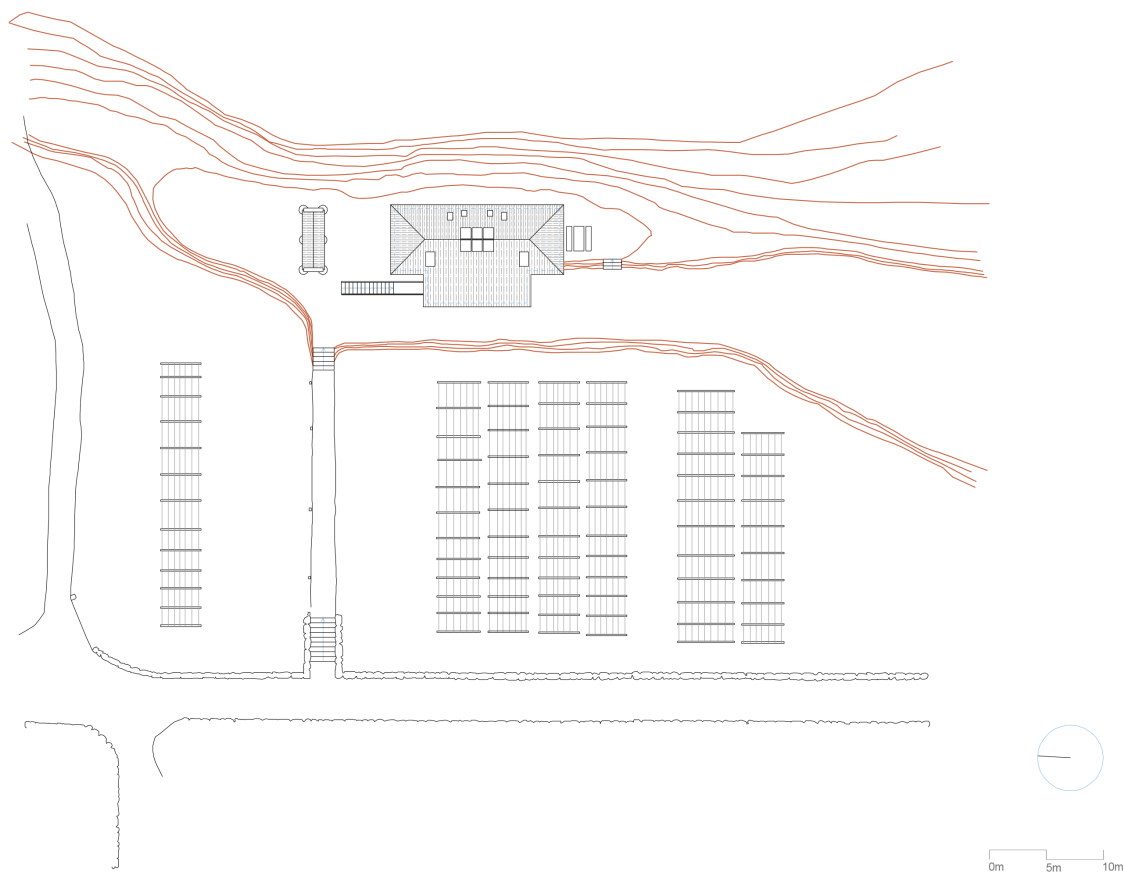


Fig. 133. Casa Arturo Estévez: Implantação na parcela

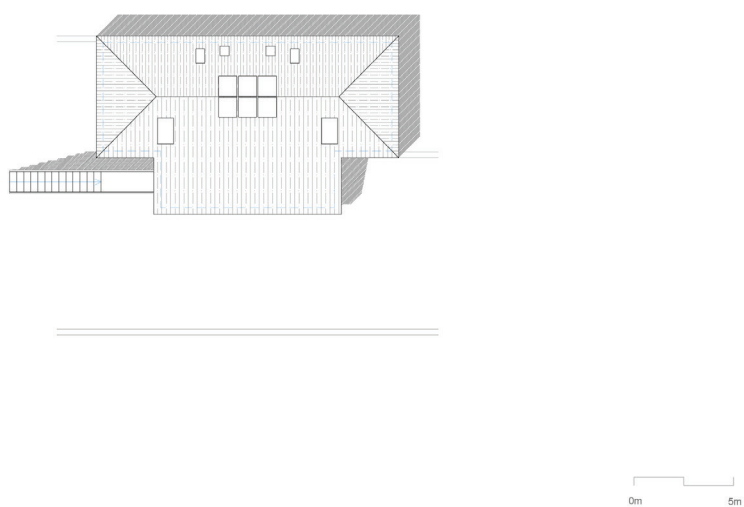


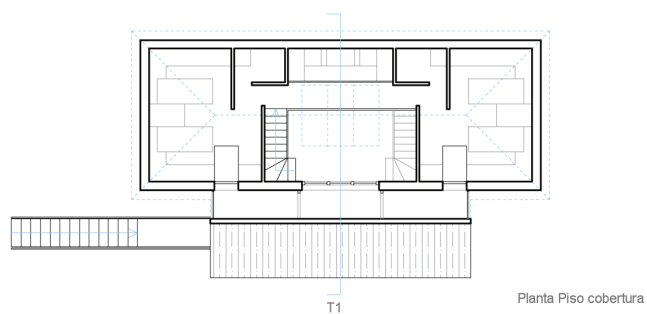
Fig. 134. Casa Arturo Estevez: Planta de coberturas

como estratégia para definir relações, a que os autores recorrem frequentemente, com menor ou maior variações, como forma de contextualizar a construção na envolvente com reveladoras reminiscências culturais, já expressa com grande valor expressivo desde o Projecto das Vivendas Sociais para Xitanos, em Campaño. A galeria é outros destes elementos, explorado com grande variação, e ao qual se foi atribuindo múltiplas utilizações consoante a especificidade programática e as características da envolvente.

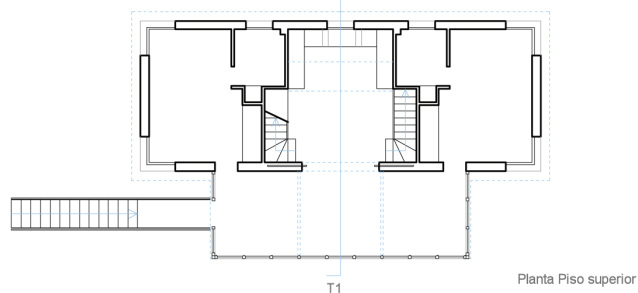
Descrição Morfológica:

A casa apresenta uma planta de configuração geométrica rectangular regular, à qual se adiciona outro rectângulo, menor, centrado no lado a que corresponde a fachada principal. Volumetricamente apresenta-se como um paralelepípedo cerrado, de dois pisos (mais um de aproveitamento da cobertura, sem leitura exterior), intersectado por um volume prismático menor, completamente transparente, balançado sobre pilares, que conforma um alpendre (*porche*) central que protege a entrada no piso inferior, caracterizado como um espaço de transição, pavimentado e com dois banco incorporados no aparelho de alvenaria da fachada. O piso inferior é inteiramente vazado, sem qualquer compartimentação, apenas dispondo de uma comunicação vertical de ligação interior. Esta solução destina-se obviamente a servir a multiplicidade funcional relacionada com uma actividade agrícola. Do conjunto resulta uma composição estreita e alongada, de fachada tardoz cerrada, acomodada e escondida pelo terreno e pela vegetação. A sua fachada principal é rasgada no centro, aberta para a frente da parcela e para a incidência solar directa. Se até aqui a descrição podia ser compatível a muitos exemplos de habitações vernáculas, a principal distinção morfológica é realizada pela simetria da composição, tanto em planta como nos alçados. (Centellas, 1991, p.21)

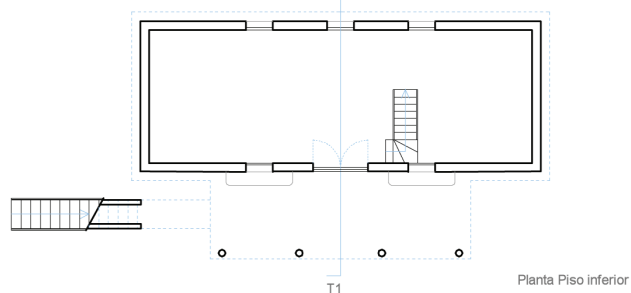
A composição organizativa da habitação, que se desenvolve totalmente no piso superior, tal como descrito na introdução ao caso de estudo, desenvolve-se a partir de do núcleo funcional que se estabelece em torno do comedor, outorgando-lhe uma grande carga simbólica. O comedor é assim instalado no centro geométrico da planta, mas, ao invés da estaticidade que a sua posição sugere, é caracterizado de forma bastante dinâmica, na relação com os espaços envolventes, na distribuição dos circuitos e logicamente pela sua caracterização espacial, enfatizada pelo seu duplo pé-direito que se abre até à cobertura. Este espaço é assim precedido da galeria, que actua como uma extensão ou uma barreira de contacto com o exterior. Esta galeria para além da implicação da flexibilidade funcional, actua como um estabilizador térmico, permitindo moderar o impacto da variação das estações no conforto da habitação (Portela em Entrevista, 2013). Junto à fachada tardoz surge a bancada da cozinha, também com possibilidade de comunicação total para o comedor como se fosse um único espaço. As instalações, comunicações e os espaços colectivos são assim dispostos no eixo central, transversal do edifício, salvaguardando as extremidades do eixo longitudinal para dois quartos, que surgem assim fora do enquadramento da galeria. Os quartos desenvolvem-se de fachada a fachada, as quais rasgam de forma original nos ângulos que estas estabelecem com os topos. Sob a cobertura surgem mais dois quartos, dispostos segundo a mesma lógica periférica, e duas instalações sanitárias, no espaço central encostados à fachada tardoz, desta feita todos iluminados por via da cobertura. As áreas úteis não sendo mínimas, são bastante optimizadas, o que ainda valoriza mais a solução das circulações, onde mais uma vez o comedor, articulado à galeria, surge como elemento determinante. É através da galeria que se estabelece a comunicação com os quartos principais, situados no piso superior. A este elemento surge associado uma escada exterior, dispensável funcionalmente, mas cuja existência enfatiza a condição de espaço de transição da galeria. Este elemento apesar de alinhado segundo o eixo volumétrico principal, é o único que quebra a lógica de unidade simétrica do conjunto, assumindo-se como uma excepção compositiva, que apesar das reduzidas proporções adquire grande protagonismo formal. Estas escaleiras surgem assim como um elemento autónomo adicional, fora da lógica espacial gerada pela interpenetração que a galeria estabelece com o volume cerrado que alberga a habitação. Contudo, a sua leitura exterior confere-lhe grande dinamismo,



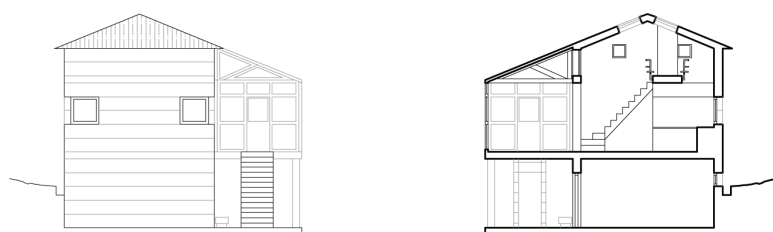
Planta Piso cobertura



Planta Piso superior



Planta Piso inferior



Alçado Norte e Secção T1



Alçado Oeste



Fig. 135. Casa Arturo Estévez: Desenhos técnicos

mais do que uma alternativa de acesso, este pequeno e pragmático elemento, caracteriza-se como a entrada perante os indivíduos exteriores ao agregado. Este facto potencia a utilização da galeria como espaço de distribuição central e de recepção social. Neste ponto, ultrapassando as diferenças formais, a lógica compositiva de entrada é bastante próxima da solução da Casa do Bom Jesus, de Eduardo Souto Moura (o próximo e último caso de estudo), onde a escadaria que transita para o escalão superior de terreno, que apesar de exterior, também serve de terraço, exerce um contraponto ao plano envidraçado, anunciando a entrada através da definição de um circuito e da demarcação da hierarquia que estabelece na fachada.

O volume prismático é coberto por uma estrutura única, de acentuada pendente, revestida a telha, sendo a única casa das sete obras analisadas que recorre a um sistema de quatro águas inclinadas, com uma única cumieira de disposição central, o que lhe confere grande valor iconográfico, pois, segundo o próprio Portela (1984) este seria uma dos traços mais distintivos da região galega¹, recorrendo ao exemplo da *palloza* como paradigma genérico.

Solicitado a comentar a influência que este projecto possa ter impresso no seu contexto específico, César Portela (em Entrevista, 2013) refere que o maior contributo desta habitação prende-se eventualmente com a sua vertente tecnológica. Esta observação traduz-se na incorporação do silhar de granito de forma sistemática, possibilitando a utilizando das peças com um talhamento industrial mínimo, aplicadas simultaneamente como muro portante e acabamento final, o que se traduz numa vantagem económica. O aparelho é executado de forma a constituir ele mesmo o reforço estrutural dos pontos críticos como os vãos, executados sem recurso a peças de dimensões específicas, tal como se observa na característica solução das janelas que rasgam os quatro ângulos do edifício.

A casa apresenta no seu pragmatismo construtivo, na optimização das áreas e na sua flexibilidade, uma das razões para um orçamento baixo, que constituía um dos seus pressupostos primordiais. Projectar considerando o recurso a materiais e mão-de-obra local, assim como a programação da auto-construção em etapas tecnicamente menos exigentes, determinou o cumprimento das expectativas dos clientes, assim como a satisfação geral dos autores. Segundo Portela (em Entrevista, 2013) este facto foi inclusivamente responsável pela solicitação de algumas encomendas de vivendas unifamiliares na região, funcionando como um exemplo de construção sistematizado de baixo custo mas, que não comprometia a qualidade do projecto.

“Não sendo uma casa espacialmente espectacular, para a sua dimensão, programa e orçamento apresenta algumas qualidades muito interessantes. A sua diversidade interior e a capacidade de flexibilidade funcional, era algo bastante raro na época e sobretudo na região. Acima de tudo considero-a uma habitação confortável, penso até que, tirando alguns elementos (como a caixilharia, bastante rudimentar tendo em conta a tecnologia actual) seria um projecto que actualmente não hesitaria em reproduzir”. (Portela em Entrevista, 2013)

Análise das Invariantes Morfológicas do Legado Vernáculo:

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.01	A selecção do lugar edificado a partir do coroamento de afloramentos rochosos:		■	

1) Uma interpretação do ensaio de Yago Bonet Correa, que, tal como se referiu anteriormente, não considera o pluralismo existente dentro do próprio território Galego, que já em 1973, Flores havia enunciado com relativa precisão em relação às divergências tipológicas de algumas províncias Galegas.

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.02	A implantação da edificação nos limites da propriedade:		■	
01.03	A integração das edificações habitáveis no sistema de delimitação de propriedade:			
01.04	A adjacência das edificações às estruturas de consolidação das plataformas altimétricas:			
01.05	O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo:			
01.06	A confrontação directa com o acesso principal:			■
01.07	A fachada cerrada para o exterior e a fachada aberta para o interior da parcela:	■		
01.08	O enterramento parcial do piso inferior:		■	
01.09	A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos:			
01.10	A referência das cérceas “naturais”:			
01.11	O paralelismo com a topografia e o contributo para a sua interpretação geométrica:		■	
01.12	A descontinuidade volumétrica como distinção Tipológica:			■
02.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
02.01	Piso superior – pousado, prismas alongados de secção rectangular:		■	
02.02	Piso inferior – encaixado, tendência generalizada para a redução da área do piso superior:		■	
02.03	Constituição de volumes simples estanques, sem intersecções ou interpenetração volumétricas:			
02.04	Adições adjacentes sem alinhamento recto; Fragmentação da linearidade compositiva:			■
02.05	Altura reduzida (proporção do pé-direito reduzido):			
02.06	Apropriação das pré-existências edificadas:			
02.07	Edificado de materialidade Pesada versus Leve:			■
02.08	Vãos Subtraídos/Incluídos:			■

Tabela 6. Tabela de sistematização das Invariantes Morfológicas verificadas 06

Analisando a obra constata-se que apenas 12 premissas apresentam leitura objectiva na sua expressão arquitectónica e destas apenas 1 corresponde ao seu atendimento integral, e mesmo assim com significativas incongruências na sua aplicação decorrente.

O posicionamento da frente fachada é efectivamente determinado pelo interior da parcela (que curiosamente atende ao seu objectivo funcional primário a exploração agrícola, optimizando a relação casa-eido), todavia até nesta característica esta relação apresenta clara divergência com o património referencial, visto que a fachada tardoz não corresponde à consequência directa da sua solução vernácula. Nesta circunstância, apesar do seu extremo afastamento e colocação

junto ao limite da propriedade, é também esta fachada que se estabelece relação com o acesso, pelo que, ao contrário do decorrente recato utilitário e modéstia formal que se associa a esta solução, potencia um maior protagonismo do edifício em relação à envolvente, contribuindo mesmo para acentuar a já referida expressão monumental do edifício. Todavia a já referida relação que o circuito de comunicação exterior estabelece com a casa através da relação com o alpendre, formado pela elevação da galeria, sugere uma existência de uma conexão efectiva, ainda que não formal.

Das 5 características subvertidas 4 concorrem para a regularidade e uniformidade do objecto edificado, o volume edificado, com excepção da diferenciação geométrica da galeria/alpendre que destaca do corpo principal, desenvolve-se como uma construção compacta de grande regularidade geométrica sem deformações resultantes da sua intersecção com a topografia ou com a configuração da parcela.

Relativamente às características que se apresentam de forma parcial, muitas são estabelecidas entre um compromisso mútuo entre a arquitectura e as condicionantes externas, que na maior parte dos casos são subtilmente intervencionadas de forma a acomodar a implantação do edifício sem criar conflitos de ordem funcional².

Em relação à diferenciação dos pisos que caracteriza os exemplos vernáculos, as duas premissas parcialmente observadas derivam das implicações que a galeria/alpendre estabelece com a composição, que tal como na Casa Canosa se articula como um prolongamento do piso superior que se projecta para lá do limite construído do piso térreo. Esta diferenciação é explorada também a nível material, enfatizando a ideia de intersecção e confronto de elementos contrastantes, muito focada no antagonismo leve/pesado e transparente/opaco (Centellas, 1991, p.22), que em certa medida corresponde à lógica de integração de vãos das tipologias vernáculas.

De todos os casos seleccionados a Casa Arturo Estévez representa claramente o de menor afinidade morfológica com as características vernáculas assinaladas. Representa um exemplo paradigmático da tendência do afastamento progressivo que se estabelece com a referência vernácula de acordo com o grupo de obras analisado entre 1975 e 1985. Isto claro à luz das suas características morfológicas, sendo que a utilização do referente vernáculo é inequívoca no que respeita aos elementos formais presentes, pode dizer-se que a sua relação é antes reiterada de forma semântica.

A potencialidade do Legado Vernáculo que Portela e Michelena utilizam no projecto da Casa Arturo Estevez, pressupõe o recurso do conceito de Arquétipo. O seu enquadramento depende da memória colectiva que estes mesmos elementos evocam. O projecto apesar da uniformidade compositiva é apreendido como um somatório de componentes, que conformam uma construção abstracta, daí a importância da sua simbolismo. Materialmente o projecto expressa a mesma condição, a utilização do granito é efectivamente uma premissa contextualista, embora os autores recusem a aplicação directa dos sistemas e processos construtivos tradicionais. À semelhança dos paramentos verticais compostos por pastas de granito ensaiados por Bar Bóo, Portela e Michelena promovem a reutilização do granito a partir da sua potencialidade industrial. Assumem a sua estética sem complexos, com a rudeza de uma textura sem aparelhamento excessivamente tratado e elegendo uma estereotomia pragmática que apenas reflecte a sistematização do aparelho, sem qualquer tipo de revestimento exterior. Estruturalmente tiram partido da sua resistência, as paredes são portantes, alternando as lajes de betão com que se executaram os pavimentos e os pilares isolados da galeria conformando um sistema estrutural combinado.

.....
2) Como na ligeira terraplanagem que configura o patamar de implantação da Casa ou na regularização do muro que delimita o caminho de acesso à parcela.

A obra, a par da Casa Cañosa, é das que menos recorre a relações físicas com a envolvente. O seu enquadramento, o seu respeito pelo contexto, como anteriormente referido é fabricado através de um processo mental. Lógicamente que este factor não inviabiliza o atendimento de certas estratégias morfológicas, mas, não sendo a sua relação física um pressuposto dominante, remetem-nas obviamente para um plano secundário. Isto fundamenta em certa medida o registo da parcialidade do cumprimento de um número considerável de invariantes conotadas com o Legado Vernáculo da região analisada.

As invariantes morfológicas registadas, não tendo um papel estruturante, são entendidas por Portela como uma solução de sensibilidade arquitectónica da resolução de situações específicas que o edifício estabelece com a envolvente. Dentro destas perspectiva, tal como Galego (Casabella, 1990) ou Siza (Salgado, 1986) referem, Portela outorga o resultado a uma prática profissional sensata e atenta, que não depende necessariamente de uma conotação conceptual relacionada com a influência da arquitectura vernácula, muito menos, dependente desta.



Fig. 136. Casa Arturo Estévez 2013

– *Obras de expressão assumida: (transição 1980/1990)*

– **Obra 07- Casa no Bom Jesus**, Braga (1989-1994), Eduardo Souto de Moura

Tal como referido no capítulo dedicado à resenha historiográfica de contextualização dos autores relacionados com a problemática deste estudo, Souto de Moura emerge precisamente na década de afirmação internacional da sua instituição de formação. Conclui a sua formação académica em 1980, constituindo-se como o autor mais jovem dos arquitectos enquadrados.¹

Eduardo Souto de Moura inicia a actividade profissional como colaborador de Siza Vieira². Apesar da relação profissional estabelecida e das evidentes consequências processuais que estas acarretam, ao analisar morfológicamente as obras deste período constata-se que estas, não sendo obviamente antagónicas, apresentam princípios estruturantes distintos. O trabalho de Siza, que retroactivamente até pode ser interpretado dentro duma linha de maturação consistente, demonstra já uma clara apetência pela pesquisa formal onde predomina a tendência plástica para a abstracção e o organicismo, assim como a autonomização assumida da intervenção em relação à envolvente (o que não inviabiliza a estratégia contextualista, mas, refuta a sua utilização como um fim em si mesmo). Exemplo paradigmático é sem dúvida o mencionado Banco Borges & Irmão, de Vila do Conde, que lhe concede aliás o prémio Mies Van der Rohe em 1988, um ano antes do início do projecto da Casa do Bom Jesus o que demonstra bem a distinção existente entre linguagens. A leitura do referente vernáculo, nesta fase, reduz-se a uma vaga sugestão formal que, segundo a maior parte da crítica, se deve em muito ao seu despojamento ornamental e à sobriedade espacial (e material) que as suas obras exibem (Alves Costa, 1990, p.72-73).

Não deixa de ser curioso verificar que numa época de crise de paradigma, onde uma das alternativas ideológicas é aclamada justamente no seu círculo profissional de influência, Souto Moura tenha optado por recuperar um modelo moderno icónico, de estrutura essencialmente racionalista, como a base principal de desenvolvimento espacial³ (Montaner, 2001, p.174). Terá sido uma simples afinidade sensorial ou uma reacção provocatória, de índole mais profunda, às tendências vigentes?

Talvez se possa especular sobre uma reacção de cariz ideológico mais profunda e complexa, em tudo semelhante ao que havia acontecido na geração anterior, onde o atribulado processo da implementação da formação baseada num currículo moderno, imposto na reforma de 1957, que pretendia romper finalmente com o ensino *Beaux-Arts* instituído desde 1932, acabaria por resultar na recusa peremptória das suas premissas, extravasando para uma orientação política, valorizando sobretudo o papel social do Arquitecto em detrimento da sua especialização técnica. (Canto Moniz, 2011, p.528-529)

Souto de Moura, forma-se precisamente na ressaca desse ambiente convulsivo, que desde 1967 demonstrava sinais de forte desestabilização, atingindo a ruptura absoluta em 1969 materializado quer pela dissolução da reforma quer pelo o encerramento do curso de Arquitectura no Porto. O ambiente académico era portanto tenso, fragilizado pelas condições laborais dos professores, pelo experimentalismo pedagógico sem referências teóricas idóneas e sem uma figura agregadora (sobretudo após a aposentação de Ramos em 1967), e pelas reivindicações constantes das hostes estudantis, alheias na maior parte das vezes aos recursos da própria Instituição. (Esposito & Leoni, 2003, p.11)

.....
1) Cerca de 13 anos mais tarde que o autor que lhe está mais próximo, Andrés Reboredo.

2) Participa no Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), enquanto membro de equipa coordenada por Siza Vieira, integrada na acção nacional de realojamento social e reabilitação urbana implementada por Nuno Portas, enquanto Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo a partir de 1974.

3) As referencias a Mies, Meyer ou Luckhardt são constantes no seu discurso.



Fig. 137. Casa no Bom Jesus, Braga (estado original)

O final da década de 60 caracteriza-se sobretudo pela tentativa de recuperação da identidade colectiva da instituição, num esforço extremado entre docentes e discentes, muitas vezes assumindo arriscadas posições frente à administração pública. (Canto Moniz, 2011, p.533).

Acerca deste do período de formação de Souto Moura é elucidativo também o testemunho de Siza Vieira: - *“Não era um período tranquilo dentro da faculdade, existiam lutas estudantis, um debate sobre a condição do arquitecto, discussões acerca do projecto, e quase era considerado um pecado agarrar no lápis e desenhar.”* (Siza Vieira cit. in Esposito & Leoni, 2003, p.11); no enquadramento histórico do seu afastamento voluntário da ESBAP, que não permitiu que acompanhasse Souto Moura como seu professor.⁴

O percurso formativo de Souto Moura, que o próprio critica ainda que de forma algo condescendente, reflecte precisamente essa atribulada transição no ensino de arquitectura em Portugal. De certo modo contribui até para a desmontagem do discurso teórico que reenvindica a tríade Távora-Siza-Souto como o resultado de uma escola com um projecto pedagógico sólido, diferenciador e com uma linha de continuidade coerente. (Esposito & Leoni, 2003, p.9).

O início dos anos 70 assistem a uma nova Reforma do Ensino Superior, aprovada em Janeiro de 1971, promovida pelo novo Ministro da Educação, que ao compreender a inviabilidade do ensino de Arquitectura existente autoriza o funcionamento de regimes experimentais (tanto no Porto como em Lisboa). A intenção seria a de *“criar condições para uma reformulação dos cursos de Arquitectura, que não fosse meramente tecnocrática, potenciando a auto-reflexão no interior dos próprios cursos, e fazendo assim regressar alguns professores e alunos à Escola”* (Canto Moniz, 2011, p.537)

A Escola de Belas Artes do Porto adopta assim uma experiência piloto que combinava pela primeira vez a gestão conjunta entre professores e estudantes sob o sugestivo tema: “Escola de Arquitectura”, que apesar de bem acolhida pelas partes interessadas é rechaçada liminarmente pelo regime, interrompendo-a em 1972.

Apenas após 1974, com a revolução democrática, foi possível reclamar para o plano de estudos, e para as metodologias nele implícitas, uma nova orientação da formação do arquitecto, valorizando sobretudo a vocação social do arquitecto e do seu papel de intervenção cívico, assim como a defesa da participação activa dos agentes escolares na própria gestão da Instituição. Esta reorganização curricular promovia um sistema flexível de articulação entre disciplinas e a aproximação do Curso ao meio social real, do qual a experiência SAAL constitui o seu exemplo mais emblemático. Será precisamente dentro deste espírito de intervenção, recorrendo ao trabalho de equipa para a resolução de problemas sociais complexos de carácter multi-disciplinar, que se assiste a um afastamento progressivo face ao desenho académico e à componente técnico-científica na formação do Arquitecto em virtude da sua dimensão teórica, humanista e sobretudo crítica.

Perante este cenário o impacto da experiência do Inquérito, que se foi perpetuando no Porto até ao ocaso da Reforma de 1957, sobretudo nos Exercícios programados por Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Fernando Távora (todos intervenientes no processo de Levantamento) desvanece-se gradualmente. Aquando da passagem de Souto Moura pela Escola o processo de análise operativo já estava perfeitamente desligado do referente Vernáculo. Na segunda metade da década de 70 o único legado efectivo que restou foi a memória do envolvimento colectivo e articulado da instituição em torno de um objectivo comum, o que contribui ainda mais para a sua conotação mitificante, especialmente num contexto de permanente crítica e conflito interno, que de forma alguma se poderá traduzir num factor de continuidade pedagógica (Trigueiros, 2000,

4) Siza junta-se assim a um conjunto de notáveis professores assistentes, cuja demissão, juntamente com a aposentação dos antigos Mestres, é tida como um dos factores coadjuvantes para o encerramento do Curso de Arquitectura após 1969.



Fig. 138. Casa no Bom Jesus, Braga (estado actual)

p.29). Souto Moura é peremptório na análise pedagógica da sua própria formação, desde cedo que sente dificuldade em aceitar o afastamento do modelo escola-atelier, sobretudo na recusa da aceitação da operatividade do desenho enquanto método de projecto, no desenvolvimento simultâneo da análise e na síntese, patente no processo criativo em prol da intervenção abstracta determinada por directrizes sócio-económicas. Talvez por isso, na sua formação, Souto se tenha aproximado tendencialmente das duas figuras, que durante a década de 70, se mantiveram fieis a este complexo método de trabalho, para lá das tendências e pressões circunstanciais, desenvolvendo-o de forma critica ao longo das suas carreiras: Távora e Siza.

“Efectivamente, houve um período no qual o debate na escola estava descentrado no estado da arquitectura. Não se faziam projectos ou desenhos e a arquitectura era uma ciência social. Távora era meu professor, um dos poucos que me pediu para fazer um projecto. Estava de acordo sobre a importância dos valores sociais, mas sustentava que não eram suficientes, que era preciso desenhar”. (Souto Moura cit. In Esposito & Leoni, 2003, p.11)

Mesmo sem a assimilação consciente de uma estratégia pedagógica concertada, Souto parece intuir a importância do complemento cultural no processo de projecto de matriz moderna, focando novamente a investigação dentro da problemática específica da Arquitectura, da sua própria natureza enquanto fenómeno, ao qual junta a recuperação do conceito de Lugar. Um interpretação que não anda muito longe da articulação do discurso lectivo de Távora (na sua componente pedagógica) e do estirador de Siza (no seu reflexo prático), por mais distintos que os seus resultados formais possam parecer (Esposito & Leoni, 2003, p.9).

De um modo geral a Obra de Souto de Moura caracteriza-se, especialmente neste período, por introduzir progressivamente *regras relacionais* orientadas para colocar em evidência os sinais *morfológicos e topográficos* do seu contexto, mesmo os menos relevantes, mas, que se tornarão estruturantes na ordem conceptual instituída pelo processo de Projecto, que se torna assim um instrumento de qualificação das especificidades da realidade onde se inserem. (Angelillo, 2000, p.14) Sintetizando, potenciam a identidade do lugar, na qual encontram o seu sentido conceptual.

Ainda que expressas de forma muito descomprometida, quase anti-retórica, Souto de Moura revela regularmente apontamentos assertivos acerca da leitura das especificidades do território onde intervém e na forma como a Arquitectura Vernácula expressa essa identidade.

“Os lotes no Norte são mais fechados, e as casas abrem-se para sul; no Sul é o contrário.” (Souto de Moura citado em Pais, 1993, p.30)

Conceptualmente as qualidades relevantes do projecto, em que se baseia esta dualidade, nascem da convicção, antiga, da possibilidade de coerência essencial entre o neoclassicismo e a modernidade, e da intenção de combinar diferentes sistemas compositivos e construtivos, fazendo da confrontação e do encontro entre lógicas distintas o seu motivo maior.

Seguindo assim a influência teórica de Fernando Távora, mesmo com maior ou menor relutância do autor, que já se iniciara o seu processo evolutivo desde o tempo da Casa das Artes do Porto, onde o actual muro de betão armado e a velha parede de granito, ao invés de se materializarem em duas hipóteses alternativas, não conjugáveis, começam a cooperar, criando uma solução alusiva à experimentação sobre a possível actualização das técnicas tradicionais, sobretudo na recorrente utilização das alvenarias pétreas, sem reboco (Esposito & Leoni, 2003, p.29).

Convém ter em conta que é justamente neste período que Siza Vieira erigia um dos seus projecto mais simbólicos: *O Centro Galego de Arte Contemporânea* (CGAC), Obra que o consagraria definitivamente no círculo profissional da Galiza, que traduzia numa escala urbana um retorno às suas inquietações iniciais que lhe surgiam da necessidade da prossecução da dialéctica do

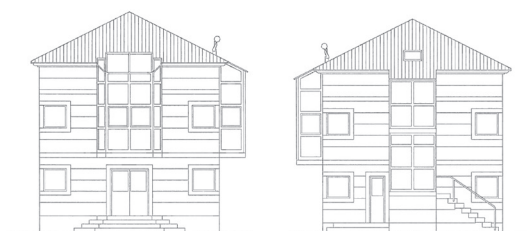
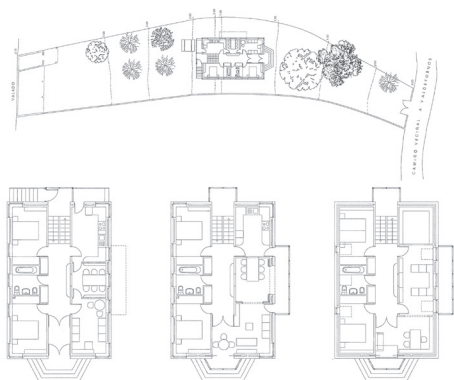
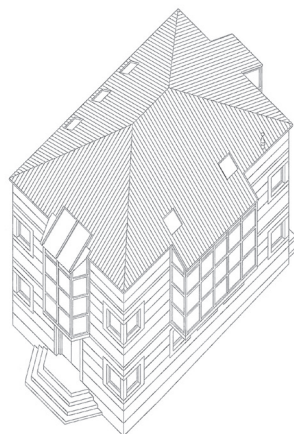


Fig. 139. Casa Rei, Mourente, Pontevedra (1985-1987)

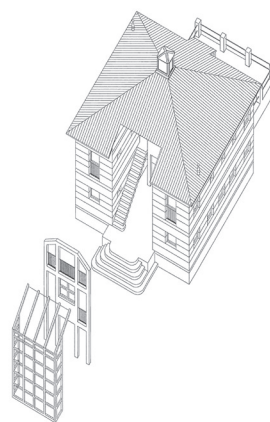
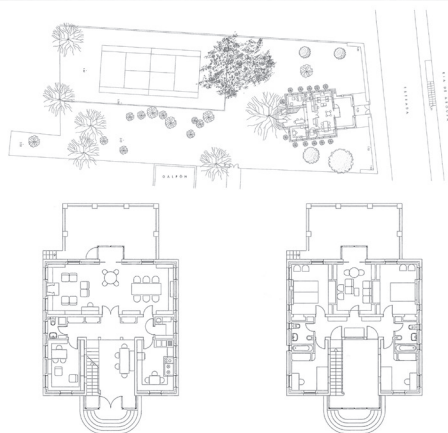
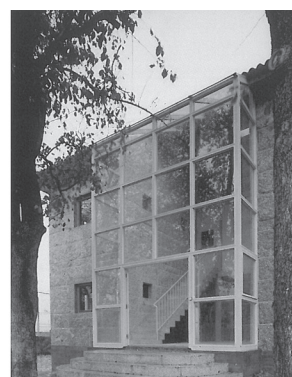


Fig. 140. Casa Pino, Vilaxoan (1987-1989)

projecto com o lugar (físico e cultural). A especificidade do contexto (jardim dentro da cidade) serviu de suporte a uma orientação próxima das enunciadas na Caracterização Geral das invariantes identificadas.

Um dos factores mais interessantes na sua comparação com o presente caso de estudo prende-se com a relação volumétrica que o edifício estabelece com a orografia da parcela e com a sua área envolvente, sendo que os princípios implícitos na sua descrição, apesar da disparidade do contexto e do programa, poderiam ser facilmente adoptados para o projecto em causa. A concepção do edifício apresenta estreita relação com o parque, que se organiza-se em plataformas sequenciais, estratificando a pendente da encosta orientada face ao centro histórico. O edifício estabelece-se assim como uma espécie de charneira, entre o anel urbano que envolve o casco histórico e o jardim do convento, numa situação de transição de malhas e traçados urbanos distintos e de articulação bastante delicada. O edifício implanta-se assim na lógica de sequência do alinhamento das plataformas como se fosse uma delas, a derradeira, circunscrevendo a encosta sem obstruir a sua ligação com o traçado urbano. Aliás esta ligação surge assim requalificada ao estabelecer-se o circuito exterior ao parque entre as entradas do Centro e do Convento adjacente, orientadas no mesmo sentido. Desta forma Siza cria uma interessante tensão entre os dois edifícios, que explora quer em termos compositivos, quer em termos materiais, valorizando o conjunto resultante e a própria transição das suas distanciadas cronologias (Frampton, 2000, p.42).

De certa forma o panorama específico, demonstrado no contexto Galego, da década da 80, seja através do reconhecimento público de determinados autores ou pela própria natureza dos projectos edificados nesta época, parece mais sensível a este género de abordagem projectual. A descoberta mútua entre as duas regiões e a aproximação dos seus círculos profissionais e académicos, foi inequivocamente mais proveitosa na divulgação do trabalho dos Portugueses do que vice-versa. Sendo que é certo que a dinâmica cultural de abertura internacional da Galiza esteve longe de ser exclusiva, procurando uma actualização referencial indiferentemente das suas origens culturais ou ideológicas. Facto a que também não é indiferente a assimetria de meios e recursos para que a facção Portuguesa pudesse prestar o mesmo serviço à projecção da Arquitectura Galega da época. Todavia a essa sensibilidade pela valorização da identidade física e cultural do contexto de intervenção, não parece ser alheio o enquadramento do concurso para a criação de Modelos de Habitação Rural promovidos pelas Deputacions, nos quais alguns dos arquitectos mais influentes ensaiaram projectos que recuperavam o conceito do referente Vernáculo, justamente dois anos antes do Projecto da Casa do Bom Jesús. Alguns como os já citados Reboredo e Portela, aproveitavam para consubstanciar teoricamente experiências já realizadas, cuja afinação ou evolução se traduziria na criação de modelos específicos baseados na mesma matriz, mesmo quando a sua condição extravasava claramente o programa de carácter rural que lhe tinha dado origem. Exemplo disso são precisamente a Casa Rei (1985-1987), em Mourente, e a Casa Pino (1987-1989), em Vilaxoan, da autoria de César Portela Fernández-Jardón e Pascuala Campos de Michelena. Duas casas formalmente muito próximas da Casa Arturo Estévez no que diz respeito ao edifício isolado, especialmente nos sistemas construtivos, mas também na utilização dos elementos compositivos, na estruturação da organização espacial geral (baseada em esquemas centrais e eixos perpendiculares) e na relação estabelecida com o espaço exterior. Contudo estas apresentam-se funcionalmente muito distintas, o que se traduzia quer na dimensão da habitação e na multiplicação de compartimentos, quer na caracterização dos espaços de utilização colectiva e na permeabilidade das circulações. Além disso a relação posicional do edifício dentro da parcela é definitivamente reformulada, passando agora o edifício a adoptar uma posição mais central em relação a toda a área envolvente, afastando-se das extremidades, reflectindo ora opções que privilegiassem as vistas existentes, ora salvaguardando ao máximo a privacidade das parcelas vizinhas. (César Portela em Entrevista, 2013)

Também o caminho, e logicamente o acesso, enquanto elemento estruturante na relação que o edifício estabelece com o território, acaba por perder protagonismo. O que significa que a

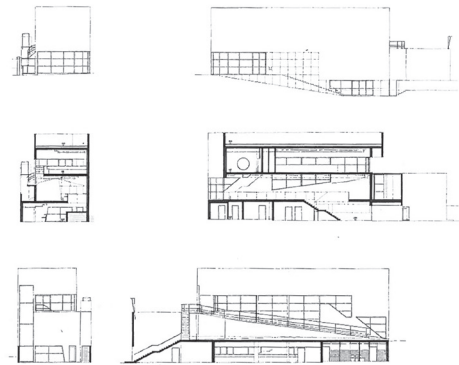
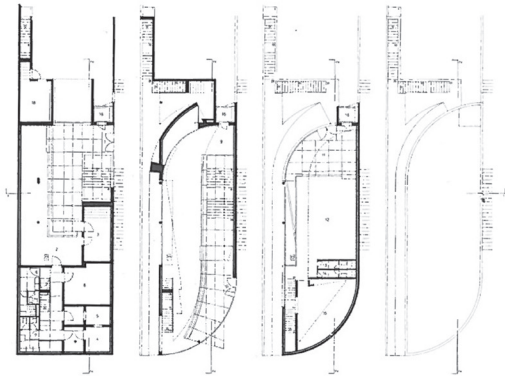
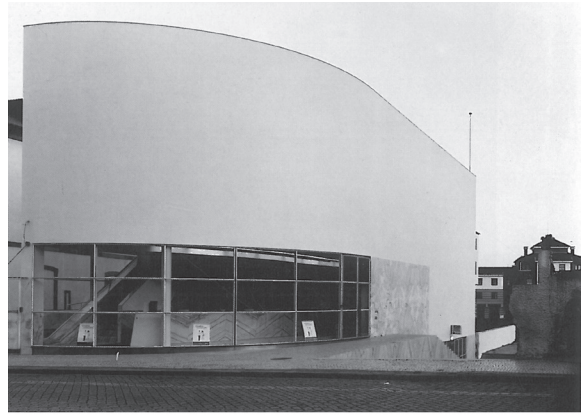
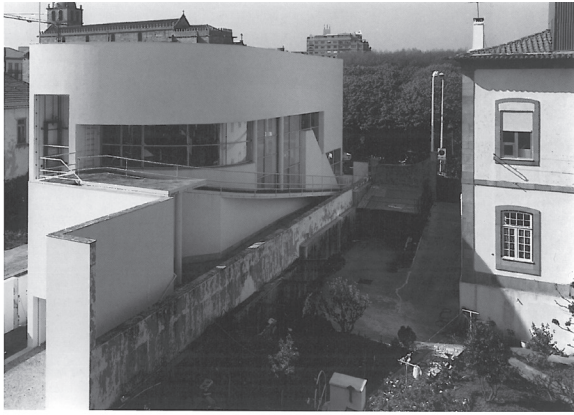


Fig. 141. Banco Borges & Irmão, Vila do Conde (1988)

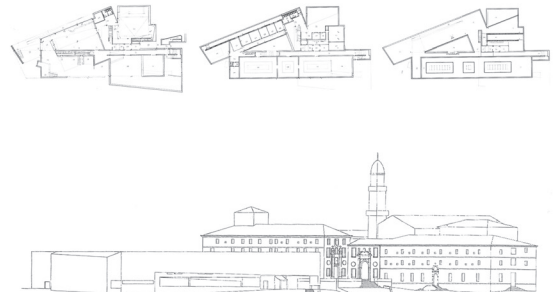
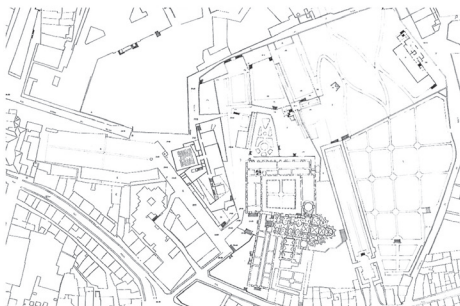
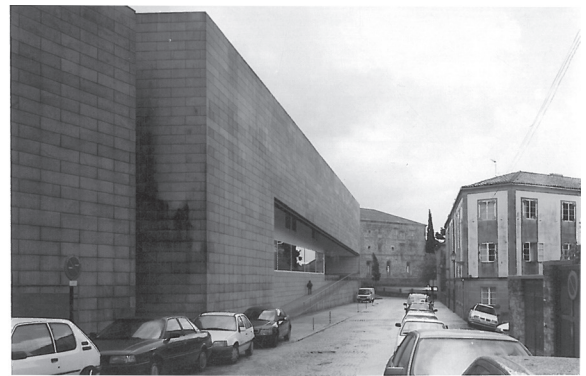


Fig. 142. CGAC, Santiago de Compostela (1988)

matriz cadastral deixa de ter uma relação tão directa com o edifício como até então se vinha verificando nos casos de referência, o que resulta numa leitura isolada da habitação. Os limites, os muros, que tanto contribuíam para a conformação da unidade dos assentamentos e para a sua continuidade formal desde o domínio público, perdem também preponderância no projecto, ao ponto da sua representação não constar da informação técnica ou da comunicação expositiva das Obras. Pode dizer-se que estes exemplos promovem a contextualização da intervenção através da percepção cultural que resulta do conceito de arquétipo, onde o referente vernáculo está patente enquanto identidade antropológica, e não das estratégias de articulação formal com o contexto físico envolvente resultantes das suas qualidades morfológicas.

Do mesmo ano que a Casa de Bom Jesus é o projecto da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariales da Universidade de Vigo, da autoria de Alfonso Penela Fernández. Formado apenas um ano depois de Souto Moura, na Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Penela inicia actividade em Vigo, região pela qual irá nutrir especial atenção. Ao contrário das restantes obras de referência que de certo modo estabelecem o enquadramento dos casos analisados a partir de casos de influência consolidado, numa espécie de Legado de autor para a Arquitectura Contemporânea, a selecção do projecto referido pretende abrir a perspectiva para a prática futura estabelecendo um paralelo com um autor contemporâneo, que apesar de se formar fora da Galiza, debruça-se sobre a sua vertente cultural, de forma critica, e que dentro da pluralidade formal praticada recupera também ele os valores da modernidade.

Ambos os autores não devem constituir portanto um exemplo do limite da problemática em estudo, dentro da região analisada, mas antes dois exemplos de transição, ou de evolução, da aplicação das suas premissas no cenário arquitectónico que se desenvolveu até aos dias de hoje

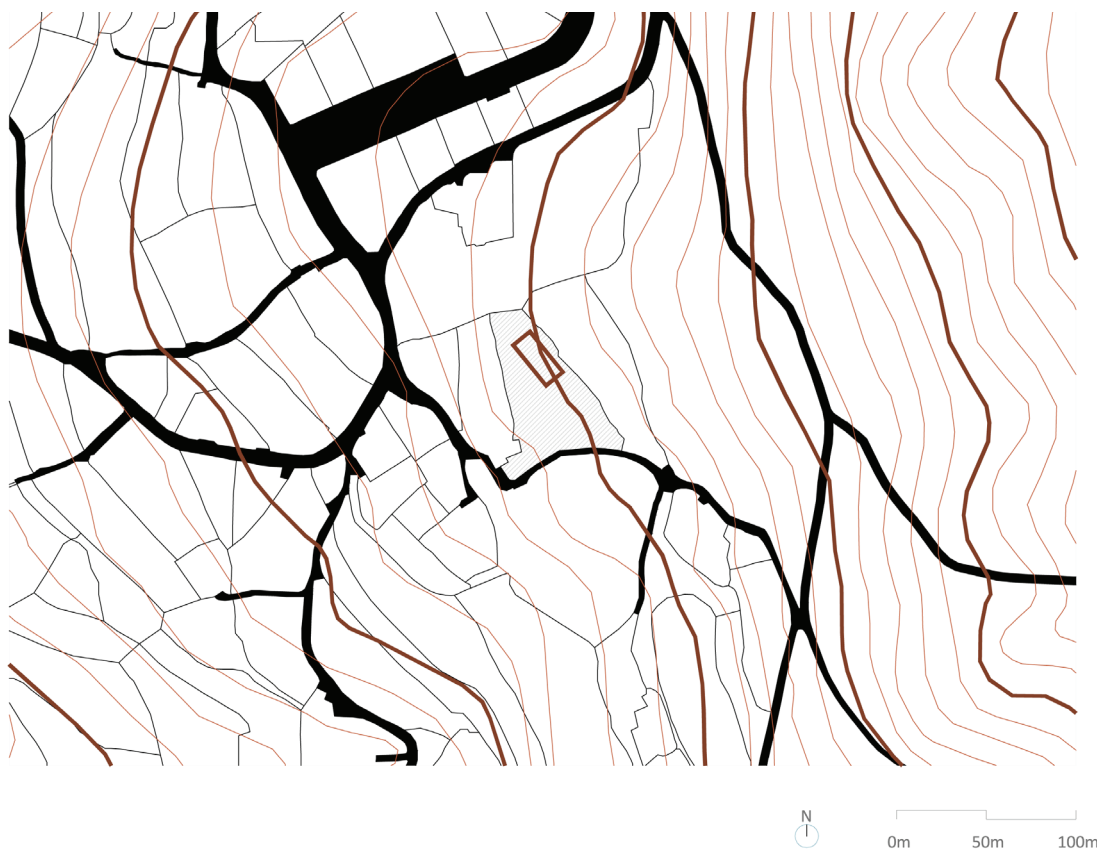


Fig. 143. Casa no Bom Jesus: Enquadramento cadastral e topográfico

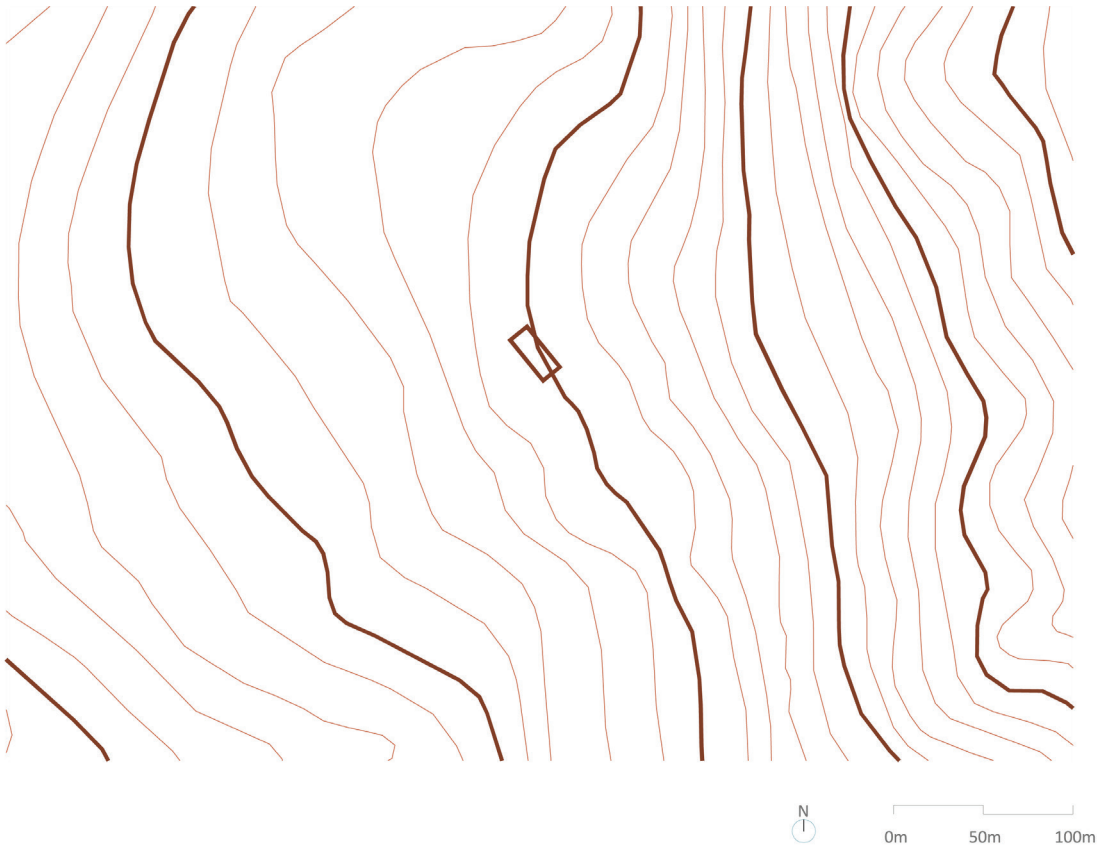


Fig. 144. Casa no Bom Jesus: Enquadramento topográfico



Fig. 145. Casa no Bom Jesus: Enquadramento cadastral

(especialmente de 2000 em diante) como a consagração internacional o vem demonstrando.

Tal como Souto, Penela também revela uma preocupação pela questão construtiva, na qual os seus projectos conformam investigações técnicas e estruturais, que tentam explorar a conjugação de elementos e processos de carácter industrial em composições tradicionalmente avessas a essa conotação, mas, que tal como Souto intentam pela dialéctica compositiva estabelecer uma relação de enquadramento cultural com a envolvente. Desta relação de enquadramento surgem algumas afinidades com os pontos assinalados neste estudo, identificáveis no referido projecto, sendo os mais evidentes a transição entre o volume edificado e a topografia, a fragmentação volumétrica, a disposição sequencial de linearidade quebrada e a conjugação do edifício com o próprio limite do seu recinto exterior. De certa forma retoma a relação com o parque circundante que Siza estabelece no CGAC, embora a partir de uma cota superior, enfatizando o efeito de “*promenade*” através da continuidade entre os recintos resultantes, substituindo logicamente as referencias construídas que estruturam inevitavelmente a disposição do volume de Siza pela contemplação paisagística. A abertura da frente rasgada para o interior do reduto que o próprio edifício conforma, assim como o rebaixamento da cota de cobertura na sua fachada tardoz, remete uma vez mais para a relação topológica que as construções vernáculas estabeleciam com o terreno, cuja pendente favorecia, e cujo sentido era respeitado pela inclinação da águas da cobertura.

Implantação:

A casa da quinta da Batouca, encontra-se no Lugar do Bom Jesus, concelho de Braga. Trata-se da obra menos litoral da selecção apresentada e, a par dos casos da periferia da cidade de Vigo, um dos mais afectados pelo recente crescimento do seu núcleo urbano mais próximo.

Tal como no caso de Vigo também aqui o território se caracteriza pela tensão entre a paisagem rural, estruturada pela propriedade mini-fundiária, e a aglutinação de uma urbanização difusa. Sendo que no caso concreto, a tendência apresenta uma propensão para uma menor densidade ocupacional, o que se traduz num modelo de anel periférico mais diluído, fruto também de uma relação menos dependente do centro da cidade.

Apesar da referida transformação territorial, perfeitamente reconhecível na época do projecto, a paisagem é ainda profundamente marcada pela sua exploração agrícola, onde se destaca o cultivo do milho maiz, a produção de vinho e a pequena horta. Apresentando assim o característico sistema agrário misto, do Litoral Minhoto, que combina de forma articulada a coexistências das agras e dos eidos de bancais e socalcos.

O lugar de intervenção encontra-se numa extensa área de vocação agrícola (de uso anterior e actual), mesclada com pontuações florestais de impacto significativo, que geralmente coroam os outeiros. A não proximidade de outras edificações, aponta para um assentamento disperso. A dimensão do respectivo lote, assim como dos envolventes, remete para uma estrutura cadastral de propriedades abastadas de produção extra-suficiente. O que se confirma pela toponímia da lugar (“quinta” da Batouca) e pela sua orografia, moldada para o melhor aproveitamento agrícola do solo, que escalona artificialmente a inclinação da pendente existente em grandes socalcos, suportados por espessos muros de contenção, executados em alvenaria de granito. Uma análise à estrutura cadastral demonstra a grande assimetria existente entre a configuração das parcelas, em dimensão e geometria, mas, para uma relativa constância quanto à sua orientação e alinhamento, no sentido Nordeste-Sudoeste de acordo com a pendente dominante. Os muros de contenção dos socalcos surgem naturalmente como o denominador comum mais evidente das necessárias transições de cotas e demarcações de propriedades. Uma solução que contribui para a articulação dos terrenos com a irregularidade das linhas de água existentes e

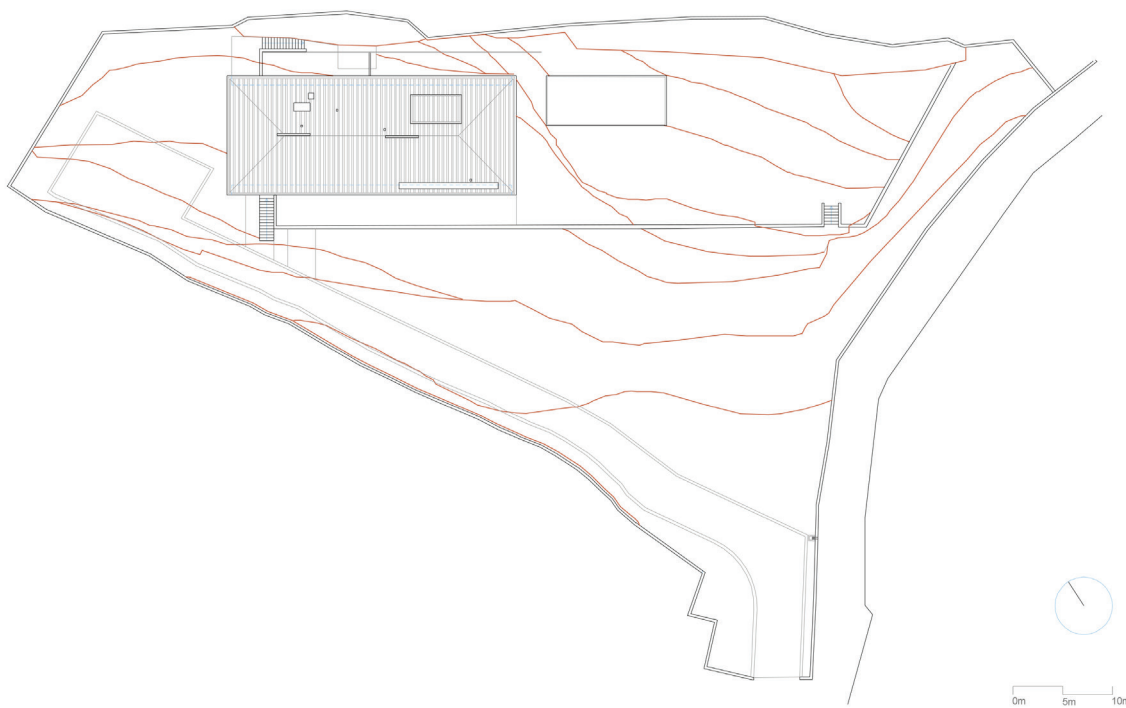


Fig. 146. Casa no Bom Jesus: Implantação na parcela

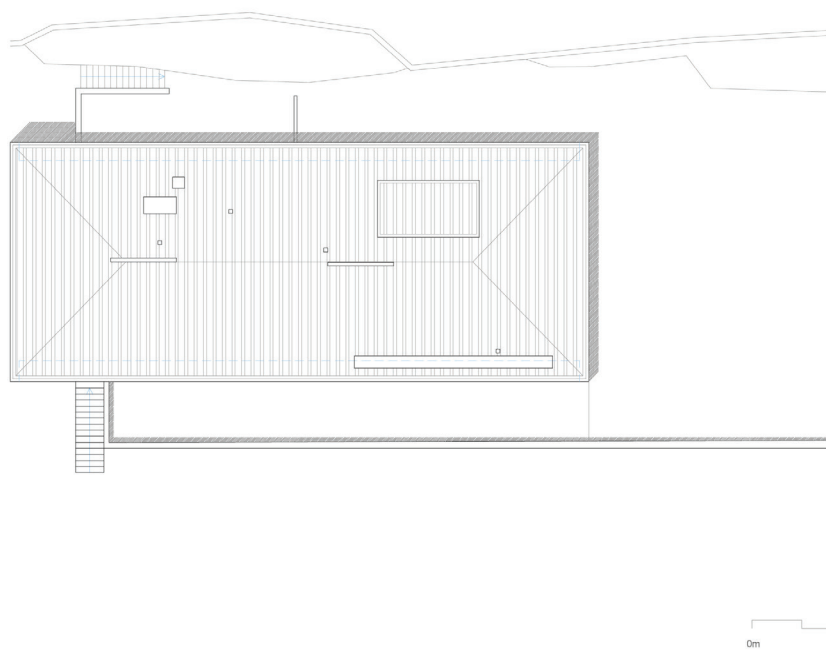


Fig. 147. Casa no Bom Jesus: Planta de coberturas

sobretudo com o traçado do circuito rodoviário recente. Traçado viário que se apresenta com grande organicidade, envolvendo a parcela ao longo de todo o seu perímetro sul, contrariando a pendente dominante, o que cria uma segunda vertente na propriedade no sentido Norte-Sul, conformando um canal que o acompanha.

Cabe ainda referir a existência de uma pré-existência na parcela, uma casa em ruínas, cuja reconstrução seria a intenção inicial do cliente, mas, que Souto de Moura irá prontamente declinar em detrimento da oportunidade de construir de estrutura de raiz.

Se formalmente a interpretação das plataformas do terreno domina a leitura deste projecto, também será pertinente referir que o seu desenvolvimento reflecte bastante a sua condição programática: uma solicitação para uma habitação unifamiliar, de uma família abastada: um casal com filhos, cuja dinâmica de utilização supunha uma certa autonomia.

Descrição Morfológica:

Morfologicamente a casa enquadra-se no modelo prevalecente do início de actividade do autor, apresentando um esquema planimétrico com base numa planta rectangular com três lados cegos e uma fachada frontal, simplesmente caracterizada pela presença de um envidraçado contínuo, com painéis de correr posteriores, atrás do qual se dispõem os ambientes principais da casa, deixando assim os serviços e espaços de circulação na zona posterior.

Um modelo que Souto enceta, ainda que de forma embrionária, desde a sua primeira obra como autor autónomo (Reconversão de uma ruína no Gerês, 1980-1982) e que se prolongará com mais ou menos variações até à paradigmática Casa de Moledo (1991-1996).

A casa de Bom Jesus apresenta no entanto um exercício conceptual mais profundo. Ao subdividir o programa em duas componentes distintas, mas, inter-relacionadas, separando os espaços do casal e dos filhos (de acordo com a condição programática já referida), determina a prossecução de uma estrutura dicotómica, cujo confronto assumido deveria expressar-se a todos os níveis, como um manifesto explícito. Como refere o autor: “Se se sobrepuser o pavilhão da cidade de Berlim, projectado por Luckhardt para a exposição de Hanôver de 1951, e uma casa agrícola de Braga obtém-se o meu projecto.” (Souto de Moura citado em Esposito & Leoni, 2003, p.89)

Partindo de dois modelos espaciais quase contrários, o projecto, de volumetria aparentemente simples, integra assim duas casas distintas, com diferentes linguagens e materialidades. Por um lado, na estrutura inferior, temos a construção popular nortenha: “*No Norte, as casas são estreitas e compridas, com um longo corredor fechado para o exterior, por um muro fechado que continua e define o perímetro do lote*” (Idem, p.92). Aqui a relação com o terreno assume também relevância, tal como na maior parte das suas casas no norte, numa ligação muito próxima da Arquitectura Popular. Neste caso também a orografia desempenha um importante papel para a definição de volumes, modelando a relação entre a construção e a natureza, numa ambiguidade profícua, seja no remate (como no seu exemplo mais radical materializado na Casa de Moledo (1991-1996), em Caminha) ou no prolongamento da orografia natural. A sua construção maciça, com poucos vãos abertos pontualmente, é parcialmente enterrada para aproveitar o isolamento e reduzir a construção de muros exteriores.

No piso superior a segunda tipologia aborda a ideia da casa aberta e desimpedida, segundo a definição Mieseana, ainda que o autor prefira a referência a Terragni, sem ruptura entre o exterior e o interior. Onde o rigor ortogonal e a distinção dos planos (sempre horizontais ou verticais) auxiliam a composição abstracta. Também aqui outro tema recorrente do autor, o cerramento total em vidro da área intersticial entre os planos dos muros. Esta dualidade também está expressa nas realidades edificadas, no detalhe construtivo e, antes de tudo, nas diferentes

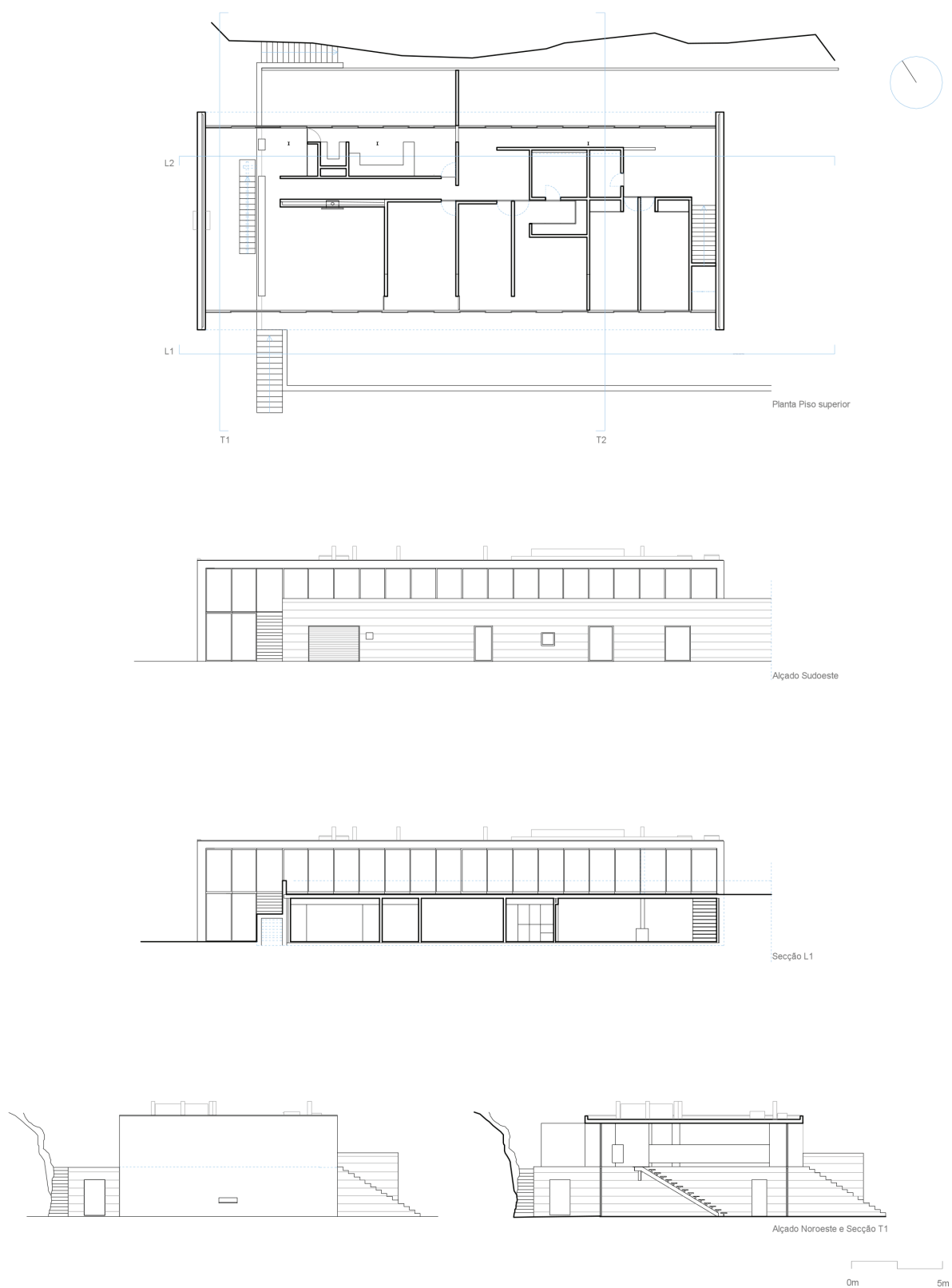


Fig. 148. Casa no Bom Jesus: Desenhos técnicos

formas de habitar. Correspondendo naturalmente cada piso a um modelo organizativo distinto.

A planta apresenta assim uma configuração em duas formas rectangulares regulares, justapostas, alinhadas paralelamente segundo o seu sentido longitudinal, e desfasadas em profundidade e afastamento no seu topo noroeste, o único que sobressai totalmente do terreno, o que possibilita o avanço do piso superior para o exterior da sobreposição das formas.

Volumetricamente apresentam a intersecção de dois paralelepípedos alongados, sendo que a continuidade que o volume inferior apresenta com o terreno, na prossecução da sua materialidade, pode sugerir o enterramento parcial de um único volume num plano de terreno nivelado, prolongando a fachada principal para o muro de contenção de terras. Podemos assim entender a génese do projecto como a insistência, não no contraste entre duas casas, mas, na possibilidade da dialéctica de uma com a outra. Desenvolvendo esta hipótese, para além da via linguística, no campo da lógica construtiva. Conjugando um espaço fechado, onde a criação de aberturas é uma necessidade esporádica, contrastante com um espaço diáfano, quase remetido a uma superfície de cobertura; tendo a ampliação do terreno em modelação escalonada, um papel reforçador.

Na inevitável relação que a Casa de Bom Jesus, estabelece com as outras casas-socalcos, em Baião (1990-1993) e Moledo (1991-1996), parece existir uma depuração conceptual e formal que transfigura o *leitmotiv* a casa e o muro, como dois elementos simbióticos embora reconhecíveis, para um elemento único e indivisível. Poderá dizer-se que a sua relação se vai extremando de forma progressiva. Neste caso ainda que incrustada na plataforma, a habitação tem como base um gesto arquitectónico assumido, integrado, mas, que se diferencia claramente da natureza do qual tira partido, fazendo lembrar o arrojo do Refúgio La Roiba, que no caso concreto é potenciado pelo contexto costeiro. Nos dois casos supracitados a condição passa pela osmose paisagística, a casa não se integra, pretende imiscuir-se na paisagem, exteriormente só se revela o terreno, que segundo o autor é o que deve ser valorizado... A casa só existe a partir de dentro.

Verificação de analogias morfológicas:

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.01	A seleção do lugar edificado a partir do coroamento de afloramentos rochosos:	■		
01.02	A implantação da edificação nos limites da propriedade:	■		
01.03	A integração das edificações habitáveis no sistema de delimitação de propriedade:	■		
01.04	A adjacência das edificações às estruturas de consolidação das plataformas altimétricas:	■		
01.05	O desenvolvimento linear a partir da determinação do núcleo:	■		
01.06	A confrontação directa com o acesso principal:			■
01.07	A fachada cerrada para o exterior e a fachada aberta para o interior da parcela:	■		
01.08	O enterramento parcial do piso inferior:	■		

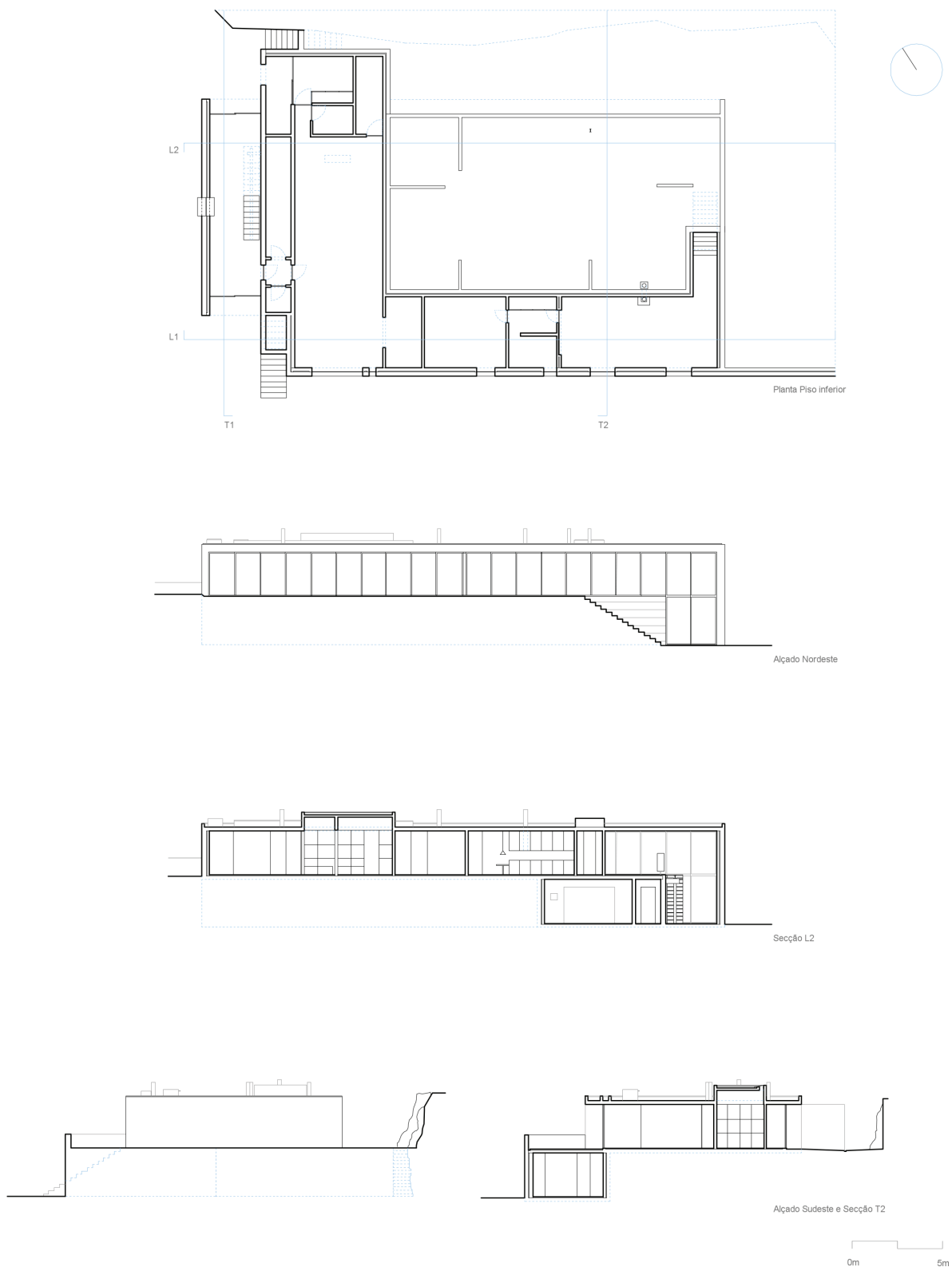


Fig. 149. Casa no Bom Jesus: Desenhos técnicos

		Aplicação		
01.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
01.09	A articulação dos pisos com diferentes níveis altimétricos:	■		
01.10	A referência das cérceas “naturais”:	■		
01.11	O paralelismo com a topografia e o contributo para a sua interpretação geométrica:	■		
01.12	A descontinuidade volumétrica como distinção Tipológica:			■
02.00	Caracterização Geral	Total	Parcial	Subversiva
02.01	Piso superior – pousado, prismas alongados de secção rectangular:	■		
02.02	Piso inferior – encaixado, tendência generalizada para a redução da área do piso superior:	■		
02.03	Constituição de volumes simples estanques, sem intersecções ou interpenetração volumétricas:			■
02.04	Adições adjacentes sem alinhamento recto; Fragmentação da linearidade compositiva:	■		
02.05	Altura reduzida (proporção do pé-direito reduzido):	■		
02.06	Apropriação das pré-existências edificadas:	■		
02.07	Edificado de materialidade Pesada versus Leve:	■		
02.08	Vãos Subtraídos/Incluídos:	■		

Tabela 7. Tabela de sistematização das Invariantes Morfológicas verificadas 07

Das 20 características morfológicas enumeradas, todas podem ser observadas na Casa no Bom Jesus. 17 apresentam correspondência total.

Apenas 3 apresentam soluções opostas ao habitualmente reconhecido na Arquitectura Vernácula:

- Confrontação directa com o acesso principal; A obra encontra-se precisamente no seu extremo oposto, sendo necessário atravessar toda a propriedade para lhe aceder; Tal como no caso de estudo anterior o caminho não é assumido plenamente enquanto elemento estruturante na conformação da solução arquitectónica.
- A descontinuidade volumétrica como distinção tipológica; Neste caso a diferenciação volumétrica, essencial para a génese conceptual do projecto, apesar de reflectir uma subdistinção programática não acarreta a sua alteração funcional. A utilização de composições geométricas distintas, destinadas ao mesmo fim, é um dos maiores antagonismos face à realidade vernácula, independentemente do seu contexto geográfico, visto contrariar o princípio generalista da consolidação tipológica.
- Constituição de volumes simples, estanques, sem intersecções ou interpenetrações; Apesar da composição volumétrica consistir em dois volumes autónomos de volumetria básica (dois paralelepípedos) perfeitamente diferenciados é justamente a sua intersecção articulada, e os espaços intersticiais que cria, que lhe conferem a sua identidade arquitectónica.

Outro dos factores não alheio ao referente vernáculo é a execução das escadas de acesso entre plataformas que surgem integradas nos aparelhos das alvenarias, mas, que se orientam em função do edifício, disposta de forma a promover a continuidade de circuitos e a transição entre espaço interior e o espaço exterior. A sequência de plataformas determina também a lógica de distribuição de espaços, que se estende hierarquicamente desde o plateau da piscina, localizado no ponto mais alto do terreno, conformado como um reduto específico, com maior controlo visual e dotado de mais privacidade, até às áreas periféricas destinadas a campos de vinhedo.

Interessante também será o facto de que, no caso específico, o socalco que conforma o piso inferior não ser original, nem sequer tomar como ponto de partida uma estrutura antecedente. O muro de contenção é executado de raiz, as suas proporções foram determinadas pelas áreas do programa, pela regras compositivas e por uma orientação que privilegiasse a incidência solar e o usufruto das vistas. A execução da plataforma contraria assim a exigência da adaptação à orografia existente, em virtude de uma optimização de recursos, o que permanece é o seu arquétipo enquanto construção abstracta de teor cultural, cujo valor é rapidamente assumido a partir de uma pré-existência, cuja validação nem sequer se contesta tal é a a força da sua identidade.

Na Casa no Bom Jesus, Souto de Moura constrói a paisagem (ao contrário do que acontece nas Casas em Baião e Moledo, nas quais se apropria dela) de forma a validar o seu conceito arquitectónico, demonstrando um domínio e um pragmatismo cultural que assume a humanização da paisagem, numa acção que assume a transgressão da natureza, mas que acredita que a sua qualificação depende necessariamente da reciprocidade entre o meio e o edifício.



Fig. 150. Casa no Bom Jesus 2013

– Paralelismos e assimetrias formais na evolução cronológica

“A preocupação com as pré-existências e com o sítio começa o desenho. Mesmo quando se utilizam com brutalidade máquinas de destruição, sítio e pré-existências orientam o desenho, a começar pela decisão de mobilizar essas máquinas.

Obra que apague o passado está condenada ao apagamento. Quebra-se uma cadeia.”

(Siza Viera in Salgado, 1984, p.132)

Para além da comparação entre a morfologia das obras analisadas e das invariantes morfológicas do Património Vernáculo da região analisada, outro dos aspectos, com particular pertinência para a verificação da consistência da aplicação do Legado, revela-se através da interpretação a partir da correlação entre as características das obras analisadas e o seu grupo referencial.

O conceito não se aplica à comparação singular entre os casos analisados (divergem e oscilam consideravelmente sem caracterizarem um padrão ou uma tendência clara), mas, apresenta elevada coerência entre os grupos referenciais indicados, o que de certa forma confirma a convergência das abordagens operadas em fases cronológicas específicas. Este facto é deveras interessante na medida em que a amostragem contraria claramente a generalidade do discurso retórico dos seus autores, onde a singularidade da perspectiva utilizada e a emancipação das correntes vigentes é sempre recorrente. Mesmo sendo sensível ao facto da não existência de estratégias de projecto concertadas, ou pelo menos, impelidas através de agentes difusores transversais, o certo é, que a evidência constata uma certa convergência dos princípios estabelecidos.

Contudo, antes de retractar as afinidades e divergências formais entre os grupos estabelecidos e que portanto corroboram na sua caracterização, convém sublinhar algumas condições circunstanciais, que embora implícitas na contextualização isolada das obras, reforçam a validade da sua selecção e contribuem para a aproximação geral da sua concepção à referencia vernácula.

O primeiro factor a considerar é evidentemente de ordem programática. Todos os casos de estudo, assim como a grande maioria das obras referenciais, correspondem a edifícios de habitação unifamiliar. Esta condição concorrerá naturalmente para uma maior facilidade de apropriação das características tradicionais em função da escala e da regularidade do programa doméstico, mais difíceis, embora não impossíveis¹, de alcançar em programas de maior complexidade e de funções mais especializadas.

Outra circunstância de grande relevância prende-se com a liberdade criativa dos autores, que possibilitaram a experimentação de linguagens formais não convencionais, sem constrangimentos estilísticos de maior. No primeiro caso, a Casa Cendón, o autor goza de claro ascendente cultural sobre o cliente, que (numa primeira fase) submete-se humildemente ao desenvolvimento conceptual do projecto sem qualquer interferência. Os seguintes casos de estudo (precisamente aqueles que refletem um maior grau de aproximação formal ao Legado), o Refúgio La Roiba e as Casas de Caminha, são inclusivamente propriedade dos próprios arquitectos, o que sem dúvida facilitou a incursão experimental desde a determinação da implantação, à reflexão programática e à definição material. Os casos do terceiro grupo, a Casa Ortiz, a Casa Cañosa e a Casa Arturo, são exemplos de clientes com recursos reduzidos dispostos a colaborar, por necessidade ou empatia, com o desenvolvimento de uma proposta alternativa em função dos seus objectivos. Finalmente

.....
1) Embora de maior raridade programas distintos não são de todo incompatíveis com as premissas enumeradas, tal como se demonstra na identificação de algumas obras paradigmáticas como o Mercado de Santa Maria da Feira, a Casa de Chá da Boa Nova, as Piscinas de Leça da Palmeira, o Acuário de Vilagarcía de Arousa, o Centro Galego de Arte Contemporânea ou a menos evidente Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade de Vigo, exemplos que acompanham todos os grupos definidos.

o último caso de estudo, a Casa no Bom Jesus, apresenta-se como um paradoxo. Ainda que a dimensão e sofisticação do projecto revele um cliente de maior capacidade financeira, a natureza do projecto demonstra uma clara cooperação no desenvolvimento do processo, a começar pela grande abertura negocial demonstrada pela desistência da intenção e encomenda inicial, a recuperação pragmática de um edifício degradado, em função de uma proposta de raiz, de claro teor conceptual.

A contenção orçamental é sem dúvida outra das circunstâncias transversais às obras seleccionadas, excepção feita ao último caso de estudo, a Casa no Bom Jesus, que surge já num contexto económico mais favorável e que, como se viu, traduz sobretudo uma opção conceptual. Esta condição traduz-se evidentemente numa resposta morfológica mais austera, com grande repercussão na optimização das dimensões da construção, na flexibilidade funcional (expressa sobretudo na supressão dos espaços de circulação) e sobretudo na racionalidade projectual e construtiva.

Estas foram condições determinantes para que os arquitectos explorassem soluções *low-tech*, visando o princípio do “*mínimo de esforço para um máximo de efeito*” como Tavares (2008, p.41) refere em relação às Casas de Caminha de Sérgio Fernandez, mas que poderia reportar a qualquer umas das obras dos três primeiros grupos. A assimilação de elementos pré-fabricados de ágil fornecimento e simplicidade de aplicação, também se integra neste contexto. A rematar esta conjuntura surge ainda a tendência neo-realista da revisão crítica do legado moderno, que previa o assumir da expressão própria dos materiais empregues, sem quaisquer subterfúgios, em soluções de grande elementaridade de pormenorização, que marca parte da produção arquitectónica internacional da década de 60 (Fernandez, 1989, p.96).

Outros dos factores contextuais de maior influência prende-se com as pobres condições de acessibilidade e transporte existentes. A condição territorial periférica, a precariedade das vias de comunicação, a topografia e as características geológicas aliadas à forte pluviosidade, ainda que estejam longe de ser inóspitas, são, em comparação com o resto dos territórios nacionais, um dos grandes inconvenientes ao desenvolvimento concertado da indústria da construção. Todos os casos de estudo, sem excepção, reflectem que o investimento requerido nas áreas rurais do noroeste peninsular passou inevitavelmente por um esforço e por uma determinação mais elevada.

Os casos localizados na ilha da Arousa, a Casa Ortiz, e na Serra de Caminha, as Casas de Caminha, estabeleceram mesmo situações extremas de acesso particularmente condicionado.

Esta circunstância, para além de apelar ao engenho do solução arquitectónica assume maior importância na gestão dos processos de execução. O projecto assume assim a resolução deste binómio de forma articulada, tentando minimizar todos os obstáculos que daí advém. Todos os projectos mencionados apresentam especial propensão para a reconsideração dos recursos locais, sejam eles de carácter material ou da mão-de-obra disponível. Esta característica representa um enorme paralelismo com o Legado Vernáculo, cuja natureza tem nesta circunscrição uma das suas maiores valências, com profundas implicações não só a nível Morfológico como Cultural. Aqui podemos assinalar uma clara distinção cronológica entre os primeiros grupos e os últimos. Nos primeiros parece existir maior exploração a nível físico, enquanto que a carga semântica parece mais relevante nos últimos, sendo que a síntese das duas tendências parece expressar-se de forma integrada no grupo de projectos da Casa no Bom Jesus de Braga.

A alvenaria de granito, tirando na Casa Ortiz, é um denominador comum aos casos analisados. Sendo que a sua aplicação está longe de ser aparentemente formal, visto que na maior parte dos casos reflecte inclusivamente as suas potencialidades estruturais. Os aparelhos empregues reflectem uma evolução na sistematização do corte até assumirem uma estética de carácter

industrial, evidente por exemplo na obra de César Portela e Pascula de Campos². Mais uma vez o projecto de Souto de Moura surge como uma excepção, indicando num retorno às praticas de cantaria mais artesanais, embora de maior complexidade, visto traduzirem sistemas murários de panos múltiplos e de menor pragmatismo de execução, sobretudo nos momentos de transição entre superfícies.

A utilização da madeira surge também com grande profusão de soluções, seja em painéis compostos ou tabuado maciço executado em madeiras locais; dominando claramente a aplicação nas caixilharias e nas portadas, como na Casa Cendón e no Refúgio A Roiba, no mobiliário e nos revestimentos interiores, especialmente nas Casas de Caminha e na Casa Ortiz, até aos planos de pavimentos e tectos, da Casa Canõsa e da Casa Arturo, até se restringir a aplicações pontuais em pavimentos e mobiliário-tabique na Casa no Bom Jesus.

Numa primeira leitura a opção pela mão-de-obra local, que acompanha a estratégia de optimização de recursos, indicaria, de forma expectável, para o pressuposto da recuperação das técnicas tradicionais e da sua consideração no projecto, contudo, a análise dos processos construtivos das obras analisadas acaba por inferir que a maior parte do conhecimento dos intervenientes na sua execução, para além de apresentar um nível técnico elementar, apenas assegurava a aplicação das técnicas correntes e generalistas. Facto que em muito condicionou as soluções arquitectónicas desenvolvidas, pois impunha que os autores compatibilizassem o projecto de acordo com as capacidades de execução disponíveis, apresentando como casos paradigmáticos o do segundo grupo de obras, representado pelo Refúgio “La Roiba” e pelas Casas de Caminha (Salgado, 2008, p.208; Tavares, 2008, p.41-42).

Esta condição será um reflexo inevitável da drástica transição laboral operada no Norte de Portugal e na Galiza, entre a década de 60 e 80, que entre intensas oscilações de mercado e regulares processos de êxodo contribui aceleradamente para a descontinuação das praticas construtivas locais, remetendo o role das suas artes e ofícios para um nível praticamente residual. Esta circunstância determina um grande investimento dos próprios arquitectos na investigação das técnicas construtivas locais³, que encontra no diálogo retroactivo que estabelece com os seus executantes uma das suas maiores particularidades⁴ e na simplificação das soluções empregues uma das suas principais características.

Mesmo a obra de Souto de Moura, erigida num contexto económico menos restritivo que o resto da amostragem, reflecte de forma paradoxal esta condicionante. O autor reconhece a dificuldade em encontrar canteiros, ainda em actividade, que lhe permitissem executar o tipo de aparelho de alvenaria pétreia empregue no piso inferior, de acordo com o corte tradicional. Apesar disso, com todas os obstáculos que daí resultam, trata-se de uma solução a que recorre frequentemente nas suas primeiras obras, à qual, conceptualmente, não parece existir de facto alternativa para o carácter integral dos seus projectos.

Outra dos paralelismo formais que acaba por se verificar de forma transversal às obras analisadas prende-se com a concepção da preservação do cadastro baseado no sistema agrário antecedente. Mas, também aqui uma análise mais cuidada acaba por revelar uma relação paradoxal com este pressuposto territorial. Apesar de adoptarem soluções de adaptação à topografia e à modulação das parcelas, em tudo similares ao que acontece nos edifícios vernáculos (até então remetidos para a localização em pendente mais acentuadas por meios de bancais e socalcos), as propriedades onde maior parte das obras se implantam seriam à partida situações inviáveis de edificação, segundo os padrões de eleição tradicionais. Este facto deriva da evolução convulsiva da estrutura territorial depois da desagregação da economia agrícola de autossuficiência, cuja

.....
2) A quem o contributo e influência de Bar Bóo não poderá ser desconsiderado.

3) Devidamente enquadradas nos suportes teóricos já assinalados anteriormente.

4) Nas Casas de Caminha de Sérgio Fernandez, existem mesmo uma série de elementos que apenas foram estabilizados já em plena execução da obra (Tavares, 2008, p.46 – nota 25)

maior transformação ocorre precisamente nos cerca de 30 anos abrangidos por este estudo.

Dos edifícios analisados, 3 casos localizam-se em áreas estruturadas em agras, o que significa que tradicionalmente as suas parcelas estariam reservadas exclusivamente ao uso agrícola. Apesar da sua conformação constituir um dos elementos de maior caracterização do território, a sua consideração enquanto área edificável é claramente antagónica para com a prossecução da unidade paisagística da região.

A absorção destes lotes dentro do domínio do espaço edificável é de tal forma intensa e profunda que a sua configuração será rapidamente assumida como um dos pontos caracterizadores da edificação recente na região analisada. Andrés-Reboredo (1987, p.24) justifica mesmo a geometria do seu modelo para habitações rurais, apresentado no concurso para a comarca de Pontevedra, a partir da estratégia de adaptação à sua configuração longa, estreita e de reduzida pendente.

Por outro lado 3 casos de estudo revelam situações de localização extrema onde a pendente ou a qualidade do solo inviabiliza o aproveitamento agrícola da área circundante, onde geralmente se constituía o eido, o que também não seria consentâneo com a determinação original da implantação baseada no sistema agrário tradicional.

Tal como se sublinhou anteriormente, apenas a Casa Arturo Esteves, considera o aproveitamento agrícola da parcela, estabelecendo-se na área de maior pendente e de menor vocação agrícola. Todavia, esta é, curiosamente, uma das obras com maior autonomia morfológica da parcela que, ao contrário de outras onde esta relação é inclusivamente forçada⁵, acaba por preterir os habituais métodos de modelação do terreno, o que se reflecte inclusivamente na sua configuração geométrica. Actualmente a parcela continua a ser cultivada com relativa intensidade. A produção resultante, para consumo próprio, tem no espaço inferior da habitação um importante apoio às tarefas decorrentes. A exploração agrícola, não sendo determinante para a subsistência dos proprietários, acaba por constituir um importante complemento no suporte económico do agregado, tal como Portela (1984) pressupunha na justificação da aplicação desta casa como modelo de vivenda rural para o território Galego.

.....
5) Veja-se por exemplo a Casa Ortiz ou a Casa no Bom Jesus, que recorrem a soluções de integração através da subordinação do edifício a elementos exteriores, que remetem inclusivamente para uma utilização agrícola, que pouco tem a ver com as reais necessidades dos seus utilizadores.



Fig. 151. Casa Arturo Estévez. Armazenamento das espigas no alpendre do piso inferior.

As formas das parcelas utilizadas revelam grande diversidade geométrica, divergindo quer na configuração quer na orientação. Dos casos analisados apenas a Casa Ortiz apresenta um lote regular ortogonal, decorrente de uma demarcação sem condicionantes cadastrais, em solo praticamente virgem, constituindo obviamente uma situação de excepção.

No tratamento da parcela e na sua configuração não se verificam afinidades nem entre os casos analisados, nem entre os grupos referenciais estabelecidos. A modelação do terreno e as soluções de delimitação de propriedade divergem em toda a linha, respondendo apenas à especificidade do programa e do seu contexto. Existem, porém, algumas semelhanças na estratégia de implantação dos edifícios que se apresentam determinantes no desenvolvimento dos seus projectos, e que parecem ter maior coerência dentro dos períodos cronológicos correspondentes.

A articulação geométrica da parcela com o edifício apresenta constância no alinhamento paralelo deste com um dos seus lados, determinando, na sua grande maioria, a orientação das fachadas de maior dimensão. Este alinhamento corresponde tendencialmente a uma maior aproximação do edifício ao perímetro, excepção feita uma vez mais à Casa Ortiz que apresenta uma variação subversiva deste sistema, ou mesmo à sua completa adjacência (Casa Cendón e refúgio “La Roiba”). Esta proximidade dita a retaguarda do edifício, mais preservada do exterior, geralmente conjugada com a solução do sistema de delimitação, que decorre geralmente do próprio aproveitamento da topografia original e da construção de muros de alvenaria paralelos à casa.

Em todos os casos a casa encontra-se implantada na área topográfica mais elevada, estando a parte livre da parcela orientada sempre no sentido da pendente e de acordo com as vistas mais favoráveis (aspecto sublinhado no caso de Bueu, Caminha, Arousa, Moaña e Braga).

A modelação do terreno resume-se, quando existe, à escavação necessária para o enterramento parcial do piso térreo. Esta operação tende a desenvolver-se de acordo com o alinhamento das curvas de nível, acomodando geralmente o plano de uma das fachadas longitudinais, resolvendo assim o nivelamento das cotas com o exterior na fachada oposta. Na maior parte dos casos recorre-se também a um nivelamento do terreno na frente dessa fachada, que adquire a forma de plataformas, paralelas ao edifício, também de configuração ortogonal. A consolidação dessas plataformas pode ser bastante discreta como no caso da Casa Cendón, ou na execução das estreitas faixas das Casas de Caminha, ou mais expressiva como na Casa Canosa até à consolidação do bancal artificial da Casa do Bom Jesus.

Todos os volumes apresentam uma configuração prismática alongada de secção transversal estreita. Apenas a casa Cendón apresenta uma configuração destacada, em forma de L, mas, que resulta de uma adição volumétrica de dois corpos com a mesma natureza formal. Os topos apresentam sempre um tratamento mais seco, em alguns casos resumem-se mesmo a planos praticamente cegos (como no caso da Casa Canosa e do Bom Jesus), as fachadas longitudinais assumem assim o protagonismo compositivo. Desta forma a compartimentação interior é sempre orientada em função da sua relação com as fachadas longas. Em todos os casos as fachadas longitudinais apresentam lógicas de fenestração distintas ou mesmo antagónicas. Existe claramente uma propensão ao maior rasgamento do plano de fachada que se abre à parcela por contradição ao oposto, o que influi logicamente no controlo dos programas funcionais. Neste ponto, particular menção deve ser feita à forma como a Casa Canosa e a Casa Estevéz articulam a circulação e os espaços colectivos, recorrendo à reinterpretação da Galeria Galega, que assume grande importância no programa e na expressão formal da habitação. São também estes os únicos casos que assumem o desenvolvimento da composição a partir da sua área central, que se estabelece como o nódulo de comunicação do edifício e onde se estabelece a transição para o exterior. Os restantes casos apresentam sempre o desenvolvimento do programa a partir de um dos extremos, que geralmente integra os espaços de propensão colectiva na proximidade da transição com o exterior, determinando a orientação das comunicações com os espaços mais

íntimos, disposto sequencialmente ao longo destas.

A compartimentação interior apresenta grande pragmatismo. Os espaços interiores resultam da segregação por paramentos paralelos ou perpendiculares às fachadas. As suas configurações são ortogonais, dispostas segundo uma grelha regular. Como contraponto a esta estaticidade espacial, alguns espaços apresentam articulações directas entre si, mesmo em espaços de cotas distintas.

Aparentemente, a simplicidade dos planos exteriores sugere a reversibilidade volumétrica do seu interior, adivinhando-se os limites pelo posicionamento dos vãos e pela métrica das componentes estruturais. Contudo, esta relação não se verifica directa em nenhum dos casos. Não só as plantas acabam por revelar alguma liberdade em relação à grelha compositiva das fachadas, como, em alguns casos, esse desfasamento assume objectivos de contraponto às regras geométricas estabelecidas. Um dos casos mais ilustrativo é o da Casa Ortiz, onde a simplicidade volumétrica é contraposta à dinâmica dos vãos utilizados e à fluída articulação anterior, sem comprometer a grelha ortogonal estabelecida, algo também constante na Obra de Gallego Jorreto.

A simplicidade das formas geométricas aplicadas é algo transversal a todos os casos, alguns dos quais até podem ser considerados elementares. A esta condição parece corroborar uma apetência geral para uma linguagem austera, de grande sobriedade. A ornamentação é praticamente inexistente e os elementos mais expressivos estão geralmente relacionados com a própria natureza dos materiais empregues. A linha horizontal domina claramente a composição geométrica. A leitura da espessura das paredes surge quase sempre reforçada, mesmo quando existe intenção deliberada da aplicação de soluções pré-fabricadas ou apesar da utilização de grandes áreas envidraçadas.



Fig. 152. A expressão austera da fachada Este das Casas de Caminha

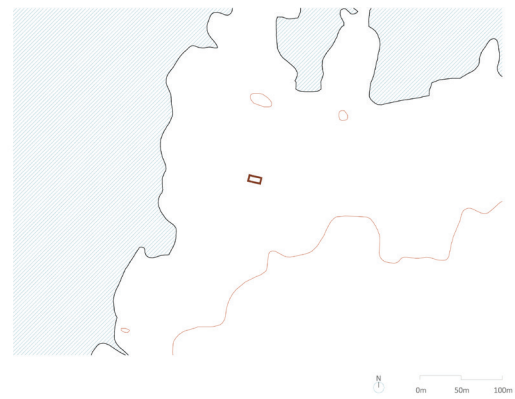
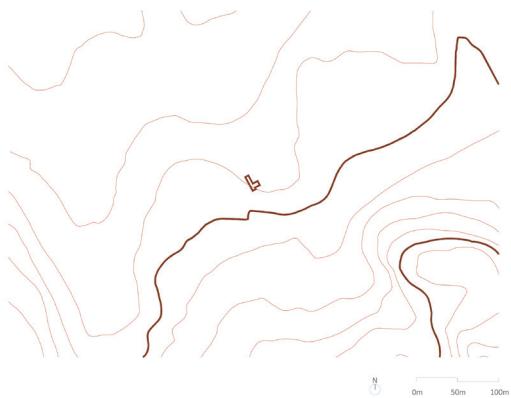


Fig. 153. Casos de Estudo: Comparação Topográfica



Fig. 154. Casos de Estudo: Comparação Cadastral

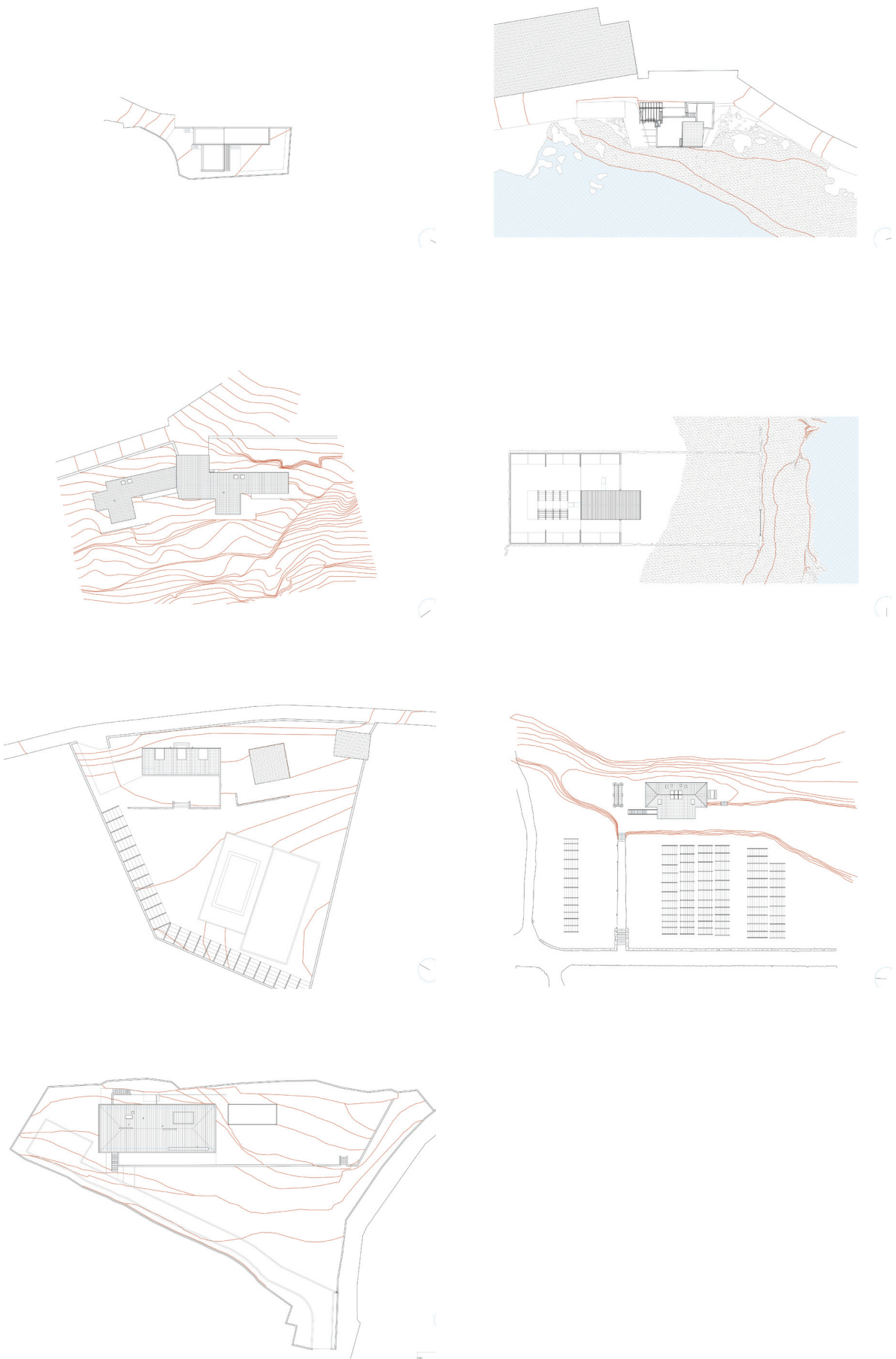


Fig. 155. Casos de Estudo: Comparação da inserção na parcela

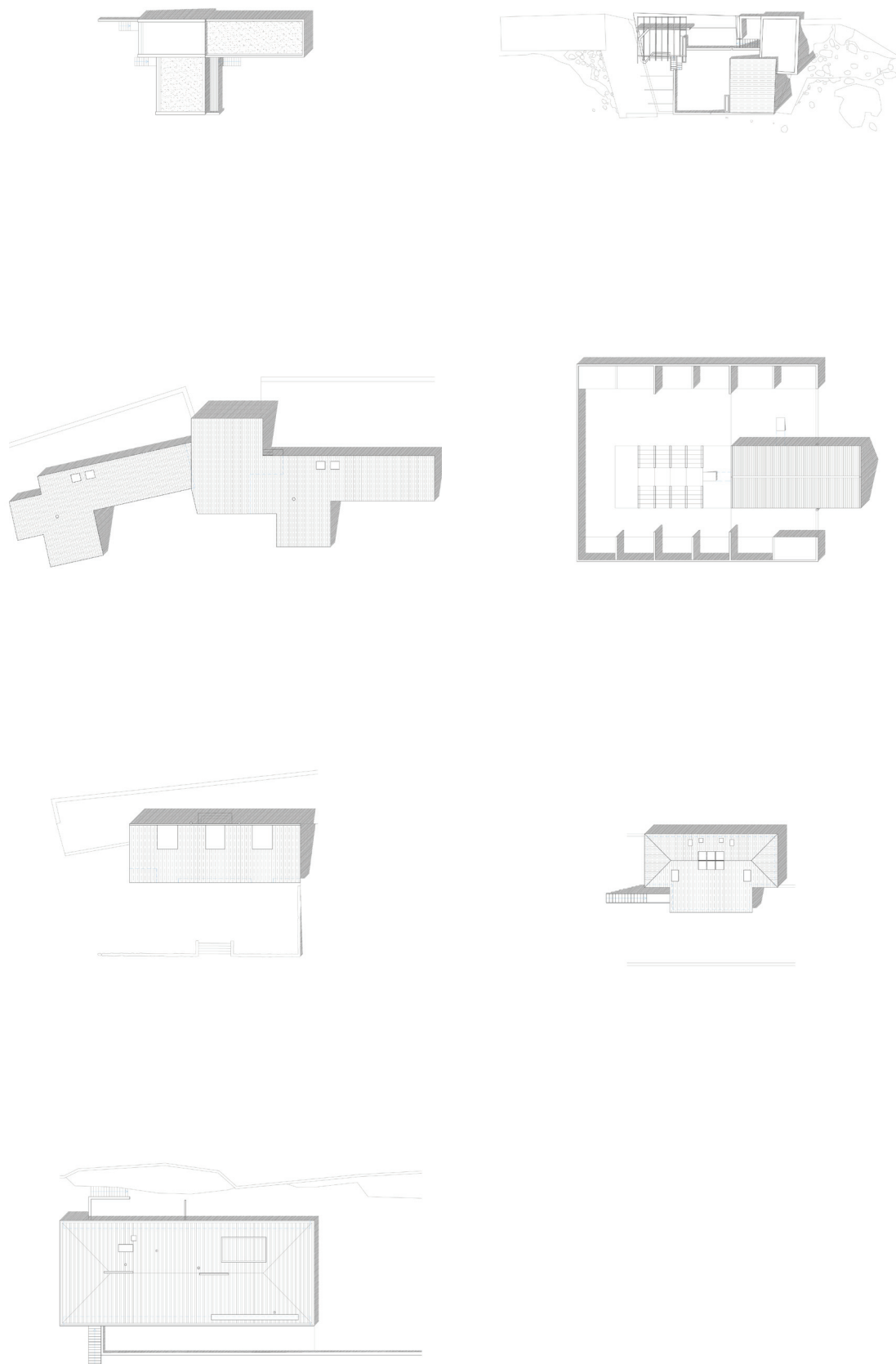


Fig. 156. Casos de Estudo: Comparação das plantas de coberturas

CONCLUSÕES GERAIS:

– *A observação da contribuição do legado vernáculo na produção arquitectónica do contexto anterior*

“Desde nuestra perspectiva temporal creemos que las casas escogidas son aún capaces de ilustrar el intenso diálogo y las contradicciones entre las aspiraciones de generalidad y de reconstrucción de la racionalidad - planteadas por la arquitectura moderno bajo la presión de la civilización actual - y la lección de realismo de unas obras nacidas en un medio humano concreto, muy rico en vestigios de una cultura material aun vigente, con magnifico artesanado y una tradicion historicamente capaces de transmutar la escasez y las limitaciones en las cualidades de grandeza y dignidad que las caracterizan.” (Armesto & Padró, 1996, p.12)

Como se induz da frase de António Armesto, acima citada, a matriz conceptual de uma determinada linguagem arquitectónica é um fenómeno complexo e multidisciplinar que não poderá ser esgotado numa premissa concreta. O mesmo se aplica à Arquitectura de uma determinada região. Os actuais métodos e os processos de Projecto (ou a falta deles) enfatizam ainda mais este fenómeno.

O desenvolvimento do estudo torna claro que esta base conceptual nunca poderá ser reduzida a uma das suas componentes, por mais vigorosa que seja a sua manifestação.

“... no caso das Obras de Souto de Moura, as definições de arquitectura regionalista ou minimalista, às quais, frequentemente, se tem pretendido associá-las, são definições que assentam mal, sobretudo se se indaga acerca da densidade que deu origem aos projectos”. (Angelillo, 2000, p.9)

O primeiro obstáculo desta tese, prendeu-se com a interrogação acerca da legitimidade da atribuição de uma **Identidade** de Linguagem Arquitectónica Contemporânea, para a região do Noroeste Peninsular, nomeadamente entre o Alto Minho e a região Sul da Galiza. A questão, tão interessante como polémica, pressupõe naturalmente uma reflexão profunda e especifica, para além dos motivos essenciais deste estudo. No entanto, para a prossecução dos objectivos estipulados é facto determinante o reconhecimento de **afinidades concretas e identificáveis** na matriz conceptual desta Arquitectura. O fenómeno descrito é assim retractado através das suas componentes invariáveis (expressas no capítulo 2), valorizadas pela sua iminência na estrutura hierárquica, em relação às restantes, ao invés das suas evidencias formais, cujo destaque se deve na maior parte das vezes apenas ao imediatismo do seu reconhecimento superficial.

Todavia, como se expressa no inicio do presente capítulo, dada a natureza do fenómeno, a objectividade do método e do objecto enquadra-se numa perspectiva selectiva, mas, não exclui de forma alguma o eventual contributo de outros factores para a prossecução da hipótese formulada. Apesar de, tal como se fundamenta nos capítulos relativos à sistematização metodológica, não se pretender desenvolver perspectivas paralelas ou alternativas, parece pertinente registar aquelas que, pelo seu teor complementar ou mesmo fracturante, surgiram de forma mais regular e intrincada no desenvolvimento da problemática deste estudo.

O registo das varias hipóteses alternativas associadas à problemática em questão, reveste-se de interesse não só, pela necessária consideração na sua compreensão sistémica e integrada para a melhor compreensão do fenómeno, mas, sobretudo por constituir contributo científico na medida

em que expande e sugere a exploração de outras abordagens relacionadas com o tema, seja de forma consequente ou comparativa. Quer seja em artigos científicos ou exercícios académicos semelhantes, Algumas questões particulares foram assumindo particular potencial ao longo do estudo de forma a constituírem interessantes *spin offs* desta investigação, contrariando o conceito da estanquidade temática, e assegurando dinamismo científico, o que deve ser aliás objectivo de fundo de qualquer tese, independentemente da área ou objecto de estudo. Deste grupo de interrogações, cabe destacar cinco princípios de abordagem que invariavelmente se cruzaram com o desenvolvimento deste estudo:

1. A sensibilização para o Legado Vernáculo está associada a circunstâncias e modelos concretos que moldaram a formação arquitectónica de determinado período, independentemente do cariz cultural da área geográfica em questão.
2. O reconhecimento do Legado Vernáculo e a sua potenciação na Arquitectura Contemporânea não é exclusiva de nenhuma região, nem tão pouco atribuído a “Escolas” concretas; Assim como não define uma perspectiva obrigatória quer no contexto quer nas linguagens.
3. O protagonismo do conceito de Lugar na metodologia de Projecto Contemporâneo geralmente associado à ESBAP (Cerqueira, 2005, p.117) pode significar uma afinidade e não uma premissa estabelecida com o Legado Vernáculo, uma vez que para este ultimo esta condição não só é implícita como estruturante; Esta circunstância já é por si suficientemente diferenciadora, sobretudo no contexto das pós-vanguardas e na conceptualização teórica que balizaram os processos vigentes à Arquitectura na época da sua consolidação. Será esta relação uma constatação de origem accidental (com ponto de partida ainda mais erudito nos ensaios teóricos de Norberg-Schulz e Heidegger, da noção de espaço existencial e na conceptualização do *genius locci*)?
4. A hipótese primordial não é uma prossecução consciente mas uma contaminação formal de estilo e de enquadramento numa suposta linguagem, associada a posteriori ao sucesso de figuras proeminentes. (Pais, 2000, p.29)
5. A expressão arquitectónica analisada tem o seu principal foco de origem no reflexo de uma pressão do promotor-tipo que personifica a expectativa de uma sociedade que ainda não se conseguiu distanciar de valores culturais de ordem rural e cuja ascensão económica vai legitimar (ou corromper) como alternativa válida ou integrante das correntes Eruditas e à promoção do seu *status* social.

Retomando as conclusões de ordem genérica poderá interpretar-se, ao longo da Investigação, que o Legado Vernáculo não determinou necessariamente a qualidade da linguagem arquitectónica contemporânea retratada⁶, mas, determinou forçosamente a sua caracterização morfológica. A sua conjugação com a instalação de Instituições de formação Académica na sua área geográfica foi determinante na evolução da sua expressão, como atestam as comparações nacionais, especialmente no início da década de 70, onde os casos de estudo na Galiza continuam a ser pontuais (restringidos a autores com afinidade territorial ou com estabelecimento esporádico nesta geografia⁷) e os casos no Norte de Portugal, que aumentam exponencialmente, o que contribuirá favoravelmente para a consolidação formal e para o seu reconhecimento critico; Este facto adquire especial relevância, especialmente, se tivermos em conta a convulsão administrativa e as suas inevitáveis consequências, resultantes das transições dos regimes políticos, por que passaram os dois países na referida época.

“Tendo em conta os reflexos directos na formação de novos arquitectos, o processo de realização

.....
6) Esta dependerá como é obvio de muitos outros factores.

7) Há no entanto que reconhecer algumas excepções.

do “Inquérito” terá sido muito mais marcante para o nascimento de uma nova consciência teórica nas novas gerações de alunos da ESBAP do que a aplicação da Reforma de 1957. Mas é sobretudo a partir da constatação de um certo vazio ideológico anterior que podemos justificar o entusiasmo com que, a partir da segunda metade dos anos 50, a metodologia implícita no “Inquérito” é recebida na EBAP/ESBAP” (Fernandes, 2011).

A comparação entre a caracterização morfológica do Legado Vernáculo e as obras seleccionadas permite a verificação de um fenómeno conceptual integrador de carácter progressivo, embora não inteiramente regular. A opinião expressa dos autores reforça a ideia de que mais do que a perseguição formal de determinada linguagem, os resultados atestam a importância da noção do Legado Vernáculo. Um Legado conscientemente considerado, cuja aplicação oscila da valorização ostensiva ao depreciativo, às vezes dentro do mesmo contexto, mas que raramente é renegada. Um Legado empregado desde a iconografia ostensiva ao gesto subliminar. Um Legado considerado segundo um processo de aparente amadurecimento e que numa leitura mais superficial poderia até sujeitar-se a uma estrutura de faseamento progressivo, em tudo semelhante a muitas tendências estilísticas convencionais, compostas por distintos momentos de **constatação, persistência e extrapolação** das premissas que derivam neste caso da Morfologia Vernacula da *região analisada*. Existem contudo circunstâncias evidentes que quebram a dinâmica natural deste tipo de ciclos e que interrompem o seu desenvolvimento linear progressivo. O que no caso concreto parece ser justamente o que lhe confere a sua principal característica.

A **constatação** da aplicação do referente vernáculo é manifesta no período das primeiras obras seleccionadas, durante a década de 60, na medida em que as origens das soluções são assumidas e enfatizadas. A sua aplicação é óbvia e fácil de constatar pois as soluções surgem na maior parte isoladas ou integradas em contraste, em geometria e em materialidade, sendo que estas surgem enfatizadas pelo recurso aos materiais tradicionais. Um dos exemplos mais gritantes será o muro de perpianho de cerramento parcial do lote da Casa Cendón, que se estende até ao edifício e participa na definição do seu sistema estrutural de forma assumida e evidente. Outro dos casos sintomáticos desta categoria, e curiosamente algo que a partir deste ponto consiste numa divergência entre as obras galegas e portuguesas, é a fragmentação e a descontinuidade volumétrica dos edifícios, orientadas por eixos ortogonais com deformações ocasionais (geralmente afectas aos constrangimentos do terreno), algo que na composição volumétrica do Refúgio La Roiba é intensamente desenvolvido.

Se a transição da década de 60 para 70 poderiam anunciar a continuação cíclica numa fase de **persistência** e de coerência na aplicação do referente vernáculo, a transição para a década de 80 reflecte precisamente as primeiras incongruências no que poderia ser um processo evolutivo convencional. As obras realizadas neste período remetem para uma inevitável abstracção do vocabulário morfológico vernáculo. Dois factos são determinantes para a refutação das ideologias mais puristas. A reformatação dos programas habitacionais “básicos” provocadas pelas transformações sociais e políticas operadas nos dois países e a sua implicação física no território; e o recurso obrigatório aos materiais industriais de baixo custo. Estas duas realidades, associadas a uma ética profissional sensível a um povo empobrecido e agastado, veio operar uma inevitável alteração na abordagem do projecto com repercussões profundas na sua geometria e consequentemente nas suas soluções geométricas. As obras passam a incorporar soluções pré-fabricadas de grande porte, com especial expressão ao nível das coberturas, adoptam uma retícula estrutural modular mais rígida (ainda que o espaço interno permitisse flexibilidade de apropriações), o que origina volumes exteriores mais básicos e unitários, e passam a recorrer à repetição de elementos, o que no conjunto global irá conferir uma maior regularidade e conferir mais possibilidades de simetrias compositivas (o que diverge significativamente de parte das propriedades formais mais marcantes do Legado Vernáculo). Como casos paradigmáticos desta circunstância podem ser assinaladas as “vivendas sociais para Xitanos”, de César Portela, e a “vivenda e estúdio para um pintor” na Ilha da Arousa, de Manuel Gallego. Em ambos os exemplos,

tanto a elementaridade iconográfica como a alusão ao carácter efémero que o contexto da intervenção determinou (que se perpetuou até aos dias de hoje, mesmo sem a convicção dos seus promotores) acabam por contribuir para o reforço da interpretação descrita.

A constatação da **extrapolação** operada pode ser compreendida através do incremento das subversões das invariantes morfológicas detectadas. O que significa que estas não deixam de ser consideradas, o que seria uma inflexão ideológica no seu processo evolutivo. Ao invés, este facto significa uma maior profundidade crítica na inclusão destas soluções espaciais no reportório morfológico nos projectos analisados. Um reportório que se vem tornando exponencialmente mais vasto e complexo, na medida em que se encontra mais próximo dos valores contemporâneos, o que não quer dizer que seja obrigatoriamente mais rico. A particularidade verificada na observação dos casos de estudo é que estes apontam realmente para a constituição de uma fase de maior reacção às premissas, mas, que não obedece claramente a uma estruturação progressiva. Num processo regular a extrapolação surge geralmente após uma fase de esgotamento, onde a aplicação dos princípios é levada ao limite, e que determina a iminência de uma mudança de paradigma conceptual. A tendência para a retoma da aplicação dos princípios caracterizadores, observada nos casos de estudo mais recentes, contraria precisamente a lógica referida. Enquanto tendência colectiva, poderá até existir uma consistência agregadora correspondente a determinados períodos no que toca à aplicação do Legado Vernáculo, mas, esta não se traduz numa evolução sistematizada convencional, pelo menos num ciclo temporal definido.

Uma das constatações facultadas pelo enquadramento teórico-crítico da produção arquitectónica do Noroeste Peninsular relaciona-se claramente com a **abordagem contextualista** do processo de projecto dos seus autores. Uma abordagem ensaiada e desenvolvida pelo ímpeto académico no Norte de Portugal e que em maior ou menor grau, mais ou menos assumida, viria a ser perpetuada até ao final do século XX. Uma abordagem que serviu claramente de justificação, orientação estratégica e de cunho identitário para a criação de uma Escola de Arquitectura na Galiza, ou pelo menos como imagem promocional.⁸ Uma Escola que, após hiato temporal de 30 anos, reconhece as premissas da experiência portuguesa, e de forma intelectualmente descomplexada, as repercute de forma renovada sem recorrer ao mimetismo formal. Mas, ainda que grande parte desta arquitectura esteja conotada com as Faculdades, seria injusto remeter a orientação *contextualista* para o seu domínio exclusivo. O caso galego é extremamente profícuo nos exemplos desafectados das tendências escolásticas. Nem sequer a influência por

8) Intenção que se pode confirmar objectivamente no texto apresentado pelo próprio Director da ETSA em 1981, após a primeira *promoción de carrera* dos seus alunos (Franco Taboada, 1981, p.6).



Fig. 157. Vivendas sociais para Xitanos (estado original)



Fig. 158. Vivendas sociais para Xitanos (estado actual)

proximidade da realidade portuense poderia constituir álibi válido, visto que reconhecimento mútuo ocorre praticamente após a consagração dos autores de referência.⁹ Este é claramente um facto digno para uma futura e profunda reflexão.

Independentemente do estudo da aproximação ideológica (e da sua incorporação), a abordagem contextualista representa o fundo comum na comparação das características morfológicas das obras analisadas. Apesar da forma ou da intensidade da aplicação das premissas de índole vernácula verificadas, o contexto, mais concretamente a sua interpretação, apresenta-se como o elemento predominante no desenvolvimento projectual da respectiva produção arquitectónica.

Um contexto – caracterizado por um dos territórios mais antropizados da Europa, materializado numa estrutura rural e numa edificação vernácula, enraizado no espaço e no tempo, muito para além do hiato corrente do sua própria realidade nacional e europeia – cujo entendimento, tal como se interpreta na leitura conjunta das obras analisadas, parece ter sofrido particular deformação na forma como o colectivo dos respectivos autores o encararam ao longo deste cerca de 30 anos.

Relacionando a componente de enquadramento intelectual e as obras seleccionadas, observa-se uma clara apetência inicial para a vertente antropológica e etnográfica do conceito de contexto, da valorização do seu sentido teórico. Esta é claramente uma preocupação intelectual de projecto, presente quer no confronto (Obra 01- Casa Céndon) quer no equilíbrio (Obra 02- Refúgio “A Roiba” e Obra 03- Casas de Caminha) que se estabelece na incorporação das premissas de inspiração vernácula com as problemáticas da época. Neste grupo de obras assiste-se a um princípio de conotação cultural que por inerência é estabelecido de forma directa com o Património Vernáculo. Existe uma posição reactiva, de ordem ideológica, que estabelece consequências directas no produto final do processo de projecto. A obra representa um reflexo assumido desta postura e portanto evidente tal com se constata nos primeiros grupos de casos de estudo.

No período temporal decorrente, o contexto reflecte-se nestas obras, na sua componente mais física, sobretudo através do seu sentido de caracterização territorial. Existe claramente uma preocupação de integração do projecto e da sua articulação com a envolvente, com o sítio, menos afecto a uma observância de ordem ideológica e mais aberto às qualidades gerais do projecto e da sua dialéctica com este. Esta postura, apesar do seu maior conhecimento sobre o respectivo património, não procura estabelecer uma metodologia específica de aproximação ao referente, pelo que não hesita em subverter (Casa 04- Casa Ortiz) ou ignorar simplesmente (Obra 05- Casa Canosa e Obra 06- Casa Estévez) as propriedades definidas como básicas na morfologia do referente Vernáculo da região analisada, especialmente quando deparadas com constrangimentos formais ou funcionais.

Como característico contraponto, nunca é demais assinalar que em termos iconográficos esta apreciação representa uma total inversão de leitura. Dentro da amostragem apresentada, é precisamente o grupo de obras intermédio o mais conotado com o referente Vernáculo, representando a casa Arturo Estéves o exemplo mais simbólico (literalmente) desta tendência.

Este facto, independentemente da eventual relutância retórica dos seus autores, contribui objectivamente para o reequilíbrio da conotação, de ordem cultural, do património Vernáculo com o extenso grupo de obras aqui representadas pelos casos de estudo assinalados.

O último grupo, representado pela obra de Souto Moura, estabelece um princípio integrado das referidas vertentes do conceito de contexto, que tal como Montaner (2001, p.38-39) expressa,

9) Refira-se mais uma vez o contributo das entrevistas realizadas sobre esta matéria. Apenas a partir da década de 80, o Norte de Portugal e a Galiza assiste a uma maior aproximação entre os profissionais de Arquitectura.

tem na sua sobreposição articulada o principal factor de valorização e de recuperação para a problemática do projecto contemporâneo a sua principal virtude. Apesar da Arquitectura Vernácula não constituir o seu principal objecto, acaba por se tornar preponderante pela forte presença no contexto da intervenção. Todavia, esta referência é reformulada através de uma abordagem conceptual abstracta, assumida também como crítica às soluções arquitectónicas correntes, com grande ênfase na solução de implantação e na elementaridade volumétrica.

– A operatividade da aplicação do Legado Vernáculo no contexto actual

Aprender com o Vernáculo,¹⁰ parece ser uma epígrafe que invariavelmente volta à ordem do debate arquitectónico. Recentemente a comunidade científica tem insistido neste ponto como forma de desenvolver a área para além da sensibilização e da preservação patrimonial, que anteriormente sempre dominaram os eixos prioritários da reflexão dos especialistas.¹¹ Consequência perfeitamente justificada pela drástica mudança dos paradigmas sociais e económicos operados a partir de meados do séc. XX, que aceleraram o estado obsoleto do meio rural e precipitaram o risco de desaparecimento da arquitectura vernácula e do valor cultural que lhe está associada. A preservação deste Legado e até a tentativa de impedir este ocaso, constituíram assim a preocupação primária das iniciativas encetadas pelas principais figuras e organismos que se dedicaram ao seu estudo. A Documentação ou o Levantamento (*Survey*) compunham inevitavelmente o grosso das acções associadas ao tema, sendo que nem sempre a necessidade de registo consistia um fim em si mesmo, mas, na maior parte das vezes sobrepunha-se ao desenvolvimento da reflexão acerca das potencialidades que este legado encerrava.

Também é certo que algumas das figuras que mais impacto tiveram no reconhecimento da Arquitectura Vernácula como Rudofsky, Oliver e Rapoport, sempre estabeleceram ressalva no facto de crerem veemente que o contributo maior do espólio recolhido seria justamente a reconsideração dos valores arquitectónicos de suas épocas. Sendo também certo que a demonstração desse contributo, excepção feita a Amos Rapoport, acabava por recair em interpretações implícitas nas qualidades dos exemplos vernáculos apresentados e raramente nas suas possíveis formas de aplicação.

Os responsáveis que mais contribuíram por realizar essa ponte com a produção arquitectónica contemporânea acabaram por ser Tzonis e Frampton, na definição do *Regionalismo Crítico* e do lugar inerente que o Vernáculo ocupa na sua concepção, mas, também nestes casos não se identificam objectivamente as formas de aplicação deste contributo e desta feita os exemplos concretos referem-se sobretudo a obras modernas e/ou contemporâneas.

No caso concreto do contexto ibérico esta reflexão passa essencialmente pelos incontornáveis mestres de incorporação ao movimento moderno e aplicação pratica deste Legado na sua obra, exemplificadas pela síntese construída por figuras como Viana de Lima e Távora, no Norte de Portugal, e De la Sota e Bar Bóo no litoral da Galiza meridional. Tem sido precisamente o interesse mais recente no estudo da Arquitectura Moderna e a indagação pela suposta influência dos referentes vernáculos no seu trabalho, que tem contribuído para a recapitulação do potencial deste Legado. Consultando a ordem de reflexão das principais conferências, reuniões e projectos científicos sobre o tema, denota-se uma progressiva preocupação em reafirmar o valor da Arquitectura Vernácula como referência conceptual.¹²

10) Expressão inspirada na tradução literal da publicação de Pierre Frey (2010). *Learning from the Vernacular. Towards a new vernacular architecture*.

11) Como se verifica, por exemplo, na consulta das actas referentes às atividades do ICOMOS-CIAV, nos últimos dois anos, a preservação e a sensibilização (preservation and awareness of the Vernacular Heritage) apresentam uma percentagem avassaladora em relação a outras aplicações da tema.

12) No ano de 2012 um dos sub-temas para a Conferência anual do CIAV, organismo do ICOMOS que tutela o Património Vernáculo, foi precisamente a “Reabilitação e a reutilização adaptativa da Arquitectura Vernácula”. (*Rehabilitation and Adaptive reuse of Vernacular Architecture*).

Todavia, é na componente prática onde se poderá atestar de forma mais profícua esta redefinição reflexiva. Mesmo tratando-se de uma abordagem ainda marginal do ponto de vista conceptual, essencialmente por passar à margem dos grandes ateliers e das obras públicas de maior mediatismo, a sua progressiva aplicação em trechos de mercado alternativo ou em contextos de grande especificidade cultural, parecem vir acentuando a sua validade para o projecto de arquitectura actual.

Se esporadicamente nomes já consagrados do universo arquitectónico internacional, como Peter Zumtor ou Renzo Piano vinham re-conceptualizando alguns princípios do Legado Vernáculo; é precisamente o trabalho sistematizado de alguns autores, de gerações mais recentes, que apresentam as soluções de maior consubstanciação teórico/crítica.

O trabalho da arquitecta austríaca Anna Heringer, parece ser um dos melhores exemplos para retratar o papel que a compreensão da Arquitectura Vernácula pode facultar ao Projecto Arquitectónico do presente e... do futuro. O exemplo ainda se reveste de maior pertinência na medida em que se estende para lá da componente espacial e tectónica da referida arquitectura, atingindo muitas vezes o epicentro das problemáticas sócias das comunidades onde se inserem. Não sendo, por razões metodológicas, indispensáveis ao objecto de estudo da presente investigação, a relevância da consideração desta componente nunca poderá deixar de ser valorizada.

A Escola “feita à mão” em Rudrapur, no Bangladesh (*hand-made School in Rudrapur*), projectada em colaboração com Eike Roswag, é um exemplo paradigmático do potencial do Legado Vernáculo aplicado de forma perspicaz às problemáticas e aos contextos actuais. O prémio Aga Khan, atribuído em 2007, atesta precisamente este reconhecimento, outorgando-lhes protagonismo internacional na renovação da abordagem conceptual ao estudo do património vernáculo. Para além de demonstrar o domínio da cultura construtiva tradicional local, ao reinterpretar os seus princípios básicos sem ortodoxias tecnológicas ou conceptuais, capitaliza as características morfológicas em virtude da qualidade espacial do novo edifício. (Aga Khan *et al.*, 2007, p.148)

Apesar de estabelecer uma premissa de actuação de aplicação simples, o procedimento metodológico que lhe dá origem traduz um dos mais complexos e sensíveis processos pedagógicos à luz da formação arquitectónica.

O actual contexto sócio-económico e as recentes convulsões dos principais mercados construtivos parecem ter contribuído decisivamente para a consciência institucional da reapreciação do Legado Vernáculo. A depressão dos mercados ocidentais e a aproximação massiva dos profissionais da arquitectura aos países com economias emergentes e culturas exóticas, implica um intenso intercâmbio cultural, com profundas alterações ideológicas, quer na aplicação de modelos, quer nas dinâmicas dos processos construtivos. O receio do seu desaparecimento parece ter dado lugar a uma resignação, que para os mais optimistas, se prende com a inevitabilidade da sua própria evolução. O debate académico e científico centra-se sobretudo na identificação de mais-valias que possam ser incorporadas na estratégia de projecto. As iniciativas operadas apresentam uma tendência geral para uma convergência temática nas áreas dessas mais-valias, com grande predomínio para os aspectos técnicos, sem esquecer a sua vertente cultural.

Na conferência “*Une autre architecture pour un autre monde: Représentation, publication et enseignement de l’architecture*” Pierre Frey¹³ propõem como alternativa válida ao presente

.....
13) Tradução livre: “Uma arquitectura diferente para um mundo diferente” na sequência da atribuição do prémio Impressions d’architecture 2013 à publicação “Learning from Vernacular” da sua autoria.

cenário, um redireccionamento na reflexão arquitectónica, criticando veemente os modelos de ensino instituídos e reclamando o papel que a Arquitectura Vernácula pode ter neste processo. Aproveitando a sensibilização ditada pela brusca transição do paradigma da prática profissional do arquitecto, Frey reflecte sobre a necessidade de actualizar o ensino universitário, reformulando os métodos de ensino e os objectivos pedagógicos estabelecidos. Defende que o potencial da arquitectura vernácula não está encerrado na cópia de soluções específicas, mas, antes no auxílio à definição de estratégias de desenvolvimento do projecto e do seu processo de execução. Apela à sensibilização para a necessidade de responsabilidade ambiental, económica e cultural de respeitar os recursos locais (materiais e humanos) no processo de concepção, execução, uso e gestão da Arquitectura. Finalmente reforça a ideia de que o Património Vernáculo, deve ser abordado dentro da sua componente técnica, científica e pedagógica sem diferenciação ou preconceitos ideológicos. Fundamenta os princípios formulados pela sua original experiência como professor na Faculdade de Arquitectura de Lausana, na Suíça. Frey utiliza a referida conferência como uma oportunidade para reunir professores e profissionais, de nacionalidades diferentes, com experiências de orientação temática semelhante. Estabelecendo um paralelo internacional na sua abordagem. Não será menos importante salientar que a iniciativa surge integrada no plano de actividades pedagógicas da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Nancy, França, reforçando assim o seu fundamento de sensibilização académica. Frey considera fundamental a componente de experimentação prática, através da execução e manipulação de modelos de escala de tipologias vernáculas icónicas. Defende que compreensão da escala e do pragmatismo dos seus sistemas construtivos permite o desenvolvimento de uma intuição empírica, essencial num primeiro nível de contacto com a aprendizagem arquitectónica, independentemente do grau tecnológico das soluções que se desenvolverão ao longo do trajecto profissional. Reflecte inclusivamente na possibilidade da análise extravasar os exemplos vernáculos incidindo também em determinada Arquitectura (formal), onde essa síntese parece ter encontrado repercussão qualitativa¹⁴.

Dentro da mesma lógica de pensamento Vellinga (2013a) refere que um dos argumentos válidos para a reaproximação da comunidade académica e profissional ao Legado Vernáculo está relacionado com uma resposta directa ao declínio financeiro do sector construtivo. A propagação a larga escala do modelo ocidental, baseada na utilização massiva de materiais industriais e processos de execução mecanizados, sem diferenciação cultural, parece não ser suficientemente compatível com determinadas realidades. A imposição dos mercados que, segundo os autores identificados com esta corrente, acabam por ter uma oferta redutora condiciona naturalmente as soluções e os modelos de projecto via uma sistematização e simplificação de processos que muitas vezes não corresponde à real vocação dos territórios e dos seus contextos culturais. Ainda que a mencionada corrente suponha uma atitude crítica explícita aos processos construtivos vigentes, esta não significa uma recusa das suas mais-valias tecnológicas. Reflecte antes a crença da possibilidade de compatibilização com técnicas, processos e soluções morfológicas de cariz tradicionais, como forma de incrementar a qualidade da Arquitectura produzida actualmente.

O aumento da incorporação da respectiva problemática nos exercícios de Projecto de determinadas Universidades Europeias apresenta-se como um dado revelador da consciência do seu potencial e da sua actualidade. Um dos exemplo mais representativos é desenvolvido na Escola de Arquitectura de Aarhus, na Dinamarca, envolvendo estudantes do segundo ano académico e a Plataforma Architectural Heritage, composta por professores, arquitectos e técnicos artesãos. Coordenado por Lars Nicolai Bock, o exercício “Learning from the Past- Integrating research and teaching under the theme Sustainability in Denmark’s Architectural

14) No discurso de encerramento da Conferência “Une autre architecture pour un autre monde” (2013), Frey elabora sobre a importância do incremento de práticas pedagógicas semelhantes às que coordenou em Lausana. Reconhecendo que determinada produção arquitectónica do Minho e da Galiza representa uma interpretação consistente do referente vernáculo, validando a sua ideologia como alternativa às actuais orientações de projecto de arquitectura.

Heritage”¹⁵ tem como objectivo produzir propostas de projecto exclusivamente baseadas nas estratégias de eficiência de recursos e princípios de sustentabilidade identificados nas tipologias da Arquitectura Vernácula Dinamarquesa. A componente analítica é incorporada com ciclos de conferência introdutórios à matéria, onde técnicos e investigadores apresentam métodos e instrumentos de análise, a sua aplicação em casos concretos e os parâmetros observados nas suas pesquisas. A abordagem, tendencialmente aproximada da área bioclimática, reconhece a importância de uma aproximação holística, com especial atenção ao conceito de cultura construtiva e às suas implicações sócio-culturais. A propósito desta questão Vellinga (2013b) argumenta que, no que toca às dinâmicas culturais e económicas (que não as directamente relacionadas com a optimização energética) o contributo da Arquitectura “informal”¹⁶ continua por explorar, sobretudo no ensaio de extrapolação ao contexto actual, sublinhando a originalidade dos casos existentes. Soren Vadstrup (2013), um dos autores do Charter of Vernacular Architecture do ICOMOS-CIAV, sublinha a falta de importância dada à análise dos processos de utilização dos habitantes, que em termos de sustentabilidade não podem ser separados das características formais dos edifícios vernáculos, reforçando assim o potencial do estudo de soluções arquitectónicas articuladas com investigações de teor antropológico.

Como se depreende, o foco dos exercícios académicos encontra-se actualmente muito para além da documentação do património. A contextualização, o registo das características e a compreensão das soluções já não consiste num fim em si mesmo. Grande parte dos objectivos enunciados pretende a aplicação directa dos princípios e das estratégias implicadas na respectiva referência. Algo não muito diferente do que Lixa Filgueiras pretendeu implementar na ESBAP na década de 1960, na disciplina de *Arquitectura Analítica*, fundamentando a importância da assimilação de conhecimentos arquitectónicos através do Levantamento de campo e do registo pelo desenho (Canto Moniz, 2011, p.548). Observando este facto parece licito compreender a sua estratégia como uma extensão da sua experiência pessoal no ***Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*** e na sua valorização pedagógica enquanto processo. Tal parece ser precisamente a convicção de Pedro Llano (1985) ao estruturar nos mesmos moldes o desenvolvimento das aulas de Dibujo Arquitectónico, na ETSA, no curso de 1983-1984; como se atesta nas frases do próprio, publicadas no boletim académico da respectiva instituição e que, de forma semelhante a Lixa Filgueiras, pretendem assegurar a partilha da sua própria experiência, neste caso como autor de ***Arquitectura Popular en Galicia***.

.....
15) Tradução livre: “Aprender com o Passado - Integrar investigação e ensino sob o tema da Sustentabilidade no Património Arquitectónico Dinamarquês”

16) Marcel Vellinga, de acordo com a sua perspectiva antropológica, não se sente confortável com a designação “Vernácula” por a considerar demasiado flexível em termos cronológicos e geográficos, o que torna difícil uma contextualização cultural precisa no momento de analisar a Arquitectura seleccionada.



Fig. 159. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Levantamento de campo



Fig. 160. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Processo de Desenho

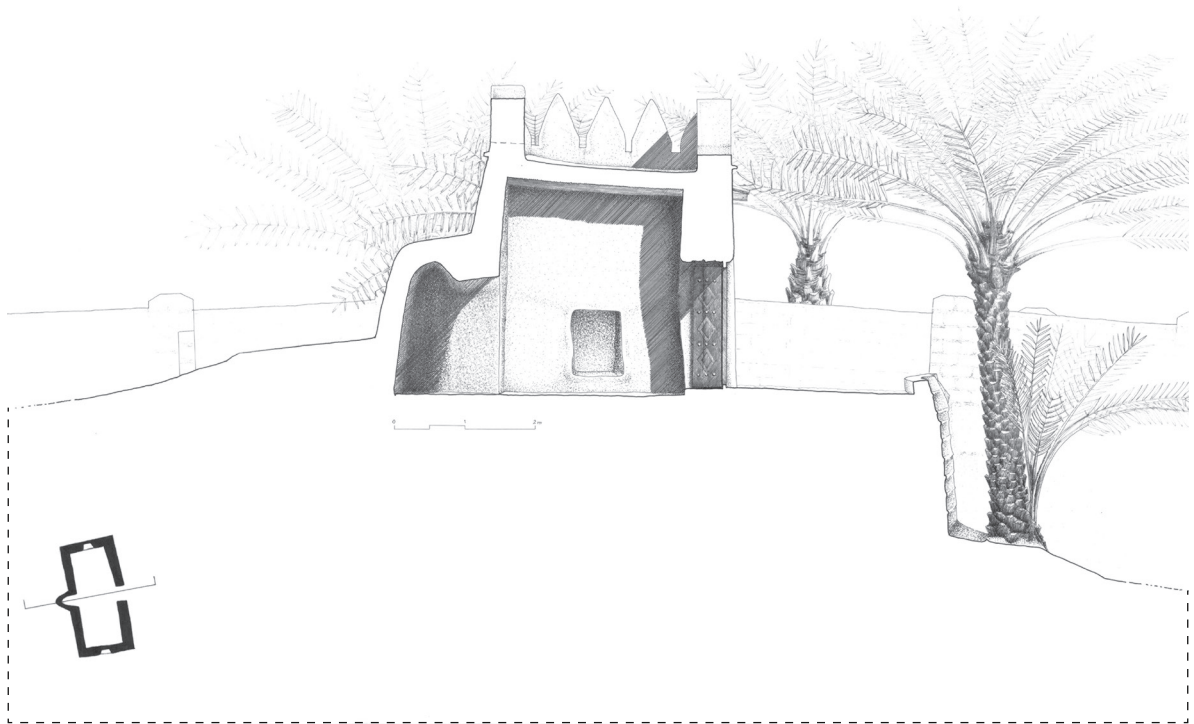


Fig. 161. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Secção Transversal de uma Mesquita

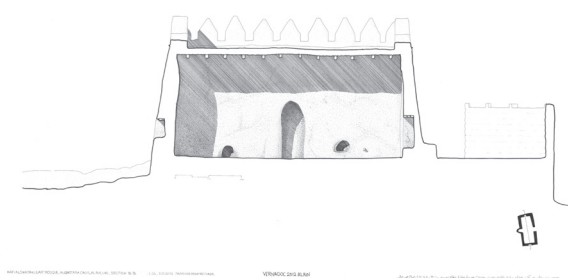


Fig. 162. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Secção Longitudinal de uma Mesquita

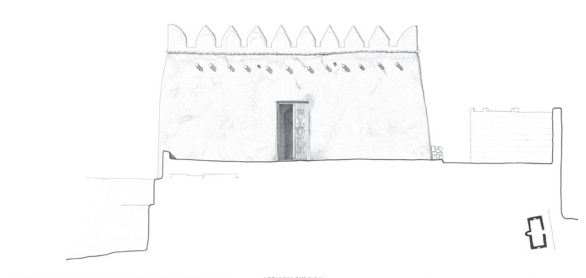


Fig. 163. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Fachada Frontal de uma Mesquita

“O achego dos estudantes de arquitectura ás nosas construccions vernáculas, non só permite adentrálos no coñecemento dunha parte fundamental da nosa cultura mediante uns traballos que para eles poden ter un grande atractivo, senón que debido á súa funcionalidade e á grande elementalidade dos seus elementos constructivos, posibilita unha fácil comprensión do que, en síntese, debe ser unha obra arquitectónica, feito que me reafirma na miña crencia da necesidade de estimula-la a súa investigación desde as máis variadas perspectivas.” (Llano Cabado, 1985, p.41)

Será precisamente sob a mesma perspectiva que Markku Matilla recupera uma prática centenária da Helsinki University of Technology (Zaharia & Matilla, 2012, p.16), que consiste em executar Levantamentos de Campo com objectos de estudo exclusivamente Vernáculos. Esta prática tem como objectivo sensibilizar os futuros arquitectos para a qualidade arquitectónica destes exemplos e consolidar as suas capacidades de desenho, desenvolvendo o domínio geométrico e as técnicas de representação e expressão. Todavia, Matilla defende que o maior privilégio do formando está na possibilidade do contacto directo com a realidade vernácula sem filtros ou intermediários. Referindo que a complexidade e riqueza das soluções arquitectónicas se encontra sintetizada nos exemplos vernáculos e que dificilmente os estudantes encontrariam exemplos actuais com semelhante objectividade construtiva, que permitissem simultaneamente uma escala de representação adequada. Matilla afirma ainda que os benefícios deste género de actividades tendem a ser recíprocos à comunidade onde se insere o estudo, visto que tanto os processos como os resultados apelam à sensibilização dos locais para o interesse e importância do seu património, estimulando a sua preservação (Matilla & Soderlund, 2013).

Convictos das qualidades ideológicas do referido procedimento, o Comité Internacional de Arquitectura Vernácula do ICOMOS passará a integrar, desde 2005, os Levantamentos de Campo, coordenados por Matilla, como parte das suas iniciativas oficiais. Geralmente articulados com a reunião anual do organismo mencionado, assumem o formato de workshops intensivos, designados como VernaDocs¹⁷; tendo como objectivo a documentação exclusiva de património classificado, ou em vias de classificação pelas autoridades locais. A receptibilidade da iniciativa desencadeou a constituição de uma série de plataformas específicas, sob reconhecimento e supervisão das delegações nacionais do ICOMOS, com vista a assegurar a organização regular de workshops em países distintos, invariavelmente desenvolvidos com a colaboração de Faculdades de Arquitectura locais, que os incorporam como exercícios afectos às suas Unidades Curriculares, o que é profundamente revelador do potencial pedagógico implícito no estudo do Legado Vernáculo, independentemente do seu contexto e da sua evolução conceptual (Zaharia & Matilla, 2012).

.....
17) Gerando um contributo gráfico significativo, utilizado regularmente em publicações e artigos específicos.



Fig. 164. VernaDoc 2013, Portugal. Levantamento de campo



Fig. 165. VernaDoc 2013, Portugal. Processo de Desenho

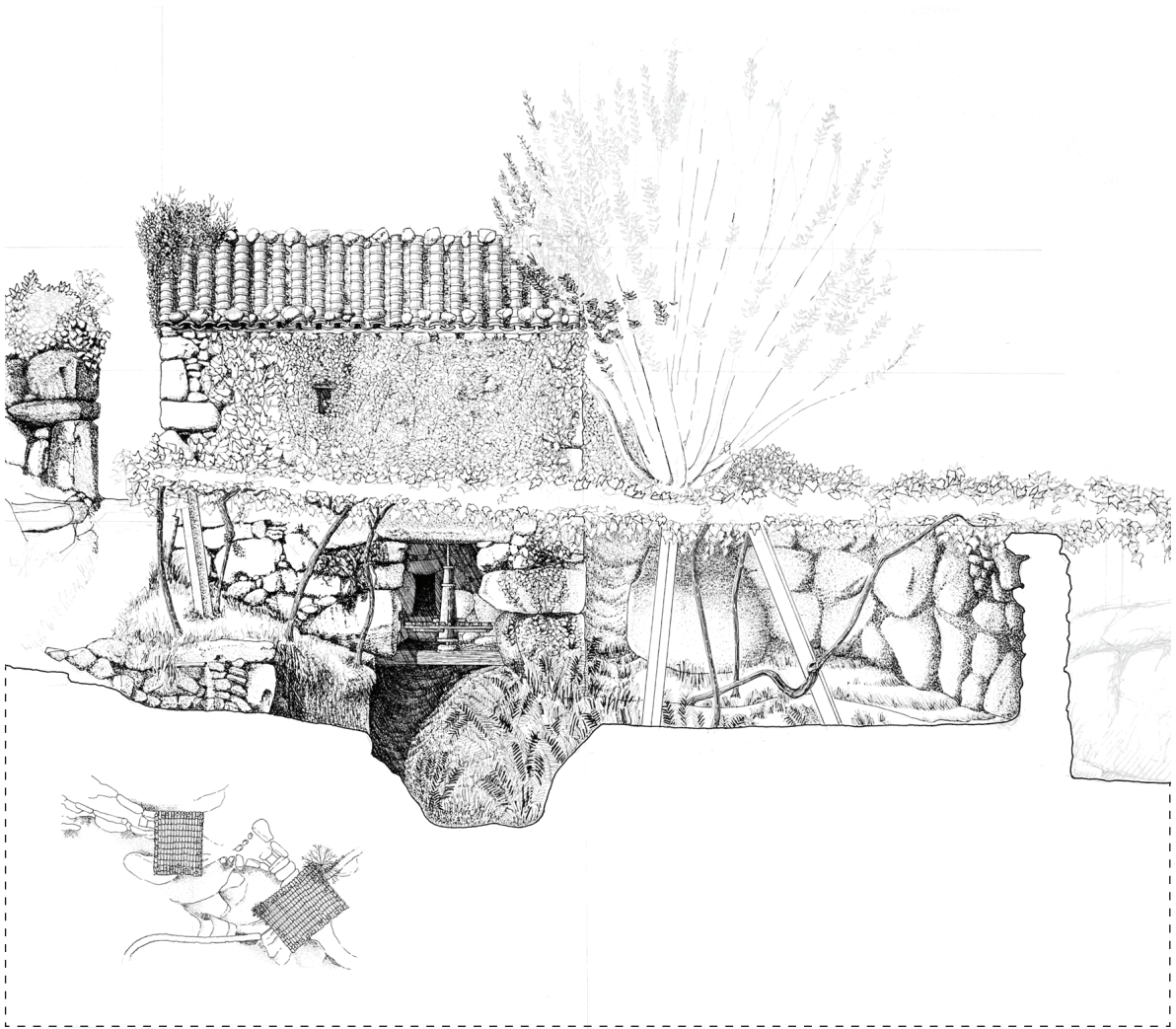


Fig. 166. VernaDoc 2013, Portugal, Fachada Frontal de moinho de montanha.

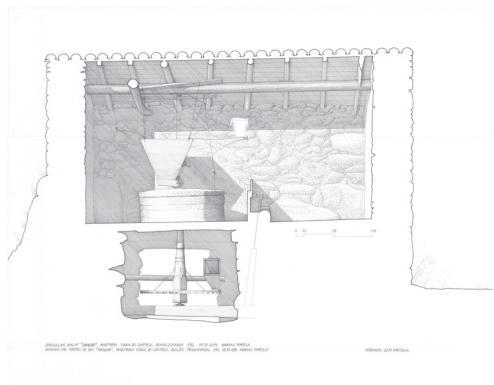


Fig. 167. VernaDoc 2013, Portugal, Secção Longitudinal de moinho de montanha

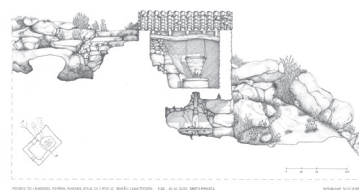


Fig. 168. VernaDoc 2013, Portugal, Secção Transversal de moinho de montanha

BIBLIOGRAFIA

A

PUBLICAÇÕES:

AAVV (2005). **AC Publicación del GATEPAC**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos.

Ábalos, I.; Llinás, J. & Puente, M. (2009). **Alejandro De La Sota**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos

Agha Khan, H.; Derakhshani, F.; Ansari, N. & Siméon, N. (coord.) (2007). **Aga Khan Award for Architecture. Intervention Architecture. Building for Change**. London/ New York: I.B. Tauris.

Agrasar Quiroga, F. (2003). **Guía de Arquitectura de Vigo, 1930-2000**. Vigo: COAG.

Armesto, A. & Padró, Q. (1996). **Casas Atlánticas: Galicia Y Norte De Portugal**. Barcelona: Gustavo Gili.

Asquith, L. & Vellinga, M. (ed.) (2006). **Vernacular Architecture in the Twenty-First Century: Theory, education and practice**. London: Taylor & Francis.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Agrasar Quiroga, F. (1996). “Nuestra Señora de las Nieves de Xosé Bar Bóo. Notas sobre poética del espacio” in Colexio de Arquitectos de Galicia - COAG (1996). **Xosé Bar Boo. arquitecto**. Corunha: COAG – Comisión de Cultura. p.43-45

Agrasar Quiroga, F. (2003). “Introducción” in Pulgar Sabín, C. (ed.). Pulido Novoa, A. (dir.) (2003). **Artistas Galegos. Da modernidade ó século XXI**. Vigo: Nova Galicia edicións. p.14-19

Agrasar Quiroga, F. (2003). “Andrés Reboredo” in Pulgar Sabín, C. (ed.). Pulido Novoa, A. (dir.) (2003). **Artistas Galegos. Da modernidade ó século XXI**. Vigo: Nova Galicia edicións. p.210-237

Agrasar Quiroga, F. (2005). “Reunir os fragmentos” in García Fernández, T. (ed.) (2005). **25 Casas de Galicia - arquitecturas da urbanización difusa**. A Coruña: Edicións espontáneas. p.35-41

Alonso Pereira, J. R. (2009). “notas para unha historia da escola” in Río Vázquez, A. S. (coord.) (2009). **I.doc – documentos da escola técnica superior de arquitectura da coruña**. Coruña: E.T.S. Arquitectura a Coruña p.39-42

Alves Costa, A. (1989). “Valores Permanentes da Arquitectura Portuguesa”. Porto: **Revista VÉRTICE, nº19, Outubro de 1989**.

Alves Costa, A. (1990). “Álvaro Siza” in Vaz Milheiro, A. & Afonso, J. (2006). **Alexandre Alves Costa. Candidatura ao prémio Jean Tschumi / UIA 2005**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos/ Caleidoscópio. p.62-79

Alves Costa, A. (1993). “Legenda para um desenho de Fernando Távora aguarelado por Nadir Afonso” in Vaz Milheiro, A. & Afonso, J. (2006). **Alexandre Alves Costa. Candidatura ao prémio Jean Tschumi / UIA 2005**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos/ Caleidoscópio. p.56-61

Alves Costa, A. (1997). “O ensino do Projecto na FAUP” in Vaz Milheiro, A. & Afonso, J. (2006). **Alexandre Alves Costa. Candidatura ao prémio Jean Tschumi / UIA 2005**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos/ Caleidoscópio. p.94-99

Alves Costa, A. (2008). “*Pela paisagem pobre, irrenovada*” in Tavares, A. & Bandeira, P. (Ed.) (2008). **Só nós e Santa Tecla – A Casa de Caminha de Sérgio Fernández**. Porto: Dafne Editora. p.15-23

Andrés-Reboredo, M. (1987). “*Concurso de proyectos de viviendas rurales*” in Perez Valcarcel, J. B. (dir.) (1987). **Boletín Académico. Escola Superior Técnica de Arquitectura da Coruña. Nº7, Outubro de 1987**. Corunha: ETSA. p. 24-35

Angelillo, A. (2000). “*Obras de Souto de Moura. Uma Interpretação*” in Trigueiros, L. (ed.) (2000). **Eduardo Souto Moura**. Lisboa: Editorial Blau. p.9-28

TESES DE MESTRADO:

Arango Florentino, R. F. (2002). **Uma Arquitectura Sobre Região – Cultura Arquitectónica na Galiza Contemporânea**. Tese de Mestrado da Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitectura. (Orientador: António Jacinto Rodrigues)

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES:

Accademia di Architettura Dell’Università Della Svizzera Italiana, Luca Bellinelli (coord.) (1999). **Eduardo Souto de Moura, Temi di progetti**. Milano: Skira Editore.

Alonso Rodríguez, A.; GARCÍA VIÑA, M. & PILAR TABOADA, M. (coord.) (2003). César Portela – Arquitecto. Vigo: Fundación MARCO – Museo de Arte Contemporáneo de Vigo.

Architektur Zentrum Wien; Canadian Centre for Architecture & Getty Research Institute, Los Angeles (ed.) (2007). **Lessons from Bernard Rudofsky: life as a voyage**. Basel; Boston: Birkhäuser.

B

PUBLICAÇÕES:

Baker, H. G. (1999). **Análisis de la forma: Arquitectura e Urbanismo**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Baldellou, M. A. (1995). **Lugar, memória e projecto. Galicia 1974-1994**. Madrid: Conselho de Cultura Galega – Electa

Bandeirinha, J. A. (coord.) (2010). **KEIL DO AMARAL – Obras de Arquitectura na Beira, Regionalismo e Modernidade**. Lisboa: Argumentum.

Barros Justo, R. (2005). **Muiños de rio nas terras de Pontevedra**. Pontevedra: Diputación de Pontevedra.

Blaser, W. (2003). **Eduardo Souto de Moura - Stein Element Stone**. Basel, Boston & Berlin: Birkhäuser.

Bouhier, A. (2001). **Galicia – Ensaio Xeográfico de análise e interpretación dun vello complexo agrário**. Tomo I. (s.l.): Xunta de Galicia; Caixa Nova.

Brunskill, R. W. (2000). **Vernacular Architecture. An illustrated Handbook**. 4th Edition. Great Britain: Faber and Faber.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Baldellou, M. A. (1992) “*La intuición reflexiva*” in Gallego Jarreto (1992). **J. Manuel Gallego**. Catálogos de Arquitectura Contemporánea. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p.6-12

Baldellou, M. A. (2003). “*Manuel Gallego Jorreto*” in Pulgar Sabín, C. (ed.). Pulido Novoa, A. (dir.) (2003). **Artistas Galegos. Da modernidade ó século XXI**. Vigo: Nova Galicia edicións. p.80-113

Bar Bóo, X. (1987). “*Notas al artículo “Intenciones na Arquitectura de Xosé Bar Bóo” de Xan Casabella*” in **Boletín Académico, nº6, 1987**. A Coruña: ETSA. p.12-15

Bar Bóo, X. (1990). “*Xosé Bar Bóo. Arquitecto*” in COAG. **Obradoiro, nº17, 1990**. A Coruña: COAG - Comisión de Cultura. p.94-121

Blanco, F. (1981). “*Arquitectura moderna galega – Encontros en Ferrol*” in COAG. **Obradoiro, nº7, 1981**. A Coruña: COAG - Comisión de Cultura. p.11

Bonet, I. (2003). “*César Portela*” in Pulgar Sabín, C. (ed.). Pulido Novoa, A. (dir.) (2003). **Artistas Galegos. Da modernidade ó século XXI**. Vigo: Nova Galicia edicións. p.174-209

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES:

Bonet Correa, I.; Cendán Caaveiro, S. & Pilar Taboada, M. (coord.) (2006). **César Portela . La emoción en la Arquitectura**. Madrid: Círculo de Bellas Artes

C

PUBLICAÇÕES:

Caamaño Suarez, M. (1999). **A casa popular**. Cadernos do Museo do Pobo Galego 8. S.I.: Museo do pobo galego; Fundación CaixaGalicia.

Caamaño Suarez, M. (2003). **As Construçãoes da Arquitectura Popular – Património Etnográfico de Galicia**. Santiago de Compostela: Consello Galego de Colexios de Aparelladores e Arquitectos Técnicos.

Calzada Pérez, M. & Pérez Escolano, V. (2009). **Pueblo de Esquivel, Sevilla 1952-1955. Alejandro De la Sota**. Almería: Colegio de Arquitectos de Almería

Canizaro, V. B. (ed.) (2007). **Architectural Regionalism. Collected Writings on Place. Modernity and Tradition**. New York: Princeton Architectural Press.

Chueca Goitia, F. (1964). **Historia de la arquitectura española**. Vol. I, Madrid: Editorial Dossat.

Chueca Goitia, F. (1981). **Invariantes castizos de la arquitectura española/ Invariantes en la Arquitectura hispanoamericana/ Manifiesto de la Alhambra**. Madrid: Editorial Dossat.

Couceiro, T. (2006). **Alejandro De la Sota. Urbanización y poblado de absorción FUENCARRAL B Madrid, 1955**. Madrid: Fundación Alejandro De la Sota

Colexio de Arquitectos de Galicia - COAG (1996). **Xosé Bar Bóo. Arquitecto**. A Coruña: COAG – Comisión de Cultura.

Corrales, J. A. & Molezún, R. V. (1983). Corrales y Molezún, arquitectura. Madrid: Xarait Ediciones.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Calatrava, J. (2007). “Leopoldo Torres Balbas: Architectural Restoration and the Idea of “Tradition” in Early Twentieth- Century Spain” in OTERO-PAILOS, J. (ed.) (2007). **Future Anterior**, Volume IV, Number 2. New york: University of Minnesota Press. p.40-49

Casabella Lopez, X. M. (1986). “Intencións na Arquitectura de Xosé Bar Boo” in ETSA (1986). **Boletín Académico, nº4, 1986**. Coruña: ETSA. p.32-43

Casabella, X. M. (1990). “Conversa mantida con Manolo Gallego Jorreto – O día 1º de Novembro de 1998 para OBRADOIRO por Xosé Manuel Casabella” in **Obradoiro, nº16, 1990**. Coruña: COAG – Comisión de Cultura. p.46-50

Casabella Lopez, X. M. (1996). “Intencións na Arquitectura de Xosé Bar Boo” in Colexio de Arquitectos de Galicia - COAG (1996). **Xosé Bar Boo. arquitecto**. Corunha: COAG – Comisión de Cultura. p.46-57

Casabella Lopez, X. M. (2009). “os primeiros cursos da escola” in RÍO VÁSQUEZ, A. S. (coord.) (2009). **I.doc – documentos da escola técnica superior de arquitectura da coruña**. Coruña: E.T.S. Arquitectura a Coruña p.5-28

Casares Galego, A. (2005). “Pascuala Campos de Michelena” in Pulgar Sabín, C. (ed.). Pulido Novoa, A. (dir.) (2005). **Artistas Galegos: Arquitectos. Cara ao novo milenio**. Vigo: Nova Galicia edicións. p.78-108

Cerqueira, J. (2005). “O Estilo Internacional Vs. A Arquitectura Vernácula: O conceito de Genius Loci” **Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte**. Ano 1, nº 2, 2005. Porto. p.41-52

Cerqueira, J. (2007). “A casa de férias de Moledo”. **Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património. I Série vol. V-VI, 2006-2007** Porto: Faculdade de Letras. p.129-134

REVISTAS MONOGRÁFICAS E BOLETINS ACADÉMICOS:

Centelhas, M. (dir.) (1991). **Documentos de Arquitectura – César Portelas, nº16, Abril de 1991**. Almería: Colegio Oficial de Arquitectos de Andalucía Oriental – Delagación de Almería.

TESES DE DOUTORAMENTO:

Canto Moniz, G. E. O. (2011). **O Ensino Moderno da Arquitectura. - A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)**. Tese de Doutoramento do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

TESES DE MESTRADO:

Cerqueira, J. (2005). **A casa de Férias do Concelho de Caminha: entre a revisão vernacular da modernidade e a livre expressão de estilos contemporânea**. Tese de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

D

PUBLICAÇÕES:

Dalda Escudero, J. L.; GARCÍA DOCAMPO, M. & GONZÁLEZ HARGUINDEY, J. (2005). **Cidade Difusa en Galicia**. Xunta de Galicia – Consellería de Política Territorial, Obras Públicas e Transportes. Dirección Xeral de Urbanismo.

Davies, C. (2006). **Key Houses of the Twentieth Century. Plans, sections and elevations**. London: Laurence King Publishing Ltd.

De la Sota, A. (1989). **Alejandro de la Sota, Arquitecto**. Madrid: Ediciones Pronaos.

Demangeon, A. (1920). **L'habitation rurale en France, essai de classification**. Paris: Annales de Géographie.

Dias, Jorge; Oliveira, Ernesto Veiga; Galhano, Fernando & PEREIRA, Benjamim (1969). **Construções Primitivas em Portugal**, 1ª ed. Lisboa: Instituto da Alta Cultura.

Dias, Jorge; Oliveira, Ernesto V. & Galhano, Fernando (1983). **Sistemas primitivos de moagem em Portugal**. Lisboa: INIC

Dias, Jorge; Oliveira, Ernesto Veiga; & Galhano, Fernando (1994). **Espigueiros Portugueses**. Coleção Portugal de Perto; Lisboa: Publicações Dom Quixote.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Diez-Pastor, C. (2012). “Architectural Koinè: Architectural Culture and the Vernacular in 20th Century Spain” in ESAP-CEAA (2012). **Surveys on Vernacular Architecture, Their significance in 20th century architectural culture**. Conference proceedings. Porto: ESAP-CEAA. p.182-201

Duarte Carlos, G. (2012). “The reinterpretation of vernacular architecture in the northwest of the Iberian Peninsula: - The Paradox of Eduardo Souto de Moura”. In **CIAV-ICOMOS 2012 Al Ain: The Place of the Vernacular Built Heritage in a Rapidly Changing Context**. Subtheme: Rehabilitation and Adaptive reuse of Vernacular Architecture. Conference proceedings. Al Ain (UAE): Abu Dhabi Tourism & Culture Authority.

TRABALHOS ACADÉMICOS:

Duarte Carlos, G. (2009). **O Legado Vernáculo: - A Escalera enquanto elemento simbólico de ligação entre a tradição e a contemporaneidade**. Trabalho Tutelado: A Escalera como Escenografia (Tutora: Maria Carreiro Otero). Doctorado 2008/2009 Xénese, Linguaxe e Composición na Arquitectura. Escola Técnica Superior de Arquitectura (ETSA) da Universidade da Coruña.

Duarte Carlos, G. (2009). **O Legado Vernáculo: - Referente ou reinterpretação. Reinterpretações da Arquitectura Popular, do modelo de Equipamento Rural à habitação contemporânea**. Trabalho Tutelado: Análise gráfica da Arquitectura do século XX (Tutor: Antonio Amado Lorenzo). Doctorado 2008/2009 Xénese, Linguaxe e Composición na Arquitectura. Escola Técnica Superior de Arquitectura (ETSA) da Universidade da Coruña.

E

PUBLICAÇÕES:

Esposito, A. & Leoni, G. (2003). **Eduardo Souto de Moura**. Milão: Mondari Electa spa.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Erickson, F. (1989). “**Métodos cuantitativos de investigación sobre la enseñanza**”. En W. Wittrock (Dir.). **La Investigación de la Enseñanza II – Métodos Cualitativos y de Observación**. Barcelona: Paidós.

Espejo Escorial, L. (2006). “*Olhar ao Norte*”. **arq./a, nº37**. Lisboa. p.15

F

PUBLICAÇÕES:

Feduchi, L.(1977). **Itinerarios de Arquitectura Popular Española**. Barcelona: Blume

Fernandez, S. (1989). **Percurso, arquitectura portuguesa 1930/1974**. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Figueira, J. (2002). **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. Coimbra: Edições do Departamento da Faculdade de Arquitectura – FCTUC.

Fleck, B. (1999). **Álvaro Siza**. Lisboa: Relógio D'Água editores

Flores, C. (1973). **Arquitectura Popular Española**. Vol. II. Madrid: Aguilar.

Flores, C. (1986). **El carácter de la arquitectura popular. Tal como éramos**. [The character of popular architecture. The way we used to be] M.O.P.U., n. 334

Frampton, K. (2005). **Historia crítica de la arquitectura moderna**. 3ª ed. - 7ª tir. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Frey, P. (2010). **Learning from the Vernacular. Towards a new vernacular architecture**. Lausanne: Actes Sud

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Fernández, J. (1996). “*Soledad creadora*” in Colexio de Arquitectos de Galicia - COAG (1996). **Xosé Bar Boo. arquitecto**. Corunha: COAG – Comisión de Cultura. p.40-41

Fernández-Galiano, L. (1997). “*Las tres vidas de Alejandro de la Sota*” in Fernández-Galiano, L. (dir.) (1997) **AV Monografías 68, 1997, ALEJANDRO DE LA SOTA**. Madrid: Arquitectura Viva.

Frampton, K. (2005). “*El regionalismo crítico: arquitectura moderna e identidad cultural*”. in FRAMPTON, K. (2005). **Historia crítica de la arquitectura moderna**. 3ª ed. - 7ª tir. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p.318-332

Frampton, K. (2005). “*La arquitectura mundial y la práctica reflexiva*”. in FRAMPTON, K. (2005). **Historia crítica de la arquitectura moderna**. 3ª ed. - 7ª tir. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p.333-348

Franco Taboada, J. A. (1978). “*Notas Introdutórias al Plan de Estudios de La Escuela Superior de Arquitectos de La Coruña y Programa del Concurso*”. in COAG. **OBRA DOIRO. nº2, 1978**. A Coruña: COAG - Comisión de Cultura. p.17-18

Franco Taboada, J. A. (1981). “*La Escuela de Galicia, hoy.*” In C.O.A.G. (1981). **OBRADOIRO. nº 7, 1981**. Vigo: COAG - Comisión de Cultura. p.6-7

Frey, P. (2012). “*The field of study of vernacular*”. In **CIAV-ICOMOS 2012 Al Ain: The Place of the Vernacular Built Heritage in a Rapidly Changing Context**. Subtheme: Theoretical Aspects. Conference proceedings. Al Ain (EAU): Abu Dhabi Tourism & Culture Authority.

REVISTAS MONOGRÁFICAS E BOLETINS ACADÉMICOS:

Fernández-Galiano, L. (dir.) (1997) **AV Monografías 68, 1997, ALEJANDRO DE LA SOTA**. Madrid: Arquitectura Viva.

Franco Taboada, J. A. (dir.) (1985). **Boletín Académico. Escola Técnica Superior de Arquitectura da Coruña, nº 1, Abril 1985**. Coruña: ETSA.

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES:

FCG - FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN & ÁRVORE - CENTRO DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS (1996). **Viana de Lima: Arquitecto 1913-1991**. Lisboa: F.C.G./ Porto: Árvore.

G

PUBLICAÇÕES:

Gadanhó, P. (2010). **Arquitectura em Público**. Porto. Dafne Editora.

Gallego Jorreto, M. (2004). **Alejandro De la Sota. Viviendas en Alcudia, Mallorca 1984**. Madrid: Editorial Rued

Gallego Jarreto, M. (1992). **J. Manuel Gallego**. Catálogos de Arquitectura Contemporánea. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Gallego Jarreto, M. (2007). **Anotaciones al margen. Manuel Gallego**. Colección “Arquitectura ConTextos”. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

García Fernández, T. (ed.) (2005). **25 Casas de Galicia – arquitecturas da urbanización difusa**. A Coruña: Edicións espontáneas.

García Mercadal, F. (1926). **Arquitectura mediterránea (I)** [Mediterranean architecture]. Arquitectura, no 85, pp. 192-197.

Garrido Fenés, A. (2000). **La Obra de Xosé Bar Bóo**. Santiago de Compostela: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Gallego Jorreto, M. (1978). “*O Medio Rural*” in COAG. **Obradoiro, nº1, 1978**. A Coruña: COAG - Comisión de Cultura. p.8-17

Gallego Jorreto, M. (1987). “*La ciudad y el territorio: Una reflexión sobre el valor cambiante del soporte territorial*” in Perez Valcarcel, J. B. (dir.) (1987). **Boletín Académico. Escola Superior Técnica de Arquitectura da Coruña. Nº7, Outubro de 1987**. Coruña: ETSA. P.21-23

Gallego Jorreto, M. (2004) “*Enquadre de la Obra en la Arquitectura de Alejandro De la Sota*” in Gallego Jorreto, M. (2004). **Alejandro De la Sota. Viviendas en Alcudia, Mallorca 1984**. Madrid: Editorial Rueda

H

PUBLICAÇÕES:

Hauser, A. (1953). Sozialgesichte der Kunst und Literatur. Munich: Beck. [English version: (1968) Social History of Art. London: Routledge; Spanish version: (1964) Historia social de la literatura y el arte, Madrid: Guadarrama. The latter is the version here cited.]

COMUNICAÇÕES:

Hoz, Jaime. (2009). “Arquitectura Vernácula. El respeto de la autenticidad”.

II Jornadas de Arquitectura Vernácula, CIAT – Universidade de Madrid, Boceguilhas, Novembro de 2009

PUBLICAÇÕES:

Instituto Nacional de Investigação Científica (1985). **Desenho Etnográfico de Fernando Galhano I-Portugal**. Lisboa: Museu de Etnologia, Litografia Tejo.

K

PUBLICAÇÕES:

Keil do Amaral, F. (1942). **A Arquitectura e a Vida**. Lisboa: Edições Cosmos.

Krause, K. C. F. (1883). Compendio de Estética [Compendium of Aesthetics]. Madrid: V. Suárez. [Original German version: (1811) Das Urbild der Menschheit.]

Kubler, G. (1988). **A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes: 1521-1706**. Lisboa: Editorial Vega

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Keil do Amaral, F. (1943). “*A moderna arquitectura holandesa*” in **Seara Nova** nº 810 (20 de Fevereiro de 1943), nº 811 (27 de Fevereiro de 1943), nº812 (6 de Março 1943), nº 813 (13 de Março de 1943)*

Keil do Amaral, F. (1947). “*Uma iniciativa necessária*” in **Arquitectura** nº 14, ano XX, 2ª série, Abril de 1947.

L

PUBLICAÇÕES:

Leach, N. (2005). **A Anestésica da Arquitectura**. Lisboa: Antígona.

Leal, J. (2006). **Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Tradições**. Lisboa: Livros Horizonte.

Lefaivre, L. & Tzonis, A. (2003). **Critical Regionalism. Architecture and Identity in a Globalized World**. London: Prestel.

Lefebvre, H. (1974). **La production de l'espace** [The production of space]. Paris: Anthropos.

Leite, A. (1999). **As pesqueiras do rio Minho**. Caminha: COREMA – Associação de Defesa do Património

Llano Cabado, P. (1983). **Arquitectura Popular en Galicia**. Vol. I e II; Vigo: COAG.

Llano Cabado, P. (1996). **Arquitectura Popular en Galicia: Razón e construción**. Coruña: Edicións Xerais de Galicia.

Lorenzo Fernández, X. (1962). **Etnografía. Cultura Material** in *História da Galiza*. T.II (Coord. Otero Pedrayo); Buenos Aires: Nós. (pp. 1-739)

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Llano Cabado, P. (1985). “As construccions non dibuxadas na aprendizaxe da expresion gráfica arquitectónica” in ETSA (1985). **Boletín Académico, nº2**. Coruña: ETSA. p.27-43

Leal, J. C., Maia, M. H. & Cardoso, A. (2012). “Pedro Vieira de Almeida and the Survey”. in ESAP-CEAA (2012). **Surveys on Vernacular Architecture, Their significance in 20th century architectural culture**. Conference proceedings. Porto: ESAP-CEAA. p.25-35

Lewcock, R. (2006) “‘Generative concepts’ in vernacular architecture” in Asquith, L. & Vellinga, M. (2006). **Vernacular Architecture in the Twenty-First Century: Theory, education and practice**. London: Taylor & Francis. p.199-215

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES:

Lixa Filgueiras, O. (1986). **Escola do Porto (1940-1969)** in Carlos Ramos. Exposição retrospectiva da sua obra. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

COMUNICAÇÕES:

Llano Cabado, Pedro de (2009). “La presencia de la Arquitectura Vernácula en la Vanguardia del siglo XX”. *II Jornadas de Arquitectura Vernácula*, CIAT – Universidade de Madrid, Boceguilhas, Novembro de 2009

M

PUBLICAÇÕES:

May, J. (2010). **Handmade houses & other buildings – The World of Vernacular Architecture**. London: Thames & Hudson

Maldonado Ramos, L. & Vela Cossio, F. (2012). **Declaración de Boceguillas: Principios para el estudio, la protección y la conservación de la arquitectura tradicional**. – 1ª ed. – Buenos Aires: Nobuko, 2012.

Manuel das Neves, J. (1998). **Casas**. Coleção Desenhos e Projectos. Lisboa: Estar Editora, 1998

Manuel Fernandes, J. (2000). **Arquitectura Portuguesa - Uma Síntese**. colecção arte e artistas. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Martinez Rodriguez, Ignacio. **El Horreo Gallego**. 2ª ed. A Coruña: Fundación Pedro Barrie de la Maza, 1999

Matilla, M. & Soderlund, A. (ed.) (2013). **PreVERNADOC 2002 Ramses Wissa Wassef Art Centre, Egyptian Earth Construction Association**. Helsinki: ICOMOS Finland - CIAV.

Montaner, J. S. (2001). **A modernidade superada / Arquitectura arte e pensamento do século XX**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Moutinho, M. (1979). **A Arquitectura Popular Portuguesa**. Lisboa: Editorial Estampa.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Maia, M. H., Cardoso, A. & Leal, J. C. (2012). “Our Project: The “Popular Architecture in Portugal”. A Critical Look. Intercalar results of a research Project”. in ESAP-CEAA (2012). **Surveys on Vernacular Architecture, Their significance in 20th century architectural culture**. Conference proceedings. Porto: ESAP-CEAA. p.15-24

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES:

Museo Español de Arte Contemporáneo (1984). **La casa mediterránea - Fernando García Mercadal**. Madrid: Ministerio de Cultura – Dirección General de Bellas Artes y Archivos.

N

PUBLICAÇÕES:

Nelia Gonzalez, F. (2004). **Arquitectura Bioclimática - en un entorno sostenible**. Madrid: Editorial Munilla-Lería

Nishi, K. & Kazuo H. (1985). **What is Japanese Architecture? A Survey of traditional Japanese architecture**. Tokyo: Kodansha International.

REVISTAS MONOGRÁFICAS E BOLETINS ACADÉMICOS:

Nakamura, T. (ed.) (1989). **a+u (Architecture and Urbanisme) 1989 June Extra Edition. Alvaro Siza: 1954-1988**. Tokyo: a+u Publishing Co.Ltd.

O

PUBLICAÇÕES:

Oliveira, E. V.de & Galhano, F. (1998). **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. Coleção Portugal de Perto. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Oliver, P. (ed.) (1997). **Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World**. Cambridge: Cambridge University Press.

Oliver, P. (2003). **Dwellings: The Vernacular Houses World Wide**. London: Phaidon Press.

Oliver, P. (2006). **Built to meet needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture**. Oxford: Architectural Press.

Oliver, P. & Vellinga, M. (2007). **Atlas of Vernacular Architecture of the World**. London: Routledge.

Ordem dos Arquitectos (2004). **Arquitectura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. [1ª ed. SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961). Lisboa: S.N.A.]

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

O'Flanagan, P. (1985) "Galicia and the Minho" in **The Geographical Magazine**. p.90-95

Ozkan, Suha (2006). "Traditionalism and vernacular architecture in the twenty-first century in Asquith, L. & Vellinga, M. (2006). **Vernacular Architecture in the Twenty-First Century: Theory, education and practice**. London: Taylor & Francis. p.97-110

P

PUBLICAÇÕES:

Papanek, V. (1995). **Arquitectura e Design. Ecologia e Ética**. Lisboa: Edições 70.

Portas, N. & Mendes, M. (1992). **Portugal Architecture 1965-1990. Tendances de l'architecture contemporaine**. Paris: Editions du Moniteur

Pulgar Sabín, C. (ed.). Pulido Novoa, A. (dir.) (2003). **Artistas Galegos: Arquitectos. Da modernidade ó século XXI**. Vigo: Nova Galicia edicións.

Pulgar Sabín, C. (ed.). Pulido Novoa, A. (dir.) (2005). **Artistas Galegos: Arquitectos. Cara ao novo milenio**. Vigo: Nova Galicia edicións.

Pulgar Sabín, C. (ed.) (2006). **Arte e cultura de Galicia e norte de Portugal. Etnografia**. Tomo I. Vigo: Nova Galicia edicións.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Pais, P. (1993). "A ambição à obra anónima. conversa com Eduardo Souto Moura" in TRIGUEIROS, L. (ed.) (2000). **Eduardo Souto Moura**. Lisboa: Editorial Blau. p.29-36

Portas, N. (1965). "Casa de Chá da Boa Nova" in TRIGUEIROS, L (edit.) (1999). **Casa de Chá da Boa Nova, 1958-1963**. Lisboa: Editorial Blau.

Portas, N. (1973). "A evolução da arquitectura moderna em Portugal: uma interpretação" in Zevi, B. (1973). **História da arquitectura moderna**. Lisboa: Editora Arcádia

Portas, N. (1981). "Prefácio à Edição de 1982". In TÁVORA, F. (2007). **Da organização do espaço**. 7ª edição. Porto: FAUP publicações. p.VII-XXIV

Portas, N. (1987). "Interrogations sur l'architecture de Porto" in AAVV. (1990). **Architectures à Porto**. Liège-Bruxelles: Pierre Mardaga Editeur. p.87-93

Portela, C. (1884). “*Aportaciones para un debate de la vivienda unifamiliar en el medio rural*”. in COAG. **Obradoiro, nº9, 1984**. A Coruña: COAG - Comisión de Cultura. p.28-36

WEBSITES:

Pritzker Architecture Prize (1992). **Jury Citation for the 1992 Laureate**. Consultado em 15-10-2012. <http://www.pritzkerprize.com/1992/jury>

Pritzker Architecture Prize (2011). **Jury Citation for the 2011 Laureate**. Consultado em 08-02-2013. <http://www.pritzkerprize.com/laureates/2011/jury>

R

PUBLICAÇÕES:

Rapoport, A. (1972). **Vivienda y Cultura**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Ray, N. (2005). *Alvar Alto*. New Haven; London: Yale University Press

Ribeiro, O., (1945). **Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico**. Coimbra: Coimbra Editora.

Ribeiro, O. (1991). **Opúsculos geográficos – 4º volume: O mundo rural**. Serviço de Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ribeiro, O. (1994). **Opúsculos geográficos – 5º volume: Temas Urbanos**. Serviço de Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Río Vázquez, A. S. (coord.) (2009). **I.doc – documentos da escola técnica superior de arquitectura da coruña**. Coruña: E.T.S. Arquitectura a Coruña

Rodríguez Iglesias, F. (ed.); González Reboredo, X. M. (coord.) (1997). **Galicia – Antropoloxía. Tomo XXIII: Arquitectura. Economía**. A Coruña: Hércules de Ediciones, S. A.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Rapoport, A. (2006). “*Vernacular design as a model system*” in Asquith, L. & Vellinga, M. (2006). **Vernacular Architecture in the Twenty-First Century: Theory, education and practice**. London: Taylor & Francis. p.182-183

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES:

Rudofsky, B. (1990). **Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture**. Exhibition Catalogue, Museum of Modern Art (MoMA) New York, 9-11-1964 to 7-2-1965. 3ª ed. Albuquerque: University of New Mexico Press.

COMUNICAÇÕES:

Rivera, David (2009). “*Interpretaciones modernas del legado de la Arquitectura Tradicional: regionalismo, funcionalismo y neotradicionalismo*”.

II Jornadas de Arquitectura Vernácula, CIAT – Universidade de Madrid, Boceguilhas, Novembro de 2009.

S

PUBLICAÇÕES:

Sabatino, M. (2011). ***Pride in Modesty: Modernist Architecture and the Vernacular Tradition in Italy***. Reprint edition. Toronto: University of Toronto Press, Scholarly Publishing Division.

Salgado, J. (1984). ***Álvaro Siza em Matosinhos***. Coleção: Matosinhos - o lugar e a imagem, nº1. Câmara Municipal de Matosinhos- Pelouro da Cultura e do Turismo: Matosinhos.

Silvano, Filomena (2010); ***Antropologia do Espaço; O Património disciplinar***. Lisboa: Assírio & Alvim.

Souto de Moura, E. (1990). WANG, W. & SIZA, A. (intro.). ***Souto de Moura***. Catálogos de Arquitectura Contemporânea, Xavier Guell (ed.) Barcelona: Editorial Gustavo Gili

Stake, R. (1998). ***Investigación con Estudios de Caso***. Madrid: Morata.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Salgado, J. (2008). “Casa a Roiba” in COAG. ***Obradoiro, nº 33, Primavera de 2008***. Santiago de Compostela: COAG. p.203-221.

Sánchez-Montañés Macías, B. (2007). “Estratégias medioambientales de la arquitectura vernácula como fundamento de sostenibilidad futura”. in AAVV, (2007). ***Arquitectura Vernácula en el mundo Ibérico: actas del congreso internacional sobre arquitectura vernácula***. Sevilla: UPO. p.406-414

Sesto, F. (1991). “Presentación” in Centelhas, M. (dir.) (1991). ***Documentos de Arquitectura – César Portelas, nº16, Abril de 1991***. Almería: Colegio Oficial de Arquitectos de Andalucía Oriental – Delagación de Almería. p.3-7

Siza Vieira, Á. (1983). “Casa Dr. Machado” in COAG. ***Obradoiro, nº8, 1983***. A Coruña: COAG – Comisión de Cultura. p.7-13

Seara Morales, S. (1996). “Transparencia y fortaleza en equilibrio y equidad” in Colexio de Arquitectos de Galicia - COAG (1996). ***Xosé Bar Boo. arquitecto***. Corunha: COAG – Comisión de Cultura. p.34-37

TESES DE DOUTORAMENTO:

Santos Fernandes, E. J. C.dos (2010). ***A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola***. Tese de Doutoramento da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (Orientador: Jorge Correia; Coorientador: João Vieira Caldas).

T

PUBLICAÇÕES:

Taut, B. (1958). ***Houses and People of Japan***. Tokyo: Sanseido.

Tavares, A. & Bandeira, P. (Ed.) (2008). ***Só nós e Santa Tecla – A Casa de Caminha de Sérgio Fernández***. Porto: Dafne Editora.

Tavares, G. (2010). ***Uma Viagem à Índia***. Lisboa: Editorial Caminho.

Távora, F. (2007). ***Da organização e do espaço***; 7ª Edição. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Torres Buá, M. (2007). ***A Arquitectura en Galiza – Aproximación á realidade arquitectónica xeral de Galiza dende a Prehistoria ata os nosos días***. Pontevedra: Edicions Nigra Trea.

Tostões, A. *et al.* (1997). ***Portugal Arquitectura do Século XX***. Frankfurt: Duetsches Architektur-Museum.

Toussaint, M. (1992). ***Casa de Férias em Ofir: Fernando Távora 1957-1958***. Lisboa: Editorial Blau.

Trigueiros, L. (ed.) (1993). ***Fernando Távora***. Lisboa: Editorial Blau.

Trigueiros, L. (ed.) (1999). ***Casa de Chá da Boa Nova, 1958-1963***. Lisboa: Editorial Blau

Trigueiros, L. (ed.) (2000). ***Eduardo Souto Moura***. Lisboa: Editorial Blau.

Trigueiros, L. (ed.) (2004). ***Piscina na praia de Leça da Palmeira***. Lisboa: Editorial Blau.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Tarragó, S. (1996). “X.B.B. Super Star. Xosé Bar Bóo, ciudadano y arquitecto integrales” in Colexio de Arquitectos de Galicia - COAG (1996). ***Xosé Bar Boo. arquitecto***. Corunha: COAG – Comisión de Cultura. p.24-33

Tavares Pereira, L. (2006). “Arquitectura do Norte de Portugal: Inacção e Excelência”. Lisboa: ***arq./a, nº37, 2006***. p.21

Távora, F. (1947); “O problema da Casa Portuguesa”. ***Cadernos de Arquitectura***: Lisboa, 1947

REVISTAS MONOGRÁFICAS E BOLETINS ACADÉMICOS:

Távora, F. (dir.) (1987). ***ra – Revista de Arquitectura da Universidade do Porto, Ano 1, nº0, Outubro 1987***. Porto: FAUP

TESES DE DOUTORAMENTO:

Toussaint, Michel (2009). ***Da arquitectura à teoria e o universo da teoria da arquitectura em Portugal na primeira metade do século XX***. Tese de Doutoramento da Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitectura (Orientador: Augusto Pereira Brandão)

COMUNICAÇÕES:

Tzonis, A. (2005). “The never ending challenge of Regionalism”. [lecture given at the University of Cordoba, March, 2005]

V

PUBLICAÇÕES:

Viana, P. (1999). ***Território Povoamento Construção - Manual para as regiões do parque***

nacional da peneda-gerês. Adere Peneda Gerês.

Vieira de Almeida, P. (2010) **Dois Parâmetros de Arquitectura Postos em Surdina. O propósito de uma investigação.** Porto: CEAA, Edições Caseiras/14, 2010.

Vieira de Almeida, P. (2005). **Da Teoria, oito lições.** Porto: ESAP.

CAPÍTULOS E ARTIGOS:

Varela Gomes, P. (1992) in TRIGUEIROS, L (edit.) (1999). **Casa de Chá da Boa Nova**, 1958-1963. Lisboa: Editorial Blau.

Viana de Lima *et al.* (1959). “X Congresso CIAM, 1956, Representação Portuguesa”. **Revista Arquitectura, nº 64**, 1959, p.20-24.

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES:

Vaz Milheiro, A. (coord.) (2009). **HABITAR EM COLECTIVO: Arquitectura Portuguesa antes do S.A.A.L.**. Lisboa: ISCTE.

COMUNICAÇÕES:

Vellinga, M. (2013a). “Built to meet Needs: Paul Oliver and the study of vernacular architecture”. **CIAV-ICOMOS 2013 Vila Nova de Cerveira: Contributions of Vernacular Architecture to Sustainable Development.** Vila Nova de Cerveira, Portugal: ESG/ Escola Superior Gallaecia. 16-19 de Outubro de 2013.

Vellinga, M. (2013b). “Engaging the future - defining vernacular architecture and how to use sustainable principles from the past in future building development”. **Learning from the Past- Integrating research and teaching under the theme Sustainability in Denmark’s Architectural Heritage.** Aahrus, Dinamarca: Bock, L. (com.). The Aahrus School of Architecture; The Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Architecture. 10 a 11 de

Z

Zaharia, L. & Matilla, M. (ed.) (2012). **Maramures VERNADOC 2012.** Helsinki: The Chamber of the Romanian Architects, North West Branch & ICOMOS Finlad - CIAV.

Zevi, B. (1977). **Saber ver Arquitectura.** Lisboa: Editora Arcádia. p.11-28

OUTRAS FONTES:

ENTREVISTA DE AUTOR:

Enrique Acuña, Vigo, Setembro de 2012. (10-09-2012)

Manolo Gallego Jorreto, A Coruña, Setembro de 2012. (24-09-2012)

Manuel Andres-Reboredo Santos, A Coruña, Janeiro de 2013. (16-01-2013)

Sérgio Fernandez, Caminha, Janeiro de 2013. (26-01-2013)

César Portela, Pontevedra, Abril de 2013. (25-04-2013)

CONFERÊNCIAS:

I Jornadas de Arquitectura Vernácula. Boceguilhas: CIAT – Universidade Politécnica de Madrid. Maio de 2007

II Jornadas de Arquitectura Vernácula. Boceguilhas: CIAT – Universidade Politécnica de Madrid. Novembro de 2009

Surveys on Vernacular Architecture, Their significance in 20th century architectural culture. International Conference. Porto: ESAP-CEAA, 17 a 19 de Maio de 2012.

CIAV-ICOMOS 2012 Al Ain: The Place of the Vernacular Built Heritage in a Rapidly Changing Context. Al Ain, Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos: Abu Dhabi Tourism & Culture Authority. 18 a 21 de Novembro de 2012.

Une autre architecture pour un autre monde. Briey, França: Frey, P (com.). Impressions d'architecture 2013. Ville de Briey, DRAC Lorraine, le Conseil Régional de Lorraine, le Conseil Général de Meurthe et Moselle, l'ENSarchitecture de Nancy, le Centre Pompidou-Metz, l'Académie d'Architecture, le Frac Lorraine, EPF de Lausanne. 07 a 11 de Outubro de 2013.

CIAV-ICOMOS 2013 Vila Nova de Cerveira: Contributions of Vernacular Architecture to Sustainable Development. Vila Nova de Cerveira, Portugal: ESG/ Escola Superior Gallaecia. 16-19 de Outubro de 2013.

Learning from the Past- Integrating research and teaching under the theme Sustainability in Denmark's Architectural Heritage. Aahrus, Dinamarca: Bock, L. (com.). The Aahrus School of Architecture; The Royal Danish Academy of Fine Arts, School of Architecture. 10 a 11 de Dezembro de 2013

PROJECTOS I&DT:

CATPAP: Catálogo do Património Arquitectónico e Paisagístico do Alto Minho; Centro de Investigação de Construções Rurais e Ambiental (CICRA), ESG/ Escola Superior Gallaecia [Programa Europeu POS – Conhecimento, FEDER]

Natura Minho-Miño;Xunta de Galicia - Consejería de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible; CIIMAR – Centro Interdisciplinar de Investigación Marinha e Ambiental; Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira; ESG/ Escola Superior Gallaecia; FEUP; Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade. [Programa Europeu POS – Conhecimento, FEDER]

VerSus: Lessons from Vernacular Heritage for Sustainable Architecture; ESG/ Escola Superior Gallaecia, UPV, UNICA, UNIFI & CRATERRE-ENSAG; [Programa Europeu Cultura 2000]

Notas:

1) Tratando-se de uma investigação de carácter transnacional, fundamentada na sua maior parte em documentos de dois países distintos, que cumprem diferentes sistemas de identificação pessoal, de modo a uniformizar indicações e minimizar conflitos formais optou-se por destacar em conjunto, sempre que exista informação respectiva, os dois últimos apelidos dos autores.

2) Apesar de se indicar apenas os textos com referência directa, a consulta integral dos números das revistas **Obradoiro** e **Arquitectura**, publicados durante o período designado, foi fundamental para a compreensão da produção arquitectónica na região analisada. Nestes termos assinala-se o contributo da Biblioteca do COAG, em Santiago de Compostela, na forma atenciosa e expedita como disponibilizaram o seu acervo.

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1. Área litoral da Bacia Hidrográfica do Rio Minho, **38**

Mapa SIG manipulado pelo autor, Projecto Natura Miño-Minho

Fig. 2. Distribuição geral das diferentes formas de organização agrária na região analisada, a partir da proposta de Abel Bouhier, **45**

Imagem desenvolvida a partir da figura extraída de Dalda Escudero *et al.*, 2005, p.42

Fig. 3. Imagem característica da paisagem resultante , **45**

Fotografia de Marco Mourão (cedida pelo próprio)

Fig. 4. Altimetria da Bacia Hidrográfica do Rio Minho, **52**

Mapa SIG manipulado pelo autor, Projecto Natura Miño-Minho

Fig. 5. Litologia da Bacia Hidrográfica do Rio Minho, **53**

Mapa SIG manipulado pelo autor, Projecto Natura Miño-Minho

Fig. 6. Precipitação da Bacia Hidrográfica do Rio Minho, **54**

Mapa SIG manipulado pelo autor, Projecto Natura Miño-Minho

Fig. 7. Balanço Hídrico anual da Bacia Hidrográfica do Rio Minho, **55**

Mapa SIG manipulado pelo autor, Projecto Natura Miño-Minho

Fig. 8. Capacidade Produtiva do Solo da Bacia Hidrográfica do Rio Minho, **56**

Mapa SIG manipulado pelo autor, Projecto Natura Miño-Minho

Fig. 9. Usos e Ocupação do Solo da Bacia Hidrográfica do Rio Minho, **57**

Mapa SIG manipulado pelo autor, Projecto Natura Miño-Minho

Fig. 10. Exemplo de habitação de 2 pisos, Caminha, **65**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 11. Exemplo de Abrigo Sazonal de Pastor, Monção, **67**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 12. Exemplo de forno articulado com habitação, Braga, **69**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 13. Exemplo de Adega com Lagar, Monção, **71**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 14. Exemplo de Alpendre semi-enterrado, Monção, **73**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 15. Exemplo de Sequeiro, Monção, **75**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos (CATPAP)

Fig. 16. Exemplo de Espigueiro estreito, Monção, **77**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos (CATPAP)

Fig. 17. Exemplo de Espigueiro incorporado, Monção, **79**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos (CATPAP)

Fig. 18. Exemplo de Espigueiro misto de ripado vertical, Pontevedra, **81**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 19. Exemplo de conjunto de Moinhos de rodízio, O Rosal, **83**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 20. Exemplo de canle de abastecimento, O Rosal, **85**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 21. Exemplo de Pesqueira, Salvaterra do Miño-Monção, **87**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 22. Levantamento de moinhos de montanha, Caminha, **93**

Desenho (1/50) a tinta da china de Natathai Chansen (formador), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Gilberto Duarte Carlos.

Fig. 23. Imagem Diagramática da Invariante 1.01, **94**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 24. Imagem Diagramática da Invariante 1.02, **94**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 25. Exemplo de identificação de Invariantes. Habitação em Paredes de Coura, Portugal., **95**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 26. Imagem Diagramática da Invariante 1.03, **95**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 27. Imagem Diagramática da Invariante 1.04, **95**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 28. Imagem Diagramática da Invariante 1.05, **96**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 29. Imagem Diagramática da Invariante 1.06, **96**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 30. Exemplo de identificação de Invariantes. Habitação em Valença, Portugal., **97**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 31. Imagem Diagramática da Invariante 1.07, **97**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 32. Imagem Diagramática da Invariante 1.08, **97**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 33. Imagem Diagramática da Invariante 1.09, **98**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 34. Imagem Diagramática da Invariante 1.10, **98**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 35. Exemplo de identificação de Invariantes. Moinho de água em Moaña, Galiza., **99**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 36. Imagem Diagramática da Invariante 1.11, **99**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 37. Imagem Diagramática da Invariante 1.12, **99**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 38. Exemplo de identificação de Invariantes. Moinho de água em Vila Nova de Cerveira, Portugal., **101**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 39. Imagem Diagramática da Invariante 2.01, **104**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 40. Imagem Diagramática da Invariante 2.02, **104**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 41. Exemplo de identificação de Invariantes. Alpendre em Monção, Portugal., **105**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 42. Imagem Diagramática da Invariante 2.03, **105**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 43. Imagem Diagramática da Invariante 2.04, **105**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 44. Imagem Diagramática da Invariante 2.05, **106**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 45. Imagem Diagramática da Invariante 2.06, **106**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 46. Exemplo de identificação de Invariantes. Espigueiros em Monção, Portugal., **107**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 48. Imagem Diagramática da Invariante 2.07, **107**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 47. Imagem Diagramática da Invariante 2.08, **107**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 49. Exemplo de identificação de Invariantes. Espigueiro em Pontevedra, Galiza., **109**

Desenhos de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 50. Localização das obras paradigmáticas, **153**

Mapa digital de Marco Mourão

Fig. 51. Cronograma de contextualização: marcos socio-ideológicos, **155**

Imagem digital de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 52. Cronograma de contextualização: obras de referência, **157**

Imagem digital de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 53. Casa Cendón, Vigo (estado original), **159**

Fotografias de Ramon Vázquez Molezún (cedidas pela Sr.^a Cendón)

Fig. 54. Casa Cendón, Vigo (estado actual), **159**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos, 2012

Fig. 55. Mercado Municipal, Santa Maria da Feira (1953-1959), **161**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Trigueiros, 1993, p.58-63

Fig. 57. Residência Infantil, Miraflores de la Sierra, Madrid (1957), **161**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Corrales & Molezún, 1983, p.23-25

Fig. 56. Casa de férias em Ofir, Esposende (1957-1958), **161**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Trigueiros, 1992

Fig. 58. Igreja da Senhora de Fátima, Águas, Penamacor (1949-1953), **161**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Teutónio Pereira, 2012 p.16-19

Fig. 59. Casa das Marinhas, Esposende (1954), **163**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos e Imagens manipuladas pelo autor, cedidas pela CM de Esposende, 2013

Fig. 60. Pavilhão, Quinta da Conceição, Leça da Palmeira (1958-1965), **163**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Trigueiros, 1993, p.73-75

Fig. 61. Piscinas da Quinta da Conceição, Leça da Palmeira (1958-1965), **163**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Souto de Moura, 2012, p. 73 (in Trigueiros, 1997, p.44); e Frampton, 2000, p.89

Fig. 62. Casa Couto, Vigo (1958), **165**

Imagens manipuladas pelo autor extraídas de Garrido Fenés, 2000, p.93

Fig. 64. Casa Rocha Ribeiro, Maia (1960-1962), **165**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Frampton, 2000, p.95

Fig. 63. Casa Saldaña, Vigo (1958), **165**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Garrido Fenés, 2000, p.96-97

Fig. 65. Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira (1958-1963), **165**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos e Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Trigueiros, 1999

Fig. 66. Casa Cendón: Enquadramento cadastral e topográfico, **166**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 68. Casa Cendón: Enquadramento topográfico, **167**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 67. Casa Cendón: Enquadramento cadastral , **167**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 69. Casa Cendón: implantação na parcela, **169**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 70. Casa Cendón: Planta de coberturas, **169**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 71. Casa Cendón: Desenhos técnicos, **171**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 72. Refúgio “La Roiba” (estado original), **175**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Corrales & Molezún, 1983, p.146-148

Fig. 73. Refúgio “La Roiba” (estado actual), **175**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos, 2010

Fig. 74. Piscina Municipal, Leça da Palmeira (1959-1961-1965-1966-1973), **177**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos e Imagens manipuladas pelo autor extraídas de Frampton, 2000, p.100

Fig. 75. Casa Huarte, Puerta de Hierro, Madrid (1966), **177**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Corrales & Molezún, 1983, p.42-45

Fig. 76. Casa Alves Santos, Póvoa do Varzim, (1964-1969), **179**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Frampton, 2000, p.106-107

Fig. 77. Casa Alves Costa, Moledo, Caminha (1964-1971), **179**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Frampton, 2000, p.104-105

Fig. 78. Refúgio “La Roiba”: Enquadramento cadastral e topográfico, **180**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 80. Refúgio “La Roiba”: Enquadramento topográfico, **181**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 79. Refúgio “La Roiba”: Enquadramento cadastral, **181**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 81. Refúgio “La Roiba”: Implantação, **183**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 82. Refúgio “La Roiba”: Planta de coberturas, **183**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 83. Refúgio “La Roiba”: Desenhos técnicos, **185**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 84. Refúgio “La Roiba”: Desenhos técnicos, **187**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 85. Refúgio “La Roiba” 2010, **189**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos, 2010

Fig. 86. Vill’Alcina - Casas de Caminha (estado actual), **191**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos, 2012

Fig. 87. Vill’Alcina (interior) - Casas de Caminha (estado actual), **193**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos, 2012

Fig. 88. Projecto Casa Rui Feijó, Moledo (1965), **195**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Távora, 1987

Fig. 89. Casa Alcino Cardoso, Moledo, Caminha (1971-1973), **195**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Frampton, 2000, p.127-130

Fig. 90. Casa em Corrubedo, Coruña (1970-1972), **197**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Gallego Jorreto, 1992, p.19-21

Fig. 91. Registo dos processos de construção tradicional em Rio de Onor, 1964, **199**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Tavares & Bandeira, 2008, p.37-40

Fig. 92. Imagens do C.O.D.A. de S. Fernandez, **199**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Távora, 1987

Fig. 93. Casas de Caminha: Enquadramento cadastral e topográfico, **200**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 95. Casas de Caminha: Enquadramento topográfico, **201**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 94. Casas de Caminha: Enquadramento cadastral, **201**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 96. Casas de Caminha: Implantação na parcela, **203**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 97. Casas de Caminha: Planta de coberturas, **203**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 98. Casas de Caminha: Desenhos técnicos, **205**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 99. Vill'Alcina 2013, **207**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos, 2013

Fig. 101. Casa Ortiz (estado original), **209**

Fotografias de Manolo Gallego Jorreto (cedidas pelo próprio)

Fig. 100. Casa Ortiz (estado actual), **209**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos, 2012

Fig. 102. Casa Gallego, Oleiros (1977-1980), **211**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Gallego Jorreto, 1992, p.27-33

Fig. 103. Casa Ortiz: Enquadramento cadastral e topográfico, **212**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 104. Casa Ortiz: Enquadramento topográfico, **213**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 105. Casa Ortiz: Enquadramento cadastral, **213**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 106. Casa Ortiz: Implantação na parcela, **215**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 107. Casa Ortiz: Planta de coberturas, **215**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 108. Casa Ortiz: Desenhos técnicos, **217**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 109. Casa Ortiz: Esboços de enquadramento na paisagem, **220**

Esboços de Manolo Gallego Jorreto (cedidos pelo próprio)

Fig. 110. Casa e Atelier Ortiz 2012, **221**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos, 2012

Fig. 111. Casa Canosa, Moaña (estado original), **223**

Diapositivos de Manuel Andrés-Reboredo Santos (cedidos pelo próprio)

Fig. 112. Casa Gallego, Oleiros: Plantas e sua grelha geométrica base, **225**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Gallego Jorreto, 1992, p.27-33

Fig. 113. Casa Gallego, Abertura dos topos contrariando a simetria axial do volume, **225**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Gallego Jorreto, 1992, p.27-33

Fig. 115. Casa Arturo Estévez, Salsedo, Pontevedra (1980-1983), **227**

Imagens manipuladas pelo autor, a partir de fotografias e desenhos de César Portela (cedidos pelo próprio)

Fig. 117. Casa Pias, Salcedo, Montouto (1982-1984), **227**

Imagens manipuladas pelo autor, a partir de fotografias e desenhos de César Portela (cedidos pelo próprio)

Fig. 114. Casa Beiras, Beluso, Bueu, Pontevedra (1984), **227**

Imagens manipuladas pelo autor, a partir de fotografias e desenhos de César Portela (cedidos pelo próprio)

Fig. 116. Casa Pias: Simetria das plantas, **227**

Imagens manipuladas pelo autor, a partir de fotografias e desenhos de César Portela (cedidos pelo próprio)

Fig. 118. Casa Canosa: Enquadramento cadastral e topográfico, **228**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 120. Casa Canosa: Enquadramento topográfico, **229**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 119. Casa Canosa: Enquadramento cadastral, **229**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 121. Casa Canosa: Implantação na parcela, **231**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 122. Casa Canosa: Planta de coberturas, **231**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 123. Casa Canosa: Desenhos técnicos, **233**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 124. Casa Canosa 2013, **235**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos, 2013

Fig. 125. Casa Estevez, Vigo (estado original), **237**

Fotografias de César Portela (cedidos pelo próprio)

Fig. 126. Casa Estevez, Vigo (estado actual), **237**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos, 2013

Fig. 128. Reconversão de Ruína, Gerês (1980-1982): Planta, **239**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Trigueiros, 2000, p.40-41

Fig. 127. Vivendas Sociais, Campaño, Pontevedra (1970-1973), **239**

Imagens manipuladas pelo autor, a partir de fotografias e desenhos de César Portela (cedidos pelo próprio)

Fig. 129. Reconversão de Ruína, Gerês (1980-1982): Corte Transversal, **239**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Trigueiros, 2000, p.40-41

Fig. 130. Casa Estevez: Enquadramento cadastral e topográfico, **240**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 131. Casa Estevez: Enquadramento topográfico, **241**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 132. Casa Estevez: Enquadramento cadastral, **241**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 133. Casa Arturo Estévez: Implantação na parcela, **243**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 134. Casa Arturo Estevez: Planta de coberturas, **243**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 135. Casa Arturo Estévez: Desenhos técnicos, **245**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 136. Casa Arturo Estévez 2013, **249**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos, 2013

Fig. 137. Casa no Bom Jesus, Braga (estado original), **251**

Fotografias de Luís Ferreira Alves (cedidas por Eduardo Souto de Moura)

Fig. 138. Casa no Bom Jesus, Braga (estado actual), **253**

Fotografias de Gilberto Duarte Carlos, 2013

Fig. 139. Casa Rei, Mourente, Pontevedra (1985-1987), **255**

Imagens manipuladas pelo autor, a partir de fotografias e desenhos de César Portela (cedidos pelo próprio)

Fig. 140. Casa Pino, Vilaxoan (1987-1989), **255**

Imagens manipuladas pelo autor, a partir de fotografias e desenhos de César Portela (cedidos pelo próprio)

Fig. 141. Banco Borges & Irmão, Vila do Conde (1988), **257**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Frampton, 2000, p.182-184

Fig. 142. CGAC, Santiago de Compostela (1988), **257**

Imagens manipuladas pelo autor, extraídas de Frampton, 2000, p.340-346

Fig. 143. Casa no Bom Jesus: Enquadramento cadastral e topográfico, **258**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 144. Casa no Bom Jesus: Enquadramento topográfico, **259**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 145. Casa no Bom Jesus: Enquadramento cadastral, **259**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 146. Casa no Bom Jesus: Implantação na parcela, **261**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 147. Casa no Bom Jesus: Planta de coberturas, **261**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 148. Casa no Bom Jesus: Desenhos técnicos, **263**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 149. Casa no Bom Jesus: Desenhos técnicos, **265**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 150. Casa no Bom Jesus, 2013, **267**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos, 2013

Fig. 151. Casa Arturo Estévez. Armazenamento das espigas no alpendre do piso inferior, **271**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos, 2013

Fig. 152. A expressão austera da fachada Este das Casas de Caminha, **273**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos, 2013

Fig. 153. Casos de Estudo: Comparação Topográfica, **274**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 154. Casos de Estudo: Comparação Cadastral, **275**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 155. Casos de Estudo: Comparação da inserção na parcela, **276**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 156. Casos de Estudo: Comparação das plantas de coberturas, **277**

Desenhos digitais de Gilberto Duarte Carlos

Fig. 157. Vivendas sociais para Xitanos (estado original), **281**

Fotografia de César Portela (cedida pelo próprio).

Fig. 158. Vivendas sociais para Xitanos (estado actual), **281**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos, 2012

Fig. 159. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Levantamento de campo, **286**

Fotografia Abu Dhabi TCA - Tourism & Culture Authority, Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Hossam Mahdy (Abu Dhabi TCA).

Fig. 160. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Processo de Desenho, **286**

Fotografia Abu Dhabi TCA - Tourism & Culture Authority, Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Hossam Mahdy (Abu Dhabi TCA).

Fig. 161. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Secção Transversal de uma Mesquita, **287**

Desenho (1/25) a tinta da china de Gilberto Duarte Carlos (formador), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Hossam Mahdy (Abu Dhabi TCA).

Fig. 162. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Secção Longitudinal de uma Mesquita, **287**

Desenho (1/25) a tinta da china de Mamdouh Mohamed Sakr (formador), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Hossam Mahdy (Abu Dhabi TCA) .

Fig. 163. VernaDoc 2012, Al Ain (EAU). Fachada Frontal de uma Mesquita, **287**

Desenho (1/25) a tinta da china de Mamdouh Mohamed Sakr (formador), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Hossam Mahdy.

Fig. 164. VernaDoc 2013, Portugal. Levantamento de campo, **288**

Fotografia de Gilberto Duarte Carlos (formador), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Gilberto Duarte Carlos.

Fig. 165. VernaDoc 2013, Portugal. Processo de Desenho, **288**

Fotografia de Ana Lima Pacheco (formadora), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Gilberto Duarte Carlos.

Fig. 166. VernaDoc 2013, Portugal, Fachada Frontal de moinho de montanha. , **289**

Desenho (1/25) a tinta da china de Gilberto Duarte Carlos (formador), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Gilberto Duarte Carlos.

Fig. 167. VernaDoc 2013, Portugal, Secção Longitudinal de moinho de montanha, **289**

Desenho (1/10) a tinta da china de Markku Mattila (formador), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Gilberto Duarte Carlos.

Fig. 168. VernaDoc 2013, Portugal, Secção Transversal de moinho de montanha, **289**

Desenho (1/25) a tinta da china de Anita Pimenta (estudante), Workshop ICOMOS-CIAV de Documentação de Arquitectura Vernácula coordenado por Gilberto Duarte Carlos.

ANEXO I

– *Resumen alargado (en español)*

La presente tesis pretende indagar sobre la legitimidad del reconocimiento de una identidad propia en el lenguaje arquitectónico desarrollado en el noroeste de la Península Ibérica, entre la década de 1960 y la década de 1990.

En su desarrollo se han considerado tres premisas esenciales:

- Fundamentar el supuesto de que, de acuerdo con gran parte de la crítica especializada internacional, el referente vernáculo es un componente activo en el proceso de proyecto. O que, por lo menos, constituye una de sus génesis matrices, independientemente de la valoración retórica adoptada por sus principales agentes.
- Establecer, de forma justificada, el paralelismo entre el soporte territorial y las dinámicas culturales de Galicia y del Norte Litoral de Portugal, hecho determinante para la consolidación de la matriz rural y de su consecuente lógica de producción, traducida de manera directa en la materialización del patrimonio vernáculo, siendo además la condición elemental en todo el tipo de arquitectura con tendencia contextualista.
- Profundizar la existencia de afinidades en la interpretación de las corrientes ideológicas adoptadas en el ámbito y en el período indicado, ante los estilos académicos vigentes, especialmente a partir de la revisión crítica del movimiento moderno, algo que, tal y como se observará en el correspondiente capítulo, será indisociable de la verificación de las premisas antecedentes.

En el desarrollo de la investigación propuesta se ha adoptado un planteamiento fundamentalmente interpretativo (Erickson, 1989; Stake, 1998) y de carácter calitativo, con recurso directo a Casos de Estudio, por considerarse más adecuado a la naturaleza del tema y a su potencial aplicación (Rapoport, 2010, p.183).

El estudio presenta una estructura de progresión analítica: abstracta-concreta y descriptiva-interpretativa. La primera parte destínase al marco conceptual y metodológico de la investigación. Engloba la definición del Estado del Arte, caracterización de la Problemática y definición del Objeto de Estudio. La identificación de las características morfológicas, transversales al patrimonio de la región determinada, son establecidas en esta fase como las premisas elementales para la confirmación de la hipótesis formulada. Las premisas corresponden a una sistematización orientada de las propiedades de la Arquitectura Vernácula de la región.

La segunda parte de la investigación destínase a la selección y justificación del Ambiente de análisis y de la elección de los Casos de Estudio. Los casos de estudio corresponden a las obras de arquitectura ejecutadas entre 1960 y 1990 por arquitectos asociados a la región. Esta fase presupone la exposición de sus condiciones de contextualización, relación y representatividad, com especial destaque para su caracterización. El enfoque en la caracterización se reviste de especial importancia por tratarse de un estudio de carácter morfológico. A través de una observación directa, se ejecutará una interpretación formal de su caracterización. Esta interpretación, que considera siempre sus autores y sus referencias “formales”, es orientada naturalmente para la observación de las premisas formuladas en la primera parte del estudio y para la intensidad de su cumplimiento. El documento presentado tiene la particularidad de haber sido constituido con un cuerpo único, luego cada parte no puede ser interpretada de forma aislada. Aunque de la relación dependiente entre los capítulos, se pueda señalar la existencia de dos tipos de análisis que se pretenden complementares. Primero, en cada Caso de Estudio, las premisas son analizadas de forma aislada, reflejando el nivel de relación establecida con el referente vernáculo. Consecuentemente los casos son

comparados entre ellos, de forma a establecer una parametrización común de las premisas observadas. La identificación de las convergencias y de las asimetrías observadas constituye el vértice analítico del estudio. Por fin, se opera su extrapolación al universo que representan teniendo en cuenta las circunstancias de su origen. Al respecto, en seguida se procede de forma sintética a la descripción de las partes enumeradas.

En la primera parte, se enfatiza especialmente la revisión de la literatura existente, identificando la bibliografía específica, desde la más general, difundida desde el área de las ciencias sociales (como los ensayos etnográficos de mediados del siglo XX), hasta la propia del dominio arquitectónico, en los que, partiendo de los estudios a escala nacional, se alcanza a profundizar hasta circunscribir de áreas de mayor homogeneización, tal como sucede en el caso particular del ámbito analizado.

A partir de la bibliografía estudiada se han establecidos distintos grupos tipológicos, como forma de permitir la valoración de las tendencias y planteamientos realizados. La interpretación resultante describe una línea evolutiva del tema, señalando sus paradigmas, los cuales subrayan, evidentemente, las referencias que han afectado directamente al desarrollo de la presente investigación.

El marco conceptual del tema, en el dominio específico de la Arquitectura, es generalmente considerado a través de dos marcos determinantes. El ***Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*** (SNA, 1961), realizado en Portugal, entre 1955 y 1959, es considerada la primera iniciativa de reconocimiento del tema, operada de forma concertada por la clase profesional. La exposición ***Architecture without Architects*** (Rudofsky, 1964), realizada entre 1964 y 1965 en el M.O.M.A. de Nueva York, representa la difusión del tema a escala internacional. Los dos marcos simbolizan el inicio de la sensibilización, de los arquitectos del público en general, para la importancia del patrimonio popular. Una designación que, en la época, integraba forma indiscriminada todo el legado denominado actualmente de Vernáculo, concepto que ganaría autonomía conceptual de forma progresiva a medida que el anterior se ha ido desarrollando. El presente estudio señala también la importancia del fenómeno de transición y contaminación entre los Estudios Sociales y la Arquitectura, sobretudo en las décadas de 1960 y 1970. Las investigaciones operadas en las áreas de Antropología y de Etnografía, como definición del objeto de estudio, metodología y registro, posibilitan una base sólida para el abordaje arquitectónico del tema. Además de estilizar en la caracterización y clasificación de los objetos, permiten, a través de la estrecha colaboración que han mantenido con los arquitectos que han dedicado al tema, la transmisión de sus procedimientos y metodologías de análisis.

Para entender la relevancia del Legado Vernáculo es necesario comprender también la relación entre las dos áreas mencionadas.

El estudio y consecuente interpretación de la Arquitectura Vernácula en Portugal, designadamente en la región del Minho, nos remite inevitablemente para la consideración de dos elementos bibliográficos fundamentales:

- Dias, Jorge; Oliveira, Ernesto Veiga; Galhano, Fernando & Pereira, Benjamim (1969); ***Construções Primitivas em Portugal***, 1ª ed. Lisboa: Instituto da Alta Cultura.
- Sindicato Nacional dos Arquitectos (1961); ***Arquitectura Popular em Portugal***; Volume I. 1ª ed. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos. (p.1-112)

El primer título, aunque de publicación posterior, constituye la compilación de una serie de trabajos efectuados antes del Inquérito y que, incluso, lo han influenciado de forma asumida (Canto Moniz, 2011, p.364). Estos trabajos fueron desarrollados por el Centro de Estudios de Etnología (CEE), entidad que, a partir de su creación en 1947, asumió la recogida y sistematización del

patrimonio etnográfico Portugués. Liderados por Jorge Dias, tendrán actividad intensa en las dos décadas siguientes. En este sentido, la arquitectura surge englobada como componente del patrimonio material. En su desarrollo, debe darse particular mención al Arquitecto Fernando Galhano, elemento incorporado en el CEE justo para responder a las especificidades del registro del componente mencionado.

El segundo título constituye una síntesis del ya señalado Inquérito, que ha movilizó la clase profesional de los Arquitectos portugueses, coordinados por Francisco Keil do Amaral, que ambicionaba investigar el tema a escala nacional.

Esta iniciativa se constituiría como un importante instrumento en la transición ideológica del pós-guerra en el panorama de la producción portuguesa (Toussaint, 2009, p.133), no solo por el espolio recogido y sistematizado, pero, por la movilización directa de figuras que asumirían un rol determinante en la formación de Arquitectos portugueses en las décadas siguientes, como Távora, Lixa Felgueiras o Teutónio Pereira (Trigueiros, 1993, p.28-36).

España presenta un desarrollo del área más esparcido, fruto de la mayor autonomía entre las regiones y de su mayor demarcación cultural. La atención puesta en el patrimonio vernáculo gallego pasa primero por la movilización regional interna. La relación secuencial de las áreas científicas es similar al caso portugués. Los colectivos gallegos como Xeración Nós, o posteriormente el Seminario de Estudios Galegos, han establecido las bases para la investigación etnográfica en Galicia. Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo y Florentino Cuevillas, se han destacado en el desarrollo del área, sobre todo en el período que antecede la Guerra Civil (Pulgar Sabín, 2006, p.22). Será enmarcado por las referencias indicadas que surge el primero registro sistematizado que enfoca el patrimonio arquitectónico de esta región:

Lorenzo Fernández, X. (1962); *"Etnografía. Cultura Material"* in **Historia de Galiza** t.II (Coord. OTERO PEDRAYO, Ramón); Buenos Aires: Nós. (p.1-739).

El trabajo de Lorenzo Fernández se asume como la referencia para los estudios siguientes circunscritos al dominio de la Arquitectura (Caamaño Suárez, 2003, p. 32). En este ensayo, ya se encontraban definidas las tipologías y caracterizaciones que, de modo general siguieron aplicándose en la inventariación de la Arquitectura Vernácula hasta la actualidad (Llano Cabado, 2010).

El estudio de la Arquitectura Vernácula Gallega presentará mayor autonomía científica en el trabajo de Carlos Flores, alrededor de una década después:

Flores, Carlos (1973). **Arquitectura Popular Española**. Tomo II. Madrid: Ediciones Aguilar. (p.353-541).

Aunque no contenga la misma profundidad, rigor o originalidad del primer título, el trabajo de Flores tiene la virtud de haber contribuido para la divulgación del tema en una escala más abaragante y de permitir una perspectiva comparativa, considerada útil en procesos de representatividad tipológica.

A partir de estas publicaciones, el estudio del patrimonio etnográfico presentará mayor autonomía en lo que concierne al componente edificado en los trabajos que le suceden, con mayor circunscripción geográfico y/o temático (Martínez Rodríguez, 1975; Barros Justo, 2005). A estos títulos es importante añadir los esfuerzos de Llano Cabado y de Caamaño Suárez, que en las décadas siguientes, han ampliado y actualizado la problemática, otra vez en la escala total de la región.

De las fuentes y referencias analizadas en el estado del Arte, de las cuales destacamos los títulos y autores supramencionados, se asiste a un evidente predominio de trabajos de cariz descriptivo. Esta observación confirma la opinión de Amos Rapoport (2010), de que el estudio de la Arquitectura Vernácula se centra en el trabajo de Inventariación. Defendiendo que los objetivos que le motivan deben ser reformulados, y que el trabajo futuro debe incidir en la interpretación y en la prospección de aplicación de sus propiedades. Al respecto, muchos autores contemporáneos defienden que esta condición será determinante para la consolidación científica del tema (Vellinga *et al.* 2010, p. 83).

Es en este seguimiento que el trabajo práctico de algunos de los Arquitectos seleccionados y referenciados en los Casos de Estudio se reviste de particular interés. Incluso con el soporte teórico lejos de agotarse, determinados Autores parecen estar aplicados en la reflexión mencionada. Su obra construida se presenta como una síntesis válida de esa interpretación del Legado Vernáculo (Lefaivre & Tzonis, 2003, p.17). En muchos casos, funcionan como los principales vehículos de transmisión para las generaciones siguientes, que las retoman sin el contacto directo de sus referencias teóricas o conocimiento del marco sociocultural que les ha dado origen (Vieira de Almeida, 2005, p.27). De esta manera, las obras indicadas constituyen una importante aportación, presentándose también como relevante para el marco conceptual de la problemática observada.

Se debe aún reforzar su importância por el hecho de los autores en causa se encuentren en el principio de sus carreras, todavía sin un recorrido profesional consolidado. Por ello, reflejan incursiones que pueden ser incursiones transitorias o evolutivas, sujetadas también al particular marco experimental característico del inicio de la actividad profesional (Frampton, 2000, p.12-20). A esta circunstancia hay que añadir la falta de ubicación crítica, en el espacio y en el tiempo, de sus principales referencias, lo que nos remite para asociaciones directas entre autores independientemente de obras de gran divergencia formal y conceptual (Gallego Jarreto en entrevista, 2012).

Analizando los dos países en simultáneo, se observa una cierta convergência en la naturaleza de los referentes. Sin embargo, parece importante tener en cuenta la diferencia de sus procesos de ejecución. Las iniciativas portuguesas, que han resultado en las publicaciones indicadas, se operan a través de iniciativas de dimensión nacional, involucrando mayor diversidad de instituciones, concertando un esfuerzo profesional y académico sin precedentes (Siza, 2013, p.72). Esto significa que, independientemente de su divulgación y receptibilidad, su ejecución ha sido más susceptible de presentar impactos significativos en la práctica y en la enseñanza (Távora, 1987). Este será el punto clave por lo que se ha considerado imprescindible, en el desarrollo de la Tesis, la inclusión de una síntesis dedicada a la evolución de las instituciones profesionales y académicas de las dos regiones, durante las respectivas décadas.

En una primera lectura, la documentación referente a Galicia parece tener un origen más dissociado que Portugal. Las publicaciones, independientemente de sus recursos presentan un cariz más autónomo y individualizado. Este hecho engloba tanto los Autores, como las instituciones que les están asociadas. A pesar de significativa parte de algunos de los trabajos mencionados haberen sido constituidos a través de esfuerzos colectivos institucionales (Caamaño Suárez, 2003), no parece existir la idea de que su movilización haya sido originada o resultado en una motivación de orden colectivo (Portela en entrevista, 2013). Asimismo, se infiere una menor cohesión ideológica en un restricto entorno profesional y académico que tuvo en esse período el arranque de su agregación corporativa (COAG, 1978).

En el seguimiento de los hechos indicados merece particular atención la situación de la formación académica en las respectivas regiones. A este hecho se añade la singularidad que la crítica internacional reivindicada para el panorama portugués (Gadanhó, 2010, p.217-218) y las relaciones que de ella puedan advenir para el contexto gallego (COAG, 1981).

Al comparar la producción arquitectónica de Minho y Galicia no parece ser posible una comparación equilibrada sin tener en cuenta el hecho de la primera región tener en la proximidad inmediata de una Escuela de Arquitectura (ESBAP-FAUP). Escuela esta responsable por la formación de gran parte de los Arquitectos que realizan intervenciones en la región analizada, con particular dinámica en el área litoral.

Se presupone, por lo tanto, que esta circunstancia nos remita para una mayor sensibilidad inicial para el entorno de la intervención, al revés de lo que sucede en Galicia, dependiente de Arquitectos diplomados en Madrid, Barcelona y, posteriormente, Pamplona. Escuelas cuya orientación no podría estar más apartada de su realidad (Andres-Reboredo, Gallego & Portela em Entrevista).

Se puede afirmar que durante este período, la producción arquitectónica de Galicia está dependiente de la vuelta de los recién titulados a su territorio de origen (ídem).

Parece evidente que la capacidad de demanda local nunca ha sido suficientemente decisiva para la movilización de profesionales sin afinidad con el territorio (Baldellou, 1995).

La creación casi secuencial del COAG y de la ETSA parecen, con la debida distancia, una respuesta en la resolución del problema indicado.

Sin embargo, el proceso real demuestra un acentuado corte en las relaciones institucionales, con posiciones extremadas que, en principio, no dejaban antever cualquier hipótesis de concertación pedagógica. Solamente con el paso del tiempo, y de forma progresiva, estas divergencias han sido atenuadas, pareciendo al final consensuarse la necesidad de su creación (Casabella Lopez, 2009).

También a ESBAP (posteriormente FAUP), cuya imagen de cohesión es frecuentemente generalizada (Figueiras, 2002, p.32-33), merece especial desmistificación. Será porventura en sus fases conturbadas, enmarcadas por la reforma del 1957, que a los autores considerados en el abanico cronológico de este estudio se relacionan, como estudiantes y profesores.

A esta circunstancia hay que añadir la transición de un régimen dictatorial para un sistema democrático, por lo que los dos países pasan mientras tanto y con gran proximidad temporal. Designadamente el sistema de enseñanza, sobre todo el superior, no podría estar ajeno a este proceso. El debate político se intensifica en las instituciones con inevitables repercusiones en los proyectos pedagógicos. La arquitectura no será excepción, por lo que se vuelve pertinente entender de que forma esta situación parece afectar la evolución de la problemática del Legado Vernáculo, que en la década del 1950 parecía haber asumida especial relevancia.

Será importante, por ello, considerar de forma comparativa los planes de estudio implementados en las épocas de transición de las reformas educativas a las cuales se asigna el espíritu diferenciador de estas instituciones, al igual que la connotación de las corrientes ideológicas responsables de la introducción del referente vernáculo en el debate educativo, con una estructuración general de las materias totalmetne contradictório (Andres Reboredo, en Entrevista de autor).

Aunque constituya un punto de desarrollo específico, se considera necesario un planteamiento sintético de las figuras clave, a quienes generalmente se atribuye la introducción del legado vernáculo tanto en el proceso formativo, como en la influencia profesional directa de algunos autores. Se retrocede al papel preponderante de Carlos Ramos y de Torres Balbás en la capitalización de este tema a partir de la Academia y de sus perspectivas técnico-científicas (Vieira de Almada, 2010; Calatrava, 2007), hasta la consigna preconizada por las iniciativas originales de Távora y Keil do Amaral en Portugal, y Feduchi y Flores en España (Diez-Pastor, 2012).

También se reflejará la influencia de los maestros de mayor connotación en el área en cuestión que intervienen en la transición desde el Movimiento Moderno, como Viana de Lima o Bar Bóo, sobre todo antes de la abolición definitiva de los regímenes dictatoriales, así como los nombres responsables, por la consagración internacional de sus propuestas arquitectónicas, tras la apertura al exterior de los dos países, como son los casos de Siza o Souto de Moura (Montaner, 2001) en Portugal, y Portela o Gallego en Galicia (Arango Florentino, 2002).

En particular, estos últimos autores se analizarán de acuerdo con su aparente relación con las instituciones académicas (Frampton, 2005; Santos Fernandes, 2010). Figuras de incuestionable protagonismo en sus respectivos entornos, cuya relación con su actividad pedagógica se presenta de forma divergente, por no decir antagónica, algo que es permanentemente corroborado por sus discursos retóricos (Gallego Jorreto, en Entrevista de autor). Se destaca, sobre todo, la consolidación de sus recorrido profesionales, cuya singularidad los ha hecho destacar pronto en su entorno, pero cuya rápida aclamación los engloba en un fenómeno colectivo de los cuales todos se alejan de forma clara (Armesto & Padró, 1996, p.7-8).

Su preponderancia será retomada no solamente a través de la perspectiva efectuada en el capítulo dedicado al reconocimiento de un lenguaje específico para la región analizada, con particular atención a la receptibilidad de la crítica, sino que será debidamente recuperada en la contextualización de los casos de estudio, de modo que permita una comprensión más objetiva de sus influencias y se establezca un cuadro comparativo más reconocible.

El desarrollo de la tesis, tal como señalado en la segunda premisa de la hipótesis formulada, pasa inevitablemente por la argumentación de las similitudes entre el soporte regional de los dos países.

La homogeneidad territorial y cultural de las dos regiones se presenta, de este modo, como el principal fundamento para la afinidad existente entre su Arquitectura Vernácula. Esta será, incluso, una observación constante al largo del desarrollo de los estudios mencionados independientemente de su nacionalidad y que va al encuentro de la opinión internacional. Sobre esta condición es representativa la siguiente frase de Rudofsky:

“Cultural ties between northern Portugal and the rest of the country have never been as strong as with the neighboring Spanish province of Galicia. Not surprisingly, horreos (...) have their perfect counterpart in the Portuguese espigueiros.” (Rudofsky, 1990, p.75)¹

Las condicionantes geográficas, especialmente las características geológicas, topográficas y sobre todo climáticas constituyen factores determinantes para la organización espacial de un sistema agrario similar. La apropiación del territorio a través de un modelo mixto, que compatibiliza de forma complementaria una estructuración a través de *bancales* y *socalcos* (de propensión individual privada) con la topología de las *agras* (generalmente explotadas de forma colectiva) constituye, según Ribeiro (1991) y Bouhier (2001), un hecho concordante en la fundamentación de su paralelismo.

Si a esta realidad física asociamos un análisis genérico de la geografía humana y de las dinámicas que esta implica, otras afinidades parecen oponer para una interpretación uniforme. La evolución histórica, las circunstancias sociales y las condicionantes económicas son también, según Dalda Escudero, un factor más de aproximación entre las dos regiones administrativas,

1) Traducción libre: “Los lazos culturales entre el norte de Portugal y el resto del país nunca han sido tan fuertes como los existentes entre la vecina provincia de España, Galicia. No sorprende que los horreos tengan su mitad perfecta en los espigueiros portugueses.”

para lo cual la industrialización tardía y superficial, así como la localización periférica ante los grandes centros políticos, parece contribuir de manera decisiva.

Para completar la aproximación al cuadro general, tres momentos históricos parecen ser paradigmáticos para la aproximación de la matriz rural de apropiación y gestión del territorio (Ribeiro, 1991):

- Primero, la romanización del territorio y la consecuente aplicación del modelo *ager-saltus-silva* en la evolución del mosaico rural que ha conformado la estructuración del territorio en gran escala, algo verificable hasta el contexto actual. A este factor hay que añadir la gestión indivisa de las aguas de riego, una herencia prerrománica que diferencia la realidad física del noroeste peninsular.
- Segundo, la introducción del maíz y de la patata y el éxito de sus culturas que han modificado definitivamente a partir del siglo XVII las lógicas de producción de las comunidades, justo después de su importación de América. Las condiciones propicias para el cultivo de estas especies acaban por determinar la sustitución del centeno, cebada y de la castaña en la dieta de los pueblos, lo que tiene implicaciones profundas, sea en el paisaje, sea en las estructuras edificadas que le sirven de apoyo.
- Tercero, el flagelo de la emigración, que se acentúa a partir de mediados del siglo XX como respuesta a la depresión económica y al aumento de las exigencias sociales, responsable del éxodo y abandono de las áreas rurales menos competitivas, con implicaciones profundas en la gestión y en el desarrollo del territorio.

Una vez hecha la contextualización conceptual y territorial, convenientemente articulada como el marco metodológica y con la definición del objeto de estudio, el presente trabajo propone el ensayo de una estructura análoga para los modelos tipológicos pertenecientes al área litoral de la cuenca hidrográfica del río Miño (Duarte Carlos, 2009), esencial para permitir una sistematización de características transversales aplicadas, identificadas y definidas en los respectivos modelos tipológicos.

Su base de interpretación será el modelo insertado en el agregado edificado rural, entendido como la etapa final de la consolidación constructiva de la totalidad del ciclo productivo agrario. Puntualmente, cuando la solución espacial ya se ha madurado, se recurre también a elementos aislados, que deben ser analizados como parte integrante de un sistema rural más envolvente, aunque su lectura integrada no sea posible debido al acelerado estado de desmantelamiento y degradación de este patrimonio (Torres Buá, 2007).

Esta sistematización de las características recupera también el concepto de Invariante tal como Chueca Goitia (1981) lo adoptó, determinado sobre todo por su condición de flexibilidad, aún más adecuada cuando es aplicada a la naturaleza de la Arquitectura Vernácula. El desarrollo de este componente de la investigación presupone también una lectura crítica a la gran mayoría de las caracterizaciones existentes, consideradas sucintas en la relación del objeto arquitectónico con su soporte territorial, en una escala apropiada, y en la mayor parte de las veces expresada con gran subjetividad.

De esta sistematización resulta un conjunto de propiedades sintetizadas en un cuadro referencial único, en la búsqueda de la objetividad analítica para alcanzar una caracterización morfológica que se pretende transversal a cualquier tipología vernácula existente y factible de ser aplicada a cualquier ejemplo contemporáneo independientemente de su origen. Uno de los objetivos subyacentes remite también al refuerzo de la incidencia del estudio en la configuración espacial del objeto arquitectónico.

El cuadro de las invariantes que conforman la caracterización morfológica se estructura en dos capítulos: la caracterización de carácter General – que se reporta a la relación de la Obra con el Territorio–, y la caracterización del carácter Particular – relacionada con la configuración geométrica de la Edificación.

Siendo la cuestión climática paralelo a la de los sectores enunciados, los indicadores relacionados con la Implantación Física de la Obra han sido determinados para el análisis de la relación con el Territorio: el planteamiento paisajístico, según los condicionantes del suelo, la ubicación de los recursos naturales, y su articulación con la infraestructuración y el modelo de parcelamiento del territorio.

Al respecto de la configuración geométrica, los indicadores se determinan de acuerdo con la constitución del Volumen: con particular atención a la definición del vacío interior, generalmente en respuesta a su programa funcional, y la forma de su componente edificada, siempre condicionada a los sistemas constructivos empleados y estos, necesariametne, con los recursos materiales disponibles.

En el capítulo siguiente, dedicado al análisis de los objetos de estudio, se estudian siete obras como marcos estratégicos en una línea cronológica que establece el paralelismo entre la producción arquitectónica del área litoral del sur de Galicia y del alto Minho.

Las obras elegidas fueron: A Casa Cendón (Vigo), o Refúgio “La Roiba” (Bueu), as Casas de Caminha (Caminha), a Casa Ortiz (Ilha da Arousa), a Casa Canosa (Moaña), A Casa Arturo Estévez (Pontevedra) e a Casa no Bom Jesus (Braga).

Encadenadas en las tres décadas que siguieron a la incorporación de las líneas arquitectónicas de la periferia europea en el movimiento moderno y a su revisión crítica, la selección presentada referencia las circunstancias más significativas, el trayecto de los autores más relevantes y las obras que mayor ipacto han tenido en la aproximación entre el referente vernáculo y la arquitectura producida en la región indicada.

El análisis desarrollado incide, una vez abordada la descripción contextual, en la confrontación de las características morfológicas de cada obra con el cuadro referencial de propiedades identificadas como transversales al ámbito vernacular correspondiente.

El análisis aislado de cada obra confirma su divergencia conceptual y formal contribuyendo para la imposibilidad de caracterización de un padrón o de una tendencia clara que las relacione directamente, particularmente si tenemos en cuenta su seguimiento retórico.

Esta interpretación sale reforzada por el marco teóricocrítico, que asegura la inexistencia de influencias recíprocas en la producción de los dos países, designadamente en las dos primeras décadas del estudio.

Por su lado, el análisis de las obras integrada en su grupo referente desvela un marco conjunto de significativa coherencia. La confirmación de los paralelismos, o de las asimetrías existentes, dentro de los espacios temporales establecidos demuestra la convergencia de los enfoques de proyecto operados. Hecho importante, sobretudo si tenemo en cuenta la no concertación ideológica entre los autores seleccionados.

La tendência colectiva obseçada señala una mayor relevância de las variables regionales (con origen en una matriz morfológica similar o aproximada) y de la naturaleza de su interpretación (revelando también los paralelismos sócioeconómicos de ambas regiones).

La interpretación conjunta de los casos de estudio aborda, a partir de su condición de

representatividad, el reconocimiento crítico de la existencia de un conjunto arquitectónico específico con dinámicas propias y con capacidad efectiva para producir una lectura, interna y externa, con identidad legitimidad.

Las principales características referenciadas confirman, y extienden claramente a los autores portugueses, lo que Fernando Agrasar (2003, p.14-19) propone como “...conjunto de trazos” responsables de la conformación de un sentido común del conjunto heterogéneo que supone la reciente producción arquitectónica gallega (situada entre la modernidad y la transición para el siglo XXI).

La consideración crítica del Legado Moderno, la relación con el Lugar, la valoración del material, y la contundencia volumétrica (reforzando la expresión de la masa y del peso), surgen así como las principales líneas cohesionadoras, a las cuales se añade el determinante compromiso entre los autores y el contexto sociocultural del territorio en cuestión (Idem, p.15).

Particular relevancia debe atribuirse a las circunstancias del proceso constructivo, ya que, en la mayoría de los casos, sus condicionantes concurren efectivamente para esa afinidad expresiva. El referente vernáculo, lejos de ser realizado a través de una apropiación intencional, surge regularmente como la consecuencia directa de un planteamiento proyectual alternativo, que pretende capitalizar los recursos posibles. La complejidad del contexto constructivo, otra de las constancias territoriales presupone una intensa relación entre el proceso y el proyecto, con el material y la mano de obra local desempeñando un papel preponderante en las soluciones encontradas.

Si en este compromiso podría intuirse la búsqueda de un acomodo operativo que pudiera facilitar la ejecución de las obras, la convulsa realidad de la economía unida al suceso de la emigración se oponía frecuentemente a esta expectativa en el escenario de las prácticas tradicionales y del olvido de sus conocimientos originales.

De esta forma, la arquitectura de la región analizada, se enfrenta con la necesidad intrínseca de la simplificación en las soluciones constructivas, de optimización de componentes, de apropiación de las preexistencias y de racionalización geométrica. De esta combinación surge una fuerte relación entre el empirismo y el experimentalismo constructivo, donde el discurso activo entre los constructores y los arquitectos es fundamental en la consecución de los resultados previstos (Tavares, 2008, p.41-42).

En las consideraciones finales de esta tesis, además de la constatación de las evidencias que permiten dar una respuesta a su hipótesis estructural, se realiza una revisión de la aplicabilidad del legado vernáculo en la arquitectura reciente y, una perspectiva de su operatividad futura.

A partir de su validación se plantea su pertinencia en marco actual, teniendo en cuenta su potencial educativo y científico. Se identifican, por lo tanto, orientaciones y estrategias conceptuales concretas, como el enfoque defendido por Pierre Frey, o las aplicaciones prácticas comunes, como en la obra desarrollada por Anna Heringer (Frey, 2010).

Se recapitula, por lo tanto, el lugar de la Arquitectura Vernácula en la formación del Arquitecto, entendida como continua más allá de su componente académica, de su importancia y potencialidad, a partir del ejemplo ilustrado con el proceso inherente al ámbito geográfico estudiado.

